

Tese orientada pelo Professor Doutor Arq. Jacek Dominiczak e pelo Professor Doutor Arq. Luiz
António Pereira de Oliveira.

“E no silêncio das noites serenas é possível, nas ruas, ouvir cânticos e murmúrios de palavras que se soltam pelas frestas altas, com grades de ferro a meio... as tais grades em que se transformaram as portas e as janelas da judiaria que se abriam para o casario cristão.”

Maria Antonieta Garcia

Dedicatória

Às minhas filhas

Lara e Matilde

|

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Arq. Jacek Dominiczak, Orientador da Tese, professor convidado com agregação do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior.

Ao Professor Doutor Arq. Luiz António Pereira de Oliveira, Orientador da Tese, professor associado convidado do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior.

À Professora Fátima Corredoura, professora do Departamento de Línguas da Escola Secundária com 3º CEB do Fundão.

À Professora Ana Ribeiro, licenciada no ensino de Português e Inglês.

À equipa da Agência para a Promoção da Guarda (APGUR), nomeadamente ao Arq. António Saraiva, gestor urbano da APGUR e à Sra. Alcina Cameijo, Arqueóloga.

À Doutora Carla Santos, Historiadora da Câmara Municipal de Trancoso.

Às Câmaras Municipais da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, por toda a informação e dados disponibilizados.

Resumo

As conclusões a que se chegou com o presente estudo científico, são esclarecedoras quanto às questões inicialmente colocadas sobre a densidade do espaço urbano da zona antiga e, de um modo particular sobre o espaço da antiga Judiaria. A aplicação e desenvolvimento do método permitiu, igualmente, clarificar as questões sobre a identidade física do espaço urbano.

A metodologia aplicada, foi determinante para demonstrar que as antigas Judiarias, não são espaços urbanos isolados e descontextualizados da estrutura que abrange a zona antiga da cidade, nomeadamente no interior das muralhas medievais, ou seja, o espaço da antiga Judiaria a esta escala não possui uma estrutura urbana própria, ou de influência da cultura judaica, pelo contrário, faz parte integrante de um todo que é a zona antiga da cidade.

Mediante os factos expostos, constata-se que, ao espaço das antigas Judiarias, estão geralmente, associados dois protótipos. Um protótipo corresponde ao espaço urbano interior do antigo bairro judaico, enquanto que um outro é visível nos limites do bairro e que corresponde ao espaço público urbano, na envolvente da antiga Judiaria, comum a esta e à restante zona antiga da cidade. No entanto, verifica-se igualmente, que ambos os protótipos fazem parte de toda a zona antiga seleccionada para o estudo, ou seja, os antigos bairros judaicos, não possuem uma estrutura urbana que os individualize. Nem tão pouco possuem um sistema urbano, que os torna particulares e que se possa afirmar serem próprios da cultura judaica. A **identidade física do espaço urbano**, é comum à zona antiga da cidade.

A **densidade do espaço urbano**, passível de observar nas diferentes grelhas protótipo, revelam que as zonas antigas são espaços densos. Revelam de igual modo que, o espaço das antigas Judiarias não se caracteriza por áreas mais densas, nem tão pouco se caracterizam por uma organização do tecido urbano própria desse espaço em particular. Isto porque, o mesmo grau de densidade no espaço público da antiga Judiaria, calculado a partir do afastamento existente entre ruas é, possível de ser observado noutra área da zona antiga.

Palavras-chave

Arquitectura, *Urban Design*, Densidade Urbana, Identidade, Memória, Judiaria.

Abstract

The conclusions reached with this scientific study are instructive on the issues initially placed on the density of the urban space of the old area and in a particular way on the site of the old Jewish Quarter. The application and development of the method also allowed also to clarify questions about the physical identity of the urban space.

The methodology was crucial to demonstrate that the old Jewish Quarter, is not isolated and decontextualized urban areas of the framework that covers the old area of the town, including inside the medieval walls, ie the site of the old Jewish Quarter to this scale has not an urban structure itself, or the influence of Jewish culture, by contrast, is part of a whole which is the old area of the town. Upon the facts set out, it appears that the space of the old Jewish Quarter, are usually associated with two prototypes. A prototype corresponds to the urban area within the old Jewish Quarter, while the other one is visible at the edge of the neighborhood and that corresponds to the urban public space, engaging in the old Jewish quarter, common to this and the rest of the old town. However, both prototypes are part of all the old area selected for the study, ie, the old Jewish neighborhoods do not have an urban structure that individualize them. Neither have an urban system, which makes them particular and that it can be said to be characteristic of Jewish culture. The identity of the physical urban space it is common to the old area of the town.

The density of urban space, capable of observing in the different prototype grids show that the old parts are dense spaces. Likewise show that the space of the old Jewish Quarters is not characterized by denser areas, nor are characterized by an organization of the urban space typical of that space in particular. This is because the same degree of density in the public space of the old Jewish quarter, calculated from the distance between the street is possible to be seen in another area of the old town.

Keywords

Architecture, *Urban Design*, Urban Density, Identity, Memory, Jewish Quarter.



Índice

Introdução	3
1. Problemática.....	7
2. Objectivos.....	8
3. Oportunidade.....	9
4. Hipóteses.....	10
5. Estrutura da Tese.....	11
Capítulo 1 Breves apontamentos históricos dos Judeus e antigas Judiarias em Portugal e na Beira Interior	15
1. Origens.....	17
2. Judeus Sefarditas.....	18
3. Antigas Judiarias em Portugal.....	21
4. Antigas Judiarias na Beira Interior.....	30
4.1. Antigas Judiaria da Covilhã.....	32
4.2. Antigas Judiaria de Castelo Branco.....	35
4.3. Antigas Judiaria da Guarda.....	35
4.4. Antigas Judiaria de Trancoso.....	36
5. Marcar a Arquitectura.....	40
Capítulo 2 Enquadramento da antiga Judiaria na cidade	45
1. O sítio e a posição da antiga Judiaria na cidade.....	47
A. Covilhã.....	47
B. Castelo Branco.....	54
C. Guarda.....	61
D. Trancoso.....	68
2. Relação da antiga Judiaria com a cidade.....	75
A. Covilhã.....	75
B. Castelo Branco.....	80
C. Guarda.....	83
D. Trancoso.....	86
3. Síntese conclusiva.....	89

Capítulo 3 Metodologia para o estudo da densidade do espaço urbano	95
1. Desenvolvimento do método	97
1.1. Observação directa do espaço urbano, com registo fotográfico	99
1.2. Conhecer a imagem forte do espaço urbano	99
1.3. Análise e interpretação do espaço público	100
1.4. Análise e interpretação do polígono do quarteirão	104
1.5. Análise e interpretação das frentes urbanas da rua chave	106
1.6. Delimitação da área de estudo	108
2. Estado da Arte	109
2.1. Textos que contêm interpretações teóricas gerais acerca da urbanística	109
2.2. Textos que analisam estudos de caso	114
2.3. Textos que analisam o mesmo estudo de caso - a antiga Judiaria	115
Capítulo 4 Imagem da cidade - linhas fortes	119
1. Procura das linhas fortes	121
A. Covilhã	122
B. Castelo Branco	126
C. Guarda	130
D. Trancoso	134
2. Síntese conclusiva	139
Capítulo 5 Imagem da cidade - estrutura urbana	143
1. Análise da estrutura urbana - espaço público	145
A. Covilhã	145
B. Castelo Branco	150
C. Guarda	155
D. Trancoso	160

2. Construção do protótipo - espaço público	165
A. Covilhã	165
a) Ruas chave e linha de força	166
b) C_grelha 1	167
c) C_grelha 2	170
B. Castelo Branco	173
a) Ruas chave e linha de força	175
b) C_grelha 1	176
c) C_grelha 2	179
d) C_grelha 3	182
e) C_grelha 4	185
f) C_grelha 5	188
C. Guarda	191
a) Ruas chave e linha de força	193
b) C_grelha 1	194
c) C_grelha 2	197
d) C_grelha 3	200
e) C_grelha 4	203
D. Trancoso	206
a) Ruas chave e linha de força	207
b) C_grelha 1	208
c) C_grelha 2	211
3. Síntese conclusiva	214
Capítulo 6 Limites do espaço público - o quarteirão	223
1. Polígono do quarteirão	225
A. Covilhã	225
B. Castelo Branco	229
C. Guarda	233
D. Trancoso	236

2. Os espaços vazios no quarteirão.....	240
A. Covilhã.....	240
B. Castelo Branco.....	244
C. Guarda.....	247
D. Trancoso.....	251
3. Síntese conclusiva.....	255
Capítulo 7 A antiga Judiaria - rua chave e frentes urbanas.....	261
1. Rua chave da antiga Judiaria.....	261
A. Covilhã.....	262
B. Castelo Branco.....	265
C. Guarda.....	268
D. Trancoso.....	271
2. Frentes urbanas da rua chave.....	274
A. Covilhã.....	274
B. Castelo Branco.....	280
C. Guarda.....	286
D. Trancoso.....	293
3. Síntese conclusiva.....	297
Conclusão.....	301
Bibliografia.....	323
01 De referência.....	325
01.01 Arquivo Nacional da Torre do Tombo.....	327
01.02 Biblioteca da Direcção Regional da Cultura do Centro (anterior IPPAR).....	327

01.03 Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.....	327
01.04 Biblioteca da Universidade da Beira Interior.....	328
01.05 Biblioteca Municipal de Castelo Branco.....	328
01.06 Biblioteca Municipal do Fundão.....	328
01.07 Biblioteca Nacional de Portugal.....	330
02 Sobre a Covilhã.....	330
02.01 Biblioteca Municipal da Covilhã.....	330
03 Sobre Castelo Branco.....	330
03.01 Biblioteca Municipal de Castelo Branco.....	331
04 Sobre a Guarda.....	331
04.01 Biblioteca Municipal da Guarda.....	332
05 Sobre Trancoso.....	332
05.01 Biblioteca Municipal de Trancoso.....	332
06 Periódicos.....	332
07 Artigos.....	334
08 Websites.....	334

Anexos

Anexo 1 - Mapas

Anexo 2 - Protótipo (grelhas) - perfis

Anexo 3 - Quarteirões

Anexo 4 - Perfis das ruas chave - antiga Judiaria

(Todos os anexos podem ser encontrados no volume apresentado separadamente.)

Lista de figuras

fig. 01 - Imagem do fragmento de um epitáfio do século V com candelabro (menorah), que se encontra no Museu Municipal de Mértola.....	17
fig. 02 - Esquema das imigrações de judeus - Século XIV e XV.....	19
fig. 03 - Século XIII e XIV - “ <i>Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)</i> ”.....	21
fig. 03a - Século XIII e XIV - “ <i>Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)</i> ”.....	22
fig. 03b - Século XIII e XIV - “ <i>Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)</i> ”.....	22
fig. 03c - Século XIII e XIV - “ <i>Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)</i> ”.....	22
fig. 04 - Século XIV e XV - “ <i>Mapa das Comunas de Judeus (séc. XV)</i> ”.....	23
fig. 04a - Século XIV e XV - “ <i>Mapa das Comunas de Judeus</i> ”.....	25
fig. 04b - Século XIV e XV - “ <i>Mapa das Comunas de Judeus</i> ”.....	25
fig. 04c - Século XIV e XV - “ <i>Mapa das Comunas de Judeus</i> ”.....	25
fig. 05 - Século XVI - - “ <i>Mapa das Visitas inquisitoriais no séc. XVI (in José Mattoso, História de Portugal, vol. III, op. Cit. P. 162)</i> ”.....	28
fig. 06 - Século XX - - “ <i>Mapa com os locais onde foram identificadas marcas de simbologia religiosa judaica e cristã</i> ”.....	29
fig. 07 - Imagem esquemática com a localização das antigas Judiarias seleccionadas para o estudo, (imagem gráfica do autor).....	31
fig. 08 - Imagem esquemática do perfil a altitude das antigas Judiarias seleccionadas para o estudo, (imagem gráfica do autor).....	31
fig. 09 - Mapa com os dois núcleos da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade da Covilhã.....	33
fig. 10 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade de Castelo Branco.....	37
fig. 11 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade da Guarda.....	38
fig. 12 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade de Trancoso.....	39
fig. 13 - Imagens esquemáticas dos quatro núcleos urbanos, onde se localizam as marcas (cruciformes).....	40

fig. 14 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga da Covilhã.....	41
fig. 15 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga de Castelo Branco	42
fig. 16 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga da Guarda.....	43
fig. 17 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga de Trancoso.....	44
fig. 18 - Imagem geral do vale para a cidade da Covilhã.....	47
fig. 19 - Imagem da Covilhã, com orientação visual para o vale do rio Zêzere.....	48
fig. 20 e 21, respectivamente - Rua Alexandre Herculano (zona antiga intramuros) e Rua das Flores (antiga Judiaria).....	48
fig. 22 e 23, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico.....	49
fig. 24 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da Covilhã.....	50
fig. 25 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade da Covilhã.....	51
fig. 26 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares e paralelas ao declive natural do terreno.....	52
fig. 27 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido nascente/poente, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes na antiga Judiaria e na zona antiga no interior das muralhas medievais.....	52
fig. 28 e 29 - Beco da Alegria, com troços onde existem degraus para vencer o considerável desnível, presente no antigo bairro judaico.....	53
fig. 30 e 31, respectivamente - Largo da Alegria e Travessa da Alegria, com troços nos quais existem degraus e desníveis consideráveis para vencer, no antigo bairro judaico.....	53
fig. 32 - Imagem geral da zona antiga da cidade de Castelo Branco, com a torre de menagem do castelo Templário, no topo da colina.....	54

fig. 33 - Imagem de Castelo Branco, a partir da Torre de Menagem, sobre o vale	55
fig. 34 e 35, respectivamente - Rua Nova (zona antiga intramuros) e Rua d'Ega (antiga Judiaria)	55
fig. 36 e 37, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico	56
fig. 38 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade de Castelo Branco	57
fig. 39 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade de Castelo Branco	58
fig. 40 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares e paralelas ao declive natural do terreno	59
fig. 41 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido nordeste/sudeste, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes neste espaço	59
fig. 42 e 43, respectivamente - Rua d'Ega e Rua do Muro, com troços nos quais existem degraus para vencer o considerável desnível, presente no antigo bairro judaico	60
fig. 44 e 45, respectivamente - Travessa da Rua d'Ega e Travessa do Jasmim, cuja função se destina a fazer a ligação entre as ruas perpendiculares ao terreno, no antigo bairro judaico	60
fig. 46 - Imagem geral da cidade da Guarda, no topo do planalto	61
fig. 47 - Imagem da Guarda, a partir da Torre de Menagem, sobre a paisagem a norte da Serra da estrela	61
fig. 48 e 49, respectivamente - Rua D. Sancho I (zona antiga intramuros) e Rua do Amparo (antiga Judiaria)	62
fig. 50 e 51, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico	63

fig. 52 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade da Guarda.....	64
fig. 53 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade da Guarda.....	65
fig. 54 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares e paralelas ao declive natural do terreno.....	66
fig. 55 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido sudoeste/nordeste, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes na antiga Judiaria.....	66
fig. 56 e 57, respectivamente - Travessa do Rato e Rua da Trindade, com troços suaves, presente no antigo bairro judaico.....	67
fig. 58 e 59, respectivamente - Rua do Amparo, com troços ligeiramente mais inclinados, presente no antigo bairro judaico.....	67
fig. 60 - Imagem geral sobre a cidade de Trancoso, no topo do planalto.....	68
fig. 61 - Imagem de Trancoso, a partir da Torre de Menagem. sobre o vale.....	68
fig. 62 - Imagem geral das muralhas e castelo de Trancoso, no topo do planalto.....	69
fig. 63 e 64, respectivamente - Rua dos Cavaleiros (zona antiga intramuros) e Rua da Alegria (Judiaria).....	69
fig. 65 e 66, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico.....	70
fig. 67 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade de Trancoso.....	71
fig. 68 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade de Trancoso.....	72
fig. 69 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares e paralelas ao declive natural do terreno.....	73
fig. 70 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria, no sentido sudoeste/nordeste, onde são observadas as diferenças de cota existentes na antiga Judiaria.....	73

fig. 71 e 72, respectivamente - Rua dos Açougues e Rua dos Mercadores, com troços suaves, presente no antigo bairro judaico.....	74
fig. 73 e 74, respectivamente - Rua do Castelo e Rua das Laginhas, com troços ligeiramente mais inclinados, presente no antigo bairro judaico.....	74
fig. 75 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.....	75
fig. 76 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade da Covilhã.....	76
fig. 77 - Imagem dos principais acessos à Praça do Município na cidade da Covilhã.....	77
fig. 78 - Imagem dos acessos entre a Praça do Município e o Largo das Forças Armadas, com a antiga Judiaria numa posição intermédia.....	78
fig. 79 - Imagem da área central da cidade da Covilhã, com os acessos entre a zona antiga intramuros, a Praça do Município e o Largo das Forças Armadas, com a antiga Judiaria numa posição intermédia.....	79
fig. 80 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.....	80
fig. 81 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade de Castelo Branco e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga.....	81
fig. 82 - Imagem da área central da cidade de Castelo Branco, com os acessos ao interior das muralhas medievais.....	82
fig. 83 - Imagem da zona antiga da cidade com os limites da área da antiga Judiaria.....	83
fig. 84 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade da Guarda e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga.....	84
fig. 85 - Imagem da área central da cidade da Guarda, com os acessos ao interior das muralhas medievais.....	85
fig. 86 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.....	86
fig. 87 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade de Trancoso e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga.....	87

fig. 88 - Imagem da área central da cidade de Trancoso, com os acessos ao interior das muralhas medievais	88
fig. 89 e 90, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco	90
fig. 91 e 92, respectivamente - Morfologia do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul) ao declive natural do terreno	90
fig. 93 e 94, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Guarda e Trancoso	91
fig. 95 e 96, respectivamente - Morfologia do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul) ao declive natural do terreno	91
fig. 97 e 98, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Covilhã e Castelo Branco	92
fig. 99 e 100, respectivamente - Esquematização dos principais acessos à zona antiga da cidade e comunicação desta com a antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco	92
fig. 101 e 102, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Guarda e Trancoso	93
fig. 103 e 104, respectivamente - Esquematização dos principais acessos à zona antiga da cidade e comunicação desta com a antiga Judiaria da Guarda e Trancoso	93
fig. 105 e 106, respectivamente - Identificação da forma urbana na área central de Fremantle, por Jacek Dominiczak	97
fig. 107 - Imagem: a) Rostos x Taça; imagem b) Jovem x Velha e imagem c) Saxofonista x Mulher - Teoria da Gestalt. A Teoria da Gestalt, está ligada à percepção humana das formas. As leis ou princípios da Gestalt são estudos sobre o comportamento natural do cérebro no processo de percepção	98
fig. 108 - Imagem da área central da Covilhã - séc. XX, décadas de 50/60	99
fig. 109 - Interpretação do espaço público tendo apenas em atenção a linha central da rua (imagem gráfica do autor)	100

fig. 110 - Interpretação do espaço público, tendo em consideração toda a forma do interior urbano e, não apenas o eixo viário da rua (segundo o método de Jacek Dominiczak; imagem gráfica do autor).....	100
fig. 111 - Imagem do espaço público - ruas, praças, largos, becos, na cidade da Covilhã.....	101
fig. 112 - Imagens esquemáticas que demonstram o processo de identificação da linha central do espaço público (segundo o método de Jacek Dominiczak; imagem gráfica do autor).....	101
fig. 113 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções, na cidade da Covilhã.....	102
fig. 114 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções, na cidade da Covilhã.....	103
fig. 115 - Polígonos dos quarteirões na cidade da Covilhã.....	104
fig. 116 - Mapa com a construção do protótipo (grelha), na cidade da Covilhã.....	105
fig. 117 - Quarteirões onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios ou livres no interior, na cidade da Covilhã.....	106
fig. 118 - Frente urbana da rua chave, na cidade da Covilhã.....	106
fig. 119 - Imagem com o polígono dos quarteirões da área central da zona antiga da cidade da Covilhã.....	107
fig. 120 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade da Covilhã - séc. XX, décadas de 50/60.....	123
fig. 121 - Imagem esquemática da orientação da linha forte na Covilhã.....	124
fig. 122 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga, com a posição da linha forte, na cidade da Covilhã.....	125
fig. 123 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade de Castelo Branco - séc. XIX, ano de 1895.....	127
fig. 124 - Imagem esquemática da orientação da linha forte em Castelo Branco.....	128
fig. 125 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga da cidade da Castelo Branco.....	129

fig. 126 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade da Guarda - séc. XX, ano de 1925.....	131
fig. 127 - Imagem esquemática da orientação da linha forte na Guarda.....	132
fig. 128 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga da cidade da Guarda.....	133
fig. 129 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, de Trancoso - séc. XIX, ano de 1895.....	135
fig. 130 - Imagem esquemática da orientação da linha forte, em Trancoso.....	136
fig. 131 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga de Trancoso.....	137
fig. 132 e 133, respectivamente - Linhas(s) forte(s) das zonas antigas das cidades da Covilhã e Castelo Branco.....	140
fig. 134 e 135, respectivamente - Linhas(s) forte(s) das zonas antigas das cidades da Guarda e Trancoso.....	141
fig. 136 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	146
fig. 137 - Imagem das linhas centrais do espaço público.....	147
fig. 138 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.....	148
fig. 139 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	149
fig. 140 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	151
fig. 141 - Imagem das linhas centrais do espaço público.....	152
fig. 142 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.....	153
fig. 143 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	154
fig. 144 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	156
fig. 145 - Imagem das linhas centrais do espaço público.....	157
fig. 146 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.....	158
fig. 147 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	159
fig. 148 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	161
fig. 149 - Imagem das linhas centrais do espaço público.....	162

fig. 150 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.....	163
fig. 151 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	164
fig. 152 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público da Covilhã.....	165
fig. 153 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	166
fig. 154 - Mapa com C_grelha 1.....	167
fig. 155 - Imagem esquemática da C_grelha 1, com a indicação dos perfis - C_g1.1 a C_g1.15, orientados a sul/norte.....	168
fig. 156 - “Superimposição” dos perfis da grelha (C_grelha 1), orientados a sul/norte (C_g1.1 a C_g1.15).....	168
fig. 157 - Imagem esquemática da C_grelha 1, com a indicação dos perfis - C_g1.16 a C_g1.32, orientados a nascente/poente.....	169
fig. 158 - “Superimposição” dos perfis da grelha (C_grelha 1), orientados a nascente/poente (C_g1.16 a C_g1.32).....	169
fig. 159 - Mapa com C_grelha 2.....	170
fig. 160 - Imagem esquemática da C_grelha 2, com a indicação dos perfis - C_g2.1 a C_g2.20, orientados a sul/norte.....	171
fig. 161 - “Superimposição” dos perfis da grelha (C_grelha 2), orientados a sul/norte (C_g2.1 a C_g2.20).....	171
fig. 162 - Imagem esquemática da C_grelha 2, com a indicação dos perfis - C_g2.21 a C_g2.47, orientados a nascente/poente.....	172
fig. 163 - “Superimposição” dos perfis da grelha (C_grelha 2), orientados a nascente/poente (C_g2.21 a C_g2.47).....	172
fig. 164 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público de Castelo Branco.....	172
fig. 165 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	175
fig. 166 - Mapa com CB_grelha 1.....	176

fig. 167 - Imagem esquemática da CB_grelha 1, com a indicação dos perfis - CB_g1.1 a CB_g1.7, orientados a sul/norte	178
fig. 168 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 1), orientados a sul/norte (CB_g1.1 a CB_g1.7)	177
fig. 169 - Imagem esquemática da CB_grelha 1, com a indicação dos perfis - CB_g1.8 a CB_g1.16, orientados a nascente/poente	178
fig. 170 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 1), orientados a nascente/poente (CB_g1.8 a CB_g1.16)	178
fig. 171 - Mapa com CB_grelha 2	179
fig. 172 - Imagem esquemática da CB_grelha 2, com a indicação dos perfis - CB_g2.1 a CB_g2.8, orientados a sudoeste/nordeste	180
fig. 173 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 2), orientados a sudoeste/nordeste (CB_g2.1 a CB_g2.8)	180
fig. 174 - Imagem esquemática da CB_grelha 2, com a indicação dos perfis - CB_g2.9 a CB_g2.23, orientados a sudeste/noroeste	181
fig. 175 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 2), orientados a sudeste/noroeste (CB_g2.9 a CB_g2.23)	181
fig. 176 - Mapa com CB_grelha 3	182
fig. 177 - Imagem esquemática da CB_grelha 3, com a indicação dos perfis - CB_g3.1 a CB_g3.13, orientados a sudeste/noroeste	183
fig. 178 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 3), orientados a sudeste/noroeste (CB_g3.1 a CB_g3.13)	183
fig. 179 - Imagem esquemática da CB_grelha 3, com a indicação dos perfis - CB_g3.14 a CB_g3.23, orientados a noroeste/sudoeste	184
fig. 180 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 3), orientados a noroeste/sudoeste (CB_g3.14 a CB_g3.23)	184
fig. 181 - Mapa com CB_grelha 4	185
fig. 182 - Imagem esquemática da CB_grelha 4, com a indicação dos perfis - CB_g4.1 a CB_g4.11, orientados a sudoeste/nordeste	186
fig. 183 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 4), orientados a sudoeste/nordeste (CB_g4.1 a CB_g4.11)	186

fig. 184 - Imagem esquemática da CB_grelha 4, com a indicação dos perfis - CB_g4.12 a CB_g4.26, orientados a sudeste/noroeste.....	187
fig. 185 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 4), orientados a sudeste/noroeste (CB_g4.12 a CB_g4.26).....	187
fig. 186 - Mapa com CB_grelha 5.....	188
fig. 187 - Imagem esquemática da CB_grelha 5, com a indicação dos perfis - CB_g5.1 a CB_g5.7, orientados a sudeste/noroeste.....	189
fig. 188 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 5), orientados a sudeste/noroeste (CB_g5.1 a CB_g4.7).....	189
fig. 189 - Imagem esquemática da CB_grelha 5, com a indicação dos perfis - CB_g5.8 a CB_g5.14, orientados a noroeste/sudoeste.....	190
fig. 190 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 5), orientados a noroeste/sudoeste (CB_g5.8 a CB_g5.14).....	190
fig. 191 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público da Guarda.....	191
fig. 192 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	193
fig. 193 - Mapa com G_grelha 1.....	194
fig. 194 - Imagem esquemática da G_grelha 1, com a indicação dos perfis - G_g1.1 a G_g1.10, orientados a sudoeste/nordeste.....	195
fig. 195 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 1), orientados a sudoeste/nordeste (G_g1.1 a G_g1.10).....	195
fig. 196 - Imagem esquemática da G_grelha 1, com a indicação dos perfis - G_g1.11 a G_g1.20, orientados a sudeste/noroeste.....	196
fig. 197 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 1), orientados a sudeste/noroeste (G_g1.11 a G_g1.20).....	196
fig. 198 - Mapa com G_grelha 2.....	197
fig. 199 - Imagem esquemática da G_grelha 2, com a indicação dos perfis - G_g2.1 a G_g2.8, orientados a sul/norte.....	198

fig. 200 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 2), orientados a sul/norte (G_g2.1 a G_g2.8)	198
fig. 201 - Imagem esquemática da G_grelha 2, com a indicação dos perfis - G_g2.9 a G_g2.19, orientados a nascente/poente	199
fig. 202 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 2), orientados a nascente/poente (G_g2.9 a G_g2.19)	199
fig. 203 - Mapa com G_grelha 3	200
fig. 204 - Imagem esquemática da G_grelha 3, com a indicação dos perfis - G_g3.1 a G_g3.5, orientados a sudoeste/nordeste	201
fig. 205 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 3), orientados a sudoeste/nordeste (G_g3.1 a G_g3.5)	201
fig. 206 - Imagem esquemática da G_grelha 3, com a indicação dos perfis - G_g3.6 a G_g3.11, orientados a sudeste/noroeste	202
fig. 207 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 3), orientados a sudeste/noroeste (G_g3.6 a G_g3.11)	202
fig. 208 - Mapa com G_grelha 4	203
fig. 209 - Imagem esquemática da G_grelha 4, com a indicação dos perfis - G_g4.1 a G_g4.8, orientados a sudoeste/nordeste	204
fig. 210 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 4), orientados a sudoeste/nordeste (G_g4.1 a G_g4.8)	204
fig. 211 - Imagem esquemática da G_grelha 4, com a indicação dos perfis - G_g4.9 a G_g4.16, orientados a sudeste/noroeste	205
fig. 212 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 4), orientados a sudeste/noroeste (G_g4.9 a G_g4.16)	205
fig. 213 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público de Trancoso	206
fig. 214 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções	207
fig. 215 - Mapa com T_grelha 1	208
fig. 216 - Imagem esquemática da T_grelha 1, com a indicação dos perfis - T_g1.1 a T_g1.12, orientados a sudoeste/nordeste	208
fig. 217 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 1), orientados a sudoeste/nordeste (T_g.1.1 a T_g1.12)	208

fig. 218 - Imagem esquemática da T_grelha 1, com a indicação dos perfis - T_g1.13 a T_g1.30, orientados a sudeste/noroeste.....	209
fig. 219 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 1), orientados a sudeste/noroeste (T_g.1.13 a T_g1.30).....	210
fig. 220 - Mapa com T_grelha 2.....	211
fig. 221 - Imagem esquemática da T_grelha 2, com a indicação dos perfis - T_g2.16 a T_g2.15, orientados a sul/norte.....	212
fig. 222 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 2), orientados a sul/norte (T_g.2.1 a T_g2.15).....	212
fig. 223 - Imagem esquemática da T_grelha 2, com a indicação dos perfis - T_g2.16 a T_g2.29, orientados a nascente/poente.....	213
fig. 224 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 2), orientados a nascente/poente (T_g.2.16 a T_g2.29).....	213
fig. 225 e 226 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	216
fig. 227 e 228 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	216
fig. 229 e 230 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	217
fig. 231 e 232 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	217
fig. 233, 234, 235 e 236, respectivamente - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público através das grelhas protótipo, da zona antiga no interior das muralhas medievais e espaço da antiga Judiaria.....	218
fig. 237, 238, 239 e 240, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo da Covilhã e Trancoso.....	219
fig. 241, 242, 243 e 244, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda.....	220
fig. 245, 246, 247 e 248, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda.....	221
fig. 249 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria da Covilhã.....	226

fig. 250 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã	226
fig. 251 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã	227
fig. 252 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Covilhã	228
fig. 253 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria de Castelo Branco	229
fig. 254 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco	230
fig. 255 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Castelo Branco	230
fig. 256 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria de Castelo Branco	231
fig. 257 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Castelo Branco	232
fig. 258 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria da Guarda	233
fig. 259 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda	233
fig. 260 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda	234
fig. 261 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Guarda	235
fig. 262 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Guarda	236
fig. 263 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria de Trancoso	236
fig. 264 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Trancoso	237
fig. 265 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Trancoso	237

fig. 266 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Trancoso.....	238
fig. 267 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria de Trancoso.....	239
fig. 268 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria da Covilhã, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro	241
fig. 269 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Covilhã, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	242
fig. 270 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã.....	243
fig. 271 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	244
fig. 272 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria de Castelo Branco.....	245
fig. 273 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro	246
fig. 274 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro	247
fig. 275 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro	248
fig. 276 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda.....	249
fig. 277 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	250
fig. 278 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	251
fig. 279 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro	252

fig. 280 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	252
fig. 281 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria de Trancoso.....	253
fig. 282 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro.....	254
fig. 283 e 284, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco.....	256
fig. 285, 286, 287 e 288 - “Superimposições” dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.....	257
fig. 289 e 290, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda e Trancoso.....	257
fig. 291 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria da Covilhã.....	262
fig. 292 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria da Covilhã.....	263
fig. 293 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria da Covilhã.....	264
fig. 294 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria de Castelo Branco.....	265
fig. 295 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria de Castelo Branco.....	266
fig. 296 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria de Castelo Branco.....	267
fig. 297 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria da Guarda.....	268
fig. 298 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria da Guarda.....	269
fig. 299 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria da Guarda.....	270
fig. 300 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria de Trancoso.....	271
fig. 301 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria de Trancoso.....	272

fig. 302 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria de Trancoso.....	273
fig. 303 - Mapa com a Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria	275
fig. 304a, 304b, 304c e 304d - Imagens esquemáticas da Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria.....	276
fig. 305 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria.....	277
fig. 306 - Perfil longitudinal C_fu1 da Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria	278
fig. 307 - Perfil longitudinal C_fu2 da Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria	278
fig. 308 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria	279
fig. 309 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria	280
fig. 310 - Mapa com a Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	281
fig. 311a, 311b e 311c - Imagens esquemáticas da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	282
fig. 312 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	283
fig. 313 - Perfil longitudinal CB_fu1 da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	284
fig. 314 - Perfil longitudinal CB_fu2 da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	284
fig. 315 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria	285
fig. 316 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Muro em Castelo Branco.....	286
fig. 317 - Mapa com a Rua do Amparo na Guarda.....	287

fig. 318a, 318b e 318c - Imagens esquemáticas da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria	288
fig. 319 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria	289
fig. 320 - Perfil longitudinal G_fu1 da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria	290
fig. 321 - Perfil longitudinal G_fu2 da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria	290
fig. 322 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria	292
fig. 323 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda - Antiga Judiaria	293
fig. 324 - Mapa com a Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria	294
fig. 325a, 325b e 325c - Imagens esquemáticas da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria	294
fig. 326 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria	295
fig. 327 - Perfil longitudinal T_fu1 da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria	295
fig. 328 - Perfil longitudinal T_fu1 da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria	295
fig. 329 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria	296
fig. 330 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria	296
fig. 331 e 332, respectivamente - Imagens esquemáticas das ruas chave das antigas Judiarias da Covilhã e Castelo Branco	298
fig. 333 e 334, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã e Rua do Muro em Castelo Branco	298
fig. 335 e 336, respectivamente - Imagens esquemáticas das ruas chave das antigas Judiarias da Guarda e Trancoso	299

fig. 337 e 338, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda e Rua da Alegria em Trancoso.....	299
fig. 339 e 340, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco, bem como a relação do espaço público com a morfologia natural do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul).....	304
fig. 341 e 342, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Covilhã e Castelo Branco.....	304
fig. 343 e 344, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Guarda e Trancoso, bem como a relação do espaço público com a morfologia natural do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul).....	305
fig. 345 e 346, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Guarda e Trancoso.....	305
fig. 347 e 348 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	308
fig. 349 e 350 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	308
fig. 351 e 352 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...).....	309
fig. 353 e 354 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções.....	309
fig. 355, 356, 357 e 358, respectivamente - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público através das grelhas protótipo, da zona antiga no interior das muralhas medievais e espaço da antiga Judiaria.....	310
fig. 359, 360, 361 e 362, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo da Covilhã e Trancoso.....	311
fig. 363, 364, 365 e 366, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda.....	312
fig. 367, 368, 369 e 370, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda.....	313
fig. 371, 372, 373 e 374 - “Superimposição” dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria.....	315
fig. 375 e 376, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco.....	316

fig. 377 e 378, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda e Trancoso.....	317
fig. 379 e 380, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua da Alegria na Covilhã.....	318
fig. 381 e 382, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua do Muro em Castelo Branco.....	319
fig. 383 e 384, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua do Amparo na Guarda.....	319
fig. 385 e 386, respectivamente - Imagens esquemáticas das ruas chave das antigas Judiarias da Covilhã e Castelo Branco.....	320
fig. 387 e 388, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã e Rua do Muro em Castelo Branco.....	320
fig. 389 e 390, respectivamente - Imagens esquemáticas das ruas chave das antigas Judiarias da Guarda e Trancoso.....	321
fig. 391 e 392, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda e Rua da Alegria em Trancoso.....	321
fig. 393 e 394, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua da Alegria em Trancoso.....	322

Lista de tabelas

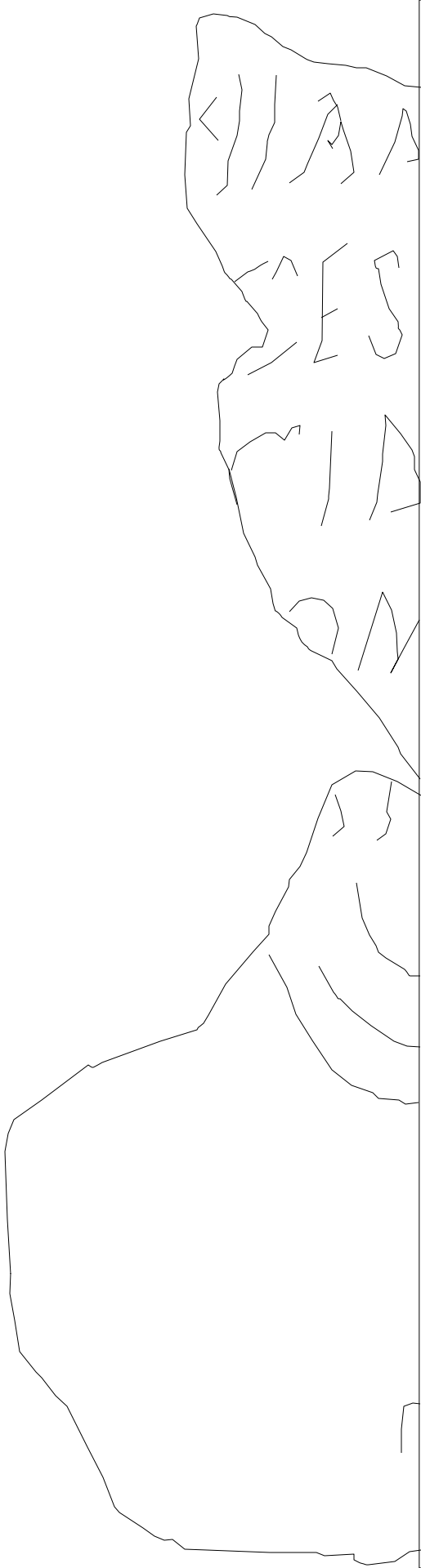
Tabela 01 - Relação de moradores nalgumas antigas Judiarias, da Beira Interior, informação extraída do livro de Maria Antonieta Garcia.....	32
Tabela 02 - Relação do aumento da população nos séculos XV e XVI, nos núcleos urbanos seleccionados para o estudo, informação extraída do livro de Teresa Rodrigues.....	32
Tabela 03 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua da Alegria na Covilhã.....	280
Tabela 04 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua do Muro em Castelo Branco.....	286
Tabela 05 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua do Amparo na Guarda.....	293
Tabela 06 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua da Alegria em Trancoso.....	296

Lista de Gráficos

Gráfico 01 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã.....	226
Gráfico 02 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco.....	230
Gráfico 03 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda.....	233
Gráfico 04 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Trancoso.....	237
Gráfico 05 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã.....	241
Gráfico 06 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco.....	244
Gráfico 07 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda.....	248
Gráfico 08 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Trancoso.....	252
Gráficos 09, 10, 11 e 12, respectivamente - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.....	255
Gráficos 13, 14, 15 e 16, respectivamente - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.....	256
Gráficos 17, 18, 19 e 20, respectivamente - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.....	315
Gráficos 21, 22, 23 e 24, respectivamente - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.....	316

Lista de Acrónimos

BFLU	Biblioteca da Faculdade de Letras (Lisboa)
BN Portugal	Biblioteca Nacional de Portugal
BM Castelo Branco	Biblioteca Municipal de Castelo Branco
BM Covilhã	Biblioteca Municipal da Covilhã
BM Guarda	Biblioteca Municipal da Guarda
BM Trancoso	Biblioteca Municipal de Trancoso
BUBI	Biblioteca da Universidade da Beira Interior (Pólo I)
CM Castelo Branco	Câmara Municipal de Castelo Branco
CM Covilhã	Câmara Municipal da Covilhã
CM Guarda	Câmara Municipal da Guarda
CM Trancoso	Câmara Municipal de Trancoso
APGUR	Agência para a Promoção da Guarda
Autor	Documento não catalogado registado em suporte digital pelo autor
C_grelha x	Covilhã_grelha x (n.º grelha)
CB_grelha x	Castelo Branco_grelha x (n.º grelha)
G_grelha x	Guarda_grelha x (n.º grelha)
T_grelha x	Trancoso_grelha x (n.º grelha)
QC_x	Quarteirão da Covilhã_x (n.º quarteirão)
QCB_x	Quarteirão de Castelo Branco_x (n.º quarteirão)
QG_x	Quarteirão da Guarda_x (n.º quarteirão)
QT_x	Quarteirão de Trancoso_x (n.º quarteirão)
C.Fu x	Covilhã frente urbana x (n.º frente urbana)
CB.Fu x	Castelo Branco frente urbana x (n.º frente urbana)
G.Fu x	Guarda frente urbana x (n.º frente urbana)
T.Fu x	Trancoso frente urbana x (n.º frente urbana)
C.pt x	Covilhã perfil transversal x (n.º perfil transversal)
CB.pt x	Castelo Branco perfil transversal x (n.º perfil transversal)
G.pt x	Guarda perfil transversal x (n.º perfil transversal)
T.pt x	Trancoso perfil transversal x (n.º perfil transversal)



Introdução

Introdução

No presente estudo científico, irá ser abordada e desenvolvida a seguinte temática: a **densidade urbana** que, é um elemento da **identidade local**. A densidade urbana é especialmente importante, uma vez que, tem sido reconhecida como um elemento dentro do conceito de urbanismo sustentável. O conceito de densidade urbana neste estudo científico, não está relacionado com a densidade demográfica, ou com a densidade consoante o número de fogos, ou em função do número de edifícios, por exemplo. O conceito de densidade está directamente orientado para o estudo da **densidade do espaço urbano**, com particular incidência, sobre o espaço público da área conhecida, como tendo sido a antiga Judiaria.

De igual modo, o conceito de identidade local, não está direccionado para o estudo da identidade social, ou identidade cultural, ou uma identidade baseada na história dos Judeus e antiga da Judiaria. Tratando-se então, de uma tese que não é sobre a história, ou cultura, ou sobre a organização social desta área em particular, mas sim, focada em estudar as tipologias urbanas, também o conceito de identidade incidirá sobre a - identidade local, mais propriamente sobre a **identidade física do espaço** da antiga Judiaria, inserida no contexto da zona antiga da cidade.

O recurso à geometria, será o processo mais recorrente no desenvolvimento da metodologia adoptada para o estudo da densidade do espaço público, na presente tese. O seu uso extensivo permitirá então a análise rigorosa do espaço urbano, focada em tipologias urbanas e não em tipologias arquitectónicas, existentes na antiga Judiaria. Permitirá a organização visual da forma e a simplificação da leitura e do processo de análise de todos os elementos do espaço urbano, através da construção de um protótipo, de forma a torná-lo inteligível. O emprego da geometria como processo, permite definir e obter valores numéricos possíveis de quantificar que, uma vez, definidos, documentados e convertidos em informação, possam ser usados como um código da identidade urbana e da densidade do espaço público urbano da zona antiga da cidade e, um recurso disponível a todas as partes interessadas, relativamente, ao ambiente construído da cidade.

Através da construção de um protótipo (grelha), será possível, desta forma, obter a descrição de todos os elementos geradores da identidade do espaço físico e da densidade do espaço urbano da antiga Judiaria. Tal é possível a partir dos elementos que constituem o espaço pú-

blico (estrutura de ruas, bem como a distribuição de outros elementos do espaço público - praças, largos,...). É possível, igualmente, através das características individuais da tipologia urbana, como: a dimensão (área) do espaço urbano definido pelas ruas - os quarteirões. Assim como pela extensão, pela largura entre frentes urbanas, alinhamentos/recuos das fachadas, por sua vez definidas pelos quarteirões. Assim, os parâmetros geométricos são nada mais, nada menos que a síntese da estrutura ou imagem da antiga Judiaria, capazes de proporcionar uma clareza da leitura que se faz do espaço urbano.

O método, ou a teoria da identidade de um determinado espaço (Identidade Local), através da construção de um protótipo (grelha), tem sido desenvolvida e defendida pelo Jacek Dominiczak. O qual afirma que, a sustentabilidade de uma cidade depende de um código, pelo qual a sociedade administra o seu ambiente urbano, de acordo com a tradição local que, é parte da cultura.

O estudo científico abrangerá, no total, quatro antigas Judiarias - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, nomeadamente as suas zonas antigas no interior das muralhas medievais, no qual, será aplicado o método desenvolvido pelo Jacek Dominiczak. A sua análise, basear-se-á numa constante percepção da forma através do processo fenomenológico resultante das experiências visuais vivenciadas, e que formam, organizam e simplificam a imagem mental que se tem do espaço urbano após se conhecer o sítio, se analisar os seus mapas e após se analisar todos os elementos que constituem o espaço público urbano.

Todas as áreas urbanas localizam-se na mesma região geográfica da Beira Interior, que após alguma pesquisa às fontes históricas e monografias locais, constatou-se serem as mais significativas em função do espaço urbano que ocupam na cidade e pela importância que tiveram durante a presença das comunidades judaicas.

Os motivos que estiveram na base e que determinaram a escolha das duas temáticas acima expostas: densidade do espaço urbano e a identidade do espaço físico da antiga Judiaria, resultam da necessidade de dar continuidade e aprofundar uma questão que surgiu durante a dissertação/projecto, desenvolvida no âmbito da Licenciatura com Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada em Setembro de 2008, intitulada - *“Centro Judaico da Covilhã - espaço de reunião do conhecimento e divulgação da memória do Judaísmo.”*, orientada por Jacek Dominiczak. Na dissertação/projecto (que obteve dezoito valores de avaliação) que, genericamente abordou a antiga Judiaria da Covilhã enquanto bairro e a sua relação com a ci-

dade, constatou-se que, durante a realização do projecto para a criação do Centro Judaico, a projectar no espaço da antiga Judiaria, o objecto arquitectónico se inseria numa área particularmente densa.

Com o surgir desta constatação - será o espaço urbano da antiga Judiaria particularmente denso? Partiu-se para o desenvolvimento do presente estudo científico, no sentido de procurar algumas respostas e clarificação sobre a densidade do espaço urbano da zona antiga.

O desenvolvimento do estudo científico irá organizar-se, sobretudo, em três principais áreas de análise à antiga Judiaria:

1 - análise parcial à escala da cidade, ainda que a área se limita à zona da antiga Judiaria e à zona antiga no interior das muralhas medievais: a) aqui, procura-se fazer/obter o enquadramento e posição da antiga Judiaria, ou seja, procura-se conhecer as características do sítio. b) na fase seguinte, procura-se aprofundar a leitura aos mapas e encontrar a imagem forte da cidade, através da/de linha(s) fortes, que serão uma das bases para a construção do protótipo na fase seguinte da análise. c) por último, a construção dos diferentes protótipos da cidade, através de grelhas, permitirá determinar a densidade do espaço urbano da antiga Judiaria, da zona antiga intramuros e será possível comparar a densidade do espaço urbano entre estas duas áreas;

2 - análise à escala do quarteirão, no sentido de identificar, em função da área, o espaço que a antiga Judiaria ocupa, bem como a identificação de áreas mais densamente construídas, através da comparação destas com os espaços vazios no quarteirão e onde é que eles se registam;

3 - por último, a análise à escala da rua descreve a imagem pública da densidade e, pretende reunir um conjunto de características e compará-las entre a rua chave de cada antiga Judiaria, seleccionada para estudo de caso.

Mas, ainda antes de prosseguir para o estudo e análise da identidade do espaço físico e da densidade do espaço urbano da antiga Judiaria, reservou-se um capítulo inicial, onde, de uma forma breve, se descreverão alguns apontamentos históricos dos Judeus e Judiarias em Portugal, cujo único objectivo, reside na absoluta necessidade de enquadrar genericamente a presença dos Judeus em Portugal, a localização das antigas Judiarias e, de uma forma muito

particular, expor as quatro antigas Judiarias, seleccionadas para estudo de caso: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

Com o presente estudo científico trata-se, portanto, de encontrar:

. Em primeiro lugar a densidade do espaço urbano e a identidade do espaço físico da antiga Judiaria, sem a dissociar do seu contexto na cidade. Ou seja, trata-se de analisar e comparar a antiga Judiaria com a zona antiga da cidade, que desta forma permitirá determinar estar-se, ou não, perante uma área particularmente densa. De modo semelhante, permitirá determinar se a antiga Judiaria reúne, ou não, um conjunto de características distintas da zona antiga da cidade;

. Em segundo lugar, ao realizar a análise e consequentes estudos comparativos entre as quatro antigas Judiarias da Beira Interior - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, trata-se de encontrar, um conjunto de características, ou traços, que possam ser, ou não, um fenómeno predominante e que, desta forma, se leve a considerar a existência de uma densidade e identidade apenas circunscrita às antigas Judiarias;

. Por último, pretende-se encontrar e reunir um conjunto de informação obtida e resultante da análise aos dados previamente seleccionados, com o objectivo de fornecer um conjunto de ferramentas passíveis de serem usadas e que sejam, igualmente, uma forma de contribuir para a valorização do conhecimento, quer científico, quer do espaço da antiga Judiaria.

1. Problemática

Nos núcleos urbanos da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, mais concretamente nas suas zonas antigas de raiz medieval, localiza-se a antiga Judiaria. Estas áreas, atendendo à sua origem, caracterizam-se por uma estrutura urbana de tendência ortogonal e, no caso de Castelo Branco, radiocêntrica, se bem que o tecido urbano, seja irregular em todas elas.

Caracterizam-se, igualmente, por serem áreas cujo espaço urbano é mais denso. Para isso, contribui a largura das ruas, a sua extensão, o afastamento entre si, a dimensão dos quarteirões e a sua maior ou menor ocupação por edificações.

Contudo, para o estudo importa, conhecer se o espaço urbano da antiga Judiaria, neste contexto, é particularmente denso em relação à zona antiga onde se insere. Esta questão colocou-se durante a realização do projecto para a criação do Centro Judaico, a projectar no espaço da antiga Judiaria da Covilhã, desenvolvido no âmbito da Licenciatura com Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada em Setembro de 2008 e intitulada - “Centro Judaico da Covilhã - espaço de reunião do conhecimento e divulgação da memória do Judaísmo.”, ao constatar-se que o objecto arquitectónico se inseria numa área particularmente densa.

Colocada a questão sobre a densidade do espaço urbano, surge uma outra que se prende com a Identidade física do espaço urbano. O facto de, à partida, se estar perante um espaço urbano mais denso, advém de um conjunto de características que lhe conferem maior densidade urbana? Terá a antiga Judiaria uma estrutura urbana que contribua, de uma forma singular, para tornar o seu espaço mais denso?

São estas as questões para as quais se pretende vir a contribuir com o presente estudo científico, na análise à antiga Judiaria.

2. Objectivos

Caracterizar o espaço urbano da antiga Judiaria - o tecido urbano, a rua, as frentes urbanas, têm como objectivo geral, sistematizar e reunir um conjunto de elementos que, crie uma base crítica que informe o conhecimento sobre a densidade do espaço urbano e a identidade física deste espaço, consolidado no contexto moderno das zonas antigas dos núcleos urbanos da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

Desta forma, os objectivos a atingir com o estudo às antigas Judiarias serão:

- . estudar a estrutura geométrica do espaço urbano, baseado em tipologias urbanas e não arquitectónicas;
- . estudo do espaço físico, numa procura de formas e tipo de estruturas, através da geometria;
- . estudar a densidade do espaço urbano e não a densidade demográfica;
- . estudar a identidade física do espaço e não a identidade social, cultural ou uma identidade baseada na história dos Judeus e da antiga Judiaria;
- . estudar a estrutura espacial da antiga Judiaria e compará-la com a zona antiga no interior das muralhas medievais;
- . estudar a estrutura espacial da antiga Judiaria e realizar estudos comparativos entre quatro antigos bairros judaicos: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

3. Oportunidade

A densidade do espaço público urbano e a identidade física do espaço da antiga Judiaria, em termos gerais, não é muito conhecida. Poderá dizer-se que o interesse ou a oportunidade do objecto de investigação repousa no carácter inédito do processo e da metodologia que a constituem - percepção visual da forma, organização e simplificação da imagem através do processo fenomenológico.

O interesse de interpretar/investigar a densidade do espaço público e a identidade física do espaço da antiga Judiaria, advém do facto de ser uma temática praticamente desconhecida, reduzida a referências em obras centradas em perspectivas não urbanísticas, na sua maioria sob o olhar da história, ou então, integradas em análises mais vastas.

Esta lacuna revela a oportunidade de estudar a densidade do espaço público e conhecer a identidade física do espaço sobre a antiga Judiaria, sob o argumento de contribuir para minorar a escassez de informação sobre o ambiente urbano denso das zonas antigas. Verificou-se que estão por analisar os conteúdos da densidade urbana, a nível do espaço público e reunir um conjunto de novos dados sobre a identidade física do espaço da antiga Judiaria.

Por fim, com os estudos comparativos, procede-se à análise em termos conclusivos sobre a densidade do espaço público urbano e definição da identidade física dos espaços urbanos seleccionados para estudo de caso.

4. Hipóteses

A percepção geral que se tem do espaço urbano das antigas Judiarias ou dos antigos bairros judaicos, como igualmente são conhecidos, é que se tratam de núcleos urbanos no contexto alargado do tecido urbano da zona antiga, por espaços com características próprias e diferenciáveis, com níveis de densidade urbana mais elevados e com uma organização da estrutura urbana distinta dos núcleos antigos onde se inserem.

Neste contexto, sintetizam-se as seguintes hipóteses de partida do estudo:

- . a estrutura do espaço urbano da antiga Judiaria será constituída por uma estrutura urbana própria e singular que o distingue da restante zona antiga, através da sua forma;
- . por outro lado, a estrutura do espaço urbano da antiga Judiaria estará inserida e fará parte integrante do restante núcleo antigo onde se localiza;
- . a estrutura do espaço público urbano da antiga Judiaria, através da sua estrutura será mais denso relativamente ao restante tecido urbano da zona antiga;
- . os antigos bairros judaicos serão áreas cuja estrutura urbana será sempre de maior densidade ao comparar-se com as respectivas zonas antigas;
- . coloca-se igualmente a hipótese de não se tratarem de áreas particularmente densas e que este fenómeno - densidade urbana, poderá ser encontrado noutras áreas da zona antiga;
- . a antiga Judiaria será caracterizada por um conjunto de elementos urbanos como: a rua, os quarteirões, as frentes urbanas que lhe conferem uma identidade própria e distinta da zona antiga.

5. Estrutura da tese

A estrutura, de acordo com a qual se organiza a investigação, parte da caracterização do espaço urbano da antiga Judiaria, da sua estrutura urbana, da sua imagem, da sua forma, do seu enquadramento e localização na zona antiga do núcleo urbano.

Para a análise e interpretação da densidade do espaço público urbano e a identidade do espaço físico, estabelecem-se quatro temáticas sequenciais, em diferentes escalas e com diferentes abordagens:

. A primeira temática, de cariz introdutório e preliminar, diz respeito à breve contextualização dos Judeus, das antigas Judiarias em Portugal e na Beira Interior. Diz respeito à sua relação, posição e enquadramento do antigo bairro judaico com o sítio. Faz a análise da antiga Judiaria, da sua estrutura confinada ou relacionada à/com a zona antiga, numa procura pela imagem forte que descreva e simplifique a génese da estrutura urbana que caracteriza o espaço antigo da cidade e da antiga Judiaria;

. A segunda temática diz respeito à análise da zona antiga e da antiga Judiaria, faz parte do corpo central da investigação e pretende analisar a densidade do espaço público e a identidade física do espaço da antiga Judiaria, sobre a zona antiga, através da aplicação do método desenvolvido por Jacek Dominiczak, num constante processo fenomenológico e através da percepção da forma e com recurso alargado à geometria;

. A terceira temática, igualmente inserida no corpo principal da investigação, analisa, numa outra escala, a densidade do espaço público urbano, numa relação comparativa entre as quatro antigas Judiarias: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso. Caracteriza e define a identidade física do espaço das Judiarias através da selecção de ruas chave e análise das suas frentes urbanas;

. A quarta, e última temática, analisa em termos conclusivos a densidade do espaço público urbano, entre a antiga Judiaria e a zona antiga e define a identidade física do espaço entre as quatro antigas Judiarias.

Capítulo 1 | Breves apontamentos históricos dos Judeus e antigas Judiarias em Portugal e na Beira Interior.

Neste capítulo apresentam-se sucintamente breves apontamentos históricos e faz-se uma contextualização com o passado, as origens e a presença dos Judeus em Portugal, a localização das antigas Judiarias e de uma forma muito particular, expor as quatro antigas Judiarias, seleccionadas para estudo de caso: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

Capítulo 2 | Enquadramento da antiga Judiaria na cidade.

Neste capítulo faz-se a análise à escala da cidade, embora parcialmente, ou seja, limitada à antiga Judiaria e à sua zona antiga, no interior das muralhas medievais. Aqui, faz-se o enquadramento da posição da antiga Judiaria em relação à zona antiga e procura-se conhecer as características do sítio.

Capítulo 3 | Metodologia para o estudo da densidade do espaço urbano.

Este capítulo tem como objectivo, a descrição de todo o processo metodológico seguido para o estudo da densidade do espaço urbano. Assim como, a reflexão bibliográfica do contexto no qual, se insere o espaço urbano, no geral e, em específico sobre a antiga Judiaria, no Estado da Arte.

Capítulo 4 | Imagem da cidade - linhas fortes.

Neste capítulo dá-se início à análise e interpretação da forma da estrutura do espaço urbano. Procura-se a sua imagem forte, a(s) sua(s) linha(s) fortes que marcam, orientam e estruturam, perceptualmente, o tecido urbano da antiga Judiaria e a zona antiga. No processo constante de organização visual da forma e da simplificação da leitura da imagem resultante do processo fenomenológico, o recurso à geometria será sempre uma constante na análise de todos os elementos do espaço urbano e serão as bases para a construção do protótipo na fase seguinte de forma a torná-lo inteligível.

Capítulo 5 | Imagem da cidade - estrutura urbana.

Neste capítulo, através do método desenvolvido pelo Jacek Dominiczak - construção do protótipo (grelhas), é possível conhecer e quantificar qual a densidade do espaço urbano para a antiga Judiaria e zona antiga a partir dos elementos que constituem o espaço público (estrutura de ruas, bem como a distribuição de outros elementos do espaço público - praças, largos, ...). Mais uma vez, utiliza-se a percepção como método de interpretação e leitura da imagem, no processo de análise e na obtenção de todos os dados que levam a encontrar informação passível de comparar o espaço urbano da antiga Judiaria e a zona antiga.

Capítulo 6 | Limites do espaço público - o quarteirão.

Este capítulo tem como objectivo analisar e interpretar a forma, através de superimposições e a densidade do polígono do quarteirão, em função da área ocupada por edificações. A análise a esta escala dá a conhecer as áreas que se encontram mais densamente ocupadas e permite aferir e comparar a realidade dos quarteirões da antiga Judiaria com a zona antiga.

Capítulo 7 | A antiga Judiaria - rua chave e frentes urbanas.

Este capítulo tem como objectivo comum, relativamente ao capítulo anterior, a análise da densidade do espaço urbano, mas numa outra escala - a rua. Com a selecção da rua chave para estudo, consequentemente, pretende-se conhecer e explicar todos os dados que justificam quais as áreas de maior ou menor densidade do espaço urbano, em função da área ocupada por edificações e em função da largura média do espaço público, conseguida pelas “superimposições” dos perfis da rua chave.



Capítulo 1 | Breves apontamentos históricos dos Judeus e antigas Judiarias em Portugal e na Beira Interior

Antes de iniciar o estudo e análise da identidade do espaço físico e da densidade do espaço urbano da antiga Judiaria, e para um melhor enquadramento, considerou-se ser absolutamente necessário e imprescindível fazer uma breve contextualização com o passado, as origens e a presença dos Judeus em Portugal, a localização das antigas Judiarias e de uma forma muito particular, expor as quatro antigas Judiarias, seleccionadas para estudo de caso: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso. A contextualização do presente, porque *“as áreas históricas são áreas de sedimentação e acumulação, enriquecidas por sucessivos contributos durante séculos e gerações, que seria impossível substituir ou igualar, a cidade do passado enriquece a memória e a cultura aferindo e atestando o pensamento urbanístico actual”*.¹

1. Origens

A presença, ou os vestígios da presença dos Judeus em Portugal, é anterior à conquista do território português. Segundo historiadores e descobertas arqueológicas, os vestígios da sua presença surgem através de um *“fragmento de um epitáfio do século V com candelabro (menorah)”*², em Mértola e de *“duas conhecidas lápides funerárias, encontradas em Espiche, perto de Lagos e datadas do século VI.”*³;

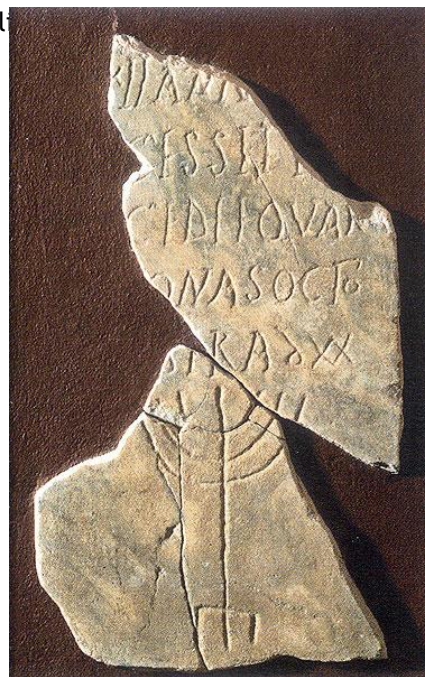


fig. 01 - Imagem do fragmento de um epitáfio do século V com candelabro (menorah), que se encontra no Museu Municipal de Mértola.

¹ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *“Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 3ª edição, Junho 2004, pp. 44.

² GARCIA, Maria Antonieta, *“Diálogo entre Diferenças”* - no livro *“Guarda História e Cultura Judaica - Edição Comemorativa do VIII Centenário da Cidade da Guarda”*, Edição do Museu da Guarda e Câmara Municipal da Guarda, 2ª edição, Outubro 2000, pp. 17.

³ TAVARES, Maria José Ferro, *“Linhas de Força da História dos Judeus em Portugal das origens à actualidade”*, Espacio, Tiempo Y Forma, Série III, H.ª Medieval, t.6 - 1993, pp. 447.

ambas as descobertas pertencem ao período visigótico. As comunidades judaicas e a sua presença na Península Ibérica, denominada de *Al-Andalus*, ter-se-á prolongado durante o domínio islâmico, até à reconquista cristã para sul, a partir da qual, estas comunidades “passaram para o poder dos novos senhores, os reis cristãos”.⁴

2. Judeus Sefarditas

De uma forma geral, o termo *sefardita* denomina todos os descendentes com origem de Portugal e Espanha - *Sefarad* (em hebraico), “...era a Península, a Hispânia e, nestas, integravam-se Portugal e os diversos reinos que, no final do século XV, viriam a constituir a Espanha dos Reis Católicos”⁵. Por sua vez, os judeus provenientes da Europa Central e Europa Oriental, são denominados de *Asquenazes* (em hebraico *Ashkenazi*), cujo termo provém do hebraico medieval para designar a região que actualmente corresponde à Alemanha - *Ashkenaz*.

*“Nos primeiros tempos da monarquia portuguesa, os judeus vivem misturados com os cristãos, embora, em algumas cidades, tenham já bairros próprios.”*⁶

No entanto, a partir do Século XIII, com o IV Concílio de Latrão (1215) aumenta a pressão para que existisse uma separação/diferenciação entre pessoas de diferentes “credos”, através do uso de símbolos ou sinais distintivos, no vestuário - início da **segregação social**.

Já no Século XIV, e passados 146 anos, sobre a data anterior, mais concretamente em 1361, a **segregação física** passa a ser também uma realidade - “*D. Pedro I, ordena que em todos os locais onde os judeus sejam mais de dez, vivam afastados dos cristãos, em bairros próprios.*”⁷. É sobretudo a partir deste momento que as maiores alterações do tecido urbano começam a surgir, conseqüente resultado da criação de novas Judiarias e a ampliação das

⁴ TAVARES, Maria José Ferro, “*Linhas de Força da História dos Judeus em Portugal das origens à actualidade*”, Espacio, Tiempo Y Forma, Série III, H.^a Medieval, t.6 - 1993, pp. 447.

⁵ TAVARES, Maria José Ferro, “*Os Judeus na Época dos Descobrimentos*”, Edições ELO, pp. 29.

⁶ FERRO, Maria José Pimenta. “*Os Judeus em Portugal no século XIV*”, Coleção História e Ensaios, Guimarães & C.^a Editores, Lisboa, 1979, pp. 22.

⁷ Idem, pp. 66.

existentes, como forma de dar resposta a um aumento significativo de famílias oriundas de diferentes pontos da cidade medieval. Após 5 anos, em 1366, D. Pedro I vai ainda mais longe, ao ordenar o recolher obrigatório e o encerramento das Judiarias à noite. Tem agora lugar a **circulação condicionada**.

A par das condicionantes a que a população judaica portuguesa esteve sujeita, ao longo do Século XIV e XV ocorreu igualmente um outro fenómeno. De acordo com as fontes históricas, Portugal teve um **forte crescimento populacional**, resultado da deslocação temporária ou definitiva para Portugal, motivada pelas imigrações provocadas pelas expulsões ocorridas noutros reinos cristãos, como a Inglaterra e a França. Mas, sobretudo, pelas vicissitudes por que passaram os judeus nos reinos de Aragão/Catalunha e Castela - *“A sua penetração faz-se por via terrestre, no sentido oriente-ocidente, pelo que se compreende toda uma proliferação de judiarias em concelhos próximos da linha de fronteira.”*⁸ - (fig. 02 e 03).



fig. 02 - Esquema das imigrações de judeus - Século XIV e XV. A imagem apresenta esquematicamente os movimentos migratórios das comunidades judaicas, ao longo do Século XIV e XV, provocadas pelas expulsões ocorridas noutros reinos cristãos, tendo como destino Portugal, quer temporária ou definitivamente. (Imagem gráfica do autor).

⁸ TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *“Os Judeus em Portugal no século XV - volume I”*, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Abril 1982, pp. 43.

É efectivamente vindos de Espanha que os maiores fluxos migratórios ocorreram, devido a um conjunto de circunstâncias, tais como:

- a) Século XIV. **Movimentos cristãos em Espanha (1391)**. “*Os motins antijudaicos e as pregações anti-semitas de S. Vicente Ferrer.*”⁹;
- b) Século XV. **Inquisição Espanhola (1478)**. Com a Inquisição Espanhola, nova vaga de imigrantes, muitos deles para Portugal;
- c) Século XV. **Édito de Expulsão Espanhol (1492)**. Expulsão definitiva dos judeus de Aragão e Castela pelos Reis Católicos (Fernando de Aragão e Isabel de Castela), “*muitos judeus procuram abrigo e estabelecem-se junto à fronteira, em Portugal.*”¹⁰;

Século XV. **Cristãos-novos (1497)**. “*Conversão forçada de judeus ao cristianismo, através do baptismo, decretado por D. Manuel*”¹¹ (Isabel Monteiro). Em teoria, deixa então de existir o culto do judaísmo, logo, judeus conversos, agora cristãos e denominados de cristãos-novos, passam novamente a poder habitar livremente entre os cristãos e os cristãos podem, inclusive habitar no espaço onde até há pouco fora a Judiaria - entretanto extinta após a conversão forçada. No entanto, o seu nome ou a identificação do espaço físico como Judiaria, perdurou até aos dias de hoje.

⁹ GARCIA, Maria Antonieta. “*Fios para um Roteiro Judaico da Covilhã*”, Universidade da Beira Interior, 2001, pp. 27.

¹⁰ BALESTEROS, Carmem; RIBEIRO, Margarida. “*Marcas de Cristianização nos núcleos Urbanos Antigos de Alpalhão e Valência de Alcântara (Cáceres)*”, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 9/10, 1999-2000, pp 398.

¹¹ MONTEIRO, Isabel. “*Os Judeus na Região de Viseu - The Jews in the Region of Viseu*”, promoção da Região de Turismo Dão Lafões, 1997, pp 36.

3. Antigas Judiarias em Portugal

O primeiro grupo de imagens (fig. 03, 03a, 03b e 03c) apresenta a distribuição das Judiarias que, de uma forma geral, no final do Século XIII e durante o Século XIV, se encontram distribuídas, um pouco por todo o país. De acordo com as fontes históricas, era sobretudo nos grandes núcleos urbanos do litoral que terão existido as maiores Judiarias, tais como: Lisboa, Coimbra, Porto e, mais no interior, Évora. No entanto, é em toda a região interior do país, próxima da fronteira, que o maior número de antigas Judiarias está localizado e identificado. Isto, deve-se a *“razões económicas, de afectividade e a proximidade das terras que deixavam”*¹² - Espanha.

Legenda:

1 - Porto; 2 - Guimarães; 3 - Chaves; 4 - Rio Livre; 5 - Bragança; 6 - Mogadouro; 7 - Castelo Rodrigo; 8 - Trancoso; 9 - Viseu; 10 - Guarda; 11 - Belmonte; 12 - Sabugal; 13 - Coimbra; 14 - Monforte; 15 - Leiria; 16 - Torres Novas; 17 - Atouguia; 18 - Santarém; 19 - Portalegre; 20 - Elvas; 21 - Estremoz; 22 - Lisboa; 23 - Setúbal; 24 - Évora; 25 - Santiago do Cacém; 26 - Beja; 27 - Serpa; 28 - Silves; 29 - Loulé; 30 - Faro; 31 - Tavira e 32 - Olivença. ■ Distritos de Castelo Branco e Guarda.

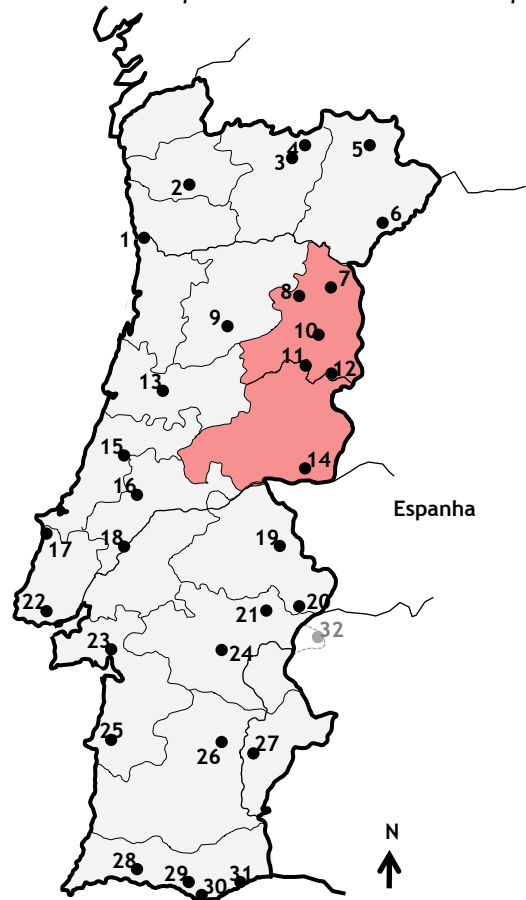


fig. 03 - Século XIII e XIV - “Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)”¹³. Nesta imagem é visível a distribuição das Judiarias que, de uma forma geral, se encontram distribuídas um pouco por todo o país. (Base documental extraída do livro de Maria José Pimenta Ferro, imagem gráfica do autor).

¹² GARCIA, Maria Antonieta. *“Fios para um Roteiro Judaico da Covilhã”*, Universidade da Beira Interior, 2001, pp. 27.

¹³ FERRO, Maria José Pimenta. *“Os Judeus em Portugal no séc. XIV”*, Coleção História e Ensaios, Guimarães & C^a. Editores, Lisboa 1979, pp 21.

fig. 03a - Século XIII e XIV - “*Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)*”. Constata-se que a distribuição das antigas Judiarias, entre a zona norte (47%) e sul (53%) do país, é bastante equilibrada.

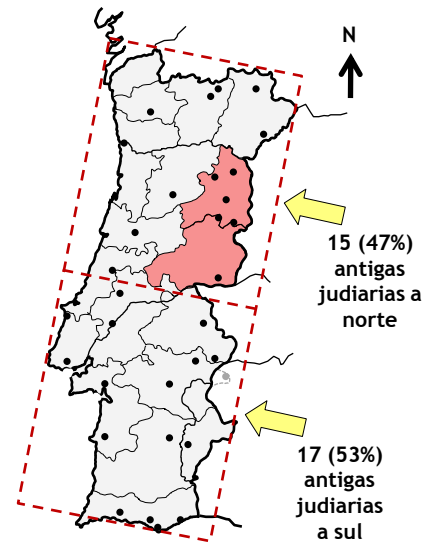


fig. 03b - Século XIII e XIV - “*Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)*”. Contudo, se a análise for entre o interior (65%) e o litoral (35%), a diferença na distribuição das antigas Judiarias, é bastante acentuada.

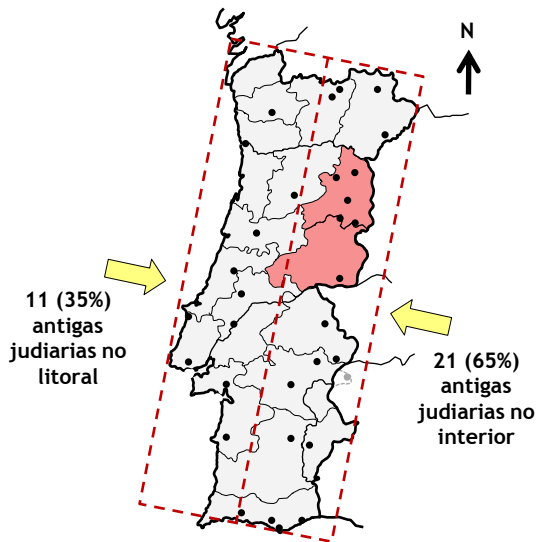
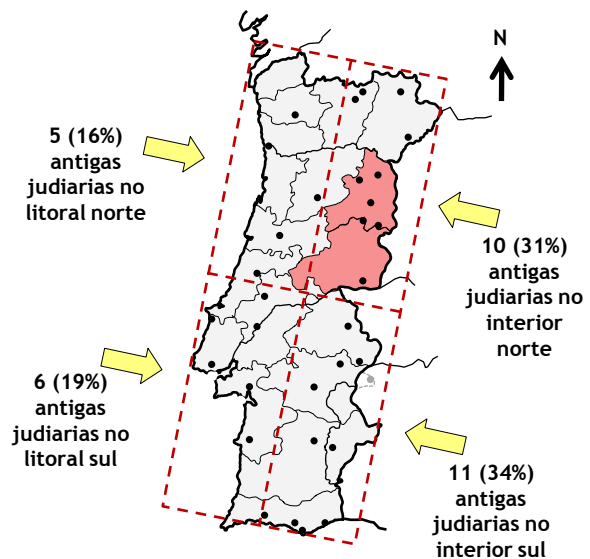


fig. 03c - Século XIII e XIV - “*Mapa das Comunas Judaicas (1279-1383)*”. Ao analisar-se a distribuição entre os quadrantes interior norte/litoral norte e os quadrantes interior sul/litoral sul, em ambas as situações junto da linha de fronteira, o número de antigas Judiarias, apresenta sempre um valor significativamente superior.



Legenda: Distritos de Castelo Branco e Guarda. (Imagem gráfica do autor).

Esta situação viria a acentuar-se, causada por factores, tais como: a segregação física, as perseguições e o édito de expulsão de outros reinos, nomeadamente de Espanha, como já atrás foi referido e que em muito contribuiu para a imensa evolução que se observa neste segundo mapa (fig. 04, 04a, 04b e 04c). Prevalece ainda a concentração em maior número de antigas Judiarias junto da fronteira.

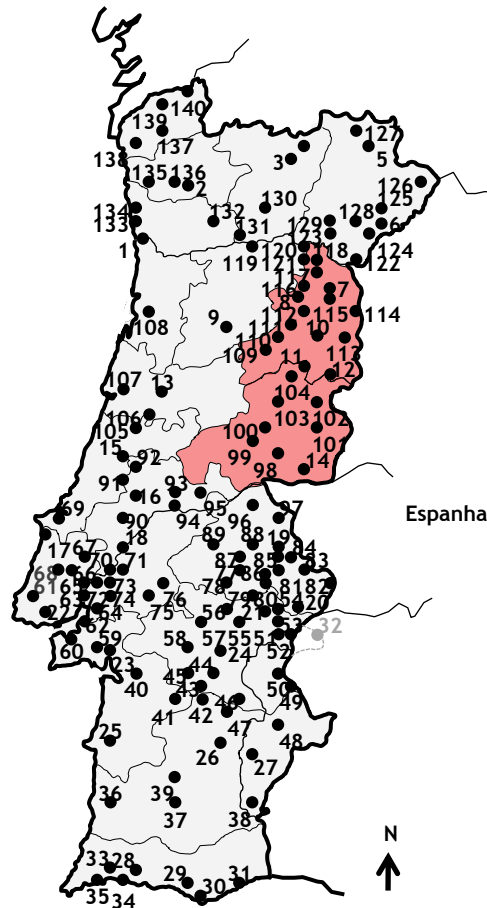


fig. 04 - Século XIV e XV - “*Mapa das Comunas de Judeus (séc. XV)*”¹⁴. Como consequência dos fluxos migratórios, surgem novas Judiarias, sendo bem visível a sua distribuição nesta segunda imagem. (Base documental extraída do livro de Maria José Pimenta Ferro, imagem gráfica do autor).

Legenda:

■ Distritos de Castelo Branco e Guarda. (legenda do mapa na página 24).

¹⁴ FERRO, Maria José Pimenta. “*Os Judeus em Portugal no séc. XV*”, volume I, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp 75.

Legenda da fig. 04:

1 - Porto; 2 - Guimarães; 3 - Chaves; 4 - Rio Livre; 5 - Bragança; 6 - Mogadouro; 7 - Castelo Rodrigo; 8 - Trancoso; 9 - Viseu; 10 - Guarda; 11 - Belmonte; 12 - Sabugal; 13 - Coimbra; 14 - Monforte; 15 - Leiria; 16 - Torres Novas; 17 - Atouguia; 18 - Santarém; 19 - Portalegre; 20 - Elvas; 21 - Estremoz; 22 - Lisboa; 23 - Setúbal; 24 - Évora; 25 - Santiago do Cacém; 26 - Beja; 27 - Serpa; 28 - Silves; 29 - Loulé; 30 - Faro; 31 - Tavira; 32 - Olivença; 33 - Portimão; 34 - Alvor; 35 - Lagos; 36 - Odemira; 37 - Ourique; 38 - Mértola; 39 - Messiana; 40 - Alcácer do Sal; 41 - Lorrão; 42 - Alvito; 43 - Viana do Alentejo; 44 - Aguiar; 45 - Alcáçovas; 46 - Portel; 47 - Vidigueira; 48 - Moura; 49 - Mourão; 50 - Monsaraz; 51 - Alandroal; 52 - Juromenha; 53 - Vila Viçosa; 54 - Borba; 55 - Évoramonte; 56 - Vimieiro; 57 - Arraiolos; 58 - Montemor-o-Novo; 59 - Palmela; 60 - Almada; 61 - Sintra; 62 - Coina; 63 - Sacavém; 64 - Samora; 65 - Alhandra; 66 - Arruda dos Vinhos; 67 - Alenquer; 68 - Torres Vedras; 69 - Óbidos; 70 - Azambuja; 71 - Hüge; 72 - Salvaterra de Magos; 73 - Vila Franca de Xira; 74 - Benavente; 75 - Coruche; 76 - Erra; 77 - Benavila; 78 - Avis; 79 - Sousel; 80 - Veiros; 81 - Monforte; 82 - Campo Maior; 83 - Arronches; 84 - Alegrete; 85 - Cabeço de Vide; 86 - Fronteira; 87 - Alter do Chão; 88 - Crato; 89 - Ponte de Sôr; 90 - Pernes; 91 - Porto de Mós; 92 - Ourém; 93 - Tomar; 94 - Abrantes; 95 - Sardoal; 96 - Nisa; 97 - Castelo de Vide; 98 - Castelo Branco; 99 - Sarzedas; 100 - São Vicente; 101 - Monanto; 102 - Penamacor; 103 - Fundão; 104 - Covilhã; 105 - Pombal; 106 - Soure; 107 - Montemor-o-Velho; 108 - Aveiro; 109 - Gouveia; 110 - Linhares; 111 - Celorico da Beira; 112 - Freixadas; 113 - Castelo Mendo; 114 - Almeida; 115 - Pinhel; 116 - Melo; 117 - Marialva; 118 - Penela; 119 - Lamego; 120 - São João da Pesqueira; 121 - Castelo Melhor; 122 - Freixo de Espada-à-Cinta; 123 - Torre de Moncorvo; 124 - Bemposta; 125 - Azinhoso; 126 - Miranda do Douro; 127 - Vinhais; 128 - Alfândega da Fé; 129 - Vila Flor; 130 - Vila Real; 131 - Mesão Frio; 132 - Amarante; 133 - Matosinhos; 134 - Vila do Conde; 135 - Barcelos; 136 - Braga; 137 - Ponte de Lima; 138 - Viana do Castelo; 139 - Valença; 140 - Monção.

fig. 04a - Século XIV e XV - “*Mapa das Comunas de Judeus*”. A distribuição das antigas Judiarias, entre a zona norte (42%) e sul (58%) do país, tende a ser em maior número a sul.

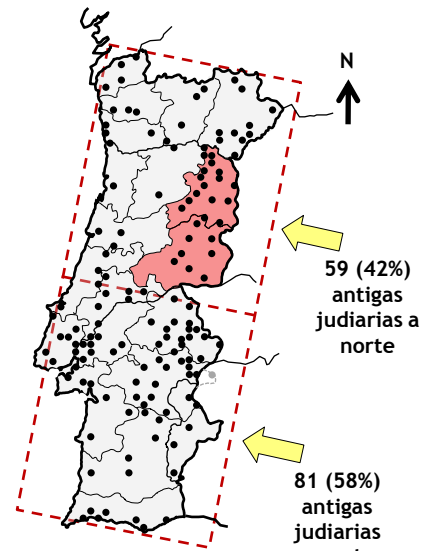


fig. 04b - Século XIV e XV - “*Mapa das Comunas de Judeus*”. A análise entre o interior (41%) e o litoral (59%), relativamente à distribuição das antigas Judiarias, continua a apresentar uma diferença bastante acentuada.

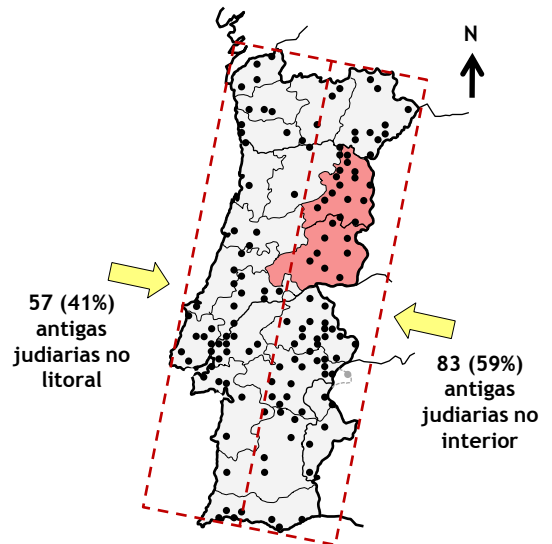
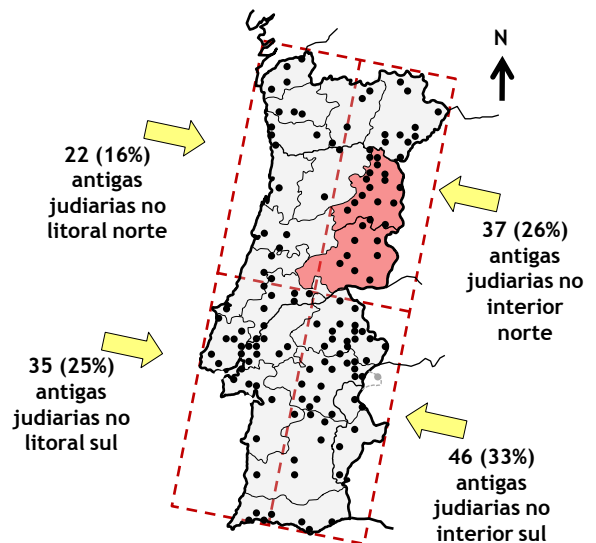


fig. 04c - Século XIV e XV - “*Mapa das Comunas de Judeus*”. A distribuição das antigas Judiarias entre os quadrantes sofre alterações, sendo o interior norte/litoral os que apresentam maior número, em relação aos quadrantes litoral norte/interior norte.

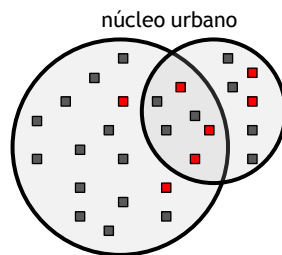


Legenda: Distritos de Castelo Branco e Guarda. (Imagem gráfica do autor).

Com o “aumento do número de comunas e de judiarias, no reino, assim, como pela expansão, no espaço cristão do concelho, dos seus bairros. ...a população judaica quintuplicou o número das suas comunidades que de cerca de 30 (século XIII e XIV), passaram a cerca de 140”¹⁵ (século XV). Ora “de um momento para o outro, a população judaica duplicou senão triplicou, trazendo consigo consequências graves para a minoria de origem portuguesa.”¹⁶ Como consequência deste aumento de população e a já sobrelotação dos bairros judaicos, crê-se que o espaço urbano se tenha tornado uma área particularmente sensível dentro do núcleo urbano da cidade. As sucessivas ampliações, tanto na horizontal, para as zonas nas traseiras dos lotes, com o desaparecimento gradual e nalguns casos total, dos espaços livres no interior do quarteirão, como na vertical, com o aumento do número de pisos.

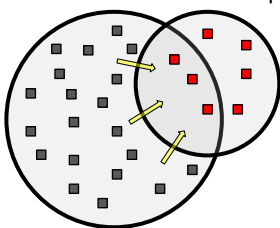
É certo que, por múltiplos factores, a cultura judaica teve o seu papel na transformação e evolução do espaço urbano. Pode-se afirmar que os judeus em Portugal, passaram por três principais momentos marcantes:

I - em que os judeus vivem e praticam livremente a sua cultura/religião, entre os cristãos (desde o início da monarquia até ao Século XIII);

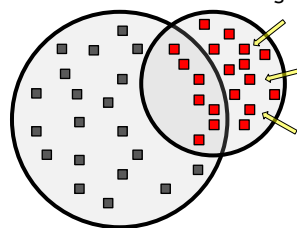


II - em que os judeus vivem separados dos cristãos, em bairros próprios - Judiarias e continuam a praticar livremente a sua cultura/religião. A par desta nova situação, foi neste período que se deram as imigrações em massa (Séculos XIV e XV);

núcleo urbano com bairros separados



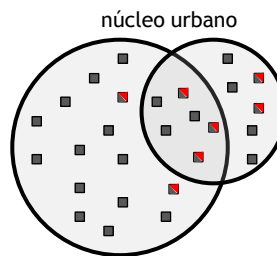
núcleo urbano com aumento demográfico



¹⁵ TAVARES, Maria José Ferro, “Linhas de Força da História dos Judeus em Portugal das origens à actualidade”, Espaço, Tempo Y Forma, Série III, H.^a Medieval, t.6 - 1993, pp. 450.

¹⁶ Idem, pp. 451.

III - em que os judeus voltam a viver entre os cristãos, mas como cristãos-novos, sendo-lhes proibido a prática da sua cultura/religião (com início no século XVI em diante);



É sobretudo a partir do segundo momento, que as questões sobre a densidade do espaço urbano são, sem sombra de dúvida, a matéria mais relevante para o estudo. Porque é o período no qual os judeus foram forçados a viver em bairros próprios - as Judiarias, durante cerca de 135 anos (Séculos XIV e XV), separados dos cristãos. Porque é, igualmente, durante este segundo momento, que a pressão sobre o espaço urbano aumenta. Para além de ser neste período que, paralelamente, as imigrações em massa ocorreram, dotando a área da Judiaria, já por si lotada, em espaços densamente ocupados com a construção e afectados por uma forte pressão na ocupação do espaço urbano, tendo em muitos casos, inclusive, sido ampliadas.

Durante o século XVI, não sendo mais “Judeus”, denominados agora de cristãos-novos mas que, secretamente praticavam a sua religião secular, levou à criação das visitas inquisitoriais (fig. 05). De acordo com a imagem esquemática, é possível visualizar ainda neste período os ecos do grande fluxo migratório e das zonas do país onde a concentração das agora extintas Judiarias foi maior. Estas visitas tiveram maior incidência nas comunidades dos distritos de Portalegre, Castelo Branco e Guarda.

Mais recentemente, outros estudos, com incidência sobre a cultura judaica, têm sido realizados. A próxima imagem (fig. 06), mostra um levantamento efectuado a marcas (sobretudo cruciformes) em edifícios e outros elementos arquitectónicos, muito associadas (oralmente) à existência de judeus ou presença de judeus e cristãos-novos nesses edifícios. Mais uma vez, este estudo revela a incidência, neste caso das marcas, que ocorrem com maior incidência na zona de fronteira portuguesa com Espanha, mais precisamente nos distritos de Évora, Portalegre, Castelo Branco e Guarda.

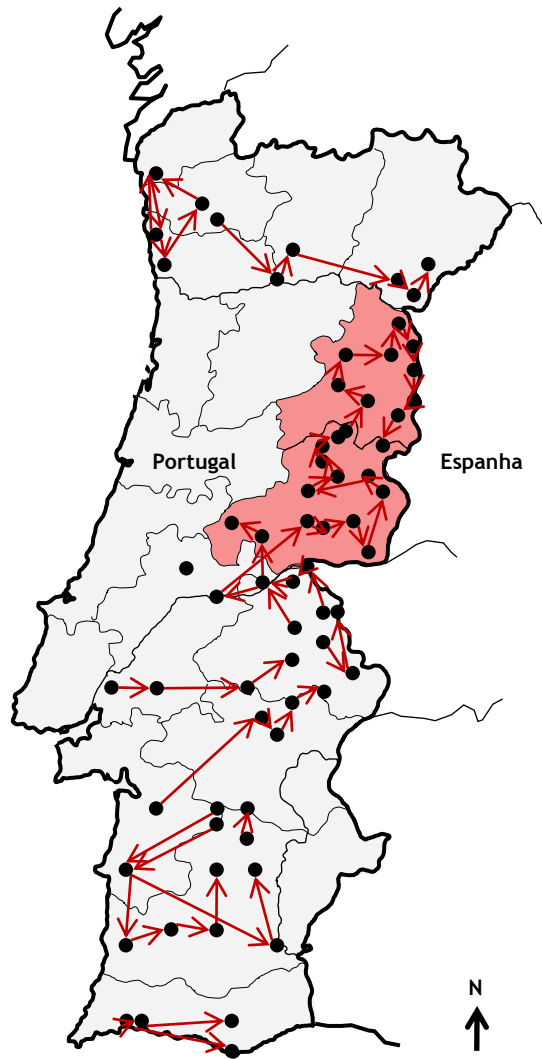


fig. 05 - Século XVI - - “*Mapa das Visitas inquisitoriais no séc. XVI (in José Mattoso, História de Portugal, vol. III, op. Cit. P. 162)*”¹⁷. Base documental extraída do livro de Maria Antonieta Garcia, imagem gráfica do autor.

Legenda:

Distritos de Castelo Branco e Guarda.

¹⁷ GARCIA, Maria Antonieta, “*Judaísmo no Feminino - Tradição Popular e Ortodoxia em Belmonte*”, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, pp. 129.

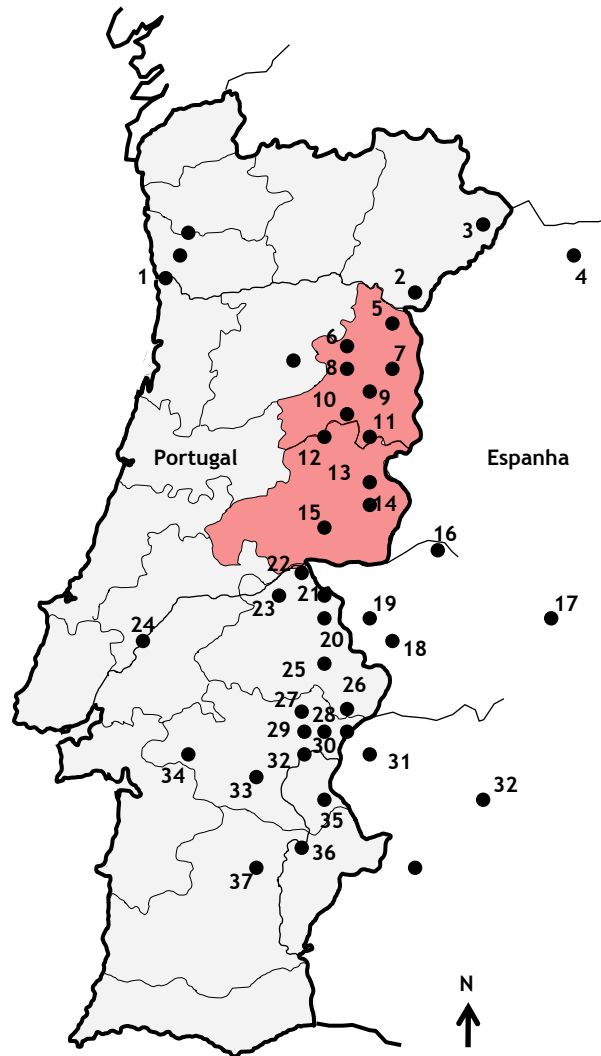


fig. 06 - Século XX - - “Mapa com os locais onde foram identificadas marcas de simbologia religiosa judaica e cristã”¹⁸. Base documental extraída do artigo de Carmem Balesteros, imagem gráfica do autor.

Legenda:

1 - Porto; 2 -Freixo d Espada-à-Cinta; 3 - Miranda do Douro; 4 - Zamora; 5 - Castelo Rodrigo; 6 - Trancoso; 7 - Almeida; 8 - Celorico da Beira; 9 - Guarda; 10 - Belmonte; 11 - Sabugal; 12 - Covilhã; 13 - Medelim; 14 - Idanha-a-Velha; 15 - Castelo Branco; 16 - Alcantara; 17 - Trujillo; 18 - Albuquerque; 19 - Valência de Alcantara; 20 - Marvão; 21 - Castelo de Vide; 22 - Nisa; 23 - Alpalhão; 24 - Santarém; 25 - Monforte; 26 - Elvas; 27 - Estremoz; 28 - Borba; 29 - Vila-Viçosa; 30 - Alandroal; 31 - Olivença; 32 - Redondo; 33 - Évora; 34 - Montemor-o-Novo; 35 - Monsaraz; 36 - Moura; 37 - Beja.

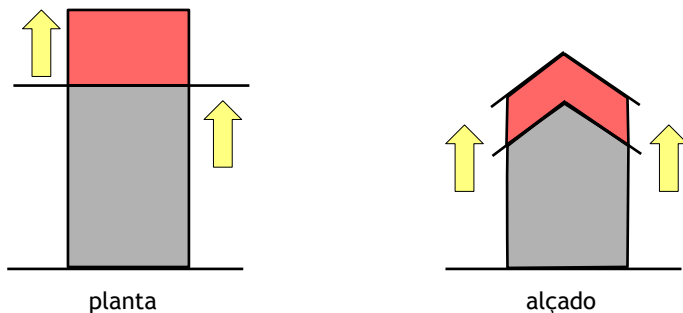
Legenda: Distritos de Castelo Branco e Guarda.

¹⁸ BALESTEROS, Carmem “Marcas de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã em ombreiras de Porta III - (novos elementos)”, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 7 - Dezembro de 1997, pp.180.

4. Antigas Judiarias na Beira Interior

A zona do território junto da linha de fronteira com Espanha, foi sem dúvida, após a recolha de dados com base nas fontes históricas, a que mais alterações demográficas sofreu com o Édito de Expulsão dos Reis Católicos (Fernando e Isabel) em 1492, “*de um momento para o outro, a população judaica duplicou senão triplicou, trazendo consigo consequências graves para a minoria de origem portuguesa*”¹⁹ (tabelas 01 e 02).

As imigrações em massa que então ocorreram, “*...entre o final do Século XV e o princípio do Século XVI (...)*” provocaram um crescimento de “*mais de 60% nos principais núcleos habitacionais com destaque para a Guarda, Castelo Branco e Covilhã*”²⁰. A área da Judiaria já por si lotada com a segregação física a que os Judeus portugueses foram submetidos, sofre agora uma nova e forte pressão na ocupação do espaço urbano. Para além da densificação a nível dos quarteirões, com as sucessivas ampliações dos lotes, tanto na horizontal como na vertical, no primeiro para a zona das traseiras, com o desaparecimento gradual e nalguns casos total, dos espaços livres no interior do quarteirão e no segundo, com o aumento da cércea dos edifícios, muitas Judiarias foram, inclusive, ampliadas em consequência desta pressão demográfica.



Atendendo a todos os elementos recolhidos, durante a pesquisa às fontes históricas, considerou-se que as antigas Judiarias a seleccionar para o estudo científico seriam então Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, por terem sido e serem os núcleos urbanos mais significativos e mais relevantes (fig. 07 e 08).

¹⁹ TAVARES, Maria José Ferro, “*Linhas de Força da História dos Judeus em Portugal das origens à actualidade*”, Espacio, Tiempo Y Forma, Série III, H.^a Medieval, t.6 - 1993, pp. 451.

²⁰ GARCIA, Maria Antonieta, “*Judaísmo no Feminino - Tradição Popular e Ortodoxia em Belmonte*”, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, pp. 118.

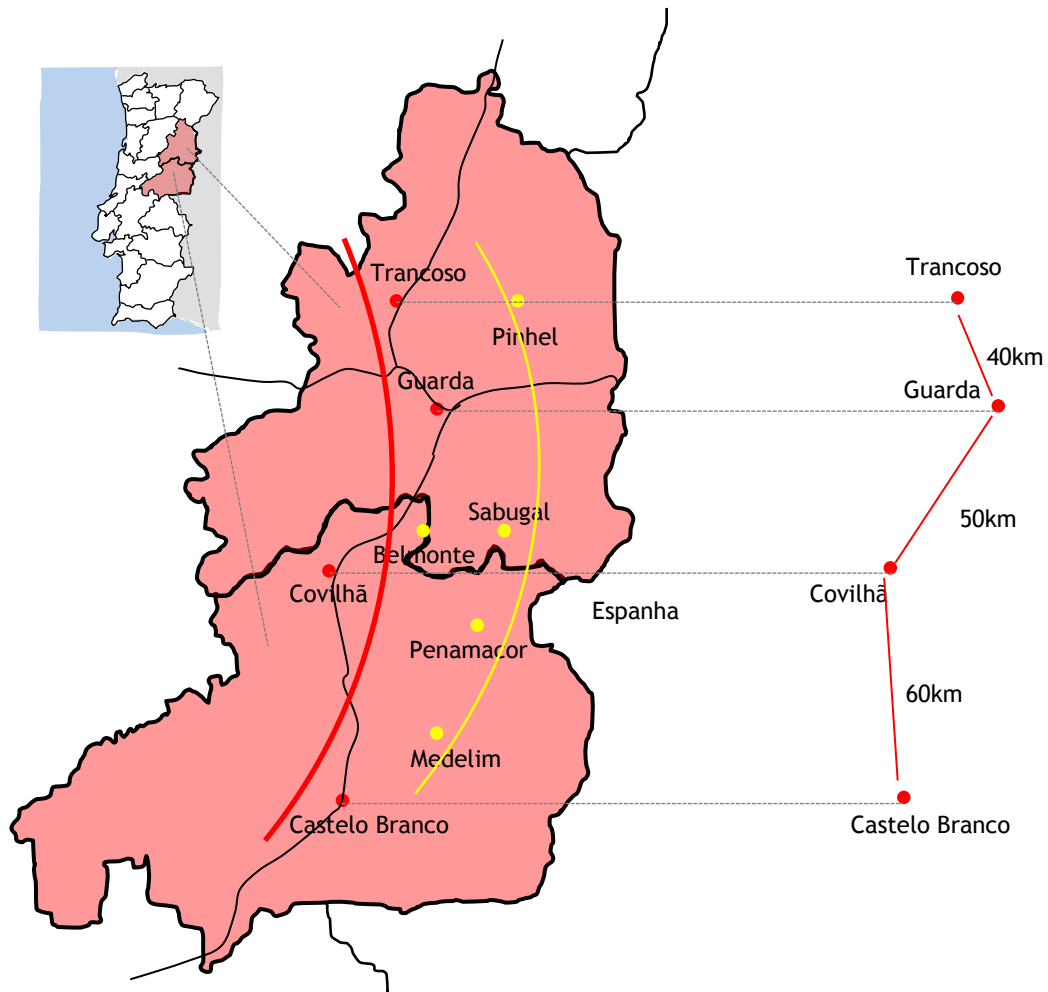


fig. 07 - Imagem esquemática com a localização das antigas Judiarias seleccionadas para o estudo, (imagem gráfica do autor).

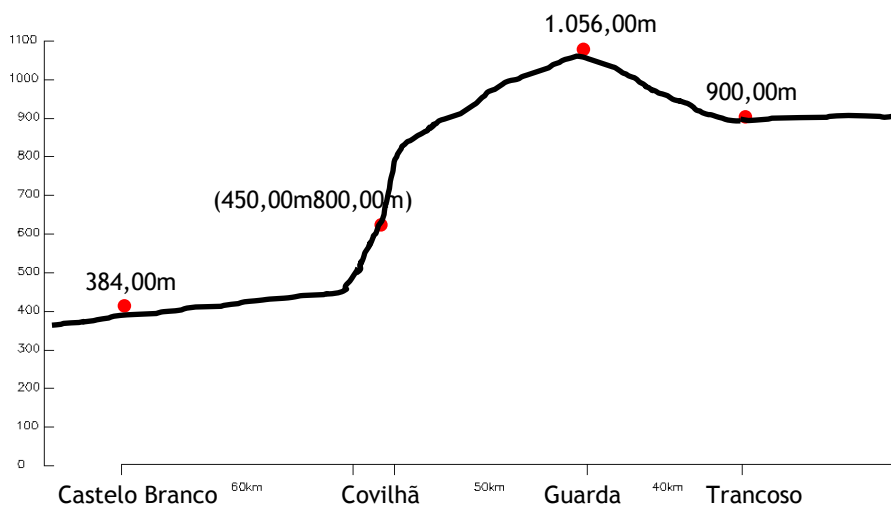


fig. 08 - Imagem esquemática do perfil a altitude das antigas Judiarias seleccionadas para o estudo, (imagem gráfica do autor).

Tabela 01 - Relação de moradores nalgumas antigas Judiarias da Beira Interior; informação extraída do livro de Maria Antonieta Garcia²¹:

	moradores (século XVI)
Castelo Branco	870
Covilhã	819
Trancoso	450
Penamacor	446
Guarda	379 (<i>então já em declínio, mas foi uma das mais antigas a existir</i>)
Monsanto	356
Pinhel	288
Celorico	213
Belmonte	159

Tabela 02 - Relação do aumento da população nos séculos XV e XVI, nos núcleos urbanos seleccionados para o estudo, informação extraída do livro de Teresa Rodrigues²²:

	1496	1527
Covilhã	71% crescimento	
Castelo Branco	837 fogos	1417 fogos
Guarda	1426 fogos	2321 fogos
Trancoso	90,5% crescimento	

4.1. Antiga Judiaria da Covilhã

Relativamente à antiga Judiaria da Covilhã surgem referências sobre a existência de dois possíveis antigos bairros judaicos, ou então a localização no exterior das muralhas medievais foi uma consequência do alargamento e expansão do núcleo intramuros (fig. 09).

²¹ GARCIA, Maria Antonieta, “Denúncias em Nome da Fé - perseguição aos judeus no distrito da Guarda de 1607 a 1625”, «Caderno de culpas do Bispado da Guarda e seu distrito e das visitas», Patrocínio da Câmara Municipal da Guarda. Edição comemorativa dos 500 Anos do édito de Expulsão dos Judeus de Portugal, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões. Universidade Nova de Lisboa, pp. 32.

²² RODRIGUES, Teresa, “in José Mattoso, História de Portugal”, Vol. III, Lisboa, Círculo de leitores, 1993.

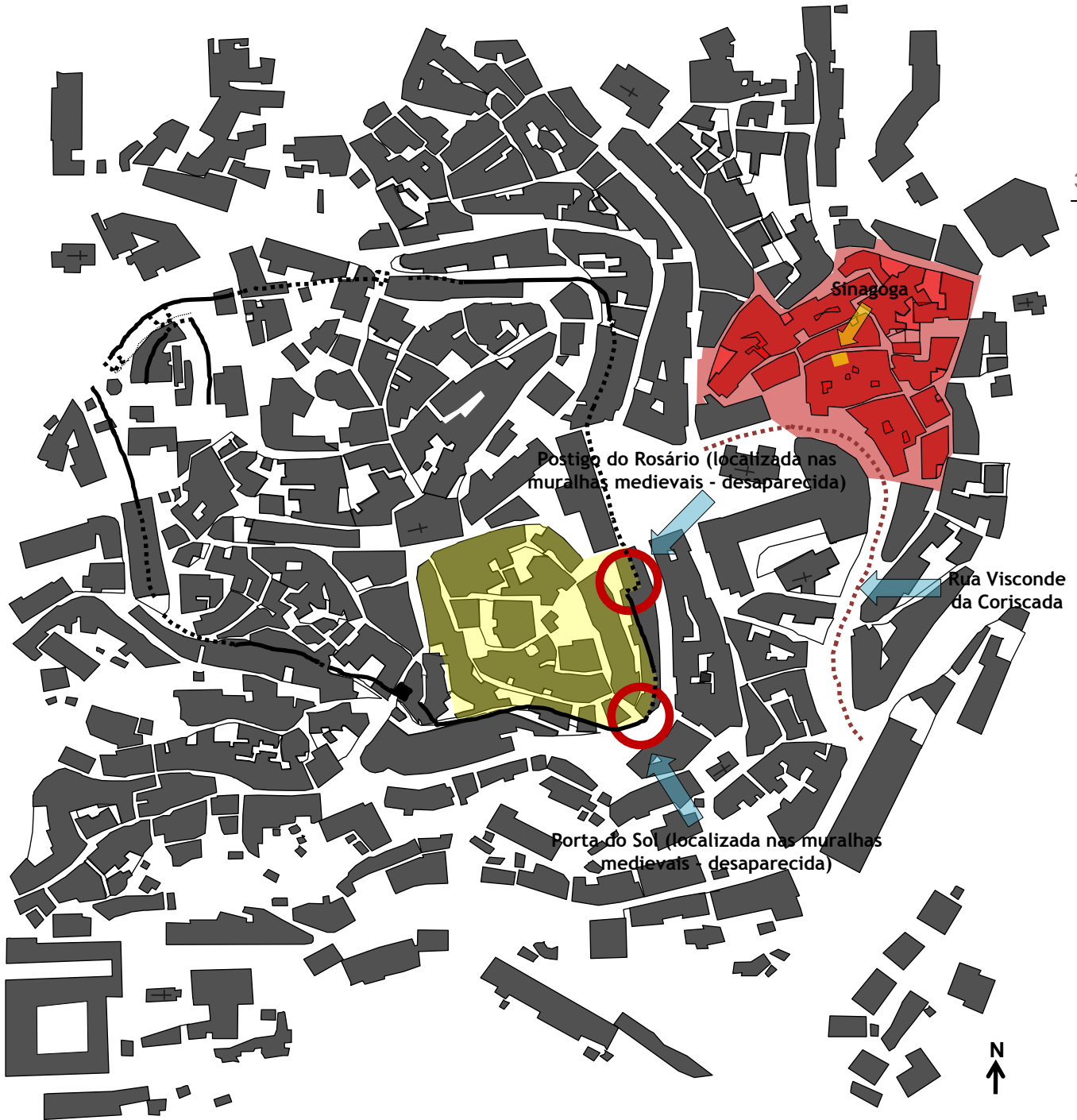


Fig. 09 - Mapa com os dois núcleos da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade da Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; amarelo hipotética localização da Judiaria Velha e sinagoga; rosa espaço público da antiga Judiaria, no exterior das muralhas medievais; vermelho espaços privados da antiga Judiaria; cinza espaços privados da zona antiga; preto igreja/capela. Escala 1/3000.

I - referências para a localização da antiga Judiaria no interior das muralhas medievais:

. “...nas cortes de Santarém, a pedido dos respectivos concelhos, D. Afonso V, ordena ao Ouvidor da Comarca da Covilhã que faça cerrar as portas da judiaria que são dez deixando-lhe cinco d’ellas que bem abastam para a sua serventia, cerrando especialmente as portas que deitam para os adros das Igrejas.”²³;

. “A judiaria da Covilhã que se localiza na metade do lugar fica circunscrita às suas cinco portas em vez das dez anteriores que abriam para a cristandade.”²⁴

. “O bairro judaico da Covilhã está localizado intramuros e junto da muralha.”²⁵

. “Sabemos que ela se localizava no muro da dicta villa contra arravalde.”²⁶

II - referências para a localização da antiga Judiaria no exterior das muralhas medievais:

. “A Rua Visconde da Coriscada era, na Covilhã, designada pelo vulgo Rua Suja, nome que lhe foi dado pelos cristãos-velhos por estar ela cheia de cristãos-novos. Estes por sua vez chamavam àqueles a «ralé velha»; aqueles a estes «rabinos da Rua Suja».”²⁷

. “Situadas perto das muralhas, segundo a tradição, as Ruas das Flores, a do Ginásio, a Travessa, o Beco, a Rua da Alegria integravam o bairro judaico.”²⁸

. “É muito antiga esta rua (Rua das Flores). É de tradição que aqui se situava a Judiaria. Com caa muradas rasgagas por pequenas frestas que davam para as ruas circunvizinhas, e portões que se fechavam ao anoitecer. Tinha também a Sinagoga onde os judeus se juntavam para a oração.”²⁹

Dada a falta de elementos que situem concretamente a antiga Judiaria no interior das muralhas medievais a análise centrar-se-á no núcleo exterior, perfeitamente localizado.

²³ QUINTELA, Arthur de Moura. “Subsídios para a Morfologia da Covilhan”, Covilhã, 1899, pp 26 e 27;

²⁴ FERRO, Maria José Pimenta. “Os Judeus em Portugal no séc. XV”, volume I, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp 407;

²⁵ Idem, pp 45;

²⁶ Idem, pp 73;

²⁷ PAULO, Amílcar. “Os Judeus Secretos em Portugal”, editorial Labirinto, pp 55;

²⁸ GARCIA, Maria Antonieta. “Fios para um Roteiro Judaico da Covilhã”, Universidade da Beira Interior, 2001, pp. 32.

²⁹ “Toponímia Covilhanense”, Câmara Municipal da Covilhã, 1982, pp 45;

4.2. Antiga Judiaria de Castelo Branco

Ao contrário do núcleo urbano da Covilhã, os limites da antiga Judiaria de Castelo Branco, encontram-se apenas no interior das muralhas medievais (fig. 10).

. *“É pois muito provável que ficasse entre a Rua d’Ega, a Travessa do Muro e a Rua do Caquelé.” (...) “Mais tarde a judiaria estendeu-se ao longo da Rua da Misericórdia onde se encontra uma casa cuja fachada parece indicar a velha sinagoga. Junto à judiaria ficava o «almocakwé» ou cemitério dos judeus. Este ficaria entre a Rua do Muro e Caquelé.”³⁰*

. *“(...) posteriormente, a zona reservada aos judeus em Castelo Branco torna-se exígua para conter os moradores, pelo que estes começam a habitar também numa pequena rua transversal, anexa à Judiaria, onde não vivia cristão algum (...).”³¹*

. *“Na Rua da Misericórdia encontra-se a casa que é tida pela tradição como sendo a velha Sinagoga. (...) A Judiaria Velha teria, portanto, de situar-se naquela zona.”³²*

4.3. Antiga Judiaria da Guarda

O núcleo urbano da antiga Judiaria da Guarda encontra-se bem documentado, sendo possível identificar muitíssimo bem os seus limites, também eles no interior das muralhas medievais (fig. 11).

. *“A Judiaria, hoje composta pela rua do Amparo e anexas, estava completamente isolada do resto da cidade, pois o seu acesso só se podia fazer por duas ruas.”³³;*

³⁰ P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 40 - A Judiaria de Castelo Branco”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1485, 22/12/1973, pp. 09.

³¹ BRANCO, Manuel da Silva Castelo. *“Subsídios para o estudo da Toponímia Albicastrense no século XVI”*, Edição: Câmara Municipal de Castelo Branco. 20 de Março de 1999, pp. 30 e 31.

³² MOURA, Ana Luísa; MOURA, Carlos Machado e; CRUZ, Pedro Castro. *“Casas Quinhentistas de Castelo Branco”*, Edição: Câmara Municipal de Castelo Branco, 1ª edição, Março de 2009, pp. 32 e 33.

³³ RODRIGUES, Adriano Vasco. *“Monografia Artística da Guarda”*, Edição da Câmara Municipal da Guarda. 3ª edição. Cisial - Anadia. 1984, pp.114 e 115.

. “Os judeus entraram na cidade pela porta d’El Rey e na judiaria pela porta das Quatro Quinas. (...) Comunicando com a Judiaria e a ela ligada, está o bairro do Poço do Gado, que foi até alguns anos atrás o bairro das meretrizes, também isolado da cidade.”³⁴

. “Temos notícia da Judiaria da Guarda desde o século XIII e do seu centro, que era, naturalmente, constituído pela sinagoga instalada numa casa «com sua quintã» pertencente ao rei e pela qual pagava foro a comuna dos judeus.”³⁵

. “A judiaria parece ter crescido sobretudo ao longo das centúrias seguintes, englobando duas ruas principais e várias travessas e vielas. Na década de 80 do século XIV, falava-se assim de uma “judiaria velha” na Guarda, junto à referida Porta d’El-rei, mas também de uma “judiaria nova” que resultava do crescimento daquela, para norte e para leste, envolvendo áreas contíguas cada vez mais próximas do Adro da Igreja de S. Vicente.”³⁶

4.4. Antiga Judiaria de Trancoso

A antiga Judiaria “...de Trancoso, reduz-se a uma rua «em que sempre viveram que he na metade da dicta villa».”³⁷

. “No que se refere à localização da artéria da vila que foi utilizada como zona de habitação judaica e, posteriormente, como Judiaria, julgamos que estas possam ter sido a actual Rua da Alegria. Parece-nos que esta terá sido a rua da metade da vila, quer se considerarmos a implantação da antiga cerca amuralhada, quer do ponto de vista da ligação ainda hoje visível, entre as Portas do Prado e a Rua da Alegria.”³⁸ (fig. 12).

³⁴ RODRIGUES, Adriano Vasco. “Monografia Artística da Guarda”, Edição da Câmara Municipal da Guarda. 3ª edição. Cisial - Anadia. 1984, pp.114 e 115.

³⁵ GOMES, Rita Costa. “A Guarda medieval: posição, morfologia e sociedade (1200-1500)”, «Caderno da revista de história económica e social 9-10». Livraria Sá da Costa editora. Edição patrocinada pela Câmara Municipal da Guarda, pp. 55.

³⁶ GOMES, Rita Costa. “Um Microcosmos Cidadino: A Judiaria Medieval da Guarda - texto extraído do livro: Guarda - História e Cultura Judaica - Edição comemorativa do VIII Centenário da cidade da Guarda”, Edição do Museu da Guarda e Câmara Municipal da Guarda, 2ª edição, Outubro 2000, pp. 112.

³⁷ FERRO, Maria José Pimenta. “Os Judeus em Portugal no século XIV”, Coleção História e Ensaios, Guimarães & C.ª Editores, Lisboa, 1979, pp. 24.

³⁸ SANTOS, Carla Alexandra; BALESTEROS, Carmem. “Arqueologia Judaica no Concelho de Trancoso (Novos Elementos)”, Cadernos de Estudos Sefarditas, n.º 4, 2004, pp. 18.



fig. 10 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade de Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ hipotética localização do cemitério e sinagoga; ■ espaço dos antigos açougues; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.



fig. 11 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade da Guarda, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ espaços, cuja função, entretanto desapareceu e hipotética localização da sinagoga; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.



fig. 12 - Mapa com o núcleo da antiga Judiaria e da zona antiga da cidade de Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ hipotética localização da sinagoga; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.

5. Marcar a Arquitectura

A título, meramente, de curiosidade apresenta-se um conjunto de mapas, onde estão localizados os levantamentos a marcas (sobretudo cruciformes), encontradas nos edifícios (fig. 13, 14, 15 e 16). Estes levantamentos têm sido realizados de forma exaustiva por diversas equipas de trabalho em todos os núcleos seleccionados para estudo: GTL-Covilhã (Gabinete Técnico Local da Covilhã); Gabinete de Reabilitação da Zona Histórica de Castelo Branco; APGUR (Agência para a Promoção da Guarda) e em Trancoso a Dra. Carla Alexandra Santos. Salienta-se o facto de, na Covilhã e Castelo Branco, as marcas se encontrarem dispersas um pouco pela zona antiga e que na Guarda e Trancoso, existem áreas de maior concentração, sobretudo junto das antigas portas nas muralhas medievais.

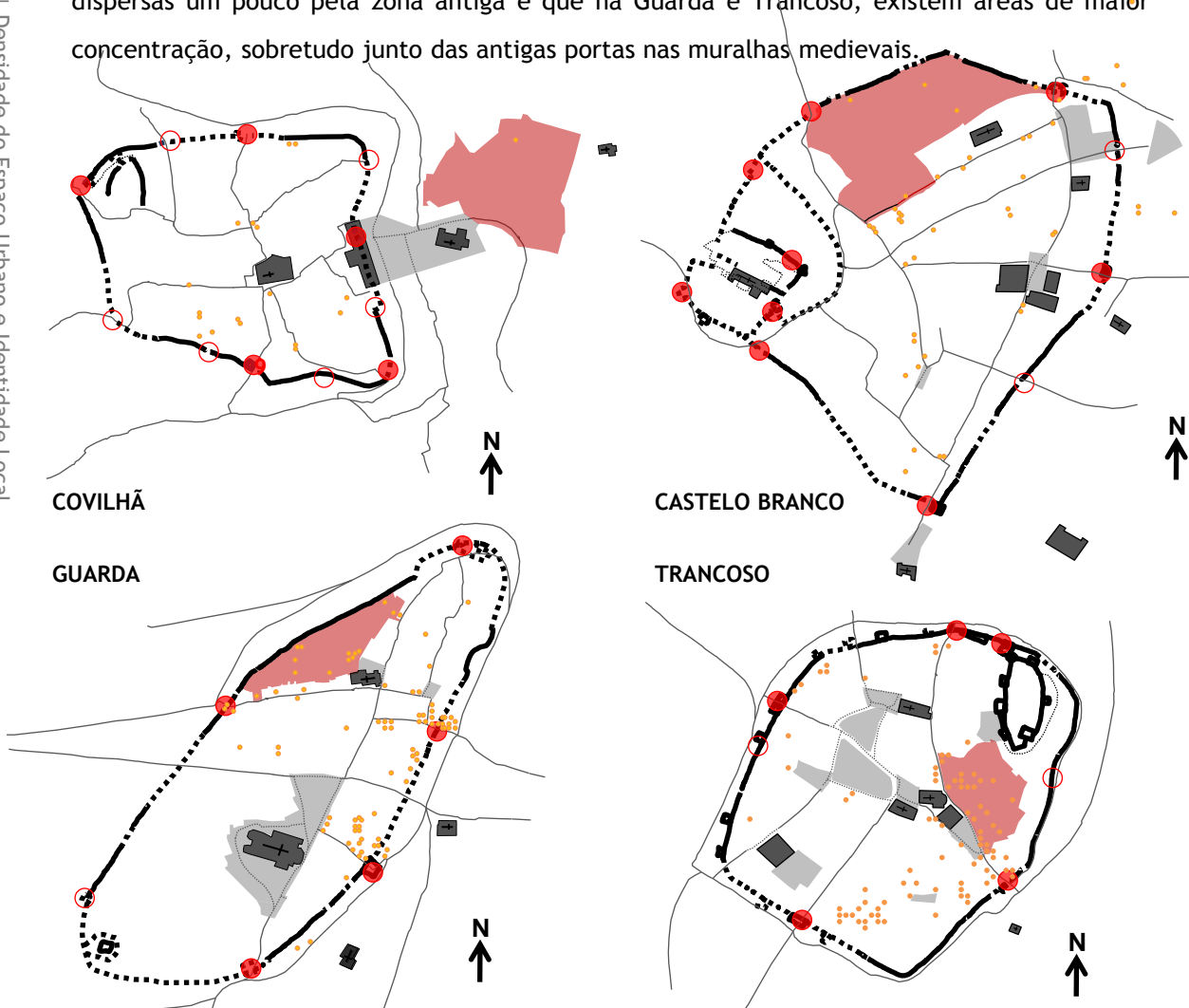


fig. 13 - Imagens esquemáticas dos quatro núcleos urbanos, onde se localizam as marcas (cruciformes), com a indicação das muralhas medievais — existentes e - - - - - destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); ● marca (cruciforme, entre outras).



fig. 14 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga da Covilhã. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; ····· muralhas medievais destruídas; ● marca (cruciforme, entre outras). Escala 1/3000.



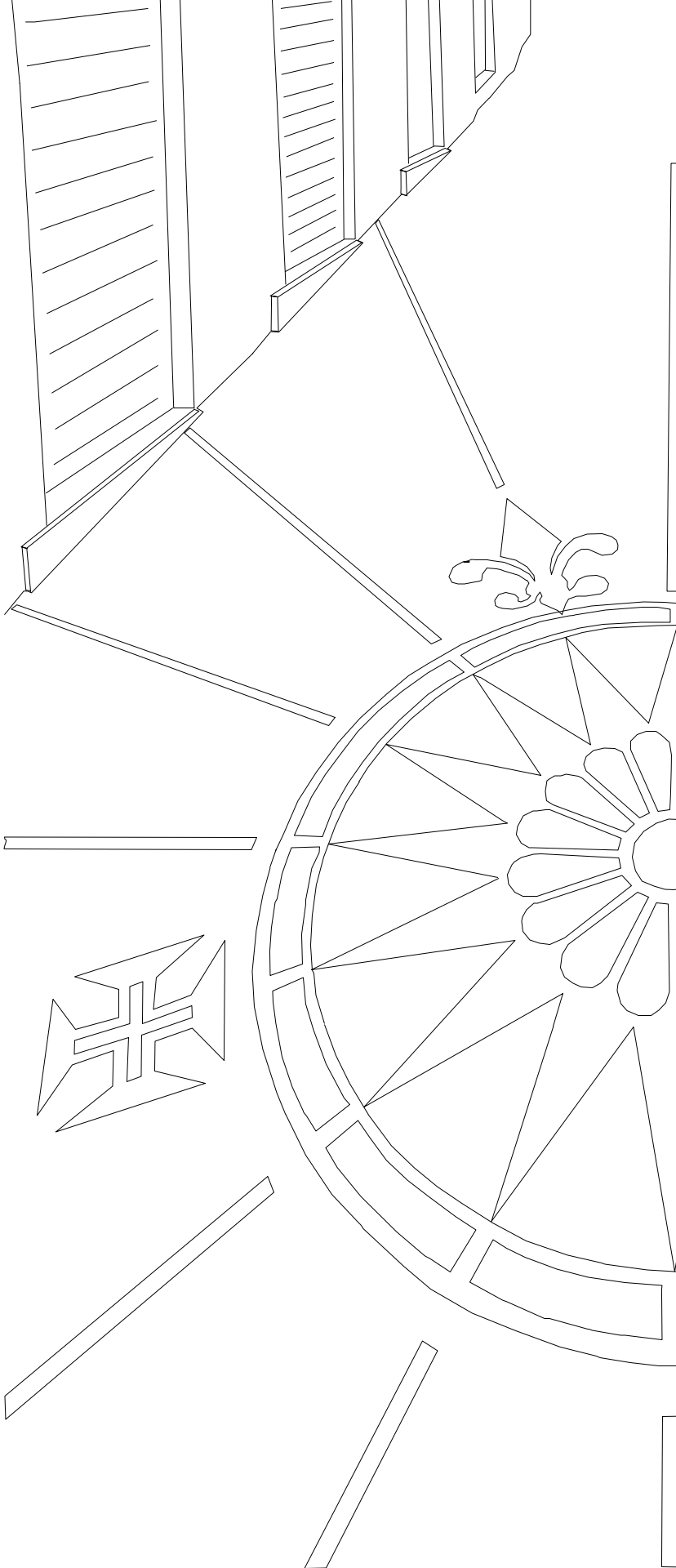
fig. 15 - Mapa com a localização das marcas (cruziformes), na antiga Judiaria e zona antiga de Castelo Branco. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas; ● marca (cruziforme, entre outras). Escala 1/3000.



fig. 16 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga da Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas; ● marca (cruciforme, entre outras). Escala 1/3000.



fig. 17 - Mapa com a localização das marcas (cruciformes), na antiga Judiaria e zona antiga de Trancoso. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas; ● marca (cruciforme, entre outras). Escala 1/3000.



Capítulo 2 | Enquadramento da antiga Judiaria na cidade

1. O sítio e a posição da antiga Judiaria na cidade

Conhecer previamente o “sítio” e a “posição” da antiga Judiaria, no tecido urbano da cidade, torna-se imprescindível para o conhecimento da morfologia, forma e características do objecto de estudo. Importa ainda, conhecer e explorar as relações do antigo bairro judaico, com o espaço público da cidade.

A. Covilhã

A zona antiga da cidade assenta numa área cuja topografia lhe terá sido mais favorável, do lado sul da encosta da Serra da Estrela, tendo orientação para o vale do rio Zêzere (fig. 18 e 19). O núcleo antigo da cidade, incluindo a sua antiga Judiaria, surgiu de uma forma geral, como consequência de sucessivas e diferentes épocas. Inicialmente, a estruturação do tecido urbano terá tentado seguir a topografia natural da encosta em que se desenvolveu, daí que tenha resultado numa malha irregular, com ruas estreitas, tortuosas, labirínticas, com becos e escadas, ou seja, a morfologia da zona antiga da cidade surge sob a aparência de cidade medieval (fig. 25).



fig. 18 - Imagem geral do vale para a cidade da Covilhã.



fig. 19 - Imagem da Covilhã, com orientação visual para o vale do rio Zêzere.

A configuração da zona antiga intramuros, apresenta-se sob a forma de uma linha poligonal irregular, cujo eixo maior (distância entre pontos mais afastados) se orienta de sudeste para noroeste (fig. 23). É exactamente do lado noroeste que se encontra a cota mais elevada da zona antiga da cidade intramuros. No entanto, os espaços da zona antiga intramuros, a Praça do Município e uma parte da antiga Judiaria, tendo em relação a envolvente, são caracterizados por uma topografia mais favorável à implantação e por uma boa exposição solar (fig. 20 e 21). É sobretudo a sul e a poente que a encosta desce íngreme sobre o vale do rio Zêzere.



fig. 20 e 21, respectivamente - Rua Alexandre Herculano (zona antiga intramuros) e Rua das Flores (antiga Judiaria).

A antiga Judiaria, ou o espaço dela ainda hoje assim conhecido, desenvolveu-se à direita, orientado para nascente e no exterior, em relação às muralhas medievais, constituídas pelo seu polígono (fig. 22 e 23).

Ao analisar-se a posição topográfica da antiga Judiaria e da zona antiga, intramuros, é de referir que, a mesma se posiciona entre a cota 645.00m e 670.00m, ou seja, a diferença de cota no antigo bairro judaico é de 25.00m, entre o ponto mais elevado e o ponto de menor cota. Topograficamente, a antiga Judiaria está assente em dois patamares, o primeiro nível é mais suave e nele localizam-se ruas entre as cotas 660.00m e 670.00m. Por sua vez, o segundo nível é constituído pelas ruas entre as cotas 645.00 e 660.00m. Já a área antiga intramuros, situa-se entre a cota 685.00m e 730.00m, sendo que neste espaço a variação de cotas ande na ordem dos 45.00m, entre o ponto de menor cota e o mais elevado (fig. 24 e 25).

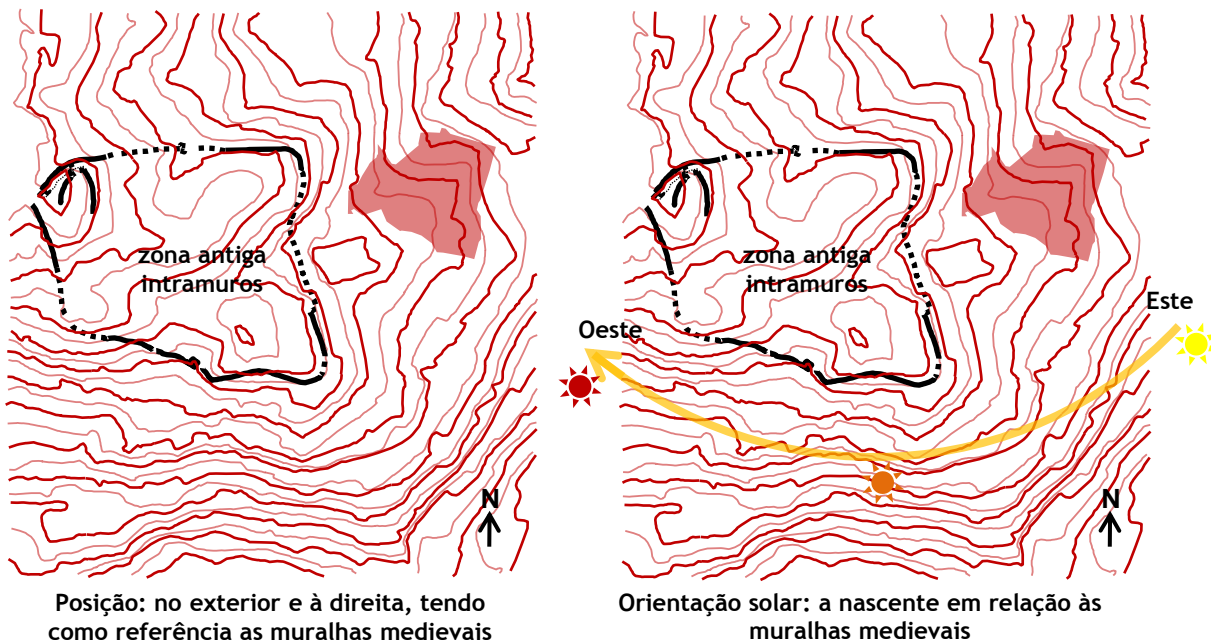


fig. 22 e 23, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico. Legenda: ■ localização conhecida do núcleo do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e - - - - muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Posição da antiga Judiaria relativamente à orientação solar e em função das muralhas medievais: nascente (este).

O antigo bairro judaico apresenta-se sob a forma de dois patamares, sendo a Rua da Alegria (marcada a amarelo na fig. 26), o percurso que impõe a fronteira entre os dois níveis.

O primeiro nível é mais suave e nele localiza-se a Rua das Flores, do Ginásio Clube, O Largo da Alegria e Travessa da Alegria. Por sua vez, o segundo nível é composto pelo Beco da Alegria e a continuação da Travessa das Flores. Devido à existência significativa de diferença de cotas entre estes dois patamares, algumas ruas posicionam-se perpendicularmente ao terreno, conseguindo-se, desta forma, vencer rapidamente o desnível existente.

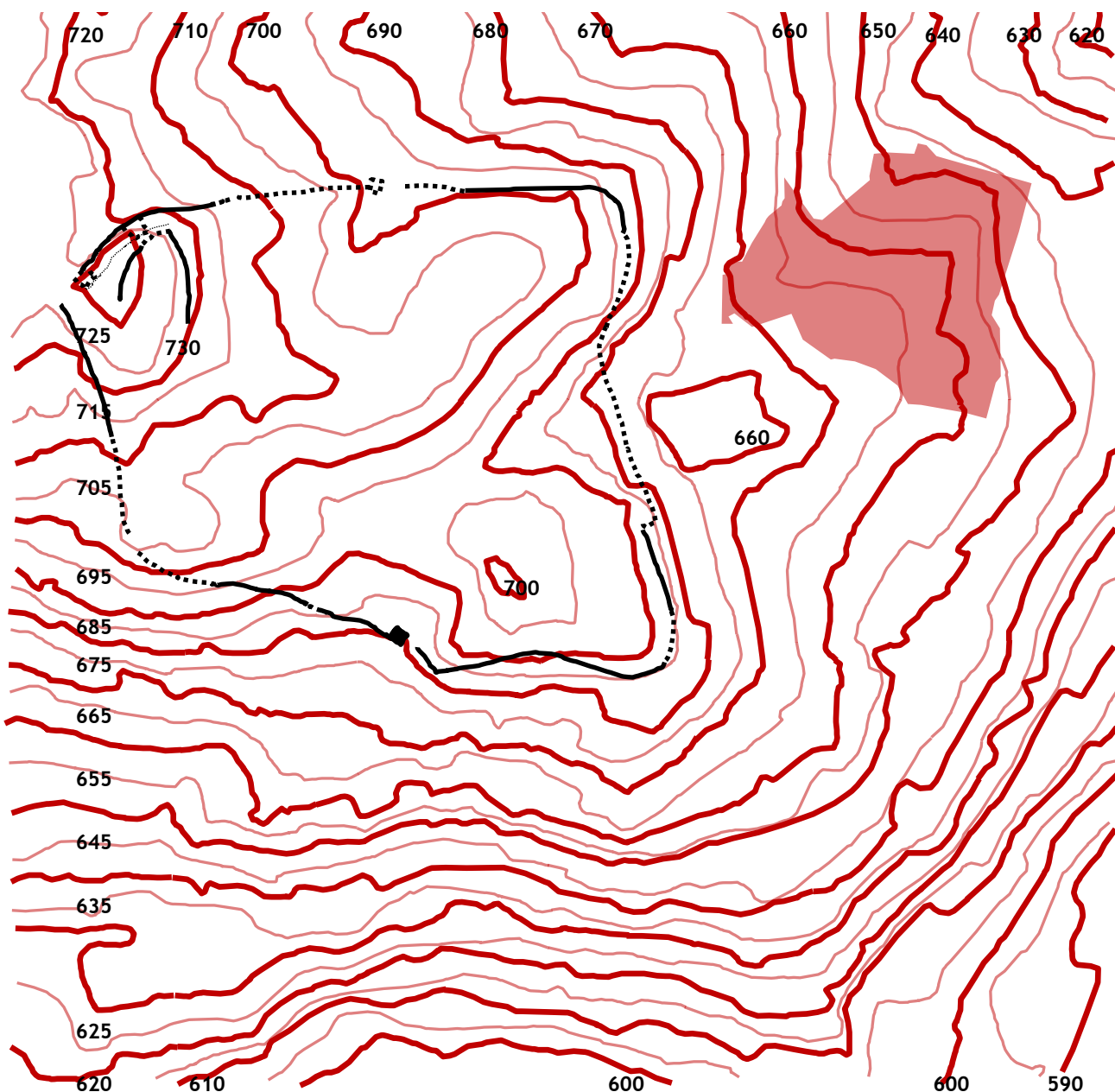


fig. 24 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da Covilhã. Escala 1/3000.

Legenda: ■ localização conhecida do núcleo do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas, — curva de nível mestra; — curva de nível secundária.



fig. 25 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade da Covilhã. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Escala 1/3000.

Esta particularidade, origina a que, dois arruamentos (Travessa da Alegria e o Beco da Alegria), tenham troços constituídos por escadas, o que lhes confere a exclusividade de circulação pedonal (fig. 28, 29, 30 e 31). Apenas uma rua, interior à antiga Judiaria, acompanha paralelamente o declive natural do terreno (Rua da Alegria - marcada a amarelo na fig. 26). Atendendo ao perfil, a zona antiga no interior das muralhas medievais é menos íngreme. A antiga Judiaria, por sua vez, apresenta um declive mais acentuado e encontra-se localizada no exterior e abaixo da zona antiga intramuros (fig. 26 e 27).

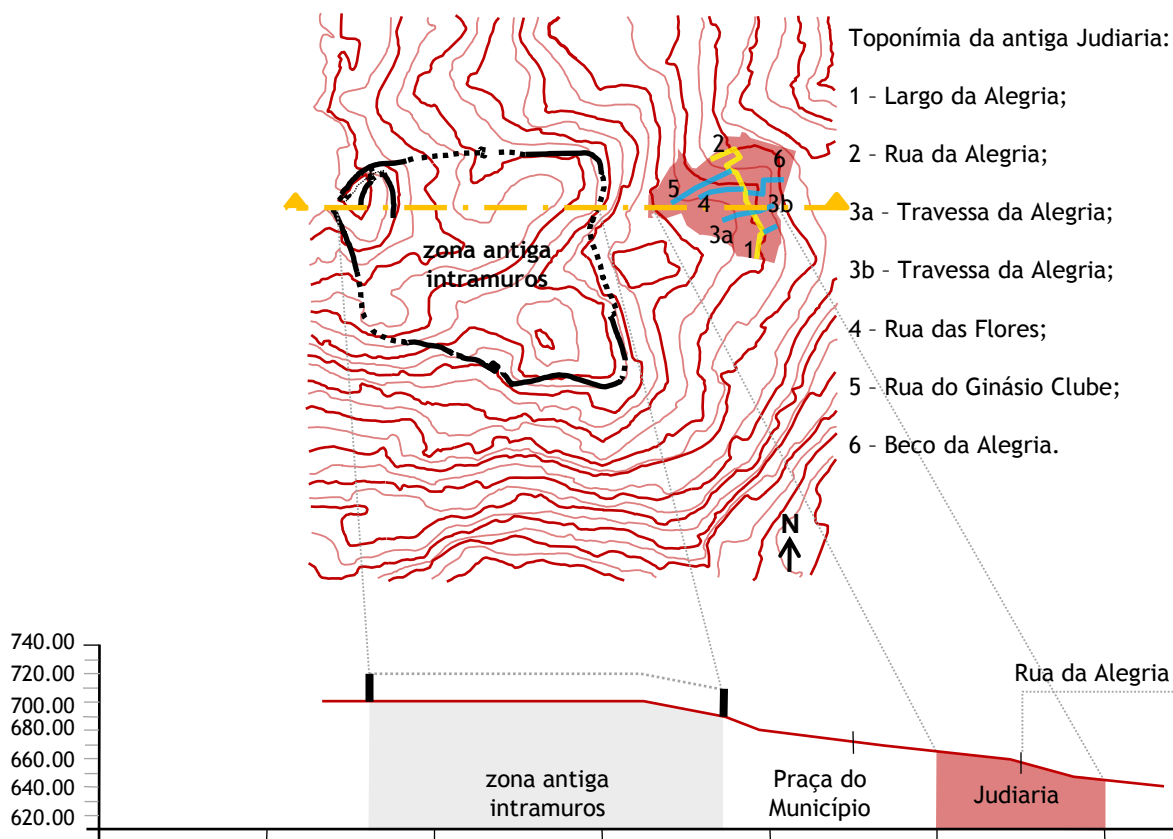


fig. 26 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares (—) e paralela (—) ao declive natural do terreno; — localização conhecida do núcleo do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária.

fig. 27 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido nascente/ponte, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes na antiga Judiaria e na zona antiga no interior das muralhas medievais.



fig. 28 e 29 - Beco da Alegria, com troços onde existem degraus para vencer o considerável desnível, presente no antigo bairro judaico.

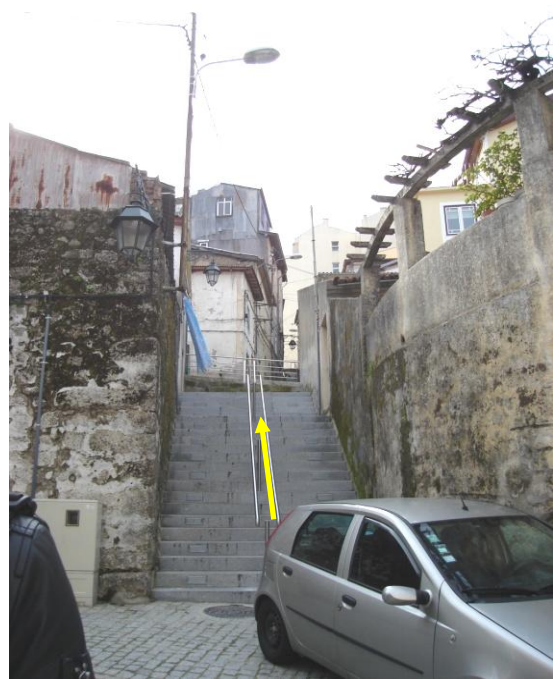


fig. 30 e 31, respectivamente - Largo da Alegria e Travessa da Alegria, com troços nos quais existem degraus e desníveis consideráveis para vencer, no antigo bairro judaico.

B. Castelo Branco

Enquanto que o núcleo urbano da cidade da Covilhã, se desenvolveu numa das vertentes da Serra da Estrela, Castelo Branco assenta numa pequena colina denominada de “*Alto do Cerro da Cardosa*”, com orientação visual para uma vasta planície (fig. 32 e 33). A morfologia do núcleo antigo da cidade, incluindo a sua antiga Judiaria, surgiu de uma forma geral, como consequência de sucessivas e diferentes épocas sob a aparência de cidade medieval. Inicialmente, a estruturação do tecido urbano terá tentado seguir a topografia natural da encosta em que se desenvolveu. De imediato, surgiu a necessidade de abrir percursos que, de alguma forma, contribuíram para encurtar distâncias entre o topo-base da colina, através de ruas perpendiculares às primeiras e ao declive natural do terreno, resultando assim, numa malha radiocêntrica, com ruas estreitas, íngremes, vencidas inclusive por escadas, cortadas e atravessadas estas, por sua vez, por outras ruas de menor extensão, aproximadamente circulares, dispostas a partir do centro (fig. 39).

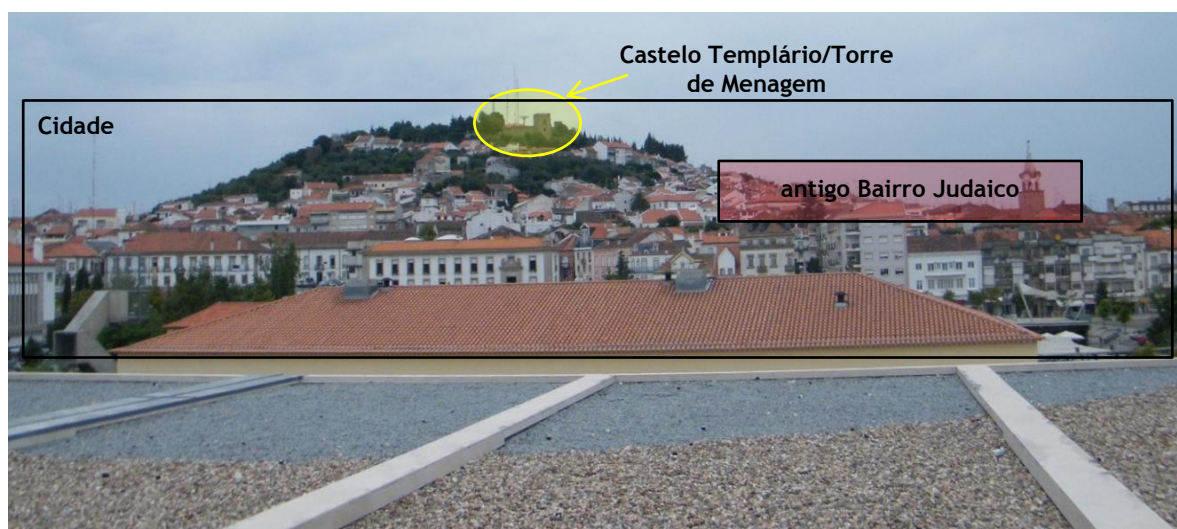


fig. 32 - Imagem geral da zona antiga da cidade de Castelo Branco, com a torre de menagem do castelo Templário, no topo da colina.



fig. 33 - Imagem de Castelo Branco, a partir da Torre de Menagem, sobre o vale.

Igualmente sobre a forma de um polígono irregular, a zona antiga intramuros orienta-se, segundo o seu eixo maior, de sul para norte (fig. 37). Do lado poente (oeste) observa-se aí a cota de 475.00m, enquanto nas zonas mais baixas da cidade, ficam a cerca de 405.00m. De um modo geral, a zona antiga desce abrupta em todas as direcções sobre o vale devido à sua malha radiocêntrica. Desta forma, a zona antiga e a antiga Judiaria são caracterizadas por uma topografia pouco favorável à implantação (fig. 34 e 35).



fig. 34 e 35, respectivamente - Rua Nova (zona antiga intramuros) e Rua d'Ega (antiga Judiaria).

Orientada para norte e no interior, em relação às muralhas medievais constituídas pelo polígono irregular que o espaço, ainda hoje conhecido da antiga Judiaria, se posiciona (fig. 36 e 37), não tendo por este motivo uma adequada exposição solar.

Na zona antiga intramuros, a diferença de cota entre o ponto mais elevado (475.00m) e o de menor cota (405.00m) é de: 70.00m. O núcleo da antiga Judiaria apresenta uma diferença entre cotas de cerca de 35.00m, em que, a cota mais elevada é de 440.00m e a mais baixa de 405.00m. Constata-se, então, que a zona antiga, no interior das muralhas, apresenta desvantagens e consideráveis desníveis, que tornam difícil a circulação (fig. 38 e 39).

Dada a existência de diferença de cotas significativas no antigo bairro judaico, as ruas de maior extensão posicionam-se perpendicularmente ao terreno, conseguindo-se desta forma vencer rapidamente o desnível existente.

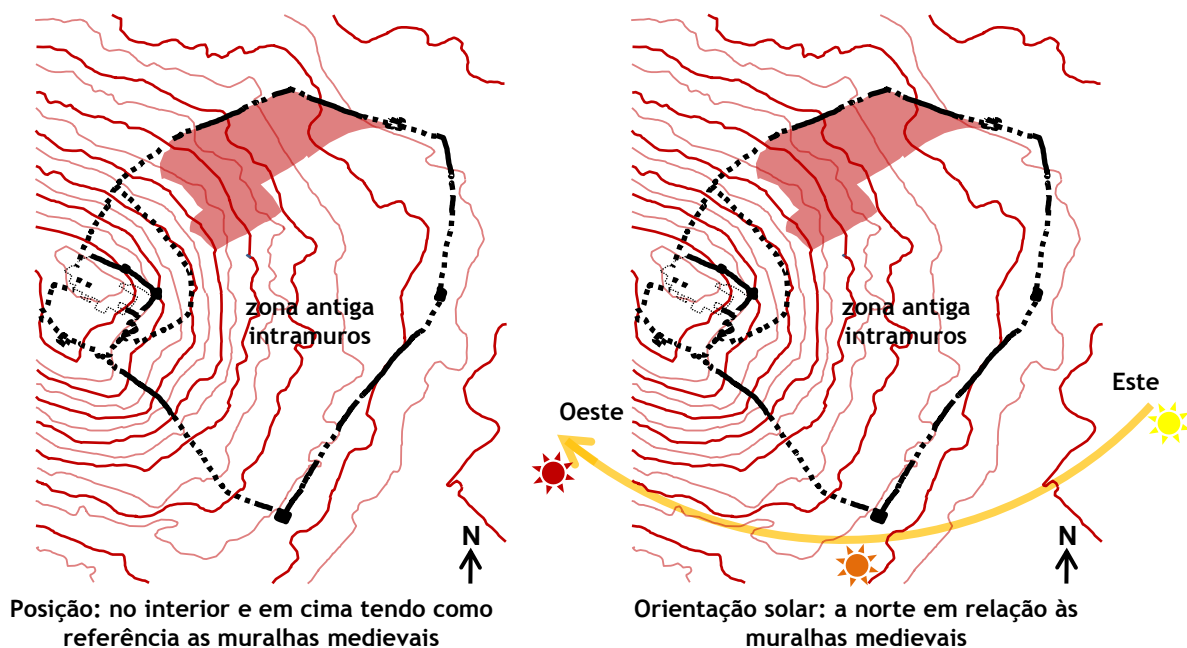


fig. 36 e 37, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico. Legenda: ■ localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Posição da antiga Judiaria relativamente à orientação solar e em função das muralhas medievais: norte.

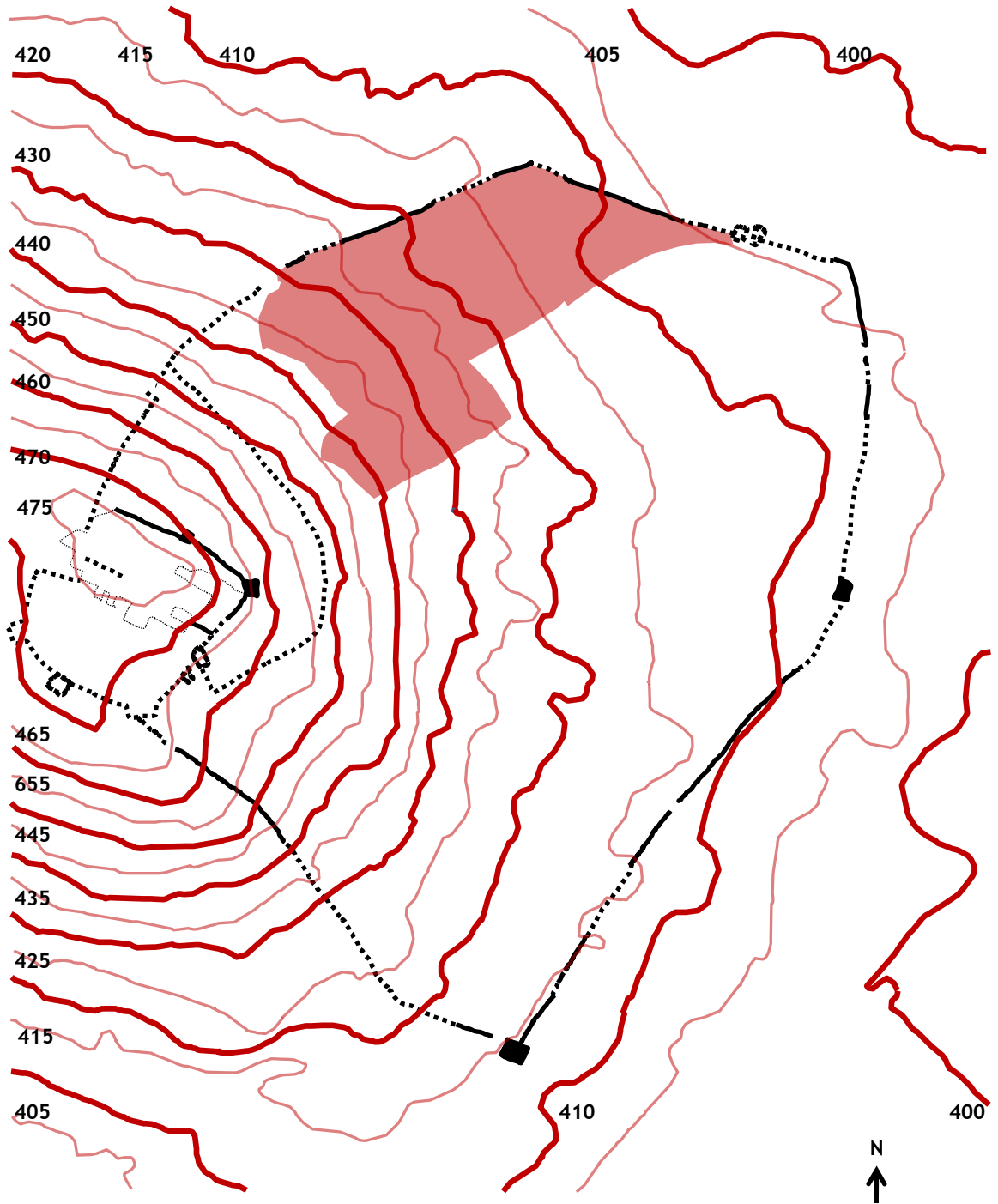


fig. 38 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade de Castelo Branco. Legenda: ■ localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas, — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Escala 1/3000.



fig. 39 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade de Castelo Branco. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Escala 1/3000.

Com esta particularidade, a Rua D'Ega e a Rua do Muro são pontualmente percorridos por escadas, no seu ponto de cota mais elevada, o que lhes confere, parcialmente, a exclusividade de circulação pedonal (fig. 42 e 43). Para além das ruas perpendiculares ao terreno, há ainda, um conjunto de ruas e travessas, que ligam as anteriores umas às outras, que acompanham de forma paralela o declive natural do terreno, tais como: a Travessa da Sobreira, a Rua do Caquelé, a Travessa Rua d'Ega, a Travessa do Jasmim, a Rua da Misericórdia, a Travessa Rua do Muro, a Travessa dos Oleiros e uma parte da Travessa da Rua Nova (fig. 44 e 45). Atendendo ao perfil, a zona antiga no interior das muralhas medievais, é caracterizada por desníveis bastante acentuados no topo da colina que se suavizam gradualmente até à sua base. A antiga Judiaria, acompanha igualmente esta tendência, apresentando um declive bastante acentuado (fig. 40 e 41).

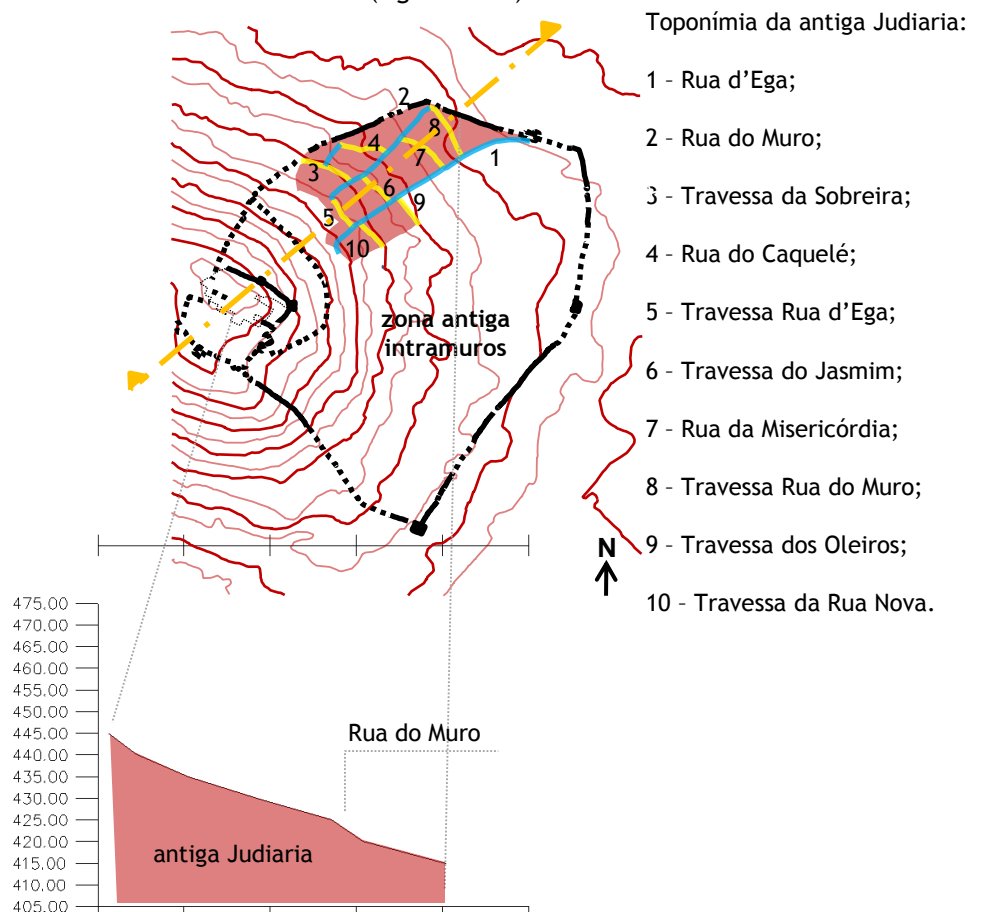


fig. 40 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares (—) e paralelas (—) ao declive natural do terreno; — localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. fig. 41 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido nordeste/sudeste, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes neste espaço.



fig. 42 e 43, respectivamente - Rua d'Ega e Rua do Muro, com troços nos quais existem degraus para vencer o considerável desnível, presente no antigo bairro judaico.



fig. 44 e 45, respectivamente - Travessa da Rua d'Ega e Travessa do Jasmim, cuja função se destina a fazer a ligação entre as ruas perpendiculares ao terreno, no antigo bairro judaico.

C. Guarda

Ao contrário das duas cidades anteriores - Covilhã e Castelo Branco o núcleo urbano antigo da cidade da Guarda desenvolveu-se num planalto oblongo, com orientação visual para a planície a norte da Serra da Estrela e é a cidade situada à cota mais alta (acima dos 1.000,00m), em Portugal (fig. 46 e 47). A zona antiga intramuros desenvolveu-se sob a aparência de cidade medieval e, de uma forma geral, apresenta uma malha ortogonal, com ruas estreitas e labirínticas. No entanto, a antiga Judiaria contrasta ligeiramente com a sua envolvente, ao apresentar uma estrutura irregular e descontínua (fig. 53).

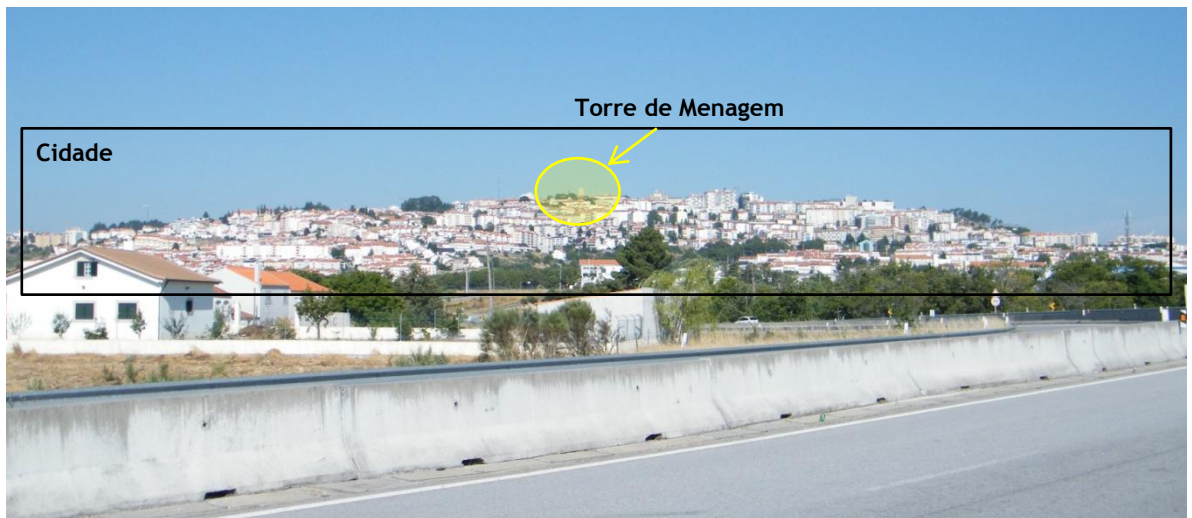


fig. 46 - Imagem geral da cidade da Guarda, no topo do planalto.



fig. 47 - Imagem da Guarda, a partir da Torre de Menagem, sobre a paisagem a norte da Serra da Estrela

A zona antiga intramuros desenvolveu-se sob a forma de um polígono irregular oblongo, e o seu eixo maior orientado no sentido sudoeste/nordeste (fig. 51). É exactamente do lado sudoeste que se encontra a cota mais elevada da zona antiga da cidade intramuros 1.055,00m, na qual se encontra a Torre de Menagem. A norte e poente (oeste), a encosta do planalto onde se desenvolveu a cidade é bastante íngreme, contrastando com a vertente oposta (sul e nascente), de maior suavidade. No entanto, os espaços da zona antiga intramuros e a antiga Judiaria, tendo em relação a envolvente, são caracterizados por uma topografia mais favorável à implantação e por uma boa exposição solar (fig. 48 e 49).



fig. 48 e 49, respectivamente - Rua D. Sancho I (zona antiga intramuros) e Rua do Amparo (antiga Judiaria).

A antiga Judiaria da Guarda desenvolveu-se a noroeste e no interior, em relação às muralhas medievais, constituídas pelo seu polígono irregular oblongo (fig. 50 e 51), tendo desta forma uma razoável exposição solar.

O núcleo da antiga Judiaria, de uma forma geral, encontra-se à mesma cota: 1.010,00m, são necessárias cotas intermédias para determinar os suaves desníveis, existentes. Assim sendo, o valor de cota mais elevado é de 1.012,00m e a mais baixa de 1.008,00m, resultando numa diferença entre cotas de cerca de 4.00m.

Dado que a diferença de cotas não é significativa no antigo bairro judaico, as ruas de maior extensão posicionam-se paralelamente ao terreno, conseguindo-se desta forma uma razoável adaptação à topografia existente. Já a zona antiga intramuros, no geral, tem como ponto mais elevado 1.055.00m e o de menor cota 1.010.00m, cuja diferença é de: 45.00m. Desta forma, a zona antiga e a antiga Judiaria, no interior das muralhas, apresentam desníveis suaves, que de alguma forma facilitam a circulação (fig. 52 e 53).

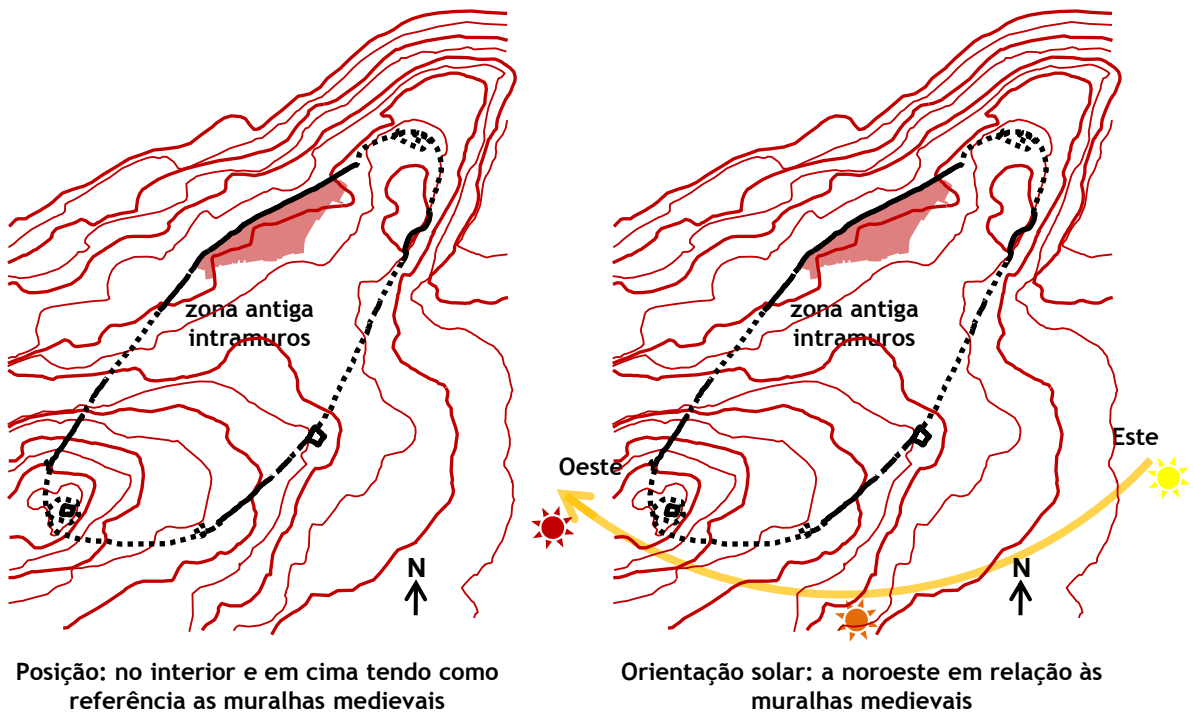


fig. 50 e 51, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico. Legenda: ■ localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e - - - - - muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Posição da antiga Judiaria relativamente à orientação solar e em função das muralhas medievais: noroeste.

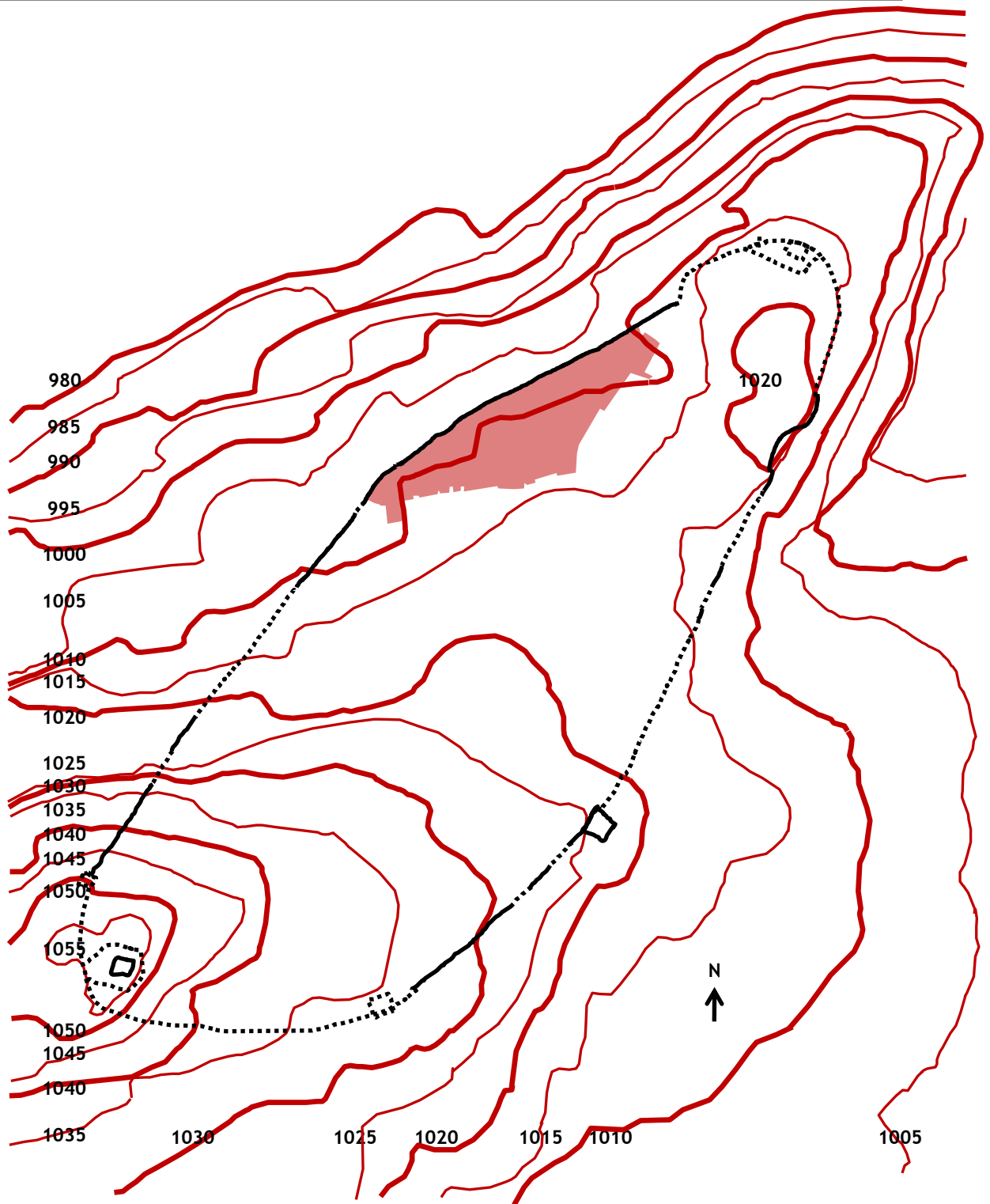


fig. 52 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade da Guarda.

Legenda: localização do antigo bairro judaico; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas, curva de nível mestra; curva de nível secundária. Escala 1/3000.



fig. 53 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade da Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Escala 1/3000.

Após observação das condições topográficas existentes na antiga Judiaria, as ruas que acompanham de forma mais harmoniosa e paralelamente o relevo natural do terreno são a Rua do Amparo (antiga Rua da Judiaria), a Rua da Trindade e a Travessa de S. Vicente (fig. 56 e 57). Apenas pequeníssimos troços, como a Travessa do Rato, um troço da Travessa de S. Vicente e da Rua do Amparo, se posicionam perpendicularmente ao declive natural do terreno, mas o desnível é bastante subtil (fig. 58 e 59).

Atendendo ao perfil, a zona antiga no interior das muralhas medievais é caracterizada por desníveis mais acentuados na zona mais elevada e que se suavizam gradualmente até à sua base (fig. 54 e 55).

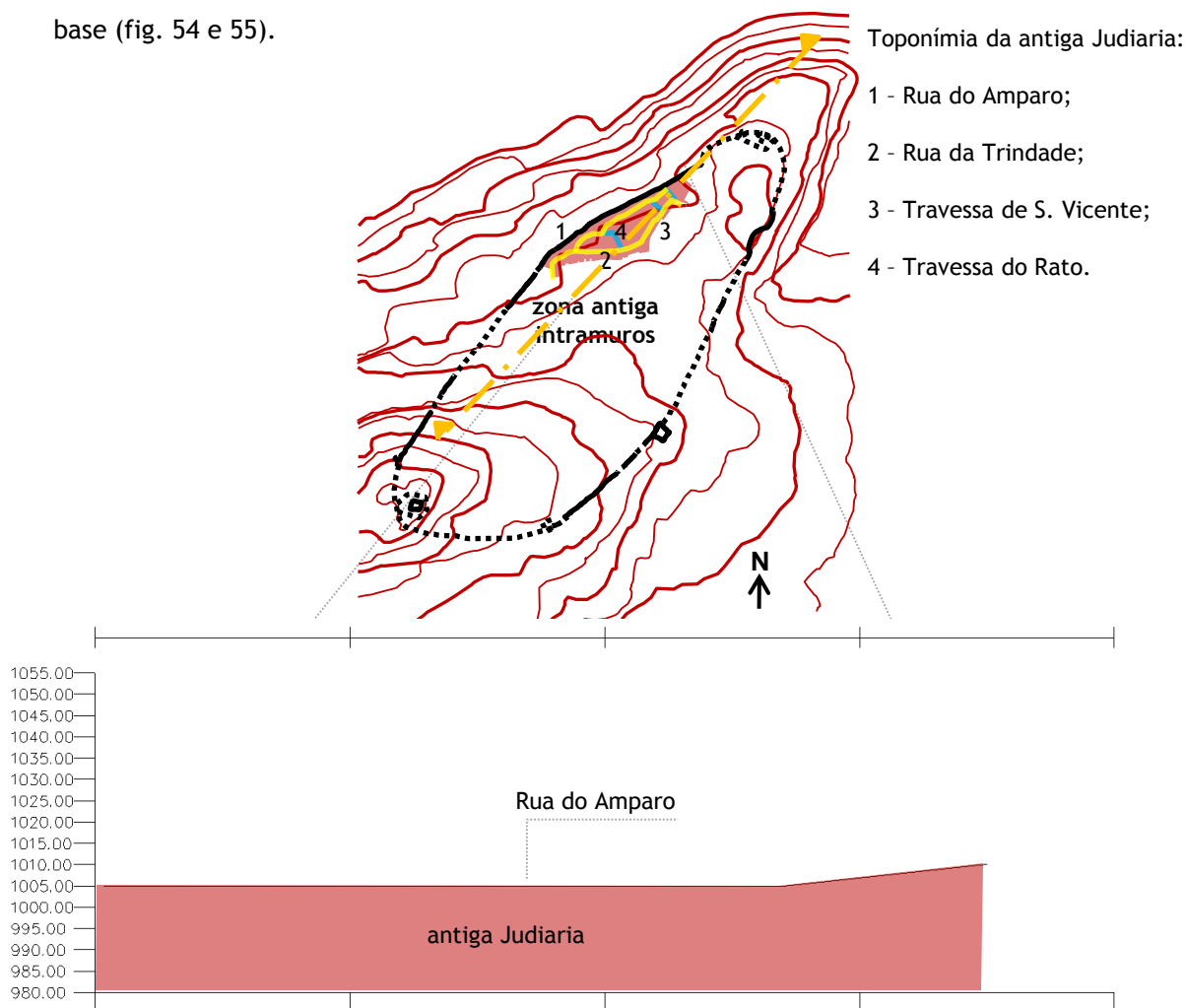


fig. 54 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares (—) e paralelas (—) ao declive natural do terreno; — localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e... muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. fig. 55 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria no sentido sudoeste/nordeste, onde são visíveis as diferenças significativas de cota existentes na antiga Judiaria.



fig. 56 e 57, respectivamente - Travessa do Rato e Rua da Trindade, com troços suaves, presente no antigo bairro judaico.



fig. 58 e 59, respectivamente - Rua do Amparo, com troços ligeiramente mais inclinados, presente no antigo bairro judaico.

D. Trancoso

Á semelhança da cidade da Guarda, Trancoso situa-se num vasto planalto, acima dos 850.00m de altitude. O planalto constitui um prolongamento orientado para nordeste, do qual também se avista um extenso vale (fig. 60 e 61). A par com a cidade da Guarda, Trancoso pertence geograficamente à Beira Alta, muito próxima da linha de fronteira, na Beira Interior. A zona antiga no interior das muralhas desenvolveu-se inicialmente em redor do castelo medieval, apresentando, desta forma, um traçado tendencialmente radiocêntrico, com ruas estreitas, tortuosas e íngremes, algumas delas vencidas por escadas. O núcleo urbano que se desenvolveu posteriormente adoptou uma malha ortogonal, onde as ruas, embora estreitas, apresentam uma imagem mais rectilínea (fig. 68).



fig. 60 - Imagem geral sobre a cidade de Trancoso, no topo do planalto.



fig. 61 - Imagem de Trancoso, a partir da Torre de Menagem, sobre o vale.



fig. 62 - Imagem geral das muralhas e castelo de Trancoso, no topo do planalto.

A zona antiga intramuros desenvolveu-se sob a forma de um polígono irregular, e o seu eixo maior orienta-se no sentido sudoeste/nordeste (fig. 66). É do lado nordeste, onde se localiza o castelo medieval com a sua Torre de Menagem, que a cota mais elevada se encontra: 875,00m. É a nascente e a norte, que a encosta do planalto onde se desenvolveu a cidade, desce abrupta, contrastando com as vertentes opostas (sul e poente), que apresenta uma maior suavidade. De uma forma geral, não fossem as ruas estreitas, os espaços da zona antiga intramuros e a antiga Judiaria, são caracterizados por uma topografia favorável à implantação e por uma boa exposição solar (fig. 63 e 64).



fig. 63 e 64, respectivamente - Rua dos Cavaleiros (zona antiga intramuros) e Rua da Alegria (Judiaria).

A antiga Judiaria de Trancoso, desenvolveu-se a nascente e no interior, em relação às muralhas medievais, constituídas pelo seu polígono irregular (fig. 65 e 66), tendo desta forma uma razoável exposição solar.

Na zona antiga intramuros, a diferença de cota, entre o ponto mais elevado (875.00m) e o de menor cota (850.00m) é de: 25.00m. No núcleo da antiga Judiaria, a diferença entre cotas é de cerca de 12.00m, em que, a cota mais elevada é de 867.00m e a mais baixa de 855.00m. Consta-se que a antiga Judiaria, dada a sua proximidade com o castelo, apresenta desníveis mais acentuados, ao comparar-se com a zona antiga, no interior das muralhas (fig. 67 e 68).

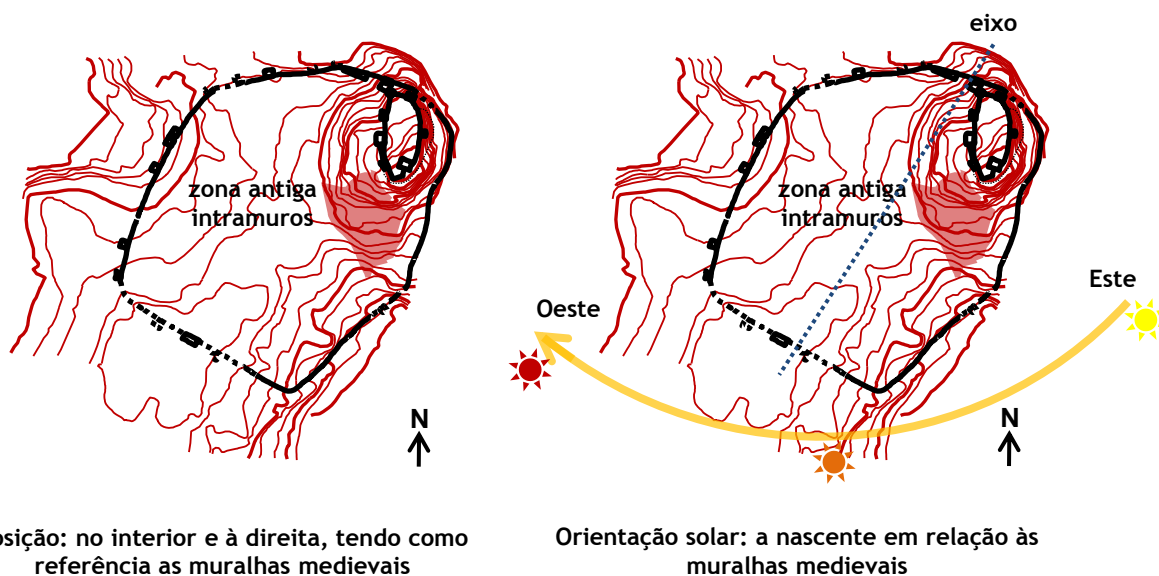


fig. 65 e 66, respectivamente - Imagem do polígono irregular das muralhas medievais sobre levantamento topográfico. Legenda: ■ localização do antigo bairro judaico; muralhas medievais existentes e muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Posição da Judiaria relativamente à orientação solar e em função das muralhas medievais: norte.

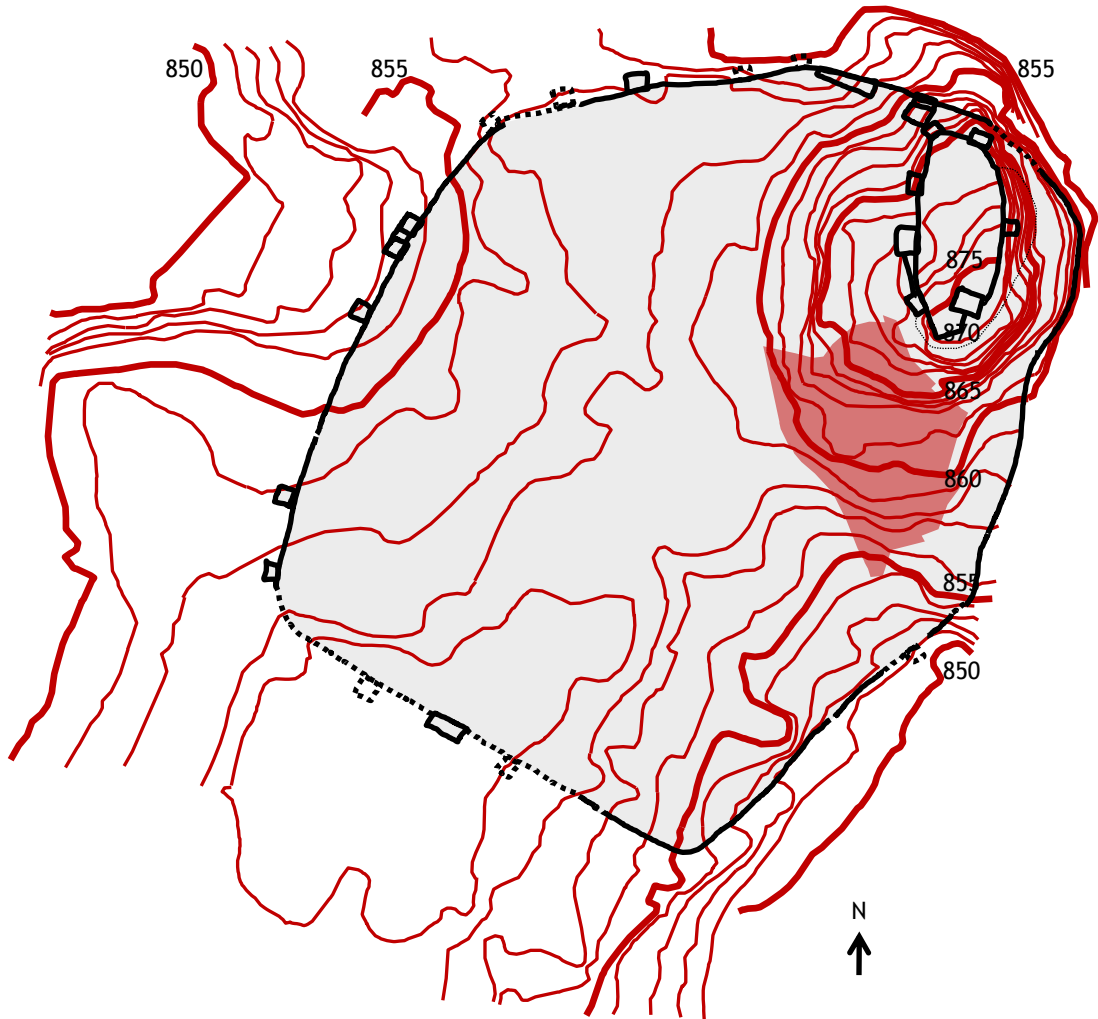


fig. 67 - Imagem da posição da antiga Judiaria sobre mapa com a topografia da cidade de Trancoso.

Legenda: ■ localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas, — curva de nível mestra; — curva de nível secundária. Escala 1/3000.



fig. 68 - Imagem com as “superimposições” do espaço público/privado e levantamento topográfico da cidade de Trancoso. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; igreja/capela; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas; curva de nível mestra; curva de nível secundária. Escala 1/3000.

A antiga Judiaria, pela sua posição, é constituída por ruas que se desenvolvem paralelamente ao relevo natural do terreno, nomeadamente a Rua da Alegria (marcada a amarelo no esquema em baixo). Por ser uma rua hierarquicamente mais relevante, outras confluem para esta posicionando-se perpendicularmente ao terreno (fig. 69 e 70). Constituídas, inclusive, uma ou outra por degraus, possibilitam, desta forma, vencer mais rapidamente o suave desnível entre ruas (fig. 74).

Atendendo ao perfil, a zona antiga no interior das muralhas medievais é caracterizada por uma situação muito favorável à implantação, por ser, de uma forma geral, de nível. A antiga Judiaria, por sua vez, embora os desníveis não sejam muito acentuados (fig. 71, 72 e 73), regista uma pendente no sentido sul/norte.

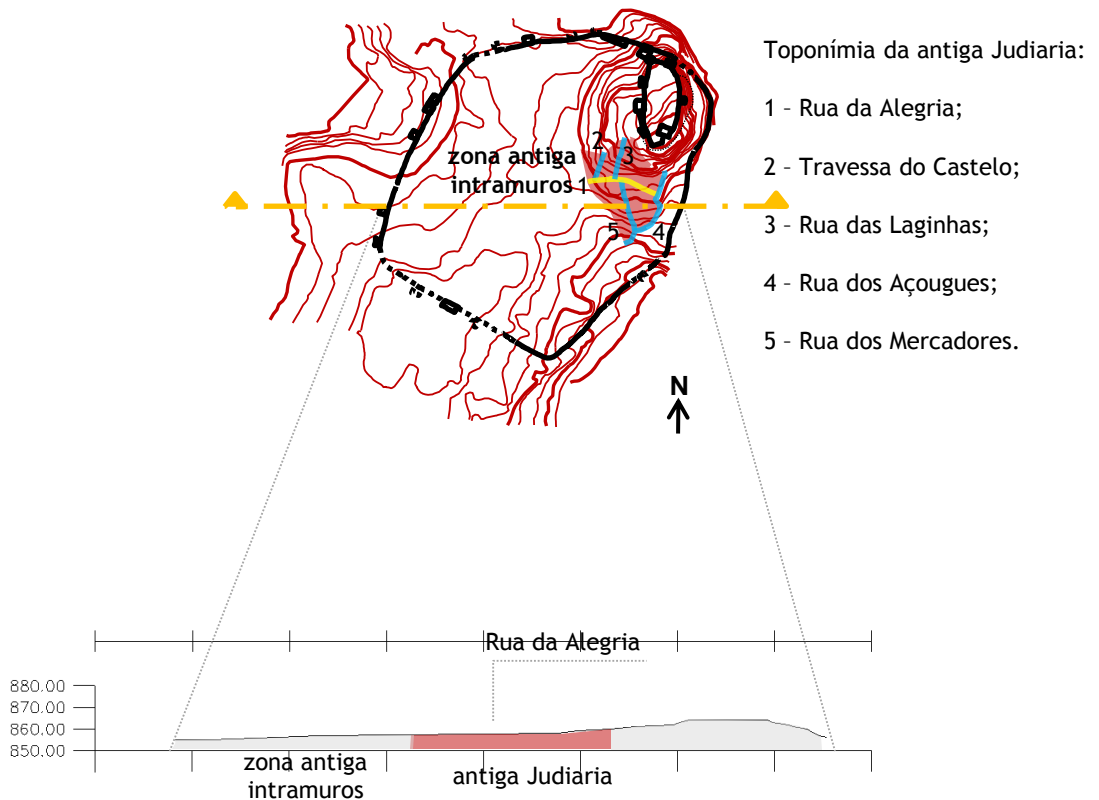


fig. 69 - Imagem das ruas interiores da antiga Judiaria que se encontram perpendiculares (—) e paralelas (—) ao declive natural do terreno; — localização do antigo bairro judaico; — muralhas medievais existentes e muralhas medievais destruídas; — curva de nível mestra; — curva de nível secundária.

fig. 70 - Perfil da zona antiga intramuros e da antiga Judiaria, no sentido sudoeste/nordeste, onde são observadas as diferenças de cota existentes na antiga Judiaria.



fig. 71 e 72, respectivamente - Rua dos Açougues e Rua dos Mercadores, com troços suaves, presente no antigo bairro judaico.



fig. 73 e 74, respectivamente - Rua do Castelo e Rua das Laginhas, com troços ligeiramente mais inclinados, presente no antigo bairro judaico.

2. Relação da antiga Judiaria com a cidade

A. Covilhã

Existe, fisicamente uma proximidade muito forte entre a antiga Judiaria e o espaço público da cidade da Covilhã, nomeadamente a Praça do Município, comércio e serviços e o centro do poder, como o edifício da Câmara Municipal. Encontra-se, igualmente, próxima da Igreja da Misericórdia, e não tão imediato, mas relativamente acessível da Igreja de S. Tiago e Capela de São João (fig. 77 e 79).

Por ser um núcleo central, trata-se igualmente de um ponto para o qual e do qual, confluem e divergem vários acessos. Após observação, constata-se que a antiga Judiaria está intrinsecamente envolvida por este conjunto de ligações ou percursos (fig. 75, 76, 77 e 78). Em tempos, a antiga Judiaria estava, igualmente, conectada com uma das entradas na muralha medieval - “*Porta da Vila*” (entretanto desaparecida), onde hoje se localiza o edifício da Câmara Municipal.

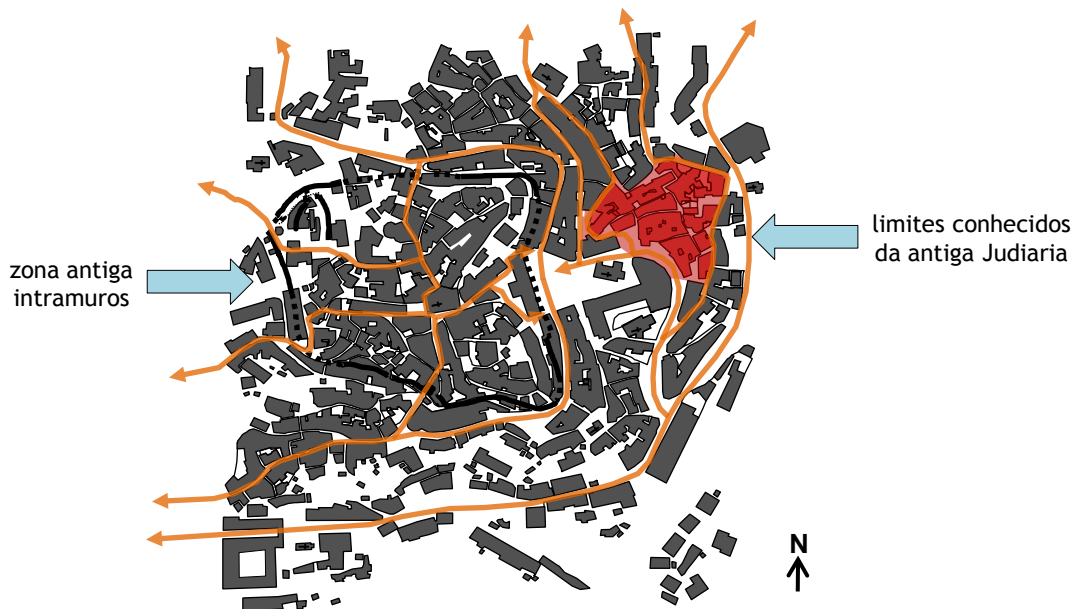


fig. 75 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.

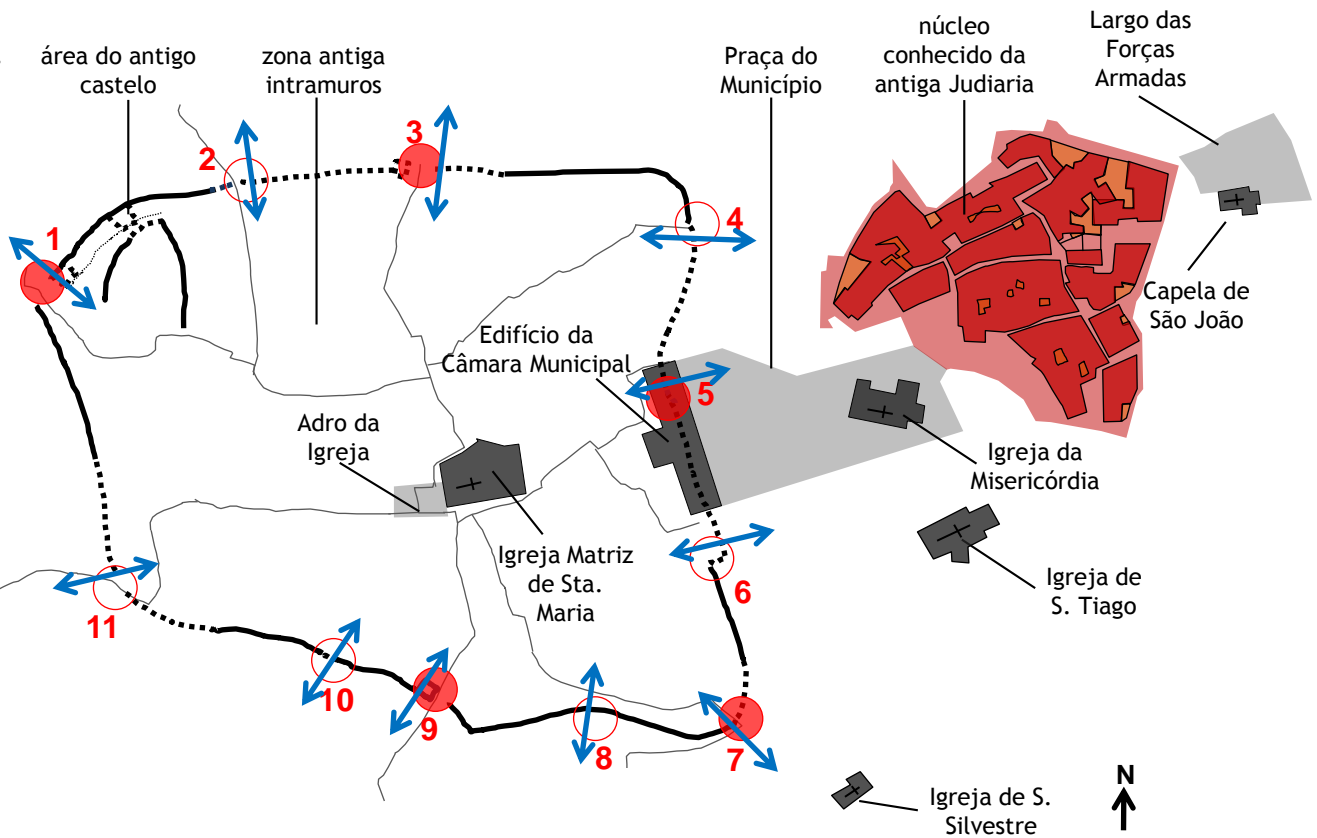


fig. 76 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade da Covilhã, com a indicação das muralhas — medievais existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.

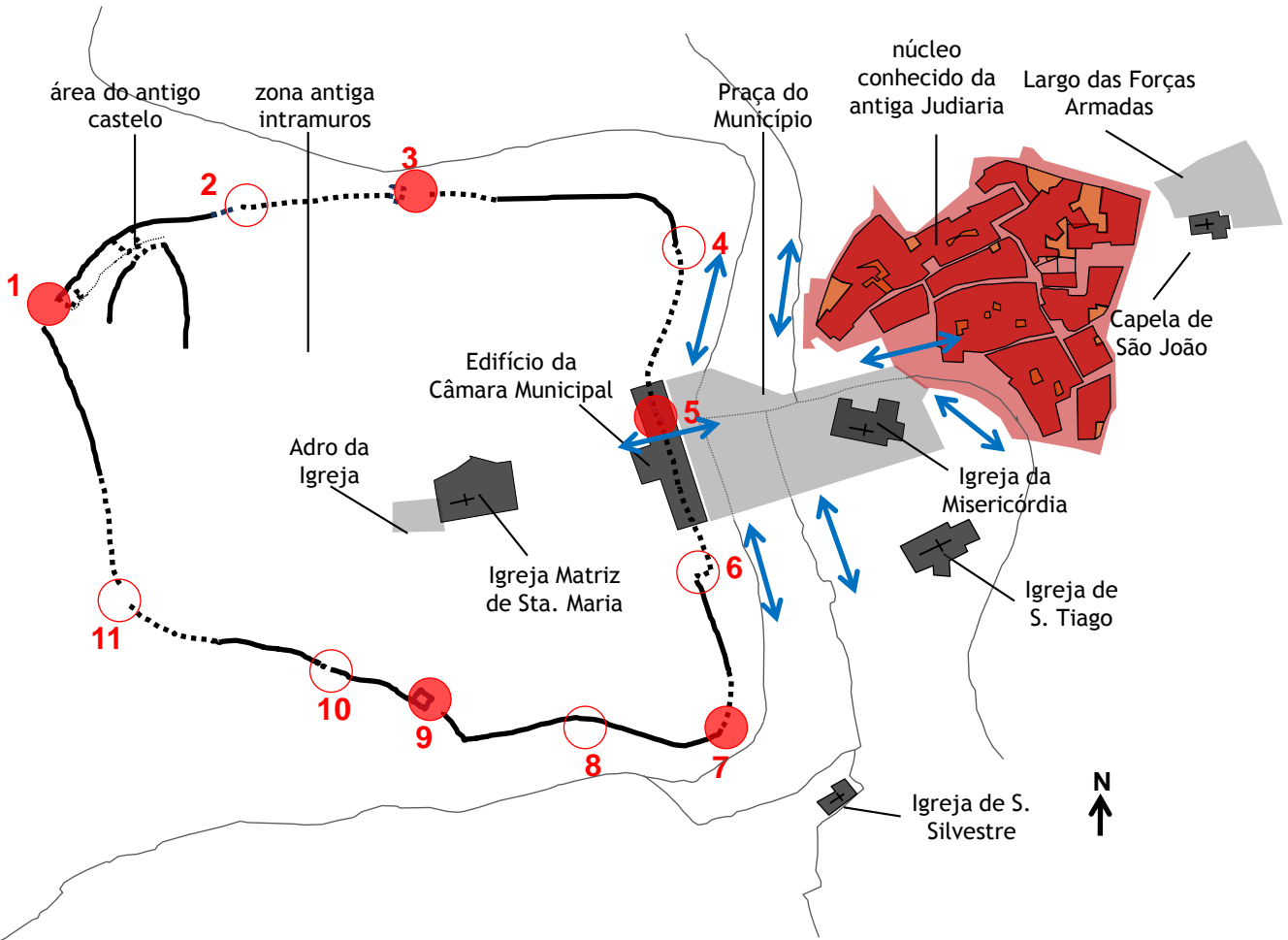


fig. 77 - Imagem dos principais acessos à Praça do Município na cidade da Covilhã, com a indicação das muralhas — medievais existentes e - - - - destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.

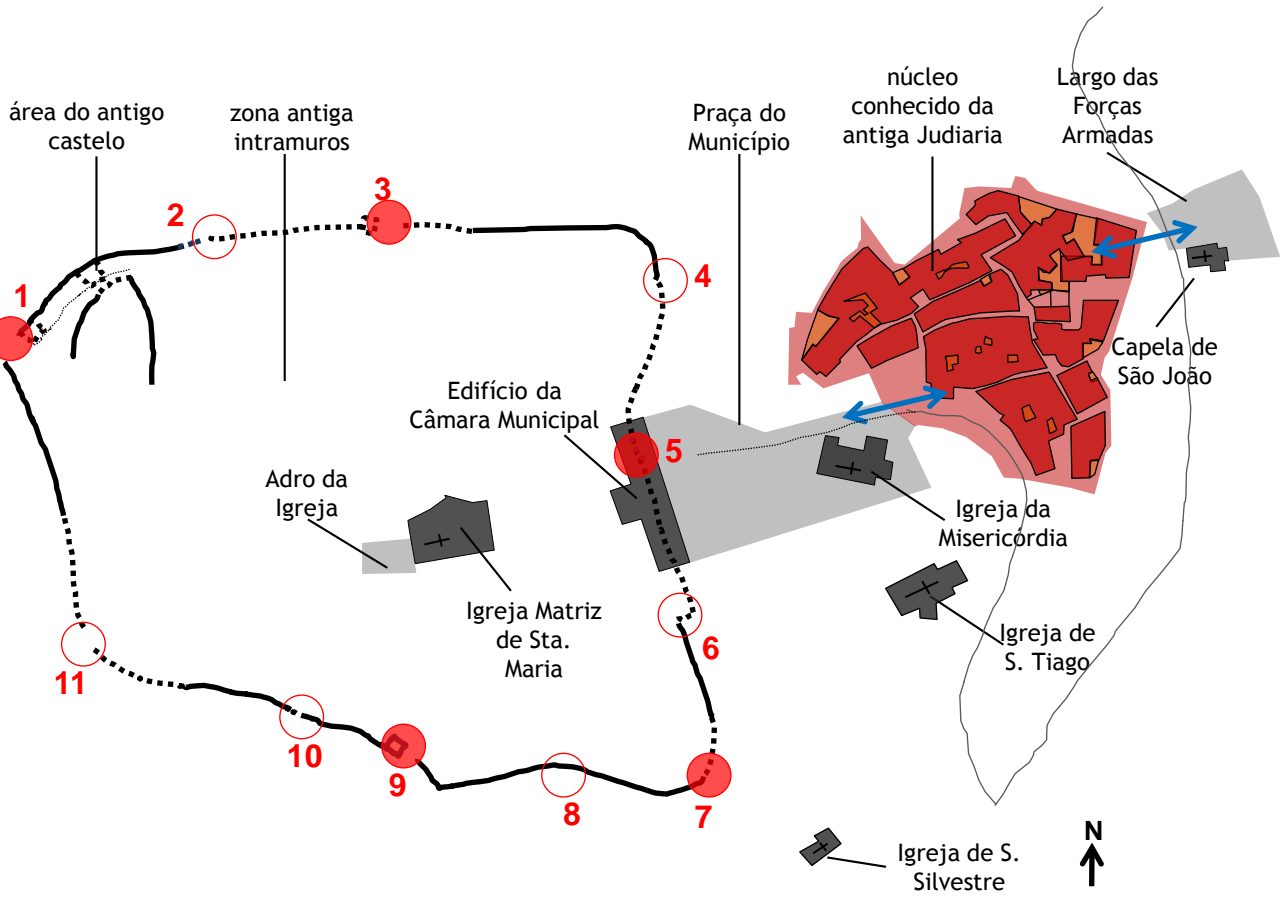


fig. 78 - Imagem dos acessos entre a Praça do Município e o Largo das Forças Armadas, com a antiga Judiaria numa posição intermédia, com a indicação das muralhas — medievais..... existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.

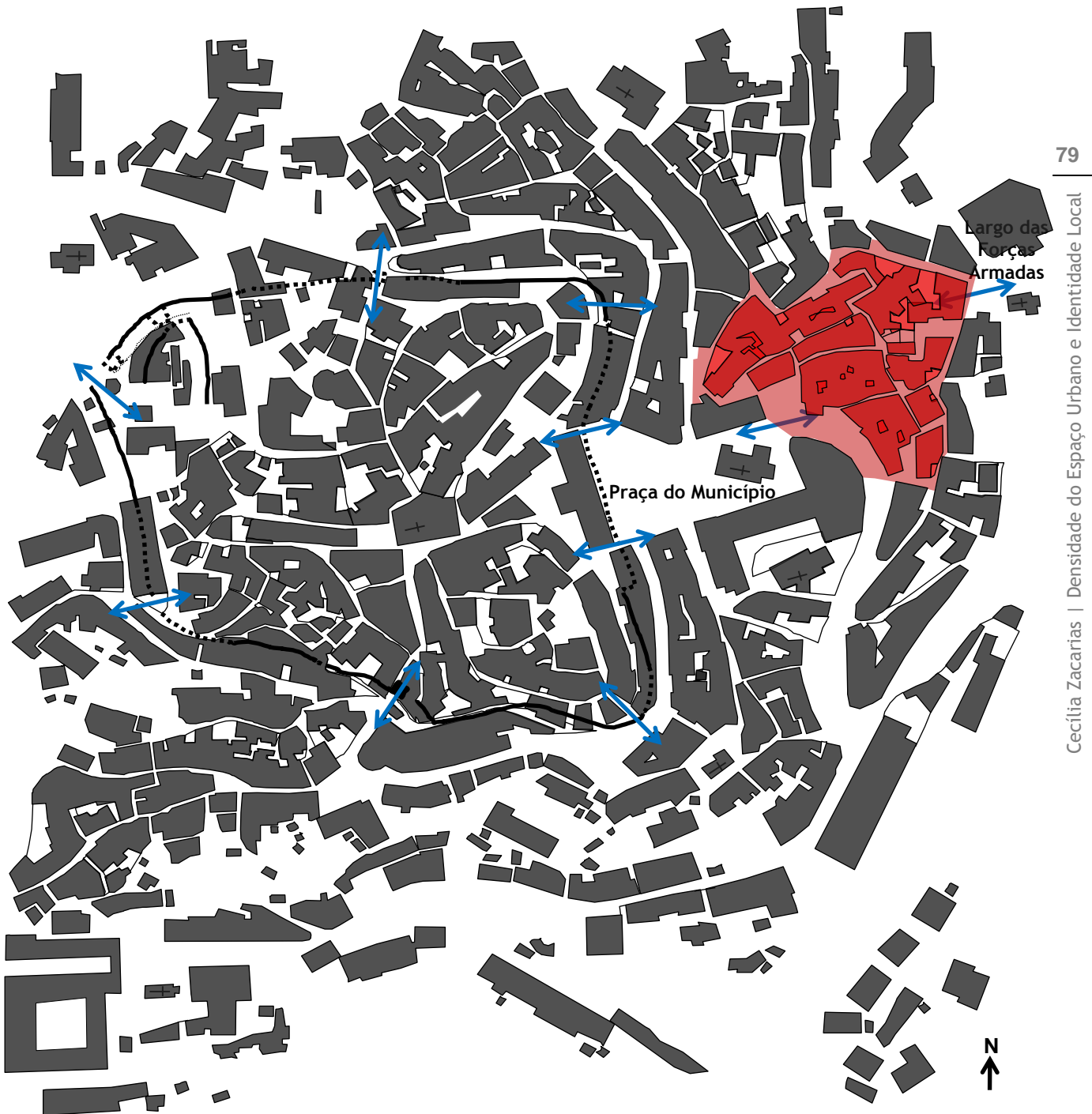


fig. 79 - Imagem da área central da cidade da Covilhã, com os acessos entre a zona antiga intramuros, a Praça do Município e o Largo das Forças Armadas, com a antiga Judiaria numa posição intermédia, indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.

B. Castelo Branco

Enquanto o bairro da antiga Judiaria da Covilhã se encontra no exterior, a antiga Judiaria de Castelo Branco encontra-se no interior e encostada às muralhas medievais, orientada para norte. A comunicação para o exterior era realizada através de duas portas localizadas nas muralhas, denominadas de “*Porta da Vila*” e “*Porta de Santiago*”, entretanto desaparecidas (pág. 81). Estas duas entradas faziam parte integrante de importantes eixos de comunicação de e para a zona antiga intramuros e dos quais o bairro judaico medieval beneficiava. Actualmente, estes percursos são ainda dominantes na estrutura urbana da zona antiga (fig. 80 e 82).

Em oposição à localização privilegiada da antiga Judiaria da Covilhã, em Castelo Branco, o antigo bairro judaico não se encontra próximo do centro do poder, nem tão pouco das zonas de comércio e serviços. Encontra-se, contudo, próximo da Igreja de Sto António (antiga Misericórdia) já no exterior das muralhas, e nas imediações do Museu e Jardim do Paço, da Sé e do Largo de São João (que no período medieval era o local de realização do mercado de carne, com talhos e comercialização de animais vivos). Neste mesmo largo existia a capela de São João, entretanto desaparecida (fig. 81).



fig. 80 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.

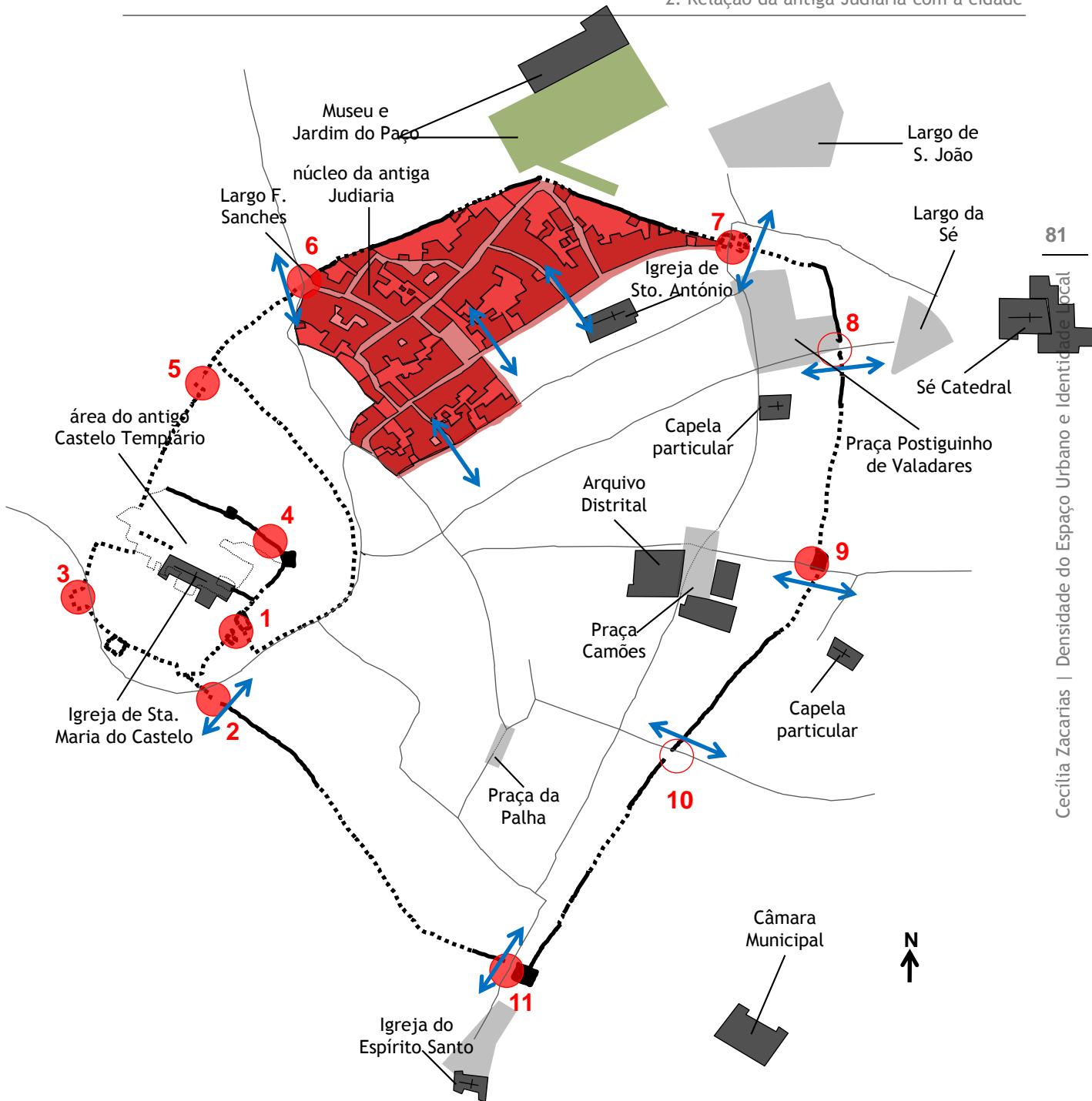


fig. 81 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade de Castelo Branco e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga, com a indicação das muralhas medievais

— existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Post8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.



fig. 82 - Imagem da área central da cidade de Castelo Branco, com os acessos ao interior das muralhas medievais e indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.

C. Guarda

À semelhança da antiga Judiaria de Castelo Branco, também a da Guarda, se encontra no interior e encostada às muralhas medievais, orientada para noroeste. O acesso, de e para o exterior, é possível sobretudo pela “*Porta d’El-Rei*” (ainda existente), fazendo esta, parte integrante de um conjunto de eixos de circulação e distribuição na zona antiga intramuros. Aliás, a antiga Judiaria está contida entre dois percursos hierarquicamente mais relevantes, um no sentido nascente/poente e outro sul/norte (fig. 83 e 84).

Actualmente, o bairro da antiga Judiaria não se encontra próximo do centro de poder, nem tão pouco de áreas muito comerciais ou de serviços, apenas de um edifício religioso, conhecido como Igreja de S. Vicente e do largo com o mesmo nome (fig. 85).

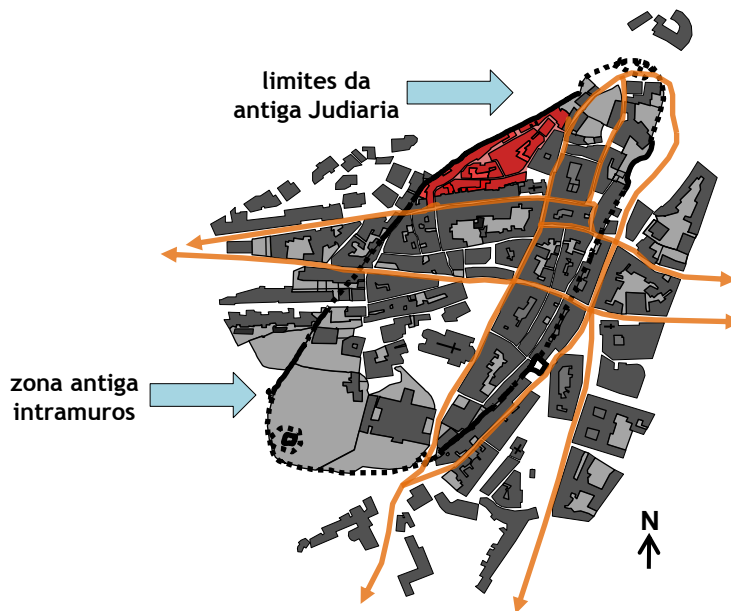


fig. 83 - Imagem da zona antiga da cidade com os limites da área da antiga Judiaria.

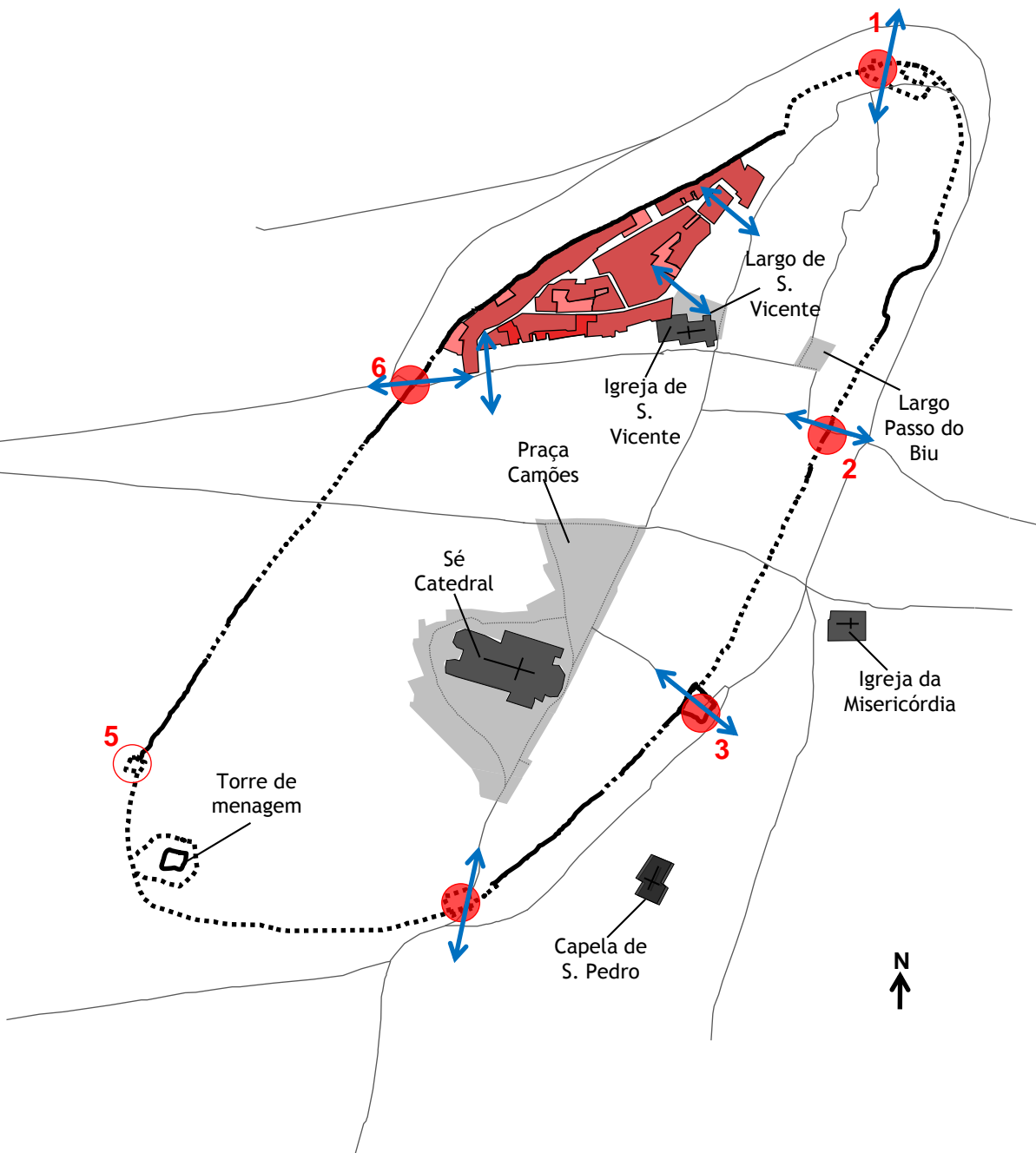


fig. 84 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade da Guarda e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El-Rei; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.



fig. 85 - Imagem da área central da cidade da Guarda, com os acessos ao interior das muralhas medievais e indicação das muralhas medievais — existentes e - - - - - destruídas; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.

D. Trancoso

A par dos dois últimos antigos bairros judaicos, também o de Trancoso se encontra no interior e praticamente encostado às muralhas medievais, servido por duas entradas/saídas - “*Porta Olhinho do Sol*” e “*Porta de São João*” (esta entretanto desaparecida), ambas orientadas a nascente, bem como a antiga Judiaria (pág. 88).

Em comum, tem, igualmente, a particularidade de se encontrar afastada do centro de poder e das zonas comerciais e de serviços mais relevantes. Na proximidade da antiga Judiaria, e no interior, podem observar-se três edifícios religiosos bastante significativos: Igreja de Santa Maria de Guimarães, de São Pedro e da Misericórdia (fig. 87). Já no exterior, a Capela do Senhor da Calçada (de menor dimensão).

Como ponto comum às anteriores três antigas Judiarias, é o facto de se encontrar próxima dos principais acessos de e para o interior da zona antiga, limitada pelas muralhas (fig. 86 e 87).

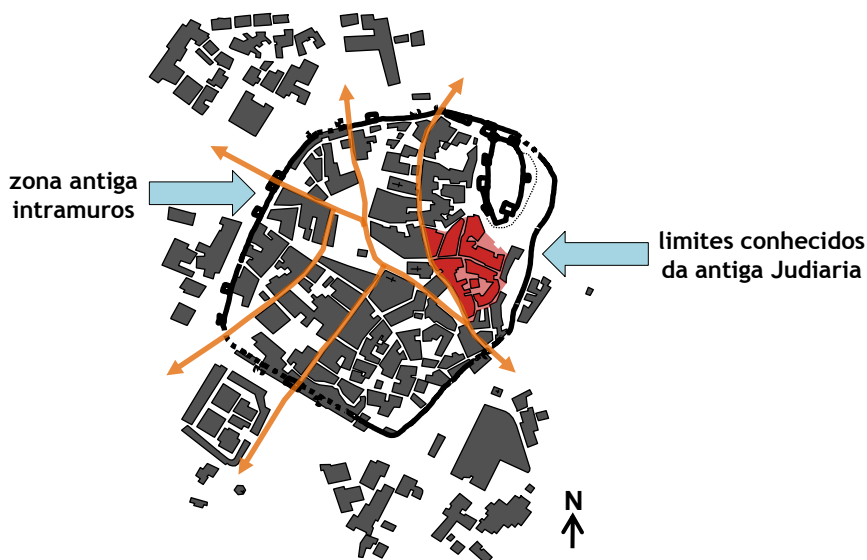


fig. 86 - Imagem da zona antiga da cidade com a área conhecida da antiga Judiaria.

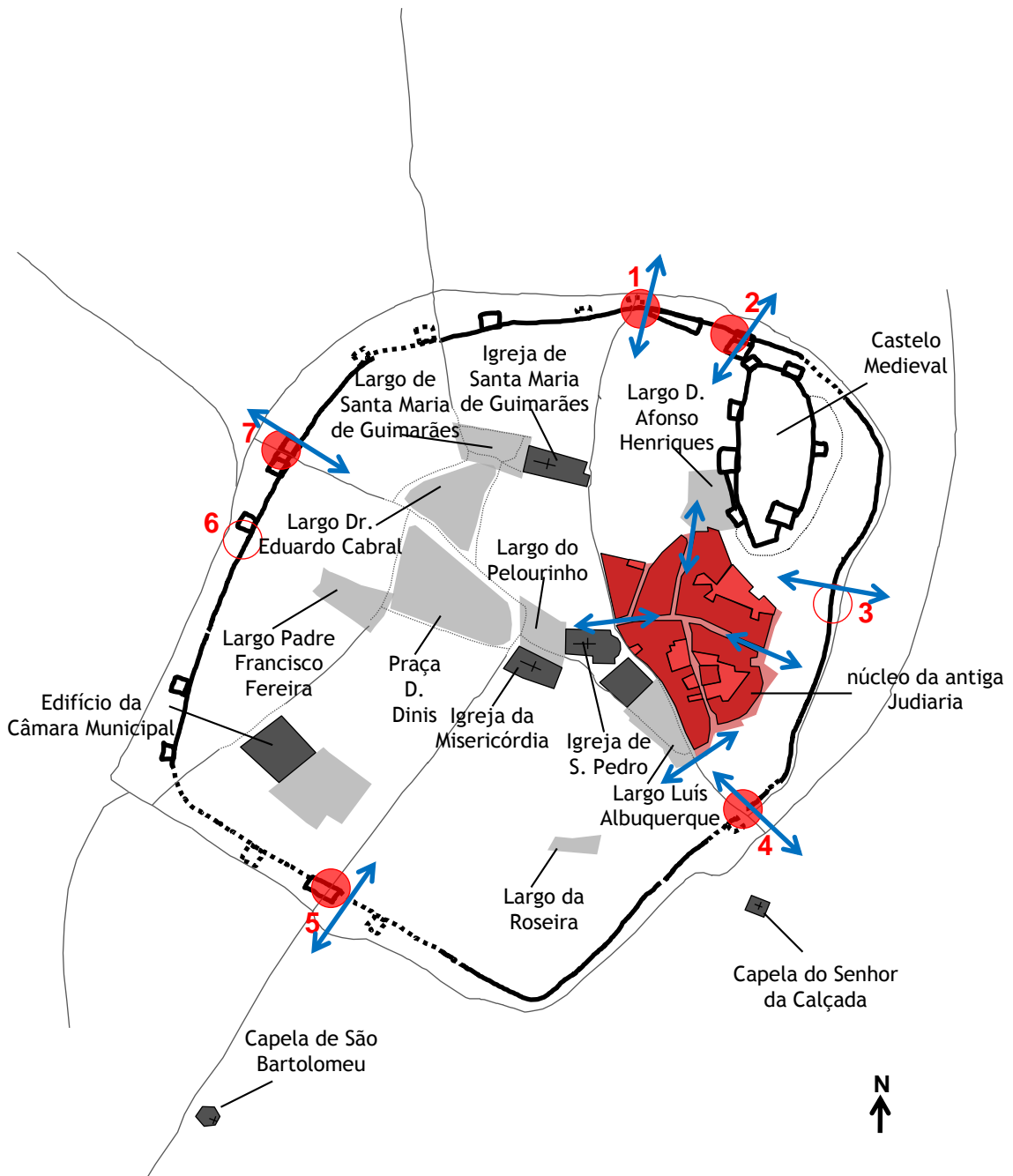


fig. 87 - Imagem dos acessos ao interior das muralhas medievais na cidade de Trancoso e a comunicação entre a antiga Judiaria e a zona antiga, com a indicação das muralhas medievais — existentes e - - - - - destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d’El-Rei; 6.Postigo do Boeirinho; 7.Porta do Prado; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo). Escala 1/3000.



fig. 88 - Imagem da área central da cidade de Trancoso, com os acessos ao interior das muralhas medievais e com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/3000.

3. Síntese conclusiva

Posição da antiga Judiaria na cidade. A antiga Judiaria da Covilhã tem a particularidade de se localizar no exterior das muralhas medievais, pelo menos, os seus limites conhecidos. As antigas Judiarias de Castelo Branco, Guarda e Trancoso mantêm-se, contudo, no interior do perímetro amuralhado (fig. 89, 90, 93 e 94).

Orientação solar. A posição da antiga Judiaria na cidade, em relação às muralhas medievais, é a nascente, nas cidades da Covilhã e Trancoso, a norte na cidade de Castelo Branco e a noroeste na Guarda (fig. 89, 90, 93 e 94).

Relação da antiga Judiaria com a cidade. Como ponto comum e dominante é o facto de os quatro núcleos antigos das Judiarias - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, se encontrarem posicionadas próximas e beneficiarem de percursos dominantes no tecido urbano da zona antiga, no interior das muralhas. Outra característica em comum das antigas Judiarias analisadas reside no facto de, actualmente, se encontrarem afastadas do centro de poder e das zonas de comércio e serviços, excepção feita para o antigo bairro judaico da Covilhã, pois encontra-se próximo das áreas atrás referidas (fig. 99, 100, 103 e 104).

Condições morfológicas. As ruas estritamente interiores e de maior extensão no bairro judaico medieval são as que acompanham paralelamente a topografia natural do terreno. Essa situação constata-se em três antigas Judiarias - Covilhã, Guarda e Trancoso, à excepção de Castelo Branco, muito devido às características em que a cidade se desenvolveu. Caracterizadas por vertentes abruptas, total ou parcialmente, na medida em que o seu núcleo antigo assenta num sítio de pendentes muito acentuadas (Covilhã), ou numa elevação saliente do conjunto (Castelo Branco), ou num retalho de planalto, casos da Guarda e de Trancoso (fig. 91, 92, 95 e 96). Se a pendente é muito acentuada, não existe planície de sopé ou esta está limitada, a cidade permanece na encosta, casos da Guarda e Covilhã.

Função original das cidades. As quatro cidades desempenharam em comum a função de defesa/militar por se encontrarem relativamente próximas da linha de fronteira terrestre. Desta forma, o sítio em que assentaram correspondeu directamente às exigências da função, apresentando total ou parcialmente, ainda, retalhos de pano de muralha medieval (fig. 97, 98, 101 e 102).

Foi neste sítio e nesta posição (cujas características, vantagens e inconvenientes rapidamente se examinou) que surgiram as cidades e, nelas, as suas antigas Judiarias. O sítio tem como vantagem a defesa natural e uma boa exposição solar, no entanto, o sítio é caracterizado por consideráveis desníveis que dificultaram a circulação.

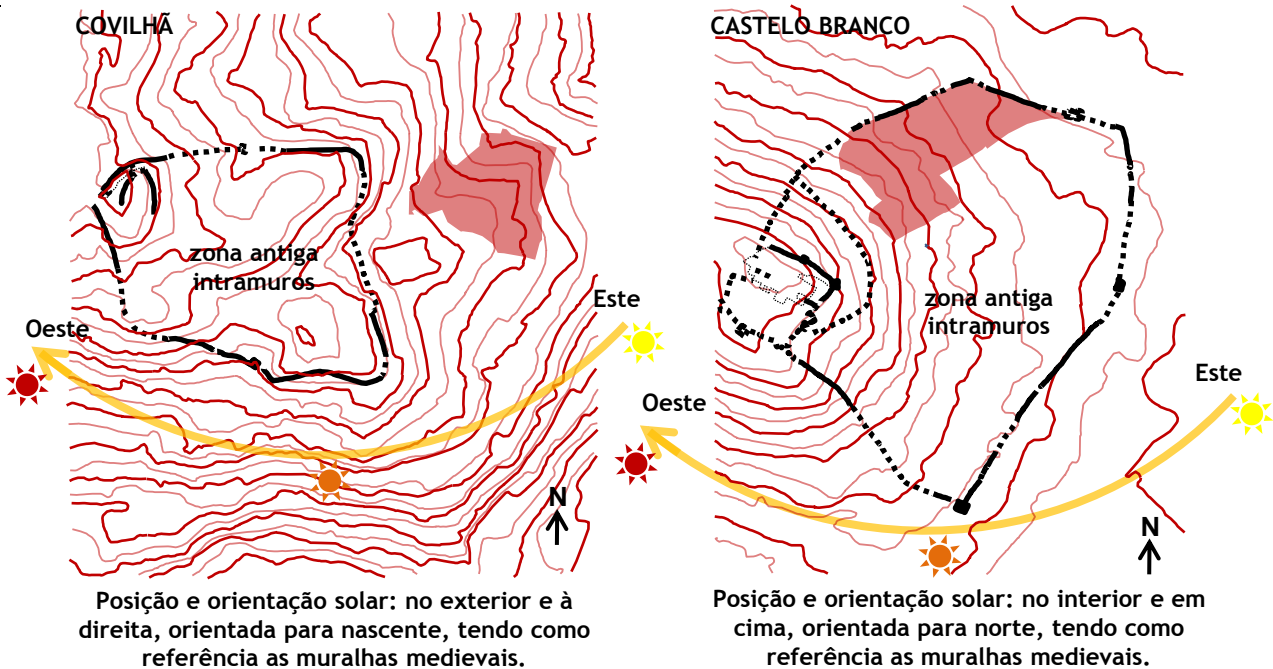


fig. 89 e 90, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco

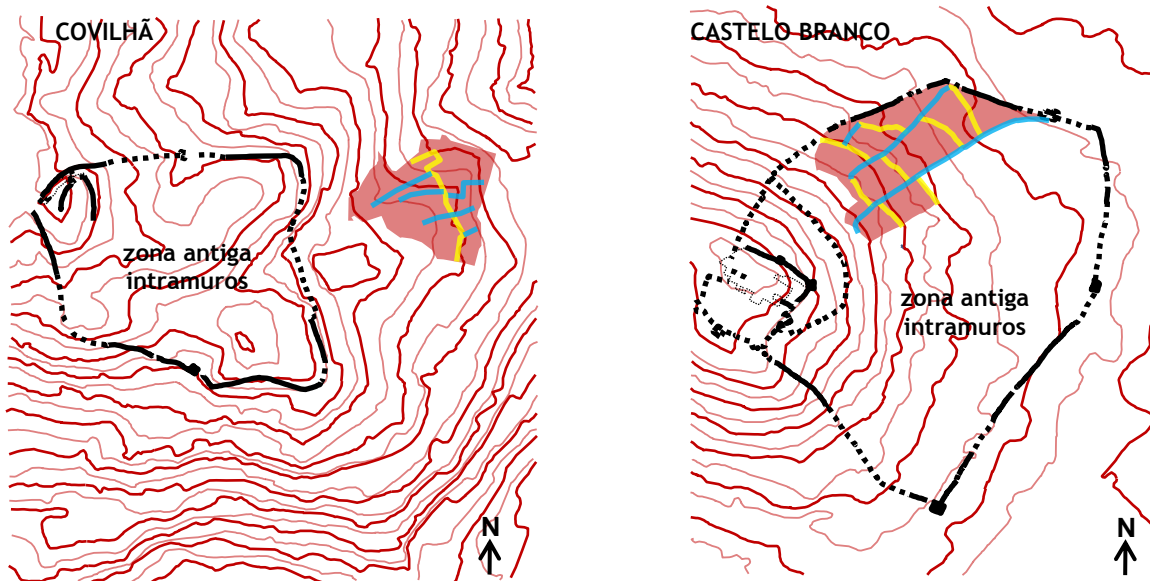
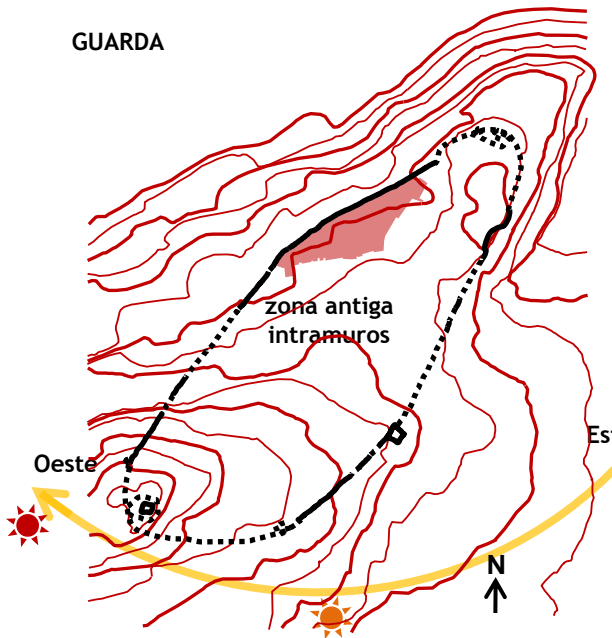


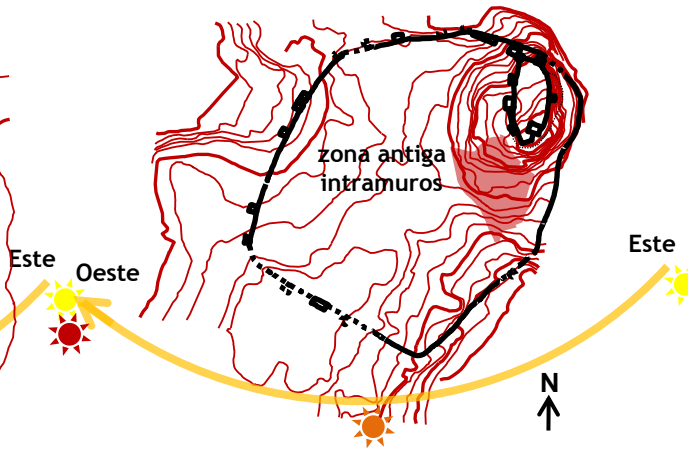
fig. 91 e 92, respectivamente - Morfologia do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul) ao declive natural do terreno.

GUARDA



Posição e orientação solar: no interior e em cima, orientada para noroeste, tendo como referência as muralhas medievais.

TRANCOSO



Posição e orientação solar: no interior e à direita, orientada para nascente, tendo como referência as muralhas medievais.

fig. 93 e 94, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Guarda e Trancoso.

GUARDA

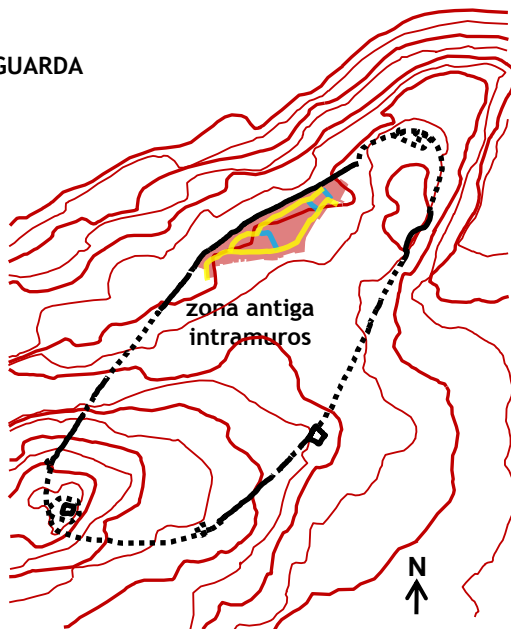
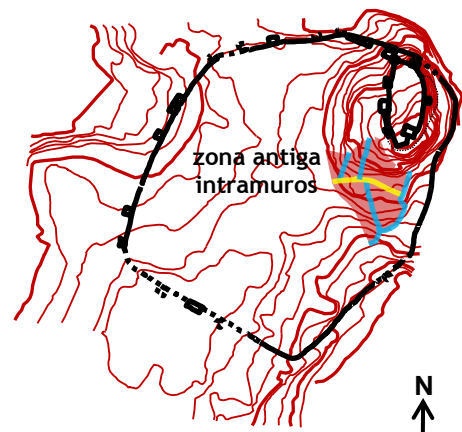


fig. 95 e 96, respectivamente - Morfologia do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul) ao declive natural do terreno.

TRANCOSO



COVILHÃ



CASTELO BRANCO

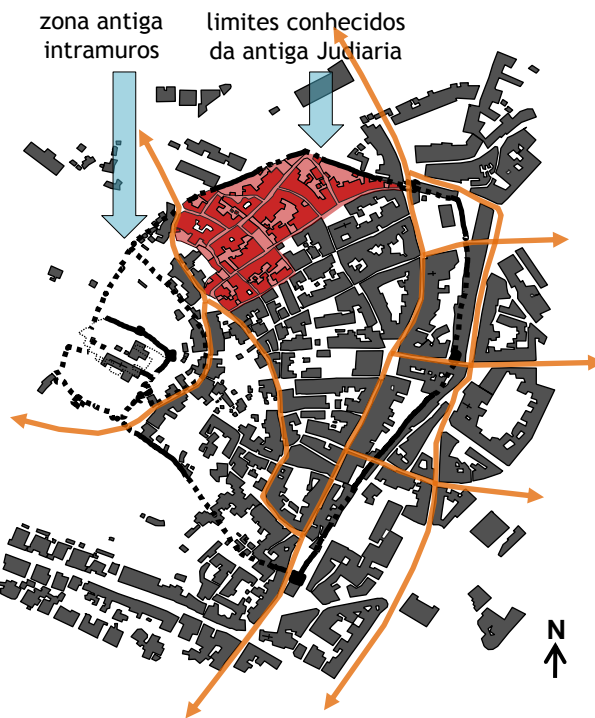
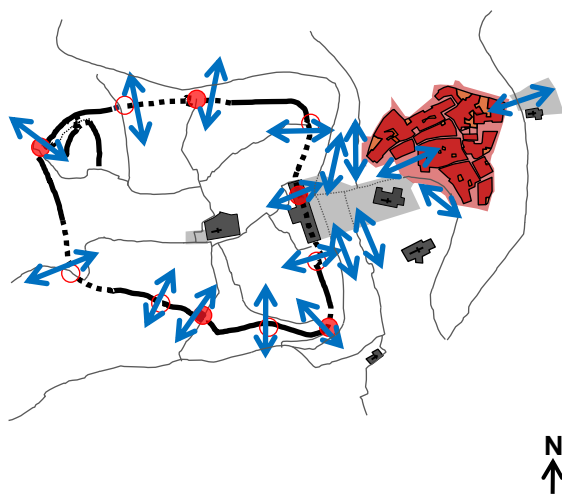


fig. 97 e 98, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Covilhã e Castelo Branco.

COVILHÃ



CASTELO BRANCO

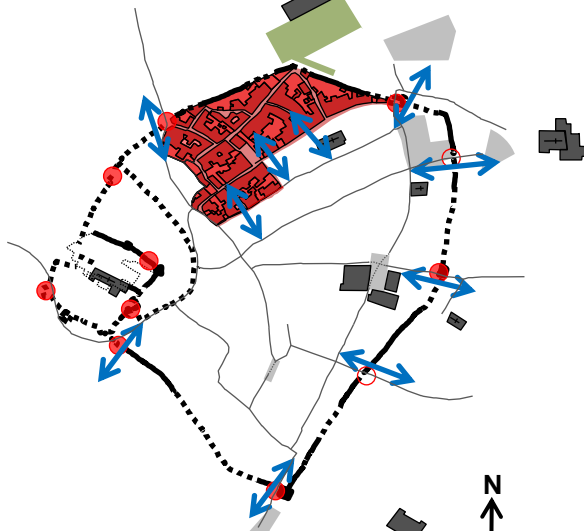
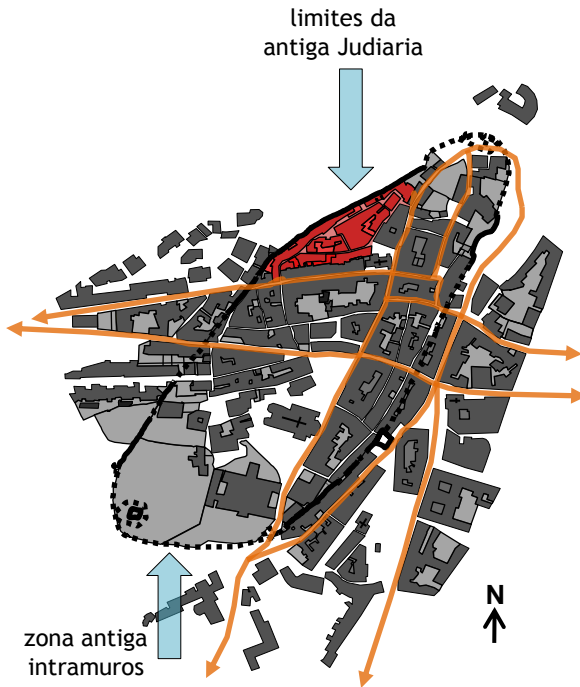


fig. 99 e 100, respectivamente - Esquematisação dos principais acessos à zona antiga da cidade e comunicação desta com a antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco.

GUARDA

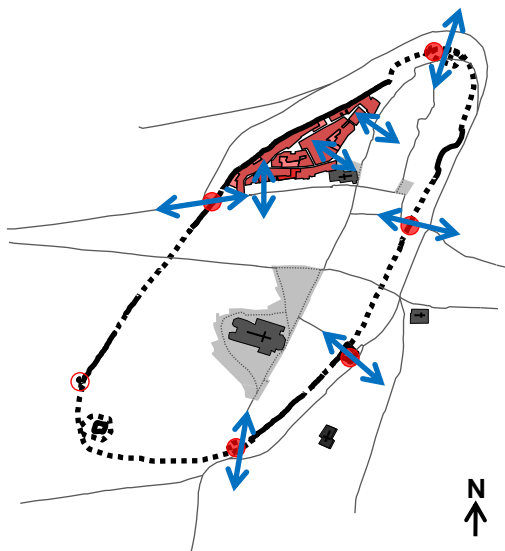


TRANCOSO



fig. 101 e 102, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Guarda e Trancoso.

GUARDA



TRANCOSO

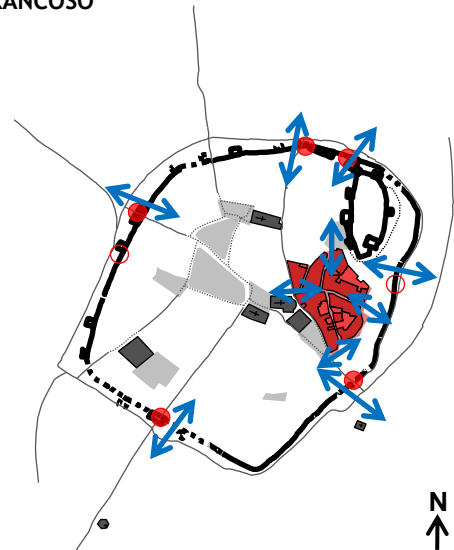


fig. 103 e 104, respectivamente - Esquematização dos principais acessos à zona antiga da cidade e comunicação desta com a antiga Judiaria da Guarda e Trancoso.



Capítulo 3 | Metodologia para o estudo da densidade do espaço urbano

1. Desenvolvimento do método

A metodologia de investigação adoptada tem por base a interpretação, a percepção visual da forma e estrutura do espaço público urbano da cidade. Para a sua concretização, aplicar-se-á o método de trabalho, que foi desenvolvido a partir do método proposto por Jacek Dominiczak³⁹, que tem defendido que é possível conhecer, a identidade de um determinado espaço (Identidade Local), através da construção de um protótipo - grelha (fig. 105 e 106). Jacek Dominiczak argumenta que, a deformação é, o meio de identidade e que, a percepção da deformação se baseia no reconhecimento e percepção dos protótipos para determinar os espaços urbanos. O mesmo afirma que a sustentabilidade de uma cidade depende de um código, pelo qual, a sociedade administra o seu ambiente urbano, de acordo com a tradição local que, é parte da cultura. No entanto, o método foi adaptado para o caso particular do estudo da densidade do espaço urbano.



fig. 105 e 106, respectivamente - Identificação da forma urbana na área central de Fremantle, por Jacek Dominiczak.

³⁹ DOMINICZAK, Jacek in “Local Identity Code for Central Fremantle. Source and Design Code” by Jacek Dominiczak and Monika Zawadzka in cooperation with Agnieszka Kiera, for The City of Fremantle. 2007-2008.

Para além do método ser aplicado numa outra perspectiva e numa outra área de conhecimento - a densidade do espaço urbano será ainda enriquecido pelo facto de, todas as decisões de como interpretar os factos, a informação, a leitura das imagens, surge através da experiência e percepção visual, resultante do facto de se conhecer o sítio e da imagem mental que se forma e retém sobre a cidade. Fenomenologicamente, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores, porque, numa primeira abordagem, as imagens são percebidas globalmente, no entanto, "cada observador selecciona, organiza e dá significado ao que observa"⁴⁰, e isso, permite perceber formas que, de facto, não estão completamente definidas⁴¹ (fig. 107), dando, desta forma, um contributo para o desenvolvimento do método utilizado.



fig. 107 - Imagem: a) Rostos x Taça; imagem b) Jovem x Velha e imagem c) Saxofonista x Mulher - Teoria da Gestalt. A Teoria da Gestalt, está ligada à percepção humana das formas. As leis ou princípios da Gestalt são estudos sobre o comportamento natural do cérebro no processo de percepção.

A percepção como método e análise leva a reunir novos dados e leva a encontrar informação, passível de ser usada nos estudos comparativos, tais como:

- a) espaço urbano;
- b) densidade urbana;
- c) dimensão urbana (quarteirões e rua).

⁴⁰ LYNCH, Kevin. "A Imagem da Cidade", Coleção Arte & Comunicação, Edições 70, pp. 16.

⁴¹ ARNHEIM, Rudolf "Art and Visual Perception - A psychology of the creative eye", 50th anniversary printing.

O trabalho, a análise, a interpretação e a metodologia a aplicar nos estudos de caso incidem apenas sobre o espaço público urbano e organizam-se do seguinte modo:

1.1 - Observação directa do espaço urbano, com registo fotográfico

Pretende-se, através da observação do “sítio”, com o levantamento fotográfico, com a recolha de mapas e pesquisa de fontes bibliográficas, reunir um conjunto de dados suficientes e fundamentais para o desenvolvimento do estudo científico. Esta pesquisa tornou-se decisiva e fundamental na construção de uma interpretação e percepção do espaço público urbano.

1.2 - Conhecer a imagem forte do espaço urbano

Numa análise mais profunda e com recurso à geometria procura-se a imagem forte, a(s) sua(s) linha(s) forte(s) - baseada na teoria da Gestalt que, no fundo se trata de reconhecer, perceptualmente, como importante(s), entre outras linhas. Procura-se igualmente, a organização visual da forma e a simplificação da leitura sobre a imagem, de forma a torná-la inteligível. Com esta primeira fase de análise e interpretação da forma e linhas fortes, estão reunidas as condições, com base na geometria, para a construção do protótipo (fig. 108).

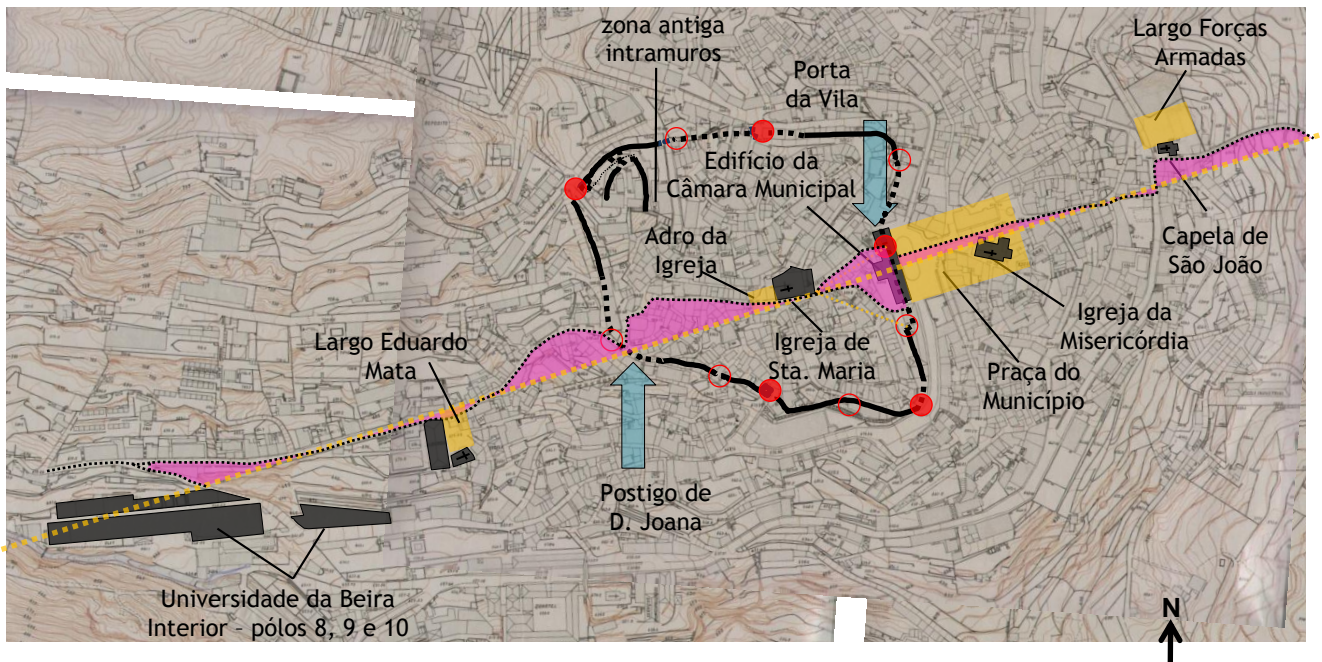


fig. 108 - Imagem da área central da Covilhã - séc. XX, décadas de 50/60, com a indicação das muralhas medievais — existentes e - - - - - , destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - - - eixo orientador da linha de força. Fonte: mapa gentilmente cedido de colecção privada.

1.3 - Análise e interpretação do espaço público

O espaço público será, o objecto de estudo principal para a construção do protótipo. Enquanto objecto de estudo, não trata apenas a rua ou apenas o seu eixo viário, mas toda forma do interior urbano, até ao limite entre o público e o privado (fig. 109, 110 e 111).

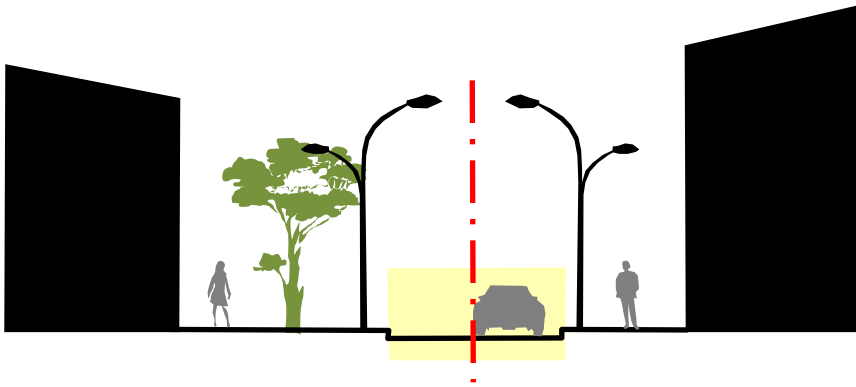


fig. 109 - Interpretação do espaço público tendo apenas em atenção a linha central da rua (imagem gráfica do autor).

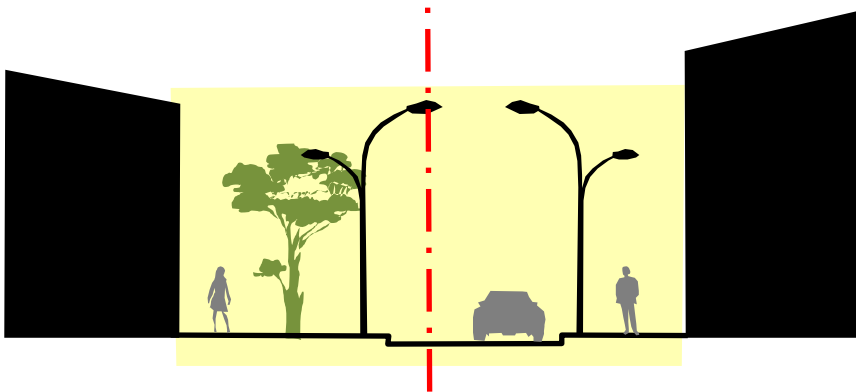


fig. 110 - Interpretação do espaço público, tendo em consideração toda a forma do interior urbano e, não apenas o eixo viário da rua (segundo o método de Jacek Dominiczak; imagem gráfica do autor).

O processo de identificação da linha central do espaço público e, não apenas pelo eixo viário da rua, passa pela marcação de linhas perpendiculares entre edifícios, entre mudanças de direcção, entre pontos de intersecção ou atravessamento com outro espaço público, as quais indicam o afastamento entre objectos, logo, a linha central do espaço público (fig. 112).

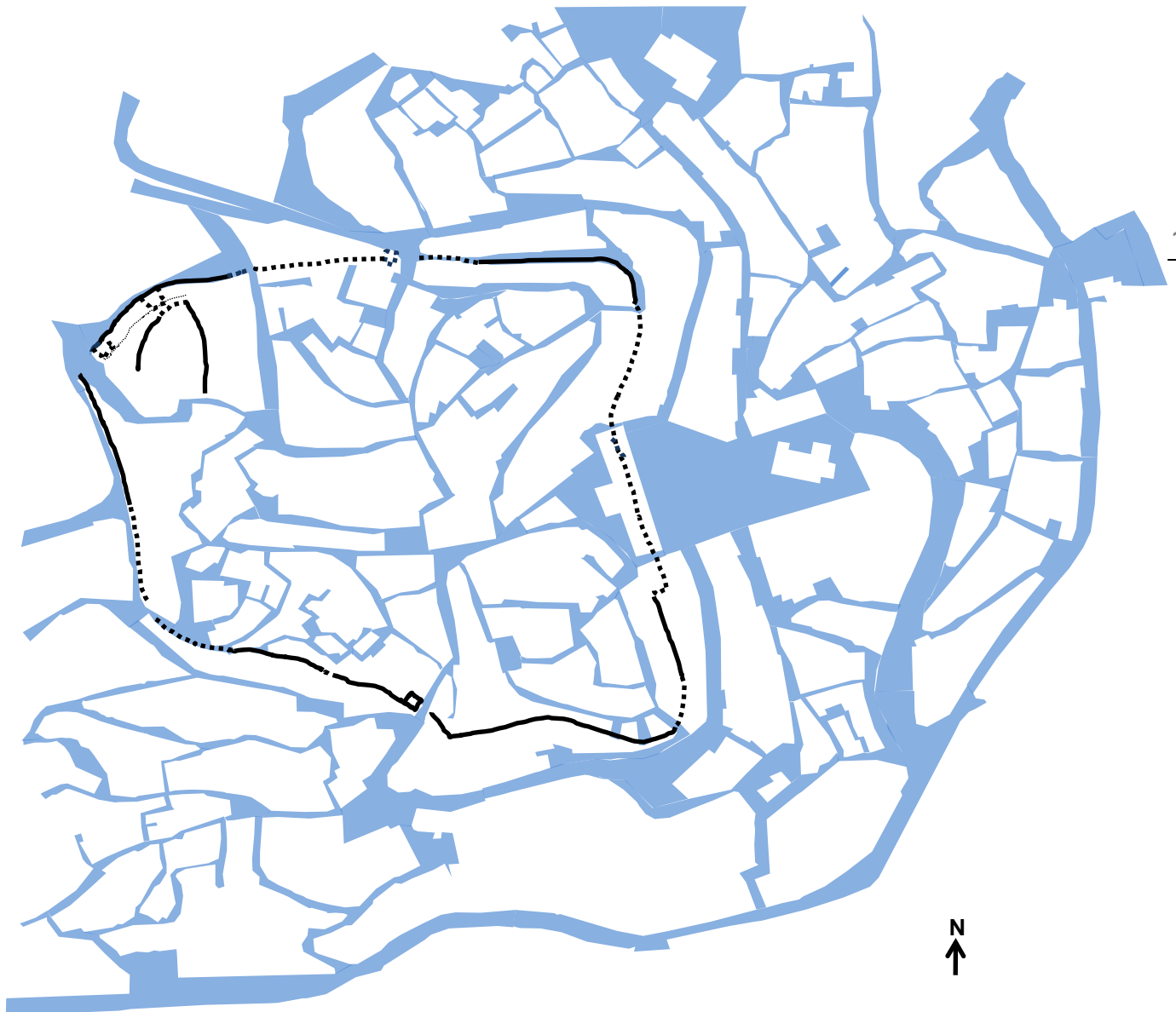


fig. 111 - Imagem do espaço público — ruas, praças, largos, becos, na cidade da Covilhã. Escala 1/3000

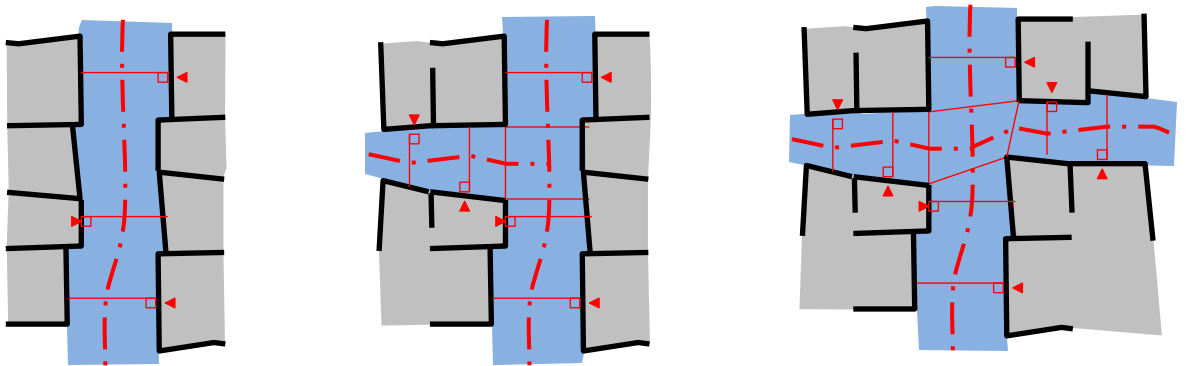


fig. 112 - Imagens esquemáticas que demonstram o processo de identificação da linha central do espaço público (segundo o método de Jacek Dominiczak; imagem gráfica do autor).

Ao longo da linha central do espaço público ocorrem múltiplos atravessamentos e intersecções com outras linhas de outros espaços públicos que se passam a denominar de - Ponto de Intersecção (fig. 113). O(s) espaço(s) público(s), com maior número de pontos de intersecção sobressaem dos restantes pela sua importância. Esta importância não advém do facto de se tratar de zonas de muito comércio, ou por se tratar de vias principais de circulação automóvel, ou por serem eixos de ligação directa e mais acessível, entre diferentes zonas da cidade. Pelo contrário, a sua importância surge através da percepção visual que organiza e simplifica a forma urbana, quando aparentemente parece não existir uma ordem específica para todas as linhas centrais do espaço público.

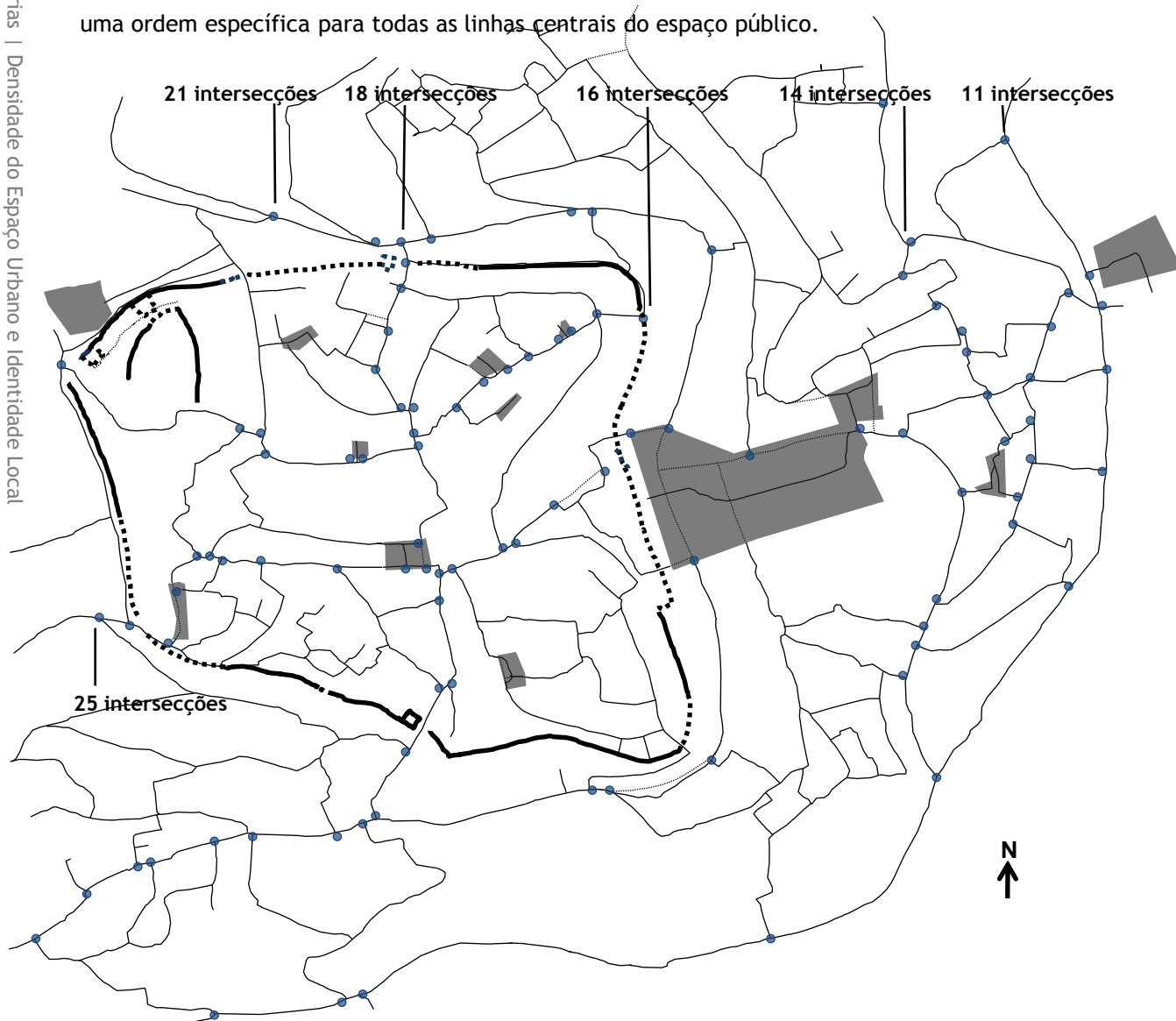


fig. 113 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções, na cidade da Covilhã. Legenda: — linha central do espaço público; ■ espaço público (praças, largos,...); ● ponto de intersecção. Escala 1/3000.

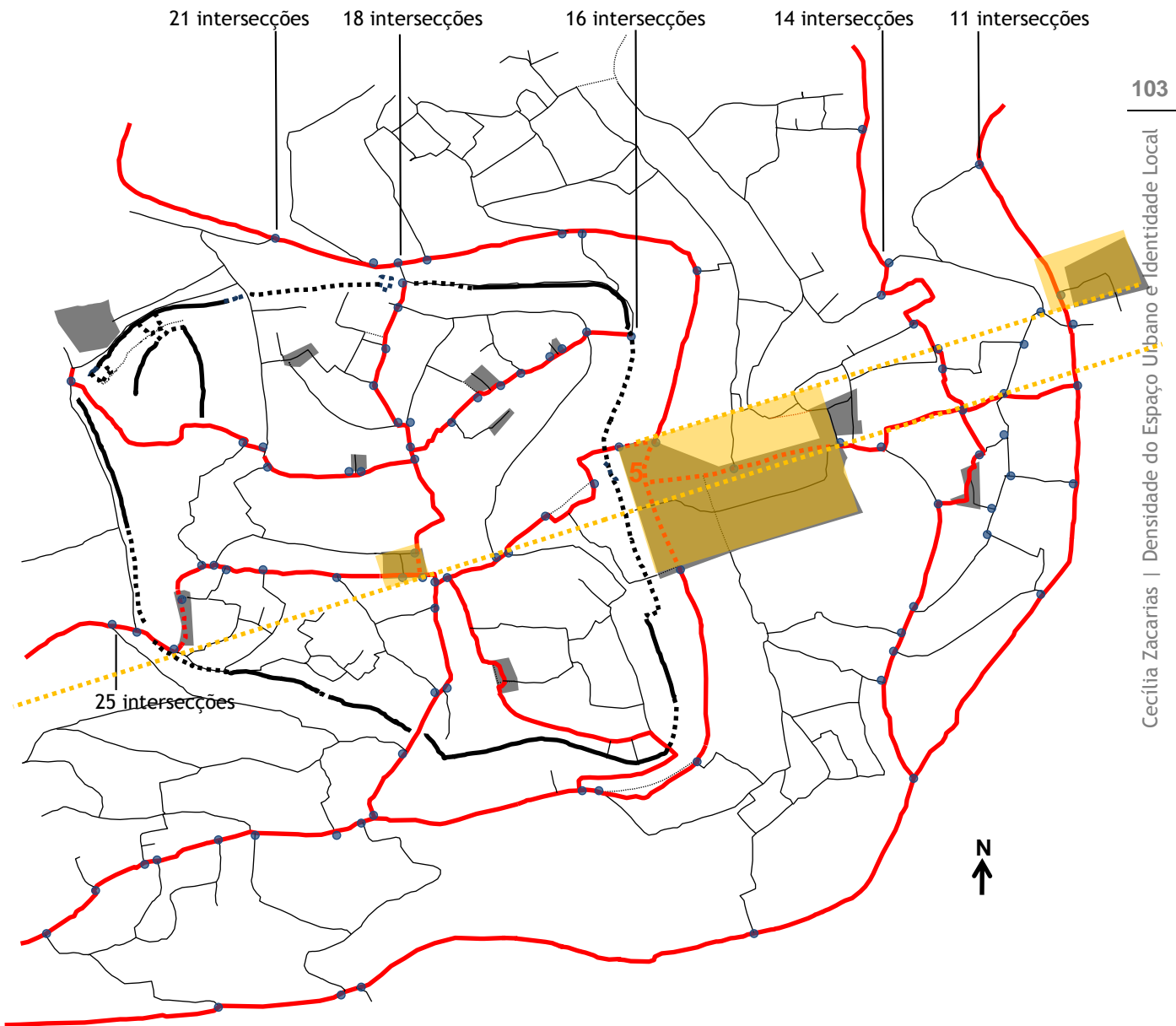


fig. 114 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções, na cidade da Covilhã.

Legenda: — linha central do espaço público; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos. Escala 1/3000

A determinação do espaço público com maior número de intersecções irá contribuir para a identificação das ruas chave. A par com a(s) linha(s) forte(s), as ruas chave, são a base que possibilita a construção do protótipo e determina a dimensão da grelha (fig. 114). Com a construção da grelha, vai ser possível analisar e interpretar se o espaço urbano da antiga Judiaria é ou não, uma área particularmente densa na cidade, através de maior ou menor proximidade/afastamento das linhas da grelha (fig. 116).

1.4 - Análise e interpretação do polígono do quarteirão

Enquanto limite do espaço público, com a quantificação da dimensão urbana (área) e com a relação do espaço construído e vazio (jardins, pátios, hortas, ...). A análise aos polígonos dos quarteirões será realizada em duas vertentes:

1.4.1 - “Superimposição” dos polígonos do quarteirão

Quantificação das áreas dos quarteirões e “superimposições” dos polígonos da antiga Judiaria e zona antiga. Esta análise permite determinar qual a área total que corresponde, tanto à antiga Judiaria, como à zona antiga e permite aferir, em percentagem, a área ocupada pela primeira em relação à segunda (fig. 115 e 119).



fig. 115 - Polígonos dos quarteirões na cidade da Covilhã. Escala 1/3000.

1.4.2 - Relação da área edificada e área livre

Quantificação das áreas edificadas e vazias (jardins, pátios, hortas) dos quarteirões da antiga Judiaria e zona antiga. Nesta análise é possível aferir se a antiga Judiaria é ou não um espaço densamente construído, através da relação entre espaço edificado vs espaço vazio, no quarteirão.

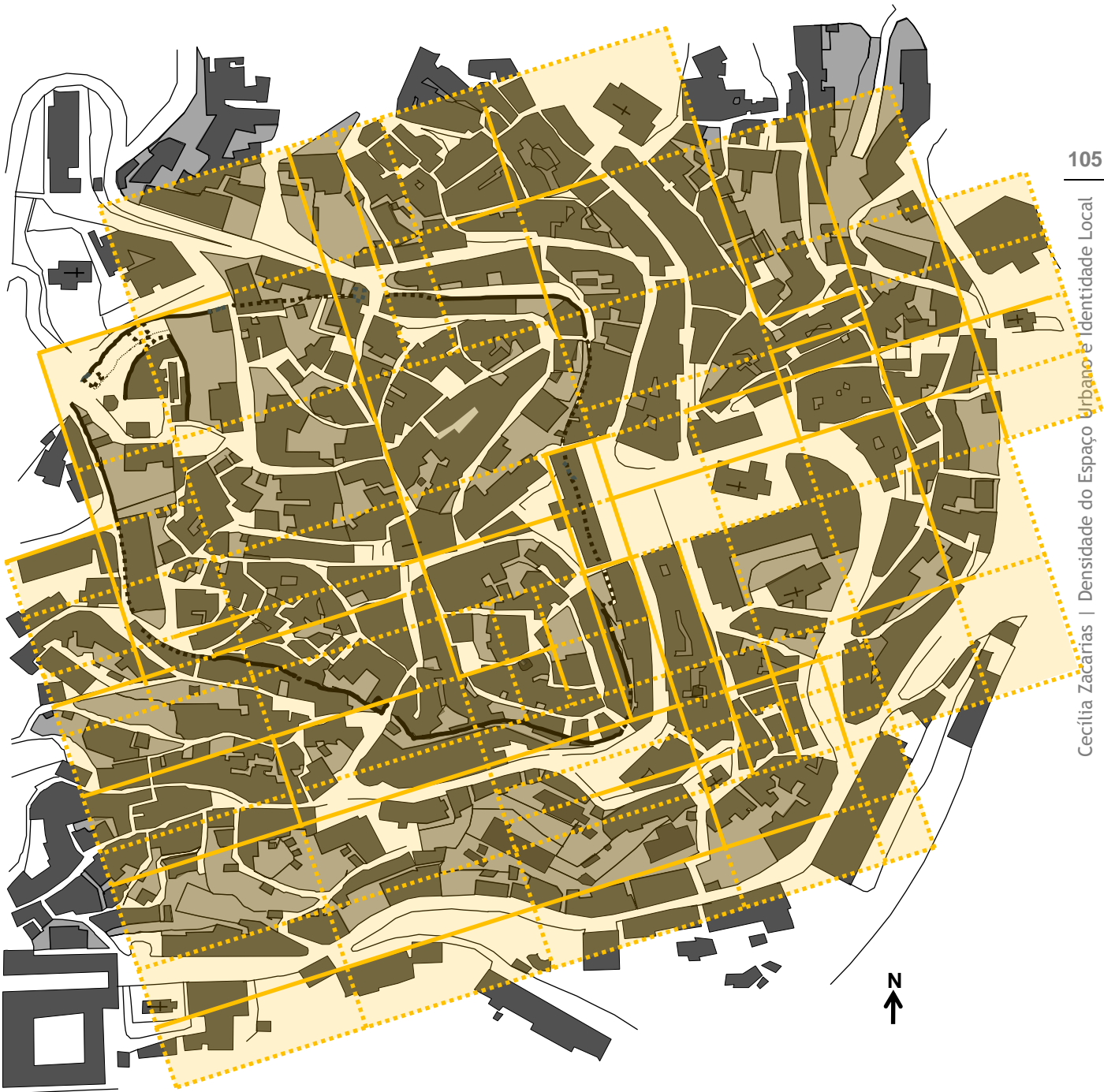


fig. 116 - Mapa com a construção do protótipo (grelha), na cidade da Covilhã. Legenda: ■ espaços privados; ■ espaços vazios/privados; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes;muralhas medievais destruídas. Escala 1/3000.

Estabelece-se, desta forma, um parâmetro de comparação, em percentagem, entre a antiga Judiaria e zona antiga no interior das muralhas. (fig. 117). Com esta análise foi possível determinar a densidade do espaço urbano através da relação entre o espaço construído e espaço vazio.

Quarteirões:



fig. 117 - Quarteirões onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios ou livres no interior, na cidade da Covilhã. Legenda: ■ áreas edificadas; □ espaços vazios. Escala 1/3000.

1.5 - Análise e interpretação das frentes urbanas da rua chave

Esta análise permite, de igual modo conhecer, estar-se perante um espaço densamente construído e permite reunir um conjunto de características, tais como: largura média do espaço público e alinhamentos/recuos das fachadas, que de alguma forma contribua para enriquecer o conhecimento do espaço urbano, a sua densidade e a sua identidade (fig. 118).

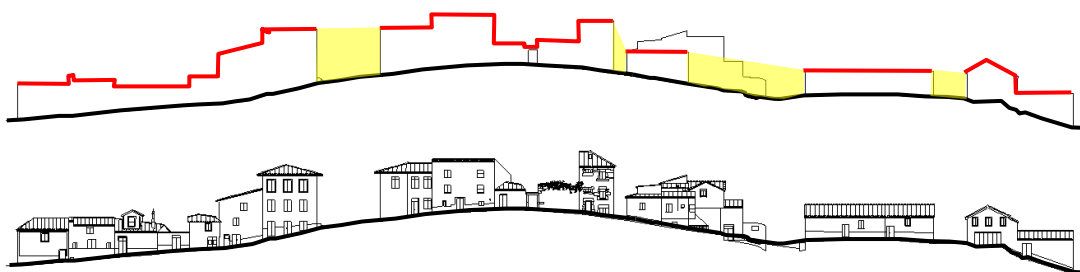


fig. 118 - Frente urbana da rua chave, na cidade da Covilhã. Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

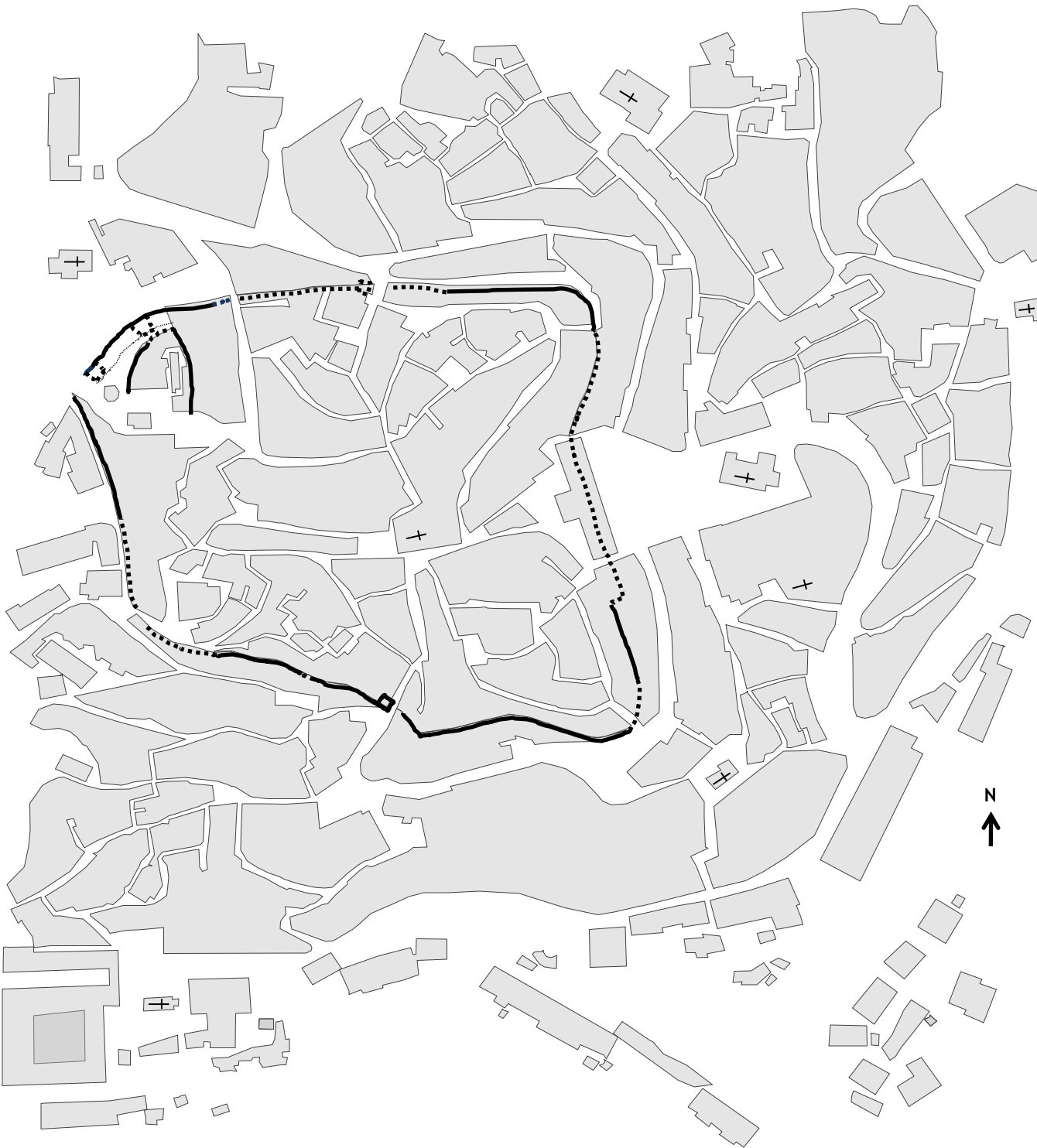


fig. 119 - Imagem com o polígono dos quarteirões da área central da zona antiga da cidade da Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ polígono dos quarteirões. Escala 1/3000.

1.6 - Delimitação da área de estudo

Um lugar não tem, em termos físicos, um princípio e um fim objectivos, porque não tem limites definidos, a não ser enquanto representação. Deste modo, o mesmo lugar, passível de ser representado de diferentes maneiras, *“contém limites que são impostos pela própria representação, variando consoante o ponto de vista ou a intenção do autor e do observador.”*⁴². A importância de se estabelecer um limite possibilita a análise numa determinada área, determinante e relevante para o objectivo do estudo, sem ocasionar eventuais dispersões.

O desenho de espaços onde os limites são bem definidos, permite circunscrever numa forma inequívoca o espaço público, clarificar as geometrias dos espaços e compreender a imagem da cidade. As muralhas medievais, ou o que delas resta, serão o elemento que marca o limite do estudo sobre a densidade, do espaço urbano seleccionado para estudo.

Tomou-se então a opção, de desenvolver apenas o estudo sobre o espaço urbano da zona antiga da cidade, no interior das muralhas medievais. Isto porque, e, após análise aos mapas dos estudos de caso - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, verificou-se que todos possuem mais ou menos conservada a linha de muralhas medievais.

O desenvolvimento e aplicação do método irá então, centrar-se na zona antiga, com particular incidência sobre a área da antiga Judiaria, da qual se pretende conhecer a densidade do espaço urbano e, desta forma, compará-la com a zona antiga no interior das muralhas medievais. No caso da Covilhã, e apesar de a antiga Judiaria se encontrar extramuros, será seguida a mesma opção.

As razões que estiveram na origem e, levaram pela opção do espaço urbana da antiga Judiaria, foram já, expostas e fundamentadas nos capítulos anteriores. Como tal, o desenvolvimento do método e a sua aplicação no estudo de caso, irá agora ter lugar, nos capítulos que se seguem.

⁴² LYNCH, Kevin. *“A Imagem da Cidade”*, Coleção Arte & Comunicação, Edições 70, pp. 16.

2. Estado da Arte

Pretende-se no Estado da Arte, a reflexão bibliográfica do contexto no qual se insere o espaço urbano, no geral e, em específico sobre a antiga Judiaria. A reflexão bibliográfica de textos, que se situam na mesma perspectiva de análise do processo de percepção, textos que analisam estudos de caso e textos que analisam o mesmo estudo de caso - a antiga Judiaria.

2.1 - Textos que contêm interpretações teóricas gerais acerca da urbanística:

2.1.1 **Bruno Zevi**, em *“Arquitectura e Judaísmo: Mendelsohn”*, centra a análise no campo da arquitectura, na qual, o autor refere que, a presença judaica somente se fez sentir a partir da segunda metade do século XIX. O autor apresenta uma análise sob a perspectiva da influência do pensamento judaico sobre a construção do espaço arquitectónico, pelo uso do *“princípio do espaço temporalizado”*, uma das invariantes ou anti-regras, instrumentos que Bruno Zevi desenvolve e que permitem descodificar a arquitectura moderna e *“por contraste dialéctico”* também a antiga.

A análise e interpretação do espaço urbano, com a metodologia a desenvolver para o estudo da densidade do espaço urbano, permite igualmente, verificar se na cidade, o antigo bairro judaico, terá uma identidade própria, resultado da influência judaica.

2.1.2 **Carlos Nelson F. dos Santos**, em *“A cidade como um jogo de cartas”*, faz uma série de reflexões sobre a formação e desenvolvimento das cidades, como se organizam e controlam os espaços edificados. O autor centra a análise nos problemas urbanos, nas possibilidades de loteamento e de estruturação dos perfis viários, bem como outros aspectos do sistema urbano, tais como: infra-estruturas e equipamentos urbanos. Num outro sentido, o presente estudo científico centra-se na análise da estrutura do espaço urbano construído e, na sua densidade, através da construção de um protótipo, o qual facilitará a sua leitura.

2.1.3 **Fernando M. Brandão Alves**, em *“Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica”*, apresenta uma reflexão sobre a qualidade do espaço público urbano à escala da cidade. O autor propõe um método, simultaneamente, inclusivo e interactivo, confrontando-o entre a singularidade morfológica do espaço público urbano (a rua, a praça, o largo, o recinto, etc) e a sua classificação funcional agrupada (áreas pedonais, espaços de cir-

culação automóvel, espaços de encontro e estadia, etc). O autor centra, igualmente, a sua análise sobre o espaço público, com o presente trabalho, o estudo do espaço público será ainda mais desenvolvido, uma vez que, para além da análise morfológica, irá estruturar-se, e conhecer a sua densidade e reunião de um conjunto de novos dados sobre o espaço público.

2.1.4 Gordon Cullen, em *“Paisagem Urbana”*, centra a análise no estudo do espaço urbano na organização visual do conjunto aparentemente complexo de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. O autor faz, igualmente, uma reflexão sobre a organização dos elementos na cidade, os quais *“reflectem certas linhas de força”*. A abordagem à rua, elemento essencial do espaço público, é estudada exaustivamente através de um conjunto de imagens e pontos de vista que representam, os quais possibilitam uma série de contrastes durante o percurso.

Em muito este texto, inspirou na elaboração do presente estudo científico. O método de análise, recorrendo às linhas fortes do espaço urbano, irá ser utilizado para além da abordagem superficial. As linhas fortes são, a base para a construção do protótipo que, irá possibilitar a leitura de áreas mais ou menos densas.

2.1.5 Jacek Dominiczak, em *“Rectangular Patterns in Cities. Studies on Gdansk, Sopot and Gdynia”* para a tese de doutoramento (1989) e, **Jacek Dominiczak e Monika Zawadzka**, em *“Local Identity Code for Central Fremantle. Source and Design Code”*, o autor desenvolve um código de Identidade Local (LIC), através do qual obtém nova informação que, contribuirá para influenciar decisões, no sentido de alterar a organização física e a aparência de um espaço urbano, relacionada com a identidade local da cidade.

Segundo o autor, o papel deste código é, identificar e orientar o desenvolvimento pois, aborda as características formais do ambiente construído. A intenção do código é, para trazer ao desenho urbano e arquitectónico, informações necessárias para um diálogo interdisciplinar sobre as questões da identidade local e as qualidades físicas do ambiente construído. Uma vez que, a identidade local é uma das considerações principais da herança, ou seja, define o valor estético da cidade existente. A intenção do código é, fornecer um suporte avançado e, especificamente urbano e de conhecimento da arquitectura.

Sendo esta metodologia, a base para o desenvolvimento do presente estudo científico, pretende

abordar muito especificamente a problemática da densidade urbana que, é um elemento da identidade local. Com a reprodução do método desenvolvido por Jacek Dominiczak, será possível conhecer as áreas urbanas, caracterizadas por uma maior ou menor densidade. Serão igualmente, introduzidas inovações a este método, ao identificar nas linhas centrais do espaço público, pontos de intersecção que, por sua vez, contribuem para a determinação da rua chave, essenciais para a definição e proporção do protótipo.

2.1.6 Jean Pelletier e Charles Delfante, em *“Cidades e Urbanismo no Mundo”*, os autores defendem que, as cidades são todas diferentes, uma vez que se podem distinguir vários tipos. Na aparência física, essas diferenças derivam da associação de vários factores, que podem ser reunidos em três conjuntos: o quadro geográfico esquematizado pelas noções de localização e “sítio”, o mapa da cidade, de algum modo, a sua projecção vertical sobre o “sítio” e, por fim, a arquitectura, isto é, o relevo criado pela própria cidade, ou seja, extensivamente, aquilo a que chamam - o “sítio criado”. Os autores sintetizam os tipos de planos, como um elemento significativo da cidade e que num grande número de casos, pode funcionar como mapa de identidade. Referem quais as, particularidades que levam à individualização da forma urbana tais como: factores naturais, históricos ou sociais. Os fenómenos naturais - a topografia, constitui frequentemente um verdadeiro elemento regulador, quer positivo ou negativo, na estruturação do espaço urbano. Bem como os planos impostos pelo homem, quer sejam eles tramas rectangulares ou quadradas, os planos circulares ou elípticas e os planos de geometria complexa.

O desenvolvimento deste trabalho, vai mais além, das temáticas estudadas - o sítio, a identidade, a forma urbana, pois, desenvolve um protótipo para cada cidade, baseado nestas temáticas que, naturalmente, individualizam cada cidade e fornece um conjunto de novos dados, possíveis de serem estudados.

2.1.7 José M. Ressano Garcia Lamas, em *“Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”*, faz uma reflexão e investigação sobre a forma urbana. O autor chama a atenção para as dificuldades da ruptura criada pelo urbanismo moderno em relação à cidade tradicional e a dificuldade ou incapacidade em se definirem formas urbanas adequadas à sociedade a que se destinam.

Contudo, a partir da década de setenta, o urbanismo e o desenho urbano sofreram uma profunda revisão, a preocupação com a “*Forma Urbana*”, tanto estrutura física como funcional, passou a constituir o elemento dominante do projecto urbano, enquanto, paralelamente, novos conceitos, métodos e programas surgiram na prática urbanística. Para o autor, actualmente desenhar a cidade e nela intervir, é também compreender e conhecer a cidade antiga e a cidade moderna, as suas morfologias e processos de formação. Refere ainda que, a primeira fase da leitura da cidade é físico-espacial e morfológica, é a única abordagem que permite conhecer a diferença entre um espaço e outro, entre formas diferentes e explicar as características de cada parte constituinte da cidade. À primeira fase de leitura, juntam-se outros níveis de leitura que revelam diferentes conteúdos, tais como: históricos, económicos, sociais e outros. No entanto, todos os instrumentos de leitura lêem o mesmo objecto - o espaço físico, a Forma Urbana.

Baseado em muito, na análise que o autor faz, desenvolve-se, de uma forma mais aprofundada, o estudo do espaço urbano, ao construir-se um protótipo que, para além de estudar o tecido urbano, irá permitir conhecer a densidade do mesmo.

2.1.8 Kevin Lynch, em “*A Imagem da Cidade*”, analisa a cidade sob o ponto de vista da percepção, identificando os cinco elementos que compõem a imagem da cidade: “*caminhos, bairros, limites, nós e marcos*”. O autor refere que a percepção que se tem do espaço urbano pode ser analisada segundo três vertentes: estruturas, identidade e significado. Destaca a forma como cada individuo percebe a cidade e os elementos que a constituem, baseado no estudo aprofundado de três cidades norte-americanas, no qual as pessoas eram questionadas sobre a percepção que tinham da cidade, como estruturaram a imagem que tinham e como se orientavam no espaço urbano.

Este foi, igualmente, um texto bastante influenciador na metodologia seguida, porque a análise e interpretação do espaço urbano desenvolve-se em grande medida, pela leitura e percepção da “*Imagem da Cidade*”, permitindo assim, a sua estruturação e, com o presente estudo científico, construir um protótipo (grelha) que, permitirá, para além destas temáticas, conhecer a densidade do espaço urbano.

2.1.9 **Michel Freitag**, em *“Arquitectura e Sociedade”*, afirma que cada cidade possui uma identidade, não apenas simbólica, mas concreta, que partilha com os seus habitantes como uma maneira de ser. O autor refere ainda que, as novas urbanizações, grandes ou pequenas, em redor dos núcleos antigos, já não representam um crescimento e um desenvolvimento das cidades tradicionais que indirectamente lhes serviram de catalisadores. De certo modo, para o autor, a aglomeração moderna perdeu, assim, toda a relação com a zona antiga da cidade, tornou-se uma sucessão, uma montagem, uma seriação, uma interferência de «*processos*» e de «*acontecimentos urbanísticos*» instáveis que surgem, cada um deles, na intersecção de “*múltiplas linhas de força*”, emanando de espaços sociais, económicos, políticos, simbólicos, ou até mesmo históricos.

O presente trabalho, contribuirá para o estudo do espaço urbano da antiga Judiaria e, relacioná-lo com a zona antiga. Definirá as linhas fortes do tecido urbano, contribuirá para o conhecimento da densidade urbana e reunirá um conjunto de características que, de algum modo, venham enriquecer o conhecimento e a identidade das antigas Judiarias.

2.1.10 **Teresa Barata Salgueiro**, em *“A Cidade em Portugal”*, faz referência, entre outras temáticas, à caracterização do sítio e posição dos núcleos urbanos e à morfologia urbana. Como refere a autora, para cada posição há normalmente mais do que um sítio possível. A selecção do local recai sobre a hipótese de este se apresentar mais favorável aos primeiros ocupantes por lhes oferecer melhores condições. Esclarece ainda que, a escolha do sítio pode relacionar-se com a função, mas que é ditada, principalmente, por razões práticas, tais como: a defesa da povoação, a facilidade de abastecimento, a disponibilidade de materiais de construção, a melhor exposição ao sol ou a protecção dos ventos.

A autora apresenta, ainda, uma análise teórica, sobre a morfologia urbana e a forma urbana e a compreensão que envolve o estudo morfológico, que decorre principalmente das características da planta. Nos aspectos morfológicos, que aborda, distingue o estudo da forma em geral, o tipo de planta, as características das edificações, entre as quais, engloba as muralhas, e o uso do solo. Refere a forma assumida pela relação entre os espaços livres e

construídos, sendo identificada basicamente pelo aspecto da rede viária. Indica e considera ainda, a existência de três tipos básicos de malhas - a ortogonal, a radiocêntrica e a irregular, aos quais se deve juntar a maior diversidade das realizações urbanas do século XX. Uma vez mais, são analisados o “sítio”, a morfologia urbana e a forma urbana, indispensáveis para a análise e total compreensão do espaço urbano, sendo que, o presente estudo científico contribuirá com novos elementos, ao estudar a densidade do espaço urbano, através da construção do protótipo (grelha).

2.2 - Textos que analisam estudos de caso:

2.2.1 **Francisco Javier Monclús Fraga e José Luis Oyón Bañales**, em *“Elementos de composición urbana”*, estudam um conjunto alargado de diferentes tipos de espaços públicos (praças, pátios exteriores, galerias, avenidas, etc.), à escala global. Em contextos culturais e urbanos diferentes, com os quais procuram conhecer a integração entre a arquitectura e a cidade. Os autores chamam a atenção para uma outra vertente, para os espaços exteriores, públicos, abertos e livres como um dos problemas das cidades contemporâneas, dispersas e fragmentadas, tanto pela carência, como pelo excesso de espaços abertos. Referem-se ainda aos espaços vazios, intersticiais ou residuais, como um dos principais desafios do urbanismo contemporâneo e cuja resolução passa, em grande medida, pelo estabelecimento de relações satisfatórias entre a arquitectura e a cidade.

A par deste texto, o trabalho centra-se particularmente no estudo, análise e interpretação do espaço público. Para além, da análise superficial aos elementos que o constituem, a leitura do espaço urbano, com a identificação das linhas fortes, ruas chave e conseqüente construção do protótipo, irá permitir uma análise mais profunda e proporcionar um maior conhecimento sobre a densidade do espaço urbano.

2.2.2 **Jorge de Alarcão**, em *“Coimbra. A montagem do cenário urbano”*, centra a atenção e a análise na descrição do lugar onde a história de Coimbra se desenvolveu. O autor sintetiza, reconstrói ou descreve o lugar ou o espaço da cidade, através da percepção que tem dos factos históricos, se bem que, como refere, *“definir uma cidade é todavia tão difícil como definir o Tempo”*. Ler o espaço ou entendê-lo de outro modo, difere da percepção individual,

porque há sempre outras leituras possíveis. Recorre à análise extensiva das imagens para a sua interpretação ao analisar detalhadamente, o “*sítio*” e, identificar as suas vantagens e desvantagens.

2.2.3 Luis Alfonso Limpo Píriz, em “*Evolución Urbana de Olivenza*”, apresenta uma análise sobre a reconstrução da cidade, descreve o seu lugar através da percepção resultante das fontes históricas. Descreve o sítio e a posição, interpreta a morfologia urbana da cidade e a sua evolução urbanística desde as origens até à actualidade. Recorre às diferentes fases de crescimento da cidade através das grandes linhas de força, que orientam a sua morfologia urbana.

Os dois anteriores autores, analisam a morfologia urbana, com base na percepção e na leitura das imagens. Fazem a descrição do lugar, com base nas fontes históricas. O presente estudo, embora não descurando o passado, desenvolve-se com a análise e interpretação das tipologias urbanas actuais, isto porque, se pretende conhecer a realidade sobre a densidade do espaço urbano.

2.3 - Textos que analisam o mesmo estudo de caso - a antiga Judiaria:

2.3.1 Ana Luísa Moura, Carlos Machado e Moura, Pedro Castro Cruz, em “*Casas Quinhentistas de Castelo Branco*”, apresentam uma análise profunda sobre o espaço urbano cuja metodologia é o recurso ao desenho como instrumento por excelência. A pesquisa, levada a cabo pelos autores, assenta em duas vertentes: uma teórica de análise histórica e uma prática sobre o trabalho de campo. Com a análise teórica, os autores contextualizam histórica e socialmente o objecto de estudo, no seu tempo, na procura de fundamentos e de motivações para a edificação. Já com a análise prática, fazem a interpretação dos objectos de estudo, procurando esquemas compositivos, métricos e de proporção, que terão estado na base da sua execução.

Este texto, é aquele em que, maior desenvolvimento tem sobre o espaço urbano. São identificadas linhas fortes (a que denominaram de eixos compositivos), se bem que, sob uma outra percepção e perspectiva. Tem uma análise mais elaborada sobre o espaço do quarteirão, ou seja, sobre o espaço privado. A sua adaptação topográfica e o parcelamento ou

princípio de loteamento. Assim, de uma forma geral, o texto faz a análise e interpretação do espaço privado, enquanto que, o presente estudo científico é, desenvolvido com base no espaço público.

2.3.2 António Lopes Pires Nunes, em *“Castelo Branco, uma cidade Histórica. Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento”*, faz uma análise urbanística sobre a zona antiga da cidade de Castelo Branco, descreve a sua génese, bem como as diferentes fases de crescimento. O autor analisa a morfologia da zona antiga e identifica zonas urbanas, que se identificam com diferentes funções e actividades. Estrutura o tecido urbano e expõe quais as vias de comunicação que deram origem e contribuíram para a configuração do tecido urbano, tal qual, como hoje se conhecem.

Contudo, o desenvolvimento do presente estudo científico irá, mais além, ao realizar a análise, baseada no método - construção do protótipo, que permitirá conhecer a forma, a estrutura e a densidade do espaço urbano.

2.3.3 António Saraiva, em *“O Urbanismo e a Arquitectura no contexto Judaico”* - do livro: *“Marcas Mágico-Religiosas no Centro Histórico”*, aborda a situação morfológica do espaço urbano da antiga Judiaria que não apresenta grandes diferenças quanto ao traçado urbano, relativamente à restante zona antiga no interior das muralhas medievais, mas que, no entanto, algumas características existentes indicam que o espaço o individualiza. O autor refere que o traçado urbano, condicionado por uma morfologia particular, apresenta uma estrutura irregular e descontínua, sem grandes pontos de vista, o qual difere um pouco da restante malha medieval, pois esta apresenta um traçado mais ortogonal.

Faz uma abordagem generalizada do espaço urbano da antiga Judiaria e, coloca algumas constatações sobre as características morfológicas do espaço sem, no entanto, desenvolver um estudo mais aprofundado. Com o presente trabalho, essa lacuna será colmatada, ao realizar-se a leitura, análise e interpretação do espaço público da antiga Judiaria, através do método - construção do protótipo que, irá aferir, entre outros aspectos, sobre a densidade do espaço público urbano.

2.3.4 **Carmen Balesteros**, em “*A Judiaria da Guarda*” - do livro: “*Marcas Mágico-Religiosas no Centro Histórico*”, aborda a situação urbanística da antiga Judiaria da Guarda, baseada na caracterização dos diferentes elementos que a constituem a partir das fontes históricas. Situa a antiga Judiaria fisicamente no espaço da zona antiga no interior das muralhas medievais e da sua relação com o espaço urbano imediatamente envolvente. A autora faz, ainda, referência à densidade urbana, quando faz alusão à grande compactação urbana, cujas construções se encontram em banda.

Se bem que, não demonstre, como é que determina a densidade urbana. Essa lacuna será, enriquecida com o desenvolvimento do presente estudo científico, ao desenvolver um método para aferir a densidade do espaço urbano.

2.3.5 **José da Conceição Afonso**, nos estudos constantes no Centro de documentação da Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, centra a análise na procura e definição dos limites da antiga Judiaria de Castelo Branco. Coloca várias hipóteses ao confrontar as fontes históricas conhecidas e na cartografia existente, os limites do espaço da antiga Judiaria, bem como, a sua zona de expansão.

O estudo da antiga Judiaria, é generalizado, fornece as bases que, permitem conhecer e delimitar no espaço urbano a antiga Judiaria. A análise, leitura e interpretação do espaço público, com o presente estudo científico, vem de um outro modo contribuir para um maior enriquecimento, sobretudo para a densidade do espaço público urbano.

2.3.6 **Rita Costa Gomes**, em “*A Guarda Medieval 1200-1500*”, estuda a morfologia, o “sítio”, descreve a forma da zona antiga limitada pelas muralhas medievais. O sítio da Guarda influi decisivamente na configuração do espaço ocupado pelo núcleo medieval. O tecido urbano organiza-se fundamentalmente em torno dos espaços de circulação, dos percursos possíveis ligando os vários componentes da cidade - casas, edifícios públicos, terrenos não construídos: são as ruas e as praças, elementos essenciais que a autora analisa, no quadro material da vida cidadina. Chama a atenção para a existência de dois eixos, intramuros, que se unem entre si, os quais estruturam decisivamente a disposição das restantes ruas.

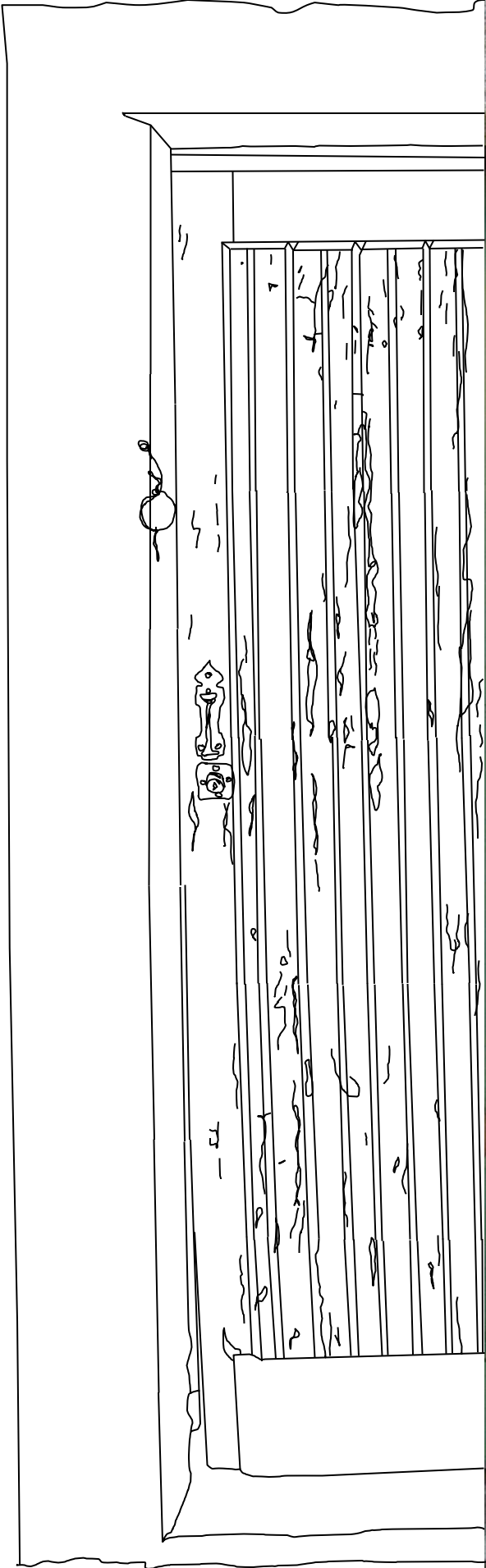
Situa a antiga Judiaria no tecido urbano, a comunicação e relação física com a cidade, expõe a evolução da antiga Judiaria, bem como a fase da sua expansão. A autora faz, ainda, referência à antiga Judiaria como um espaço densamente construído no século XV, onde são raras as referências a espaços livres.

No entanto, sente-se a ausência de uma metodologia que, demonstre como é que, o espaço urbano se encontrava densamente construído e, como é que, define a existência de dois eixos. Esta omissão será corrigida, com o desenvolvimento de uma metodologia para o estudo da densidade do espaço urbano, com o presente estudo científico.

Em síntese, a bibliografia reunida no Estado da Arte não pretende indicar exhaustivamente todos os autores ou estudos especializados na temática da presente tese. Pretende sim, evidenciar o conhecimento e os estudos que têm vindo a ser feitos acerca dos quais têm sido os mais influentes, de modo a enriquecer a reflexão inerente ao espaço urbano, a densidade urbana e a identidade local.

Tendo em consideração toda a bibliografia consultada, verifica-se que nenhuma ou poucos trabalhos abordam a questão da densidade do espaço urbano, como ferramenta de visualização para o conhecimento das zonas antigas da cidade, nomeadamente o espaço da antiga Judiaria.

Desta forma, encontradas as referências básicas para a construção da interpretação, sobre o estudo do espaço urbano, o desenvolvimento do método e a sua aplicação nos estudos de caso, irá agora ter lugar, nos capítulos que se seguem.



Capítulo 4 | Imagem da cidade - linhas fortes

1. Procura das linhas fortes

A identificação das linhas fortes das cidades seleccionadas para estudo: Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, resulta da análise, através do sistema visual, às respectivas plantas permitirá ter a percepção da organização do espaço urbano. *“É através da visão que se constrói a parte mais importante da imagem da cidade, ...”*⁴³.

A localização do núcleo inicial (intramuros), quer ele seja no topo de uma colina proeminente (Castelo Branco), quer seja num planalto (Guarda e Trancoso), ou, por sua vez, numa encosta de pendentes acentuadas, caso da Covilhã; encontra-se situado em pontos de inflexão das linhas naturais do terreno, que resultam do encontro de vias, ou das ligações às várias portas nas muralhas medievais, logo, esses percursos ao apresentarem uma continuidade, adquirem uma expressão mais forte, em relação aos percursos envolventes. A organização destes elementos urbanos reflecte certas *linhas de força*⁴⁴ e o *“modo como esses elementos se posicionam, se organizam e se articulam entre si para construir o espaço urbano”*⁴⁵, permitirá estabelecer a(s) linha(s) forte(s) para a cidade. Estabelecer uma linha forte, torna-se então, ferramenta fundamental para a construção da grelha protótipo.

Existe, igualmente, no grupo das quatro cidades, edifícios e espaços públicos *marcantes*⁴⁶, como as Igrejas, Câmara Municipal, muralhas, ruas e praças, os quais tendem a aparecer junto destas linhas fortes.

⁴³ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, *“Morfolgia Urbana e Desenho da Cidade”*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3ª edição, Lisboa, Junho 2004, pp. 59.

⁴⁴ CULLEN, Gordon, *“Paisagem Urbana”*, Edições 70, Outubro 2004, Título original: Townscape, 1971, pp. 113 a 122.

⁴⁵ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia, *“Morfolgia Urbana e Desenho da Cidade”*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3ª edição, Lisboa, Junho 2004, pp. 79 a 110.

⁴⁶ LYNCH, Kevin, *“A Imagem da Cidade”*, Edições 70, Outubro 2003, Título original: The Image of the city, 1960, pp. 59.

A. Covilhã

Na cidade da Covilhã, e após a visualização, análise e leitura da planta, a área que com maior relevância sobressai no conjunto do tecido urbano é, sem dúvida, a Praça do Município, que, embora com deformações nos alinhamentos das frentes urbanas que a caracterizam, assemelha-se a um rectângulo. Em redor deste elemento do espaço público, encontra-se o edifício da Câmara Municipal, bem como, um significativo conjunto de outros edifícios de carácter público ou semipúblico, bem como a Igreja da Misericórdia que, se encontra, inserida na área que corresponde à Praça do Município (fig. 122). Actualmente, e atendendo às características e ao conjunto de elementos que compõem o espaço público da Praça do Município, verifica-se que a mesma está conotada como espaço público marcante, sendo um pólo de atracção e de centralidade, do qual e para o qual convergem e divergem vários percursos urbanos (fig. 121).

Aliás, o antigo bairro judaico é atravessado por arruamentos que convergem para a Praça do Município, que funcionam, por sua vez, como eixos de comunicação mais directos, embora mais acidentados, entre o espaço público do Largo das Forças Armadas, no qual existe, igualmente, um edifício religioso - Capela de São João e Praça do Município.

Este(s) eixo(s) de comunicação prolongam-se de igual forma, para o interior das muralhas medievais. Na área delimitada pelo que hoje resta das muralhas existe um outro momento de centralidade - Igreja de Santa Maria. É visível que para este edifício religioso convergem/divergem, um grande número de arruamentos, que estavam directamente relacionados com as entradas/portas nas muralhas medievais (fig. 121). Prolongando este eixo ou esta linha forte, para o exterior da zona antiga limitada pelas muralhas, através da abertura nesta que correspondeu ao Postigo de D. Joana (n.º 11), no sentido poente, observa-se que este acompanha sensivelmente um espaço público, que resultaram da sua adaptação ao terreno (fig. 120).

Ao longo desta linha forte pode-se, ainda, observar a localização de outros objectos arquitectónicos, que se destacam do conjunto pelas suas funções, tais como: o Largo Eduardo Mata, no qual existe uma Igreja e um Lar para Idosos e, mais distanciado, os Pólos 8, 9 e 10 da Universidade da Beira Interior.

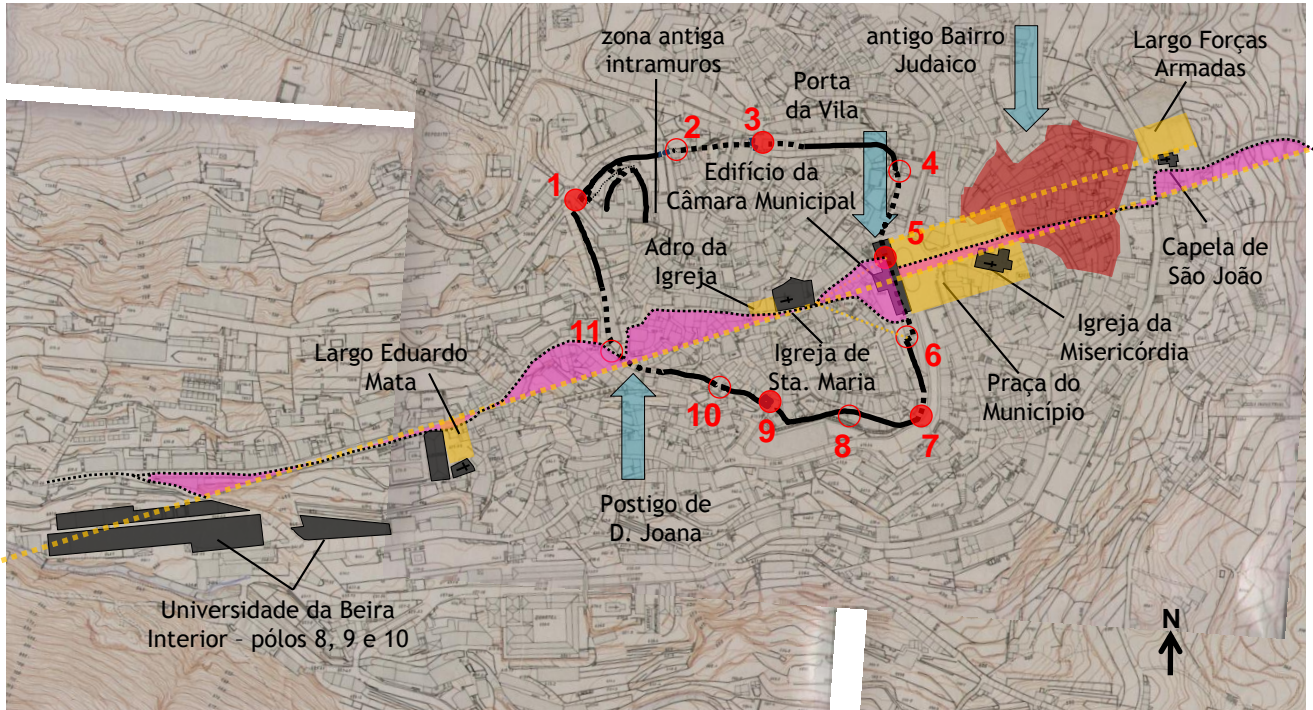


fig. 120 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade da Covilhã - séc. XX, décadas de 50/60, com a indicação das muralhas — medievais existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Fonte: mapa gentilmente cedido de colecção privada.

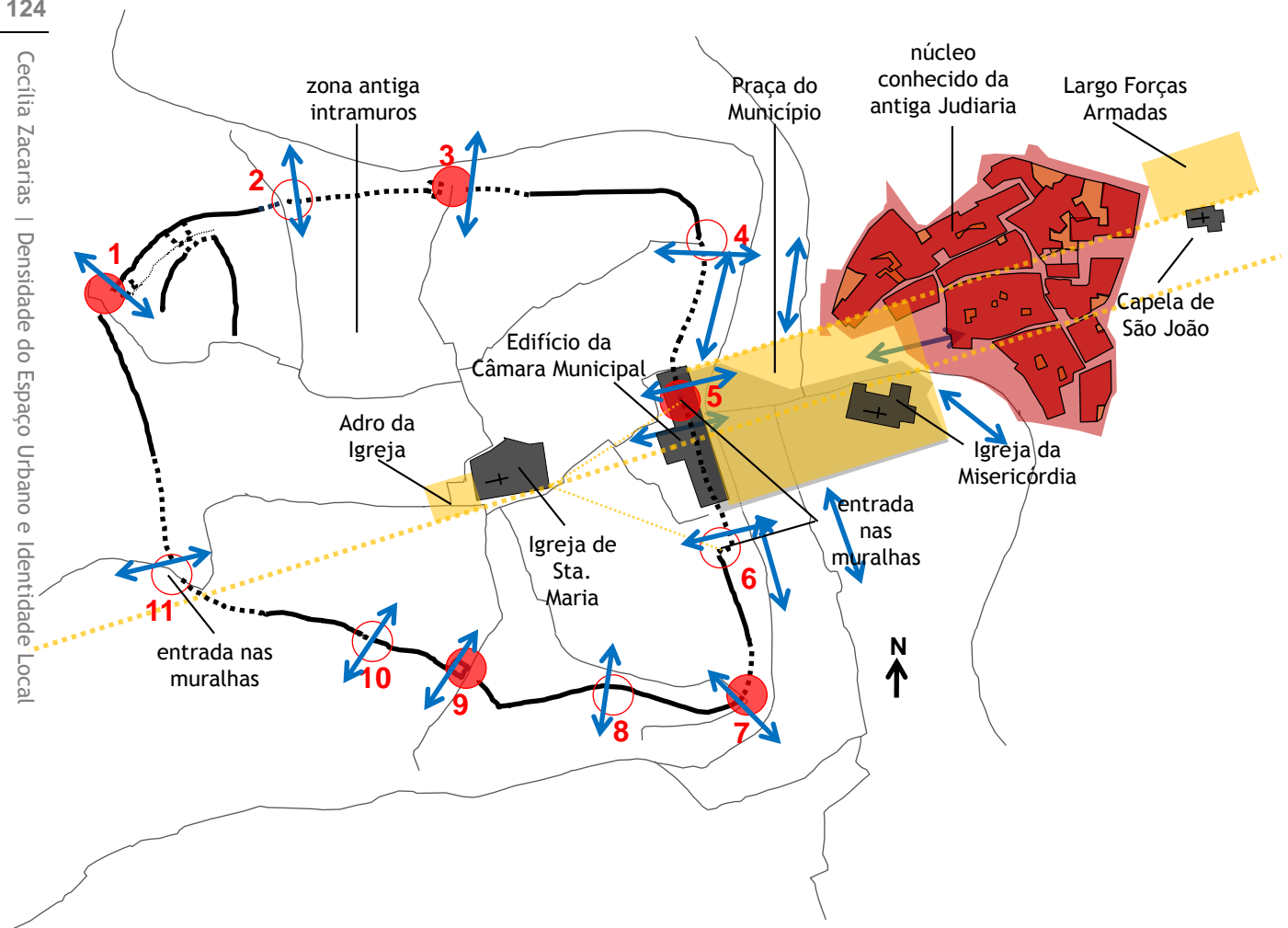


fig. 121 - Imagem esquemática da orientação da linha forte na Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.

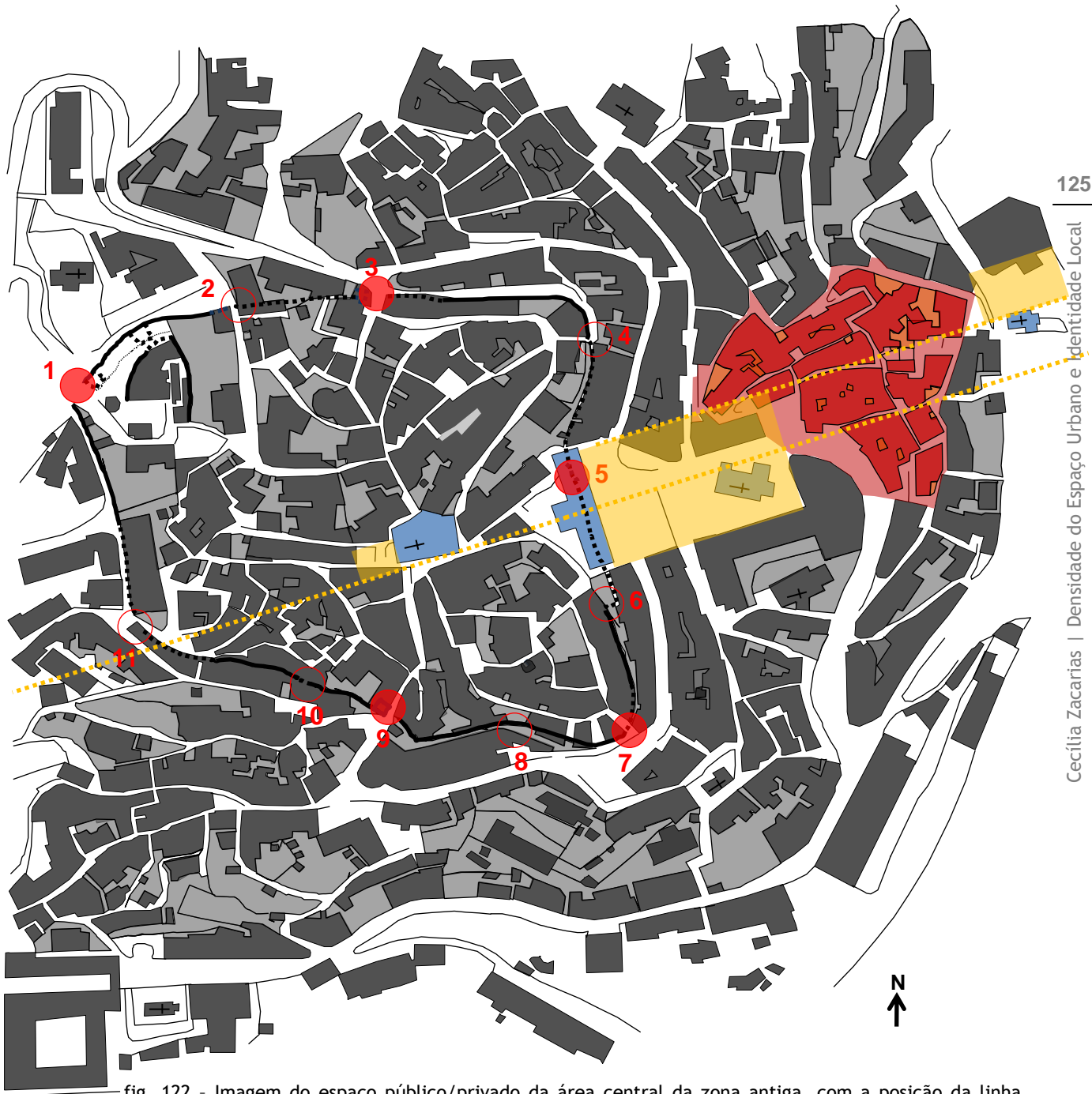


fig. 122 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga, com a posição da linha forte, na cidade da Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana. ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.

B. Castelo Branco

A cidade de Castelo Branco é um caso mais complexo, em que várias linhas fortes operam simultaneamente, enriquecendo desta forma o carácter da cidade. Contudo, a linha forte do centro é a que apresenta maior expressividade, ao prolongar-se para o exterior, através da antiga Porta do Relógio, nas muralhas medievais e por ser de maior extensão. As restantes, apresentam-se sob a forma de menor extensão e algumas surgem apenas configuradas ao interior, não chegando nunca a extravasar os limites das muralhas medievais (fig. 123). Caso das duas linhas mais a norte e da linha forte mais a sul, próxima da antiga Porta de Santa Maria/do Espírito Santo (n.º 11).

As cinco linhas fortes têm a Igreja de Santa Maria do Castelo, no topo da colina do que outrora foi o Castelo Templário, como ponto comum, do qual se desenvolvem de forma radiocêntrica, conferindo desta forma o carácter e forma particular a esta cidade, comparada com as restantes seleccionadas para estudo.

Cada linha forte apresenta uma expressão topográfica própria e fazem entre si ângulos comuns de 23º, quer seja por mera coincidência, após a análise e leitura da planta, quer tenha sido intenção aquando das sucessivas fases de crescimento da cidade. No caso da zona antiga de Castelo Branco, no interior das muralhas, não se tem a percepção de um espaço público dominante, representante de uma centralidade ímpar, como atrás se descreveu no caso da Covilhã, com a sua Praça do Município (fig. 124).

Em Castelo Branco, ao longo dos eixos das linhas fortes, surgem apenas pequenos apontamentos de espaço público, sobretudo no contexto da zona antiga intramuros. O eixo da linha fortes, que se situa mais a norte, na zona antiga intramuros, atravessa toda a antiga Judiaria de Castelo Branco. Este eixo tem a particularidade de não comunicar com nenhuma das antigas portas nas muralhas, como acontece com as linhas fortes, que se estendem para além das aberturas n.º 9 e 10 - Porta do Relógio e Postigo do Poço das Covas, respectivamente (fig. 125).

Outros dois eixos, embora não comuniquem directamente com as antigas entradas/saídas das muralhas, encontram-se relativamente próximos, caso das Portas n.º 7 - Porta da Vila e n.º 11 - Porta de Santa Maria/do Espírito Santo.

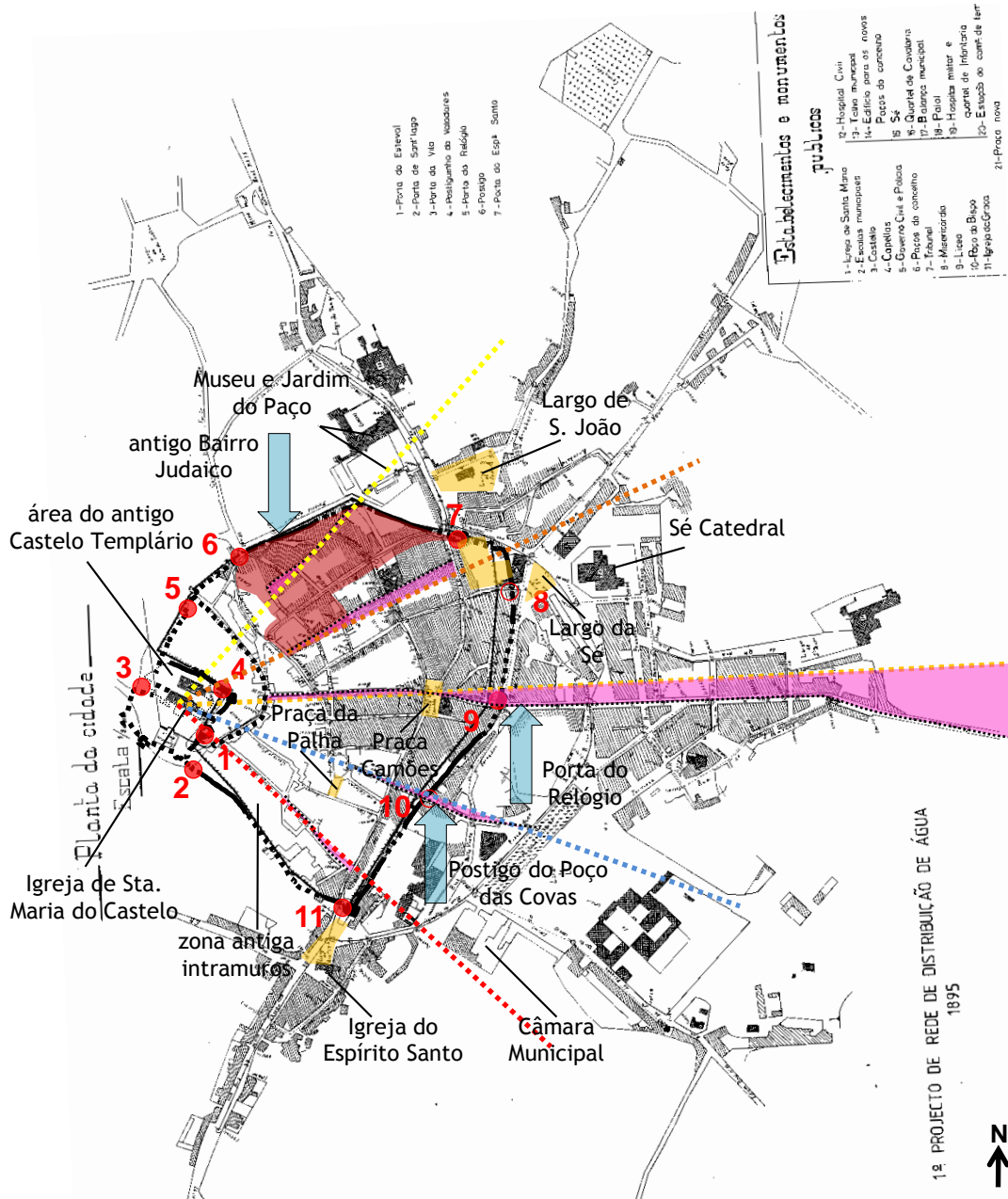


fig. 123 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade de Castelo Branco - séc. XIX, ano de 1895, com a indicação das muralhas medievais

— existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcáçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Fonte: Câmara Municipal de Castelo Branco.

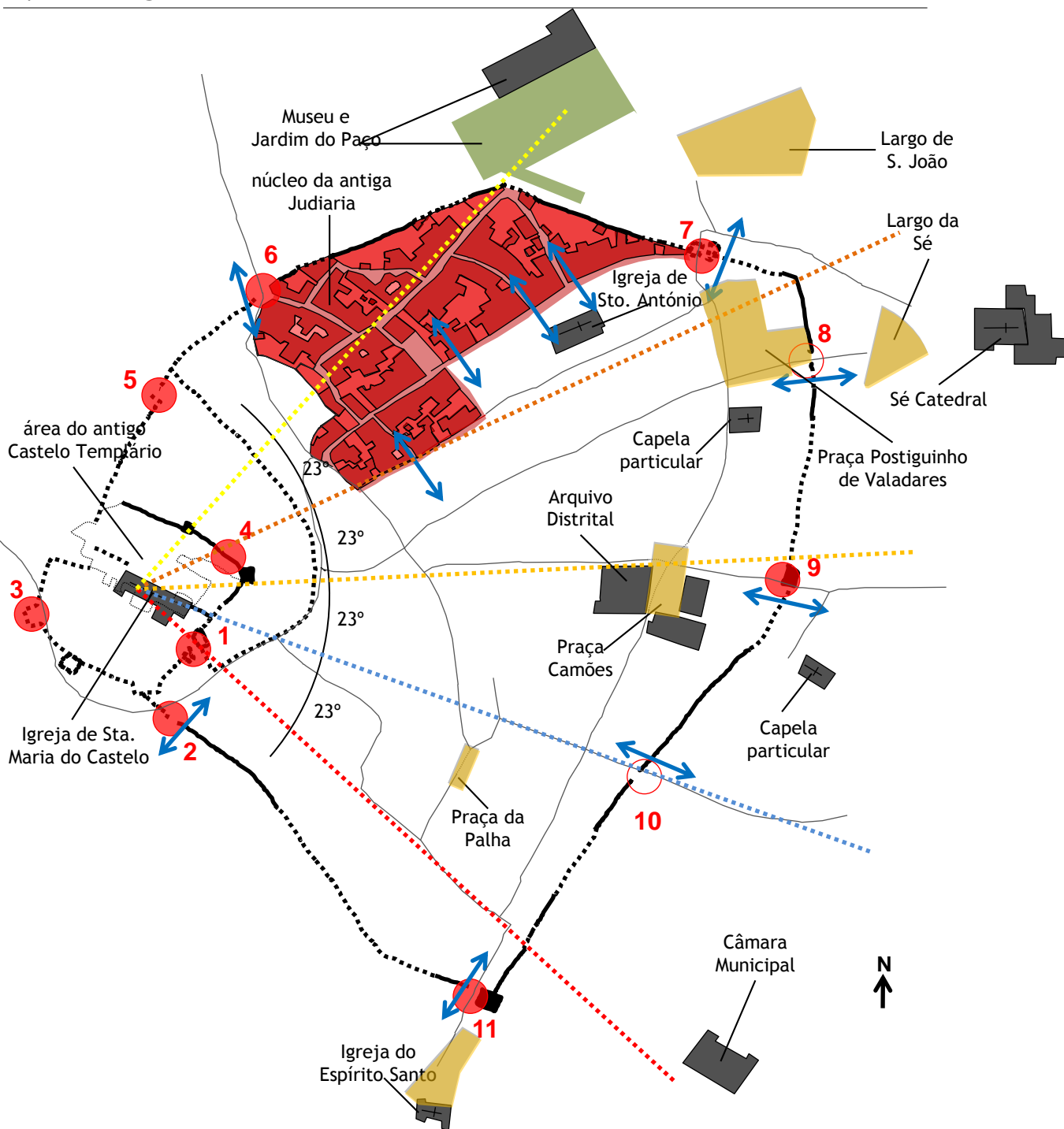


fig. 124 - Imagem esquemática da orientação da linha forte em Castelo Branco, com a indicação das muralhas — medievais existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcáçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Post8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.



fig. 125 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga da cidade da Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcáçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.

C. Guarda

Da análise realizada à planta da Guarda constata-se que esta em muito se assemelha ao primeiro caso exposto - Covilhã. A Guarda é, sobretudo, constituída por uma linha forte com carácter dominante. Igualmente semelhante é o facto de existir um significativo espaço público, no interior do perímetro das antigas muralhas medievais - a Praça Luís de Camões. O alinhamento das frentes urbanas não é regular, posicionando-se estas com alinhamentos deformados, mas que no fundo se podem traduzir sob a forma de um rectângulo (fig. 128). A rodear este elemento do espaço público, encontra-se um conjunto de edifícios relevantes, contudo o edifício religioso da Sé, marcadamente o elemento mais dominante deste espaço público da Praça Luís de Camões.

Para a praça convergem e divergem alguns arruamentos, mas não de forma tão significativa como se constatou na Covilhã. No entanto, a Praça Luís de Camões consegue, ainda assim, caracterizar-se como um pólo de atracção e de centralidade, na zona antiga interior às muralhas. A partir deste lugar central da praça, estende-se uma linha tanto para norte, como para sul - a linha forte da zona antiga intramuros. A norte, este eixo principal de comunicação, estaria directamente relacionado com a Porta Falsa (n.º 1). Agora este denomina-se de Largo do Torreão que, contudo, não tem continuidade de acordo com o alinhamento da linha de força, como acontece no seu extremo oposto. No extremo oposto, portanto, do lado sul, relacionado por sua vez com uma outra antiga porta - Porta da Covilhã/Nova (n.º 4), a situação é bem distinta, ou seja, a linha forte estende-se e dá continuidade ao percurso para o exterior, obviamente com as deformações resultantes da adaptação às condições topográficas (fig. 126).

No interior das muralhas, alguns elementos do espaço público concentram-se ao longo da linha forte, como a já referida Praça Luís de Camões, o Largo de S. Vicente e o Largo do Torreão. Surgem edifícios religiosos, como a Sé e a Igreja de S. Vicente. É junto da Igreja e do Largo de S. Vicente que a antiga Judiaria se localiza. A relação desta com a linha forte dominante é meramente tangencial não sendo, desta forma, atravessada, como se observa na Covilhã e Castelo Branco. Os seus arruamentos não fazem, igualmente, parte integrante dos principais percursos de circulação, nem tão pouco de qualquer ligação entre áreas diferentes da zona antiga, como o verificado na Covilhã (fig. 127).

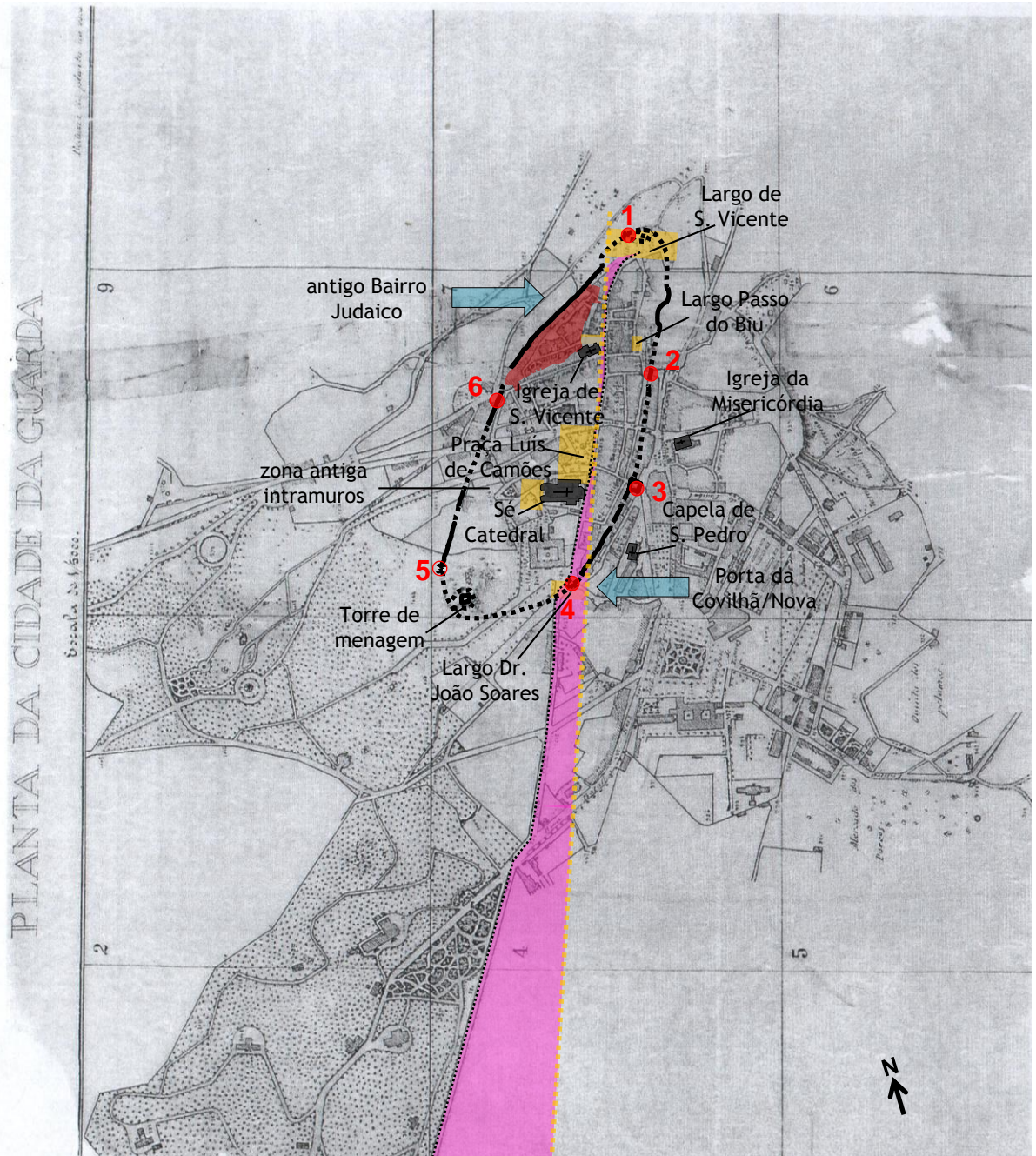


fig. 126 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, da cidade da Guarda - séc. XX, ano de 1925, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El Rei; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Fonte: extrato do livro “A Guarda Formosa na Primeira Metade do Século XX”, pp. 44. Escala 1/3000.

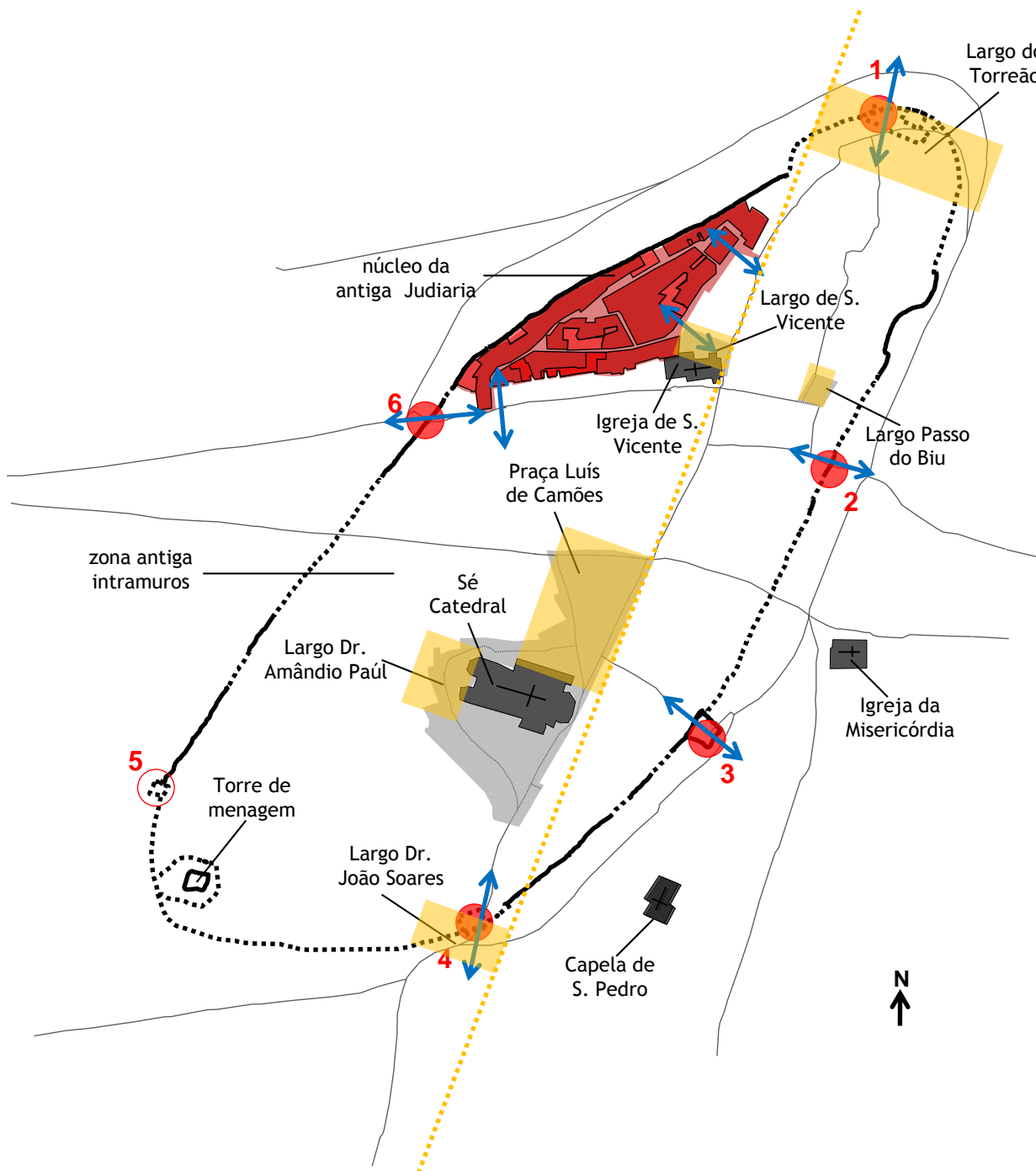


fig. 127 - Imagem esquemática da orientação da linha forte na Guarda, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El-Rei; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.



fig. 128 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga da cidade da Guarda, com a indicação das muralhas medievais — existentes e - - - - - destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El Rei; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - - - eixo da linha forte. Escala 1/3000.

D. Trancoso

A situação existente na planta de Trancoso vai muito na linha da Covilhã e Guarda. A linha forte é constituída por dois segmentos rectilíneos, perpendiculares entre si. Na intersecção destas duas linhas fortes, observa-se uma área significativa de espaço público - Praça D. Dinis e Largo do Pelourinho, bem como a localização de dois edifícios religiosos - Igreja da Misericórdia e Igreja de São Pedro, mais um monumento - Pelourinho. Em comum com a Covilhã e Guarda, verifica-se, o facto de este espaço público não se apresentar implantado ortogonalmente, no seu conjunto, ou seja, as frentes urbanas que rodeiam a praça e o largo, são irregulares e assimétricas entre si e posicionam-se sob ângulos, que tomam diferentes direcções e alinhamentos (fig. 131). Mas, mais uma vez, optou-se, por questões de simplificação e melhor análise do espaço urbano, recorrer à geometria e representar todo este espaço minimamente sob a forma de um rectângulo.

Ainda na confluência das duas linhas fortes é notória a noção de centralidade de que é dotada a Praça D. Dinis e o Largo do Pelourinho, pois, para estes dois espaços públicos, converge um significativo conjunto de arruamentos. A partir deste lugar central, uma das linhas fortes extravasa os limites das muralhas medievais, para o exterior, através da Porta d'El-Rei (n.º 5), com orientação para sul. A linha forte que lhe é perpendicular, acompanha este movimento de continuidade para o exterior das muralhas medievais, no sentido nascente, através da abertura onde se situava a Porta de S. João, embora de uma forma muito pouco significativa. Por sua vez, na direcção oposta, ou seja, para poente, esta continuidade da linha forte está bem definida e materializa-se através da Porta do Prado, localizada nas muralhas medievais (fig. 129).

Ao contrário da primeira linha forte, ao longo desta é possível localizar, no interior, um conjunto bastante significativo de espaços sucessivos de carácter público - Largo Luís Albuquerque, Largo do Pelourinho, Praça D. Dinis, Largo Padre Francisco Ferreira, Largo Dr. Eduardo Cabral e Largo de Santa Maria de Guimarães. Junto, ou inseridos nestes espaços públicos, observa-se a localização das Igrejas de São Pedro, Igreja da Misericórdia, o monumento do Pelourinho, um Palácio Ducal, a Casa dos Arcos, a Casa do Gato Preto e um pouco mais afastada da linha forte, a Igreja de Santa Maria de Guimarães. Por aqui se conclui a força de atracção, a centralidade, pelo qual o núcleo da zona antiga de Trancoso se caracteriza (fig. 128).

Em comum com a Guarda, também a antiga Judiaria de Trancoso se encontra numa posição de tangência, relativamente à linha forte, pela qual e, ao longo da qual se observa a maior concentração de espaço público e maior número de edifícios relevantes, sob o ponto de vista do seu valor arquitectónico.

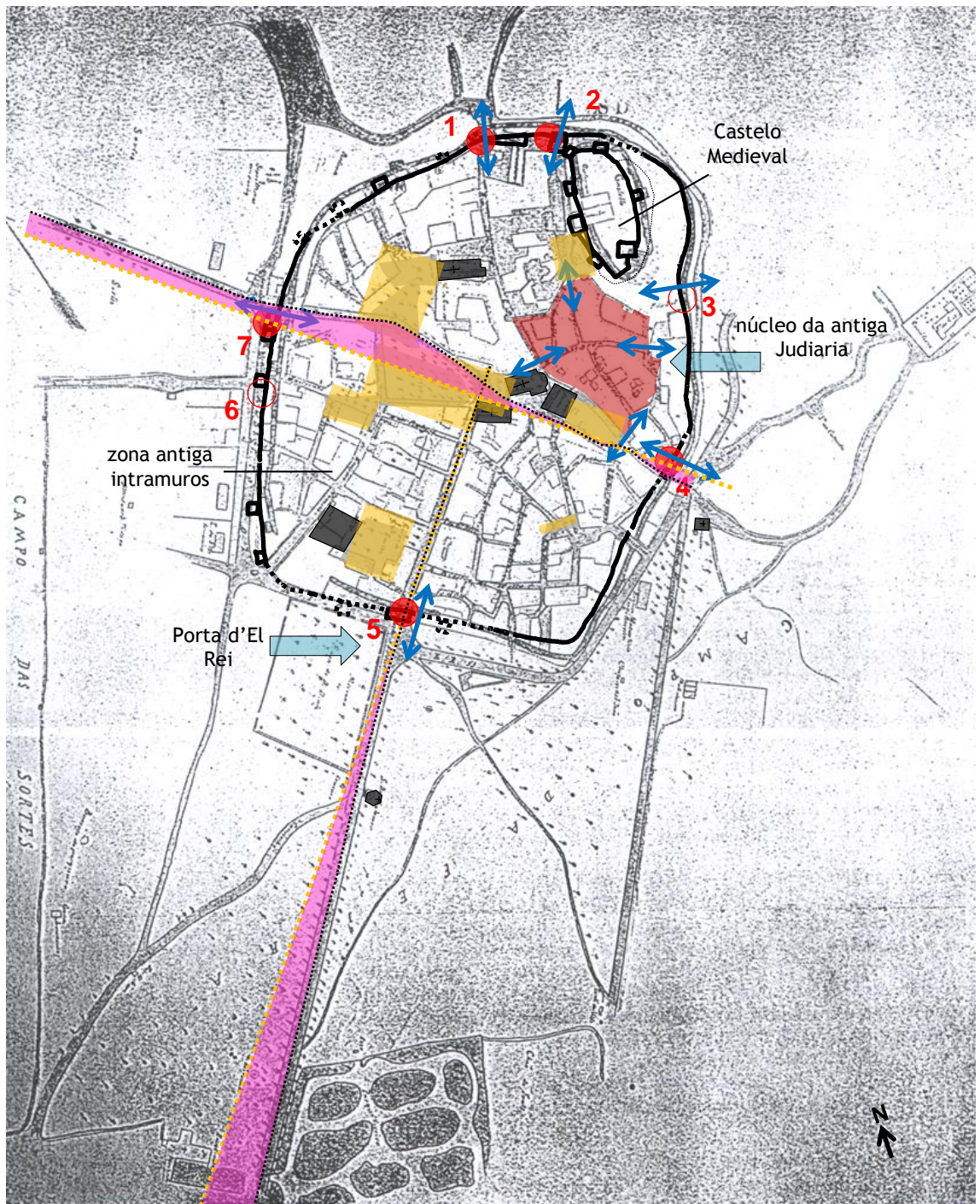


fig. 129 - Imagem da área central com a zona antiga (intramuros) e o espaço da antiga Judiaria, de Trancoso - séc. XIX, ano de 1895, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d'El Rei; 6.Postigo do Boeirinho; 7.Porta do Prado; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Fonte: extrato do “Almanach-Annuario”, de 1915, pp. 104.

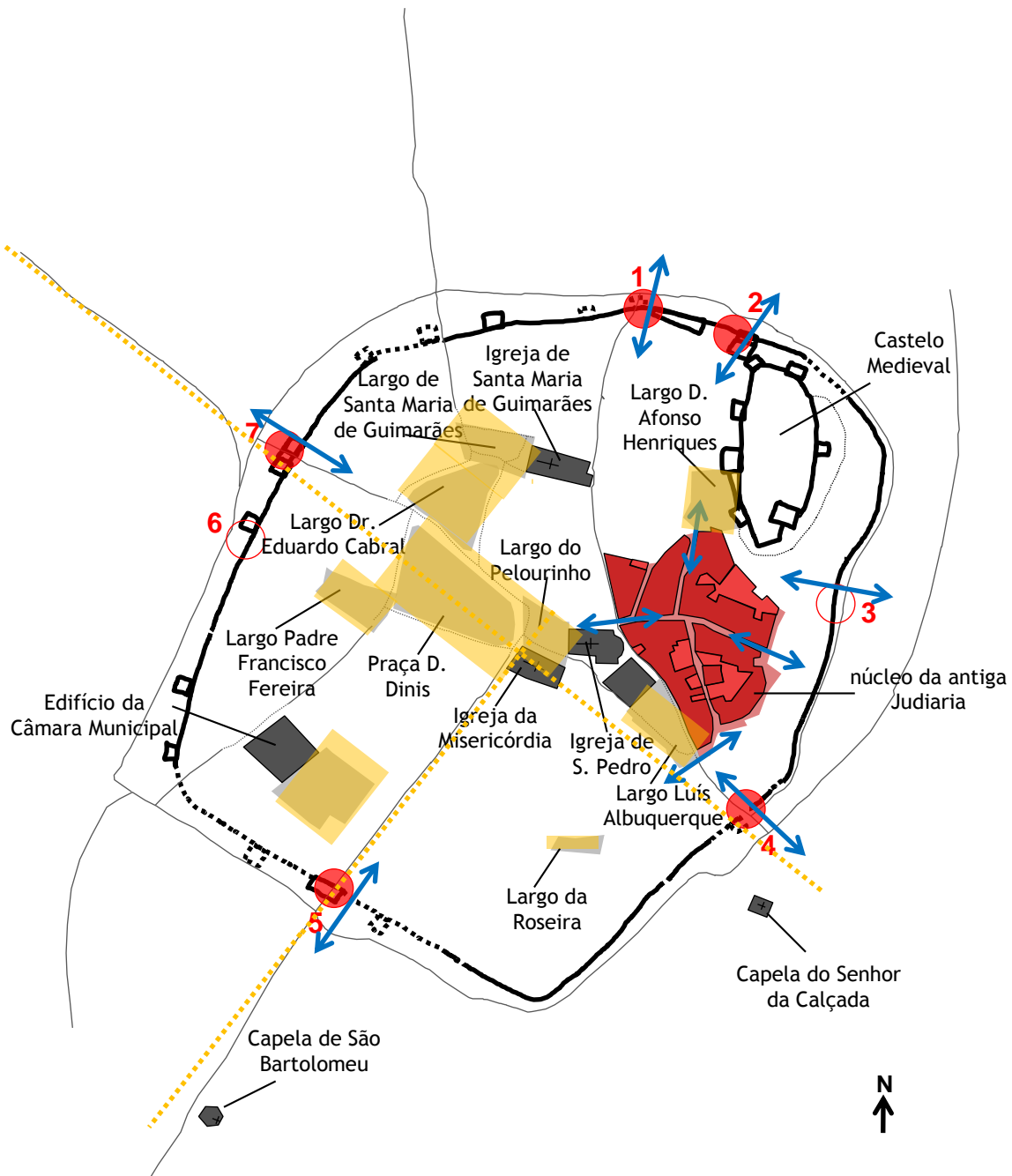


fig. 130 - Imagem esquemática da orientação da linha forte, em Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d'El-Rei; 6.Postigo do Boeirinho; 7.Porta do Prado; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adros, praças e largos); eixo da linha forte. Escala 1/3000.

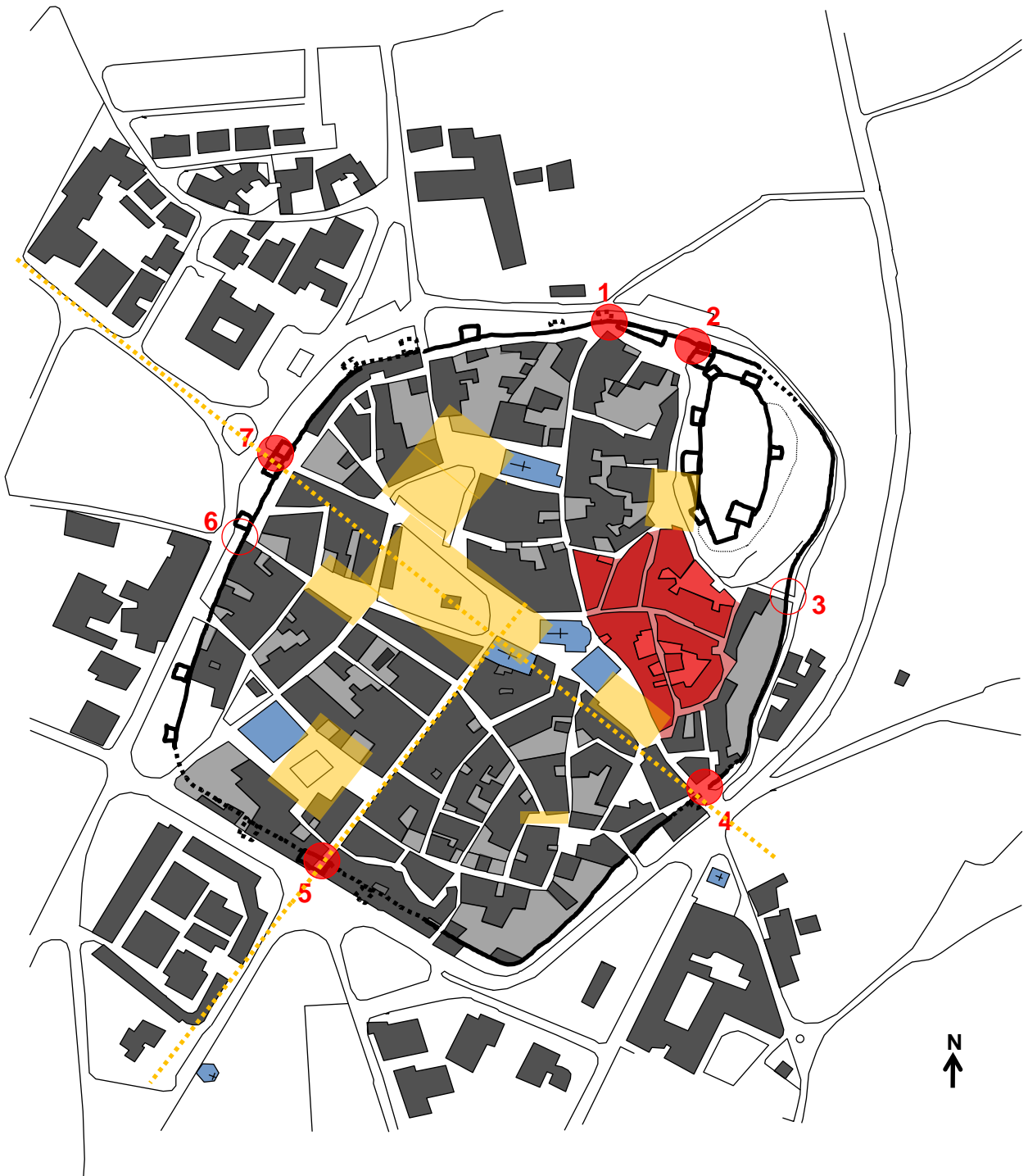


fig. 131 - Imagem do espaço público/privado da área central da zona antiga de Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d'El Rei; 6.Postigo do Boeirinho; 7.Porta do Prado; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria, ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte. Escala 1/3000.

2. Síntese conclusiva

Linhas fortes na cidade. A percepção que se tem do espaço surge através do sistema visual. Nas quatro cidades - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, existem espaços públicos e edifícios marcantes (ruas, praças, largos, muralhas, edifício da Câmara Municipal e edifícios religiosos, como Igrejas/Capelas), os quais funcionam como elementos estruturantes da cidade, ou como pólos de atracção, geradores de espaços públicos mais importantes destacando-se na envolvente.

Linhas fortes da Covilhã e Guarda. As zonas antigas, intramuros, da Covilhã e Guarda têm como ponto comum o facto de se caracterizarem por uma única linha forte dominante. A linha forte da Covilhã desenvolve-se para nascente e poente, enquanto no caso da zona antiga da cidade da Guarda, se desenvolve para norte e para sul (fig. 132 e 134). Ao longo da linha forte, surgem diversos espaços públicos e edifícios religiosos, mas têm a particularidade de possuírem um espaço público bastante dominante e marcante: Praça do Município, na Covilhã (exterior às muralhas medievais) e a Praça Luís de Camões, na Guarda (no interior das muralhas medievais).

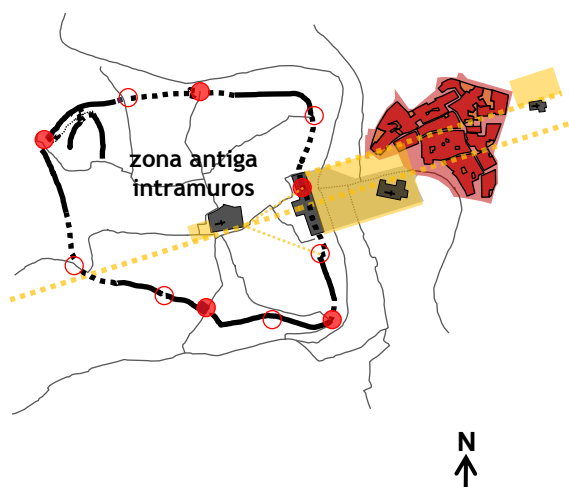
Linhas fortes de Trancoso. Por sua vez, na zona antiga de Trancoso existem duas linhas fortes, uma no sentido sul e uma outra que se estende para nascente e poente, caracterizadas por um forte aglomerado de espaço público e, ainda, alguns edifícios religiosos e de relevância arquitectónica (fig. 135).

Linhas fortes de Castelo Branco. Por último, a zona antiga, intramuros, de Castelo Branco, surge como uma situação particular, porque nela operam em simultâneo várias linhas fortes, que enriquecem, desta forma, o carácter da cidade. As linhas fortes são radiocêntricas e têm origem e como ponto comum a Igreja de Santa Maria do Castelo, no topo da colina onde existiu o Castelo Templário. A linha forte central é a que maior extensão apresenta. As restantes linhas forte (duas para norte e duas para sul) surgem em relação à primeira e, sucessivamente, fazem entre si um ângulo comum de 23°.

Ao contrário das outras três cidades, a zona antiga da cidade não está dotada de um significativo número de espaços públicos, edifícios públicos e religiosos, ao longo das linhas fortes (fig. 133).

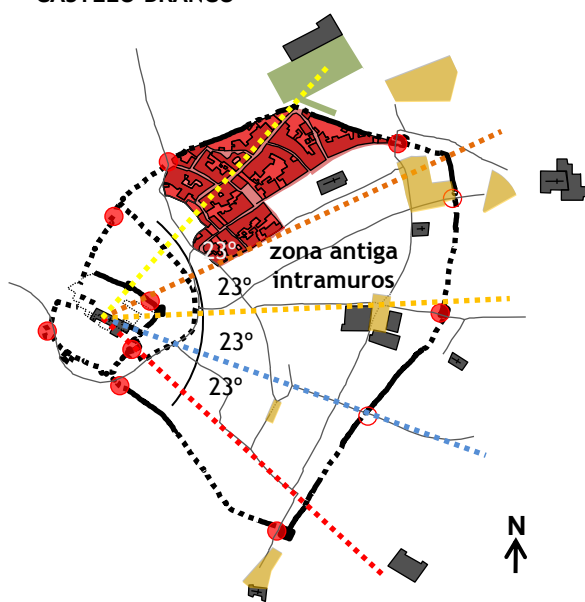
Linhas fortes da antiga Judiaria. As antigas Judiarias surgem posicionadas e relacionadas em função das linhas fortes, segundo duas situações gerais distintas: atravessadas ou tangentes.

COVILHÃ



Na zona antiga da Covilhã, perceptualmente, visualiza-se uma linha forte, com origem na Praça do Município, que se estende para nascente e poente.

CASTELO BRANCO



Na zona antiga de Castelo Branco, perceptualmente, visualizam-se múltiplas linhas fortes, radiocêntricas, com origem na Igreja de Santa Maria do Castelo, no topo da colina, que se estendem sobretudo para nascente e norte.

fig. 132 e 133, respectivamente - Linhas(s) forte(s) das zonas antigas das cidades da Covilhã e Castelo Branco. Com a indicação das muralhas **—** medievais existentes e **.....**, destruídas, bem como as suas **●** portas e **○** postigos; **■** espaço público da antiga Judiaria; **■** edifício público; **■** igreja/capela; **■** espaços públicos (adro, praça e largo); **.....** eixo da linha forte.

As antigas Judiarias da Covilhã e Castelo Branco encontram-se numa posição em que são atravessadas pela linha/ou pelo menos uma das linhas fortes na zona antiga da cidade (fig. 132 e 133). Já as antigas Judiarias da Guarda e Trancoso encontram-se numa posição de tangência à linha forte/ou pelo menos a uma das linhas forte dominante (fig. 134 e 135).

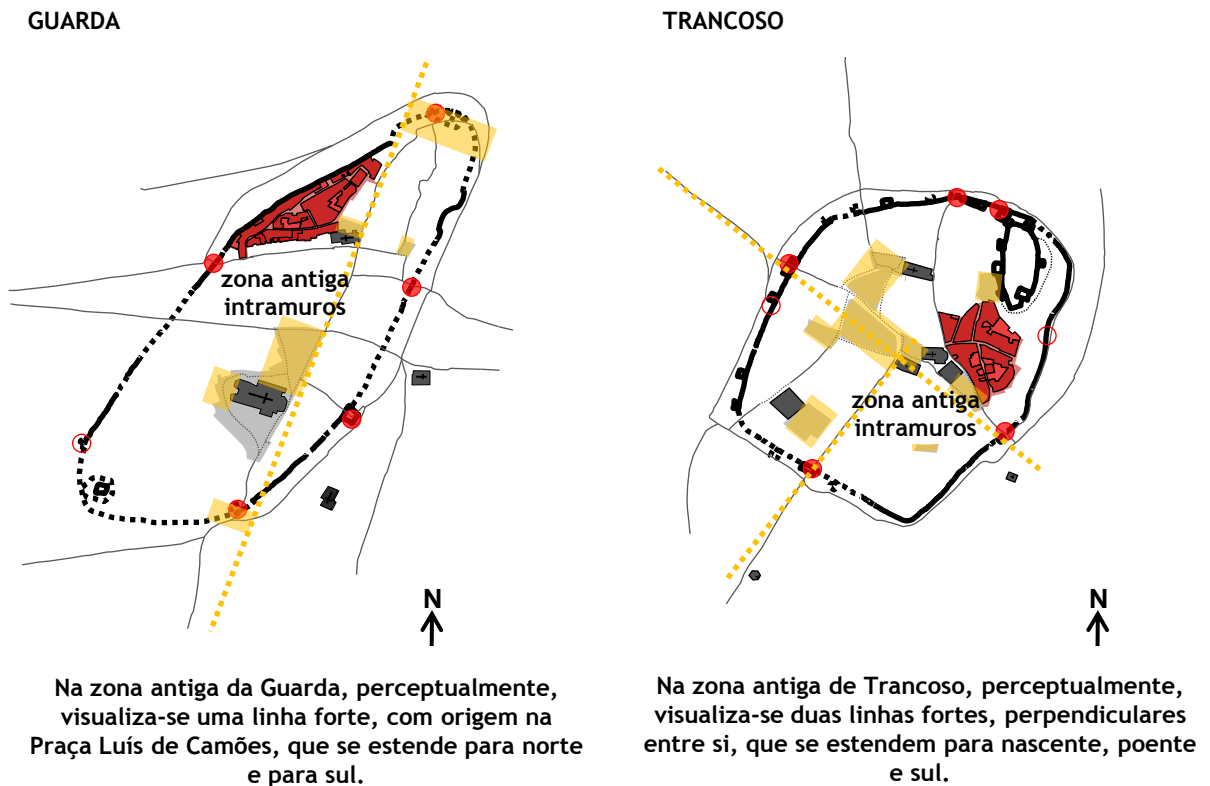
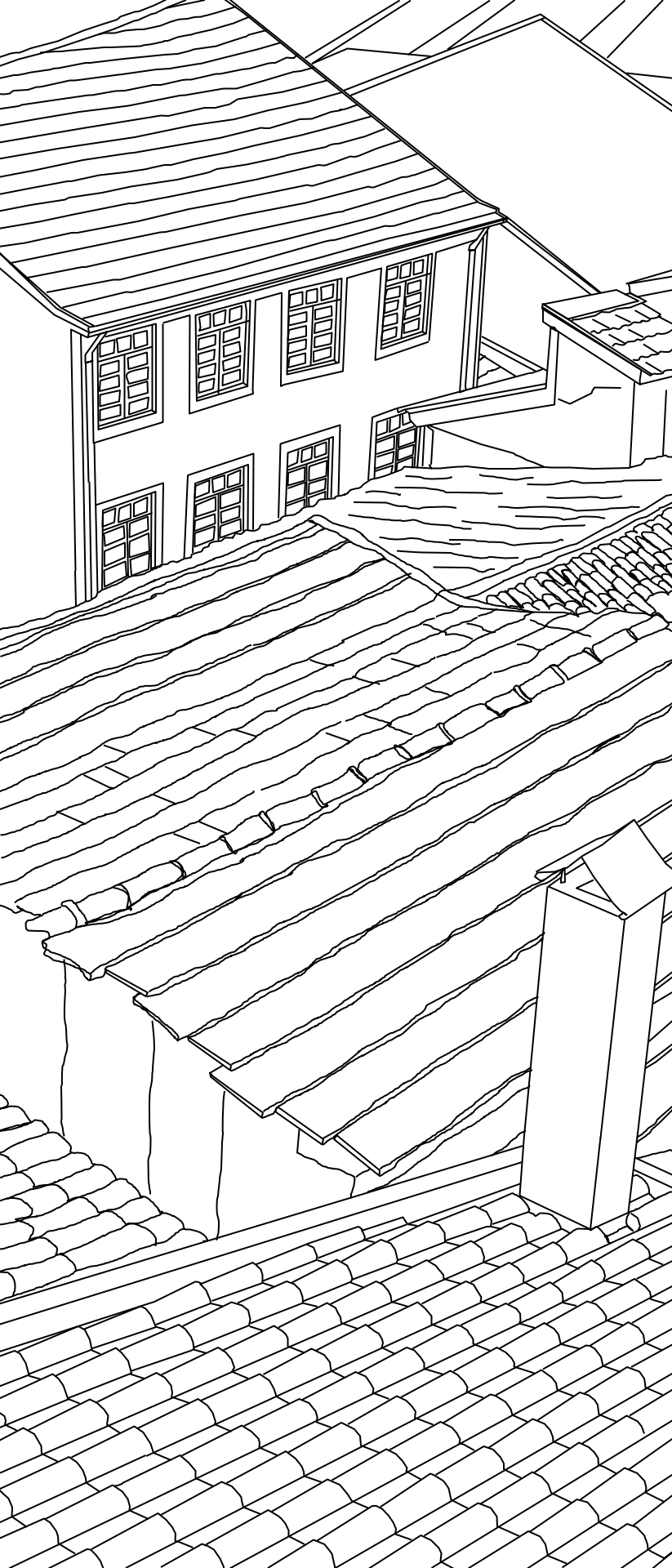


fig. 134 e 135, respectivamente - Linhas(s) forte(s) das zonas antigas das cidades da Guarda e Trancoso. Com a indicação das muralhas — medievais existentes e - - - - - destruídas, bem como as suas ● portas e ○ postigos; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ edifício público; ■ igreja/capela; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - - - eixo da linha forte.



Capítulo 5 | Imagem da cidade - estrutura urbana

1. Análise da estrutura urbana - espaço público

A cidade não se confina a um contorno geométrico simples. O tecido urbano pode estender-se infinitamente num sistema onde, aparentemente parece não existir uma ordem específica.

A construção de um sistema protótipo, será por isso um método, através da percepção visual, organizador e que simplifica a forma urbana e permite conhecer a complexidade de um sistema.

Enquanto objecto de estudo, o espaço público será o elemento principal para a construção do protótipo. A interpretação do espaço público, tendo em consideração toda a forma do interior urbano e, não apenas o eixo viário da rua, irá contribuir para desenhar a linha central. Conhecida e linha central do espaço público, importa conhecer aquele que é caracterizado por um maior número de intersecções e, assim, identificar as ruas chave.

A par com a(s) linha(s) forte(s), as ruas chave, são a base para a construção da grelha protótipo, com a qual será possível analisar e interpretar as áreas de maior ou menor densidade na cidade e, mais especificamente a zona antiga no interior das muralhas medievais e antiga Judiaria.

A. Covilhã

O espaço público da Covilhã, de um modo geral, surge como um sistema complexo e fragmentado, aparentemente, relacionado com a adaptação à estrutura natural do terreno (fig. 136). A adequação ao “sítio” condiciona em muito a forma urbana e, no caso da Covilhã, resulta num sistema caracterizado por acentuadas irregularidades do seu tecido urbano e troços de pequena extensão, sobretudo na zona antiga.

A aplicação do método para o estudo da densidade urbana na Covilhã, permite conhecer e estruturar o espaço urbano. Impor regularidade e reduzir a cidade a um sistema geométrico, facilitador da leitura, ignorando curvas e intersecções não perpendiculares, ignorando o percurso ondulado e sem perspectiva das múltiplas linhas centrais do espaço público (fig. 137).

No espaço público da Covilhã, foram identificadas várias ruas chave caracterizadas pelo seu maior número de pontos de intersecção (fig. 138), localizando-se estas, tanto no interior, como no exterior das muralhas medievais. Também no espaço da antiga Judiaria localizada extramuros, se observam ruas chave que contribuem para a definição e construção da grelha protótipo (fig. 139).

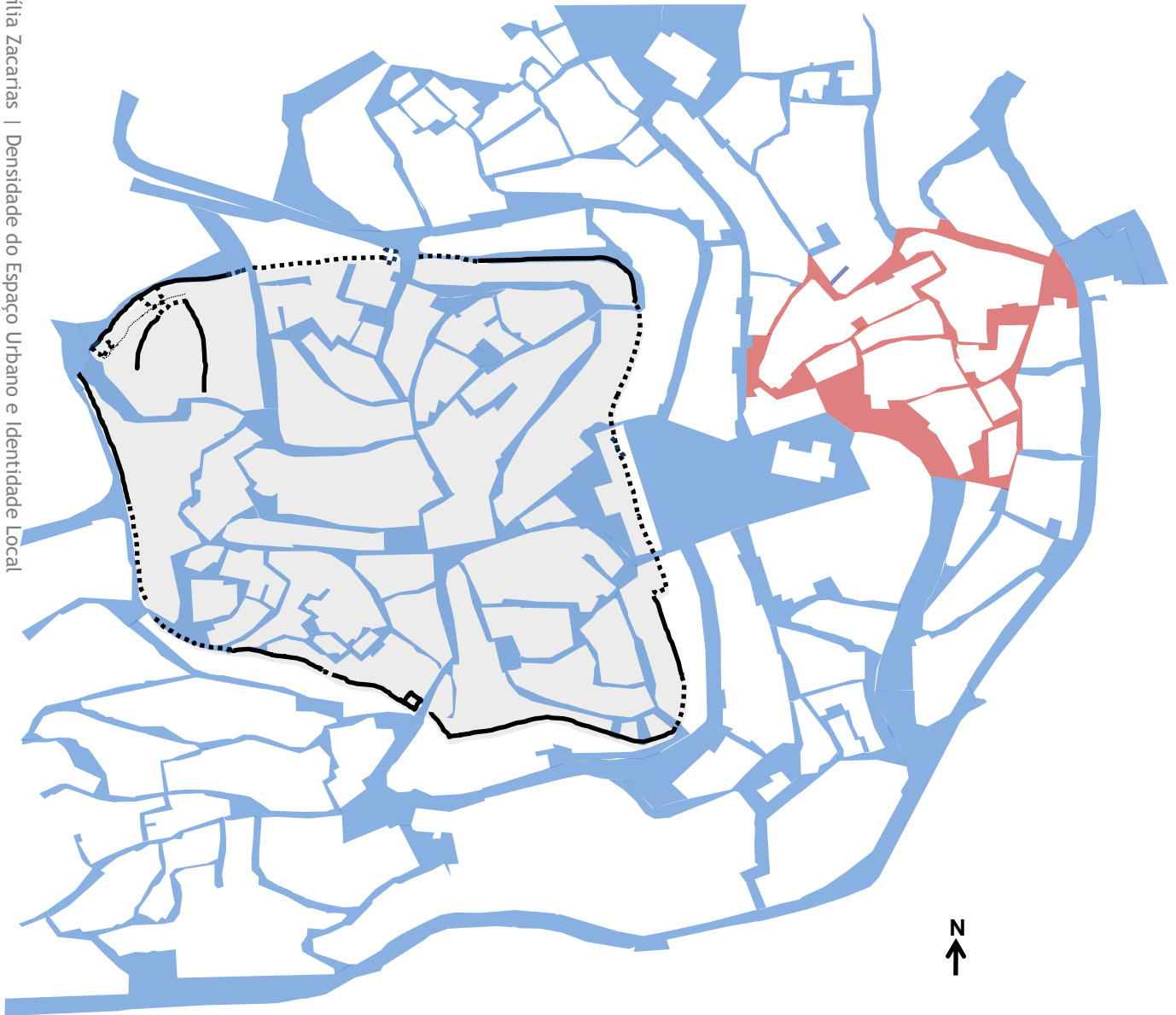


fig. 136 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...), com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros. Escala 1/3000.

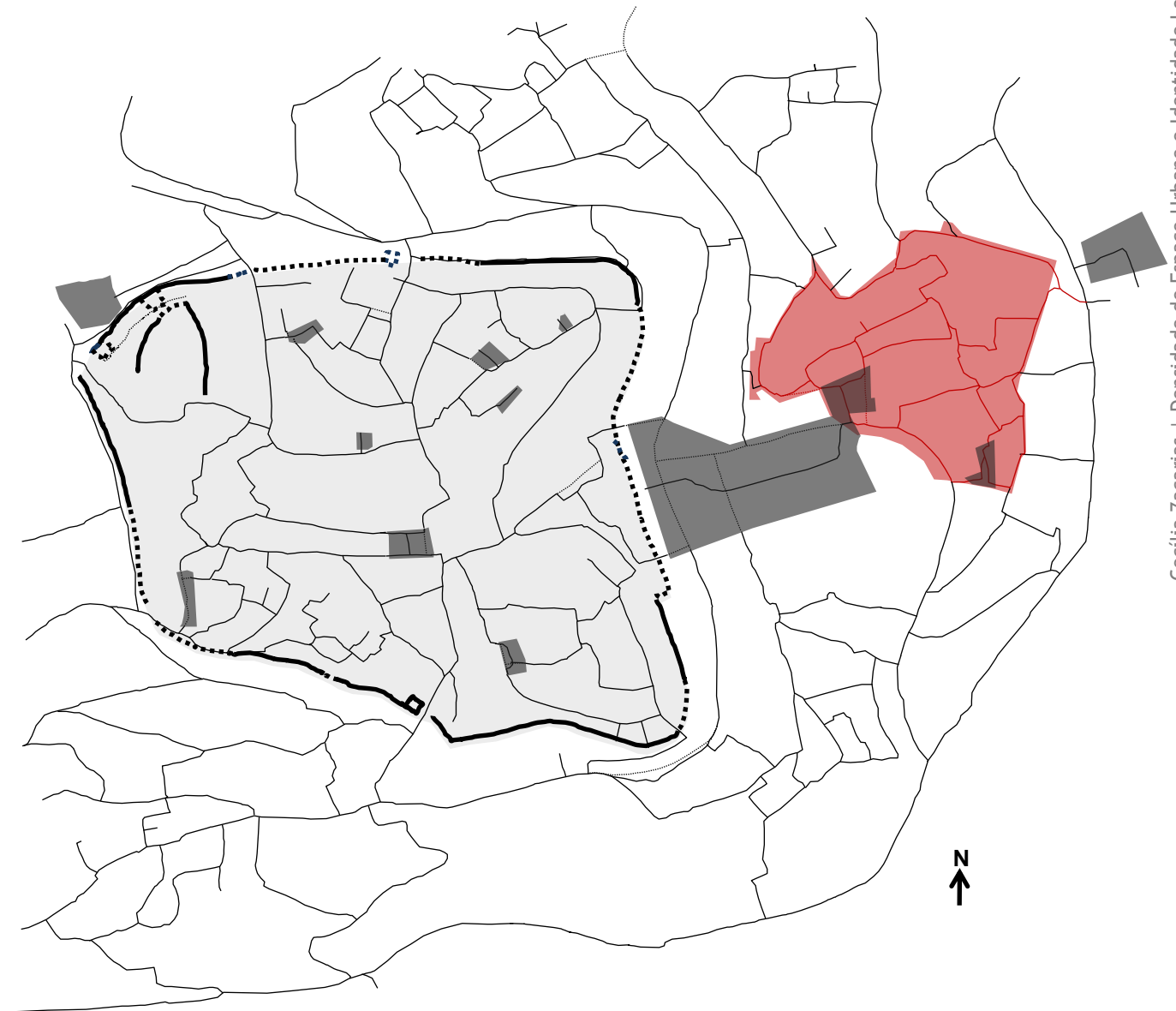


fig. 137 - Imagem das linhas centrais do espaço público. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, área antiga intramuros. Escala 1/3000.

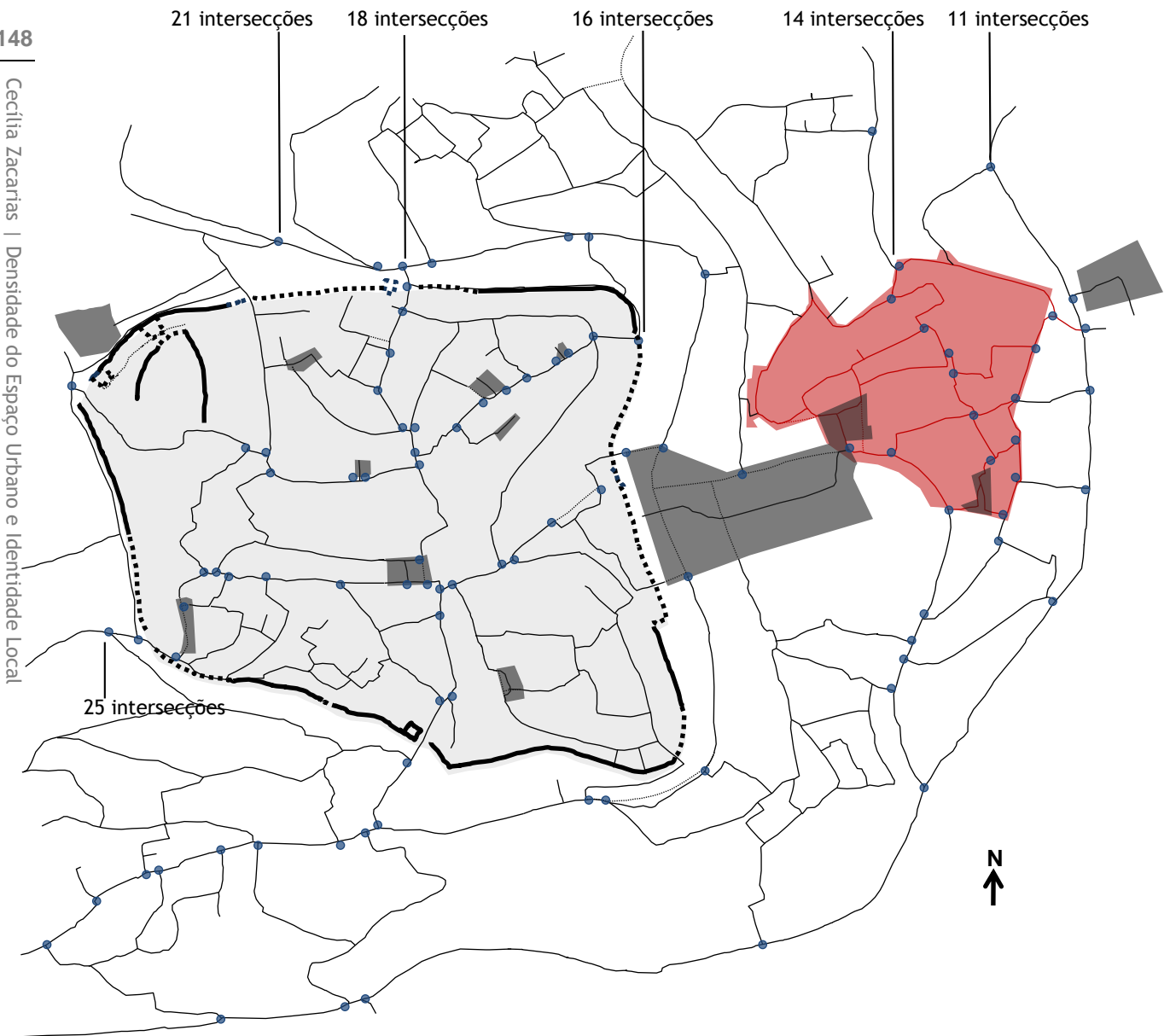


fig. 138 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.

Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, ■ área antiga intramuros; ● ponto de intersecção. Escala 1/3000.

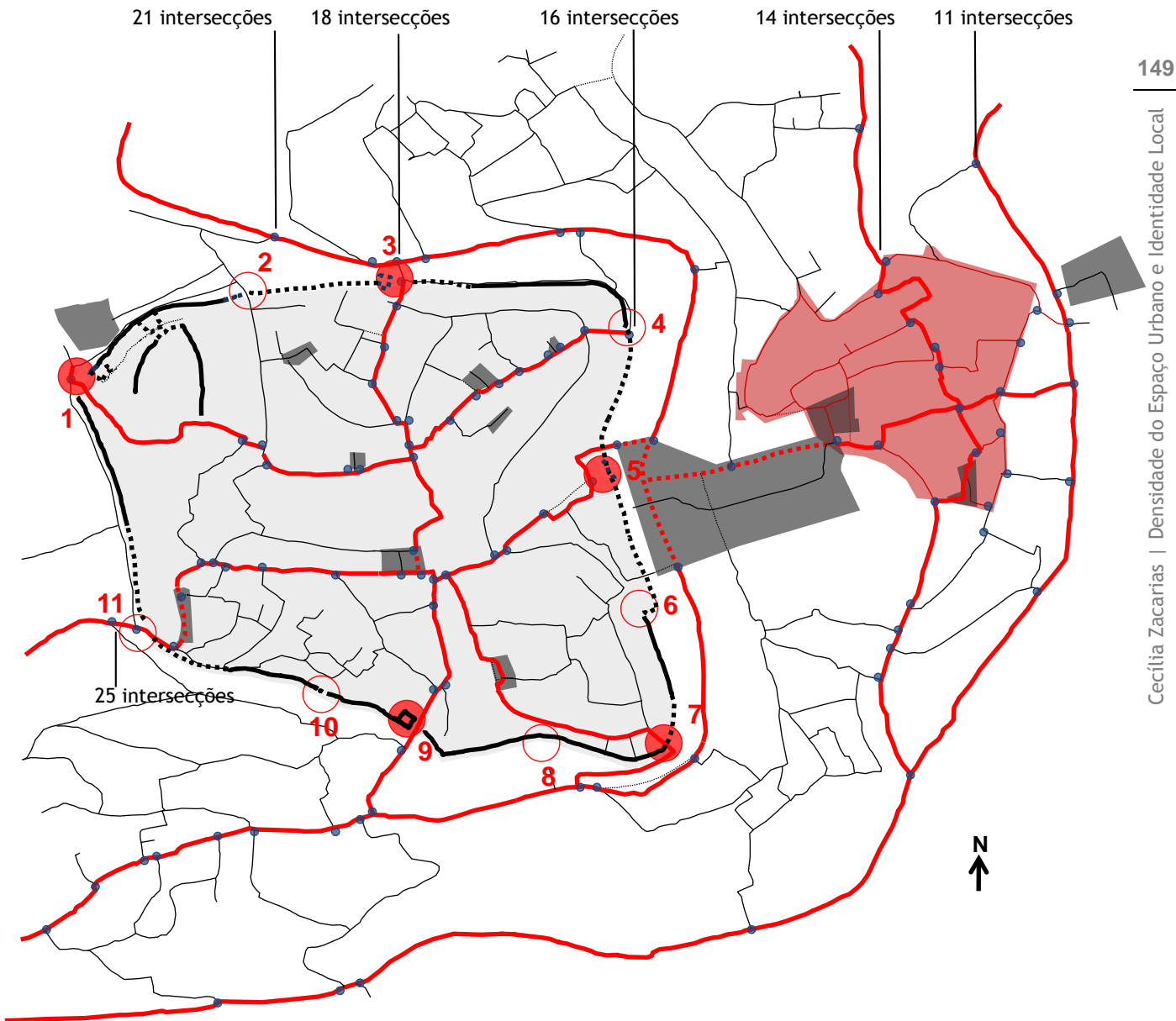


fig. 139 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana. Escala 1/3000.

B. Castelo Branco

Em Castelo Branco, o espaço público apresenta-se mais estruturado e organizado, relativamente ao caso anterior - Covilhã (fig. 140). O espaço público é, constituído por dois tipos de troços, uns de maior extensão e na grande maioria, posicionam-se perpendicularmente em relação ao declive natural do terreno. Estando estes ligados, entre si, por outros troços mais curtos paralelos à topografia.

Com a simplificação do desenho do espaço público, através das linhas centrais é, perfeitamente observável a orientação e posição dos diferentes troços e que, os mesmos, apesar de alguma deformação são caracterizados por linhas rectilíneas e com perspectiva (fig. 141).

O estudo das linhas centrais do espaço público indica que, os troços mais largos estão orientados para norte e, é onde se quantificam pontos de intersecção em maior quantidade. Para sul, uma vez que, o declive é mais acentuado imediatamente a seguir à área do antigo castelo templário, observam-se troços mais curtos na base da colina (fig. 142).

A identificação das ruas chave (fig. 143), resulta do processo anterior, de identificar as linhas centrais com maior número de pontos de intersecção (fig. 142).

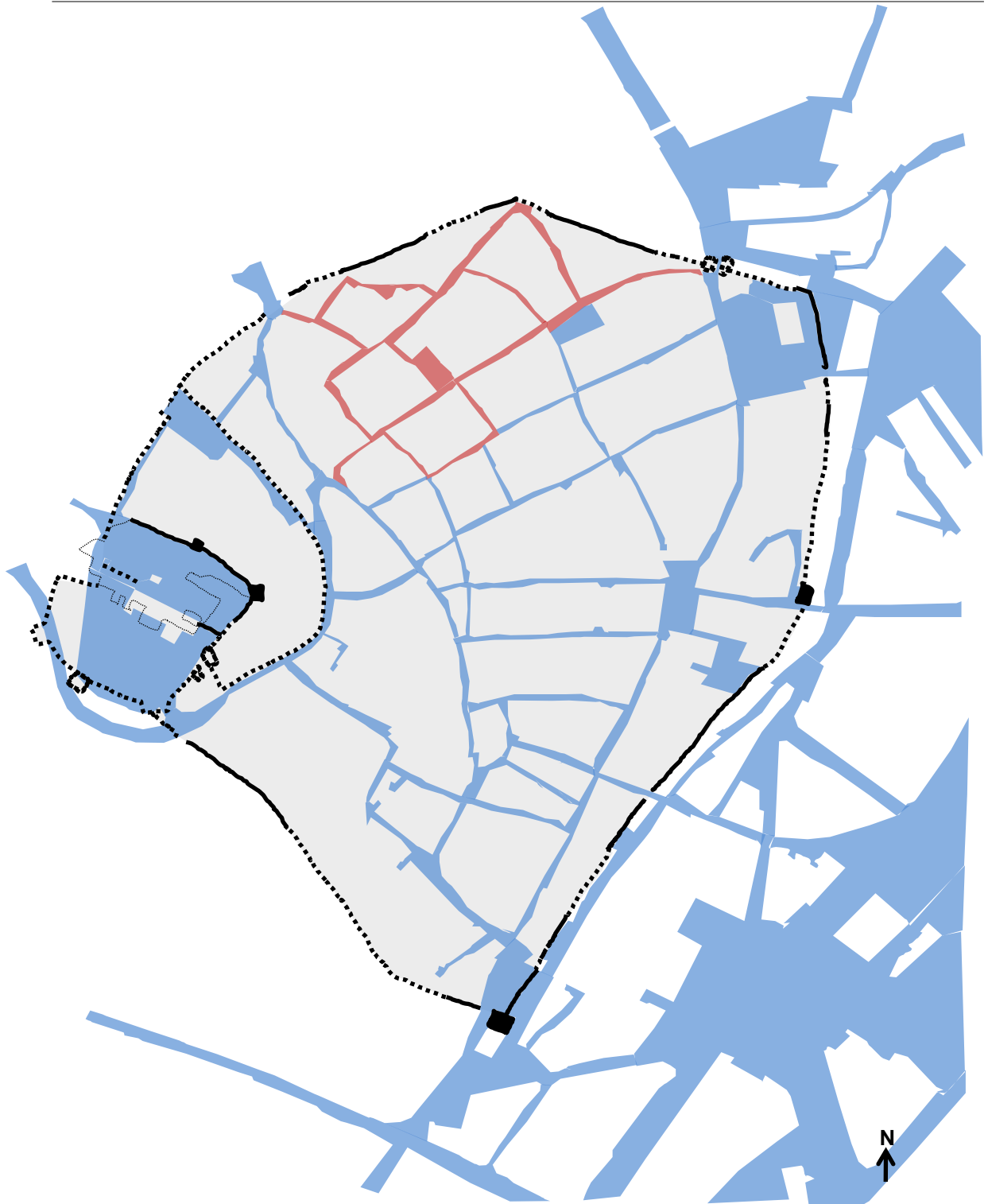


fig. 140 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...), com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros. Escala 1/3000.

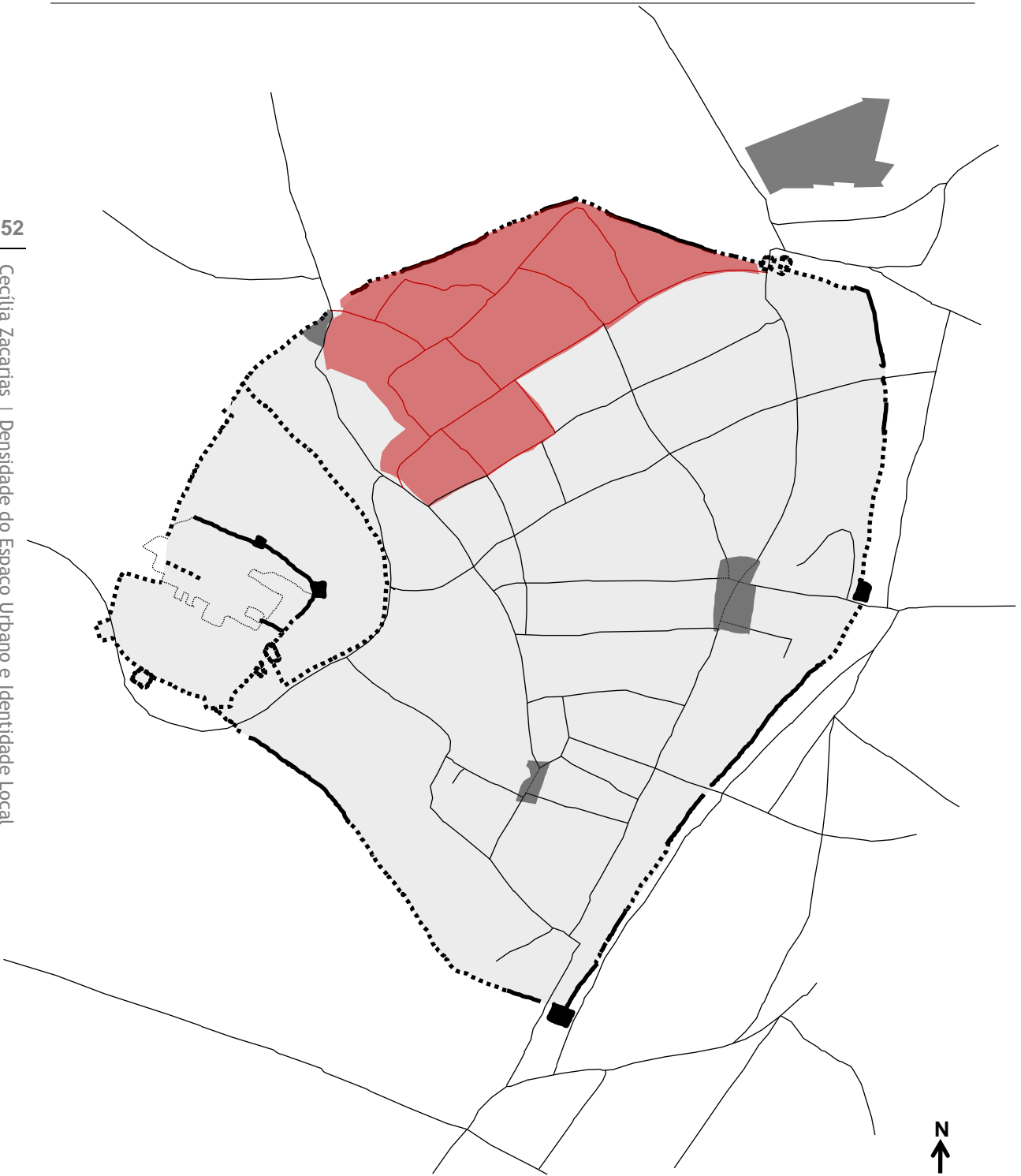


fig. 141 - Imagem das linhas centrais do espaço público. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■■ espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, ■■ área antiga intramuros. Escala 1/3000.

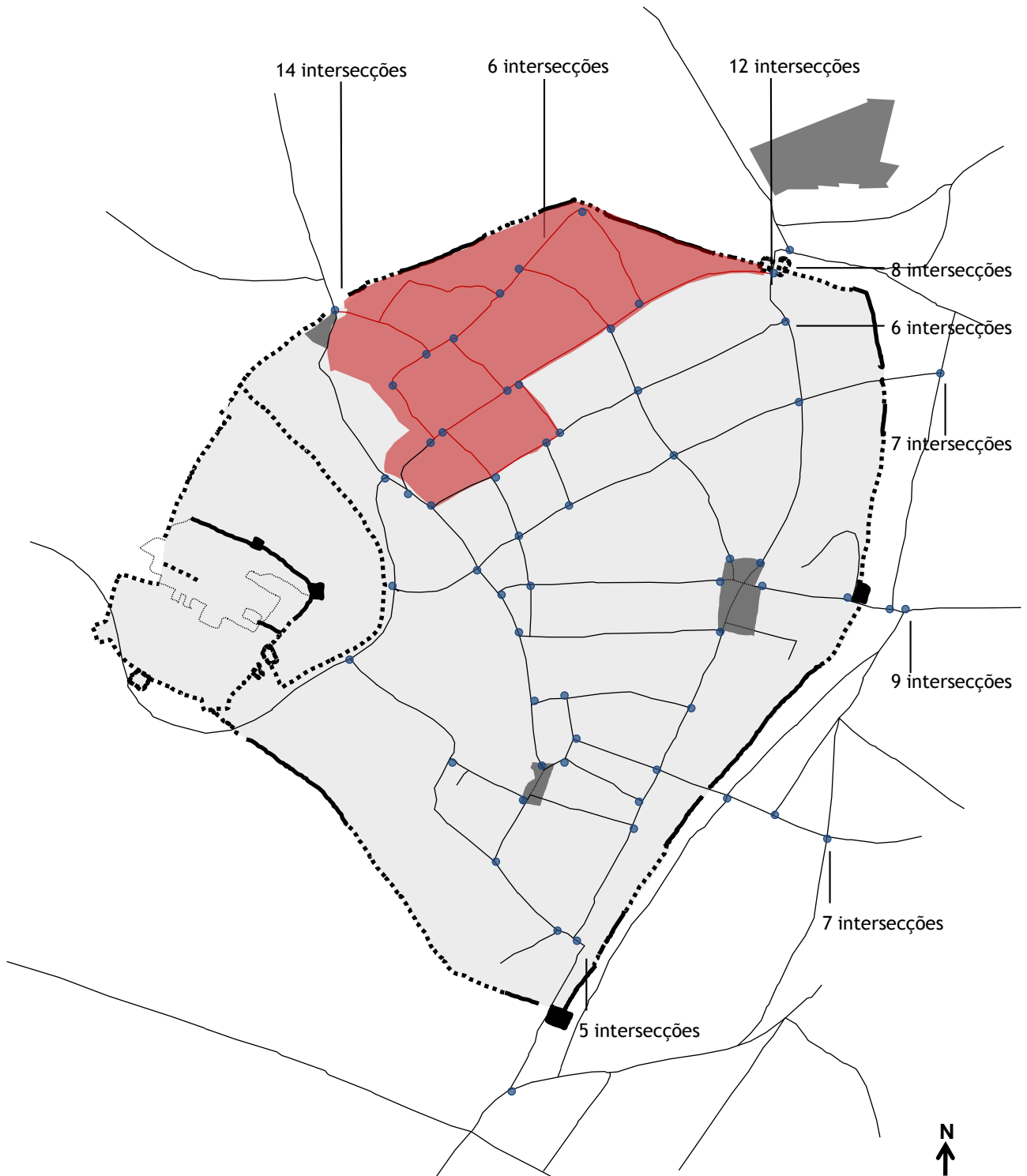


fig. 142 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de interseções.

Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria;
 ■ espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, ■ área antiga intramuros; ● ponto de intersecção. Escala 1/3000.

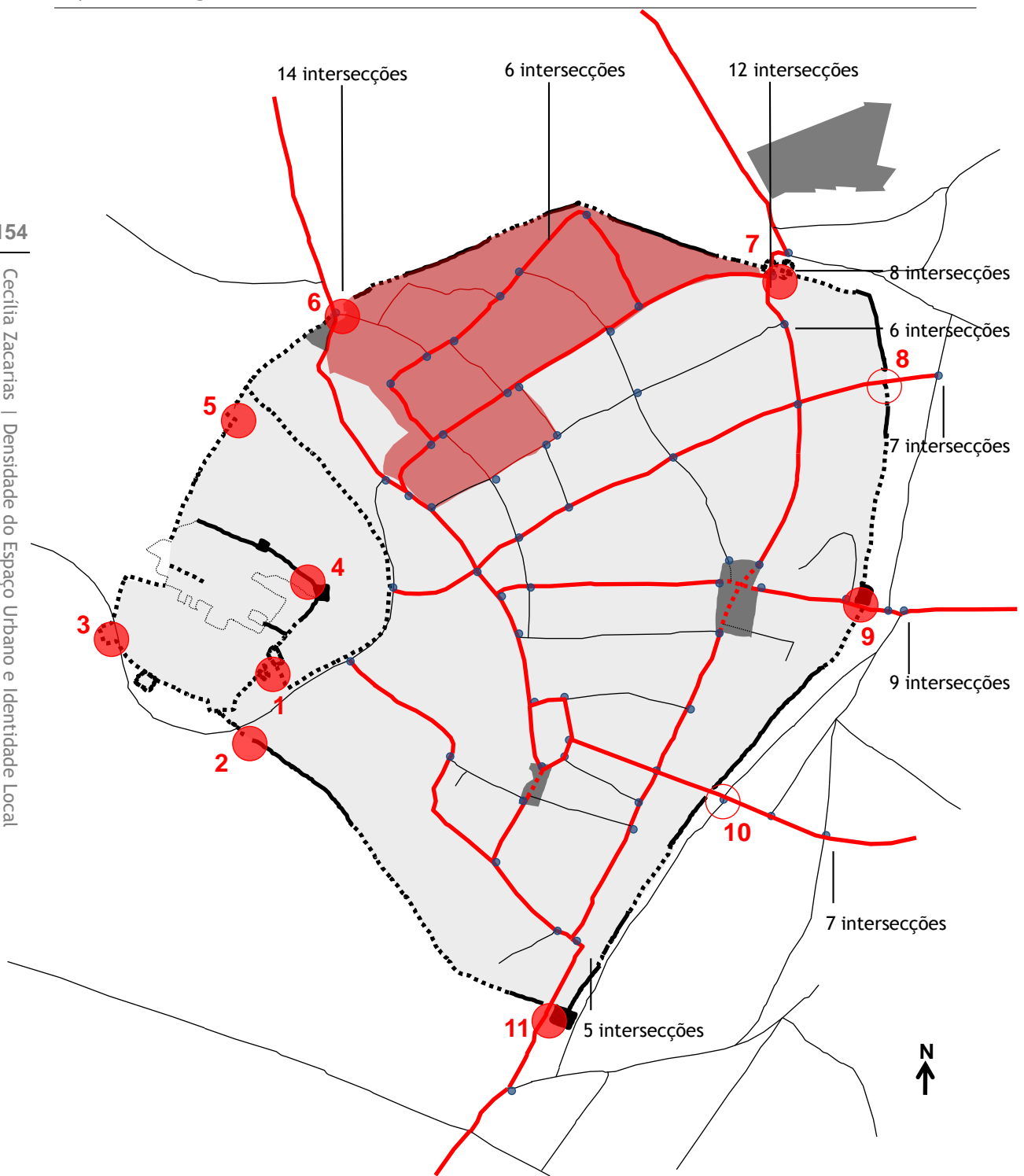


fig. 143 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ● portas e postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcáçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo. Escala 1/3000.

C. Guarda

A estrutura do espaço público na Guarda é organizada e remete imediatamente para uma forma muito próxima do sistema ortogonal. Na imagem do espaço público, intramuros, observam-se duas áreas com características particulares. Uma, orientada a sul é caracterizada por maior número de espaços públicos mais amplos, tais como, as praças. A outra orientada para norte é constituída por uma rede de ruas estreitas e pequenas manchas, que correspondem a praças e largos (fig. 144).

Quando se observa o mapa do espaço público, instantaneamente, sobressai um percurso mais longo que, atravessa toda a área da zona antiga, no interior das muralhas medievais, sentido sul/norte. Este espaço público era parte integrante dos acessos nas antigas muralhas medievais, à semelhança de outros troços de menor extensão, como é possível observar pelas suas linhas centrais (fig. 145).

No espaço público da Guarda, identificam-se algumas ruas chave, as quais, se seleccionaram por serem constituídas por um maior número de pontos de intersecção. Estas ruas chave coincidem com a primeira observação, sobre os espaços públicos, de maior extensão (fig. 146 e 147).



fig. 144 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...), com identificação do **■** espaço público da antiga Judiaria; **■** espaço público da zona antiga; **■** área antiga intramuros. Escala 1/3000.

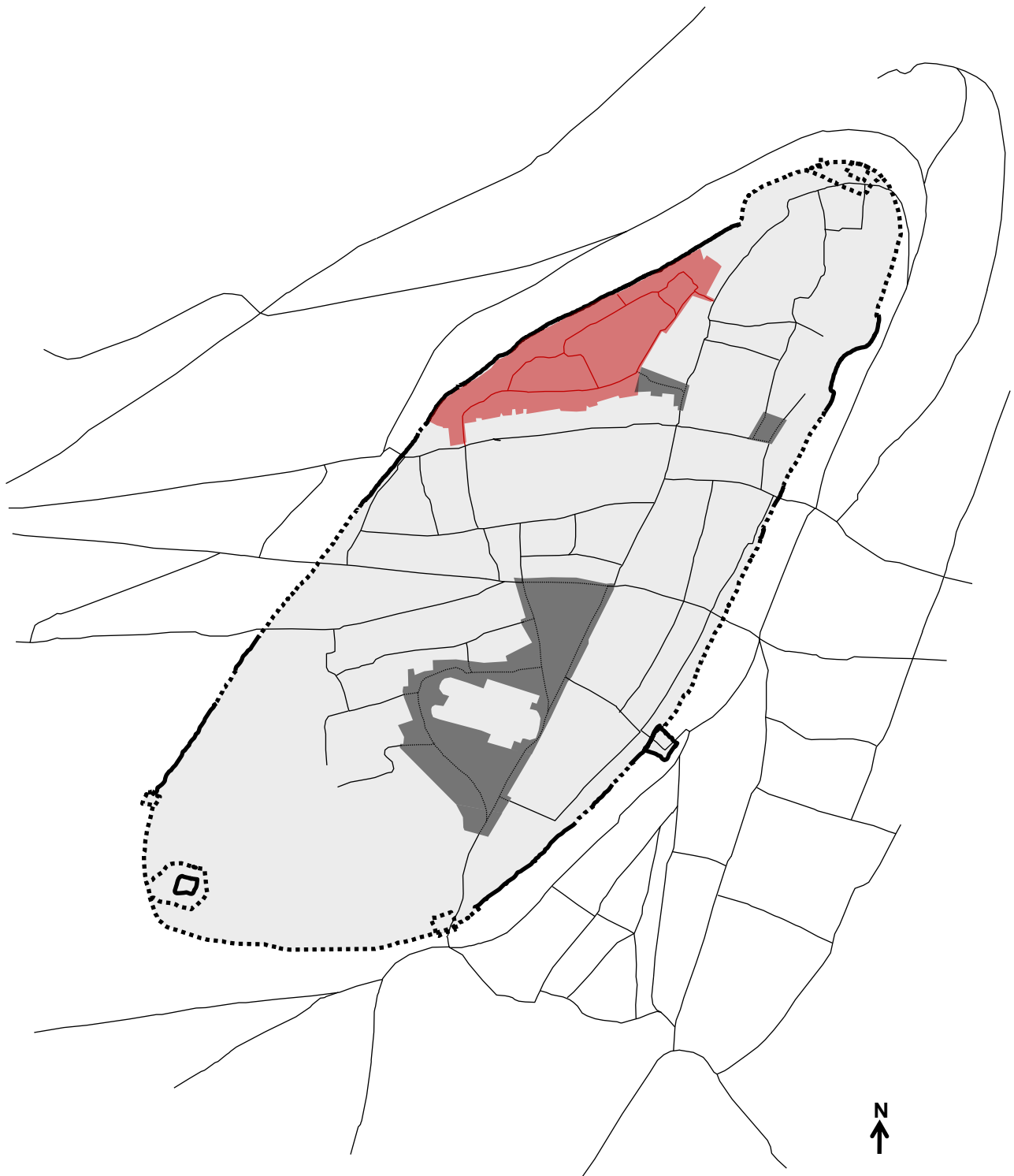


fig. 145 - Imagem das linhas centrais do espaço público. Legenda: **■** espaço público da antiga Judiaria; **—** linha central do espaço público da antiga Judiaria; **■** espaço público da zona antiga; **—** linha central do espaço público da área antiga, **■** área antiga intramuros. Escala 1/3000.

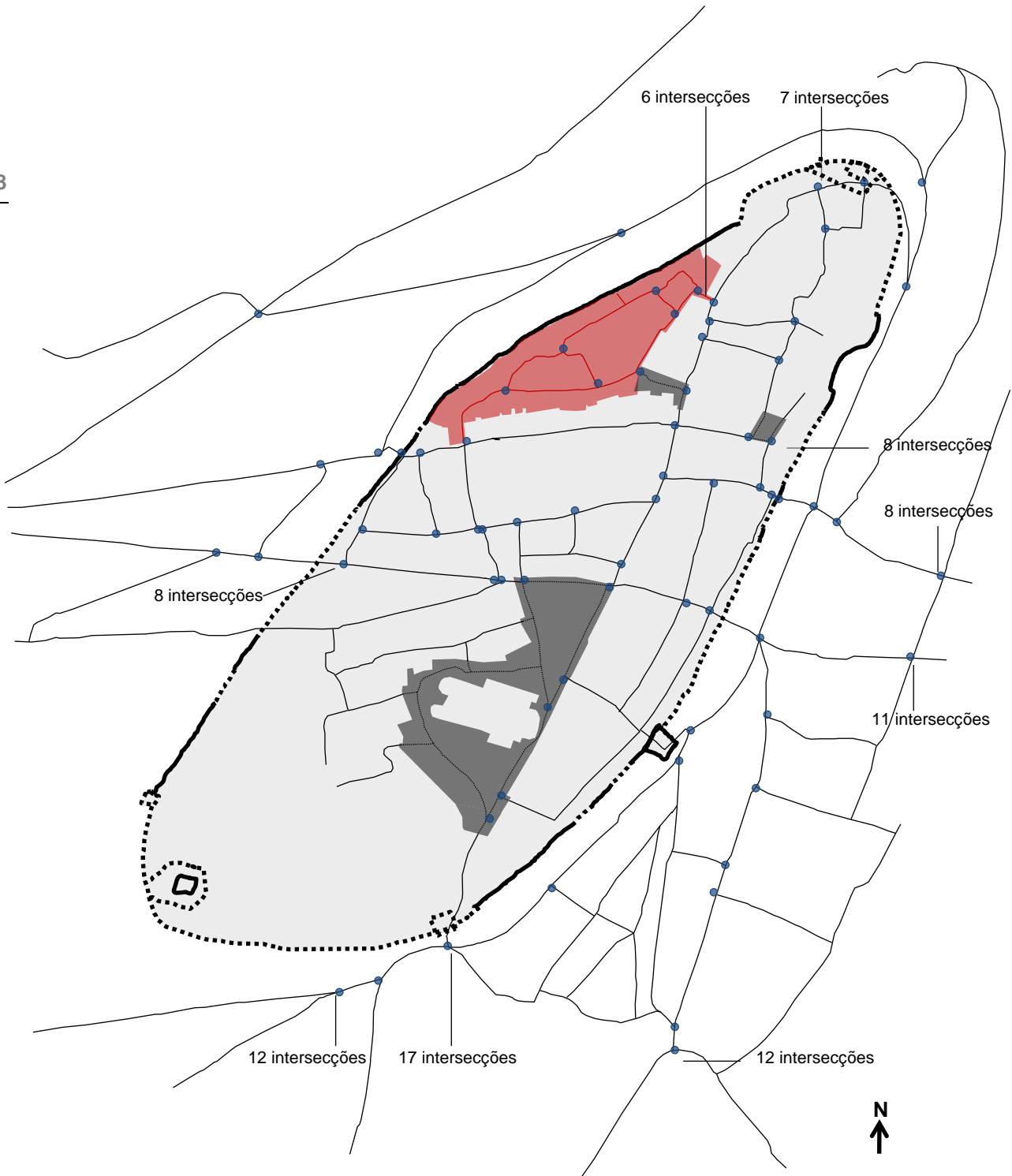


fig. 146 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.

Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, ■ área antiga intramuros; ● ponto de intersecção. Escala 1/3000.

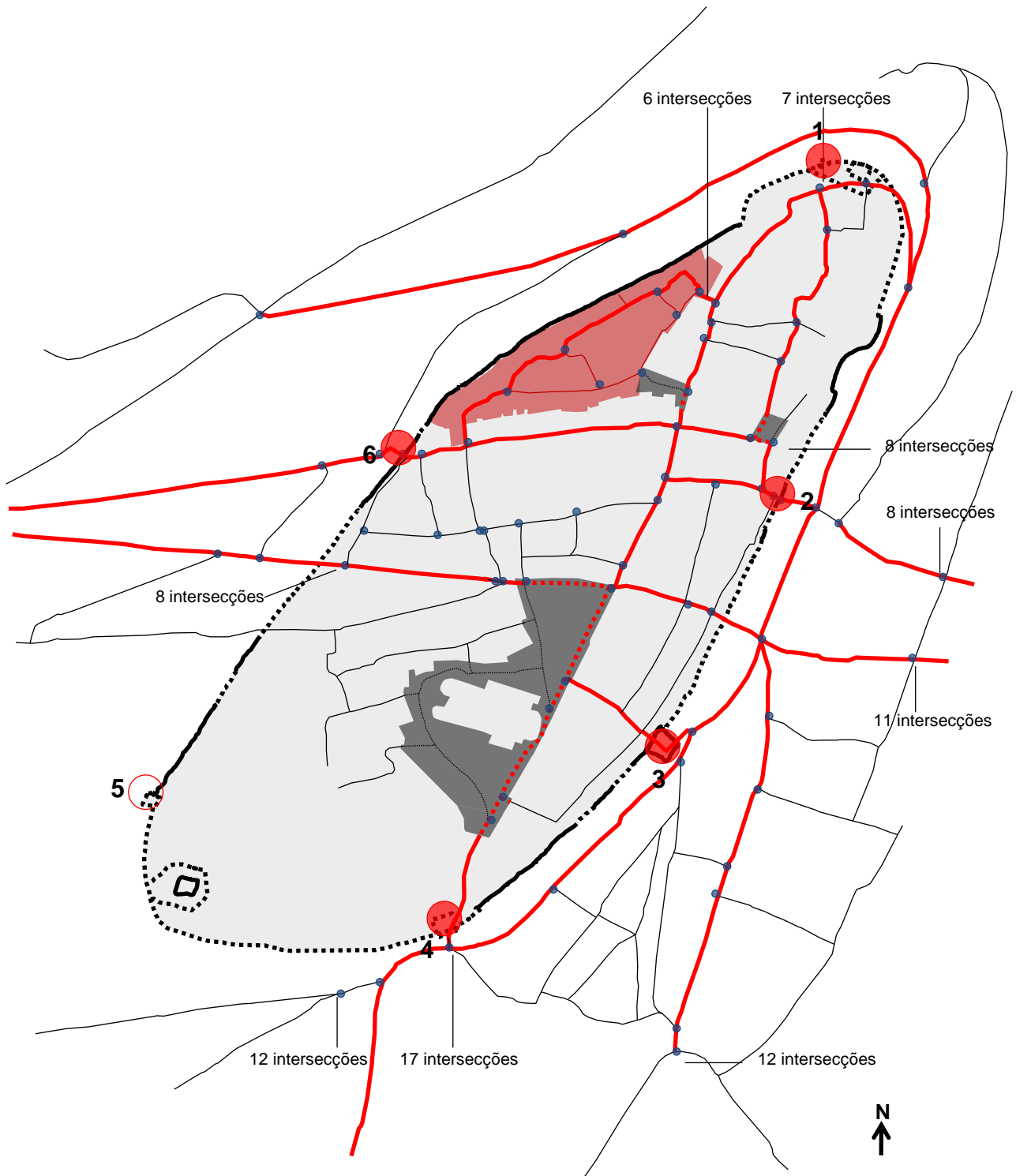


fig. 147 - Imagem com os percursos com maior número de interseções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de interseção; ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El Rei. Escala 1/3000.

D. Trancoso

O espaço público de Trancoso, apresenta uma estrutura organizada, apesar das deformações visíveis, ou seja, não é um sistema ortogonal pleno. O espaço público da zona antiga é fortemente caracterizado por um significativo conjunto de espaços amplos como, as praças e os largos, distribuídos um pouco por toda a zona antiga (fig. 148).

A simplificação do desenho do espaço público, através das linhas centrais, permite conhecer que, se trata de espaços de pequena extensão. Permite, igualmente, conhecer que a área antiga, orientada para nascente é, ligeiramente mais irregular, dotando o espaço público de percursos sem perspectiva (fig. 149). Pelo contrário, a área orientada para poente caracteriza-se por uma maior regularidade e ortogonalidade do espaço público. Sendo nessa parte da zona antiga que, se localizam os espaços - praças e largos, mais amplos e em maior número.

Na zona antiga, no interior das muralhas medievais, foram identificadas várias ruas chave, fortemente conectadas com os acessos às diferentes portas (fig. 150 e 151).

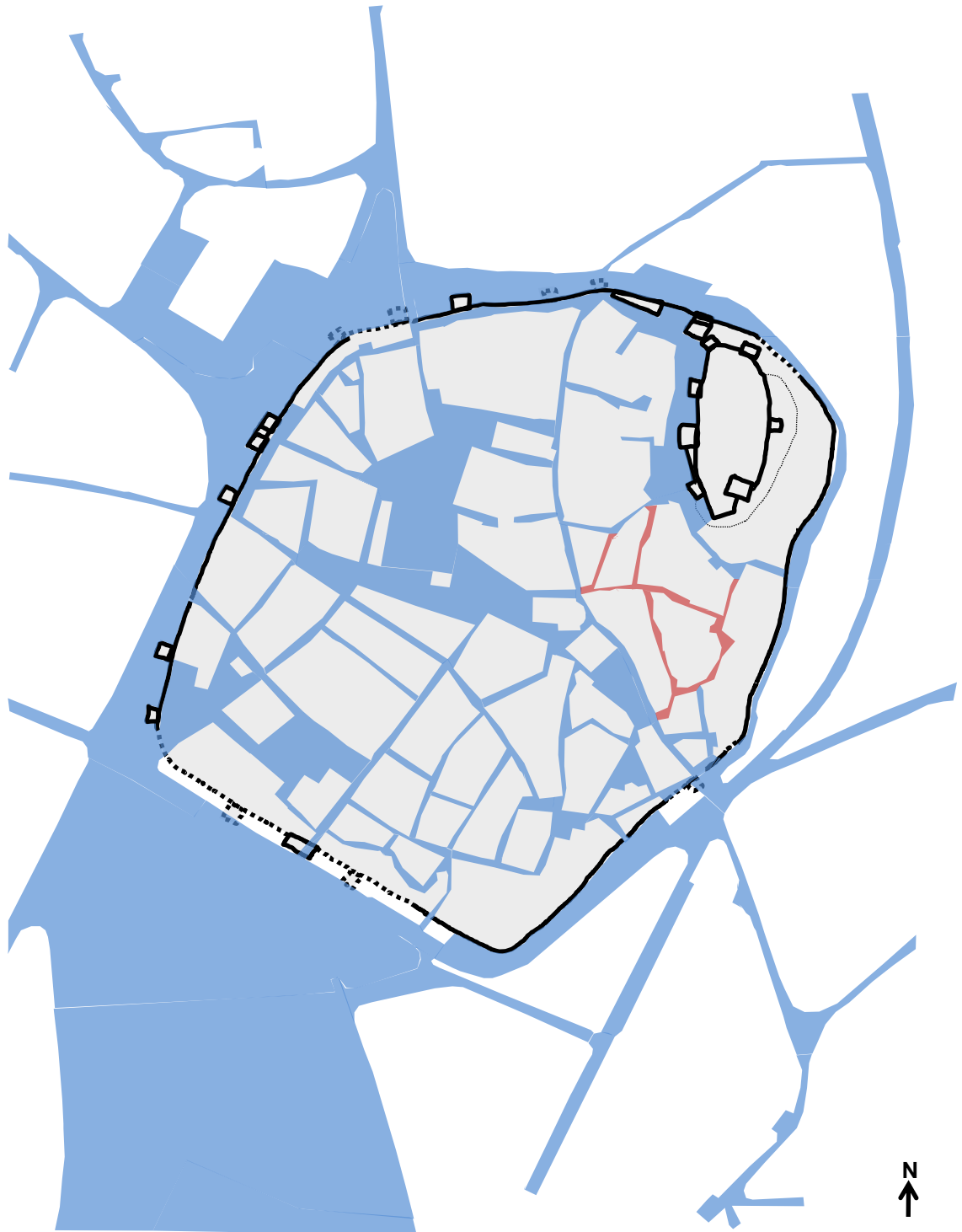


fig. 148 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...), com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros. Escala 1/3000.



fig. 149 - Imagem das linhas centrais do espaço público. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; — linha central do espaço público da área antiga, ■ área antiga intramuros. Escala 1/3000.

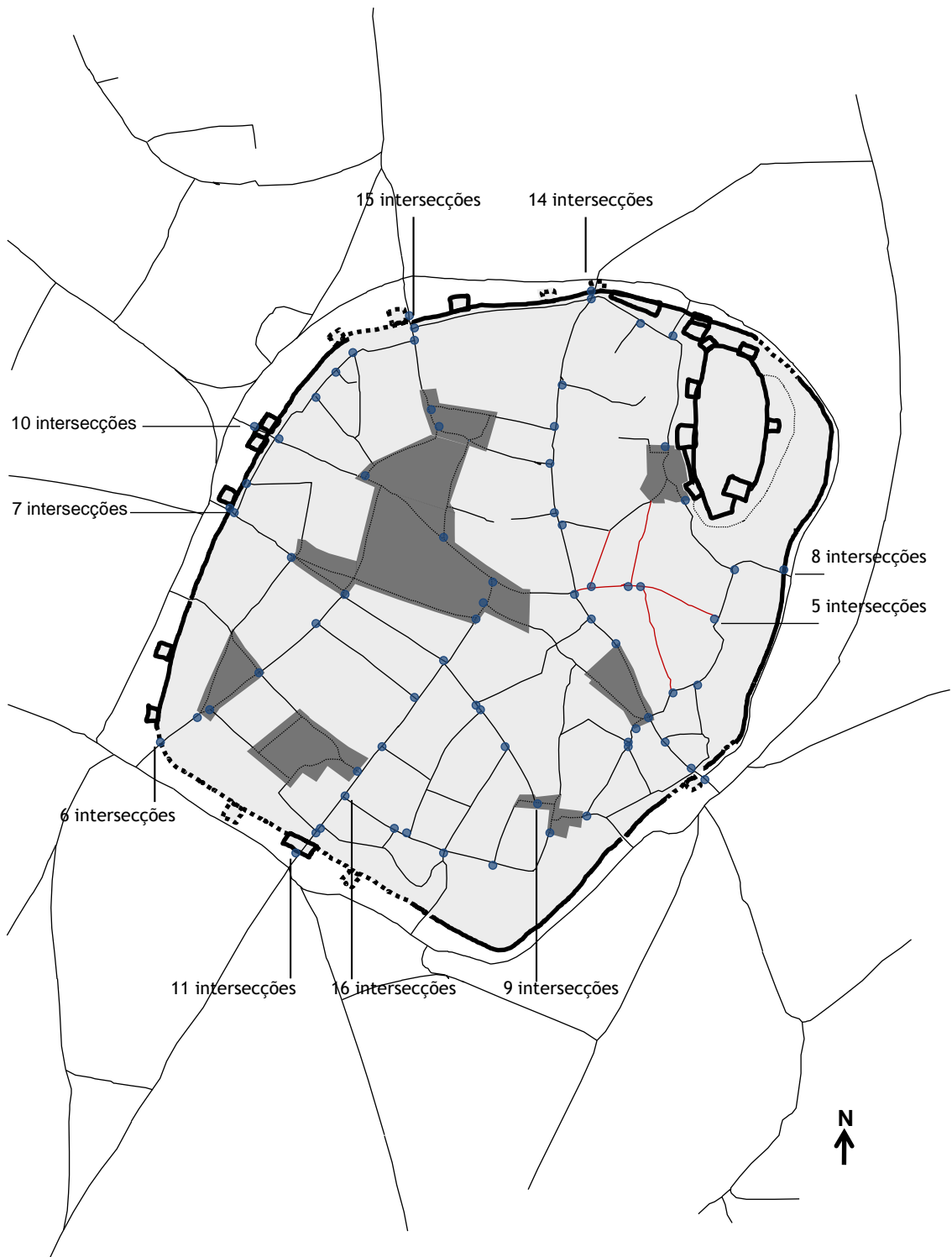


fig. 150 - Imagem com a procura do espaço público com maior número de intersecções.

Legenda: espaço público da antiga Judiaria; linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço público da zona antiga; linha central do espaço público da área antiga, área antiga intramuros; ponto de intersecção. Escala 1/3000.

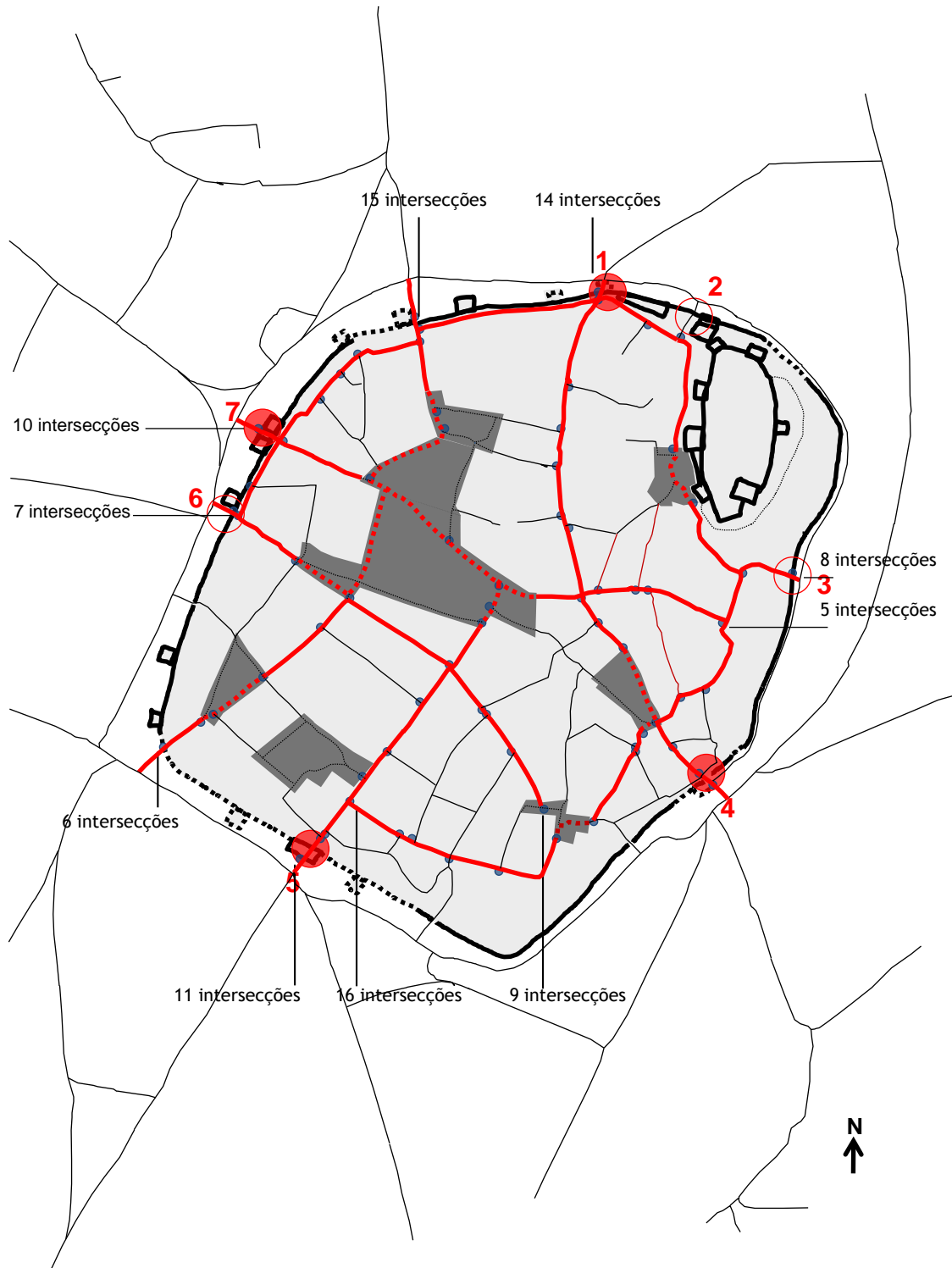


fig. 151 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: — espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ● portas e postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d'El Rei; 6.Postigo do Boeirinho; 7.Porta do Prado. Escala 1/3000.

2. Construção do protótipo - espaço público

O recurso à geometria e o seu uso extensivo, como o processo mais recorrente no desenvolvimento, permitirá a organização visual da leitura e do processo da análise de todos os elementos do espaço urbano, através da construção de uma(s) grelha(s) protótipo, de forma a torná-lo inteligível. Através da construção do protótipo, será possível obter a descrição de todos os elementos geradores da identidade do espaço físico e da densidade do espaço urbano da antiga Judiaria.

A. Covilhã

A forma do espaço público da zona antiga da Covilhã, organiza-se, perceptualmente, sob duas grelhas protótipo - C_grelha 1 e C_grelha 2 (fig. 153, 154 e 159). O primeiro protótipo, encontra maior expressão no exterior das muralhas medievais, no qual a antiga Judiaria está enquadrada. O segundo protótipo - C_grelha 2 é, contudo o mais dominante pois, tanto se encontra no interior, como no exterior das muralhas medievais (fig. 152). É, igualmente, a grelha mais densa - 99,60x63,30 (m), sendo a dimensão da grelha C-grelha 1 de 118,00x75,00 (m). Relativamente ao espaço público da antiga Judiaria, constata-se tratar-se de uma área, cujo espaço público é, denso, mas não de um modo particular, pois a mesma densidade do espaço urbano é observada em áreas diferentes da grelha protótipo.

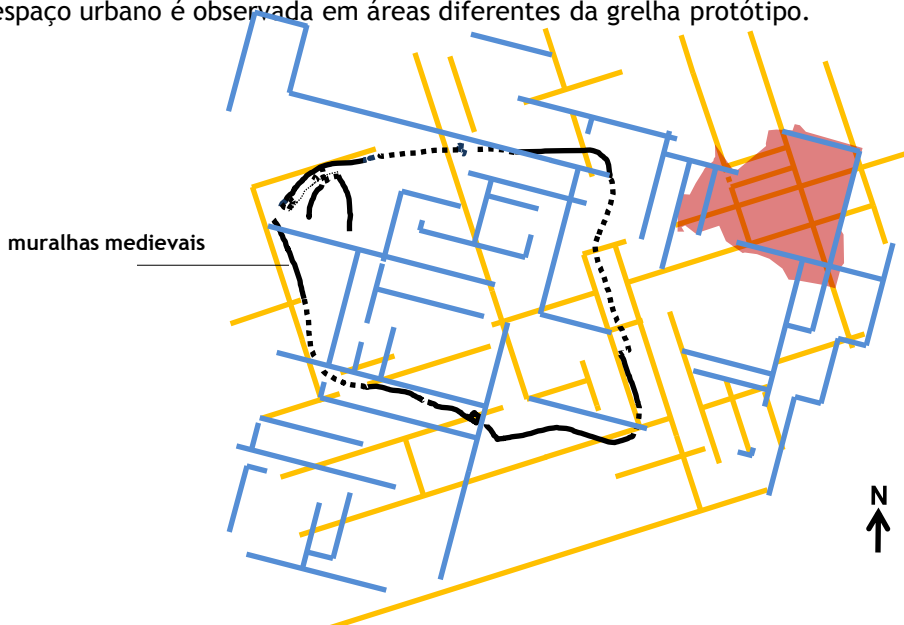


fig. 152 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público da Covilhã, das grelhas: C_grelha 1 (—) e C_grelha 2 (—), espaço público da antiga Judiaria.

A forma do espaço público da antiga Judiaria, que se posiciona perpendicular à topografia natural do terreno é, mais densa, encontrando-se afastado entre si 18,75m ou 37,50m. Já o espaço público paralelo ao relevo natural é, menos denso e dista entre si 59,00m (fig. 154). A análise às “superimposições” dos diferentes perfis da grelha protótipo C_grelha 1 e C_grelha 2, não indicam tratar-se de um espaço particularmente desfavorável (fig. 155 a 158, 160 a 163 e Anexo 2 - Protótipo (grelhas) - perfis. Consultar todo o processo de construção dos perfis das grelhas).

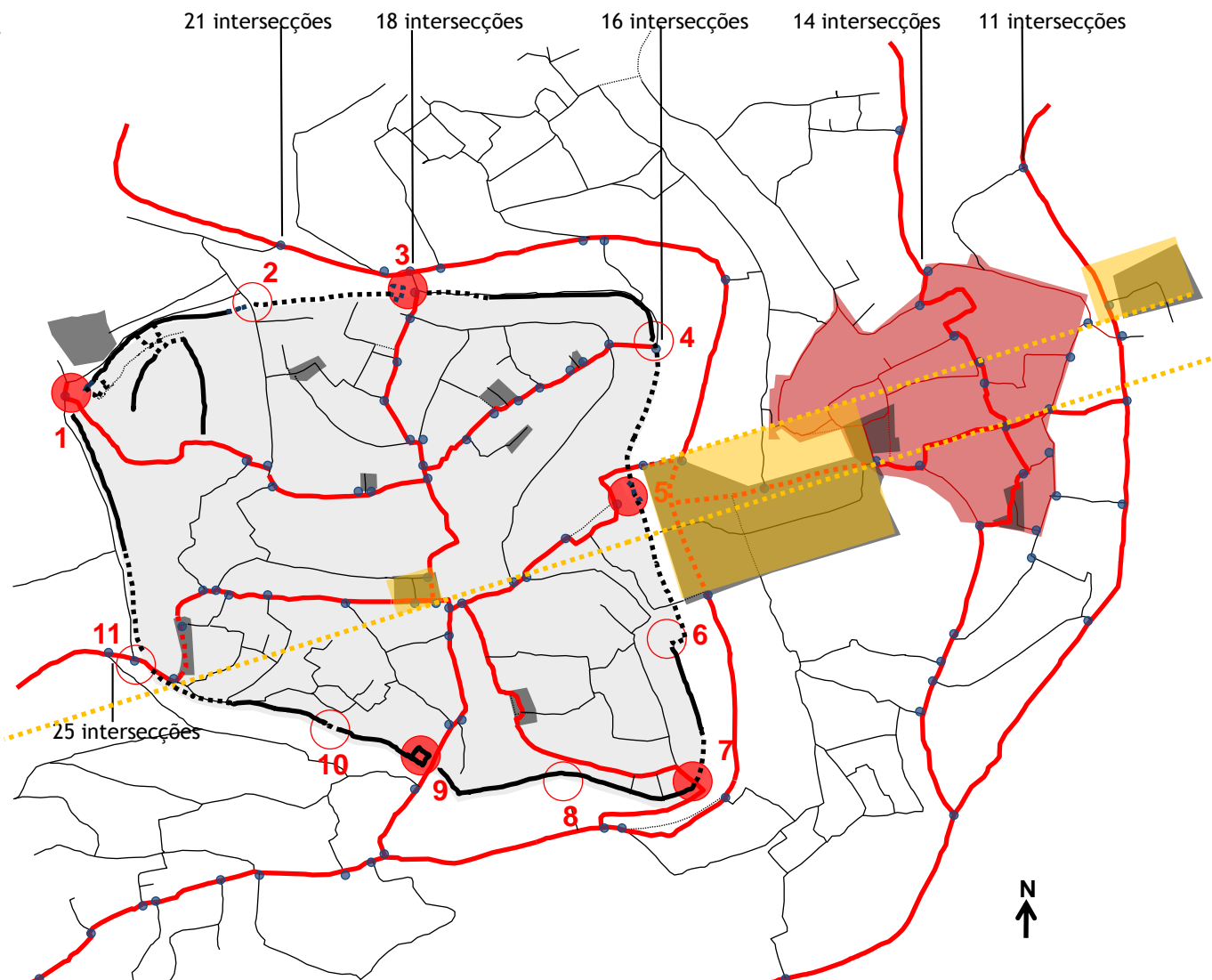


fig. 153 - Imagem com os percursos com maior número de interseções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de interseção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Castelo; 2.Postigo da Pousa; 3.Porta do Altravelho/do Vale de Caravelho/do Carvalho; 4.Postigo do Terreiro de D. Teresa; 5.Porta da Vila; 6.Postigo do Rosário; 7.Porta do Sol; 8.Postigo da Barbacã; 9.Porta de S. Vicente; 10.Postigo Sul e 11.Postigo de D. Joana. Escala 1/3000.

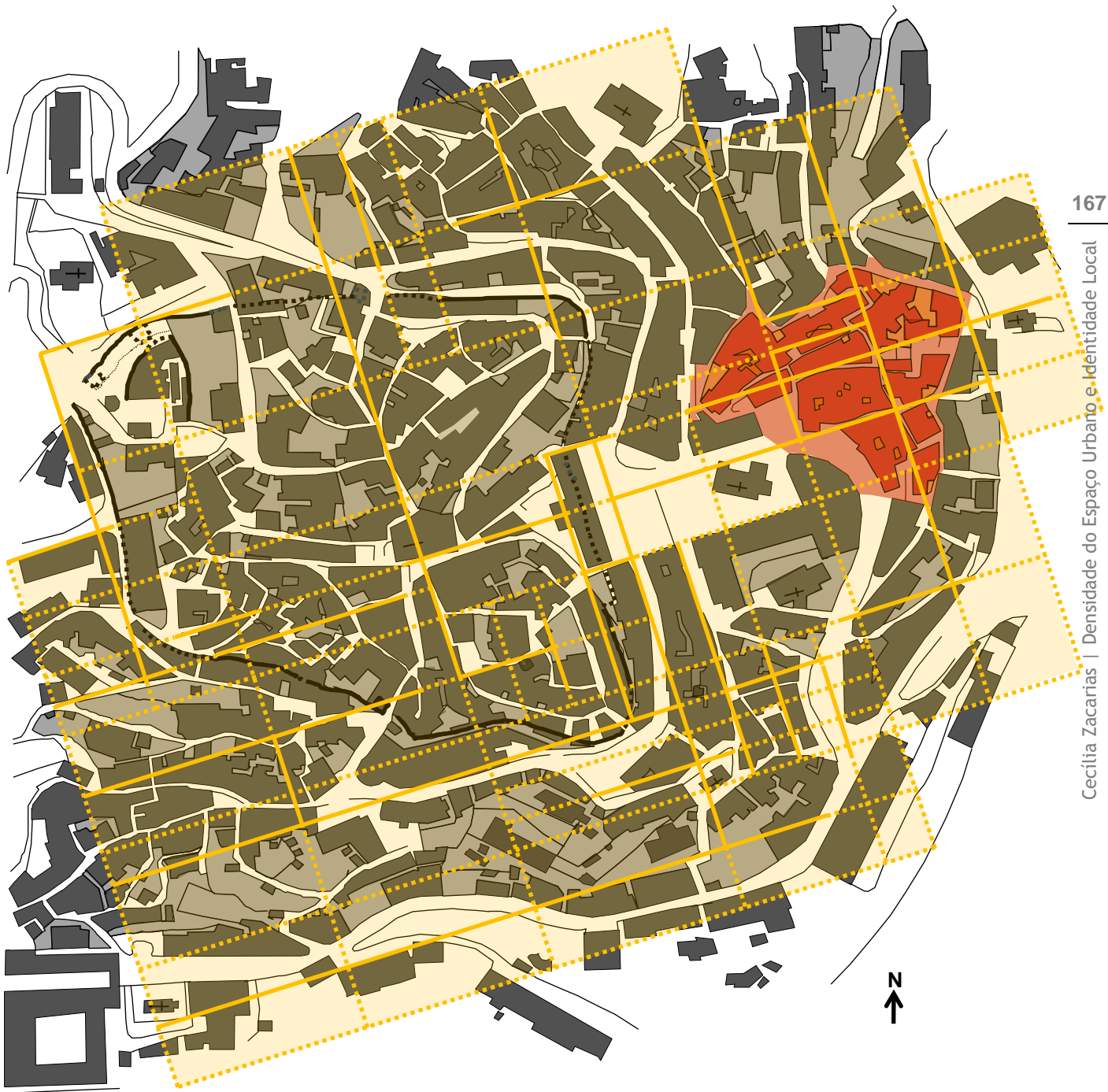


fig. 154 - Mapa com C_grelha 1. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; ····· muralhas medievais destruídas.

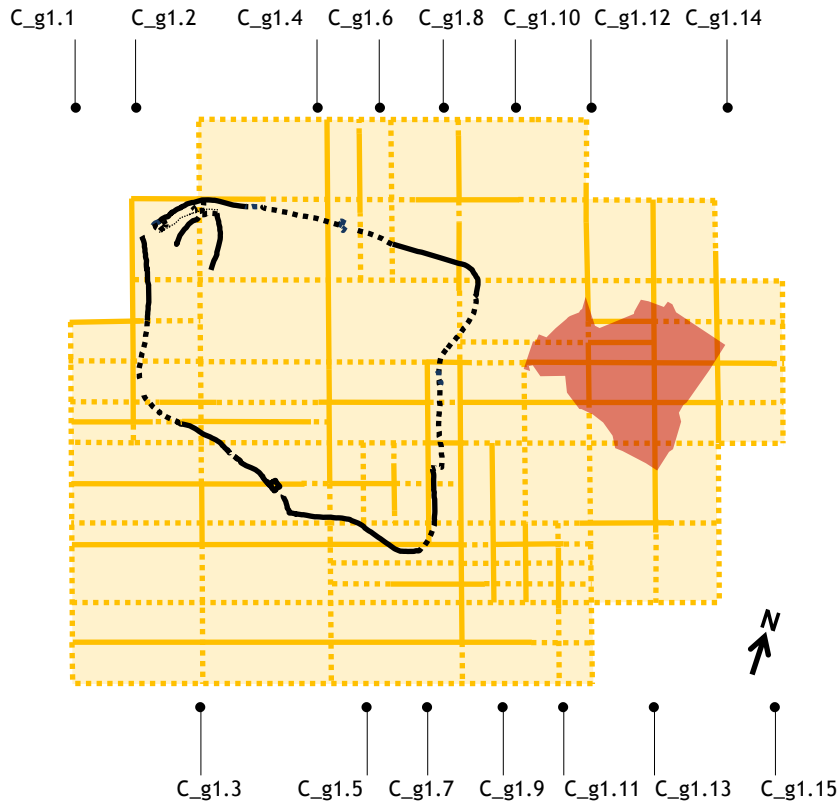


fig. 155 - Imagem esquemática da C_grelha 1, com a indicação dos perfis - C_g1.1 a C_g1.15, orientados a sul/norte. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

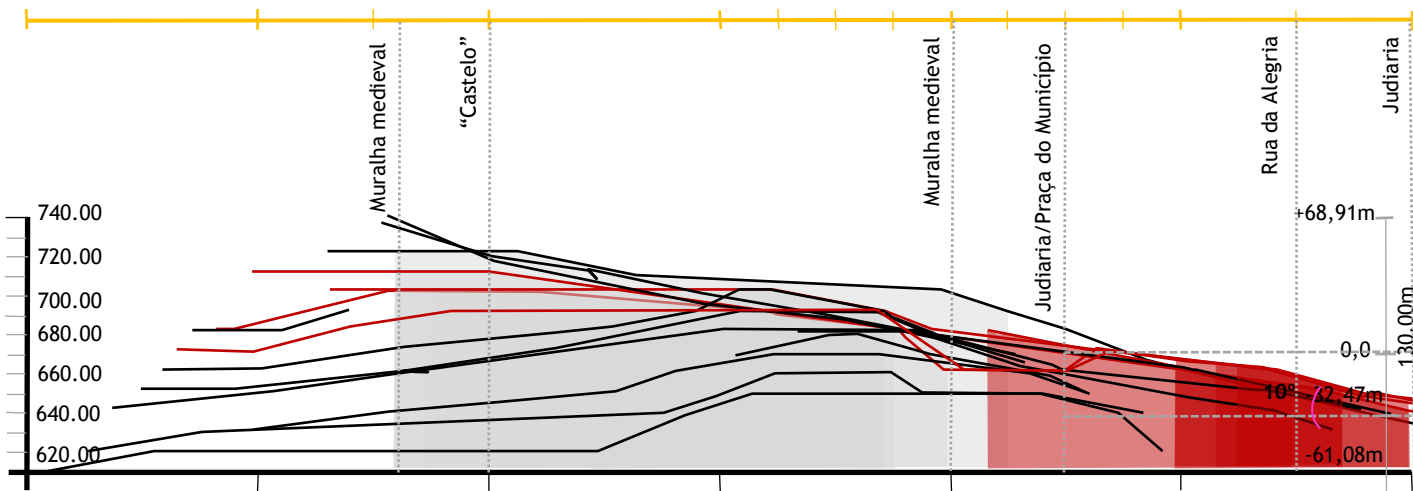


fig. 156 - "Superimposição" dos perfis da grelha (C_grelha 1), orientados a sul/norte (C_g1.1 a C_g1.15). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

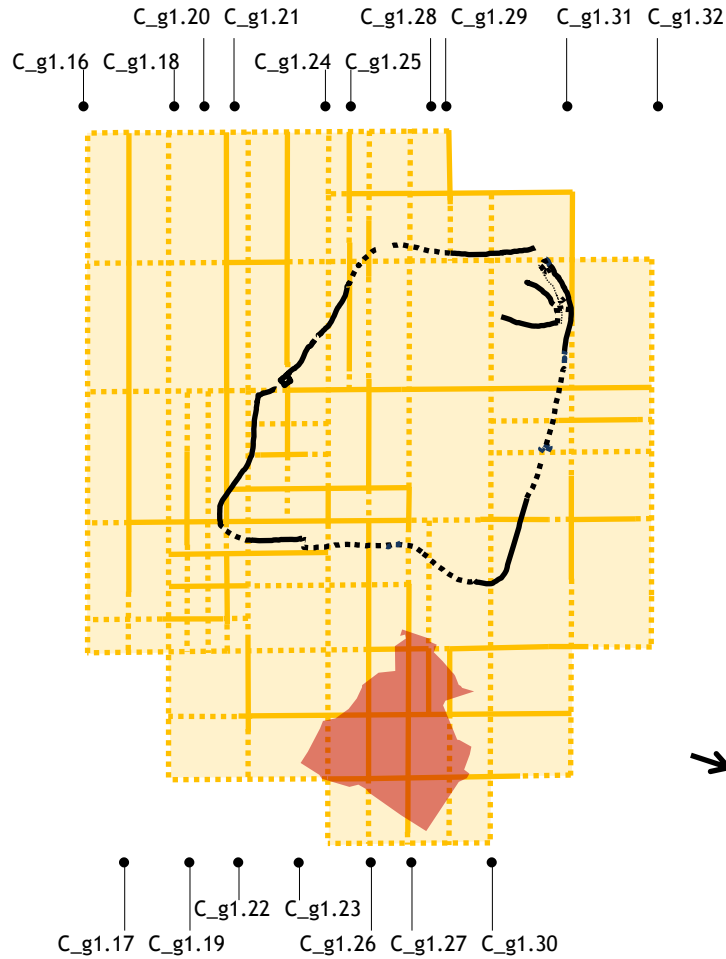


fig. 157 - Imagem esquemática da C_grelha 1, com a indicação dos perfis - C_g1.16 a C_g1.32, orientados a nascente/poente. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

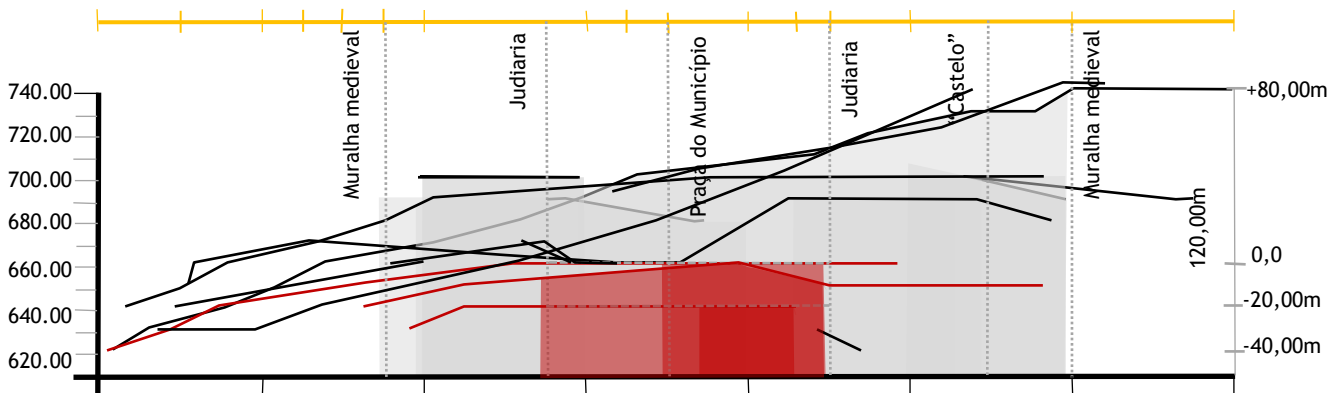


fig. 158 - "Superimposição" dos perfis da grelha (C_grelha 1), orientados a nascente/poente (C_g1.16 a C_g1.32). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

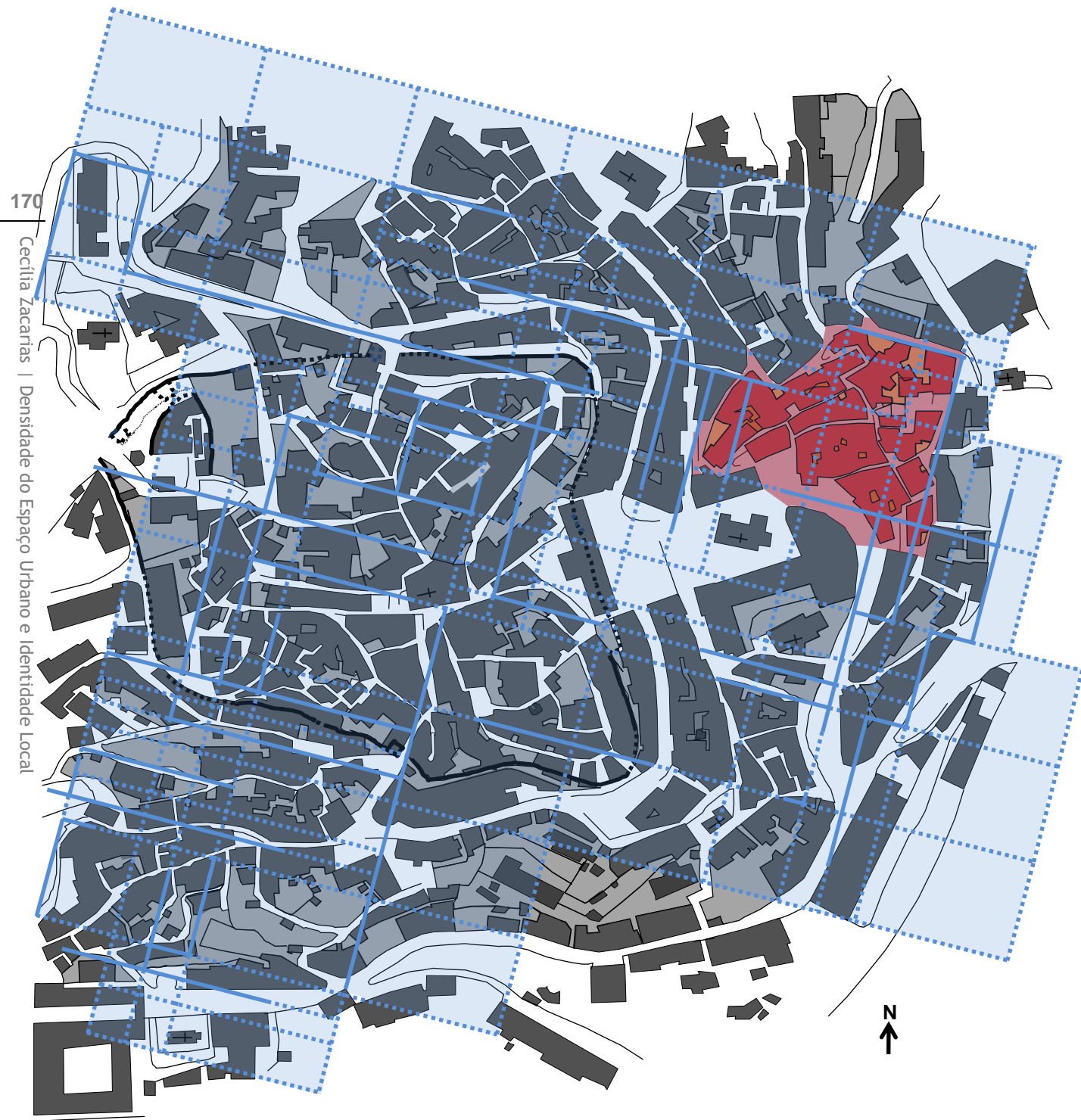


fig. 159 - Mapa com C_grelha 2. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

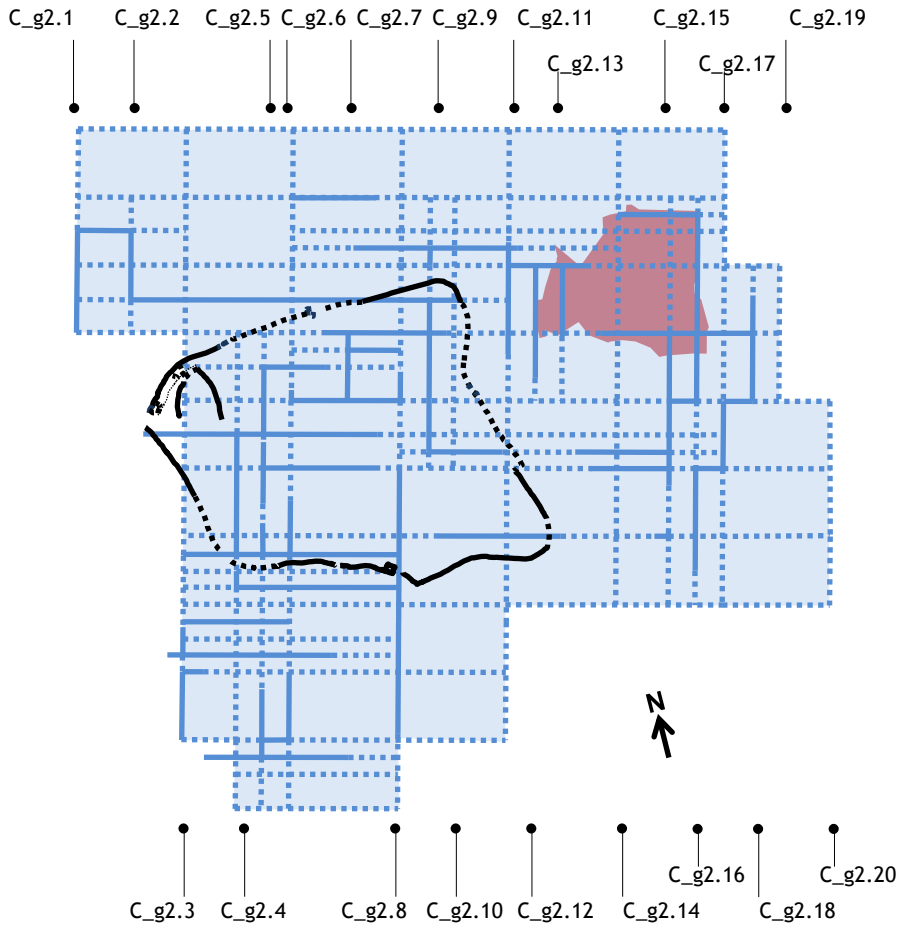


fig. 160 - Imagem esquemática da C_grelha 2, com a indicação dos perfis - C_g2.1 a C_g2.20, orientados a sul/norte. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

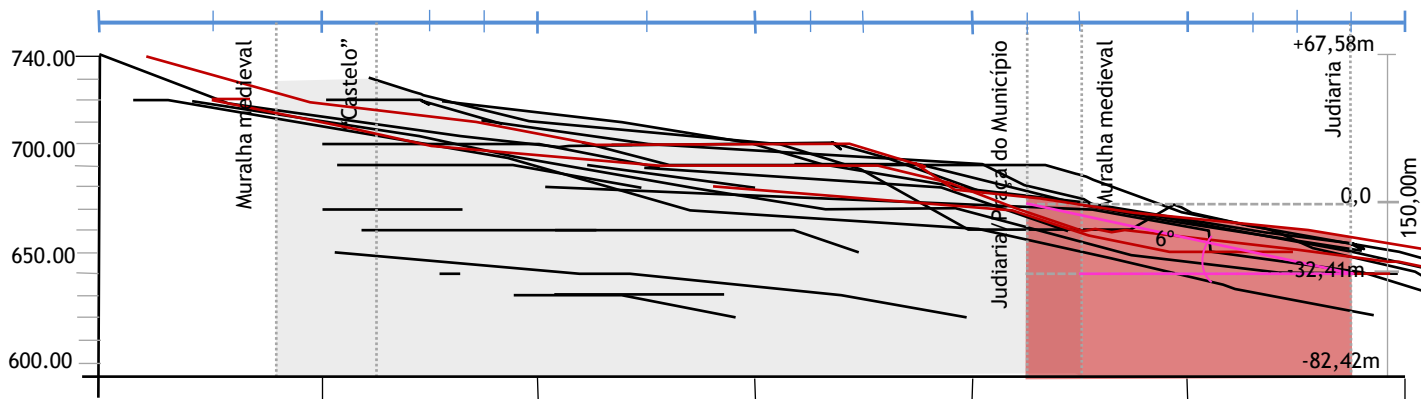


fig. 161 - "Superimposição" dos perfis da grelha (C_grelha 2), orientados a sul/norte (C_g2.1 a C_g2.20). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

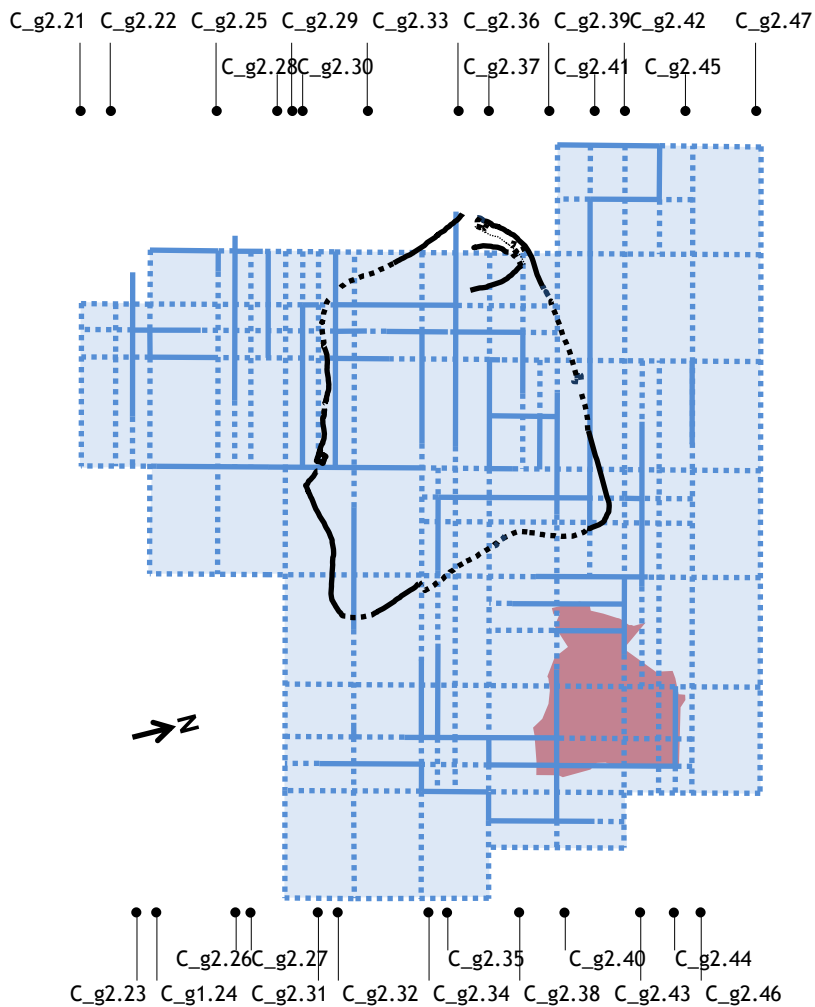


fig. 162 - Imagem esquemática da C_grelha 2, com a indicação dos perfis - C_g2.21 a C_g2.47, orientados a nascente/poente. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

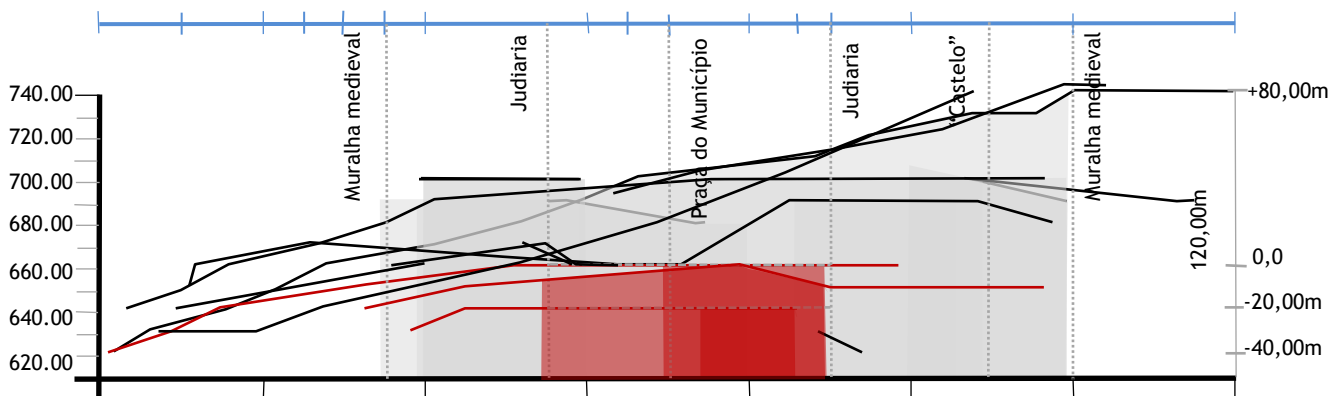


fig. 163 - “Superimposição” dos perfis da grelha (C_grelha 2), orientados a nascente/poente (C_g2.21 a C_g2.47). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

B. Castelo Branco

A forma do espaço público da zona antiga de Castelo Branco, estrutura-se segundo cinco linhas fortes (fig. 164) que, contribuem para a construção das respectivas grelhas protótipo - CB_grelha 1, CB_grelha 2, CB_grelha 3, CB_grelha 4 e CB_grelha 5 (fig. 166, 171, 176, 181 e 186).

O primeiro protótipo, CB_grelha 1 (fig. 166), que se encontra ao centro relativamente ao conjunto das cinco grelhas é, aquele que apresenta menor densidade, uma vez que, a dimensão da grelha é de 60x81 (m).

O espaço público urbano da antiga Judiaria é, abrangido por duas grelhas protótipo, “superimpostas” - CB_grelha 3 e CB_grelha 5 (fig. 164). Se bem que, o protótipo mais abrangente para toda o espaço do antigo bairro judaico, seja o CB_grelha 5. Esta grelha protótipo é, igualmente a mais densa de toda a zona antiga no interior das muralhas medievais, em que a sua dimensão é de 35x40 (m).



fig. 164 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público de Castelo Branco, das grelhas: CB_grelha 1 (—), CB_grelha 2 (—), CB_grelha 3 (—), CB_grelha 4 (—) e CB_grelha 5 (—), espaço público da antiga Judiaria.

À semelhança do estudo de caso anterior - Covilhã, a densidade do espaço urbano, é mais densa e evidente no espaço público perpendicular ao declive natural do terreno, com 17,50m e 35,00m (fig. 186). Contudo, aparece em menor número, relativamente ao espaço público paralelo à topografia natural do terreno, em que a divisão do módulo tem maior incidência, distando entre si 20,00m e 40,00m.

A segunda grelha protótipo, CB_grelha 3 que, igualmente, integra a forma do espaço a antiga Judiaria é, a segunda de menor densidade 45x78 (m), mas, na análise constata-se que no espaço da antiga Judiaria, a subdivisão do módulo tem maior expressão (fig. 176). Segundo a forma da grelha protótipo, o espaço público está afastado entre si 19,50m e 39,00m, se perpendicular ao declive natural do terreno e, 22,50m quando paralelo ao mesmo.

As restantes grelhas protótipo CB_grelha 2 (42x57 (m)) e CB_grelha 4 (36x60 (m)), apresentam uma posição intermédia, relativamente à densidade do espaço urbano.

Por fim, a análise às “superimposições” dos diferentes perfis das grelhas protótipo, indicam tratar-se de um espaço público bastante íngreme no topo, suavizando-se na base da colina. Ainda assim, o espaço público da antiga Judiaria não se enquadra na área mais desfavorável, como o são as grelhas protótipo CB_grelha 2 e CB_grelha 4 (fig. 167 a 170, 172 a 175, 177 a 180, 182 a 185, 187 a 190 e Anexo 2 - Protótipo (grelhas) - perfis. Consultar todo o processo de construção dos perfis das grelhas).

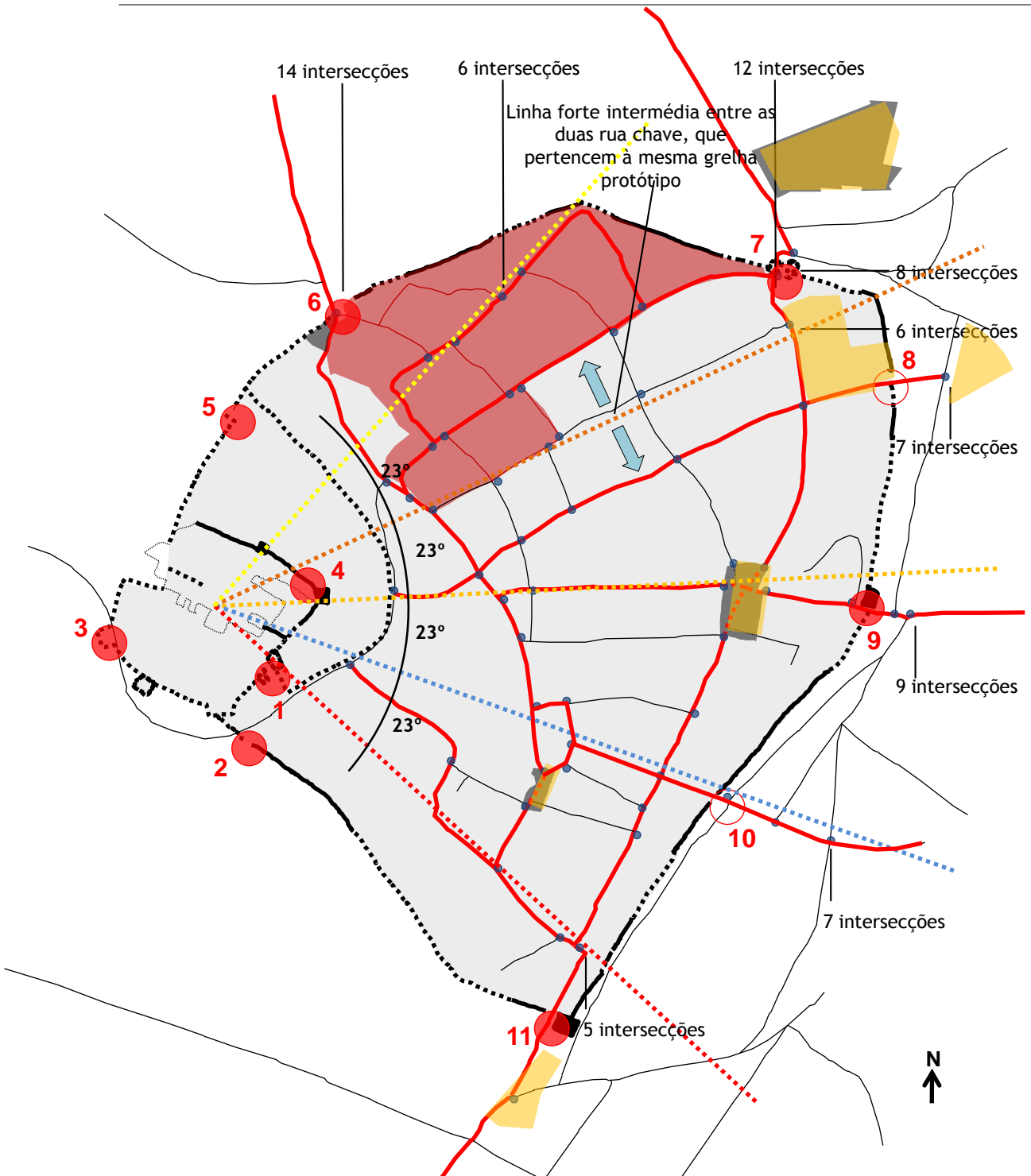


fig. 165 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: espaço da antiga Judiaria; linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço da zona antiga intramuros; linha central do espaço público da zona antiga; ponto de intersecção; espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte; portas e postigos - 1.Porta da Cerca de Cima/da Alcáçova; 2.Porta do Ouro; 3.Porta de Santarém; 4.Porta Falsa/da Traição; 5.Porta do Esteval; 6.Porta de Santiago; 7.Porta da Vila; 8.Postiguinho de Valadares; 9.Porta do Relógio; 10.Postigo do Poço das Covas e 11.Porta de Santa Maria/do Espírito Santo. Escala 1/3000.



fig. 166 - Mapa com CB_grelha 1. Escala 1/3000

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

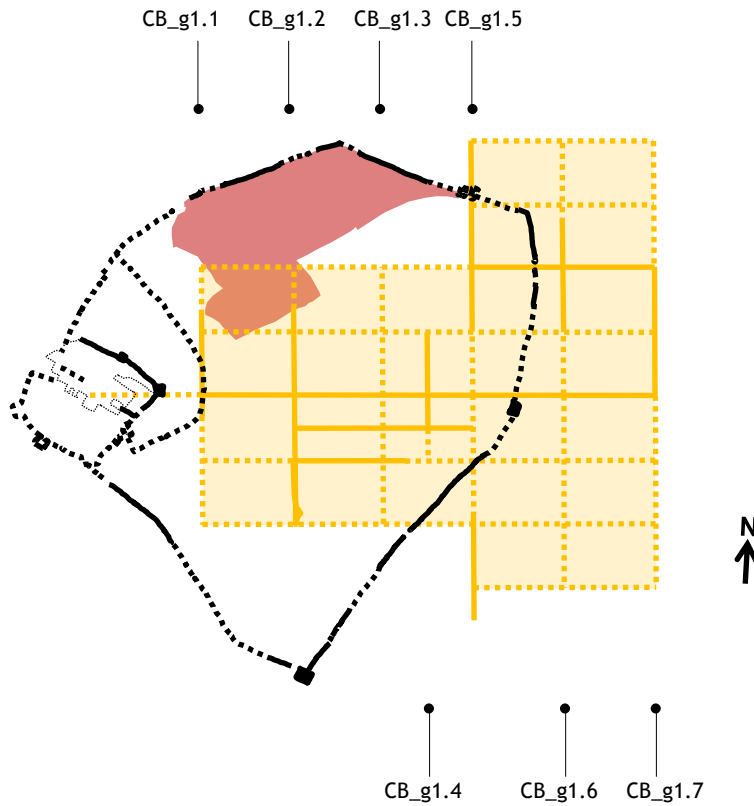


fig. 167 - Imagem esquemática da CB_grelha 1, com a indicação dos perfis - CB_g1.1 a CB_g1.7, orientados a sul/norte. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

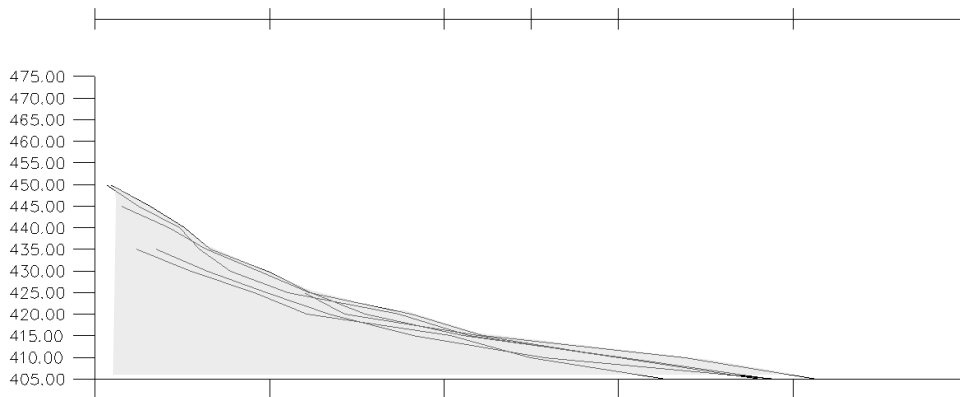


fig. 168 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 1), orientados a sul/norte (CB_g1.1 a CB_g1.7). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

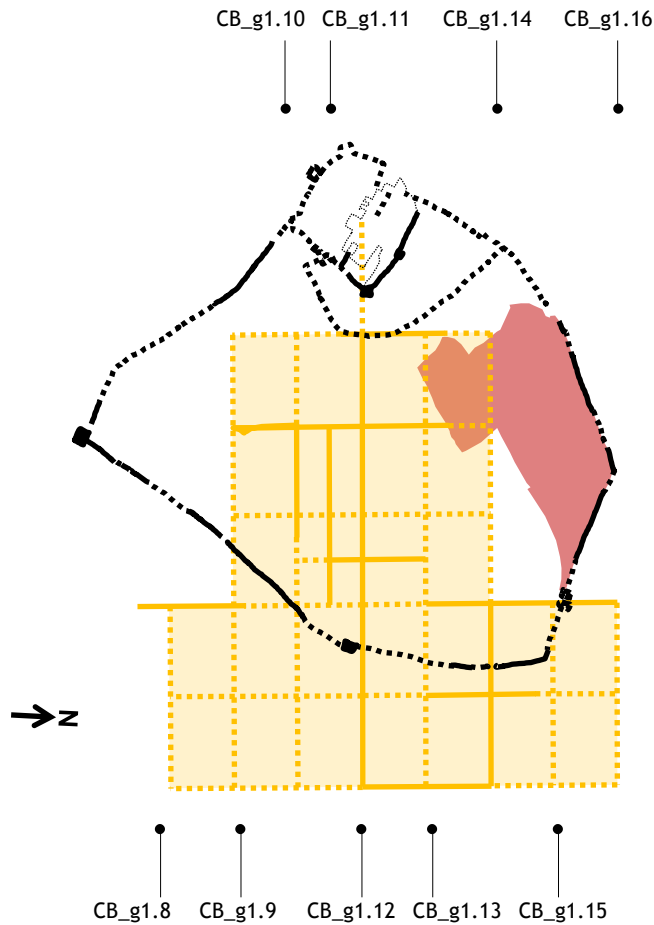


fig. 169 - Imagem esquemática da CB_grelha 1, com a indicação dos perfis - CB_g1.8 a CB_g1.16, orientados a nascente/poente. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

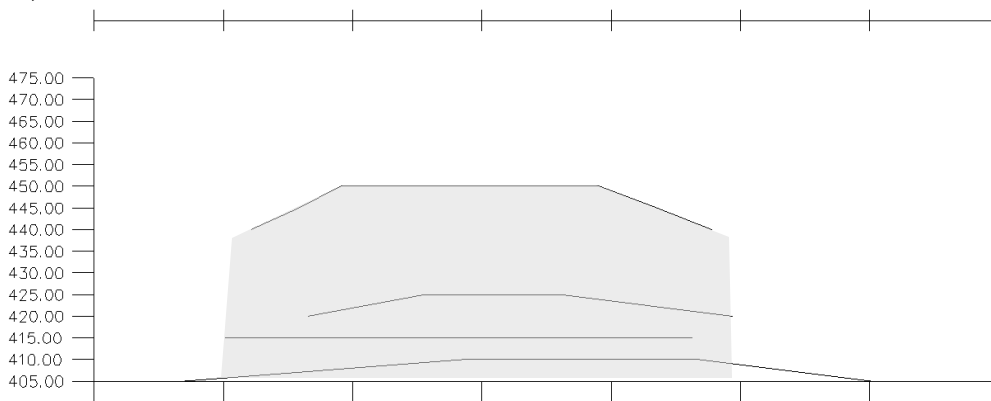


fig. 170 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 1), orientados a nascente/poente (CB_g1.8 a CB_g1.16). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 171 - Mapa com CB_grelha 2. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela, — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

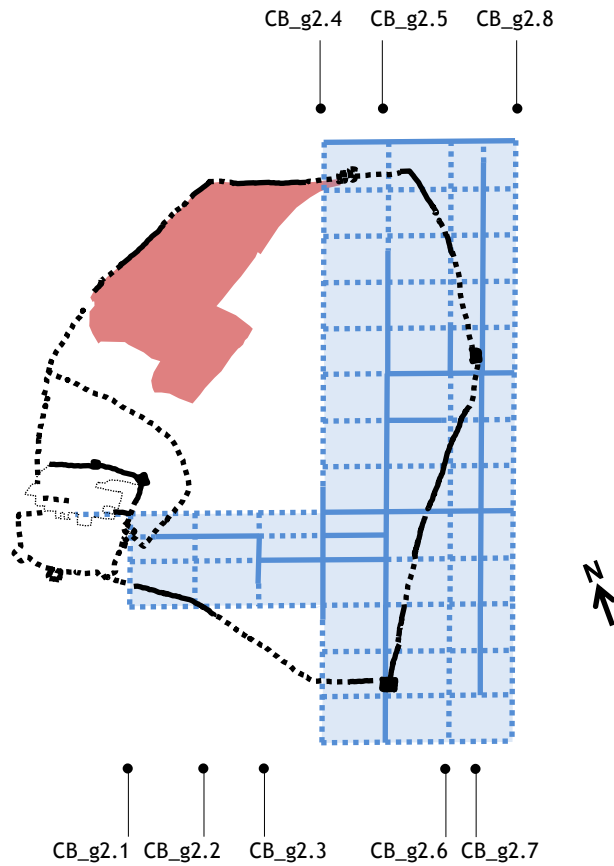


fig. 172 - Imagem esquemática da CB_grelha 2, com a indicação dos perfis - CB_g2.1 a CB_g2.8, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

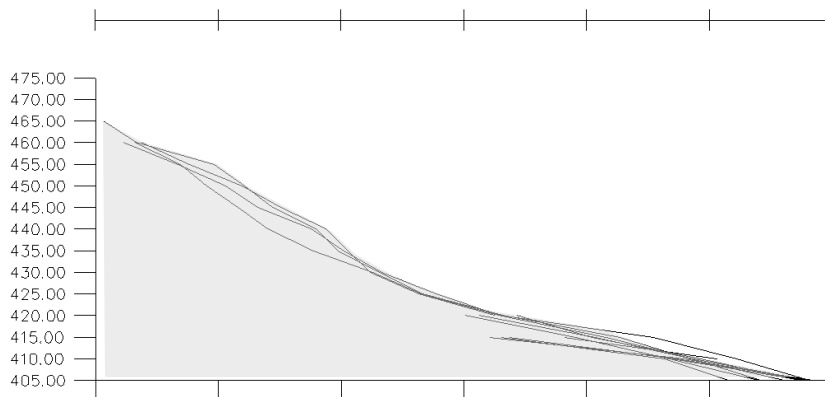


fig. 173 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 2), orientados a sudoeste/nordeste (CB_g2.1 a CB_g2.8). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

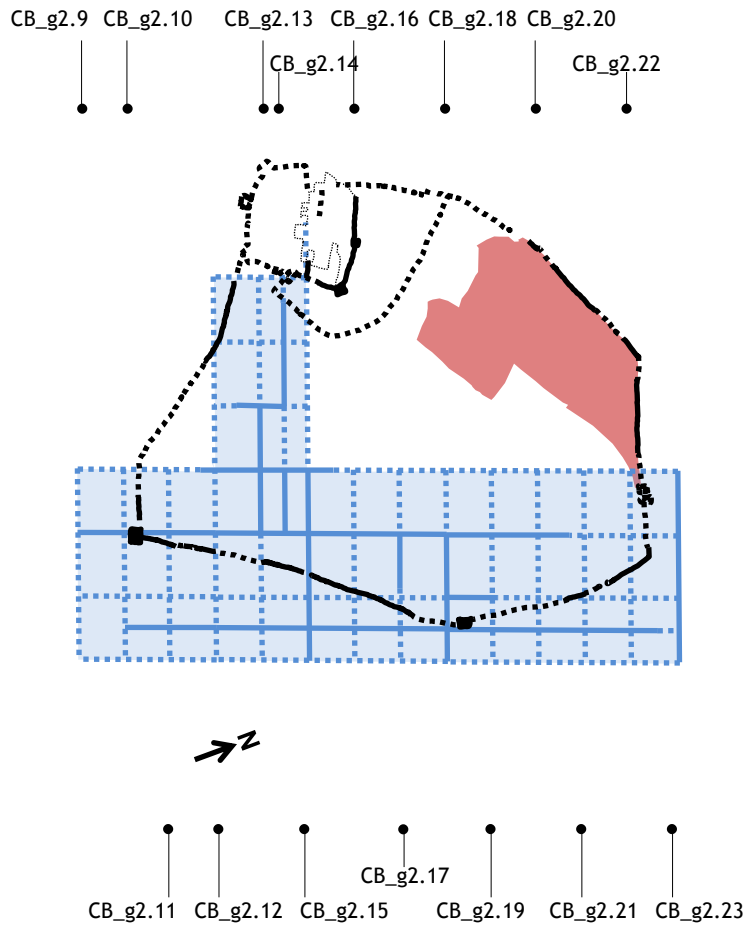


fig. 174 - Imagem esquemática da CB_grelha 2, com a indicação dos perfis - CB_g2.9 a CB_g2.23, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

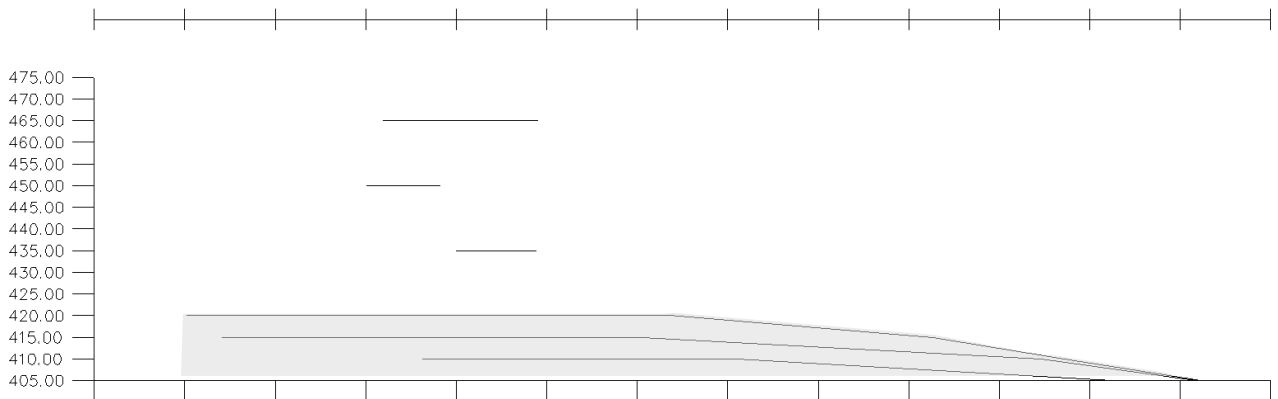


fig. 175 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 2), orientados a sudeste/noroeste (CB_g2.9 a CB_g2.23). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 176 - Mapa com CB_grelha 3. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

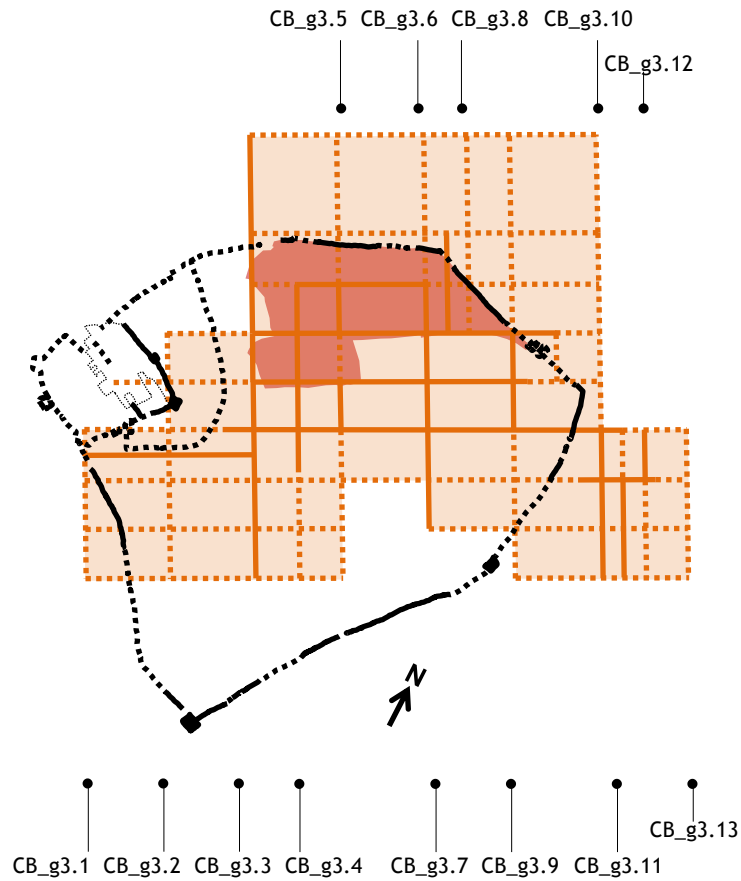


fig. 177 - Imagem esquemática da CB_grelha 3, com a indicação dos perfis - CB_g3.1 a CB_g3.13, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

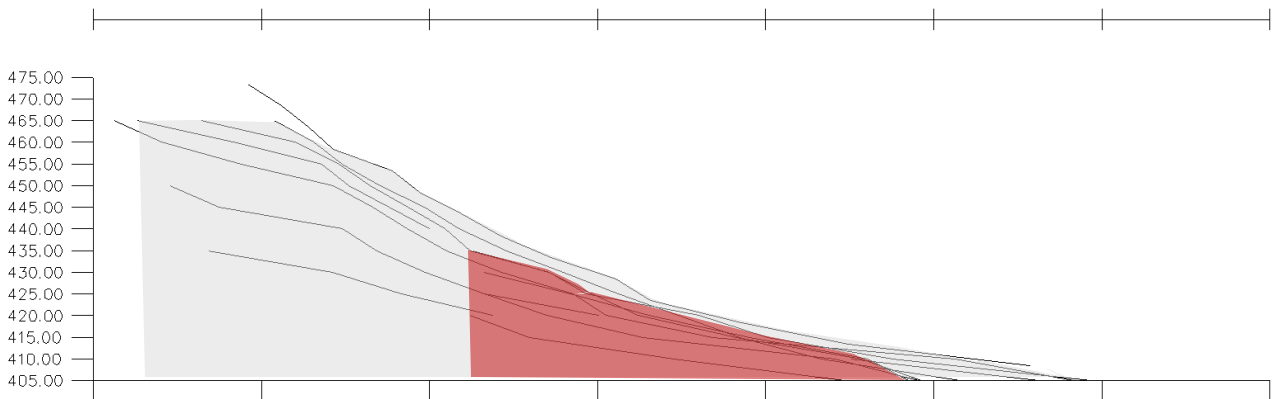


fig. 178 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 3), orientados a sudeste/noroeste (CB_g3.1 a CB_g3.13). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

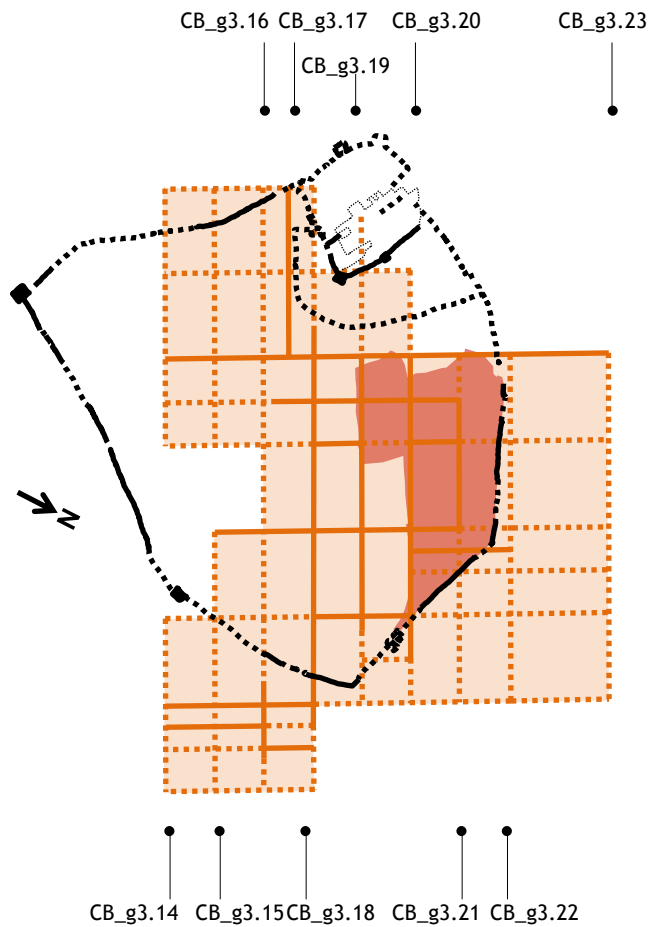


fig. 179 - Imagem esquemática da CB_grelha 3, com a indicação dos perfis - CB_g3.14 a CB_g3.23, orientados a noroeste/sudoeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; —●— muralhas medievais existentes; - - -●- - - muralhas medievais destruídas.

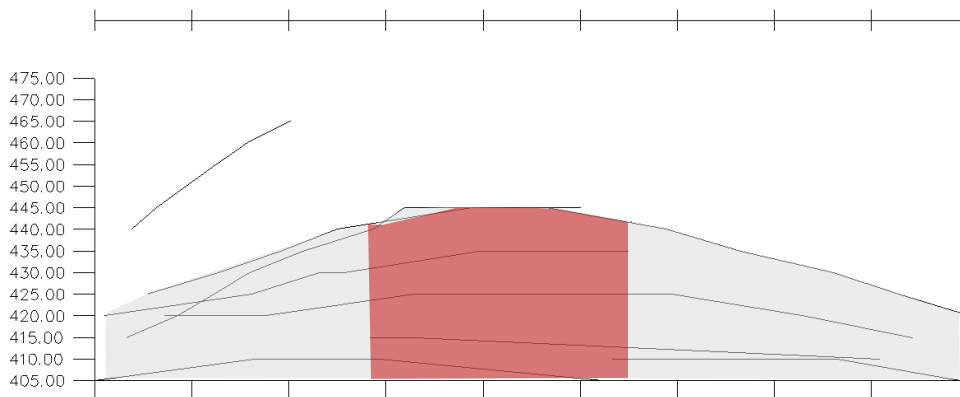


fig. 180 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 3), orientados a noroeste/sudoeste (CB_g3.14 a CB_g3.23). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 181 - Mapa com CB_grelha 4. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; ····· muralhas medievais destruídas.

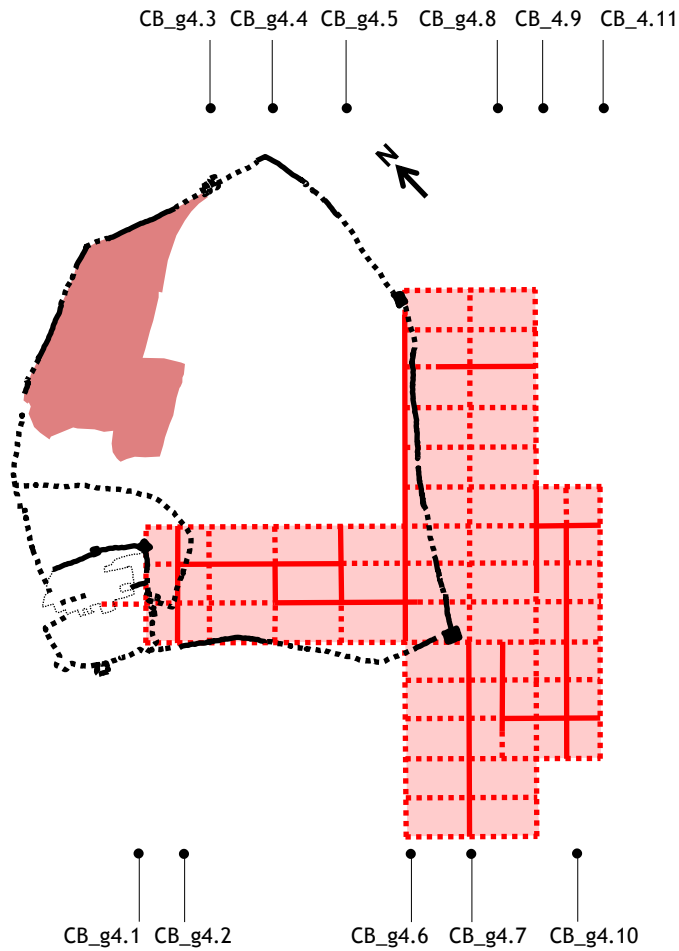


fig. 182 - Imagem esquemática da CB_grelha 4, com a indicação dos perfis - CB_g4.1 a CB_g4.11, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

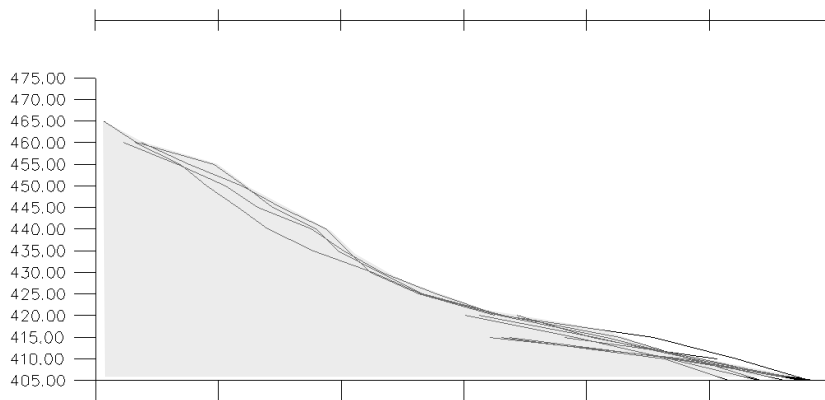


fig. 183 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 4), orientados a sudoeste/nordeste (CB_g4.1 a CB_g4.11). Legenda: ■ área da antiga Judaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

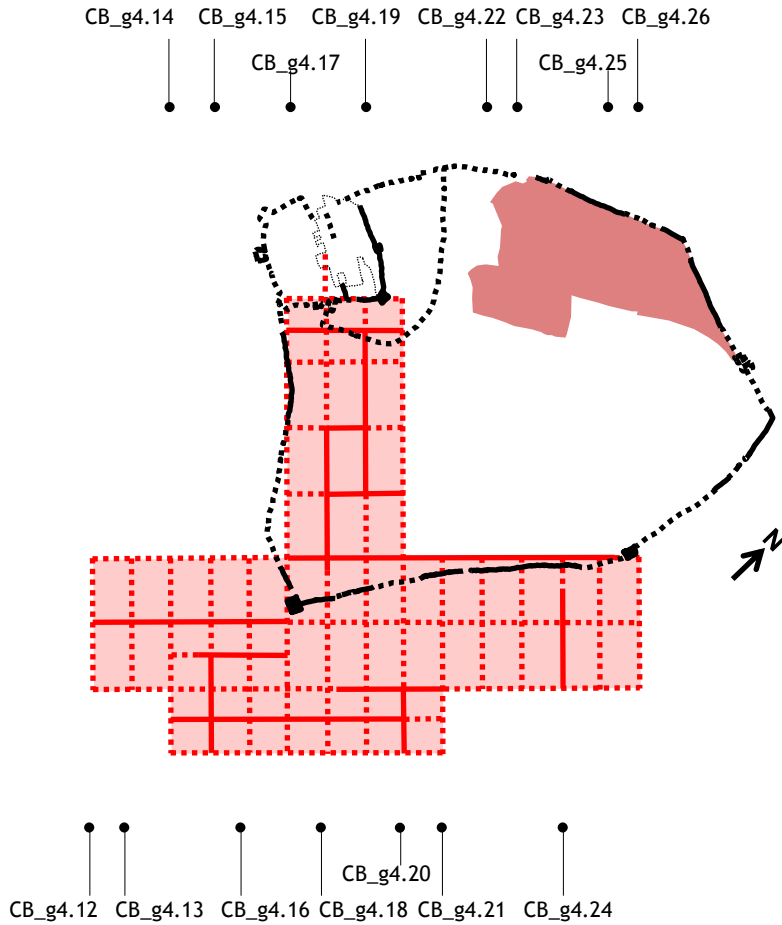


fig. 184 - Imagem esquemática da CB_grelha 4, com a indicação dos perfis - CB_g4.12 a CB_g4.26, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

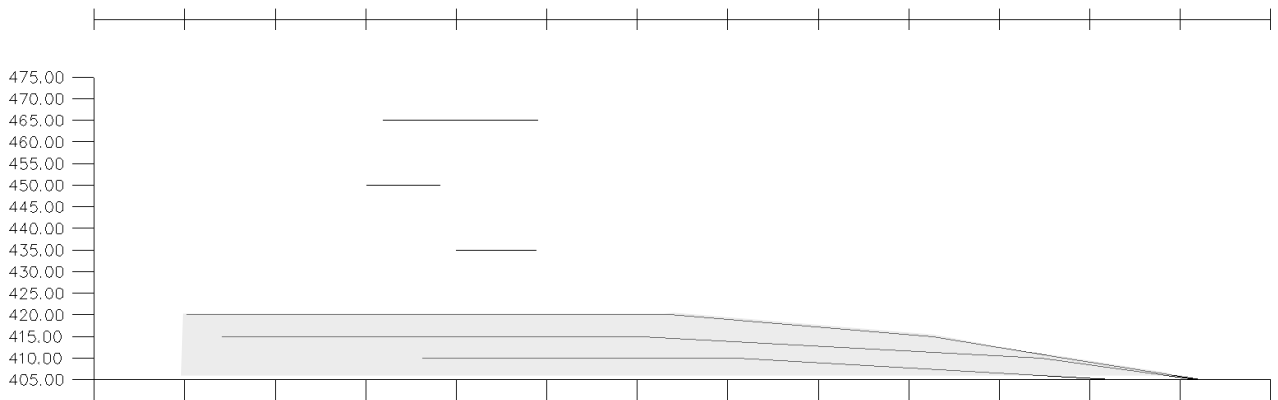


fig. 185 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 4), orientados a sudeste/noroeste (CB_g4.12 a CB_g4.26). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 186 - Mapa com CB_grelha 5. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

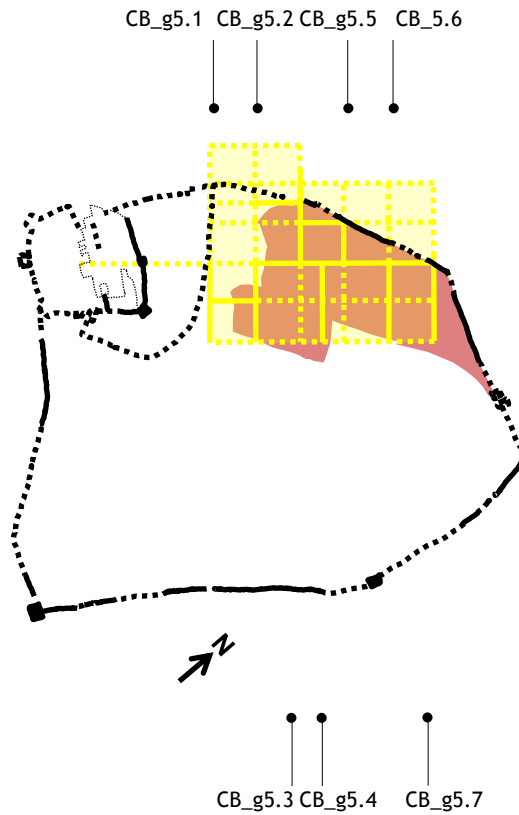


fig. 187 - Imagem esquemática da CB_grelha 5, com a indicação dos perfis - CB_g5.1 a CB_g5.7, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

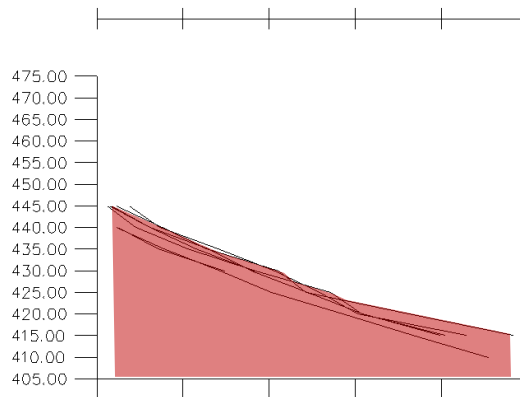


fig. 188 - "Superimposição" dos perfis da grelha (CB_grelha 5), orientados a sudeste/noroeste (CB_g5.1 a CB_g4.7). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

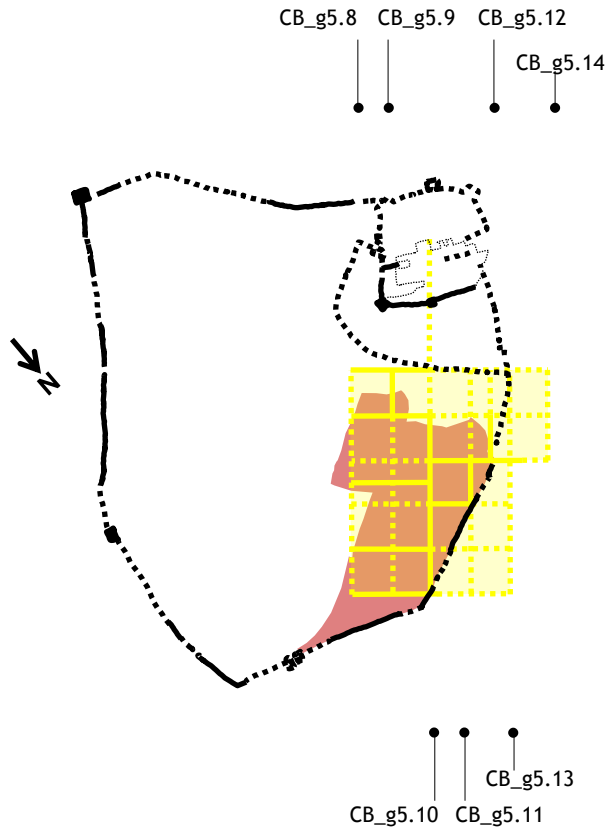


fig. 189 - Imagem esquemática da CB_grelha 5, com a indicação dos perfis - CB_g5.8 a CB_g5.14, orientados a noroeste/sudoeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

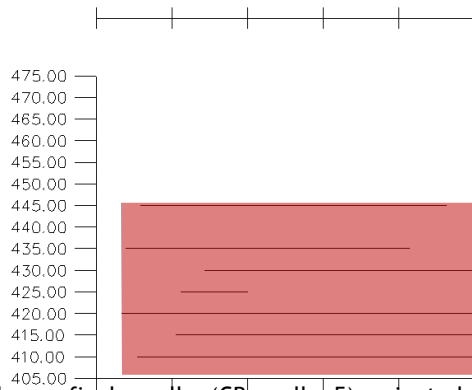


fig. 190 - “Superimposição” dos perfis da grelha (CB_grelha 5), orientados a noroeste/sudoeste (CB_g5.8 a CB_g5.14). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

C. Guarda

A forma do espaço público da zona antiga, no interior das muralhas medievais, da Guarda, organiza-se sob quatro grelhas protótipo - G_grelha 1, G_grelha 2, G_grelha 3 e G_grelha 4 (fig. 193, 198, 203 e 208), resultantes das ruas chave e linha forte (fig. 192).

O protótipo G_grelha 1 caracteriza-se por ser o que maior densidade do espaço urbano apresenta, pois, embora a dimensão da sua grelha, seja de 80x100 (m), quando ocorre a subdivisão do seu módulo, o espaço público encontra-se afastado entre si 25,00m e 50,00m (fig. 193).

A forma do espaço público urbano da antiga Judiaria é definido por duas grelhas protótipo, “superimpostas” (fig. 198 e 203) - G_grelha 2 (60mx80m) e G_grelha 3 (35mx120m). Contudo a segunda grelha tem maior incidência sobre a forma do espaço público, após análise com as “superimposições” (fig. 191), das quatro grelhas protótipo da zona antiga, no interior das muralhas medievais.

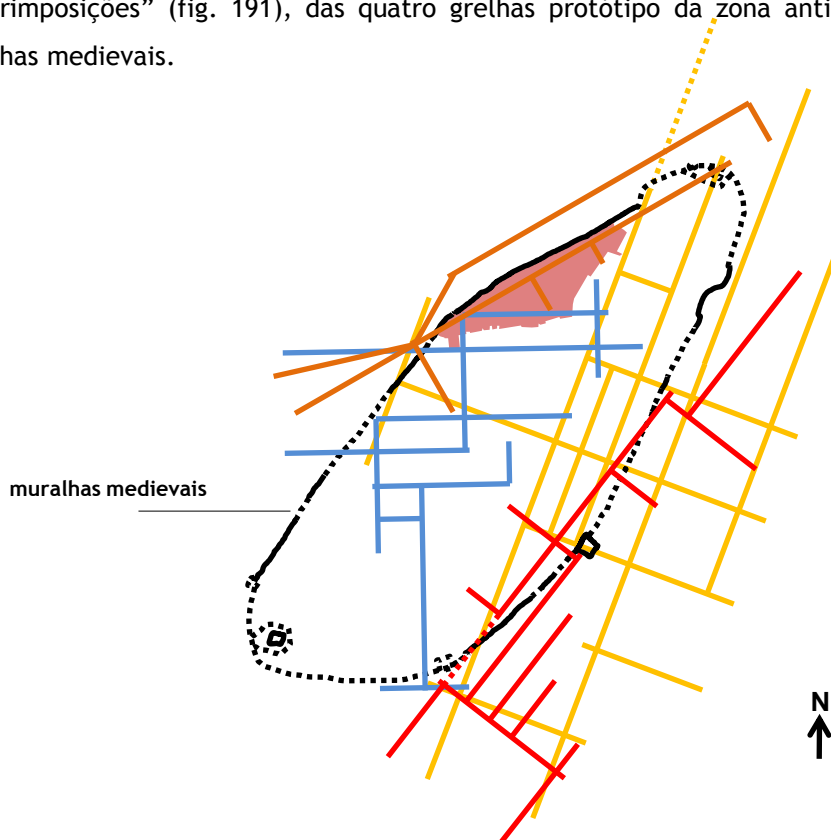


fig. 191 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público da Guarda, das grelhas: G_grelha 1 (—), G_grelha 2 (—), G_grelha 3 (—) e G_grelha 4 (—), espaço público da antiga Judiaria.

As duas grelhas protótipo estão muito próximas uma da outra, pois os valores que apresentam para a densidade do espaço público urbano são, de 35m e 60m, na G_grelha 3 e 30m e 40m, na G_grelha 2.

Na última grelha protótipo G_grelha 4 (50mx80m) encontrada para a forma do espaço público urbano da zona antiga, no interior das muralhas medievais (fig. 208), observa-se que, a distância entre a forma do espaço público é de 25m e 80m, muito semelhante às grelhas protótipo aqui já descritas.

No caso de estudo da Guarda, todas as grelhas protótipo demonstram que, a forma do espaço público paralelo à topografia natural do terreno é mais denso, pois as divisões dos módulos têm maior incidência.

Constata-se que, o espaço público urbano da antiga Judiaria da Guarda, apesar de ser uma área densa, não o é de modo particular, pois densidade semelhante é observada noutras áreas da zona antiga, intramuros. Constata-se ainda, após análise das “superimposições” dos diferentes perfis das grelhas protótipo, tratar-se de um espaço público pouco acentuado, tendo em consideração toda a zona antiga que se enquadra numa posição mais suave no topo do planalto, para logo a seguir, descer abruptamente (fig. 194 a 197, 199 a 202, 204 a 207, 209 a 212 e Anexo 2 - Protótipo (grelhas) - perfis. Consultar todo o processo de construção dos perfis das grelhas).

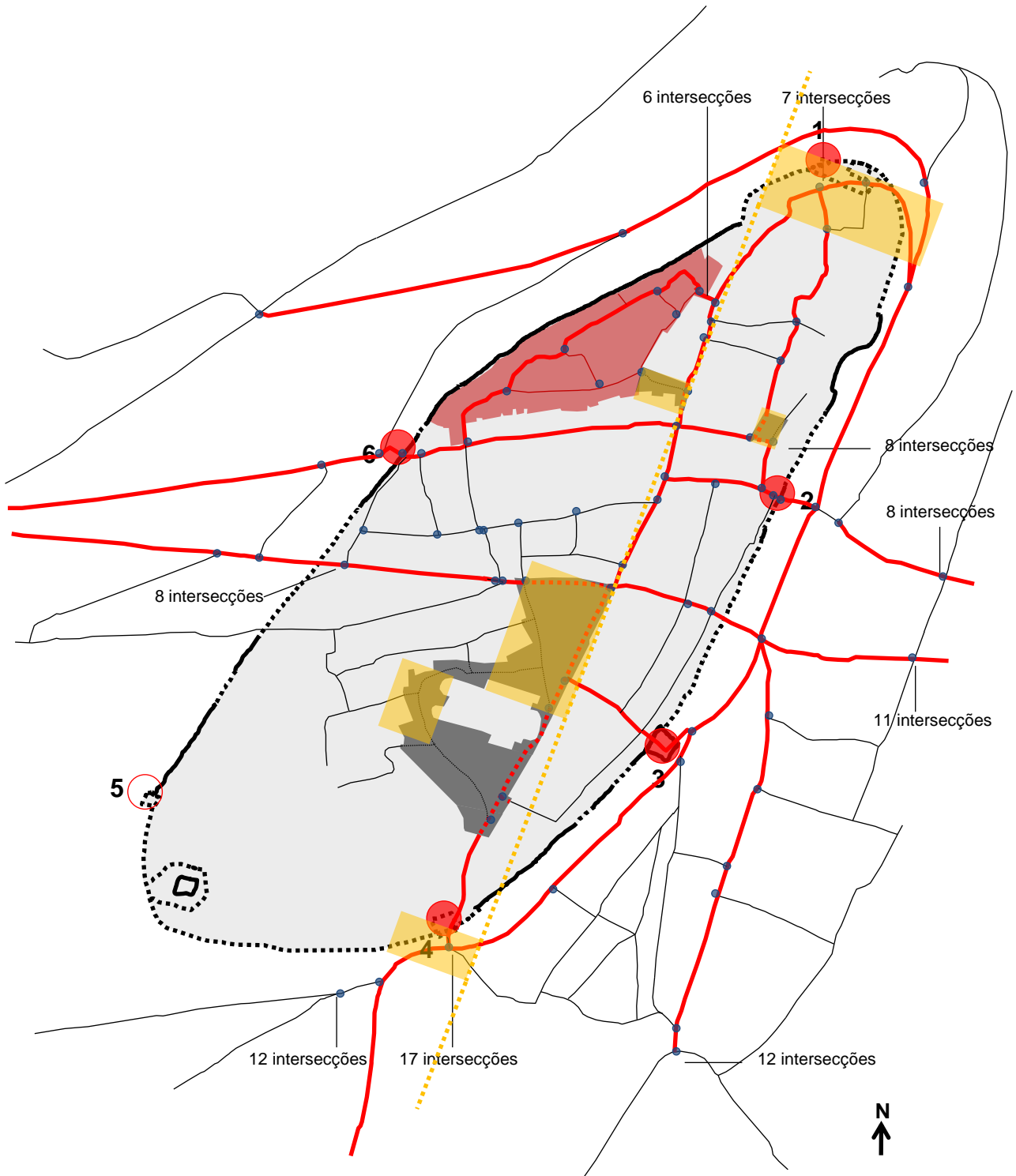


fig. 192 - Imagem com os percursos com maior número de interseções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos - 1.Porta Falsa; 2.Porta da Estrela; 3.Porta/Torre dos Ferreiros; 4.Porta da Covilhã/Nova; 5.Postigo; 6.Porta d'El Rei. Escala 1/3000



fig. 193 - Mapa com G_grelha 1. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

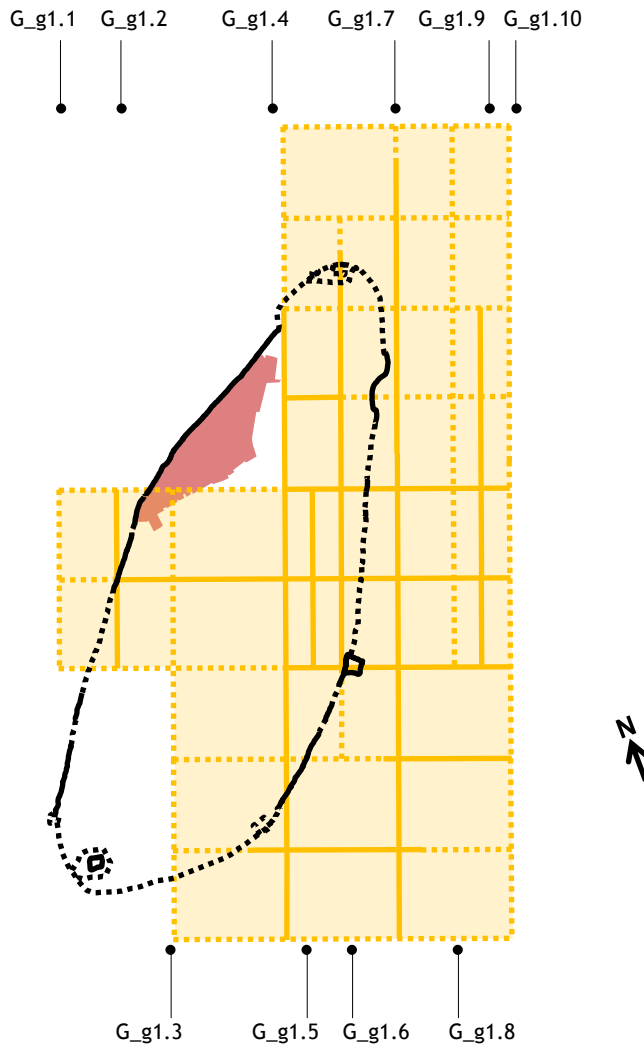


fig. 194 - Imagem esquemática da G_grelha 1, com a indicação dos perfis - G_g1.1 a G_g1.10, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

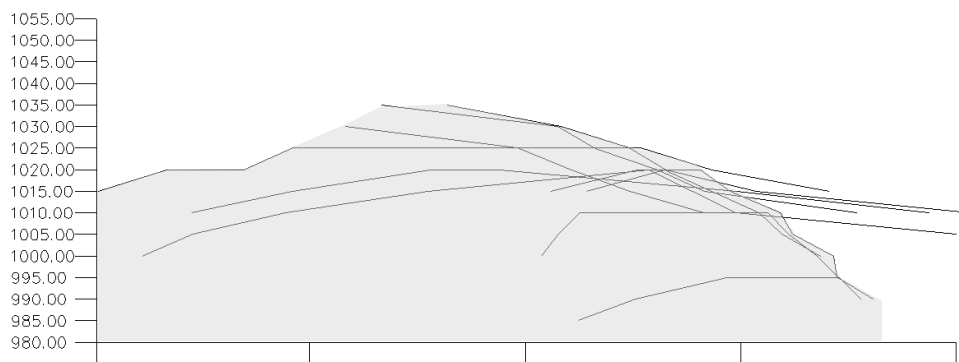


fig. 195 - "Superimposição" dos perfis da grelha (G_grelha 1), orientados a sudoeste/nordeste (G_g1.1 a G_g1.10). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

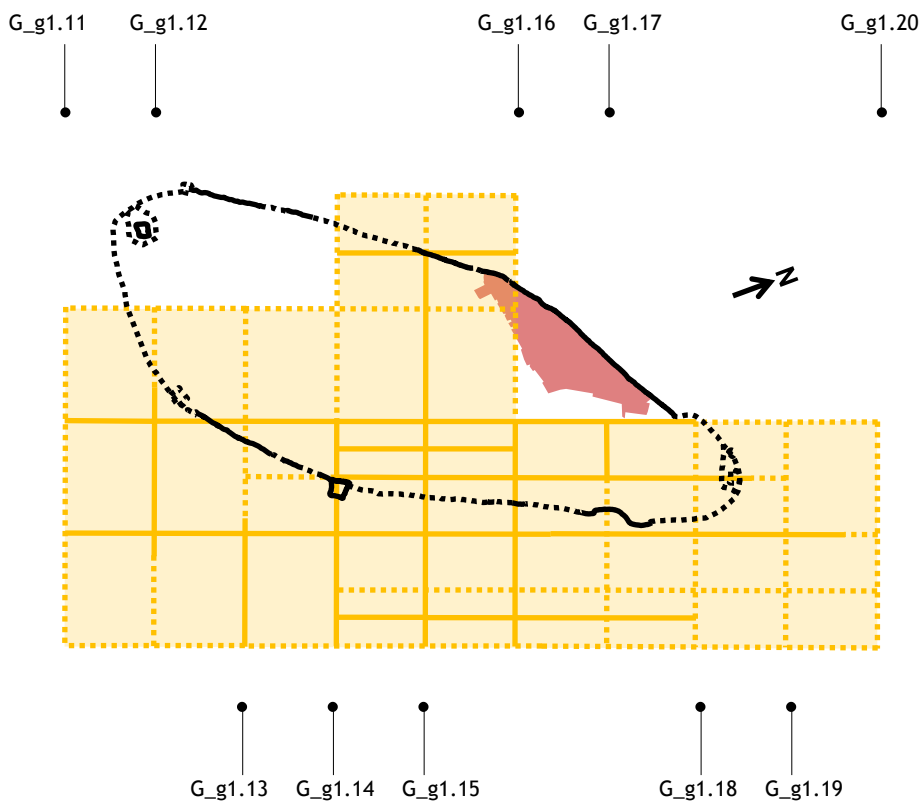


fig. 196 - Imagem esquemática da G_grelha 1, com a indicação dos perfis - G_g1.11 a G_g1.20, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

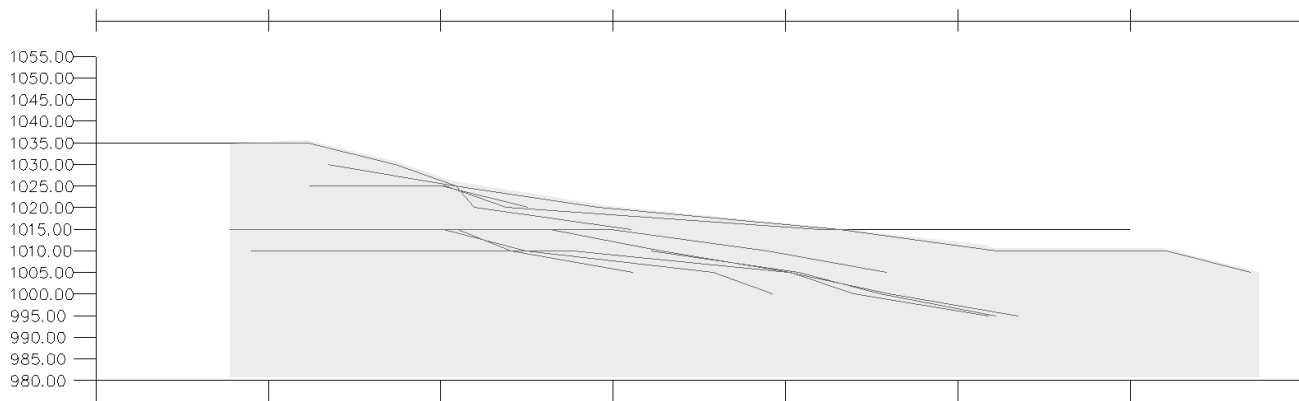


fig. 197 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 1), orientados a sudeste/noroeste (G_g1.11 a G_g1.20). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 198 - Mapa com G_grelha 2. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

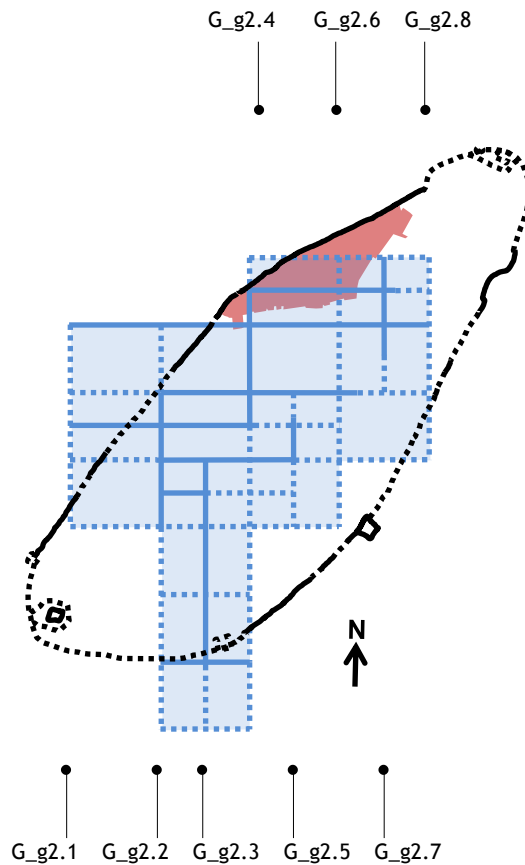


fig. 199 - Imagem esquemática da G_grelha 2, com a indicação dos perfis - G_g2.1 a G_g2.8, orientados a sul/norte. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; **—** muralhas medievais existentes; **.....** muralhas medievais destruídas.

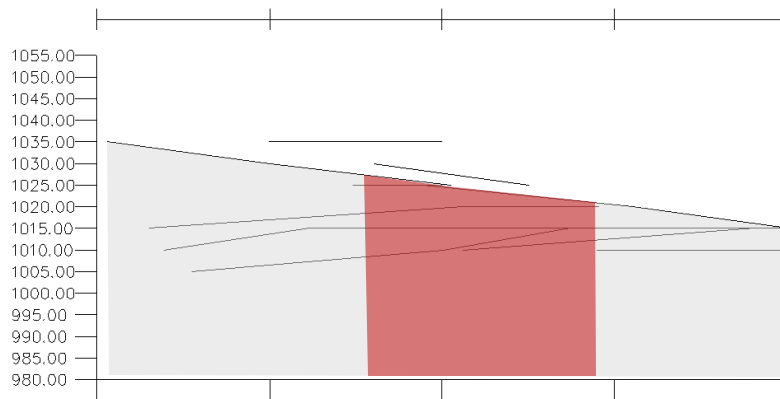


fig. 200 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 2), orientados a sul/norte (G_g2.1 a G_g2.8). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

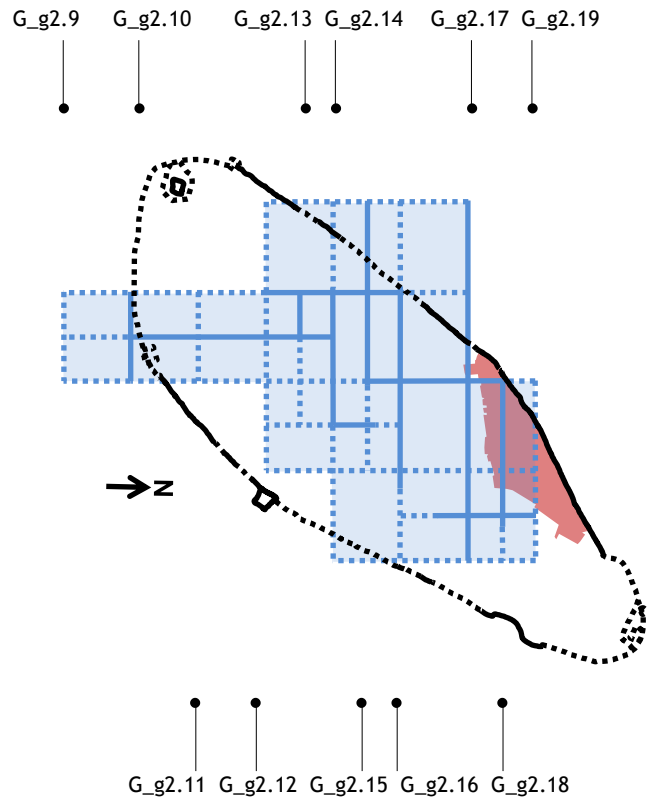


fig. 201 - Imagem esquemática da G_grelha 2, com a indicação dos perfis - G_g2.9 a G_g2.19, orientados a nascente/poente. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

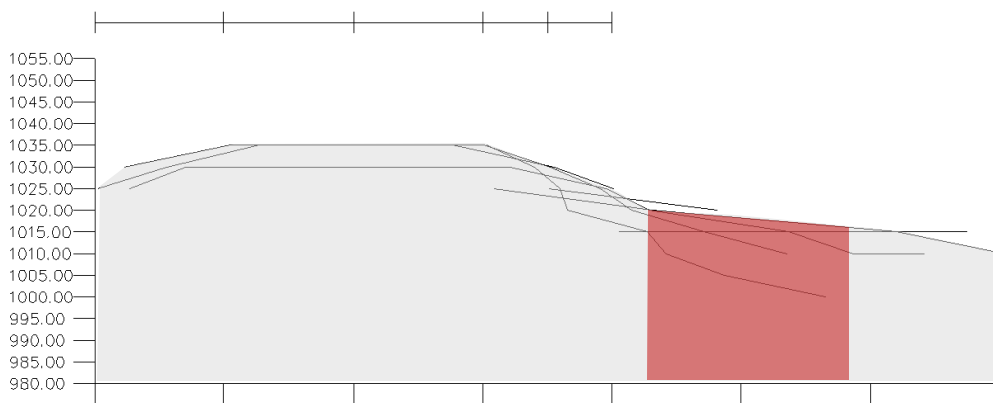


fig. 202 - "Superimposição" dos perfis da grelha (G_grelha 2), orientados a nascente/poente (G_g2.9 a G_g2.19). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 203 - Mapa com G_grelha 3. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.



fig. 204 - Imagem esquemática da G_grelha 3, com a indicação dos perfis - G_g3.1 a G_g3.5, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

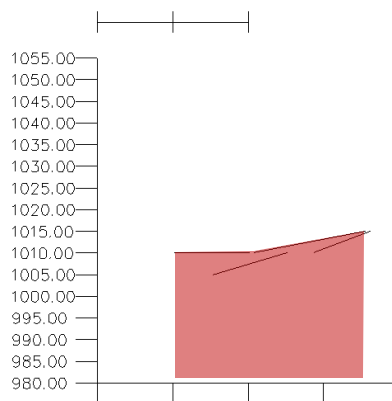


fig. 205 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 3), orientados a sudoeste/nordeste (G_g3.1 a G_g3.5). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

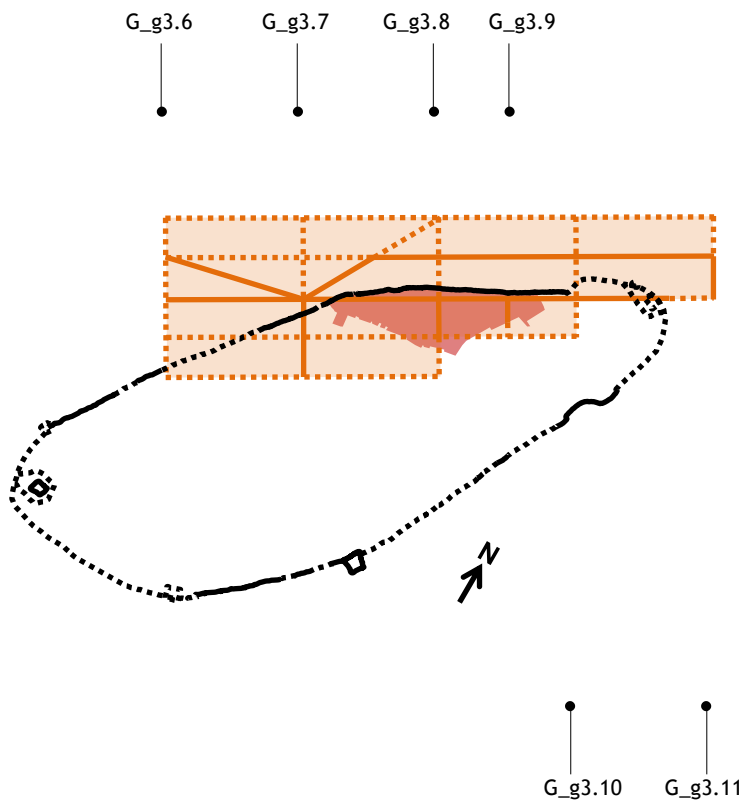


fig. 206 - Imagem esquemática da G_grelha 3, com a indicação dos perfis - G_g3.6 a G_g3.11, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

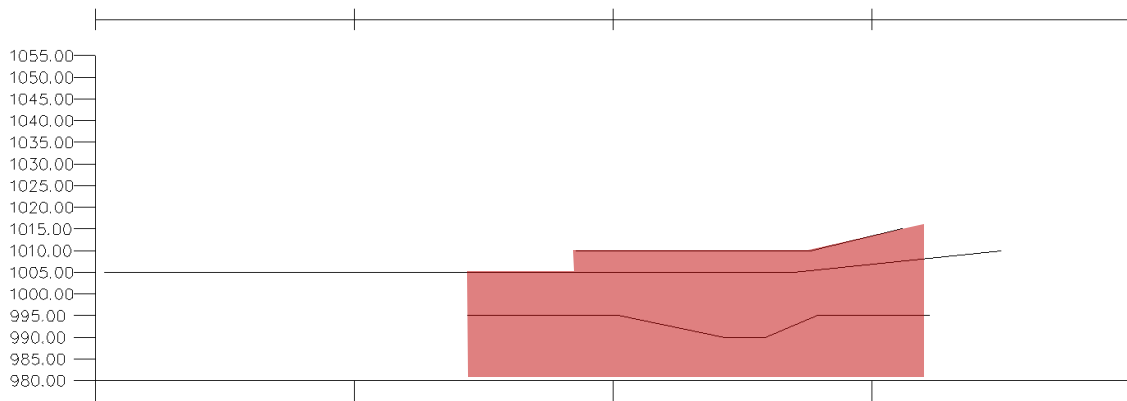


fig. 207 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 3), orientados a sudeste/noroeste (G_g3.6 a G_g3.11). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

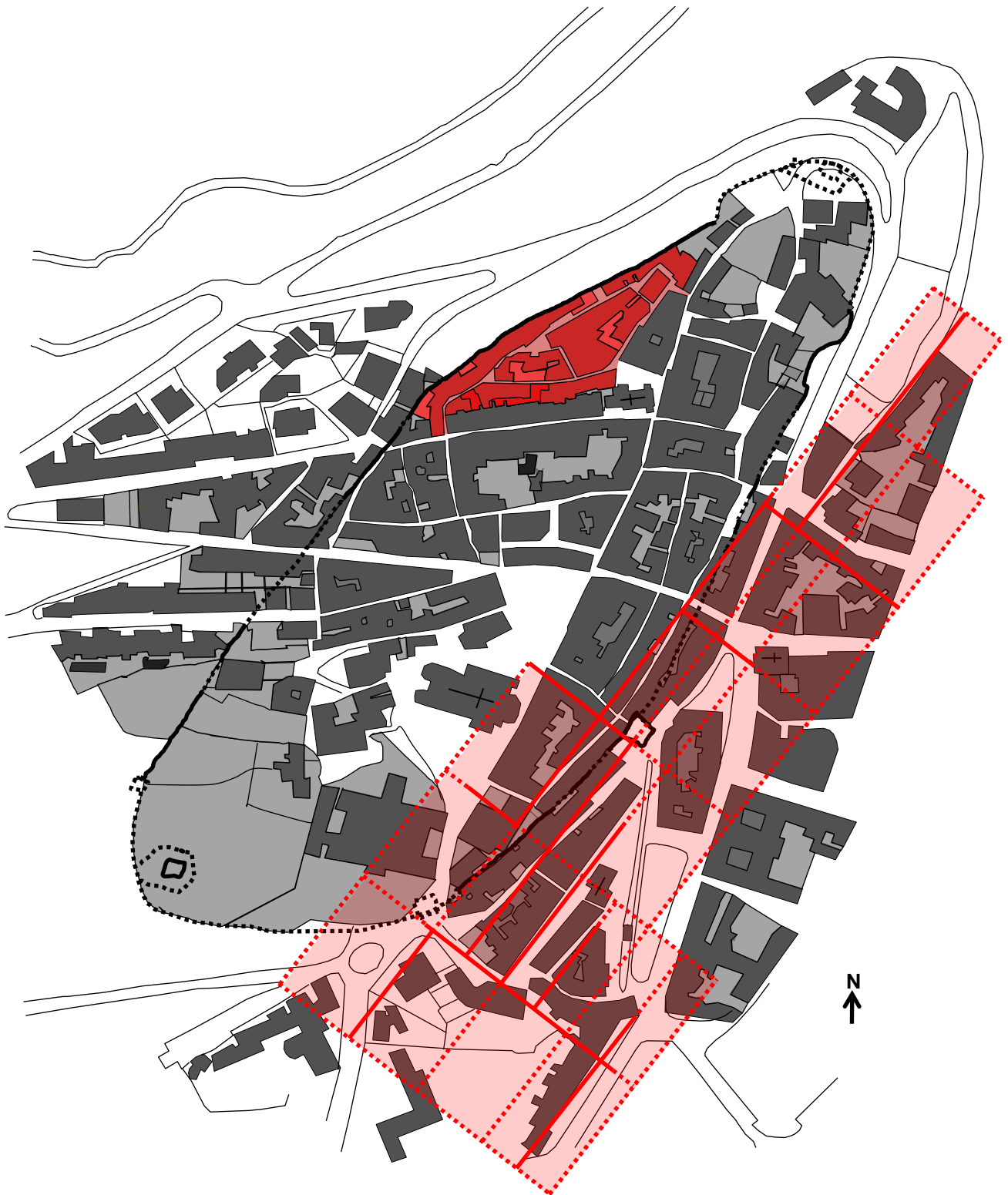


fig. 208 - Mapa com G_grelha 4. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

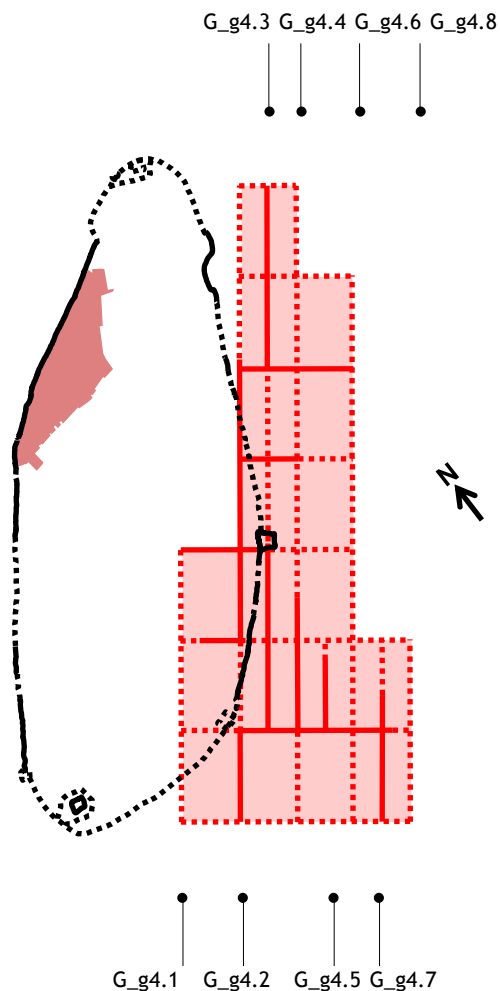


fig. 209 - Imagem esquemática da G_grelha 4, com a indicação dos perfis - G_g4.1 a G_g4.8, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; **—** muralhas medievais existentes; **⋯⋯** muralhas medievais destruídas.

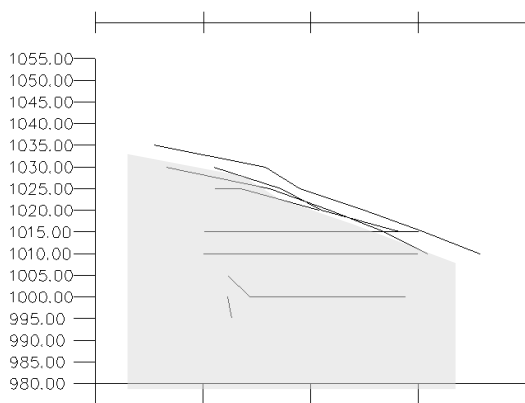


fig. 210 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 4), orientados a sudoeste/nordeste (G_g4.1 a G_g4.8). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

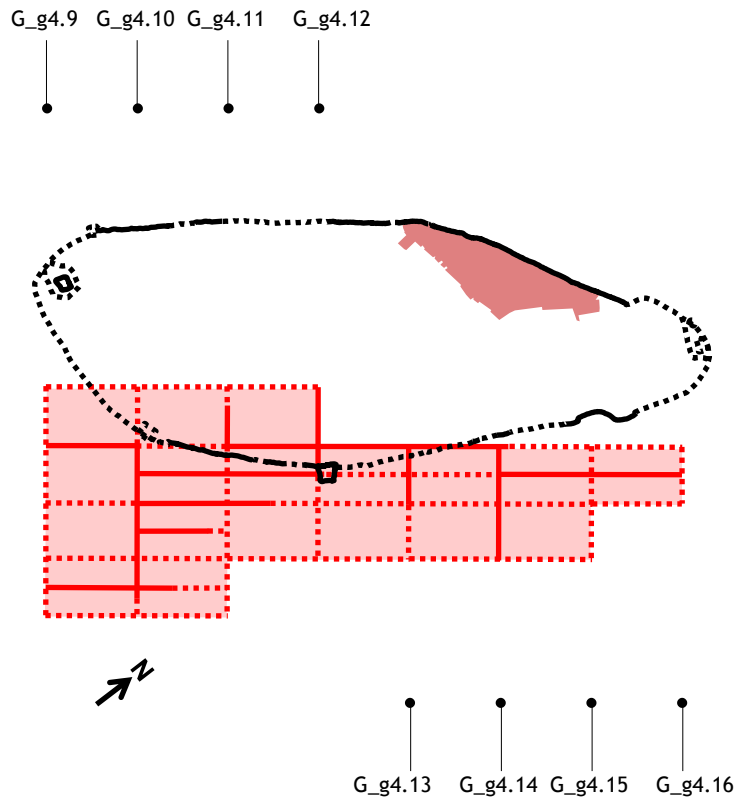


fig. 211 - Imagem esquemática da G_grelha 4, com a indicação dos perfis - G_g4.9 a G_g4.16, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria, — muralhas medievais existentes; - - - muralhas medievais destruídas.

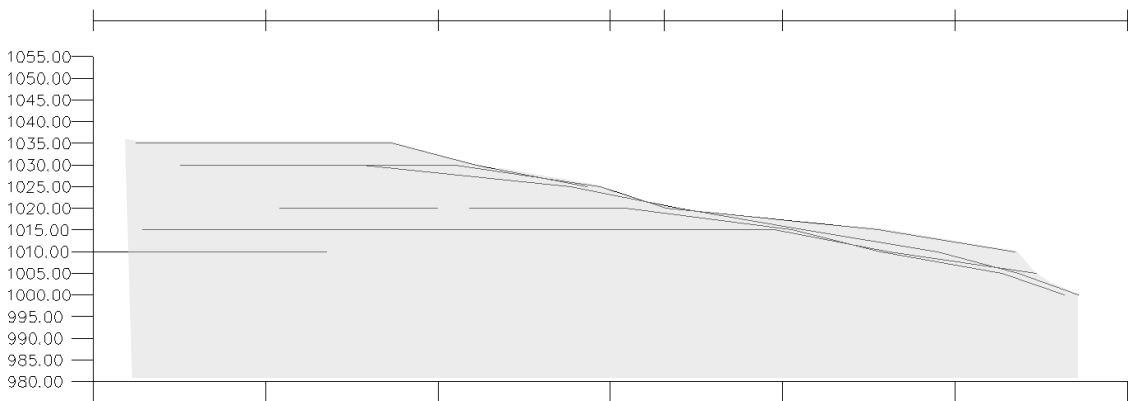


fig. 212 - “Superimposição” dos perfis da grelha (G_grelha 4), orientados a sudeste/noroeste (G_g4.9 a G_g4.16). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

D. Trancoso

A forma do espaço público da zona antiga de Trancoso, em muito se assemelha ao primeiro estudo de caso - Covilhã. São duas as grelhas protótipo que estruturam, perceptualmente, a forma do espaço público - T_grelha 1 (62mx70m) e T_grelha 2(45mx49m), resultantes das ruas chave e das linhas fortes (fig. 214). Mas é sobretudo numa que, o espaço da antiga Judiaria se enquadra (fig. 215 e 220) e obtém maior expressão, após análise das “superimposições” dos dois protótipos (fig. 213).

Da leitura à forma do espaço público da zona antiga, no interior das muralhas medievais, constata-se que este está dividido por duas áreas, uma orientada sobretudo para sul - T_grelha 1 e outra orientada para norte - T_grelha 2. No entanto, na área a nascente é onde se observa as maiores “superimposições”, dado que as duas grelhas protótipo operam em simultâneo sobre a forma do espaço público (fig. 213).

A grelha protótipo T_grelha 1, embora de maior dimensão abrange uma área mais densa, pois o seu módulo subdivide-se mais vezes (fig. 215). A forma do espaço público encontra-se afastada 15,50m e 31,00m, num sentido e 17,50m e 35,00m, no outro. Relativamente à grelha protótipo T_grelha 2, a distância entre os espaços públicos é de 22,50m e 24,50m (fig. 220).

Conclui-se portanto que, o espaço público da antiga Judiaria de Trancoso, não se enquadra numa área particularmente densa, se comparado com a restante zona antiga, embora no geral, sejam áreas urbanas densas.

Com as “superimposições” dos diferentes perfis das grelhas protótipo, constata-se que o espaço público, da zona antiga de Trancoso e da sua antiga Judiaria, se enquadra numa área favorável e pouco acentuada (fig. 216 a 219, 221 a 224 e Anexo 2 - Protótipo (grelhas) - perfis. Consultar todo o processo de construção dos perfis das grelhas).



fig. 213 - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público de Trancoso, das grelhas: T_grelha 1 (—) e T_grelha 2 (—), espaço público da antiga Judiaria.

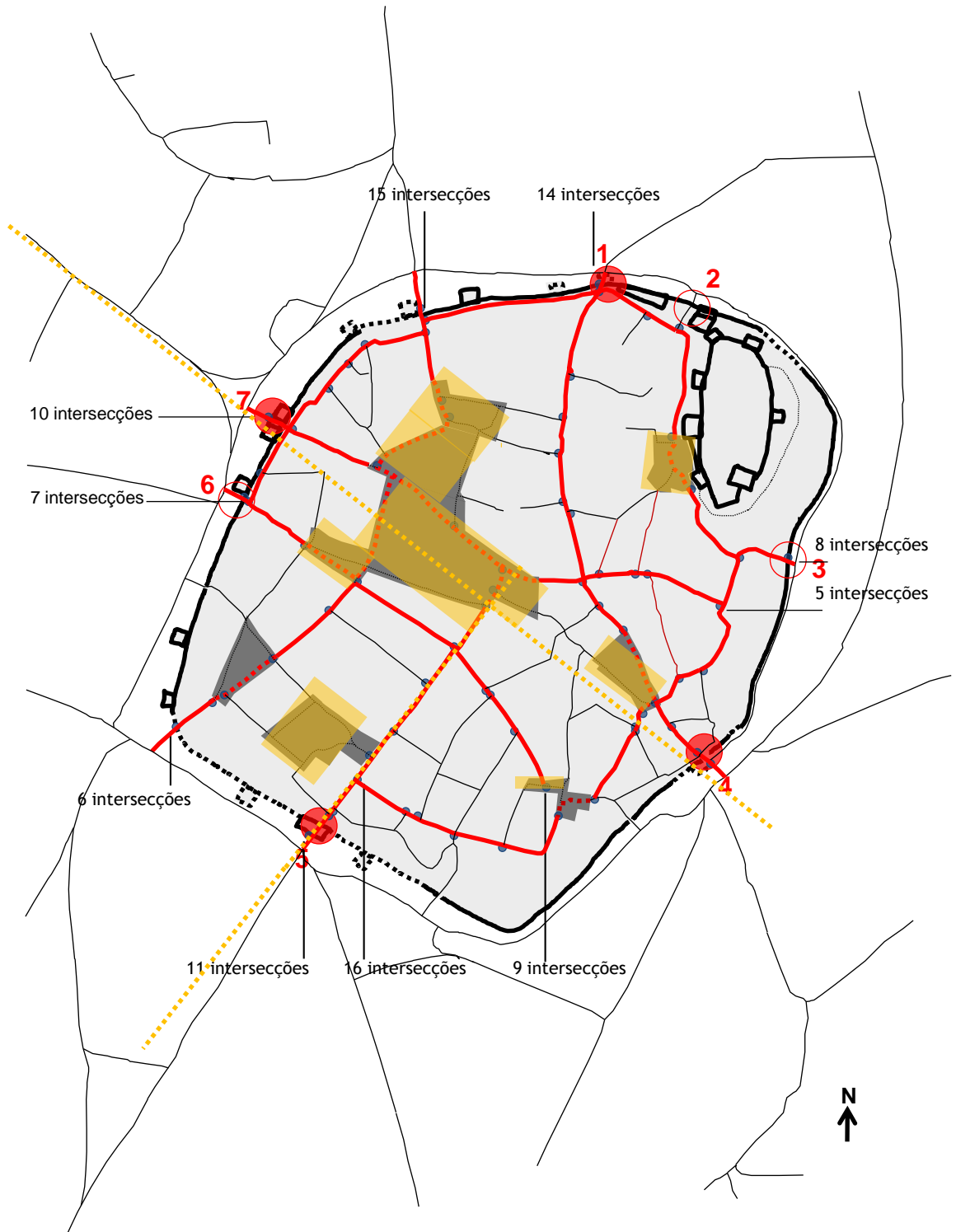


fig. 214 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; espaço da zona antiga intramuros; linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; espaços públicos (adro, praça e largo); ⋯ eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos - 1.Porta do Carvalho ou de João Tição; 2.Porta da Traição; 3.Postigo Olhinho do Sol; 4.Porta de S. João; 5.Porta d'El Rei; 6.Postigo do Boirinho; 7.Porta do Prado. Escala 1/3000.



fig. 215 - Mapa com T_grelha 1. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.



fig. 216 - Imagem esquemática da T_grelha 1, com a indicação dos perfis - T_g1.1 a T_g1.12, orientados a sudoeste/nordeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

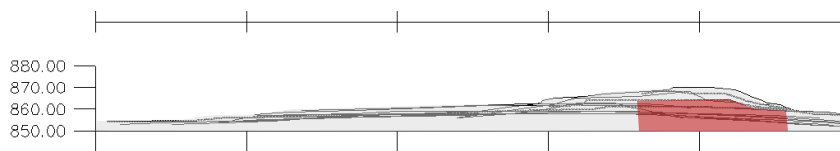


fig. 217 - "Superimposição" dos perfis da grelha (T_grelha 1), orientados a sudoeste/nordeste (T_g1.1 a T_g1.12). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

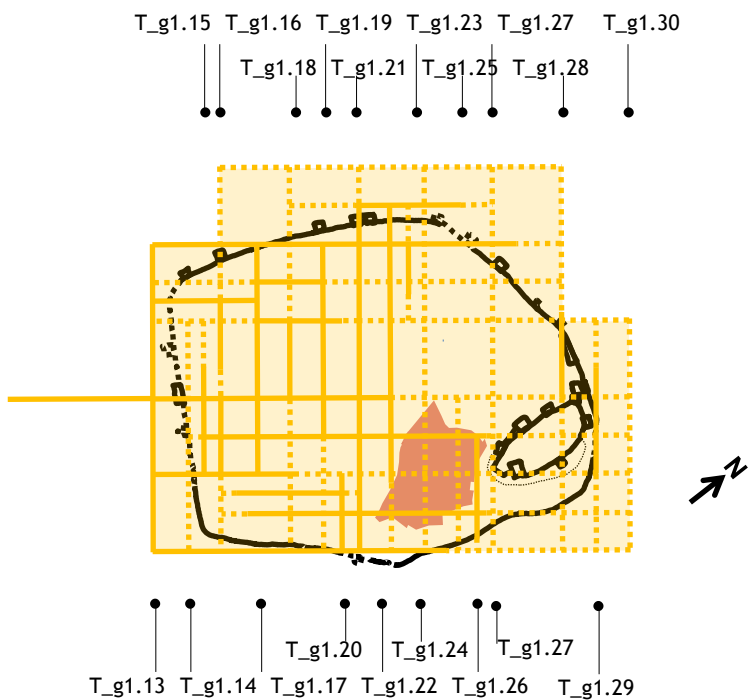


fig. 218 - Imagem esquemática da T_grelha 1, com a indicação dos perfis - T_g1.13 a T_g1.30, orientados a sudeste/noroeste. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

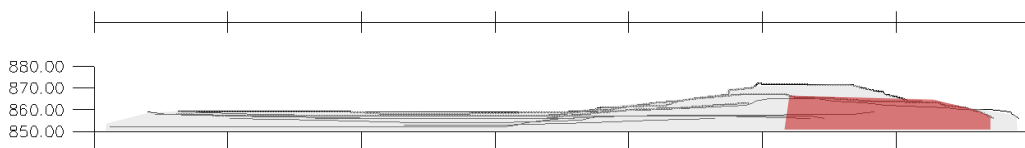


fig. 219 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 1), orientados a sudeste/noroeste (T_g.1.13 a T_g1.1.30). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.



fig. 220 - Mapa com T_grelha 2. Escala 1/3000.

Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

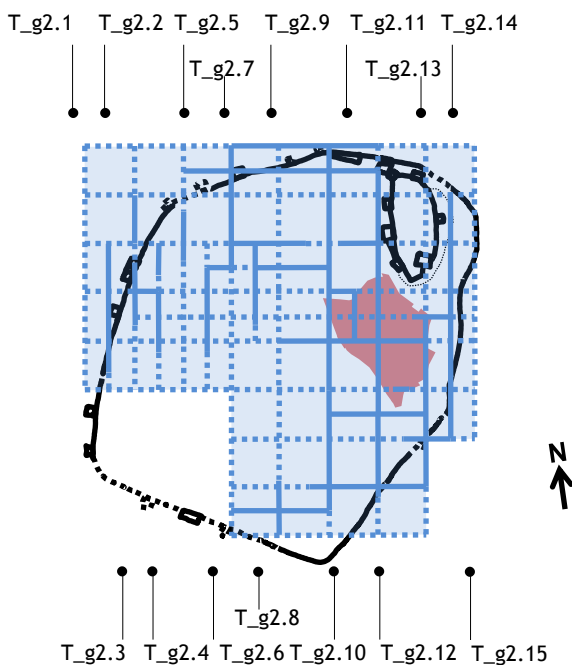


fig. 221 - Imagem esquemática da T_grelha 2, com a indicação dos perfis - T_g2.1 a T_g2.15, orientados a sul/norte. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; ⋯ muralhas medievais destruídas.

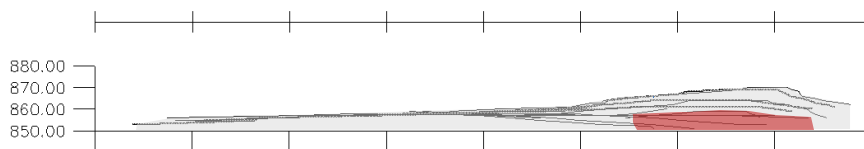


fig. 222 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 2), orientados a sul/norte (T_g2.1 a T_g2.15). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

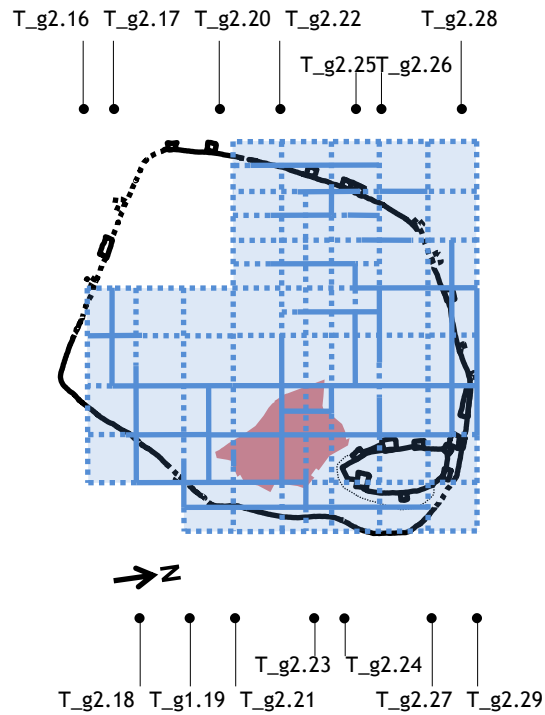


fig. 223 - Imagem esquemática da T_grelha 2, com a indicação dos perfis - T_g2.16 a T_g2.29, orientados a nascente/poente. Legenda: ■ espaço público da antiga Judiaria; — muralhas medievais existentes; - - - - muralhas medievais destruídas.

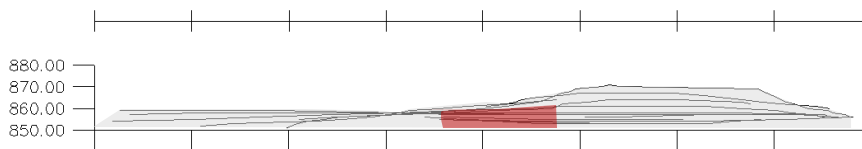


fig. 224 - “Superimposição” dos perfis da grelha (T_grelha 2), orientados a nascente/poente (T_g2.16 a T_g2.29). Legenda: ■ área da antiga Judiaria; ■ área antiga da cidade (intramuros). Escala 1/3000.

3. Síntese conclusiva

214

Cecília Zacarias | Densidade do Espaço Urbano e Identidade Local

Imagem do espaço público. A interpretação do espaço público tem em consideração toda a forma do interior urbano e, não apenas o eixo viário da rua, contribui para desenhar a linha central. Conhecida e linha central do espaço público, importa conhecer aquele que é caracterizado por um maior número de intersecções e, assim, identificar as ruas chave. O espaço público da Covilhã, de um modo geral, surge como um sistema complexo e fragmentado, num sistema caracterizado por acentuadas irregularidades do seu tecido urbano e troços de pequena extensão, sobretudo na zona antiga (fig. 225). Em Castelo Branco, o espaço público apresenta-se mais estruturado e organizado. Constituído por dois tipos de troços, uns de maior extensão que na grande maioria, se posicionam perpendicularmente em relação ao declive natural do terreno, estando ligados entre si, por outros troços mais curtos paralelos à topografia (fig. 226). Tanto a estrutura do espaço público da Guarda, como o de Trancoso, remetem imediatamente para uma forma mais organizada, cuja estrutura se aproxima do sistema ortogonal (fig. 229 e 230).

Rua(s) chave e linha(s) forte(s). A(s) rua(s) chave e a(s) linha(s) forte(s), definidas a partir da leitura e percepção visual, após observação do mapa com o espaço público, diferem de umas cidades para as outras, quanto ao seu número. Para a Covilhã e Guarda, apenas uma linha forte se destaca, por ser a mais relevante, em relação à envolvente (fig. 227 e 228). Para o espaço público de Trancoso, definiram-se duas linhas fortes, perpendiculares entre si (fig. 232). Por fim, em Castelo Branco, devido à sua morfologia, são cinco as linhas fortes que operam, em simultâneo, sobre o espaço público, as quais fazem entre si ângulos iguais de 23° (fig. 228).

Superimposição das grelhas protótipo. Com a superimposição das grelhas protótipo, nas respectivas zonas antigas, foi possível observar qual a relação destas entre si e, quais as áreas que abrangem. Assim sendo, para a Covilhã é, possível observar que a C_grelha 1 incorpora na sua estrutura todo o espaço público interior da antiga Judiaria. A envolvente a este espaço na cidade, é contornado pelo protótipo C_grelha 2 que, está também muito presente no interior das muralhas medievais e numa zona exterior, orientada a sul (fig. 233).

Em Castelo Branco, as grelhas protótipo posicionam-se de forma radiocêntrica. Duas delas,

CB_grelha 3 e CB_grelha 5, pertencem em simultâneo ao espaço da antiga Judiaria, sendo que, a última tem maior expressão relativamente à área que abrange (fig. 234).

De igual modo, no estudo de caso da Guarda, observam-se duas grelhas protótipo, em simultâneo, para o espaço da antiga Judiaria - G_grelha 2 e G_grelha 3 e, de igual modo, a última é a que tem maior expressão, em relação à área que ocupa (fig. 235).

Por fim, em Trancoso e à semelhança do caso de estudo da Covilhã, duas grelhas protótipo operam sobre a forma do espaço público - T_grelha 1 e T_grelha 2. Consta-se igualmente, neste caso que, a T_grelha 2 é, a que, incorpora na sua estrutura todo o espaço público interior da antiga Judiaria. Enquanto, que a forma da primeira se encontra na envolvente desta área (fig. 236).

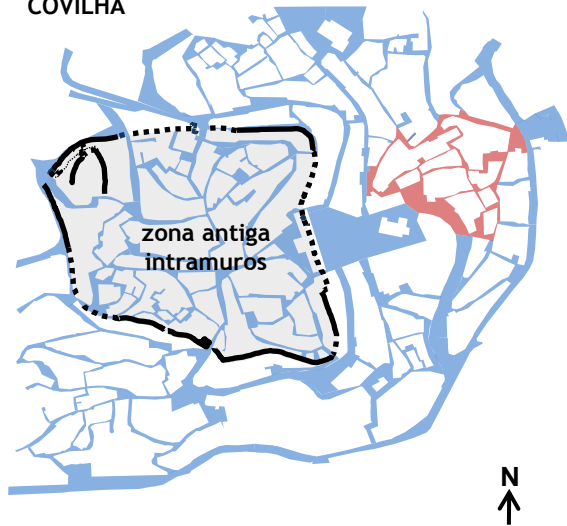
Densidade do espaço público urbano. A densidade do espaço urbano, possível de observar nas diferentes grelhas protótipo, revela que as zonas antigas são espaços densos. Revela de igual modo que, o espaço das antigas Judiarias não se caracteriza por áreas mais densas, nem tão pouco se caracterizam por uma organização do tecido urbano própria desse espaço em particular. Isto porque, o mesmo grau de densidade no espaço público da antiga Judiaria, calculado a partir do afastamento existente entre ruas é, possível observá-lo noutra área da zona antiga (fig. 237 a 248).

De igual modo, é possível constatar que, não se encontrou uma estrutura, do tecido urbano própria ou única para a área dos antigos bairros judaicos (fig. 237 a 240 e 245 a 247). Antes porém, fazem parte integrante da estrutura geral do espaço público, para a zona antiga no interior das muralhas medievais. Como única exceção à regra, tem-se o espaço da antiga Judiaria de Castelo Branco em que, o afastamento entre ruas é menor, pois o seu protótipo é o mais denso, num conjunto total de cinco (fig. 246).

Se ao comparar-se a forma do espaço público das antigas Judiarias, entre si e, com a análise do módulo subdividido, constata-se que o afastamento entre o espaço público que integra apenas o interior destas áreas é, de 18,75m e 29,50m (C_grelha 1), na Covilhã, 17,50m e 20,00m (CB_grelha 5), em Castelo Branco, 35,00m e 60,00m (G_grelha 3), na Guarda e em Trancoso é, de 22,50m e 24,75m (T_grelha 2).

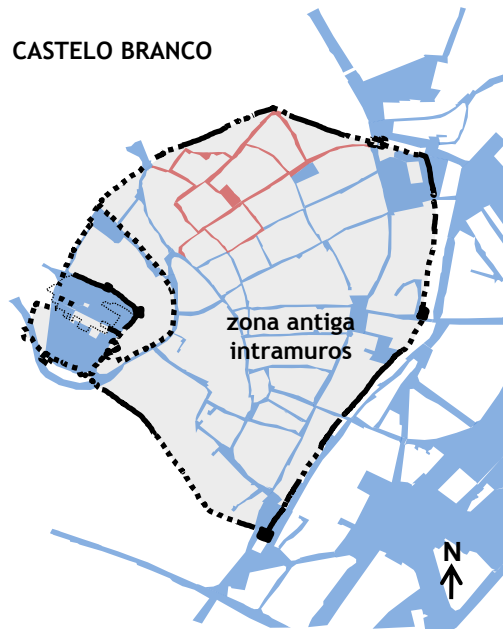
Deste modo, consegue-se determinar que, o espaço público da antiga Judiaria de Castelo Branco é, o mais denso, em função do afastamento entre ruas, logo seguido da Covilhã, deixando para terceiro lugar Trancoso e, por último surge a Guarda (fig. 237, 240, 246 e 247).

COVILHÃ



Espaço público bastante fragmentado, com percursos ondulados e sem perspectiva.

CASTELO BRANCO

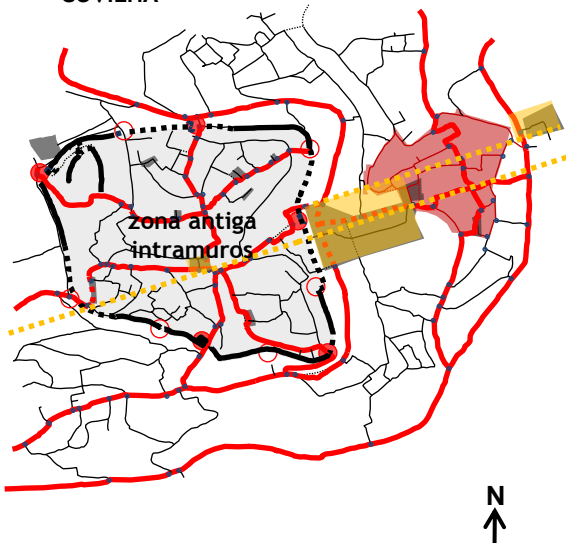


Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, indica tendência para um sistema radiocêntrico.

fig. 225 e 226 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) com identificação do

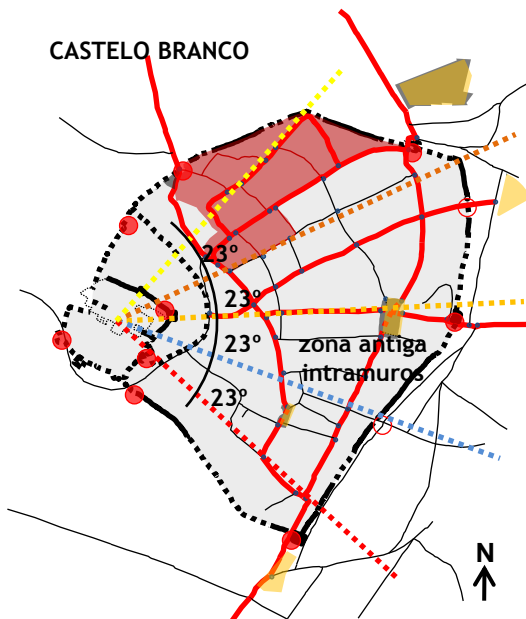
■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros.

COVILHÃ



Espaço público onde uma linha forte surge como a mais importante em relação à envolvente.

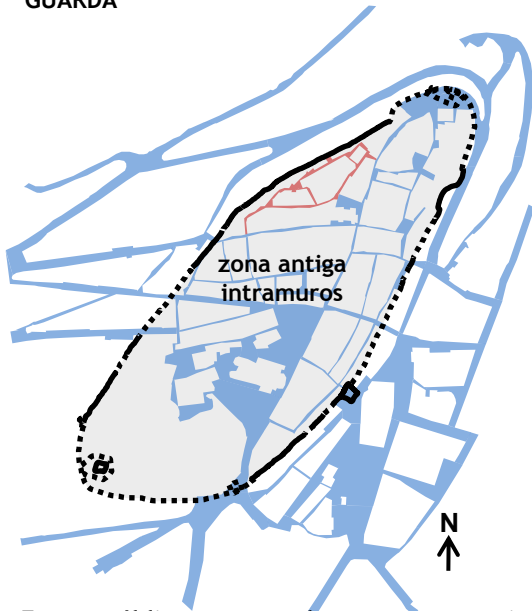
CASTELO BRANCO



Espaço público onde operam cinco linhas fortes em simultâneo, as quais fazem entre si ângulos iguais de 23°.

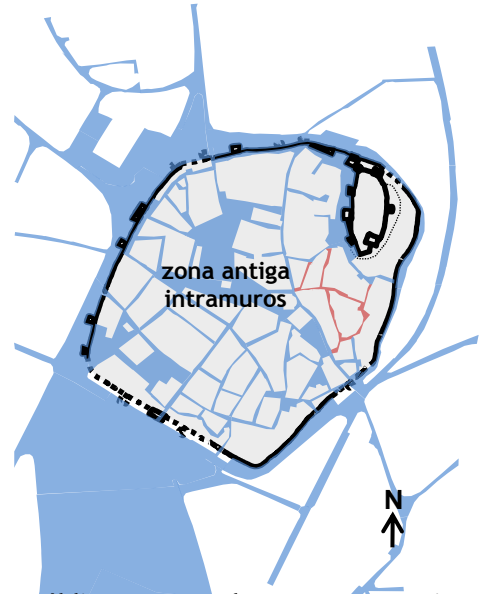
fig. 227 e 228 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos.

GUARDA



Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, com tendência para um sistema ortogonal.

TRANCOSO

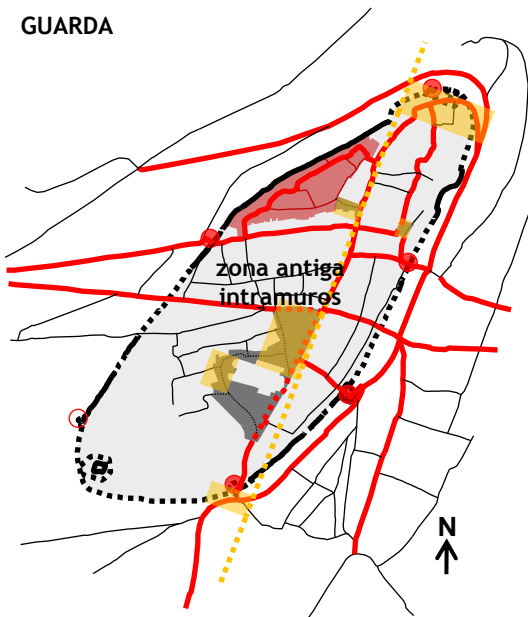


Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, com tendência para um sistema ortogonal.

fig. 229 e 230 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) com identificação do

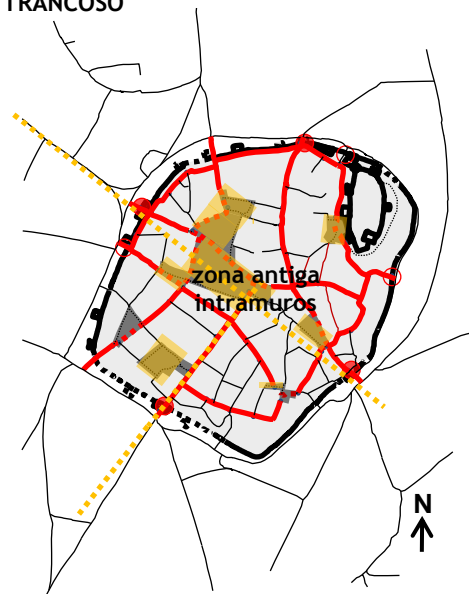
■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros.

GUARDA



Espaço público onde uma linha forte surge como a mais importante em relação à envolvente.

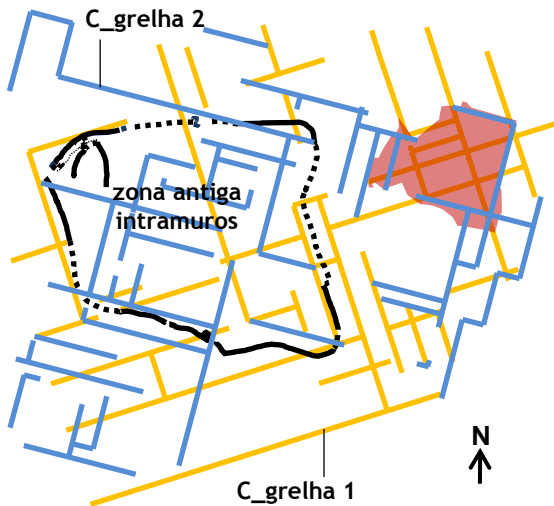
TRANCOSO



Espaço público onde operam duas linhas fortes em simultâneo.

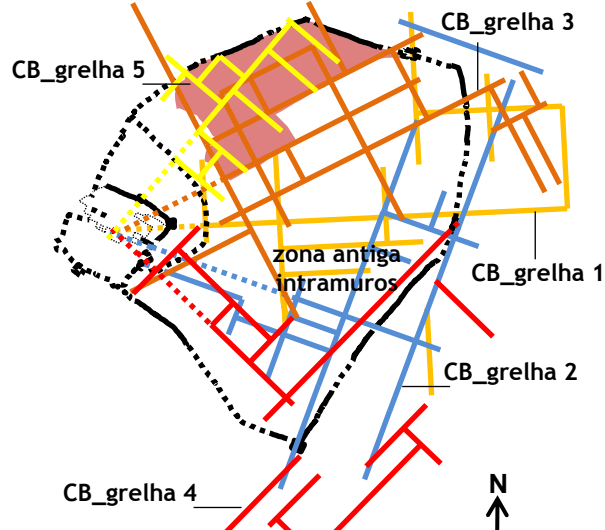
fig. 231 e 232 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos.

COVILHÃ



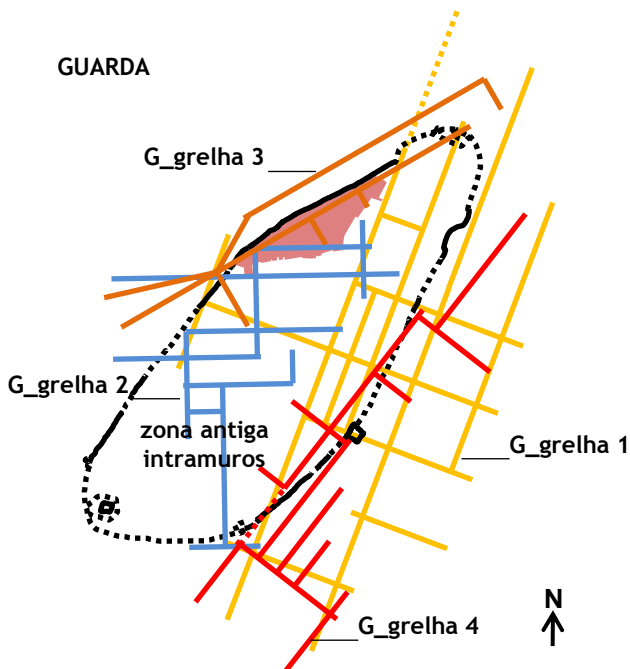
Duas grelhas protótipo “superimpostas”, operam sobre a forma do espaço público.

CASTELO BRANCO



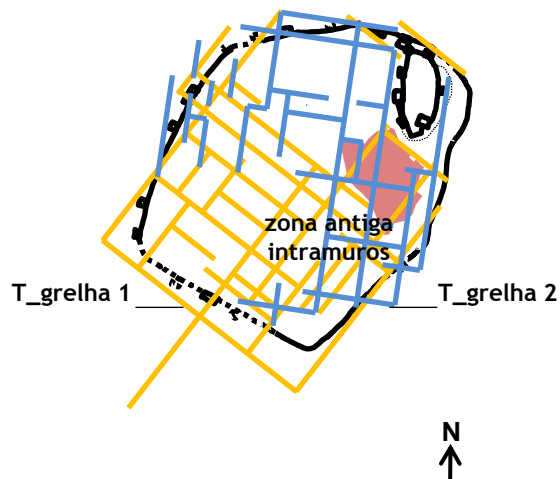
Cinco grelhas protótipo “superimpostas”, operam sobre a forma do espaço público.

GUARDA



Quatro grelhas protótipo “superimpostas”, operam sobre a forma do espaço público.

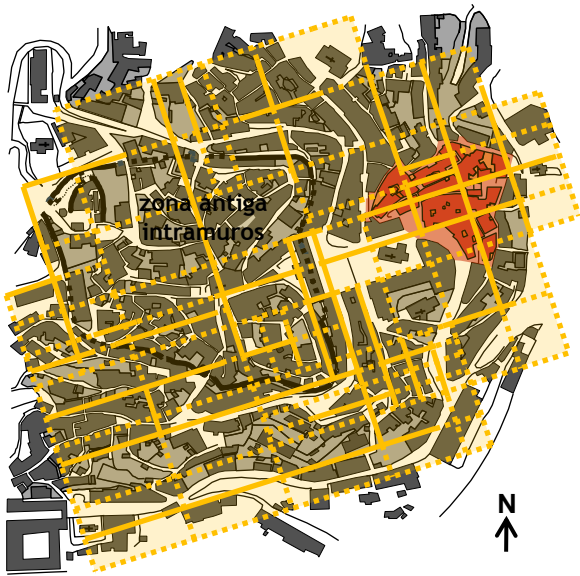
TRANCOSO



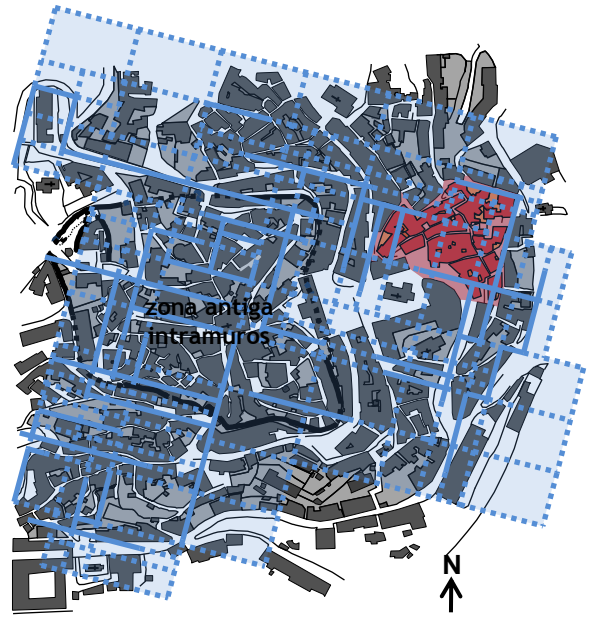
Dois grelhas protótipo “superimpostas”, operam sobre a forma do espaço público.

fig. 233, 234, 235 e 236, respectivamente - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público através das grelhas protótipo, da zona antiga no interior das muralhas medievais e espaço da antiga Judiaria.

COVILHÃ



C_grelha 1 (75,00mx118,00m)

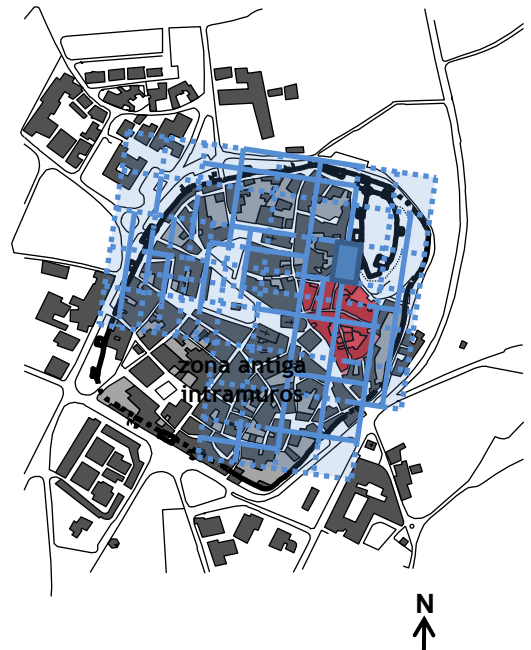


C_grelha 2 (63,30mx99,60m)

TRANCOSO



T_grelha 1 (62,00mx70,00m)



T_grelha 2 (45,00mx49,00m)

fig. 237, 238, 239 e 240, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo da Covilhã e Trancoso.
 Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

CASTELO BRANCO

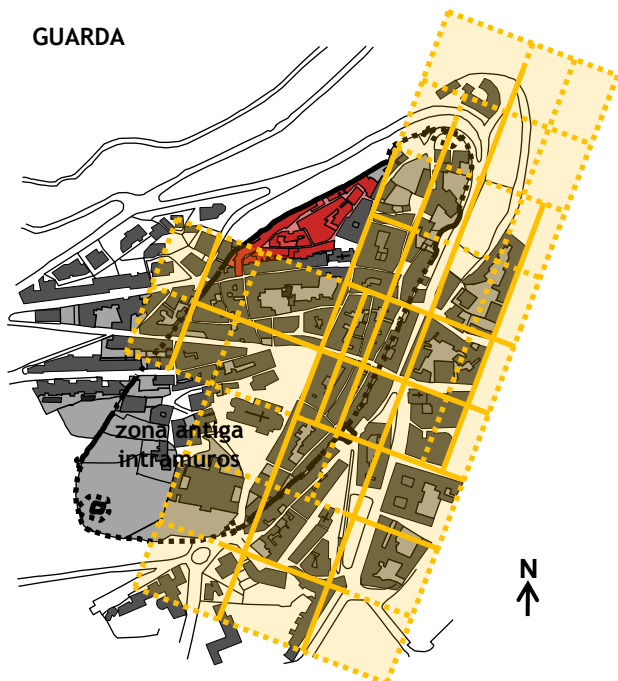


CB_grelha 1 (60,00mx81m)

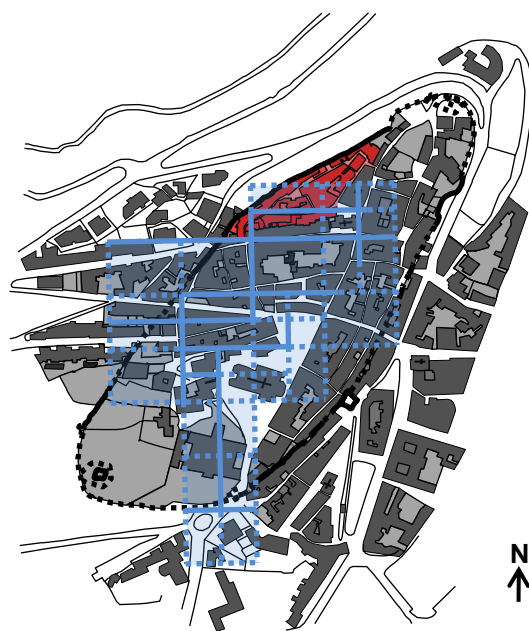


CB_grelha 2 (42,00mx57,00m)

GUARDA



G_grelha 1 (80,00mx100,00m)



G_grelha 2 (60,00mx80,00m)

fig. 241, 242, 243 e 244, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e

Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

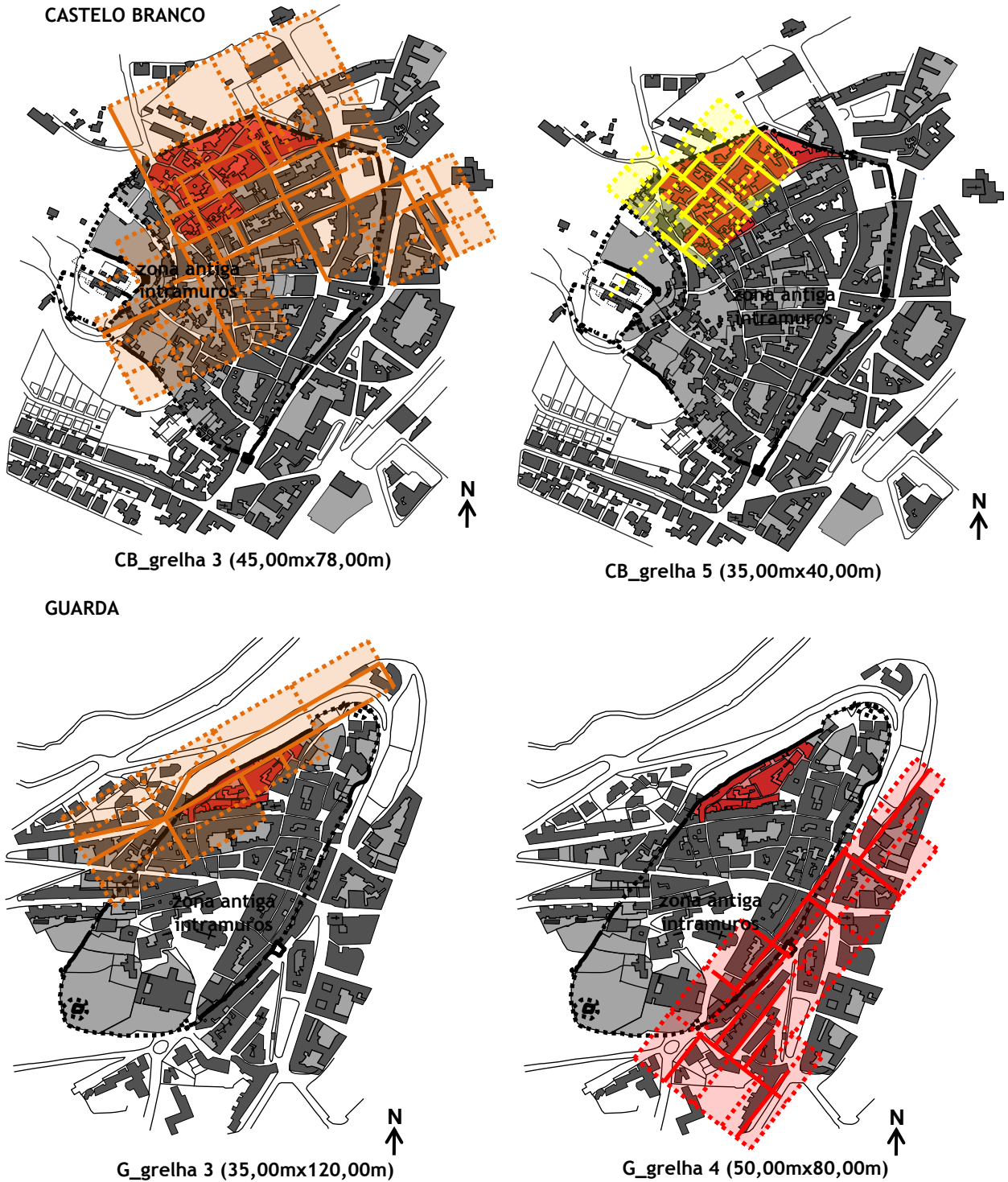


fig. 245, 246, 247 e 248, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

Capítulo 6 | Limites do espaço público - o quarteirão

1. Polígono do quarteirão

Procurou-se obter e perceber, através do polígono dos quarteirões, até que ponto as deformações são ou não significativas.

Todos os polígonos dos quarteirões, tanto nas antigas Judiarias da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, como nas suas zonas antigas, no interior das muralhas medievais, apresentam uma geometria irregular, não se tratando de formas, obviamente, rectangulares perfeitas - situação que a topografia, numa tentativa de seguir as curvas de nível, ou uma melhor conformação às oscilações do terreno, ou outras restrições, terão impossibilitado a regularidade.

Com menor ou maior área, o polígono do quarteirão apresenta de uma forma geral uma forma geométrica alongada, mas a imagem geral dos mesmos surge com deformações, nalguns casos, bastante significativas.

A. Covilhã

A zona antiga da Covilhã, no interior das muralhas medievais, juntamente com a antiga Judiaria, perfaz um total de 42 (quarenta e dois) quarteirões (fig. 251), sendo que, apenas 9 (nove) integram a antiga Judiaria.

A percentagem de área ocupada pela antiga Judiaria - 9.667,95m², equivale a 14,5% da totalidade da área seleccionada para estudo - 66.645,55m² (Gráfico 01 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

Na antiga Judiaria, os polígonos dos quarteirões, tendo em consideração a área que ocupam no tecido urbano da cidade, são aqueles que entre si, são mais uniformes, excepção feita para os quarteirões QC_1 e QC_3 (fig. 249).

Após quantificação das áreas, composição e “superimposição” dos quarteirões, verificou-se que, de uma maneira geral, a imagem e forma do polígono dos quarteirões é alongada (“superimposição” fig. 250). Verificou-se, igualmente que, a existência de deformações nos polígonos da antiga Judiaria, não é tão acentuada. As deformações existentes, comparativa-

mente com os polígonos da zona antiga, no interior das muralhas medievais onde aliás, as maiores deformações e diferenças na forma e na área entre polígonos, se constatam (fig. 252).



fig. 249 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria da Covilhã. Escala 1/3000.

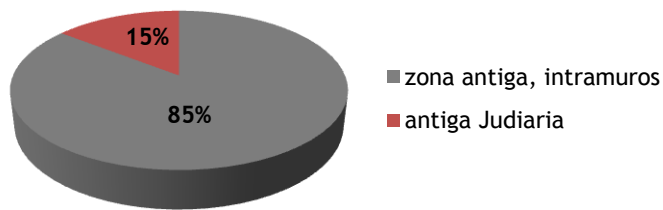


Gráfico 01 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã.

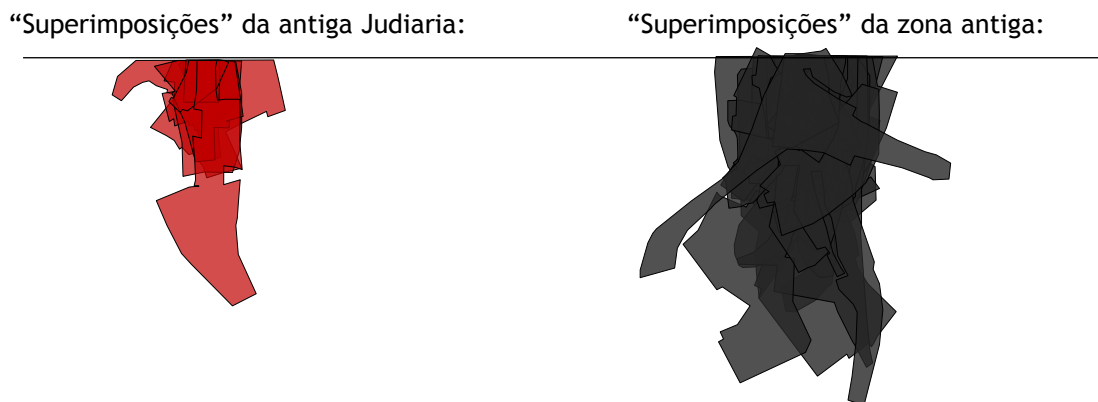


fig. 250 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã. Escala 1/3000.

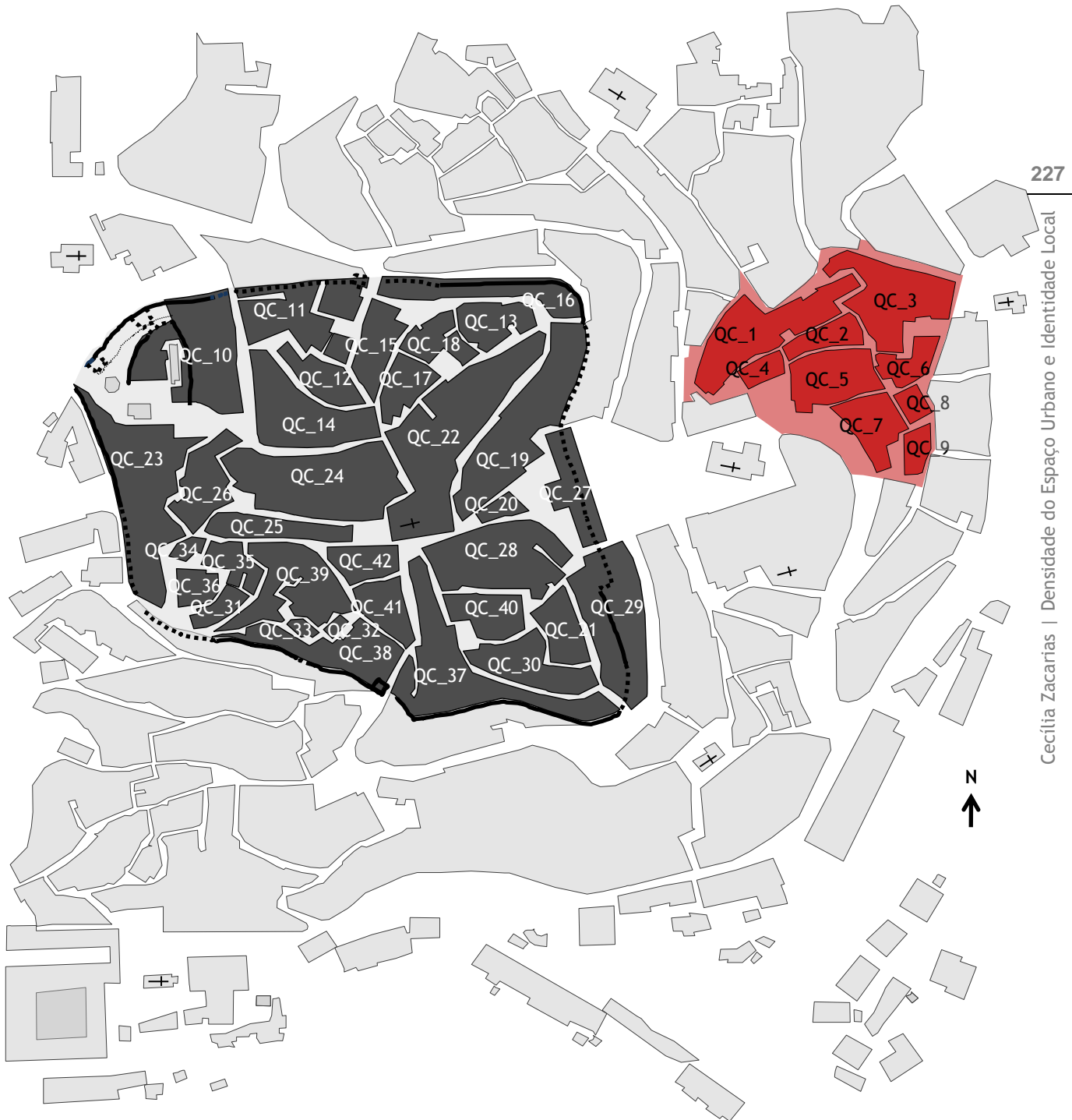
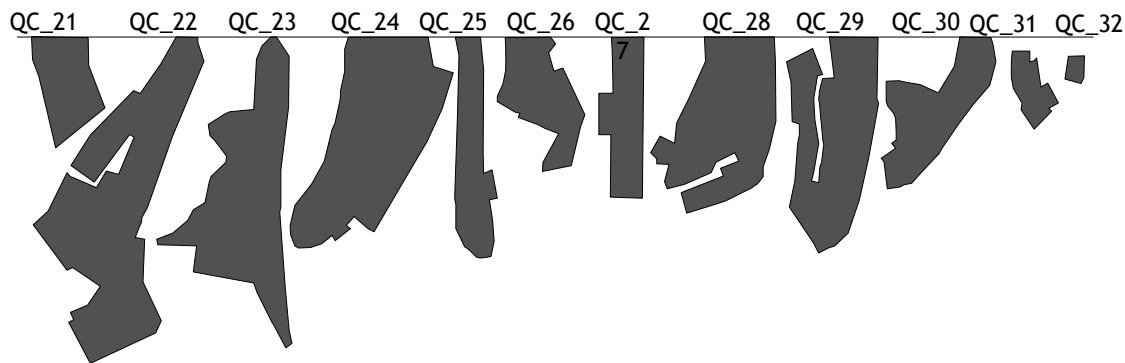


fig. 251 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:

“Superimposições”:



fig. 252 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Covilhã. Escala 1/3000.

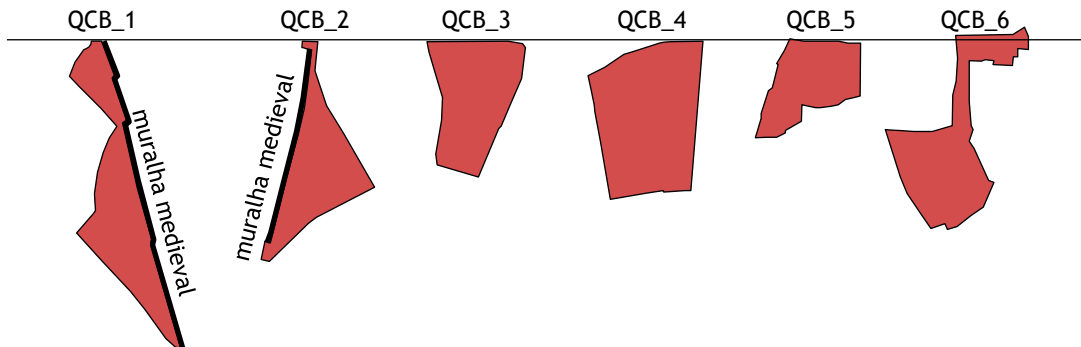
B. Castelo Branco

À semelhança da Covilhã, também a antiga Judiaria de Castelo Branco, é constituída por 9 (nove) quarteirões, desta feita num total de 40 (quarenta) quarteirões integrados no interior das muralhas medievais (fig. 253).

No entanto, os quarteirões ocupam uma área de 17.058,41m², que se traduz em 16%, da área total da zona antiga 103.825,62m² (Gráfico 02 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões). Quantificadas as áreas, organização e “superimposição” dos quarteirões, verificou-se que à semelhança dos quarteirões da antiga Judiaria, os restantes polígonos da zona antiga apresentam, igualmente, uma geometria irregular (deformações), constatação evidente da observação aos polígonos de cada quarteirão (fig. 254, 255 e 256).

Contudo, as deformações e as diferenças na forma e na área que os polígonos ocupam, na zona antiga no interior das muralhas medievais (fig. 257), não são tão abruptas comparativamente com o estudo dos polígonos da Covilhã.

Polígonos da antiga Judiaria:



Polígonos da antiga Judiaria:

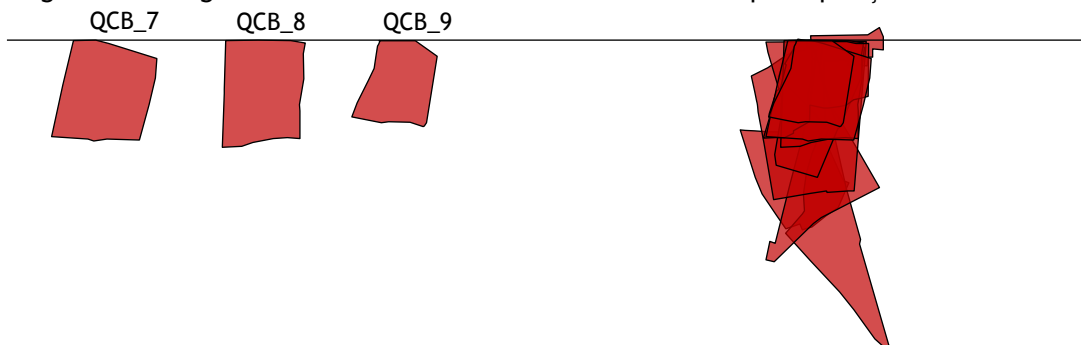


fig. 253 - Imagem com os ■ polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria de Castelo Branco. Escala 1/3000.

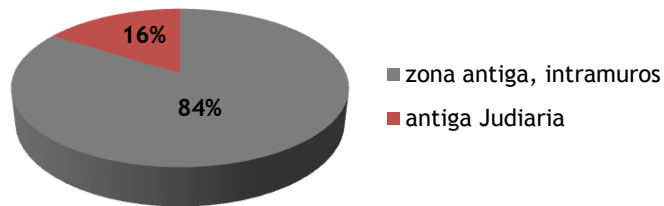
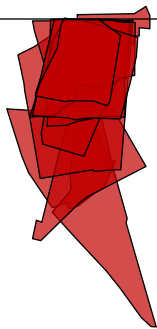


Gráfico 02 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco.

“Superimposições” da antiga Judiaria:



“Superimposições” da zona antiga:

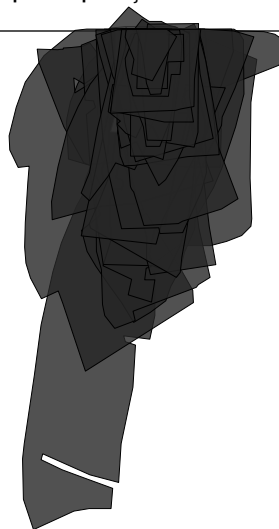


fig. 254 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:

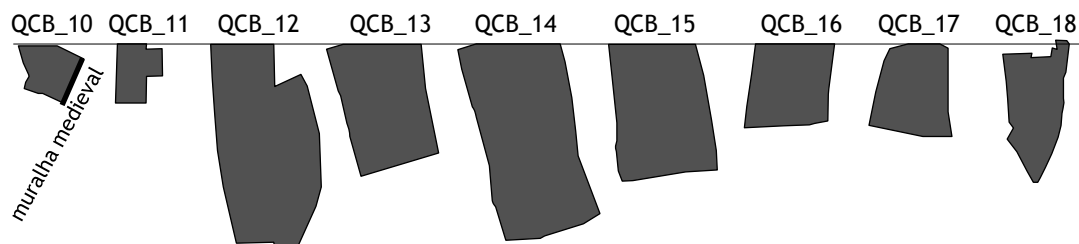


fig. 255 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Castelo Branco. Escala 1/3000.

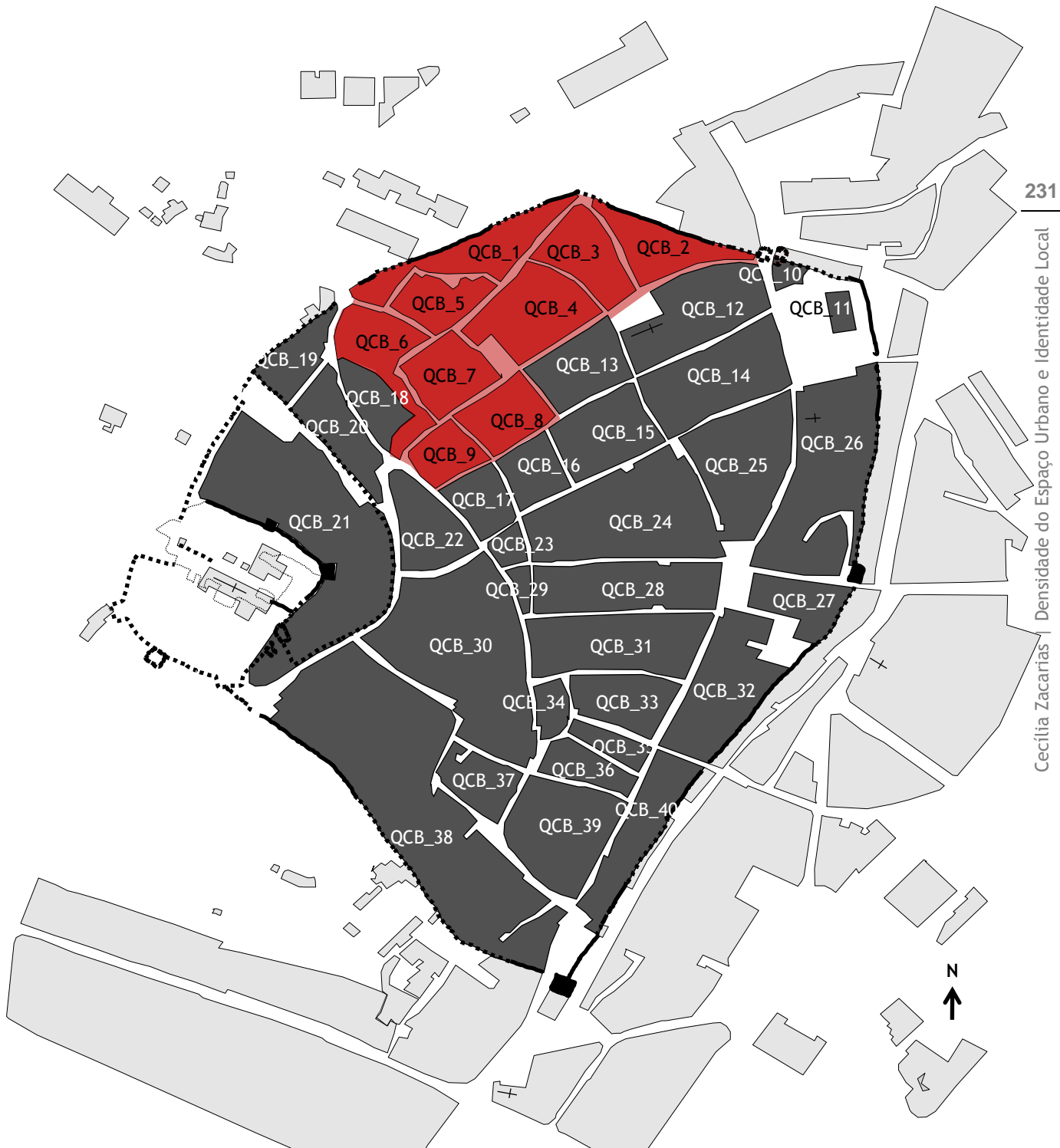
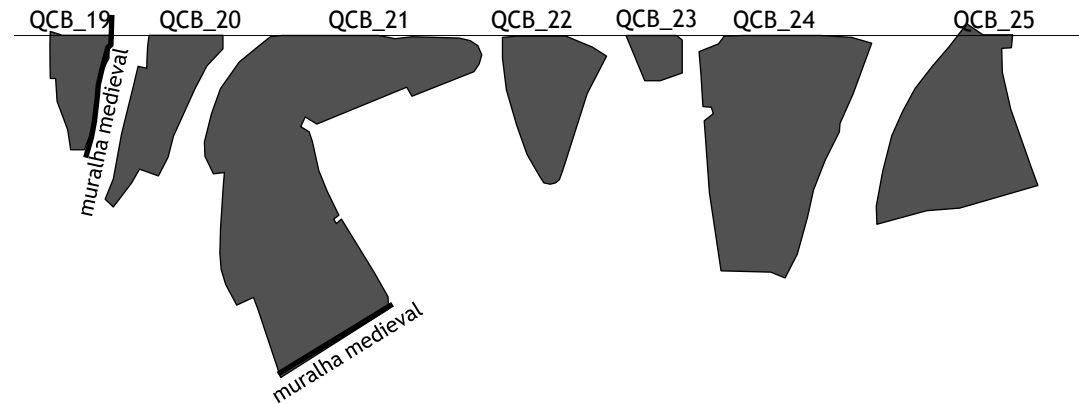
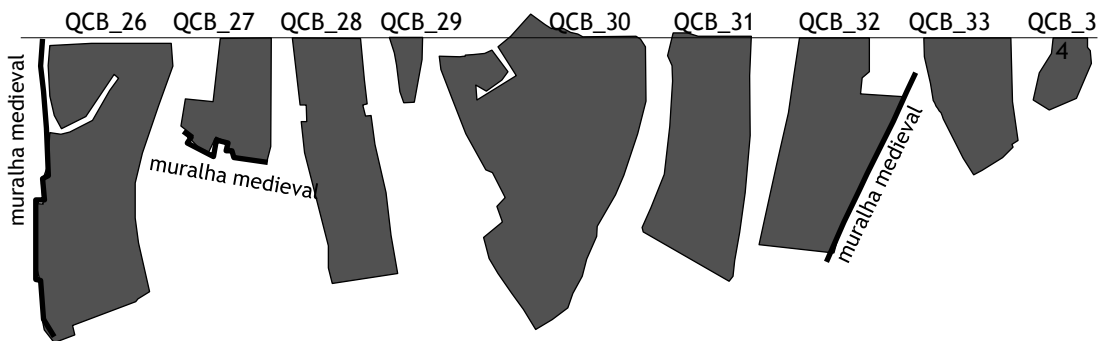


fig. 256 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria de Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:

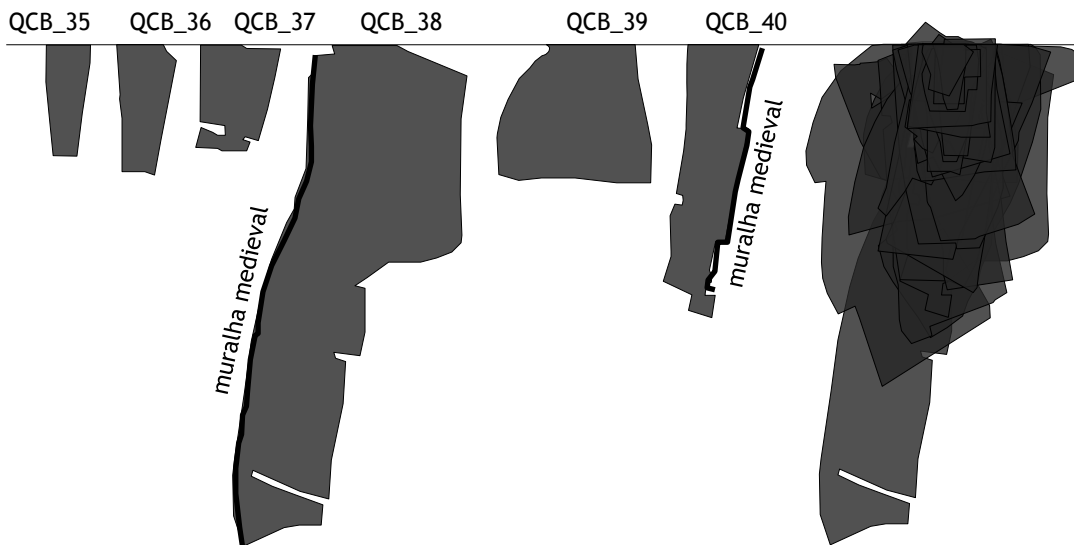


fig. 257 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Castelo Branco. Escala 1/3000.

C. Guarda

No interior das muralhas medievais, os polígonos dos quarteirões perfazem um total de 37 (trinta e sete), sendo que, apenas 6 (seis) se encontram localizados no espaço da antiga Judiaria (fig. 260). Este espaço ocupa uma área de 5.320,21m², correspondendo a 8% da área total intramuros - 70.033,54m² (Gráfico 03 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

A “superimposição” dos polígonos dos quarteirões (fig. 259), após a quantificação de áreas e da sua organização, mostra tratar-se, no geral, de formas geométricas bastante alongadas. Seguem a mesma imagem, no que concerne às deformações verificadas nas duas anteriores cidades (fig. 258, 261 e 262).

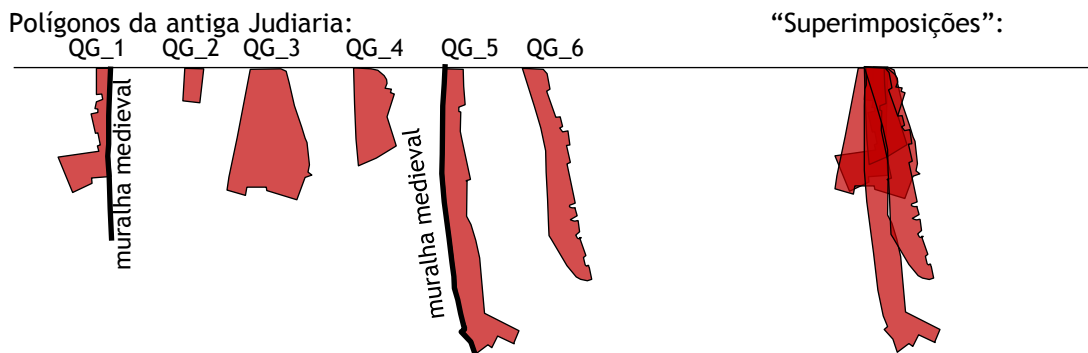


fig. 258 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria da Guarda. Escala 1/3000.

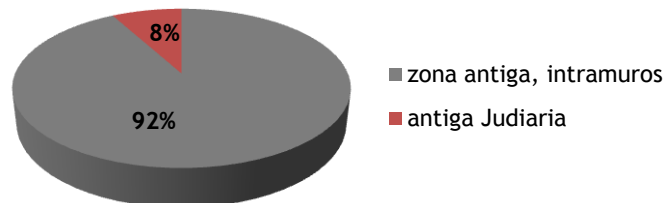


Gráfico 03 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda.

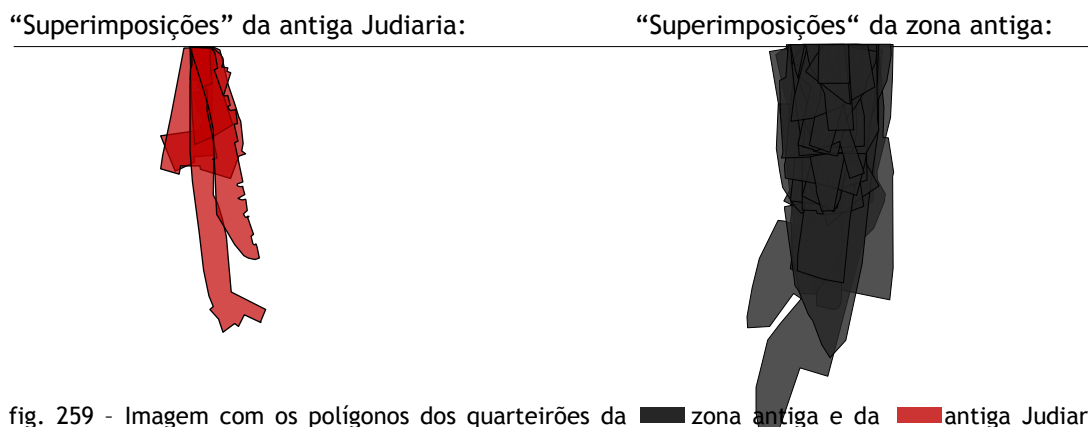
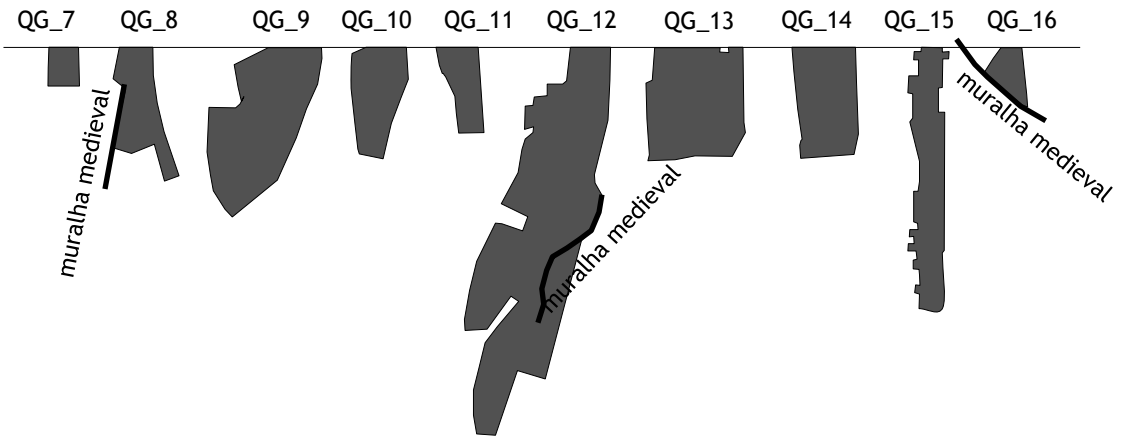


fig. 259 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda. Escala 1/3000.

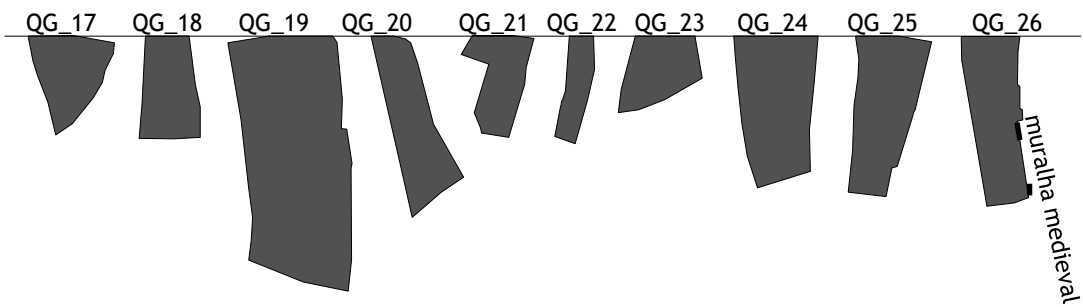


fig. 260 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:

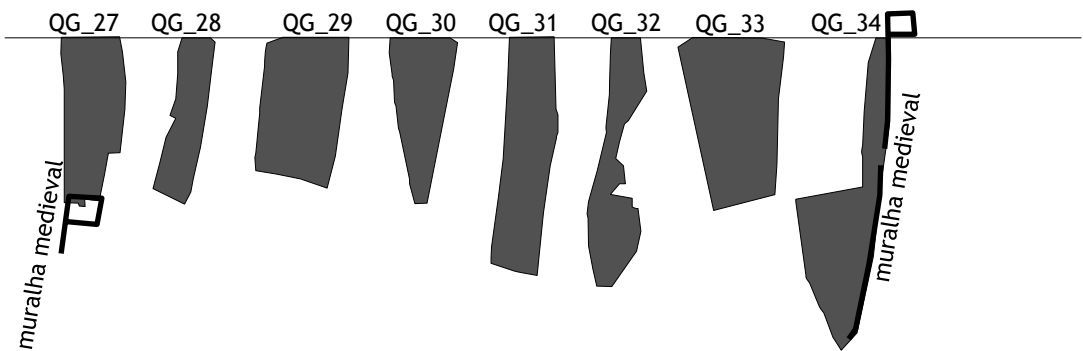


fig. 261 - Imagem com os ■ polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Guarda. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:

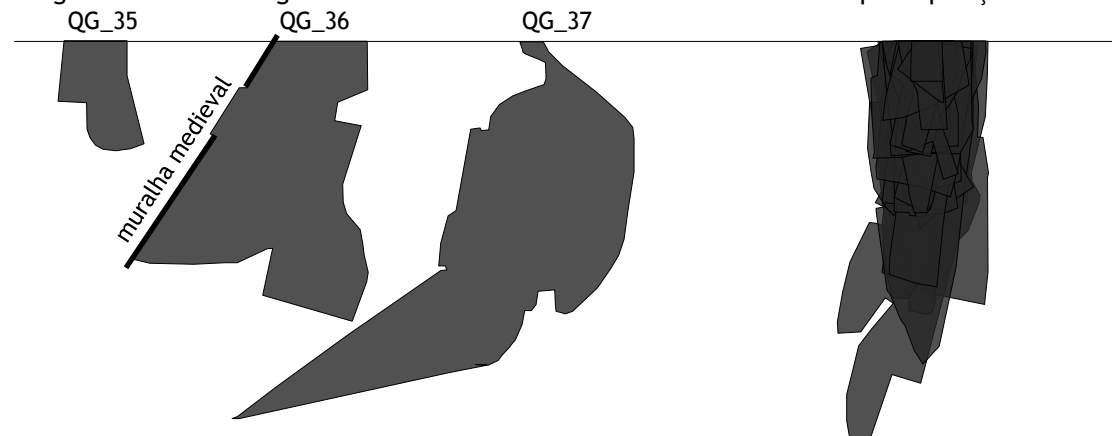


fig. 262 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, da Guarda. Escala 1/3000.

D. Trancoso

A zona antiga de Trancoso, no interior das muralhas medievais, é constituída no total, por 45 (quarenta e cinco) quarteirões, incluídos já 5 (cinco) quarteirões abrangidos pela zona da antiga Judiaria (fig. 267).

Desta forma, o espaço ocupado pela antiga Judiaria - 5.661,44 m², corresponde a 10% da área total de quarteirões - 56.985,76 m², em toda a zona antiga intramuros (Gráfico 04 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

Da análise aos polígonos da antiga Judiaria, constata-se que estes, apresentam entre si uma maior homogeneidade (fig. 263), continuando, contudo, a existir deformações na forma do polígono. O mesmo acontece e, é perfeitamente visível, através das "superimposições" aos polígonos da restante zona antiga (fig. 265 e 266).

De uma forma geral, a imagem e forma do polígono dos quarteirões é alongada ("superimposições" fig. 264). As deformações nos polígonos continuam a ser uma constante, à semelhança das três anteriores cidades.

Polígonos da antiga Judiaria:

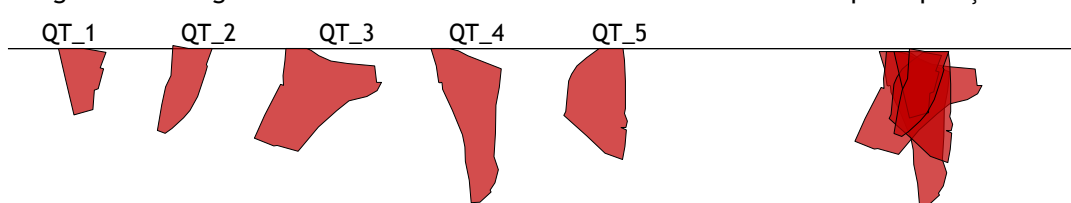


fig. 263 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da antiga Judiaria de Trancoso. Escala 1/3000.

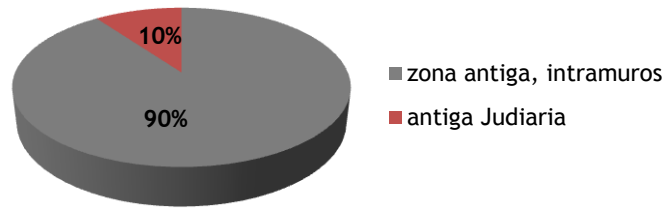
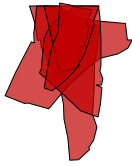


Gráfico 04 - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Trancoso.

“Superimposições” da antiga Judiaria:

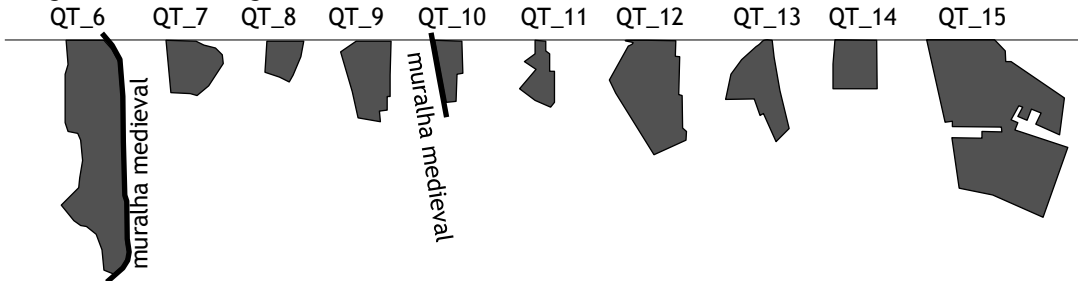


“Superimposições” da zona antiga:



fig. 264 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da ■ zona antiga e da ■ antiga Judiaria de Trancoso. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:

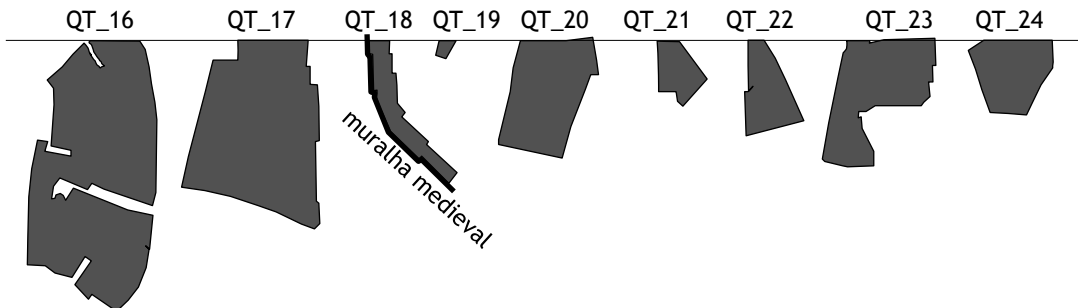
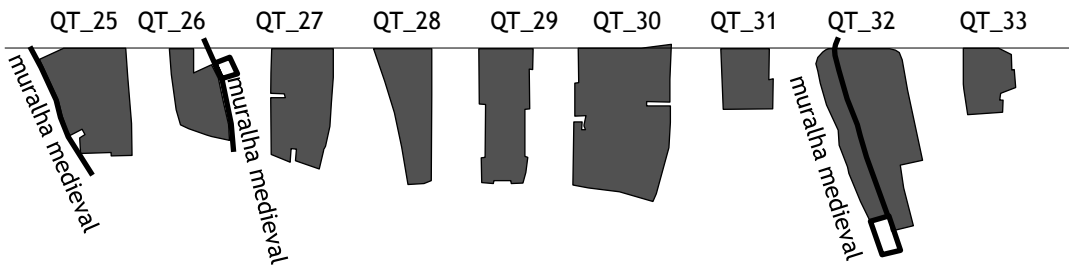
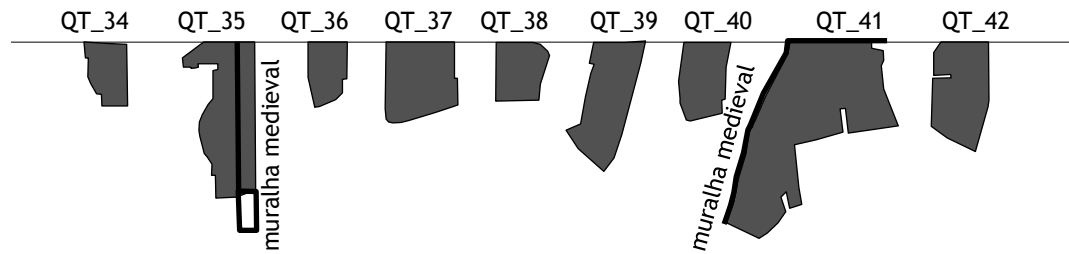


fig. 265 - Imagem com os ■ polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Trancoso. Escala 1/3000.

Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:



Polígonos da zona antiga intramuros:

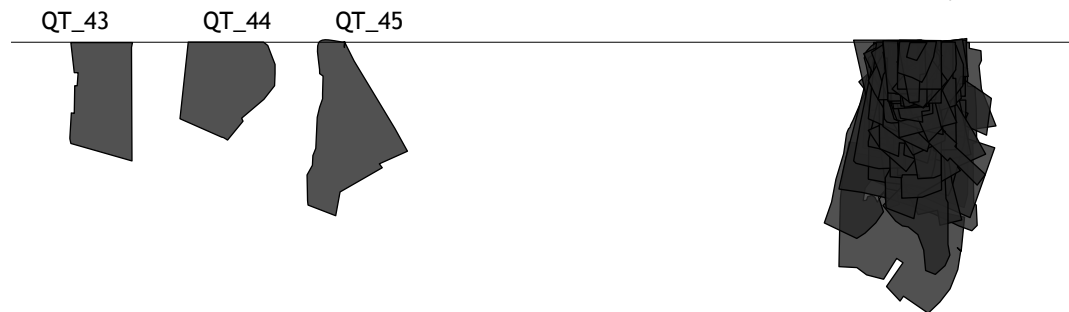


fig. 266 - Imagem com os polígonos dos quarteirões da zona antiga intramuros, de Trancoso. Escala 1/3000.



fig. 267 - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria de Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais. Escala 1/3000.

2. Os espaços vazios no quarteirão

240

Os polígonos das zonas antigas da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso são constituídos por áreas edificadas e áreas vazias de construção, nas quais se podem encontrar pátios, jardins ou quintais.

Regra geral, e na sua grande maioria, os polígonos são um misto e conjugação entre espaço edificado e espaço vazio privado, independentemente da sua função. A única variável que se constata no quarteirão é em relação à percentagem de área construída que pode ser densamente maior ou menor ocupada. Em alguns polígonos, inclusive, este está totalmente preenchido, o que por si só demonstra a forte ocupação do quarteirão, traduzindo-se em espaços densamente ocupados por edifícios.

A. Covilhã

Analisa-se agora em pormenor, a antiga Judiaria da Covilhã constituída por nove quarteirões (fig. 270). O espaço dos quarteirões é densamente ocupado por edificações nos limites entre o espaço público/privado, reservando para o seu interior pequenas áreas vazias de construção (ex. QC_5 e QC_7). Noutros, a áreas construída atinge os 100% (ex. QC_4). De todos os nove quarteirões pertencentes à antiga Judiaria da Covilhã, apenas um - QC_3, atinge os 30% de espaços vazios, todos os restantes apresentam cerca de 10% de vazios (fig. 268 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

No contexto global da área seleccionada para análise à zona antiga da Covilhã, os espaços vazios nos quarteirões da antiga Judiaria são de apenas 2% (Gráfico 05), para 23% da restante zona antiga, no interior das muralhas medievais (fig. 269).

Quarteirões da antiga Judiaria:

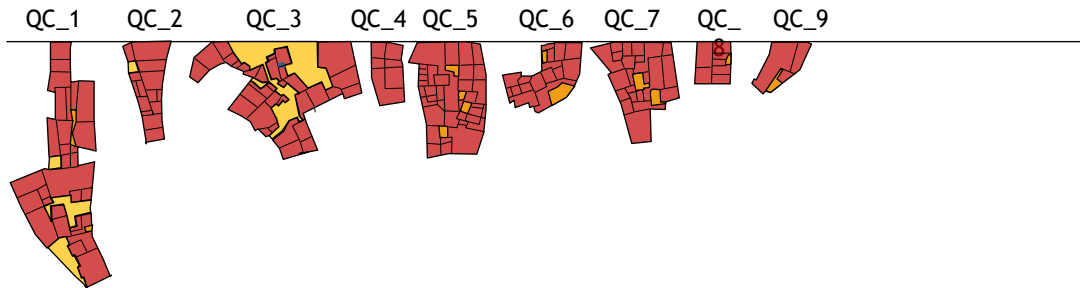


fig. 268 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria da Covilhã, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

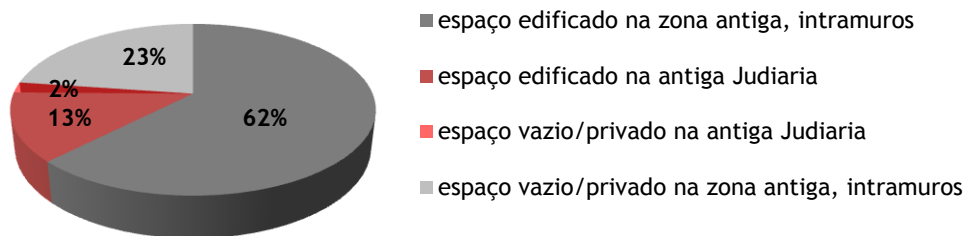
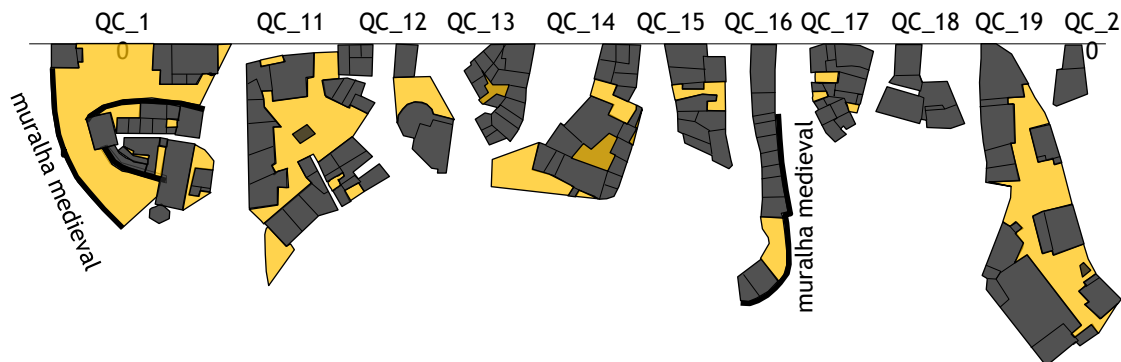
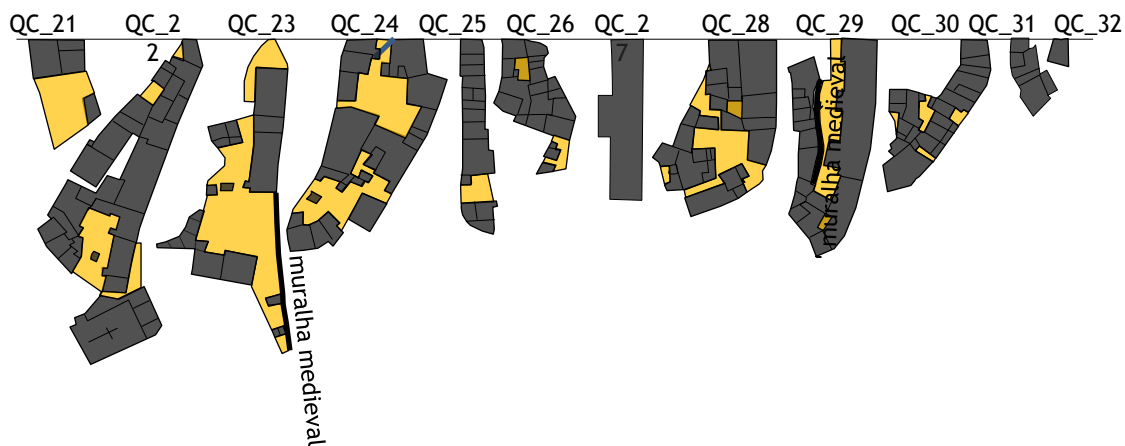


Gráfico 05 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios/privados nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã.

Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:

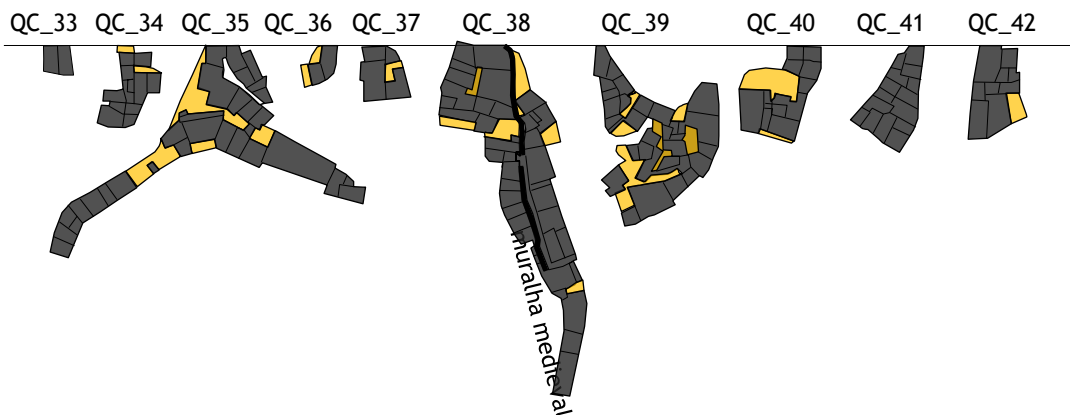


fig. 269 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Covilhã, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

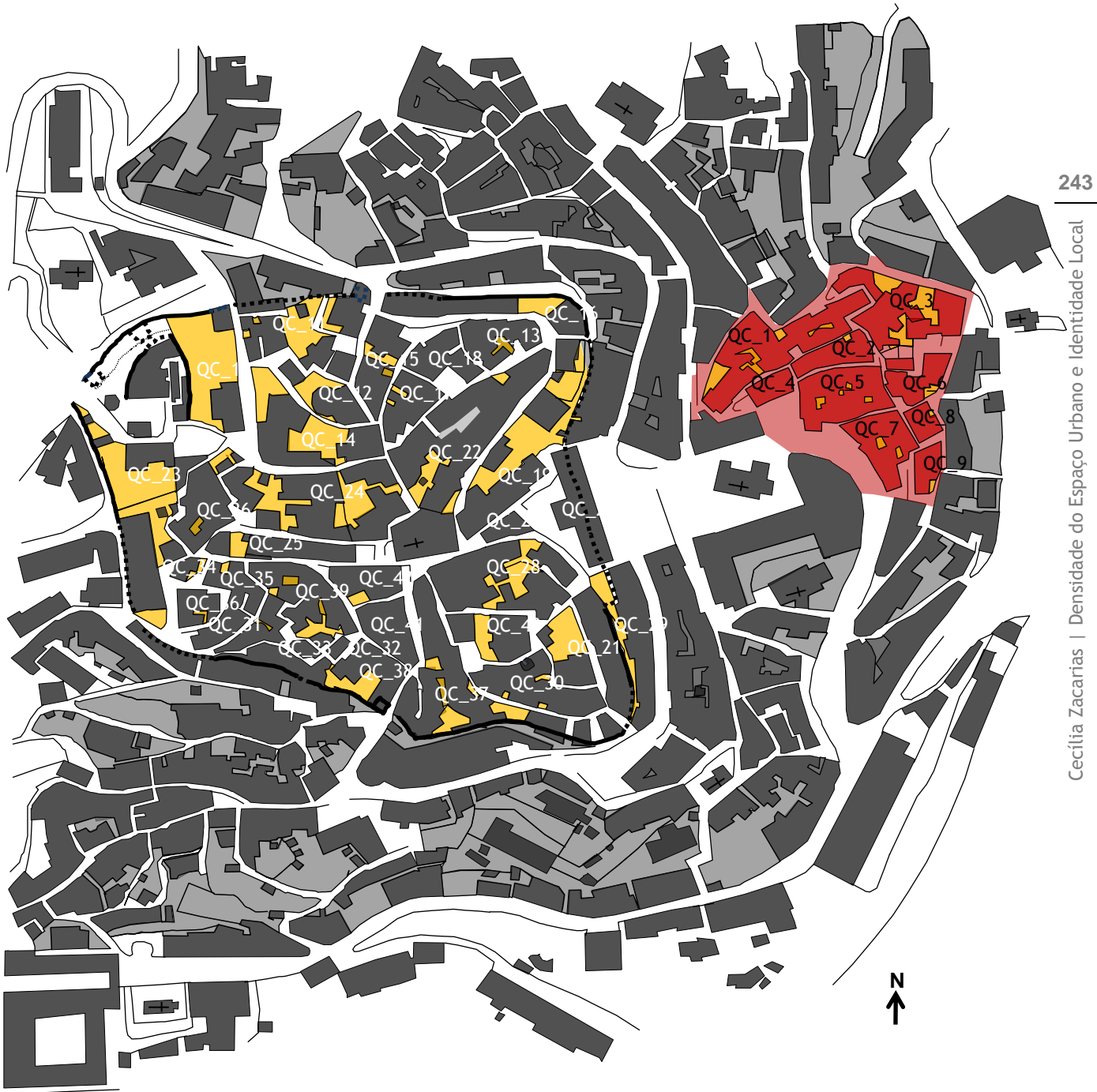


fig. 270 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã, com a indicação das muralhas medievais — existentes edestruídas; ■ área edificada da antiga Judiaria; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da antiga Judiaria; ■ área edificada no interior das muralhas medievais; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga intramuros; ■ área edificada no exterior das muralhas medievais; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga extramuros. Escala 1/3000.

B. Castelo Branco

Esta antiga Judiaria, à semelhança da Covilhã, é constituída igualmente por nove quarteirões (fig. 272). Após análise, constata-se que a situação mista de espaço edificado e espaço vazio, sem excepção, é uma constante em todos os quarteirões da antiga Judiaria de Castelo Branco (fig. 271). Aliás, ao comparar-se com o caso anterior, verifica-se que da média de apenas 10% de espaços vazios no quarteirão passa, neste caso, para entre 25% a 40% de espaços vazios (Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

Da análise geral à zona antiga intramuros, obteve-se como resultado para os quarteirões da antiga Judiaria 6% (Gráfico 06) de espaços vazios, sendo que 37% dos espaços vazios corresponde aos restantes quarteirões da zona antiga (fig. 273 e 274). Ainda assim, o espaço edificado nos quarteirões é a característica dominante.

Quarteirões da antiga Judiaria:

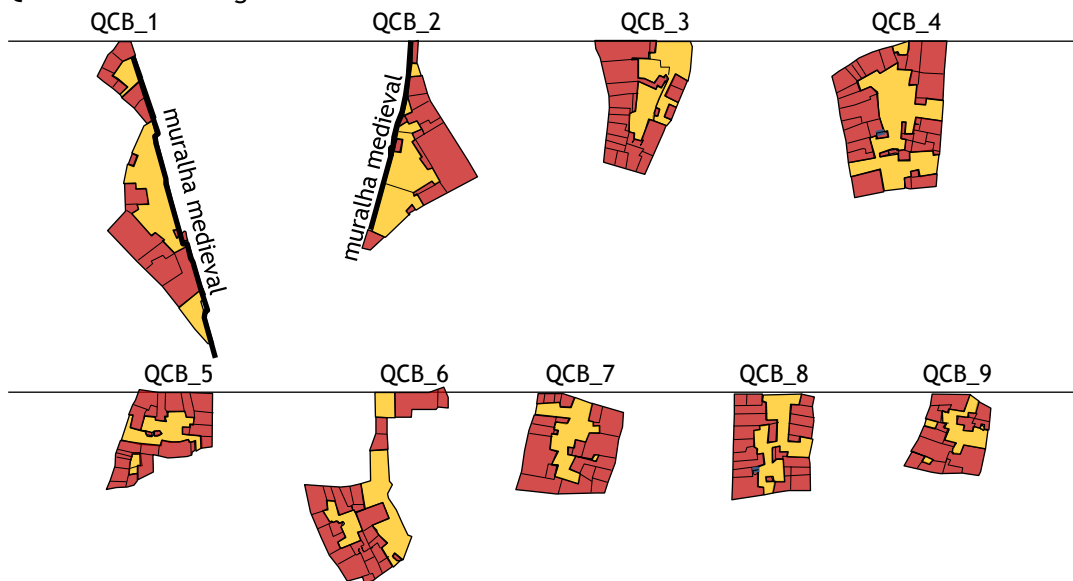


fig. 271 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

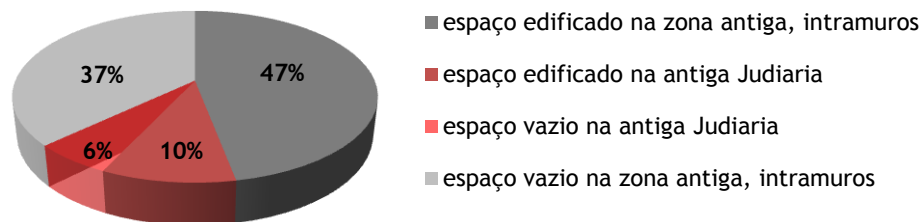


Gráfico 06 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Castelo Branco.

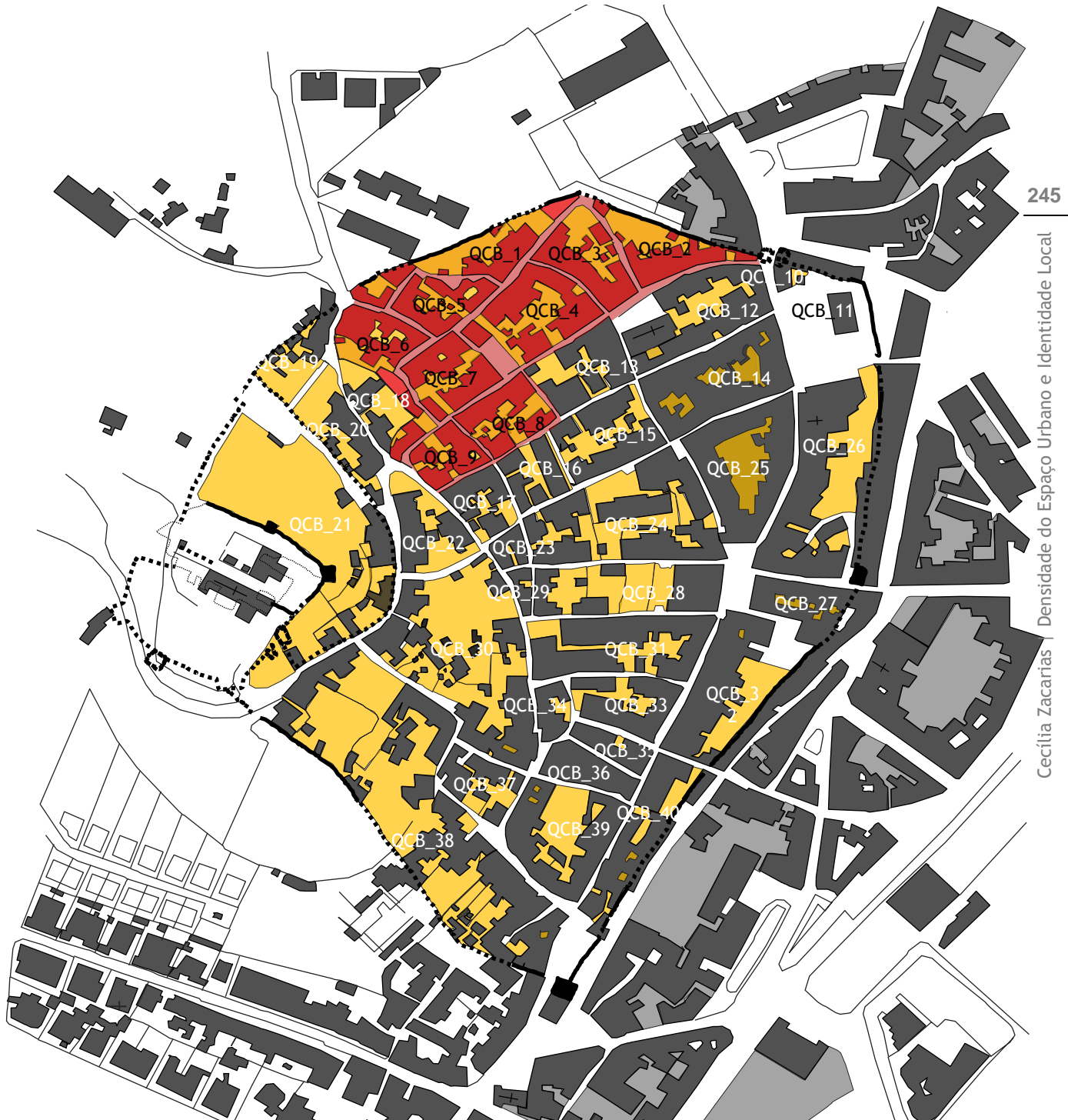
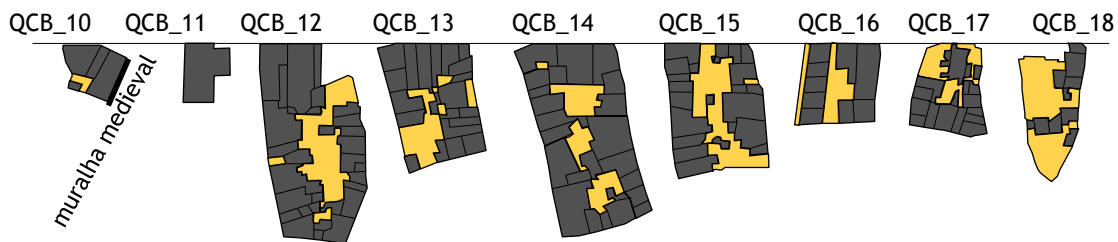
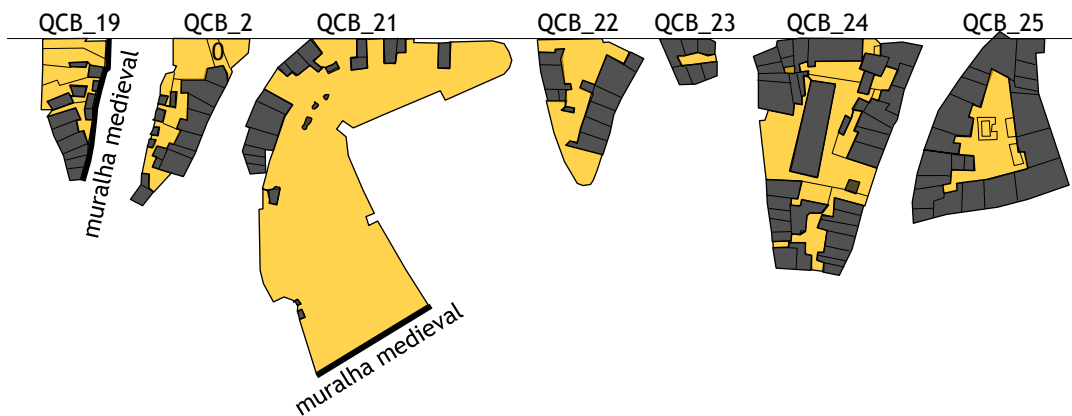


fig. 272 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria de Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ área edificada da antiga Judiaria; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da antiga Judiaria; ■ área edificada no interior das muralhas medievais; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga intramuros; ■ área edificada no exterior das muralhas medievais; ■ espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga extramuros. Escala 1/3000.

Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:

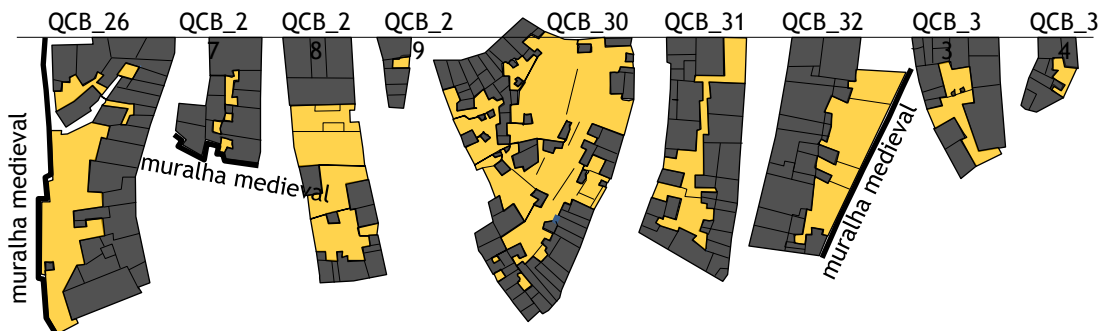


fig. 273 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Ecala 1/3000.

Quarteirões da zona antiga intramuros:

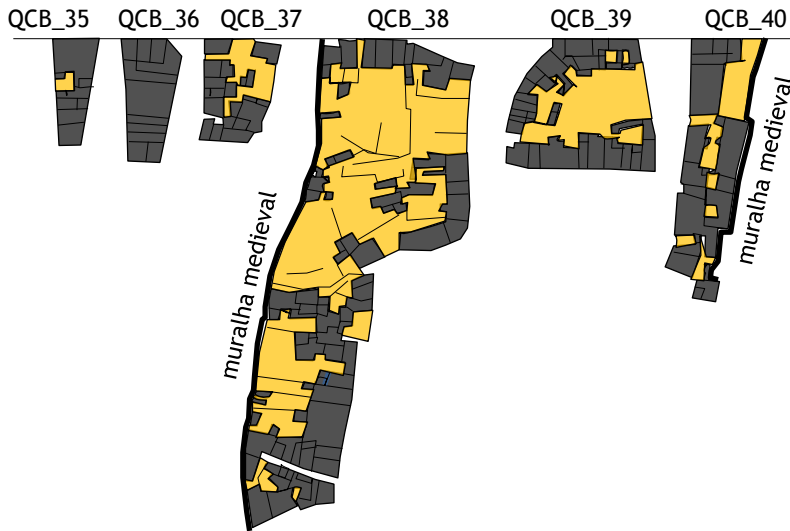


fig. 274 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Castelo Branco, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

C. Guarda

O espaço da antiga Judiaria da Guarda é composto por seis quarteirões (fig. 276). Neste caso, agora em estudo, repete-se, à semelhança da Covilhã, a situação de quarteirões constituídos ora pela conjugação de espaço construído/espaço vazio (QC_3 a QC_6), ora por ocupação total do quarteirão com edificações (QC_1 e QC_2) e (fig. 275).

Na generalidade, tendo-se apenas em consideração todos os quarteirões da antiga Judiaria, a percentagem de espaços vazios encontra-se entre 15% a 35%.

Da observação realizada, ao comparar-se todos os quarteirões da zona antiga no interior das muralhas medievais (fig. 277 e 278) e a sua percentagem de espaços vazios e tendo como particular atenção a área da antiga Judiaria, obtém-se que nesta, apenas 2% corresponde a espaços vazios para 36% de todos os restantes quarteirões (Gráfico 07 e Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

Quarteirões da antiga Judiaria:

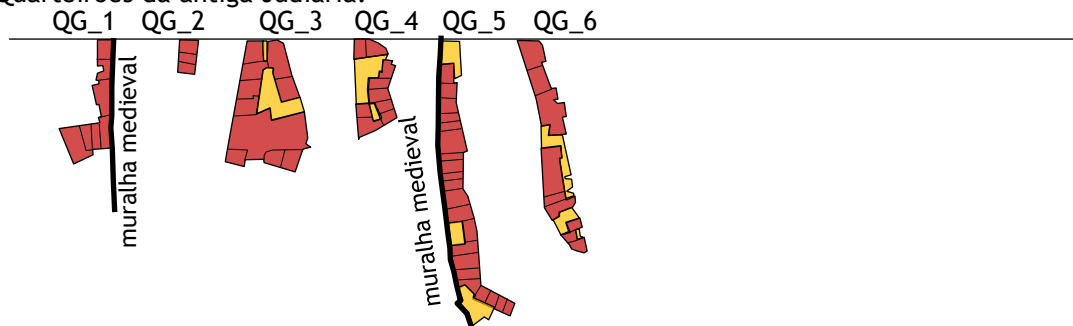


fig. 275 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

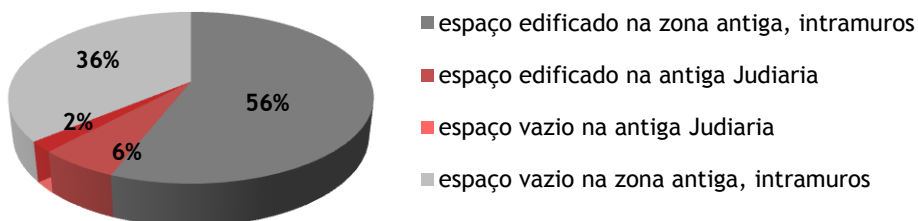
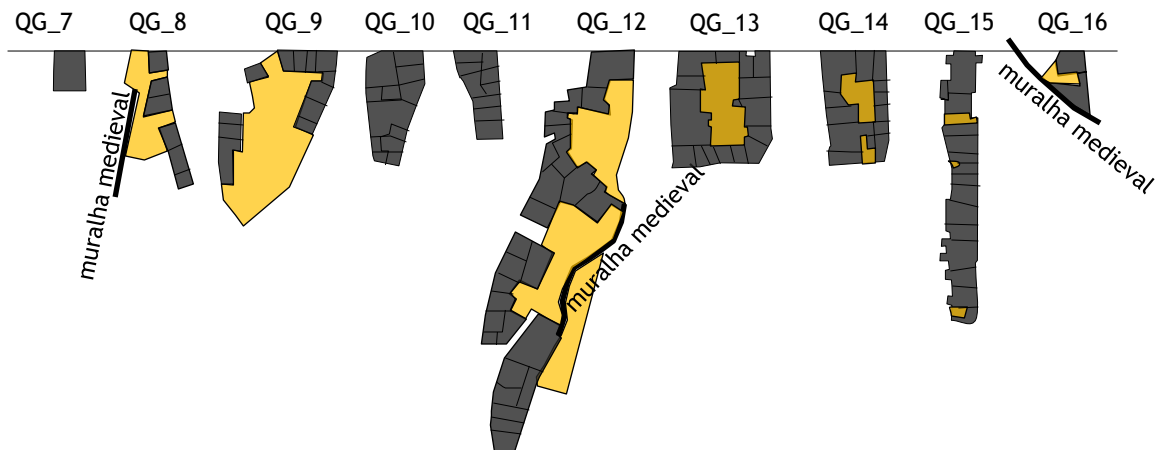


Gráfico 07 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Guarda.

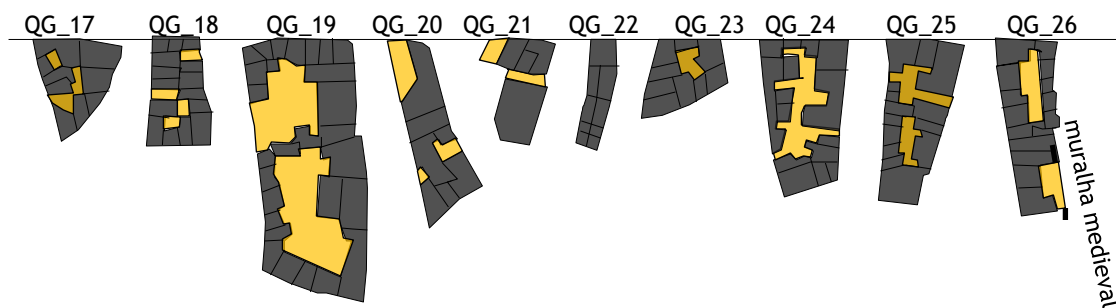


fig. 276 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda, com a indicação das muralhas medievais — existentes e.... destruídas; **vermelho** área edificada da antiga Judiaria; **amarelo** espaços vazios no interior dos quarteirões da antiga Judiaria; **cinza escuro** área edificada no interior das muralhas medievais; **amarelo** espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga intramuros; **cinza claro** área edificada no exterior das muralhas medievais; **cinza muito claro** espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga extramuros. Escala 1/3000.

Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:

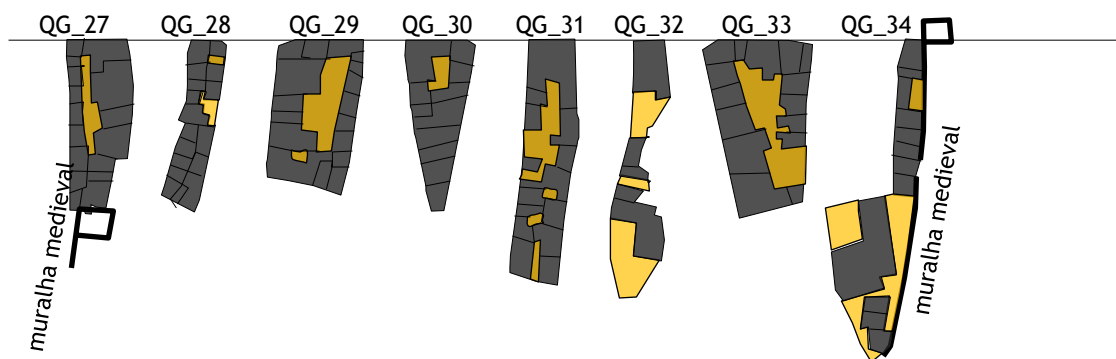


fig. 277 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

Quarteirões da zona antiga intramuros:

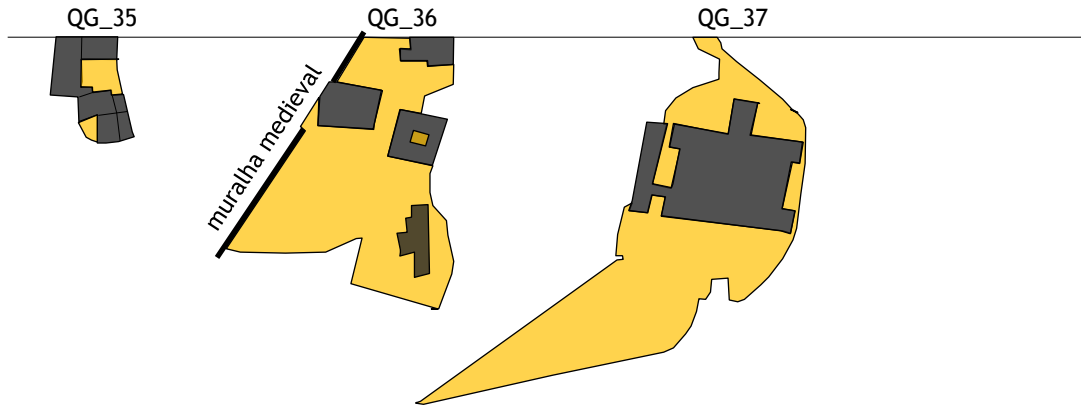


fig. 278 - Imagem com os quarteirões da zona antiga da Guarda, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

D. Trancoso

No último estudo de caso, Trancoso, a sua antiga Judiaria, é constituída por cinco quarteirões (fig. 281). Mais uma vez, surge a situação de quarteirões totalmente edificados (QC_2) e quarteirões ocupados parcialmente por espaço edificado/espaço vazio (fig. 279). Em toda a antiga Judiaria, a percentagem de espaços vazios situa-se entre os 15% e os 30% (Anexo 3 - Quarteirões. Consultar todo o processo de quantificação das áreas dos polígonos dos quarteirões).

A zona antiga de Trancoso, no interior das suas muralhas medievais, é a que apresenta maior número de quarteirões 100% ocupados por edificações, perfazendo no total doze em quarenta (fig. 280 e 282).

Considerando a totalidade da área dos quarteirões da zona antiga intramuros, incluindo a antiga Judiaria, observou-se que os espaços vazios nesta última são de 2%, para 26% da restante área (Gráfico 08).

Quarteirões da antiga Judiaria:

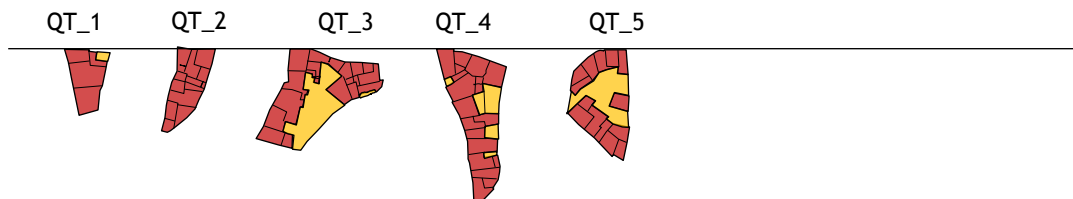


fig. 279 - Imagem com os quarteirões da antiga Judiaria de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

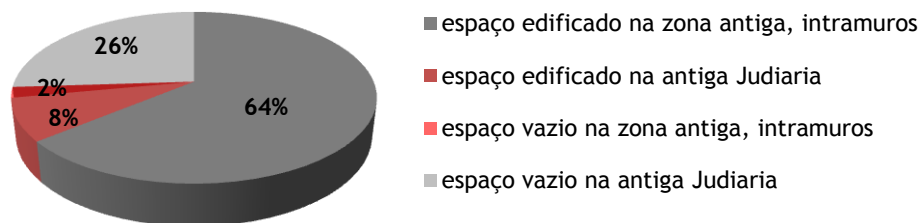


Gráfico 08 - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria de Trancoso.

Quarteirões da zona antiga intramuros:

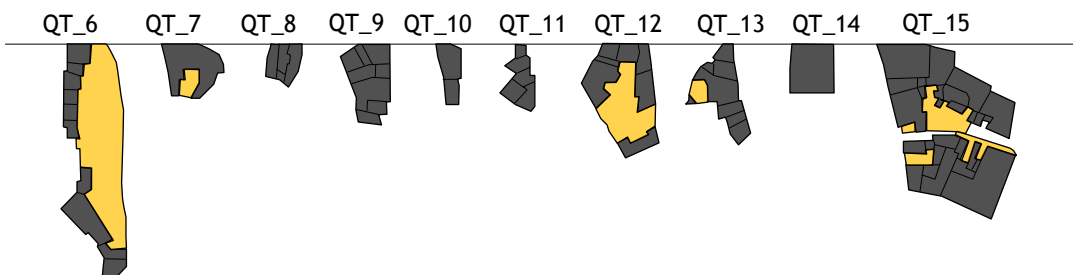


fig. 280 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Legenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

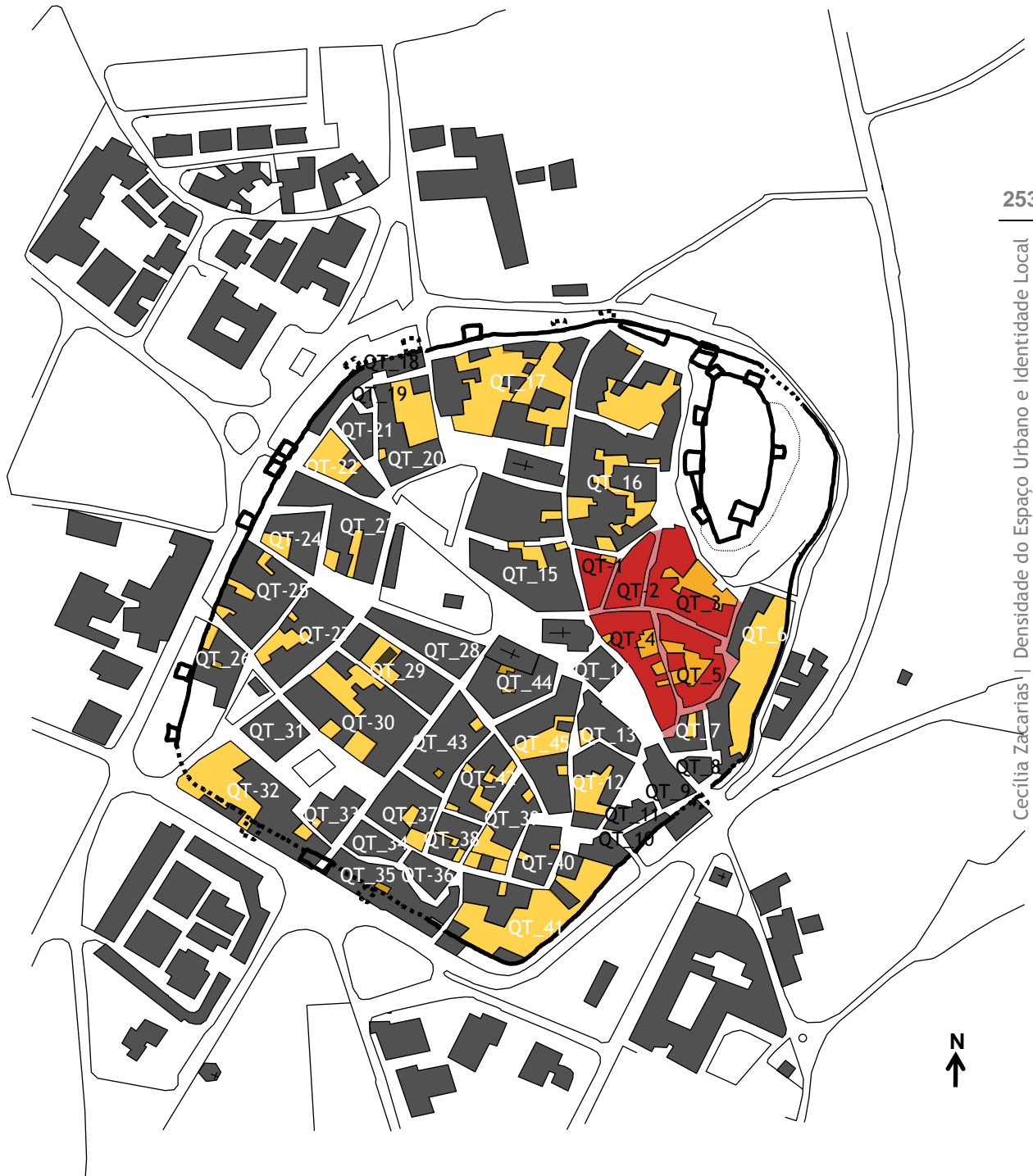
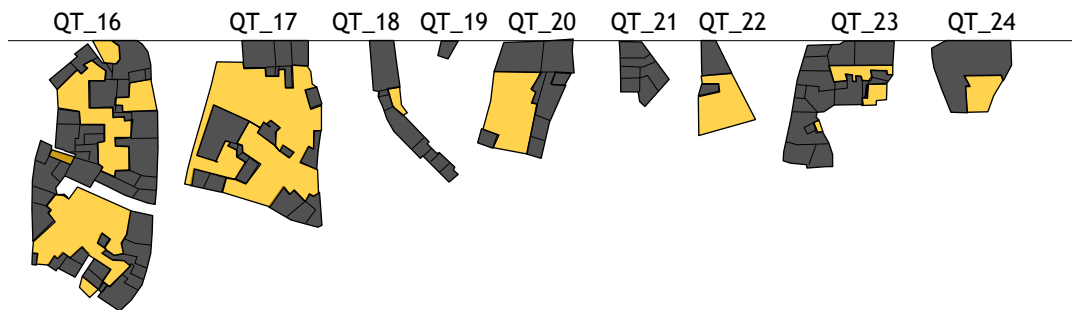
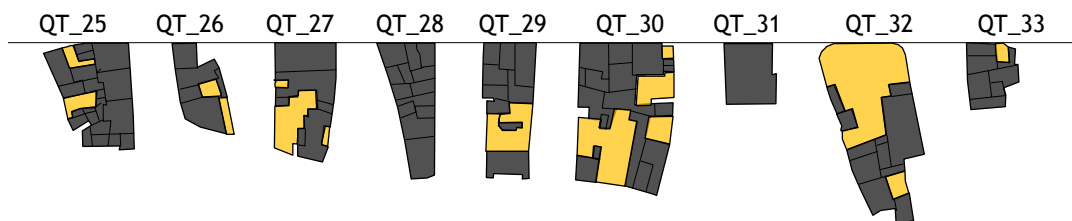


fig. 281 - Imagem com os espaços vazios/construídos dos quarteirões da zona antiga e antiga Judiaria de Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; **vermelho** área edificada da antiga Judiaria; **amarelo** espaços vazios no interior dos quarteirões da antiga Judiaria; **cinza escuro** área edificada no interior das muralhas medievais; **amarelo claro** espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga intramuros; **cinza claro** área edificada no exterior das muralhas medievais; **branco** espaços vazios no interior dos quarteirões da zona antiga extramuros. Escala 1/3000.

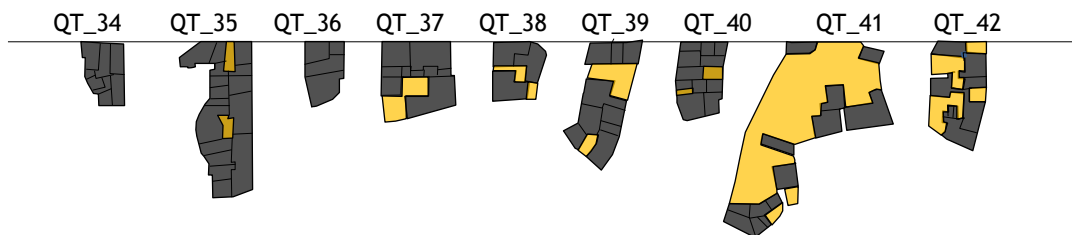
Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



Quarteirões da zona antiga intramuros:



fig. 282 - Imagem com os quarteirões da zona antiga de Trancoso, onde se identifica as áreas edificadas e os espaços vazios no interior do seu perímetro. Egenda: ■ áreas edificadas; ■ espaços vazios. Escala 1/3000.

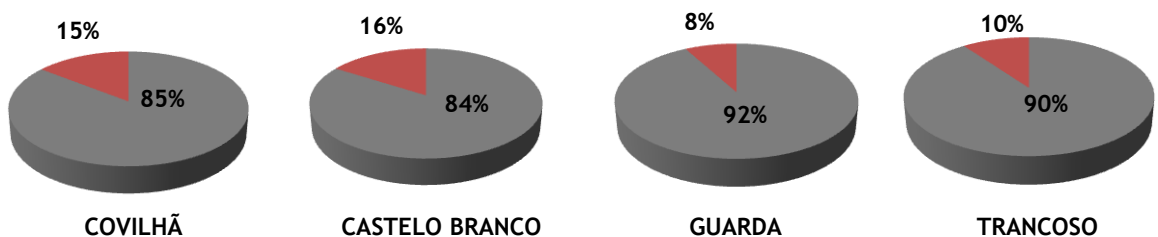
3. Síntese conclusiva

Imagem geral do quarteirão. Após as “superimposições”, constatou-se que, o polígono dos quarteirões predominantemente, senão mesmo, na sua totalidade, são caracterizados por polígonos de geometria irregular, se bem que, prevalecendo a tendência para a forma rectangular, apesar das deformações (fig. 283, 284, 289 e 290). Esta situação poderá ser consequência da adequação ao local, numa tentativa de seguir as curvas de nível, ou uma melhor conformação às oscilações do terreno, ou outras restrições, terão condicionado em muito, a forma urbana do polígono do quarteirão (fig. 285 a 288).

É de salientar que, o estudo de caso da Covilhã, se destaca pela maior deformação nos seus polígonos (fig. 285). É igualmente na Covilhã, que ocorre uma diferença mais significativa de quarteirões relativamente de pequenas dimensões e, quarteirões com áreas consideráveis.

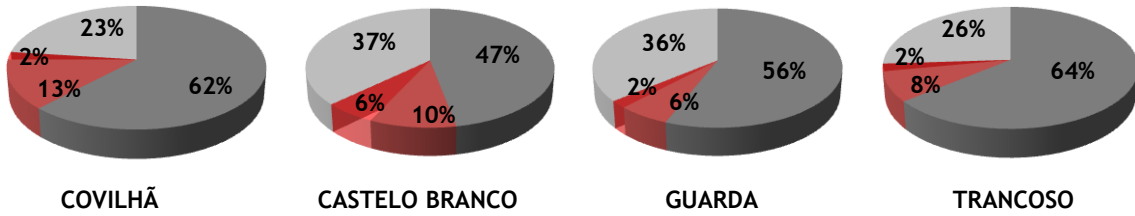
Quantificação do espaço urbano das antigas Judiarias. Todas as antigas Judiarias possuem quarteirões, cujo seu número total, encontra-se abaixo das dez unidades.

A densidade urbana calculada, a partir da área total dos polígonos das antigas Judiarias comparadas, com a zona antiga no interior das muralhas medievais, permite verificar que, as primeiras ocupam uma área que, não ultrapassa os 15% na Covilhã, os 16% em Castelo Branco e os 10% tanto na Guarda, como em Trancoso (Gráficos 09, 10, 11 e 12).

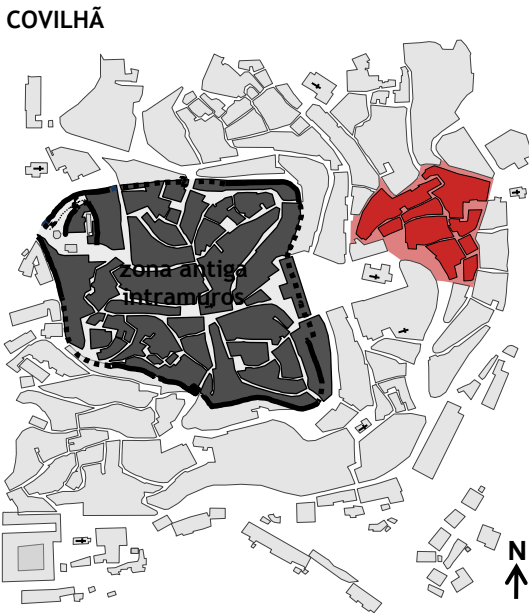


Gráficos 09, 10, 11 e 12, respectivamente - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da ■ zona antiga e da ■ antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

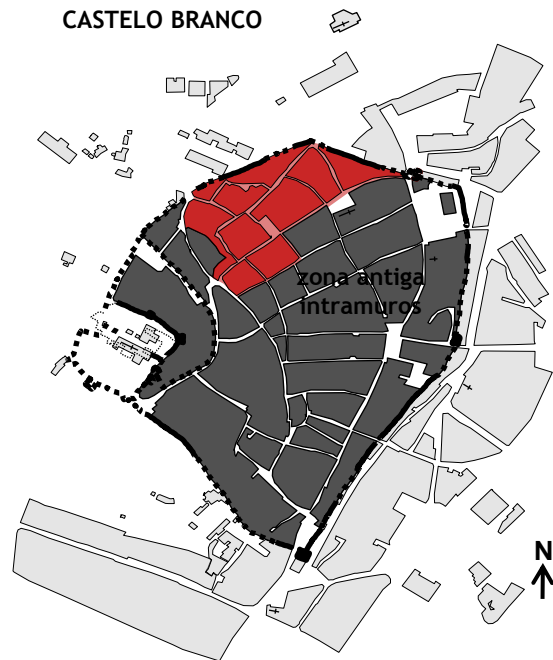
Quantificação dos espaços edificados vs vazios nas antigas Judiarias. Nos quarteirões, seleccionados para estudo, a situação mais frequente reside na conjugação de espaços cheios, ou seja, edificados e, espaços vazios, quer eles sejam pátios, jardins ou quintais. De um modo geral, a existência de espaços vazios nos quarteirões da antiga Judiaria (Gráficos 13, 15 e 16). Sendo, o caso de estudo de Castelo Branco aquele, cuja diferença entre cheio/vazio é, mais equilibrada (Gráfico 14). A leitura e, interpretação destes valores, demonstra que, se tratam de espaços urbanos densamente construídos.



Gráficos 13, 14, 15 e 16, respectivamente - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso. Legenda: ■ espaço edificado da antiga Judiaria; ■ espaço vazio na antiga Judiaria; ■ espaço edificado na zona antiga, intramuros e ■ espaço vazio na zona antiga, intramuros.



Polígonos geométricamente irregulares e, os quais apresentam as maiores deformações.



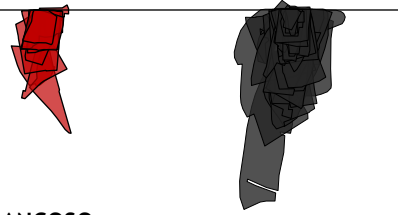
Polígonos de geometria irregular, cuja forma tendencialmente rectangular predomina, sendo mesmo, os mais longos dos estudos de caso.

fig. 283 e 284, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais existentes e destruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais.

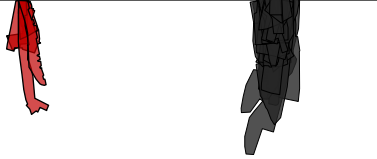
COVILHÃ



CASTELO BRANCO





GUARDA

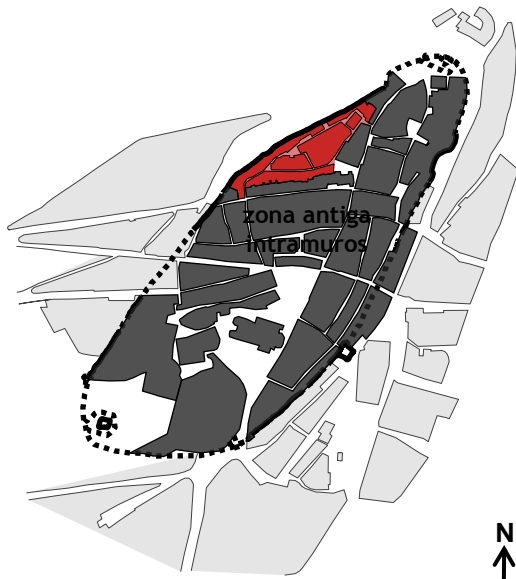


TRANCOSO



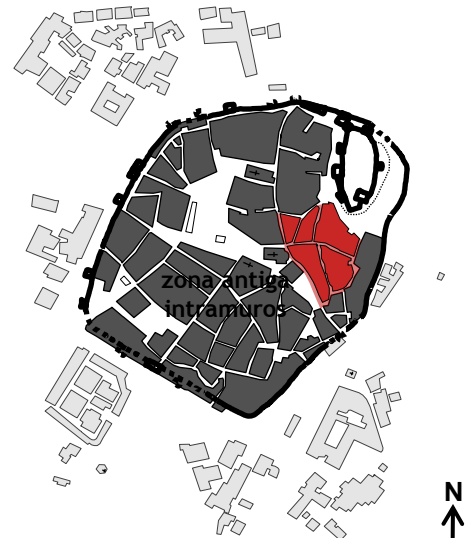
fig. 285, 286, 287 e 288 - “Superimposições” dos polígonos dos quarteirões da  zona antiga e da  antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

GUARDA










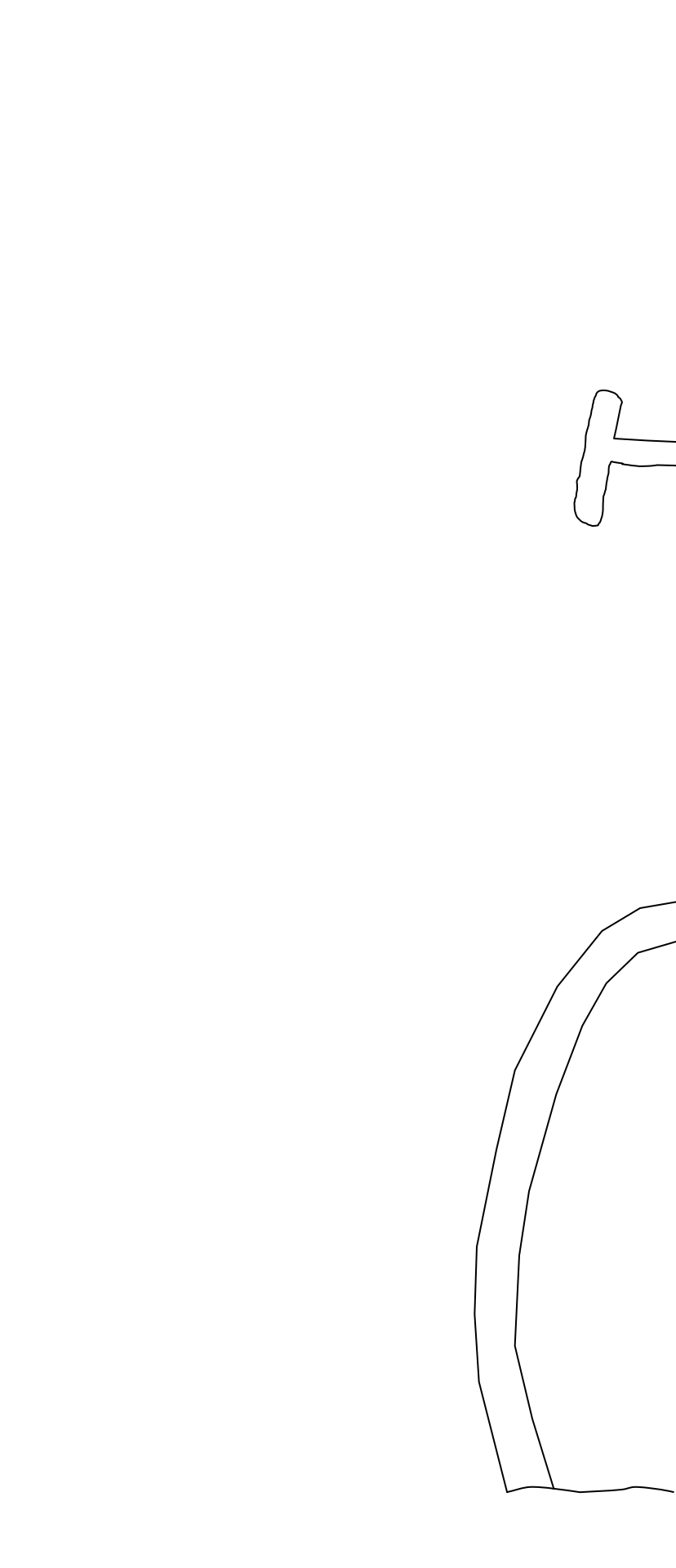
Polígonos geometricamente irregulares, tendencialmente longos e retangulares.

TRANCOSO



Geometria irregular predominante nos polígonos, sendo substancialmente de menores dimensões que, os três casos anteriores.

fig. 289 e 290, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda e Trancoso, com a indicação das muralhas medievais  existentes e  destruídas;  quarteirões da antiga Judiaria;  espaço público da antiga Judiaria;  quarteirões no interior das muralhas medievais;  espaço público da zona antiga intramuros;  quarteirões exteriores às muralhas medievais.



Capítulo 7 | A antiga Judiaria - rua chave e frentes urbanas

1. Rua chave da antiga Judiaria

A rua é o elemento de oposição entre o “dentro” e o “fora”, entre o “privado” e o “público”. É sobre o “fora” e sobre o “público” que ao seleccionar-se a rua chave da antiga Judiaria, o estudo e a análise incidirá. Já atrás foi referido, como estabelecer qual o método a seguir na definição da rua chave. Contudo, não será demais lembrar que a mesma resulta da definição do espaço público e da definição da linha central que não é mais, nem menos que a interpretação, tendo em consideração todo o conjunto dos vários elementos do espaço público, que o constituem e, não apenas, a rua ou o seu eixo viário. A decisão tomada na escolha da rua chave, resulta do percurso que, inserido no interior do espaço público da antiga Judiaria, apresente maior número de pontos de intersecção.

A análise à escala da rua, surge no seguimento do estudo do quarteirão e permite estudar outras características, impossíveis de conhecer nessa escala, nomeadamente:

- 1 - densidade do espaço urbano, pela construção dos perfis longitudinais, os quais permitem, com a silhueta urbana, verificar tratar-se de espaços densamente ocupados por edificações em função da existência, ou não, de espaços vazios;
- 2 - extensão aproximada da rua chave, obtida pelo percurso de um extremo ao outro, representado pela linha central;
- 3 - largura média da rua, conseguida pela “superimposição” dos vários perfis transversais;
- 4 - caracterização da imagem da rua, através da existência de um ou mais “layers”, nas frentes urbanas da rua chave, possíveis de visualizar nos perfis transversais.

Desta forma, irão apresentar-se de seguida as quatro ruas chave das antigas Judiarias da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

A. Covilhã

O antigo bairro judaico da Covilhã, como igualmente é conhecido, encontra-se no exterior das muralhas medievais e o espaço público (fig. 291), única excepção ao estudo, constituído pelo maior número de pontos de intersecção, é a Rua da Alegria - 7 intersecções no total, de um extremo ao outro (fig. 292). Esta rua encontra-se, topograficamente, numa posição em que acompanha paralelamente o relevo natural (fig. 293).



fig. 291 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria da Covilhã, com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga. Escala 1/2000.

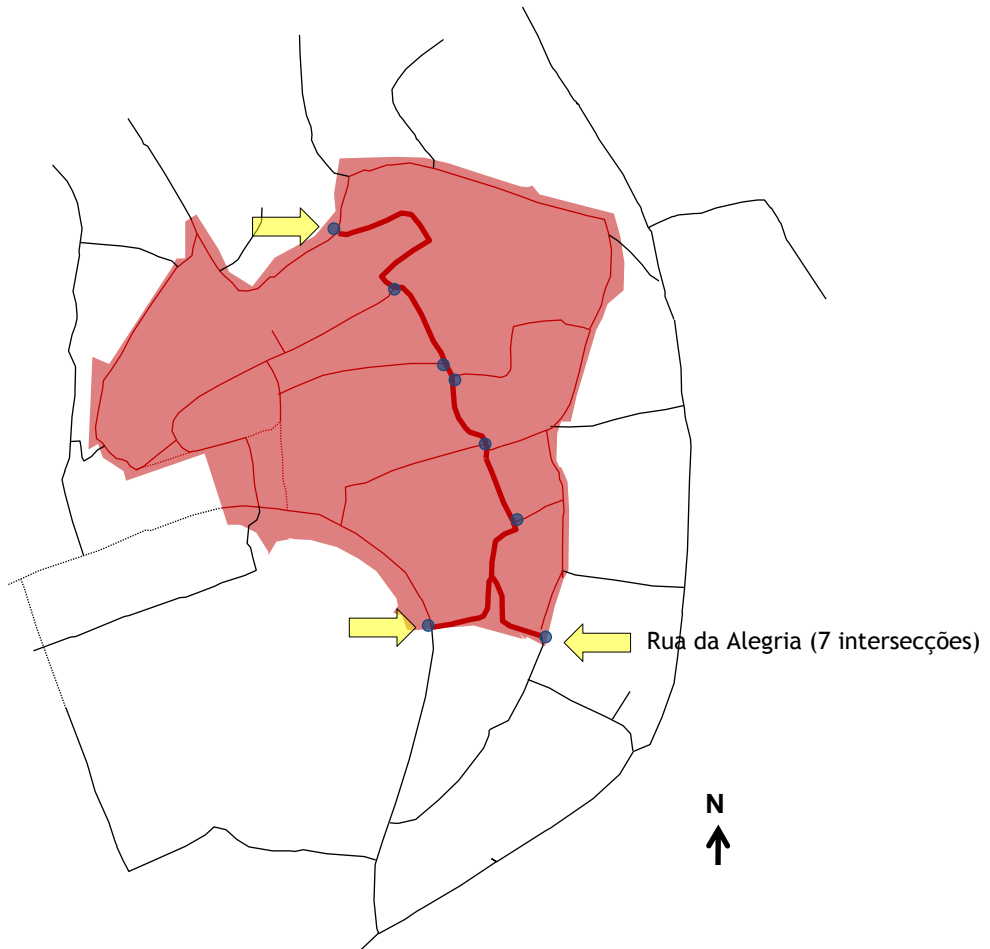


fig. 292 - Mapa com os percursos com maior número de interseções na antiga Judiaria da Covilhã. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga; • ponto de intersecção. Escala 1/2000.



fig. 293 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria da Covilhã. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/2000.

B. Castelo Branco

O espaço urbano da antiga Judiaria de Castelo Branco encontra-se no interior das muralhas medievais e o seu espaço público (fig. 294), que apresenta maior número de pontos de intersecção, é a Rua do Muro, que no total é constituída por 6 intersecções com outros espaços públicos - ruas ou travessas (fig. 295). A Rua do Muro constitui uma excepção, em relação às outras três ruas chave, por se encontrar perpendicular à topografia existente (fig. 296).

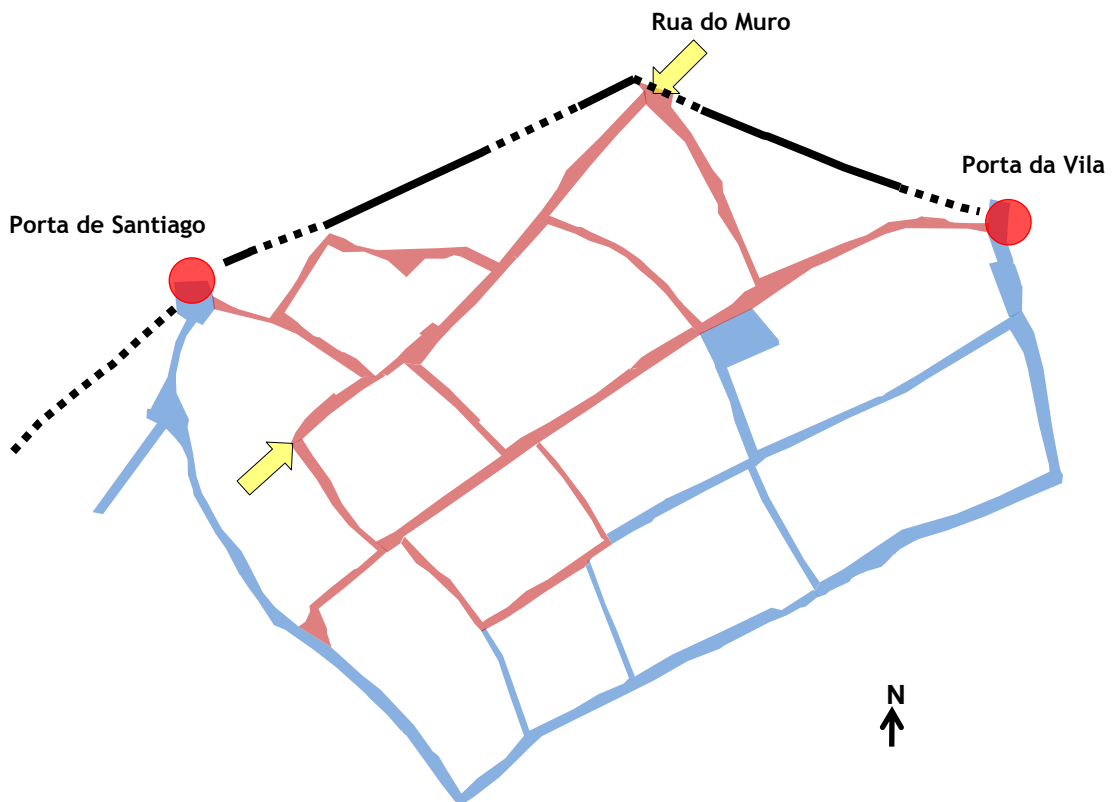


fig. 294 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria de Castelo Branco, com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; muralhas medievais existentes e , destruídas. Escala 1/2000.

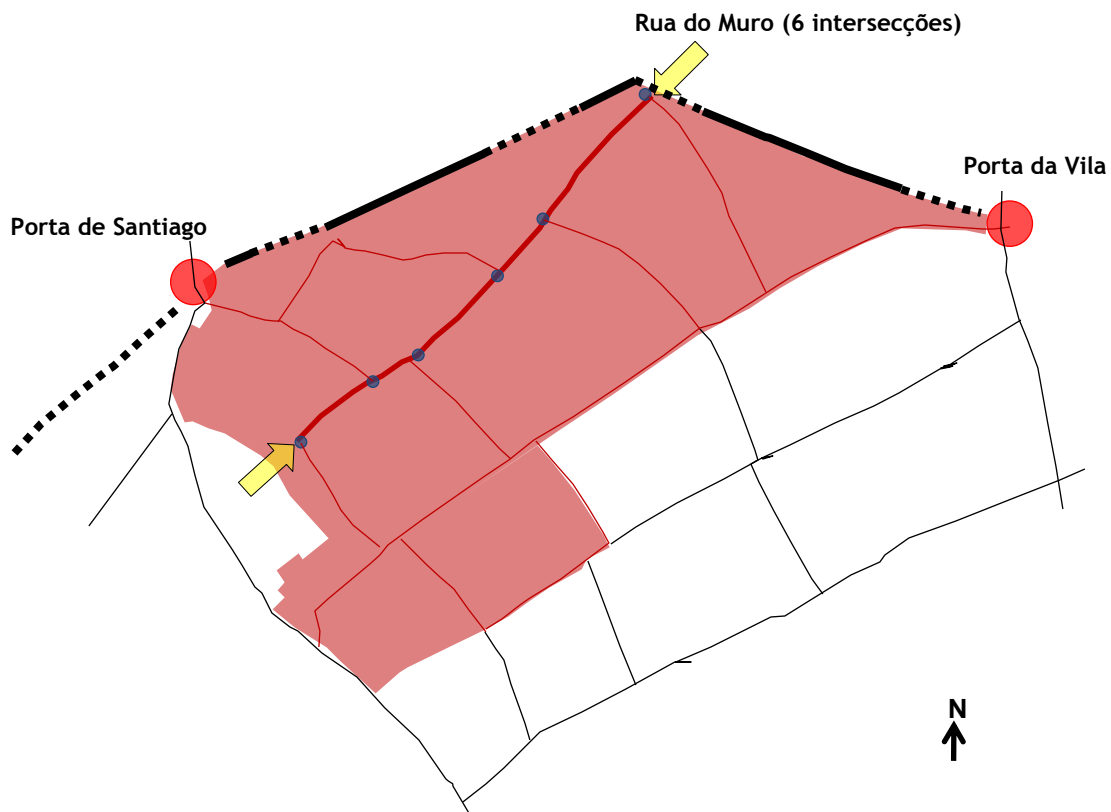


fig. 295 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria de Castelo Branco. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção. Escala 1/2000.

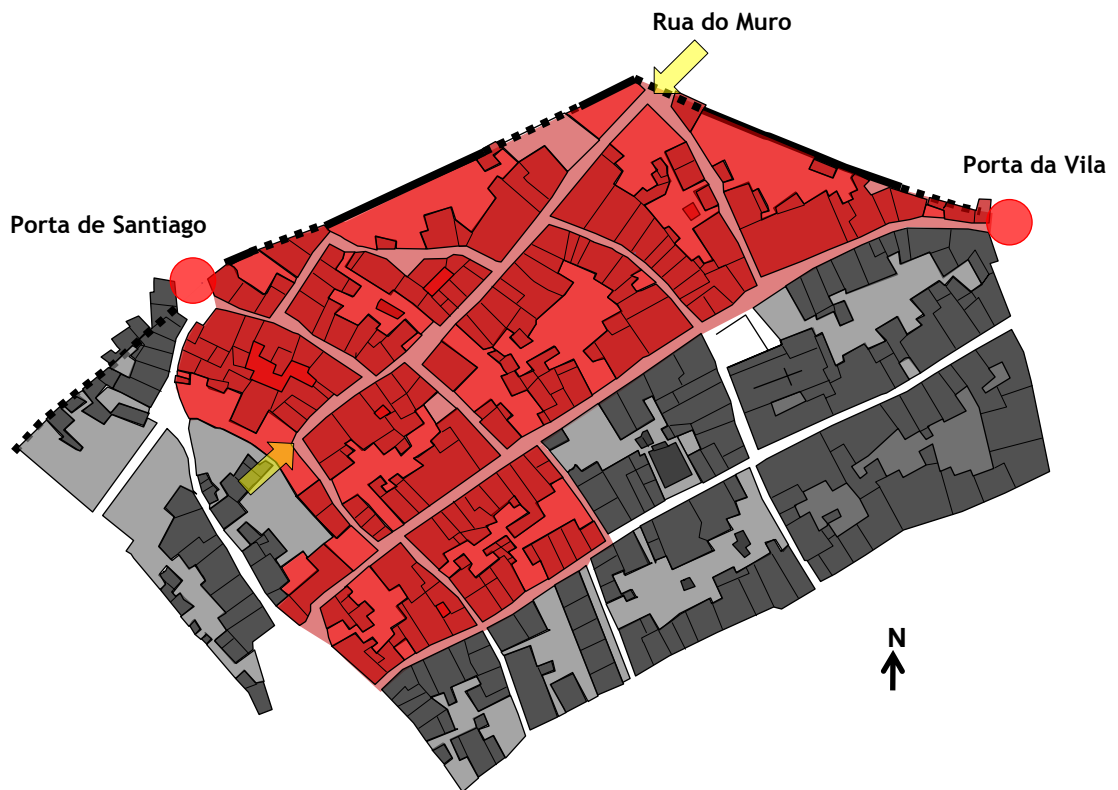


fig. 296 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria de Castelo Branco. Legenda: espaços vazios/privados da antiga Judiaria; espaços privados da antiga Judiaria; espaços vazios/privados da zona antiga; espaços privados da zona antiga; igreja/capela. Escala 1/2000.

C. Guarda

Inserido no tecido urbano da zona antiga intramuros, o espaço público da antiga Judiaria (fig. 297) que é composto por maior quantidade de pontos de intersecção, 5 no total, ao longo da linha central, é a Rua do Amparo (fig. 298). Ao contrário da Rua do Muro, em Castelo Branco, a Rua do Amparo acompanha paralelamente a topografia natural do terreno (fig. 299).

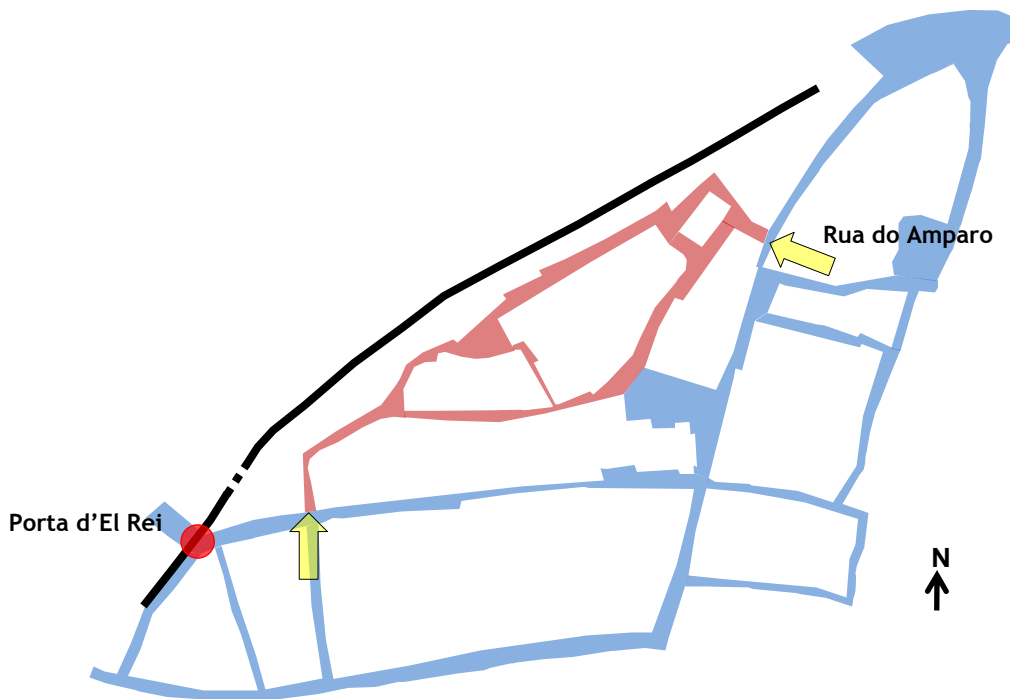


fig. 297 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria da Guarda, com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; muralhas medievais existentes e destruídas. Escala 1/2000.

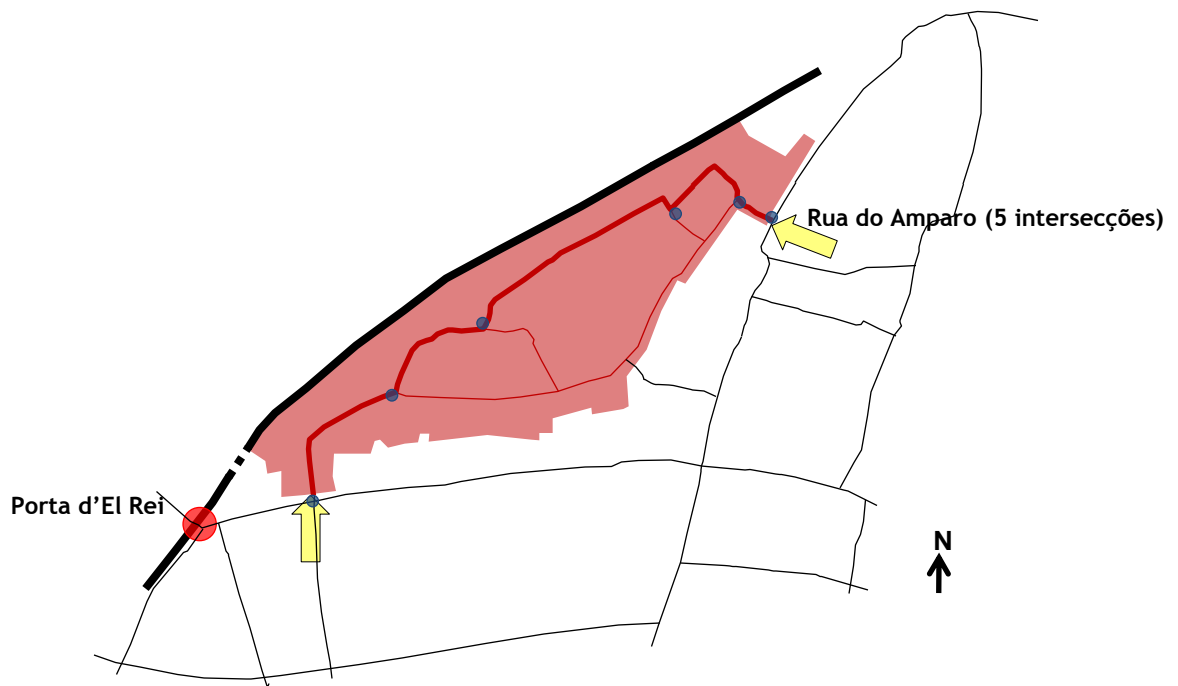


fig. 298 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria da Guarda.
 Legenda: espaço da antiga Judiaria; linha central do espaço público da antiga Judiaria;
 linha central da rua chave da antiga Judiaria; linha central do espaço público da zona antiga;
 ponto de intersecção. Escala 1/2000.

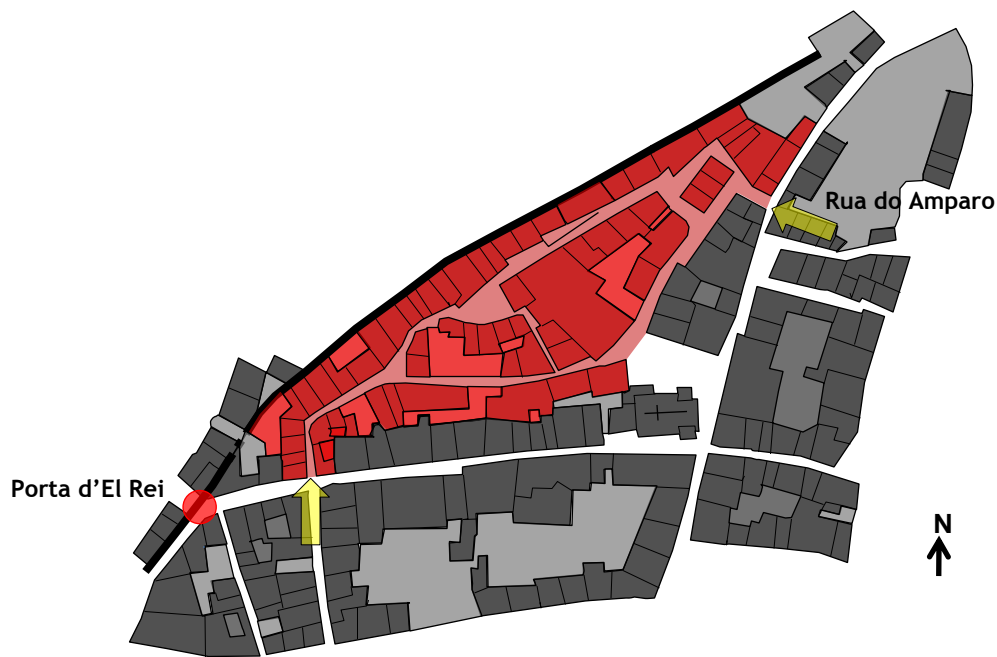


fig. 299 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria da Guarda. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/2000.

D. Trancoso

Localizado no interior das muralhas medievais e inserido na zona antiga de Trancoso, o espaço público da antiga Judiaria (fig. 300), cuja linha central apresenta maior número de pontos de intersecção, perfazendo no total 5, é a Rua da Alegria (fig. 301). Esta rua, a par das ruas chave da Covilhã e da Guarda, acompanha paralelamente a topografia natural do terreno (fig. 302).



fig. 300 - Mapa do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) da antiga Judiaria de Trancoso, com identificação do ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; muralhas medievais existentes e destruídas. Escala 1/2000.

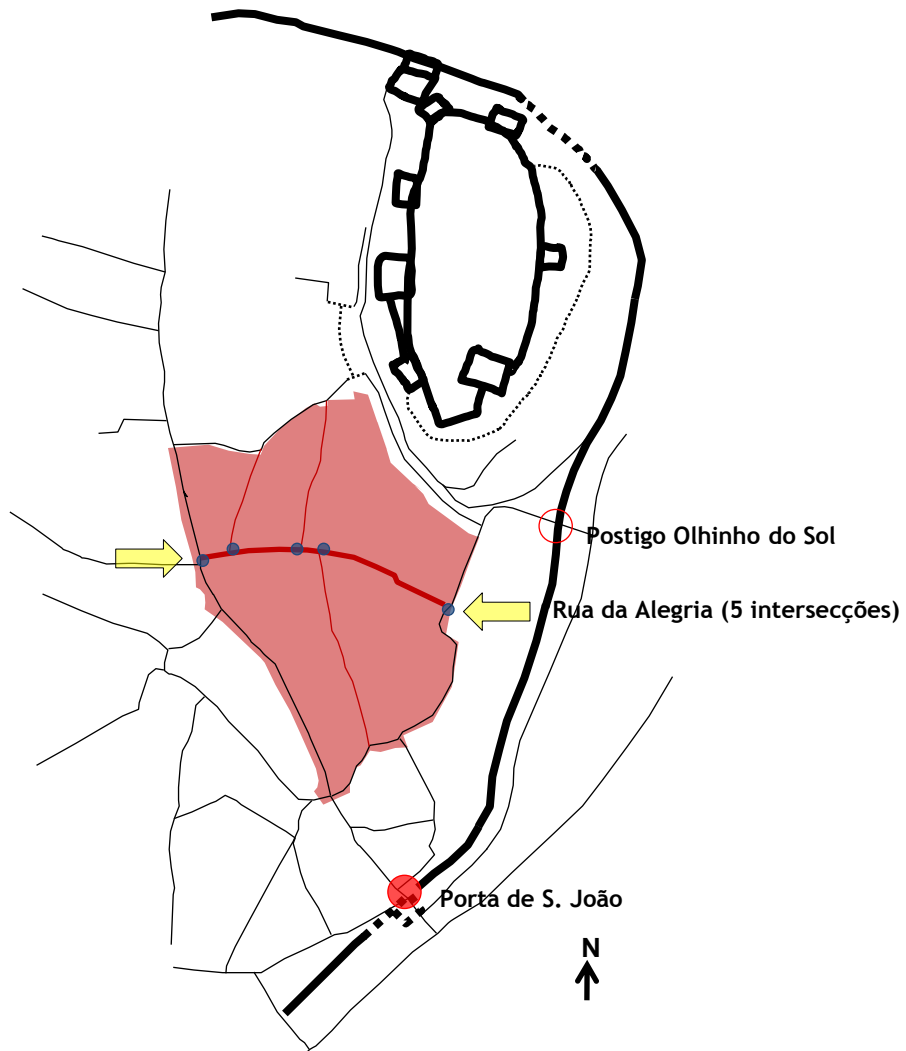


fig. 301 - Mapa com os percursos com maior número de intersecções na antiga Judiaria de Trancoso.

Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria;
 — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga;
 ● ponto de intersecção. Escala 1/2000.

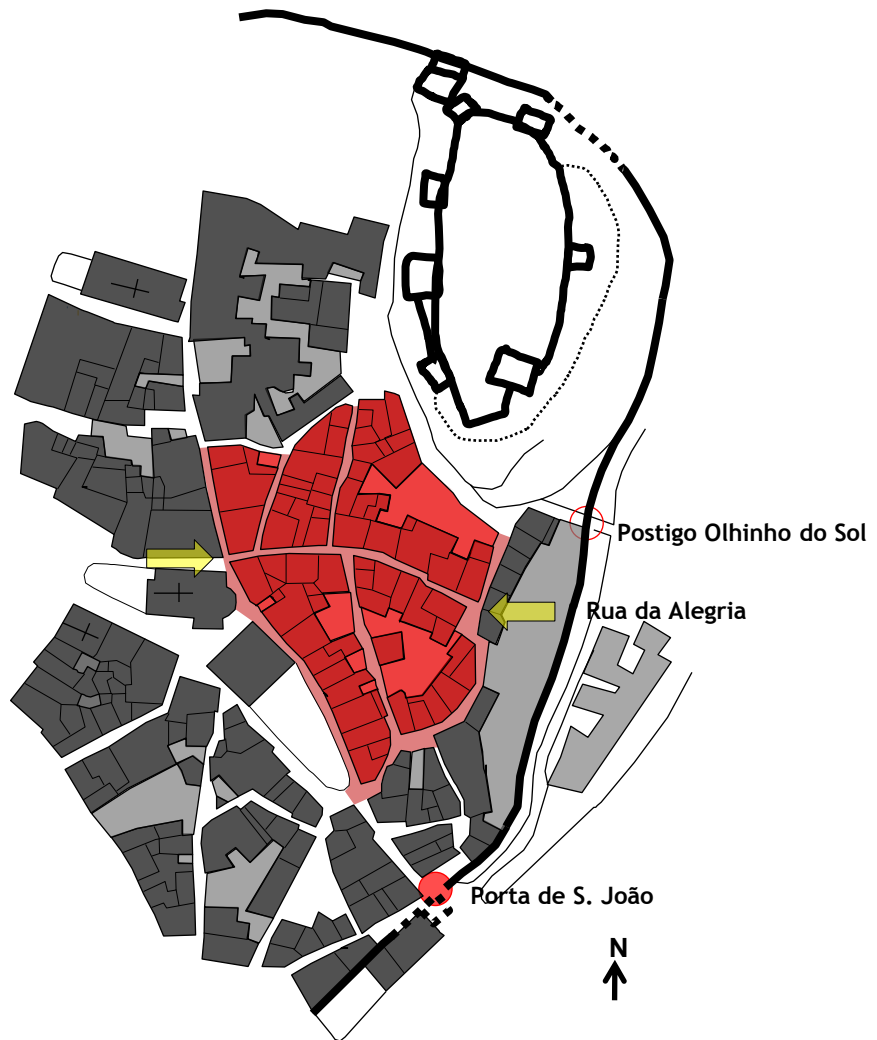


fig. 302 - Mapa do espaço público/privado da antiga Judiaria de Trancoso. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/2000.

2. Frentes urbanas da rua chave

Ao estudar o espaço público da rua chave da antiga Judiaria vai ser possível determinar, numa outra escala, a densidade do espaço urbano, quer através da análise às frentes urbanas (perfis longitudinais), quer através dos perfis transversais e um conjunto de outros dados, tais como: largura e extensão da rua chave.

A. Covilhã

A Rua da Alegria na Covilhã tem aproximadamente uma extensão de 180m, obtida a partir da linha central do espaço público (fig. 303). Ao longo desta linha, podem-se encontrar ligações, intersecções e atravessamentos com outras ruas e travessas (fig. 304a, 304b, 304c e 304d).

As frentes urbanas encontram-se organizadas em banda, numa total ausência de espaços vazios (fig. 305). As únicas interrupções à continuidade das frentes urbanas, devem-se à intersecção com outro(s) espaço(s) público (fig. 306 e 307). Este facto significa que, se trata de um espaço densamente construído, onde todo o espaço disponível se encontra actualmente construído.

A Rua da Alegria na Covilhã é, sem qualquer dúvida, o percurso com mais “movimento”, consequência da própria morfologia do espaço público. Trata-se de um espaço cheio de ritmo, ondulação, irregularidade, caracterizado por sucessivas mudanças de direcção, estreitamento e alargamentos (fig. 308). A consequência destes sucessivos momentos diferentes origina que as frentes urbanas, ora se encontram mais próximas, ora mais afastadas e isso traduz-se, igualmente, em troços mais largos e estreitos*, sendo que, a largura média do espaço público da antiga Judiaria seja de 6,90m (fig. 308, 309 e tabela 03).

As frentes urbanas são, ainda, caracterizadas por fachadas na sua grande maioria, constituídas por um único “layer” - denominado de 0, ou seja, não existem corpos avançados (layer +1), nem recuados (layer -1), à excepção de um ou outro caso*.

* Anexo 4 - Perfis das ruas chave. Consultar todo o processo de construção dos perfis transversais, individualmente, para a obtenção da largura média da rua chave e “layers” das frentes urbanas.

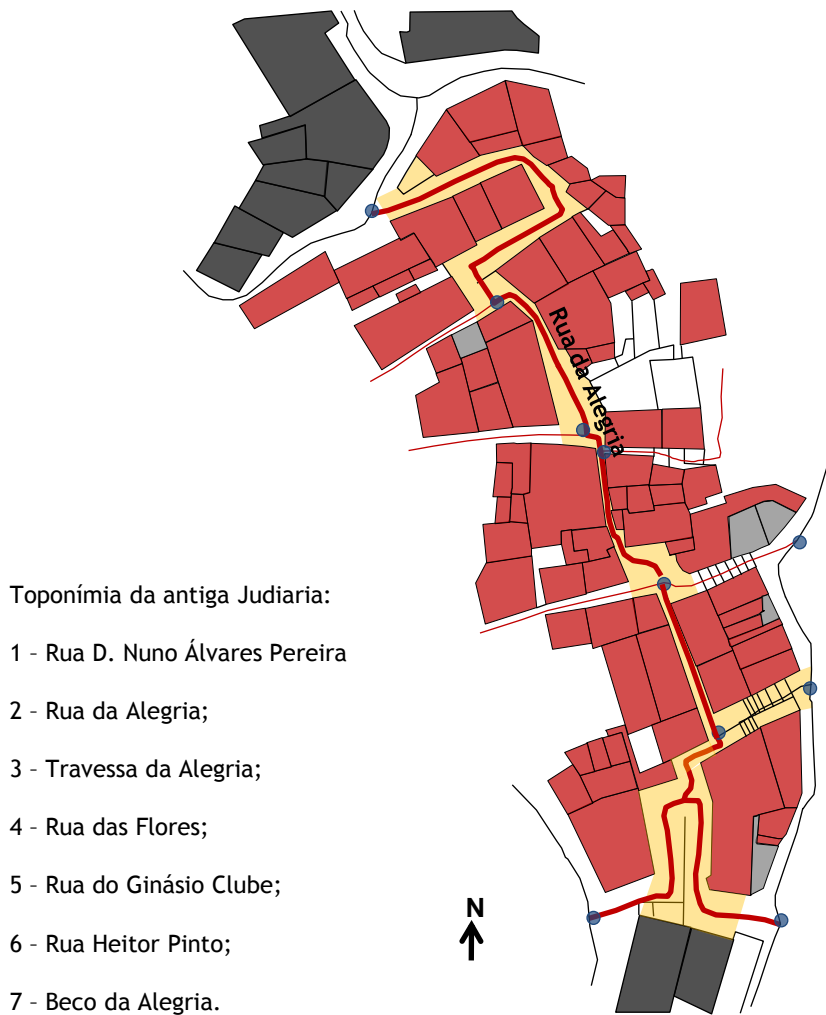
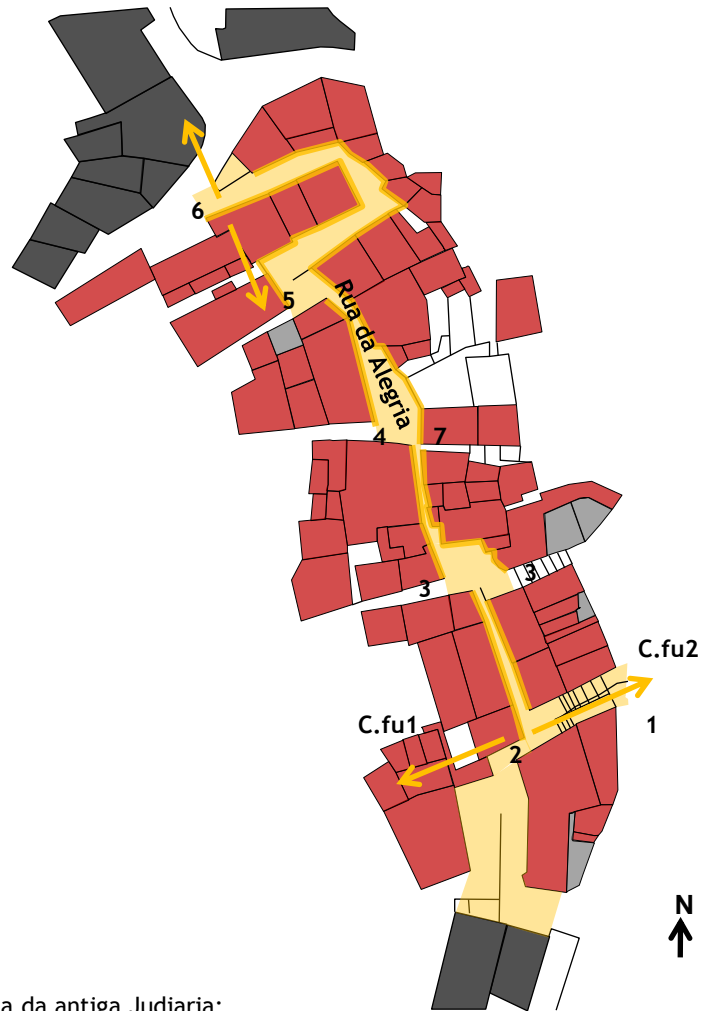


fig. 303 - Mapa com a Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção. Escala 1/1000.



fig. 304a, 304b, 304c e 304d - Imagens esquemáticas da Rua da Alegria da Covilhã - antiga Judiaria:
 a) pontos de intersecção; b) ligações nos extremos da rua; c) intersecções; d) atravessamento.



Toponímia da antiga Judiaria:

1 - Rua D. Nuno Álvares Pereira

3 - Travessa da Alegria;

5 - Rua do Ginásio Clube;

7 - Beco da Alegria.

2 - Rua da Alegria;

4 - Rua das Flores;

6 - Rua Heitor Pinto;

fig. 305 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

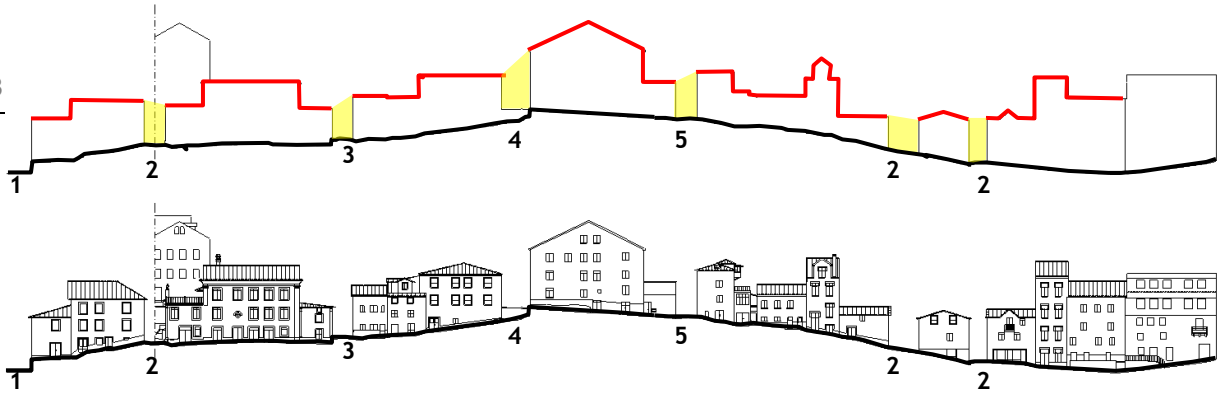


fig. 306 - Perfil longitudinal C_fu1 da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

Toponímia da antiga Judiaria:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------|
| 1 - Rua D. Nuno Álvares Pereira | 2 - Rua da Alegria; |
| 3 - Travessa da Alegria; | 4 - Rua das Flores; |
| 5 - Rua do Ginásio Clube; | 6 - Rua Heitor Pinto; |
| 7 - Beco da Alegria. | |

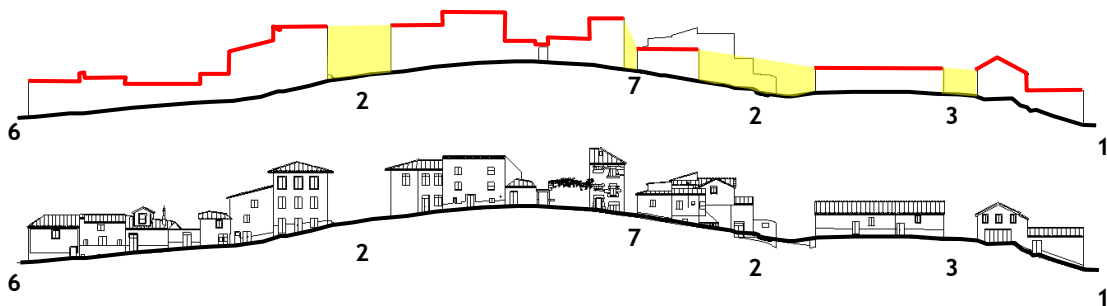


fig. 307 - Perfil longitudinal C_fu2 da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

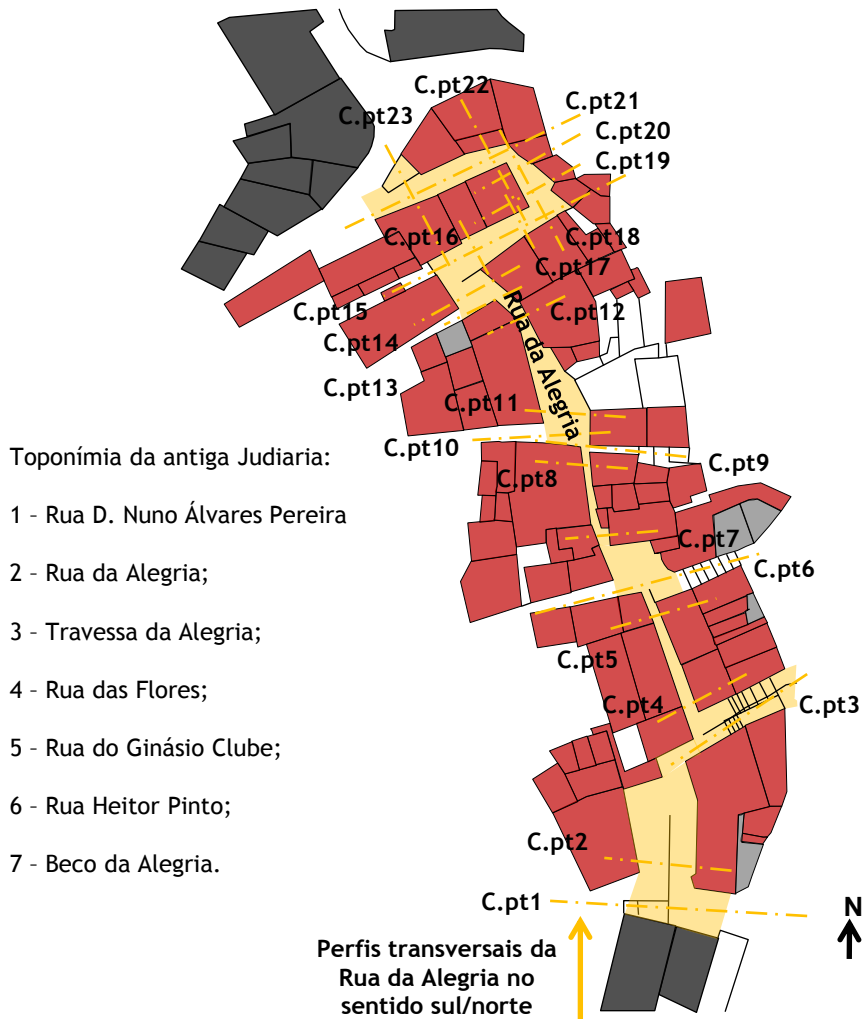


fig. 308 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

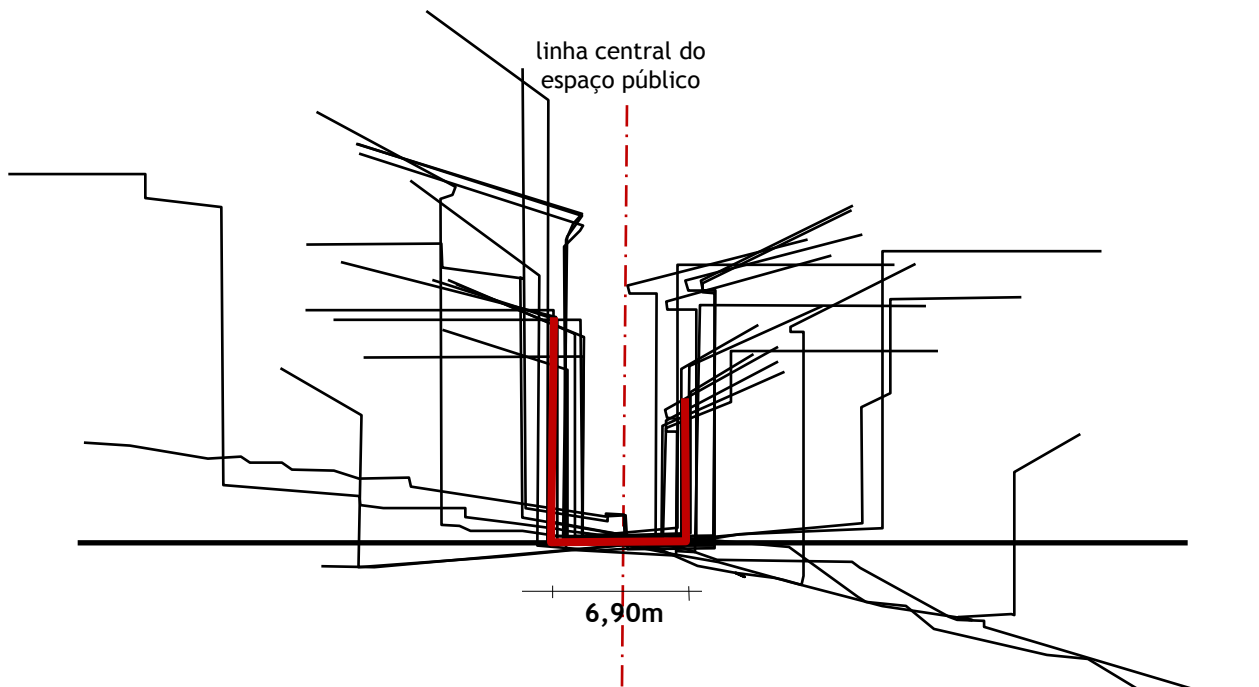


fig. 309 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã - antiga Judiaria.
 Legenda: — largura média da rua chave. Escala 1/1000.

Tabela 03 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua da Alegria na Covilhã:

Perfis transversais	Largura média da rua (m)	“layer”		
		-1	0	+1
C.pt1 a C.pt23	6,90	2	21	-

B. Castelo Branco

As frentes urbanas da Rua do Muro, em Castelo Branco, são em banda. Numa extensão de aproximadamente 150m (fig. 310) e 3,90m (largura média - consultar fig. 315 e 316, tabela 4 e Anexo 4 - Perfis das ruas chave), obtida a partir da linha central do espaço público. Ao longo desta linha, é possível visualizar, ligações e intersecções, com outro(s) espaço(s) público (fig. 311a, 311b e 311c).

Em relação à rua chave da antiga Judiaria da Covilhã, a Rua do Muro, em Castelo Branco, difere um pouco, relativamente, à imagem geral do espaço construído. As frentes urbanas, embora organizadas em banda, são esporadicamente constituídas por muros que, separam o espaço público, dos espaços privados (hortas, jardins e pátios) - (fig. 312). Causando desta forma, perceptualmente, uma ligeira quebra da leitura sobre a densidade do espaço urbano.

A Rua do Muro (Castelo Branco), difere igualmente, da Rua da Alegria (Covilhã), pois trata-se de um espaço público quase rectilíneo, não fosse uma ligeira deformação (fig. 310), perceptível pela linha central. Trata-se de um espaço bastante íngreme, uma vez que, se encontra posicionado perpendicularmente à topografia (fig. 313 e 314).

À semelhança da rua chave da antiga Judiaria da Covilhã, também a Rua do Muro, se caracteriza por na sua maioria, possuir frentes urbanas de um único layer. No entanto, surgem casos de frentes recuadas no último piso e casos de elementos arquitectónicos salientes (varandas), ligeiramente em maior número, relativamente ao primeiro estudo de caso (consultar tabela 4, do Anexo 4 - Perfis das ruas Chave).

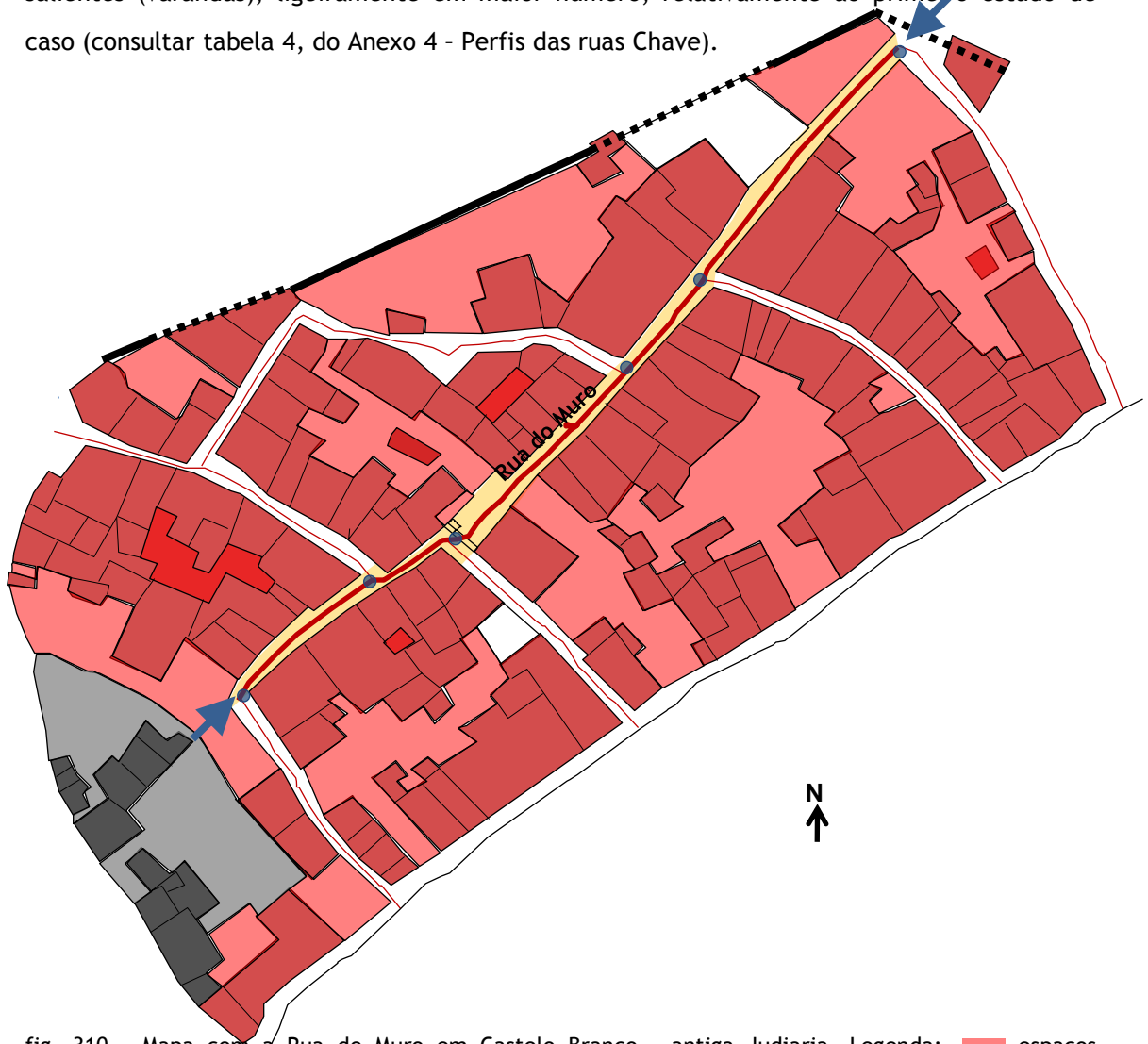


fig. 310 - Mapa com a Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela; linha central do espaço público da antiga Judiaria; linha central da rua chave da antiga Judiaria; linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção. Escala 1/1000.

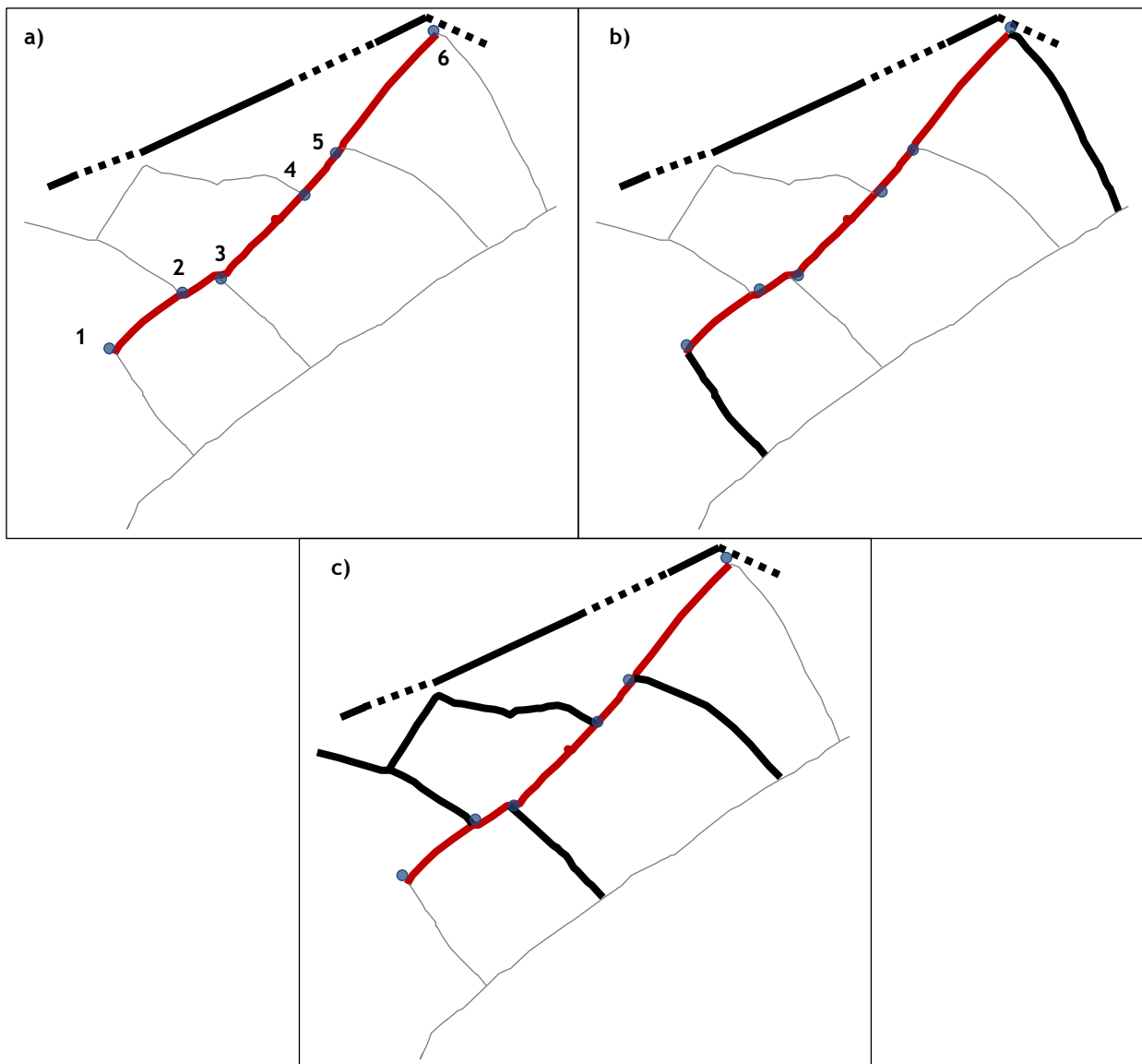


fig. 311a, 311b e 311c - Imagens esquemáticas da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria:

a) pontos de intersecção; b) ligações nos extremos da rua; c) intersecções.



fig. 312 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

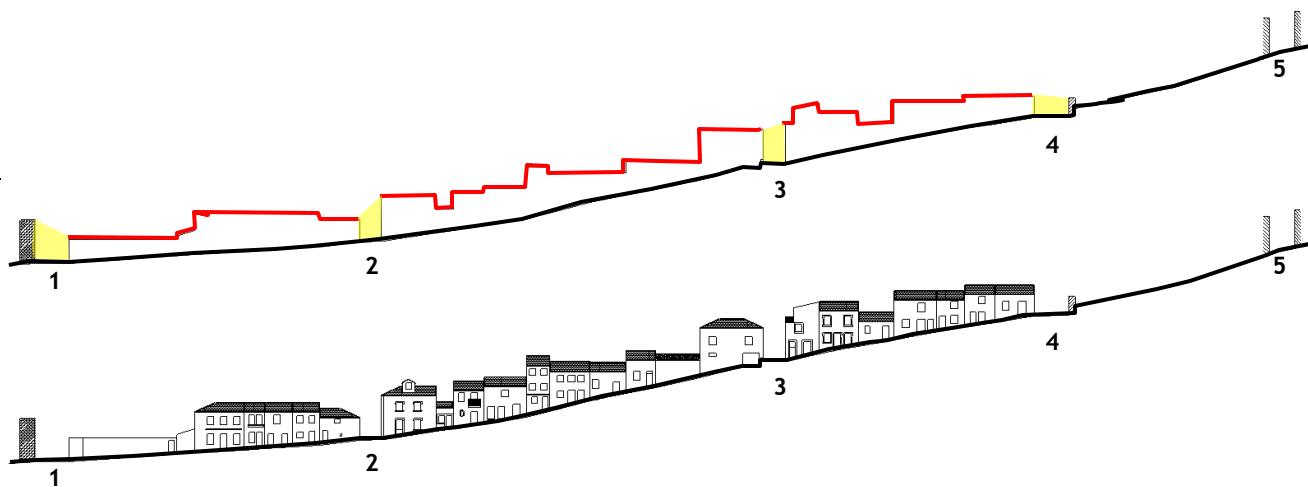


fig. 313 - Perfil longitudinal CB_fu1 da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

Toponímia da antiga Judiaria:

- 1 - Travessa Rua do Muro;
- 2 - Rua da Misericórdia;
- 3 - Travessa do Jasmim;
- 4 - Travessa Rua d’Ega;
- 5 - Rua da Sobreira;
- 6 - Travessa da Sobreira;
- 7 - Rua do Caquelé.

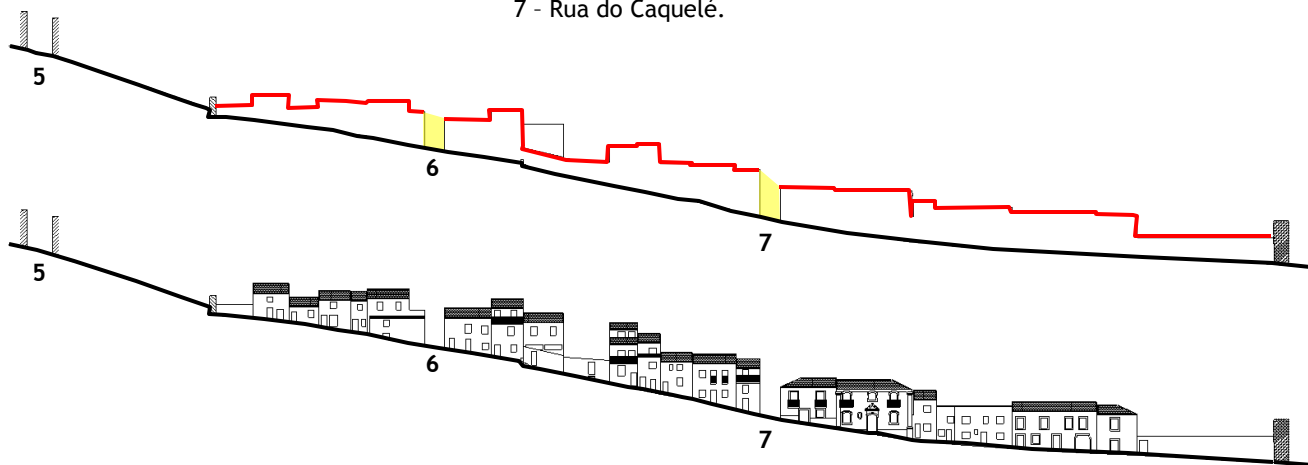


fig. 314 - Perfil longitudinal CB_fu2 da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

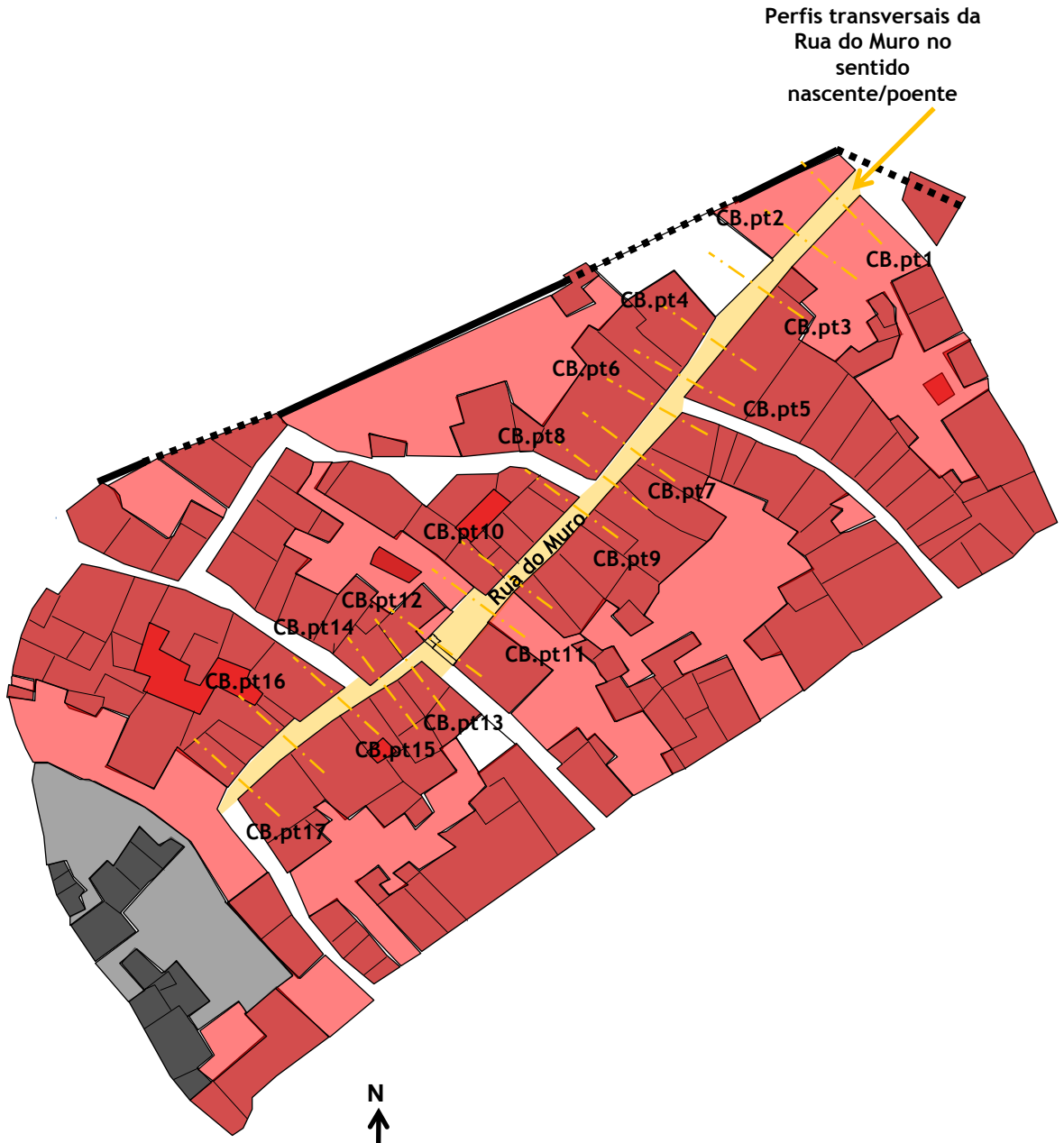


fig. 315 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; espaços vazios/privados da zona antiga; espaços privados da zona antiga; igreja/capela. Escala 1/1000.

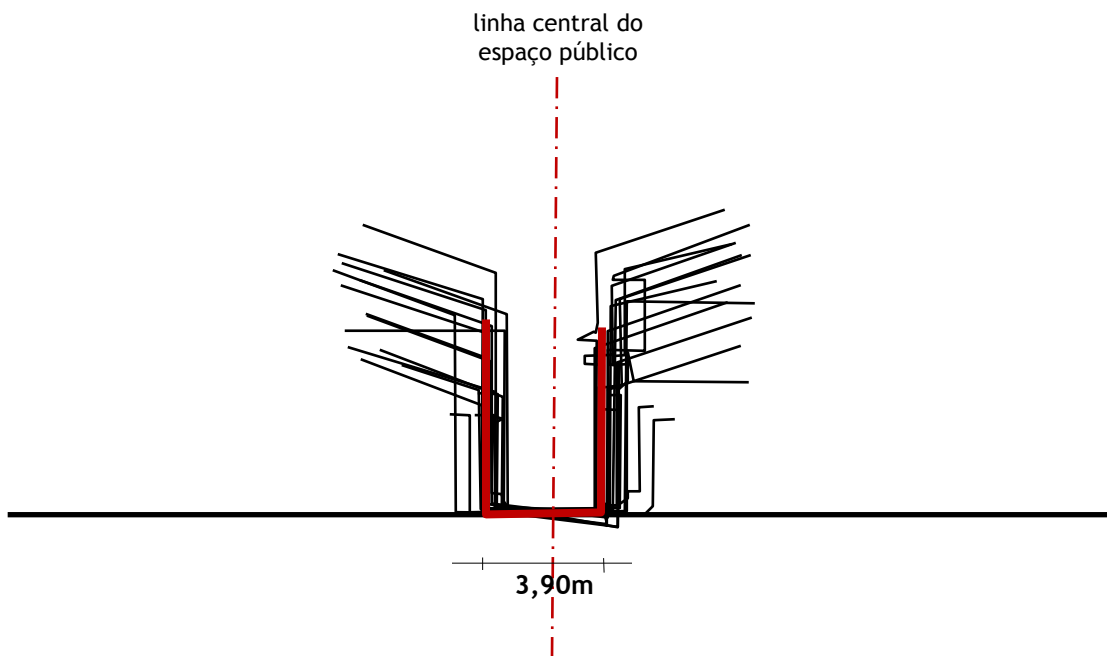


fig. 316 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Muro em Castelo Branco - antiga Judiaria.
 Legenda: — largura média da rua. Escala 1/1000.

Tabela 04 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua do Muro em Castelo Branco:

Perfis transversais	Largura média da rua (m)	“layer”		
		-1	0	+1
C.pt1 a C.pt17	3,90	3	17	3

C. Guarda

A Rua do Amparo na Guarda tem aproximadamente uma extensão de 200m, obtida a partir da linha central do espaço público (fig. 317). Ao longo desta linha, podem-se encontrar ligações e intersecções com outro(s) espaço(s) público (fig. 318a, 318b e 318c).

À semelhança do estudo de caso da Covilhã, as frentes urbanas organizam-se em banda, numa total ausência de espaços vazios (fig. 319). As discontinuidades observadas dizem respeito às ligações e intersecções com outras ruas e travessas. Mais uma vez, está-se perante um espaço densamente construído, onde todo o espaço disponível se encontra actualmente construído.

A Rua do Amparo na Guarda, é um espaço caracterizado por ondulação tanto na horizontal, pelas sucessivas mudanças de direcção, estreitamentos e alargamentos, tanto na vertical, pe-

las variações de cota (fig. 320 e 321). Trata-se de um caso que, em muito se aproxima da Rua da Alegria na Covilhã.

Os sucessivos momentos de frentes urbanas, ora mais próximas, ora mais afastadas, dão origem a troços mais estreitos e largos, conferindo ao espaço público uma largura média de 5,30m* (tabela 5, fig. 322 e 323). Relativamente às frentes urbanas, estas são constituídas na sua larga maioria por, um único “layer”*.

* Anexo 4 - Perfis das ruas chave. Consultar todo o processo de construção dos perfis transversais, individualmente, para a obtenção da largura média da rua chave e “layers” das frentes urbanas.

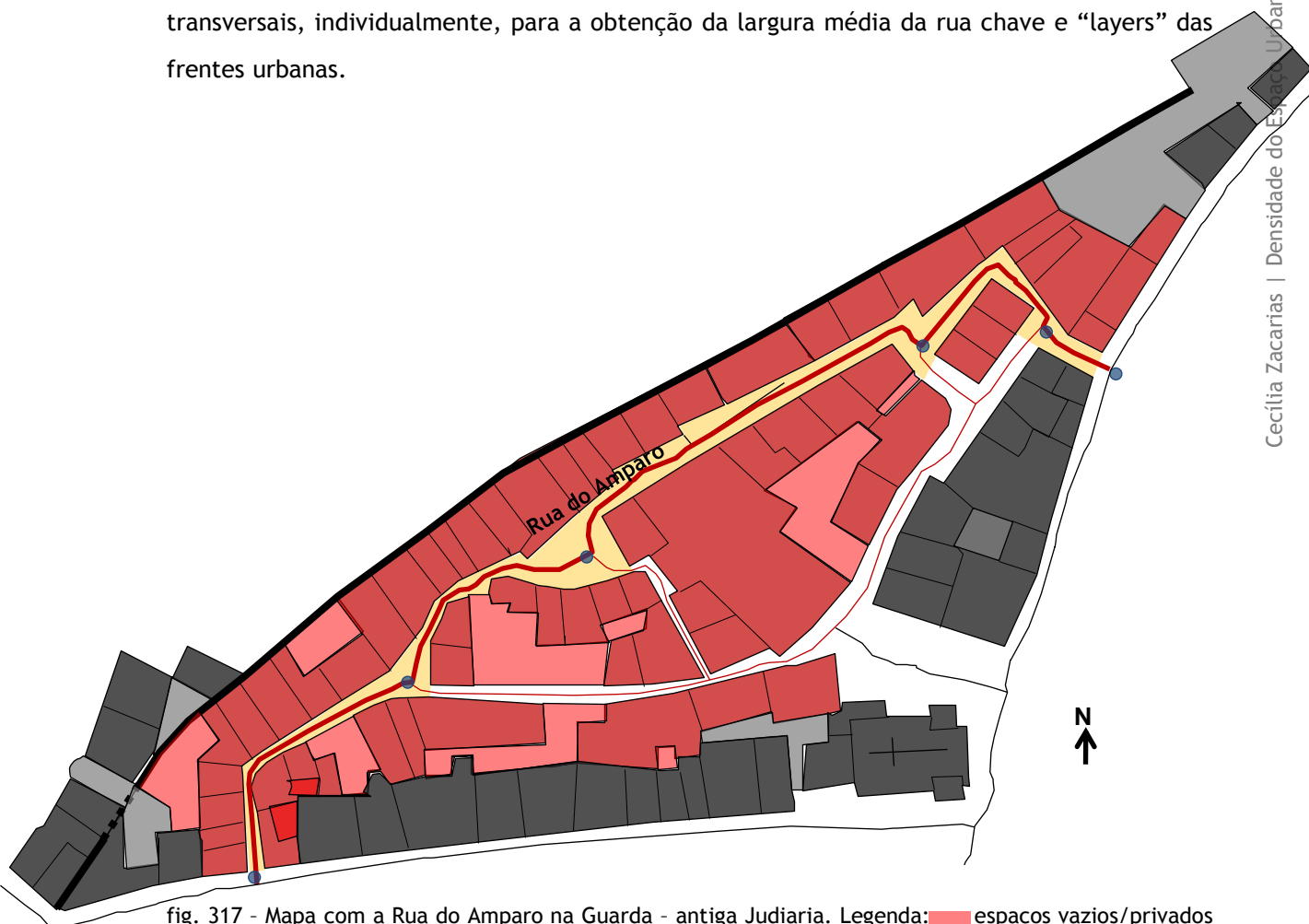


fig. 317 - Mapa com a Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção. Escala 1/1000.

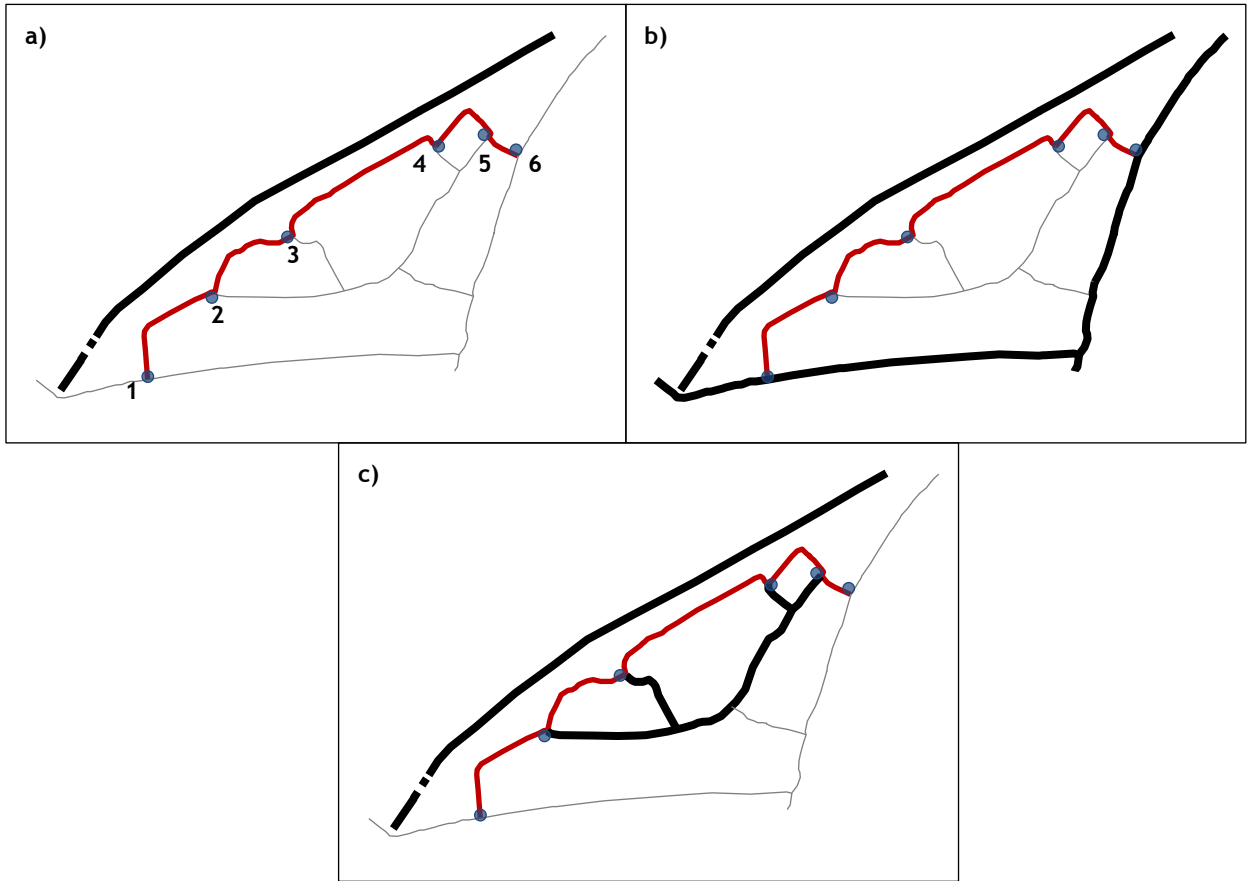


fig. 318a, 318b e 318c - Imagens esquemáticas da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria: a) pontos de intersecção; b) ligações nos extremos da rua; c) intersecções.

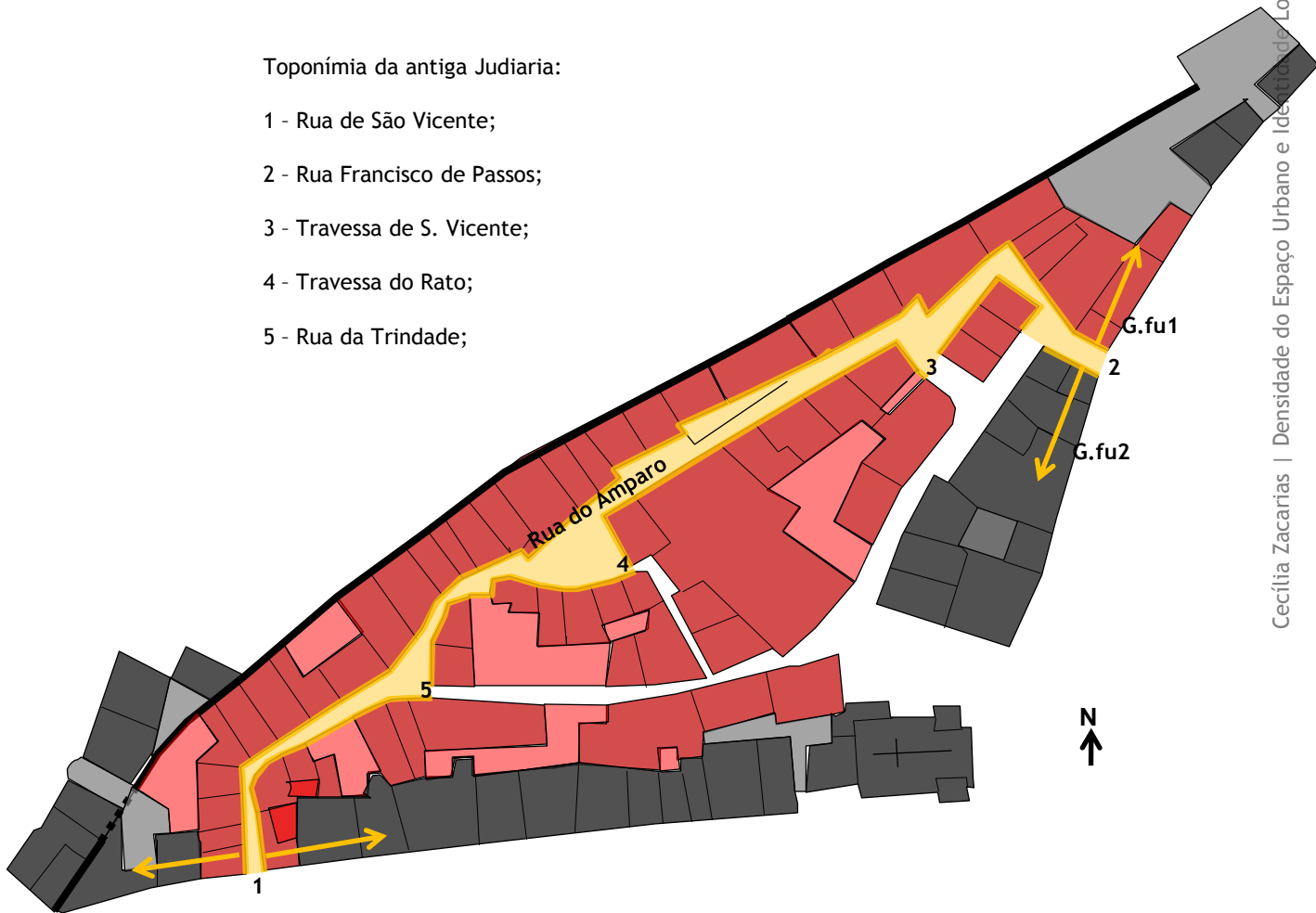


fig. 319 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.



fig. 320 - Perfil longitudinal G_fu1 da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

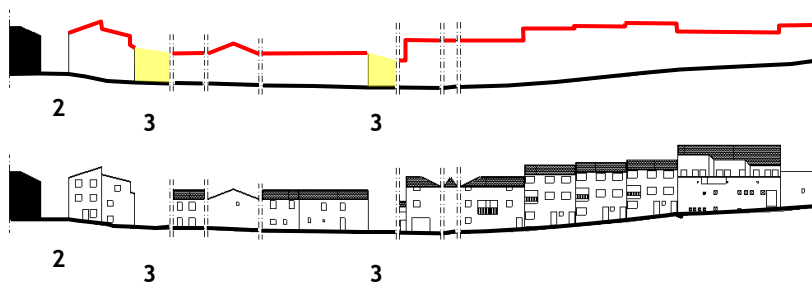
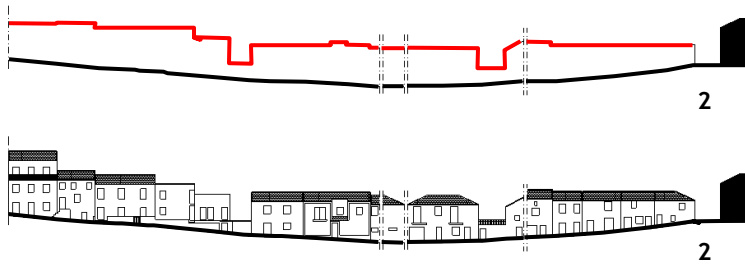


fig. 321 - Perfil longitudinal G_fu2 da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.



Toponímia da antiga Judiaria:

- 1 - Rua de São Vicente;
- 2 - Rua Francisco de Passos;
- 3 - Travessa de S. Vicente;
- 4 - Travessa do Rato;
- 5 - Rua da Trindade;

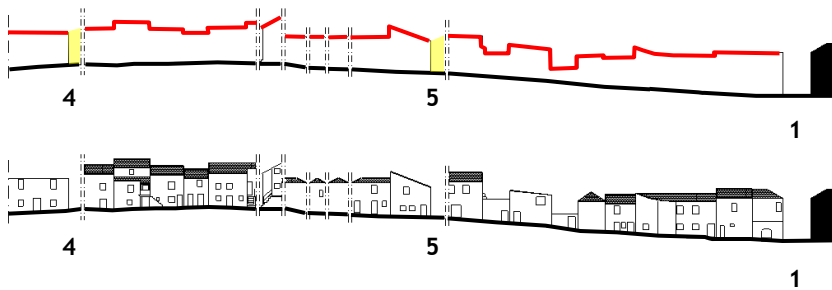




fig. 322 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

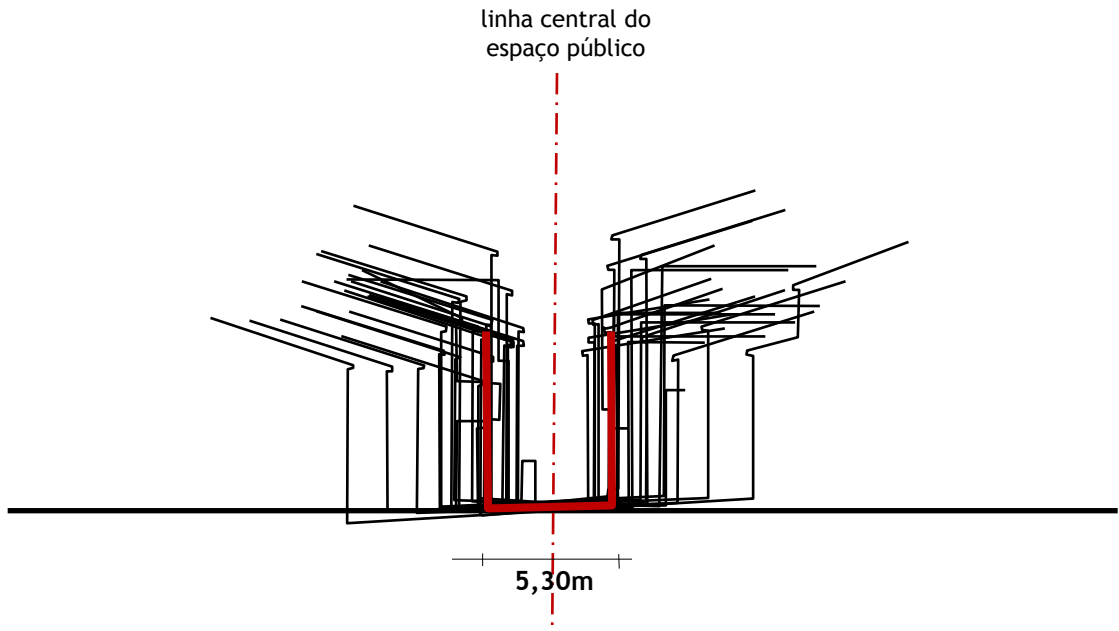


fig. 323 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda - antiga Judiaria.
 Legenda: — largura média da rua. Escala 1/1000.

Tabela 05 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua do Amparo na Guarda:

Perfis transversais	Largura média da rua (m)	“layer”		
		-1	0	+1
G.pt1 a G.pt24	5,30	2	24	3

D. Trancoso

As frentes urbanas da Rua da Alegria, em Trancoso, estão organizadas em banda, numa extensão aproximada de 80m. A largura média da rua chave é de 2,50m, calculada a partir da linha central do espaço público (fig. 324, 329 e 330, tabela 6 e Anexo 4 - Perfis das ruas chave). Ao longo da linha central, podem-se encontrar intersecções e ligações com outro(s) espaço(s) público (fig. 325a, 325b e 325c).

A Rua da Alegria em Trancoso é um espaço densamente construído pois, de ambos os lados do espaço público, não se visualizam espaços vazios, sendo as frentes urbanas contínuas (fig. 326, 327 e 328).

À semelhança da rua chave na antiga Judiaria de Castelo Branco, a Rua da Alegria é praticamente, um percurso rectilíneo, apesar de alguma deformação possível de visualizar pela sua linha central (fig. 324) e topograficamente a rua chave é pouco acentuada.

Em relação às frentes urbanas, estas são constituídas, mais uma vez, na maioria por um único “layer 0” (consultar tabela N.º 6 e Anexo 4 - Perfis das ruas chave).

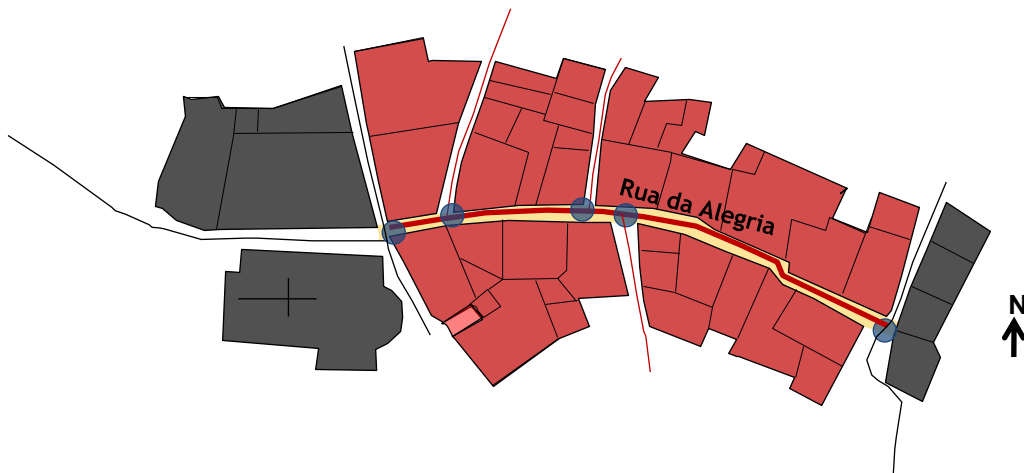


fig. 324 - Mapa com a Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; — linha central da rua chave da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção. Escala 1/1000.

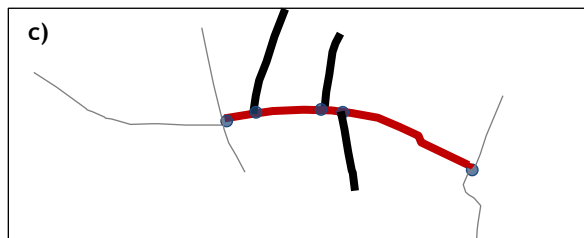
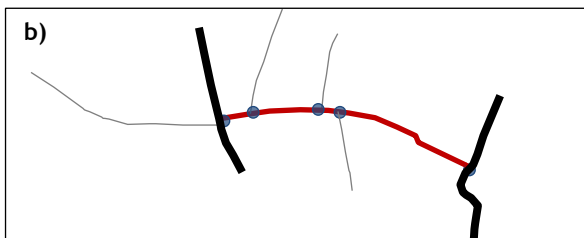
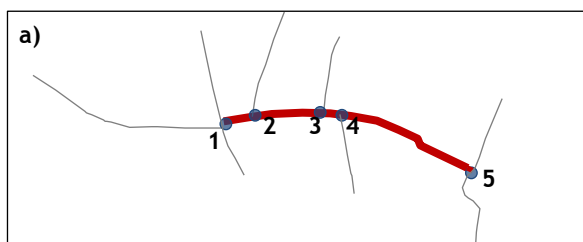


fig. 325a, 325b e 325c - Imagens esquemáticas da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria:

a) pontos de intersecção; b) ligações nos extremos da rua; c) intersecções.

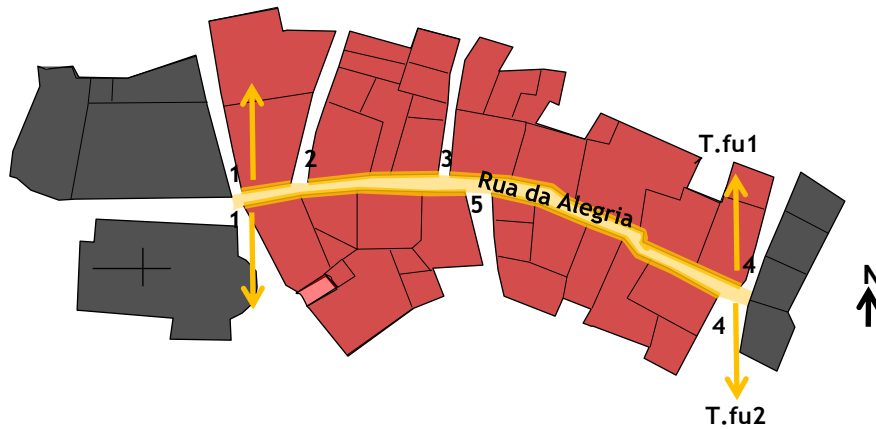


fig. 326 - Mapa com a indicação dos perfis longitudinais - frentes urbanas da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

Toponímia da antiga Judiaria:

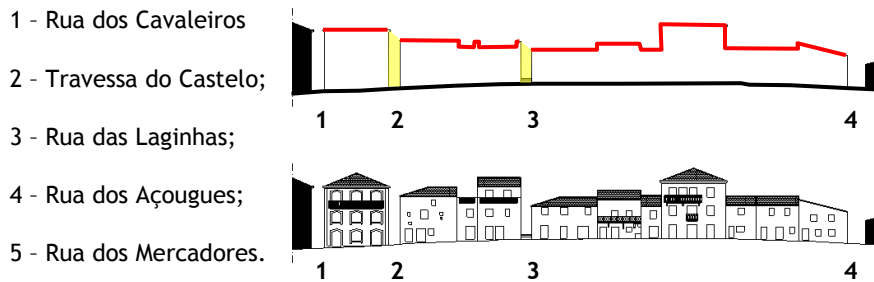


fig. 327 - Perfil longitudinal T_fu1 da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; — interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

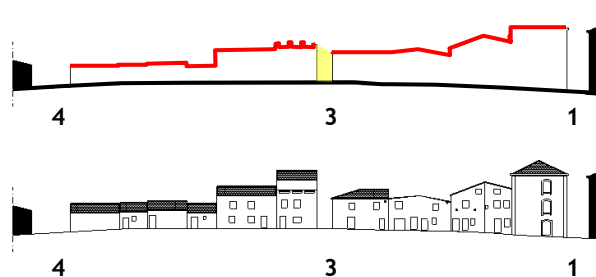


fig. 328 - Perfil longitudinal T_fu2 da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria.

Legenda: — “skyline” da rua; — interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa. Escala 1/1000.

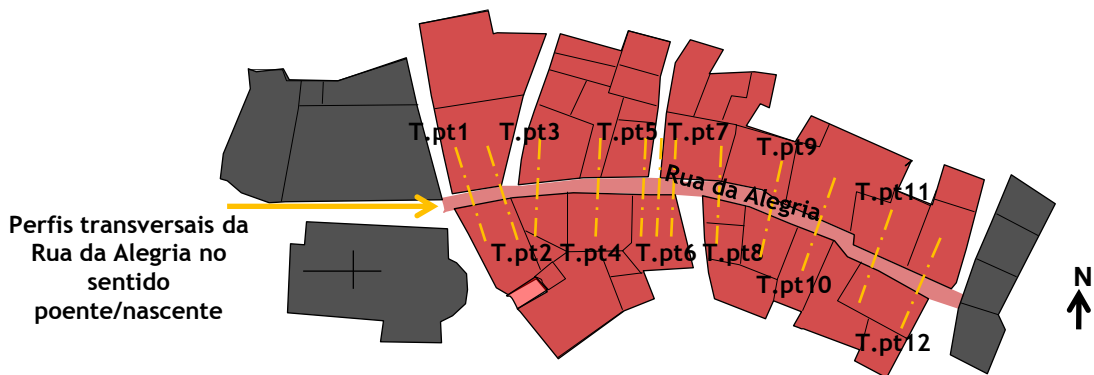


fig. 329 - Mapa com a indicação dos perfis transversais - secções da Rua da Alegria em Trancoso - antiga Judiaria. Legenda: ■ espaços vazios/privados da antiga Judiaria; ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ espaços privados da zona antiga; ■ igreja/capela. Escala 1/1000.

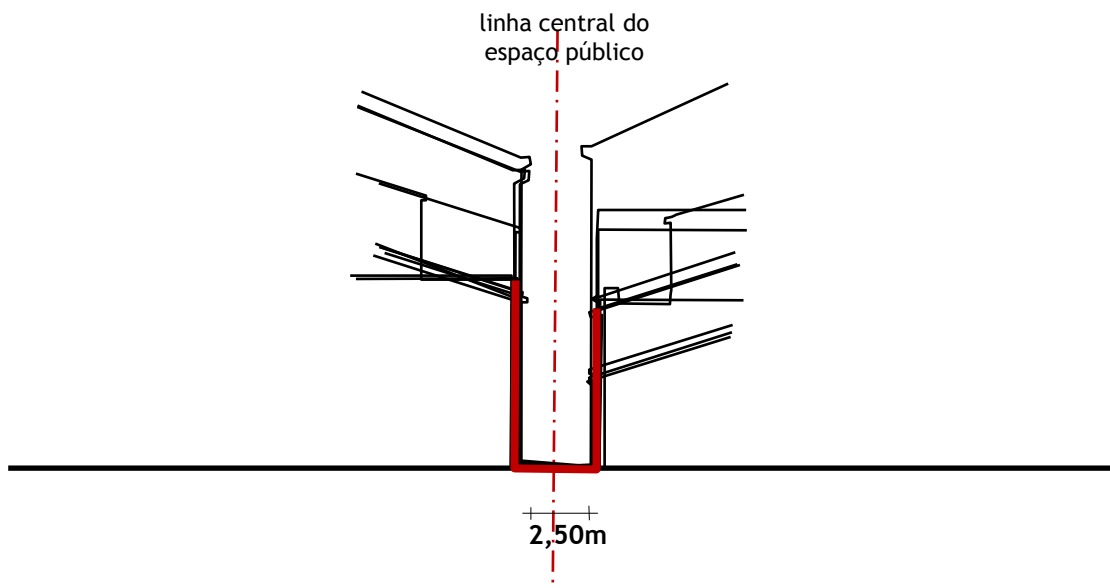


fig. 330 - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria de Trancoso - antiga Judiaria. Legenda: — largura média da rua. Escala 1/1000.

Tabela 06 - Dados técnicos das “superimposições” das secções da Rua da Alegria em Trancoso:

Perfis transversais	Largura média da rua (m)	“layer”		
		-1	0	+1
T.pt1 a T.pt12	2,50	2	12	-

3. Síntese conclusiva

A análise à escala da rua surge no seguimento do estudo do quarteirão e permite estudar outras características, impossíveis de conhecer nessa escala, nomeadamente: a densidade do espaço urbano, pela construção dos perfis longitudinais, os quais permitem, com a silhueta urbana, verificar tratar-se, de espaços densamente ocupados por edificações, em função da existência ou não, de espaços vazios. Permite, igualmente, conhecer a extensão aproximada da rua chave, obtida pelo percurso de um extremo ao outro, representado pela linha central, bem como a largura média da rua, conseguida pela superimposição dos vários perfis transversais. A caracterização da imagem da rua, foi possível através da existência de um ou mais “layers”, nas frentes urbanas da rua chave, possíveis de visualizar nos perfis transversais.

Densidade do espaço urbano. Da análise e interpretação às ruas chave e às suas frentes urbanas resultou que, se tratam de espaços densamente construídos. As frentes urbanas são contínuas, não havendo lugar para espaços vazios ou não construídos.

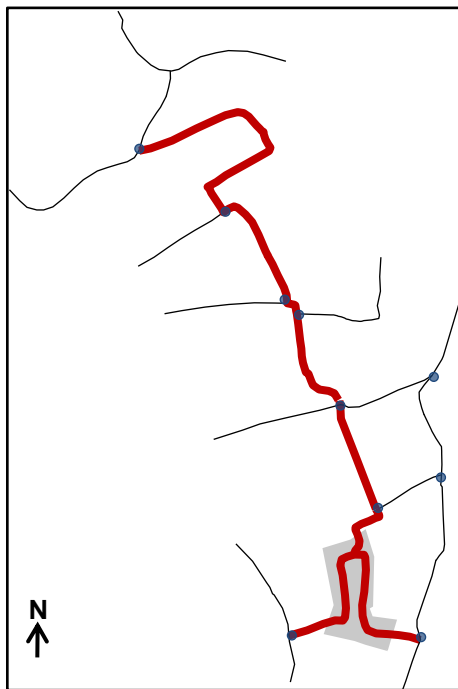
Morfologia da(s) rua(s) chave. As ruas chave da Covilhã e da Guarda, Rua da Alegria e do Amparo, respectivamente, são as que mais se assemelham entre si, morfologicamente. Ambas são caracterizadas por um percurso bastante ondulado, com estreitamentos, alargamentos, mudanças de direcção e variação de cota, ao longo da sua extensão (fig. 331 e 335).

Os casos da rua chave de Castelo Branco (Rua do Muro) e de Trancoso (Rua da Alegria), não têm muito em comum com os casos anteriores, nem entre si. Pois, a sua relação com a topografia é bastante singular. No primeiro caso, trata-se de um percurso muito íngreme e o segundo é o menos acentuado de todos (fig. 332 e 336).

Extensão da rua chave. A rua chave de maior extensão é na Guarda, com 200m (aproximadamente), a de menor extensão é a Rua da Alegria em Trancoso (80m aproximadamente). Numa posição intermédia, situam-se as ruas chave da Covilhã (180m) e de Castelo Branco (150m), aproximadamente (fig. 331, 332, 335 e 336).

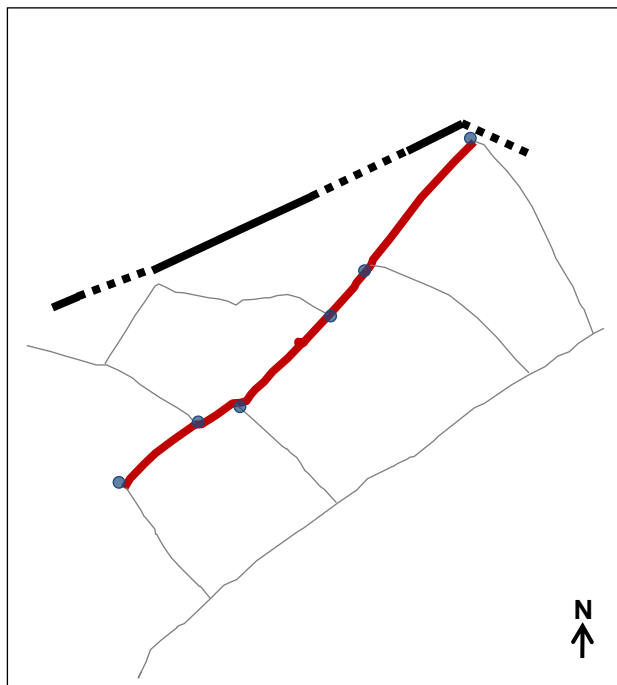
Largura da rua chave. A rua chave mais estreita, dos casos de estudo (fig. 333, 334, 337 e 338) é, em Trancoso (2,50m), seguida de Castelo Branco (3,90m), Guarda (5,30m) e por último a Covilhã (6,90m).

COVILHÃ



Rua da Alegria: extensão aproximada - 180m;
largura média - 6,90m.

CASTELO BRANCO



Rua do Muro: extensão aproximada - 150m;
largura média - 3,90m.

fig. 331 e 332, respectivamente - Imagens esquemáticas das — ruas chave das antigas Judiarias da Covilhã e Castelo Branco.

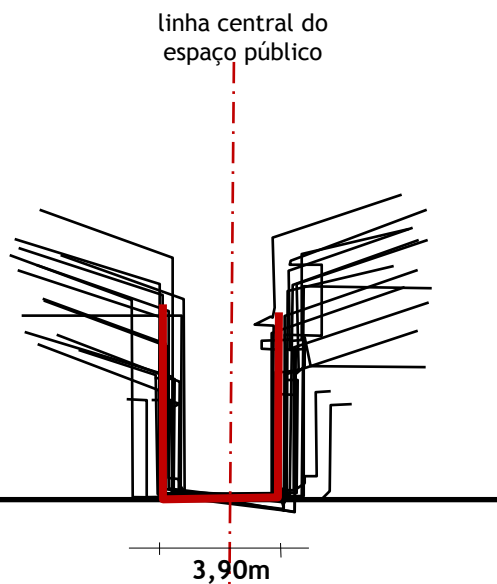
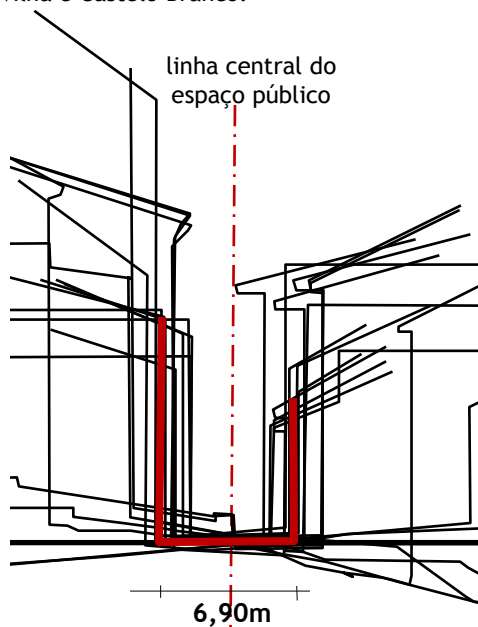


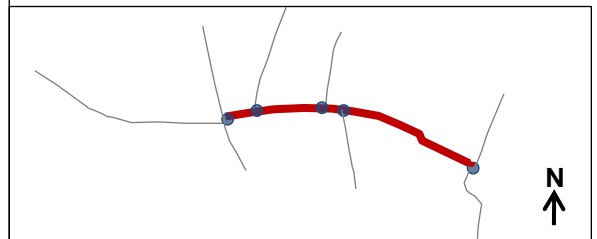
fig. 333 e 334, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã e Rua do Muro em Castelo Branco.

GUARDA



Rua do Amparo: extensão aproximada - 200m;
largura média - 5,30m.

TRANCOSO



Rua da Alegria: extensão aproximada - 80m;
largura média - 2,50m.

fig. 335 e 336, respectivamente - Imagens esquemáticas das **ruas chave** das antigas Judiarias da Guarda e Trancoso.

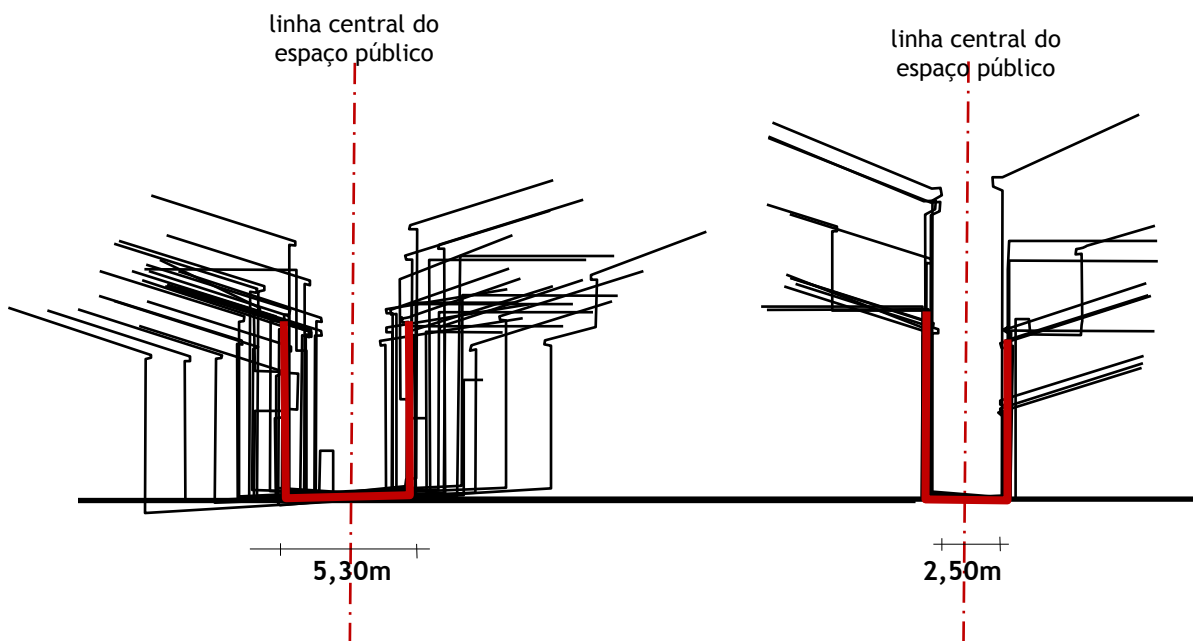
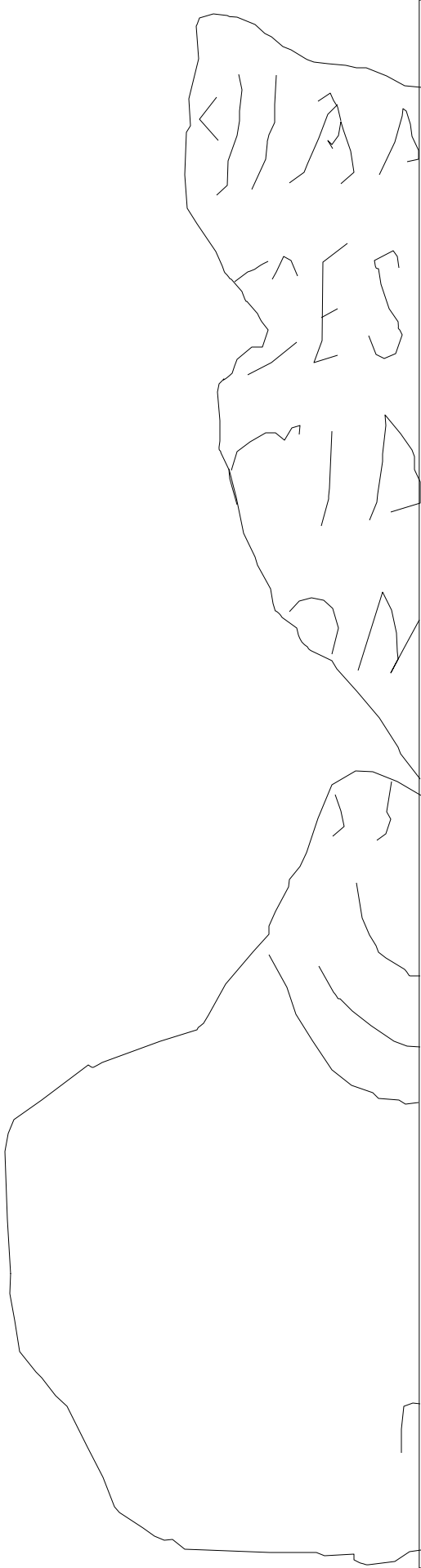


fig. 337 e 338, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda e Rua da Alegria em Trancoso.



Conclusão

Conclusão

As conclusões a que se chegou com o presente estudo científico são esclarecedoras quanto às questões inicialmente colocadas sobre a densidade do espaço urbano da zona antiga e, de um modo particular sobre o espaço da antiga Judiaria. A aplicação e desenvolvimento do método permitiu, igualmente, clarificar as questões sobre a identidade física do espaço urbano.

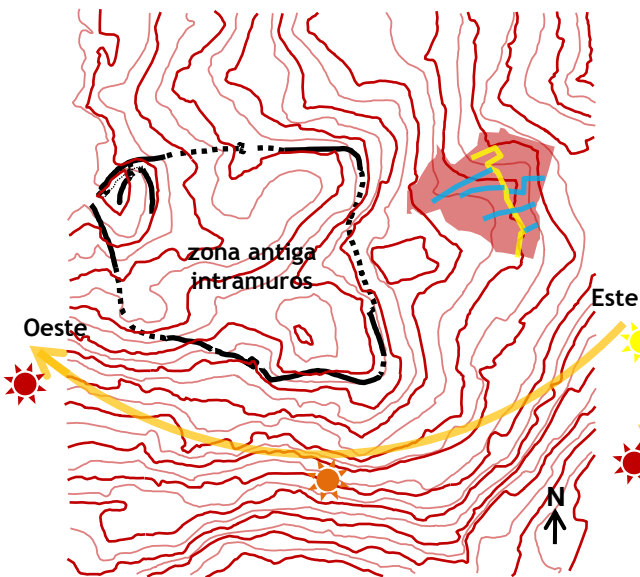
A metodologia aplicada foi determinante para demonstrar que as antigas Judiarias, não são espaços urbanos isolados e descontextualizados da estrutura que abrange a zona antiga da cidade, nomeadamente no interior das muralhas medievais, ou seja, o espaço da antiga Judiaria, a esta escala, não possui uma estrutura urbana própria, ou de influência da cultura judaica. Pelo contrário, faz parte integrante de um todo, que é, a zona antiga da cidade.

1. Enquadramento da antiga Judiaria na cidade

A análise à escala da cidade, embora que parcialmente, ou seja, limitada à zona antiga, no interior das muralhas medievais, permitiu uma abordagem geral e do contexto sobre o enquadramento e a posição da antiga Judiaria, em relação à zona antiga e conhecer as características do “sítio”. Mediante os dados obtidos constata-se que, em função da orientação solar, os espaços dos antigos bairros judaicos se inserem do quadrante noroeste a nascente, tendo como referência as muralhas medievais. Mais detalhadamente, tem-se que, a posição da antiga Judiaria é a nascente, nos casos da Covilhã e Trancoso, a norte em Castelo Branco e a noroeste, na Guarda (fig. 339, 340, 343 e 344).

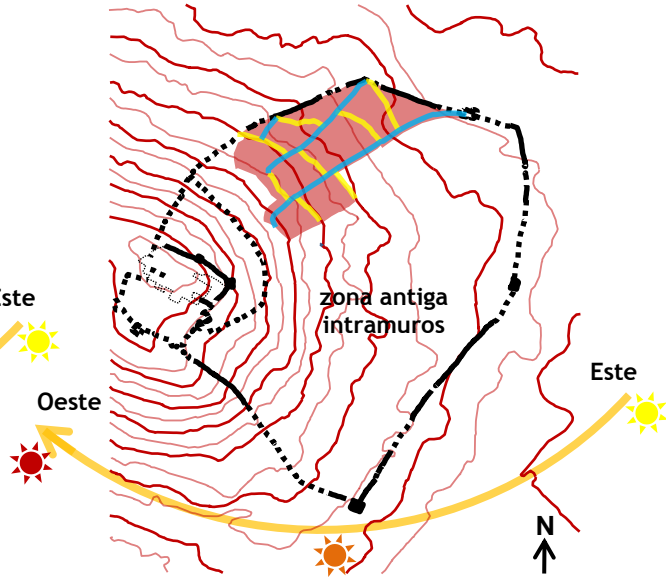
Para além da orientação solar, foi ainda possível conhecer a posição do espaço da antiga Judiaria e a sua relação com a zona antiga da cidade, nomeadamente sobre o seu espaço público. Todas as antigas Judiarias estão localizadas no interior das muralhas medievais, excepção para o caso da Covilhã que, se encontra no exterior. Outra excepção encontrada, prende-se com as condições morfológicas do espaço público estritamente interior ao espaço da antiga Judiaria. Em todas as antigas Judiarias, excepção feita desta vez para a de Castelo Branco, as ruas de maior extensão acompanham paralelamente a topografia natural do terreno, estando as primeiras ligadas a outras numa posição perpendicular e de menor extensão (fig. 339, 340, 343 e 344). A relação física dos quatro núcleos antigos das Judiarias - Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso, têm como ponto comum e dominante o facto, de se encontrarem posicionadas próximas e beneficiarem de percursos dominantes no tecido urbano da zona antiga, no interior das muralhas. São áreas, actualmente, essencialmente residenciais. A antiga Judiaria da Covilhã, no entanto, encontra-se extremamente próxima do centro de poder e das zonas de comércio e serviços (fig. 341, 342, 345 e 346).

COVILHÃ



Posição e orientação solar: no exterior e à direita, orientada para nascente, tendo como referência as muralhas medievais.

CASTELO BRANCO



Posição e orientação solar: no interior e em cima, orientada para norte, tendo como referência as muralhas medievais.

fig. 339 e 340, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco, bem como a relação do espaço público com a morfologia natural do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul).

COVILHÃ



CASTELO BRANCO

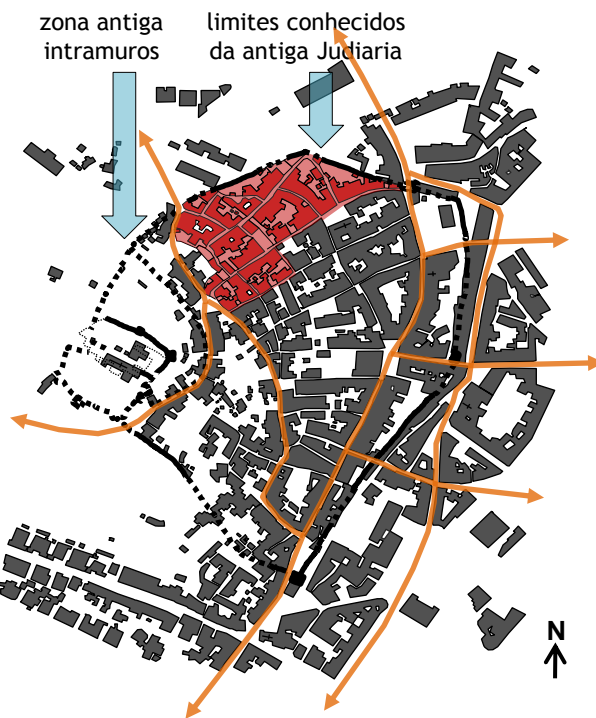
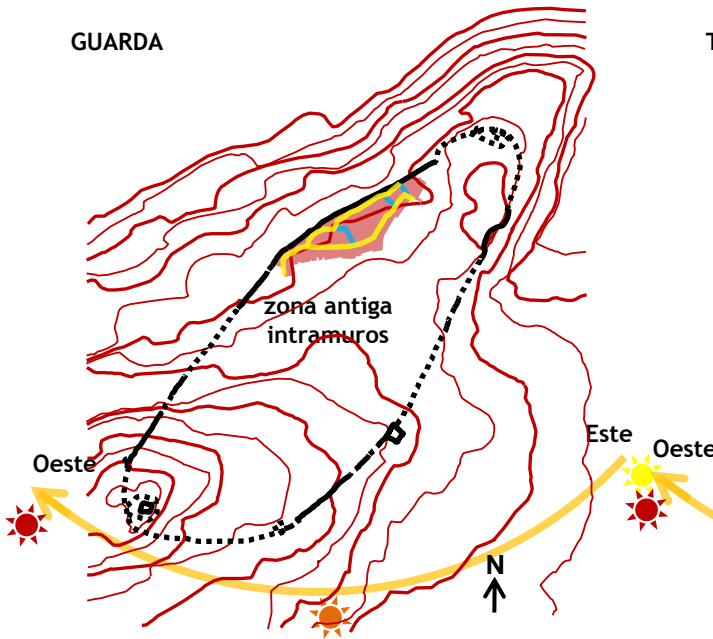


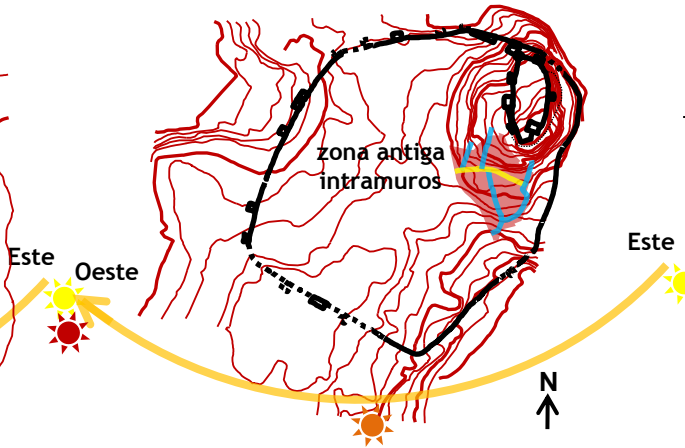
fig. 341 e 342, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Covilhã e Castelo Branco.

GUARDA



Posição e orientação solar: no interior e em cima, orientada para noroeste, tendo como referência as muralhas medievais.

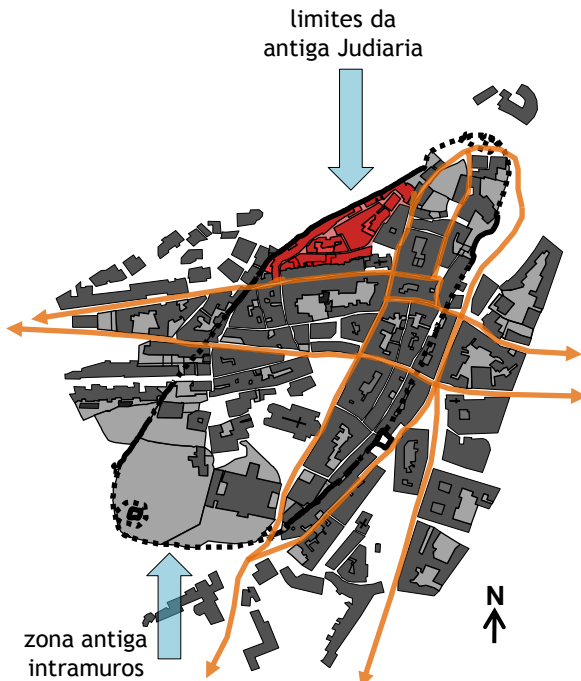
TRANCOSO



Posição e orientação solar: no interior e à direita, orientada para nascente, tendo como referência as muralhas medievais.

fig. 343 e 344, respectivamente - Posição e orientação solar da antiga Judiaria da Guarda e Trancoso, bem como a relação do espaço público com a morfologia natural do terreno: ruas paralelas (a amarelo) e ruas perpendiculares (a azul).

GUARDA



TRANCOSO



fig. 345 e 346, respectivamente - Enquadramento da antiga Judiaria, na zona antiga da cidade da Guarda e Trancoso.

2. Densidade do espaço urbano e identidade física do espaço

2.1 - Imagem do espaço público. A interpretação do espaço público teve em consideração toda a forma do interior urbano e, não apenas o eixo viário da rua, contribuindo para desenhar a linha central. Conhecida e linha central do espaço público, caracterizada por um maior número de intersecções permitiu, desta forma, identificar as ruas chave. Da análise e interpretação ao espaço público da Covilhã, de um modo geral, permite aferir que o mesmo surge como um sistema complexo e fragmentado, num sistema caracterizado por acentuadas irregularidades do seu tecido urbano e troços de pequena extensão, sobretudo na zona antiga (fig. 347). Por sua vez, em Castelo Branco o espaço público apresenta-se mais estruturado e organizado. Constituído por dois tipos de troços, uns de maior extensão que na grande maioria, se posicionam perpendicularmente em relação ao declive natural do terreno, estando ligados entre si, por outros troços mais curtos paralelos à topografia (fig. 348). Tanto a estrutura do espaço público da Guarda, como o de Trancoso, remetem imediatamente para uma forma mais organizada, cuja estrutura se aproxima do sistema ortogonal (fig. 351 e 352).

2.2 - Rua(s) chave e linha(s) forte(s). A(s) rua(s) chave e a(s) linha(s) forte(s), definidas a partir da leitura e percepção visual, após observação do mapa com o espaço público, diferem de umas cidades para as outras, quanto ao seu número. Para a Covilhã e Guarda, apenas uma linha forte se destaca, por ser a mais relevante, em relação à envolvente (fig. 349 e 350). Para o espaço público de Trancoso, definiram-se duas linhas fortes, perpendiculares entre si (fig. 354). Por fim, em Castelo Branco, devido à sua morfologia, são cinco as linhas fortes que operam, em simultâneo, sobre o espaço público, as quais fazem entre si ângulos iguais de 23° (fig. 350).

2.3 - “Superimposição” das grelhas protótipo. Com a “superimposição” das grelhas protótipo, nas respectivas zonas antigas, foi possível observar qual a relação destas entre si e, quais as áreas que abrangem. Assim sendo, para a Covilhã é, possível observar que a C_grelha 1 incorpora na sua estrutura todo o espaço público interior da antiga Judiaria. A envolvente a este espaço na cidade, é contornado pelo protótipo C_grelha 2 que, está também muito presente no interior das muralhas medievais e numa zona exterior, orientada a sul (fig. 355). Em Castelo Branco, as grelhas protótipo posicionam-se de forma radiocêntrica. Duas delas,

CB_grelha 3 e CB_grelha 5, pertencem em simultâneo ao espaço da antiga Judiaria, sendo que, a última tem maior expressão relativamente à área que abrange (fig. 356).

De igual modo, no estudo de caso da Guarda, observam-se duas grelhas protótipo, em simultâneo, para o espaço da antiga Judiaria - G_grelha 2 e G_grelha 3 e, de igual modo, a última é a que tem maior expressão, em relação à área que ocupa (fig. 357).

Por fim, em Trancoso e à semelhança do caso de estudo da Covilhã, duas grelhas protótipo operam sobre a forma do espaço público - T_grelha 1 e T_grelha 2. Consta-se igualmente, neste caso que, a T_grelha 2 é, a que, incorpora na sua estrutura todo o espaço público interior da antiga Judiaria. Enquanto, que a forma da primeira se encontra na envolvente desta área (fig. 358).

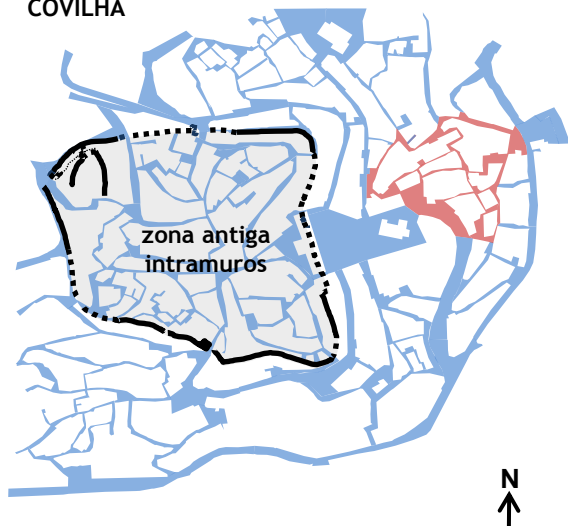
2.4 - Densidade do espaço público urbano. A densidade do espaço urbano, possível de observar nas diferentes grelhas protótipo, revelam que as zonas antigas são espaços densos. Revelam de igual modo que, o espaço das antigas Judiarias não se caracteriza por áreas mais densas, nem tão pouco se caracterizam por uma organização do tecido urbano própria desse espaço em particular. Isto porque, o mesmo grau de densidade no espaço público da antiga Judiaria, calculado a partir do afastamento existente entre ruas é, possível observá-lo noutra área da zona antiga.

De igual modo, é possível constatar que, não se encontrou uma estrutura, do tecido urbano própria ou única para a área dos antigos bairros judaicos. Antes porém, fazem parte integrante da estrutura geral do espaço público, para a zona antiga no interior das muralhas medievais. Como única exceção à regra, tem-se o espaço da antiga Judiaria de Castelo Branco em que, o afastamento entre ruas é menor, pois o seu protótipo é o mais denso, num conjunto total de cinco.

Se ao comparar-se a forma do espaço público das antigas Judiarias, entre si e, com a análise do módulo subdividido, constata-se que o afastamento entre o espaço público que integra apenas o interior destas áreas é, de 18,75m e 29,50m (C_grelha 1), na Covilhã, 17,50m e 20,00m (CB_grelha 5), em Castelo Branco, 35,00m e 60,00m (G_grelha 3), na Guarda e em Trancoso é, de 22,50m e 24,75m (T_grelha 2).

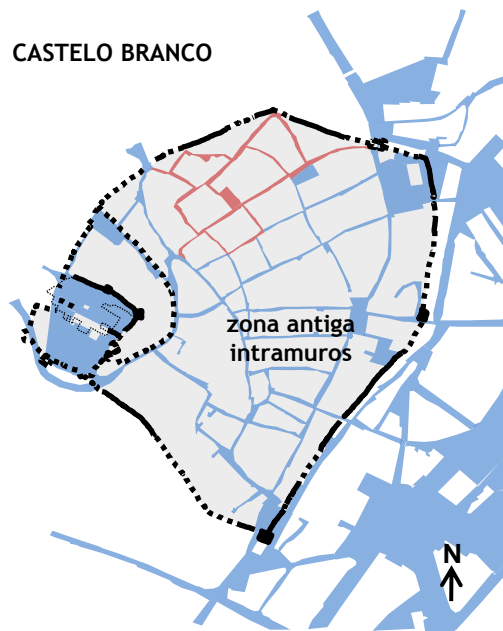
Deste modo, consegue-se determinar que, o espaço público da antiga Judiaria de Castelo Branco (fig. 363, 364, 367 e 368) é, o mais denso, em função do afastamento entre ruas, logo seguido da Covilhã (fig. 359 e 360), deixando para terceiro lugar Trancoso (fig. 361 e 362) e, por último surge a Guarda (fig. 365, 366, 367 e 370).

COVILHÃ



Espaço público bastante fragmentado, com percursos ondulados e sem perspectiva.

CASTELO BRANCO

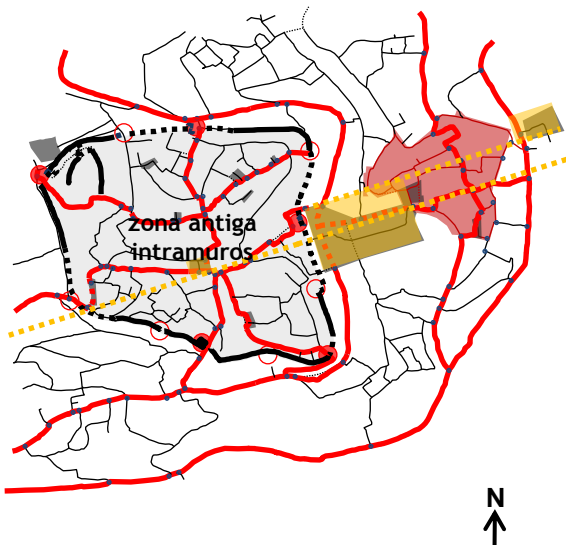


Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, indica tendência para um sistema radiocêntrico.

fig. 347 e 348 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) com identificação do

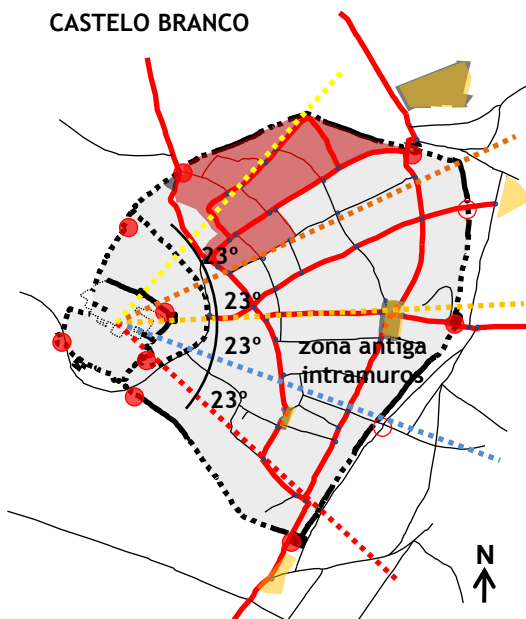
■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros.

COVILHÃ



Espaço público onde uma linha forte surge como a mais importante em relação à envolvente.

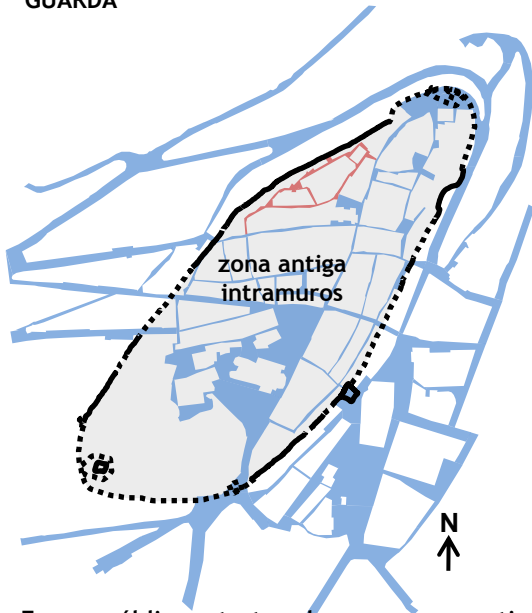
CASTELO BRANCO



Espaço público onde operam cinco linhas fortes em simultâneo, as quais fazem entre si ângulos iguais de 23°.

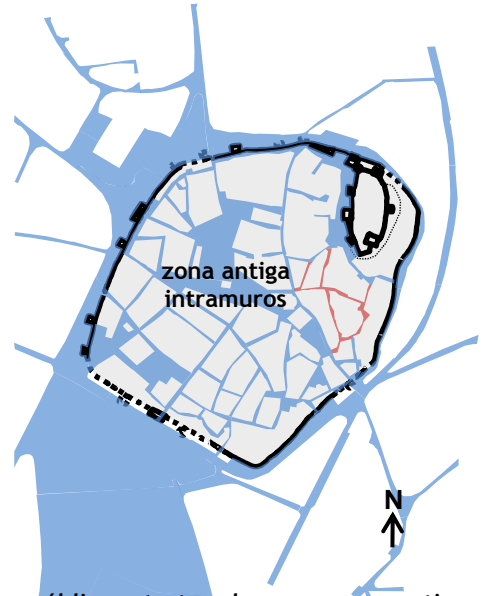
fig. 349 e 350 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); - - - eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos.

GUARDA



Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, com tendência para um sistema ortogonal.

TRANCOSO

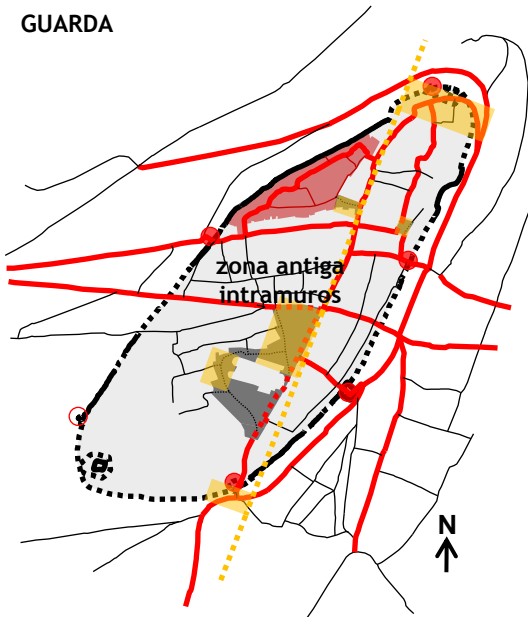


Espaço público estruturado e com perspectiva, apesar das deformações, com tendência para um sistema ortogonal.

fig. 351 e 352 - Imagem do espaço público (ruas, praças, largos, becos,...) com identificação do

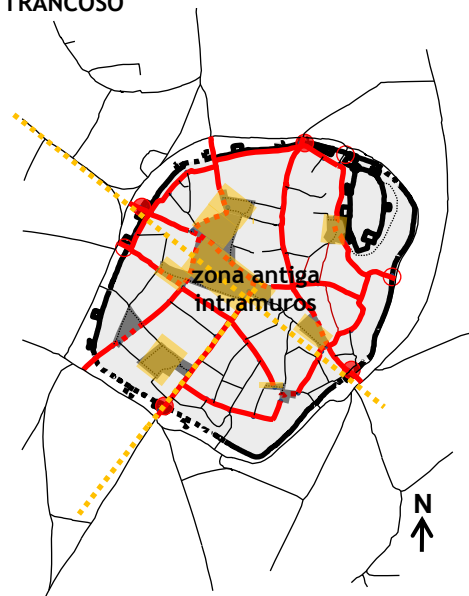
■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço público da zona antiga; ■ área antiga intramuros.

GUARDA



Espaço público onde uma linha forte surge como a mais importante em relação à envolvente.

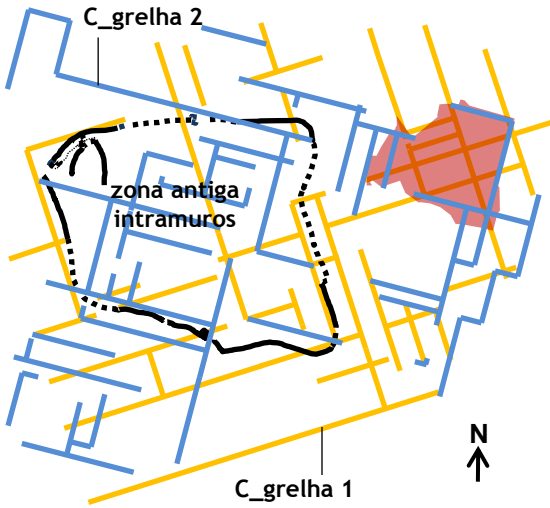
TRANCOSO



Espaço público onde operam duas linhas fortes em simultâneo.

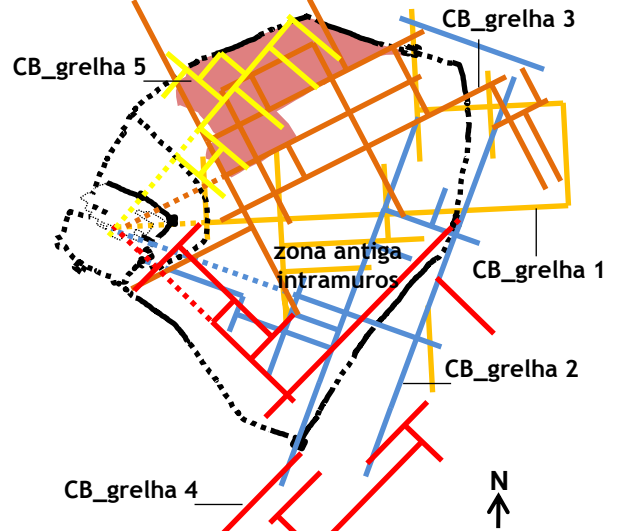
fig. 353 e 354 - Imagem com os percursos com maior número de intersecções. Legenda: ■ espaço da antiga Judiaria; — linha central do espaço público da antiga Judiaria; ■ espaço da zona antiga intramuros; — linha central do espaço público da zona antiga; ● ponto de intersecção; ■ espaços públicos (adro, praça e largo); eixo da linha forte; ● portas e ○ postigos.

COVILHÃ



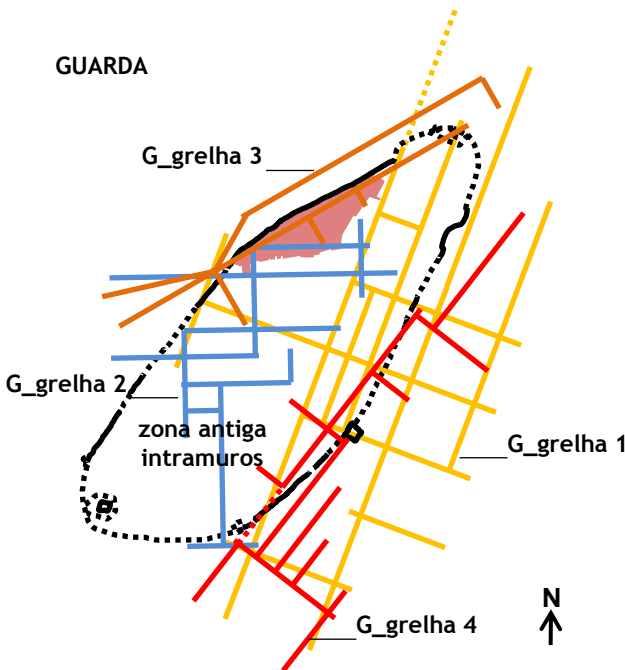
Dois grelhas protótipo “superimpostas” operam sobre a forma do espaço público.

CASTELO BRANCO



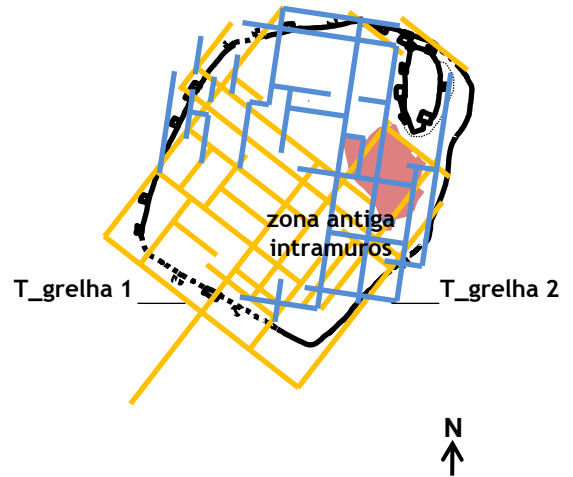
Cinco grelhas protótipo “superimpostas” operam sobre a forma do espaço público.

GUARDA



Quatro grelhas protótipo “superimpostas” operam sobre a forma do espaço público.

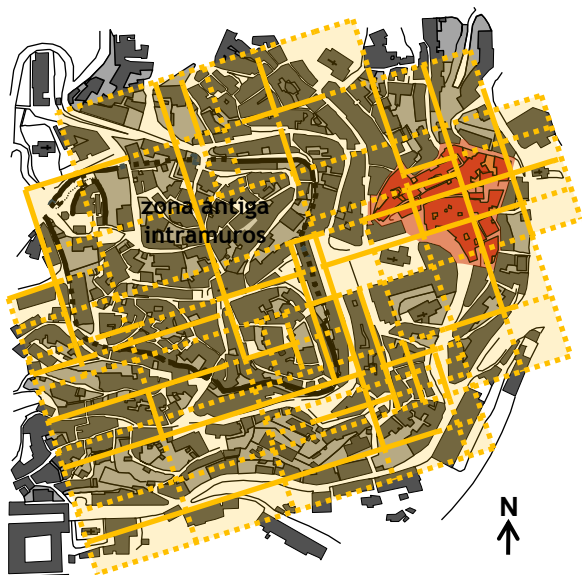
TRANCOSO



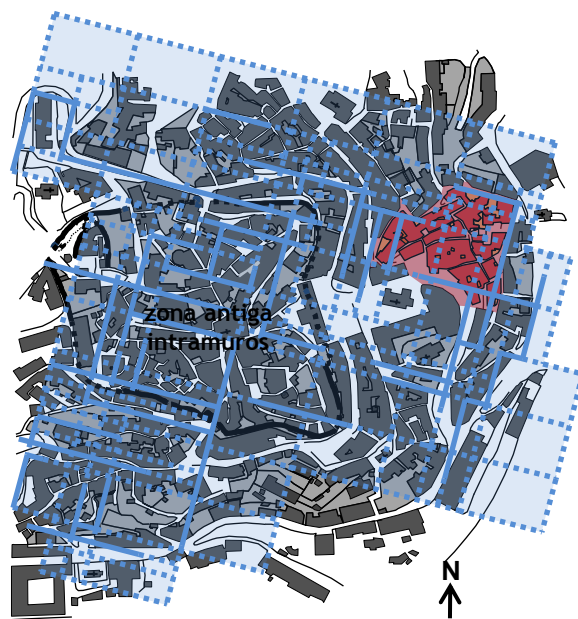
Dois grelhas protótipo “superimpostas” operam sobre a forma do espaço público.

fig. 355, 356, 357 e 358, respectivamente - Imagem esquemática com a “superimposição” da forma do espaço público através das grelhas protótipo, da zona antiga no interior das muralhas medievais e espaço da antiga Judiaria.

COVILHÃ



C_grelha 1 (75,00mx118,00m)



C_grelha 2 (63,30mx99,60m)

TRANCOSO



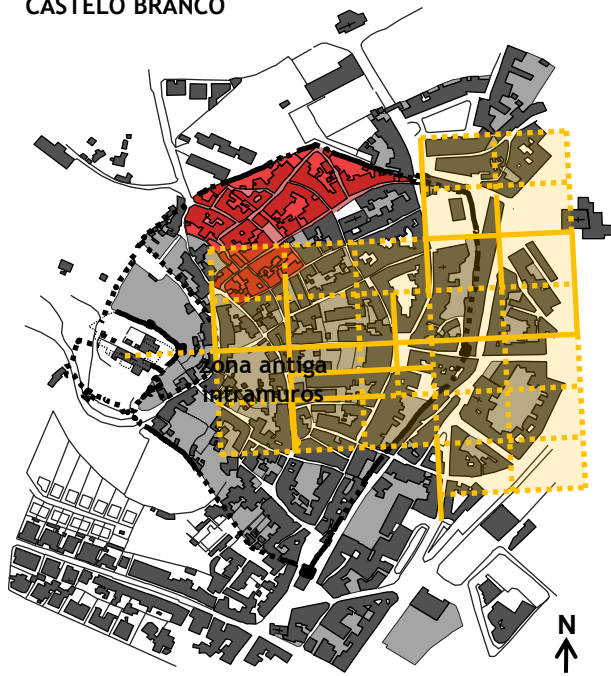
T_grelha 1 (62,00mx70,00m)



T_grelha 2 (45,00mx49,00m)

fig. 359, 360, 361 e 362, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo da Covilhã e Trancoso.
 Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

CASTELO BRANCO

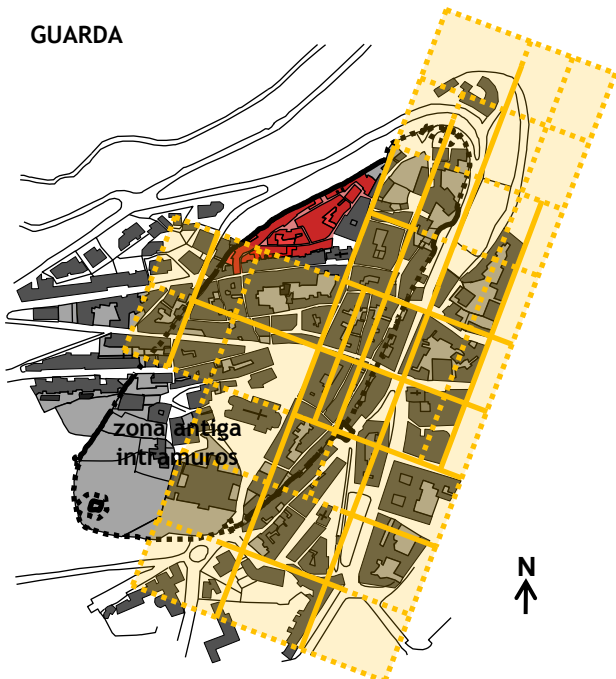


CB_grelha 1 (60,00mx81m)



CB_grelha 2 (42,00mx57,00m)

GUARDA



G_grelha 1 (80,00mx100,00m)

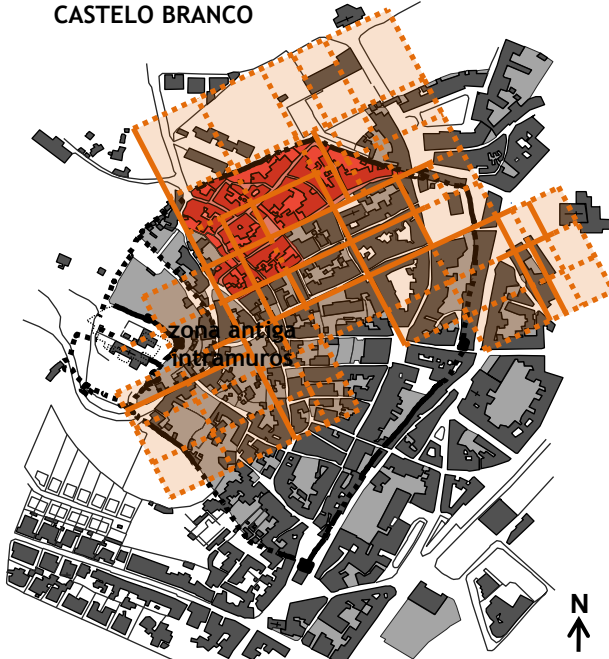


G_grelha 2 (60,00mx80,00m)

fig. 363, 364, 365 e 366, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e

Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

CASTELO BRANCO



CB_grelha 3 (45,00mx78,00m)



CB_grelha 5 (35,00mx40,00m)

GUARDA



G_grelha 3 (35,00mx120,00m)



G_grelha 4 (50,00mx80,00m)

fig. 367, 368, 369 e 370, respectivamente - Imagem com as grelhas protótipo de Castelo Branco e Guarda. Legenda: ■ espaços privados da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ espaços privados da zona antiga; ■ espaços vazios/privados da zona antiga; ■ igreja/capela; — muralhas medievais existentes; muralhas medievais destruídas.

Mediante os factos expostos, constata-se que, ao espaço das antigas Judiarias, estão geralmente, associados dois protótipos. Um protótipo corresponde ao espaço urbano interior do antigo bairro judaico, enquanto que um outro é visível nos limites do bairro e que corresponde ao espaço público urbano, na envolvente da antiga Judiaria, comum a esta e à restante zona antiga da cidade. No entanto, verifica-se igualmente, que ambos os protótipos fazem parte de toda a zona antiga seleccionada para o estudo, ou seja, os antigos bairros judaicos, não possuem uma estrutura urbana que os individualize. Nem tão pouco possuem um sistema urbano, que os torna particulares e que se possa afirmar serem próprios da cultura judaica. A **identidade física do espaço urbano** é comum à zona antiga da cidade.

A **densidade do espaço urbano** definida pelos diversos protótipos, também não revela tratem-se de áreas particularmente densas, pelo conhecimento actual que se tem sobre o espaço público urbano. Embora sejam, sim, áreas densas de acordo com o afastamento entre ruas, não são um parâmetro único e individualizante, porque a mesma constatação é verificada noutras áreas da zona antiga, no interior das muralhas medievais. Portanto, o estudo mostra que são áreas densas, mas não se tratam de áreas particularmente densas.

O mesmo já não se verificou, em relação aos estudos comparativos realizados a nível do quarteirão. A esta escala, foi possível constatar que o espaço ocupado, é particularmente denso.

2.4.1 - Imagem geral do quarteirão. Após as “superimposições” constatou-se que, o polígono dos quarteirões predominantemente, senão mesmo, na sua totalidade, são caracterizados por polígonos de geometria irregular, se bem que, prevalecendo a tendência para a forma rectangular, apesar das deformações (fig. 371, 372, 373 e 374). Esta situação poderá ser consequência da adequação ao local, numa tentativa de seguir as curvas de nível, ou uma melhor conformação às oscilações do terreno, ou outras restrições, terão condicionado em muito, a forma urbana do polígono do quarteirão (fig. 375, 376, 377 e 378).

É de salientar que, o estudo de caso da Covilhã, se destaca pela maior deformação nos seus polígonos (fig. 371). É igualmente na Covilhã, que ocorre uma diferença mais significativa de quarteirões relativamente de pequenas dimensões e, quarteirões com áreas consideráveis (fig. 375).

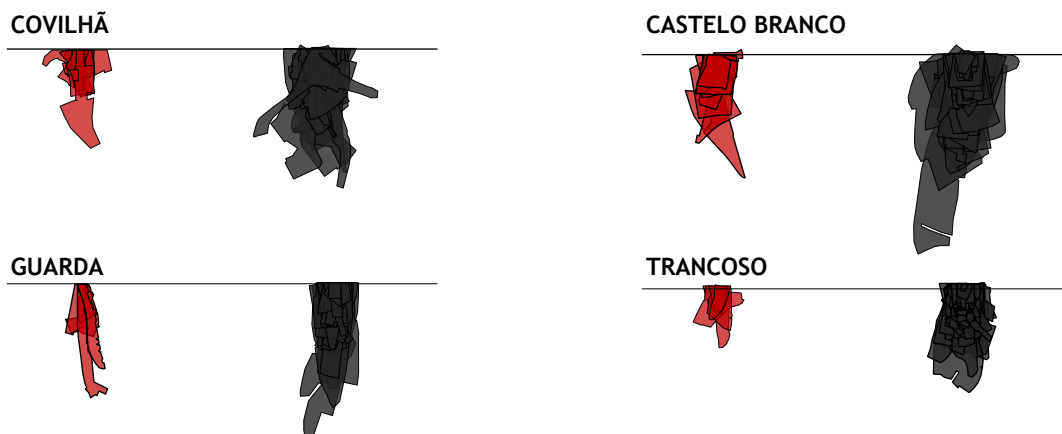
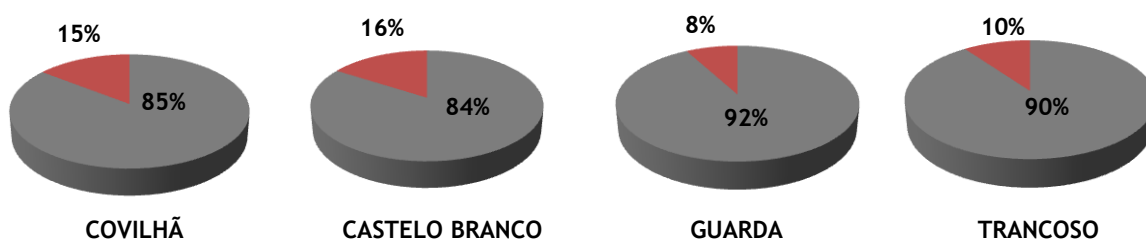


fig. 371, 372, 373 e 374 - “Superimposição” dos polígonos dos quarteirões da ■ zona antiga e da ■ antiga Judiaria.

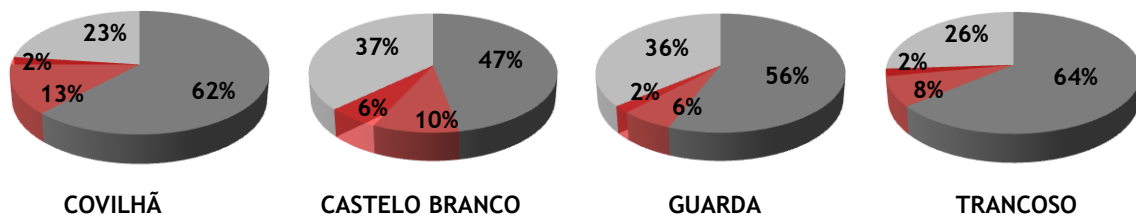
2.4.2 - Quantificação do espaço urbano das antigas Judiarias. Todas as antigas Judiarias possuem quarteirões, cujo seu número total, encontra-se abaixo das dez unidades.

A densidade urbana calculada, a partir da área total dos polígonos das antigas Judiarias comparadas, com a zona antiga no interior das muralhas medievais, permite verificar que, as primeiras ocupam uma área que, não ultrapassa os 15% na Covilhã, os 16% em Castelo Branco e os 10% tanto na Guarda, como em Trancoso (Gráficos 17, 18, 19 e 20).



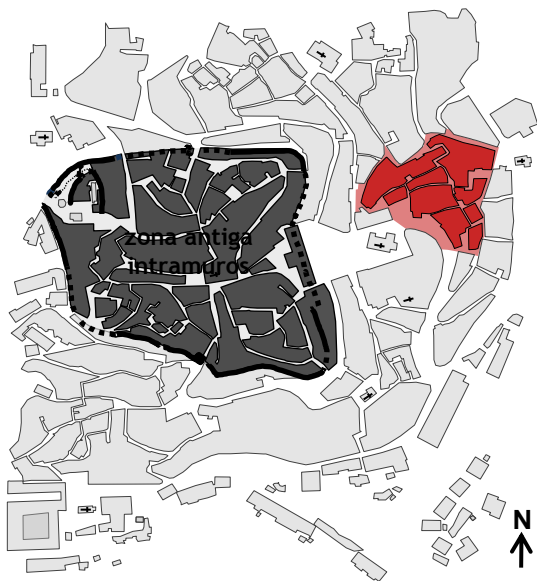
Gráficos 17, 18, 19 e 20, respectivamente - Dados técnicos dos polígonos dos quarteirões da ■ zona antiga e da ■ antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso.

2.4.3 - Quantificação dos espaços edificados vs vazios nas antigas Judiarias. Nos quarteirões, seleccionados para estudo, a situação mais frequente reside, na conjugação de espaços cheios, ou seja, edificados e, espaços vazios, quer eles sejam pátios, jardins ou quintais. De um modo geral, a existência de espaços vazios nos quarteirões da antiga Judiaria (Gráficos 21, 23 e 24). Sendo, o caso de estudo de Castelo Branco aquele, cuja diferença entre cheio/vazio é, mais equilibrada (Gráfico 22). A leitura e, interpretação destes valores, demonstra que, se tratam de espaços urbanos densamente construídos.



Gráficos 21, 22, 23 e 24, respectivamente - Dados técnicos das áreas edificadas e dos espaços vazios nos quarteirões da zona antiga e da antiga Judiaria da Covilhã, Castelo Branco, Guarda e Trancoso. Legenda: ■ espaço edificado da antiga Judiaria; ■ espaço vazio na antiga Judiaria; ■ espaço edificado na zona antiga, intramuros e ■ espaço vazio na zona antiga, intramuros.

COVILHÃ



Polígonos geometricamente irregulares e, os quais apresentam as maiores deformações.

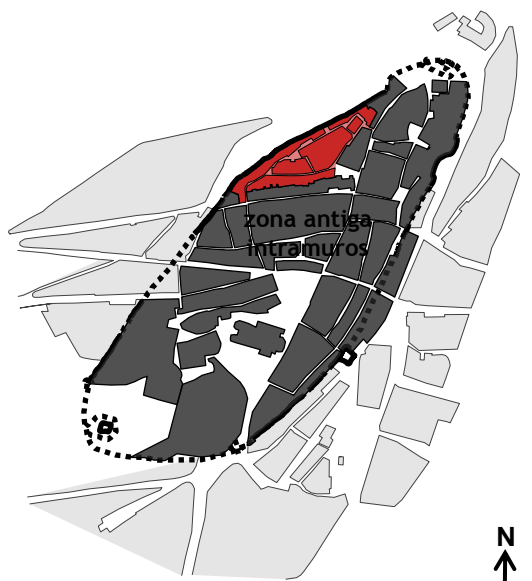
CASTELO BRANCO



Polígonos de geometria irregular, cuja forma tendencialmente rectangular predomina, sendo mesmo, os mais longos dos estudos de caso.

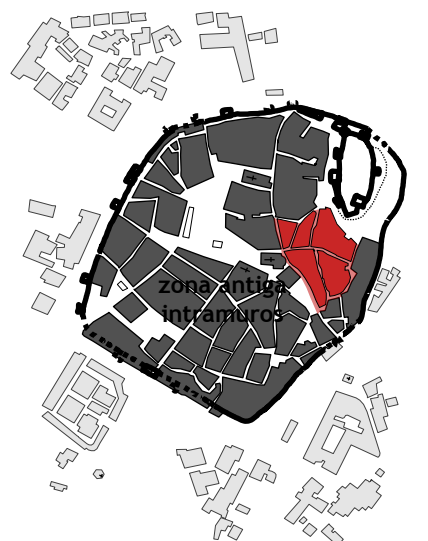
fig. 375 e 376, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Covilhã e Castelo Branco, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais.

GUARDA



Polígonos geometricamente irregulares, tendencialmente longos e retangulares.

TRANCOSO



Geometria irregular predominante nos polígonos, sendo substancialmente de menores dimensões que, os três casos anteriores.

fig. 377 e 378, respectivamente - Imagem com o polígono dos quarteirões do espaço público/privado da área central da zona antiga e antiga Judiaria da Guarda e Trancoso, com a indicação das muralhas medievais — existentes e destruídas; ■ quarteirões da antiga Judiaria; ■ espaço público da antiga Judiaria; ■ quarteirões no interior das muralhas medievais; ■ espaço público da zona antiga intramuros; ■ quarteirões exteriores às muralhas medievais.

2.4.2 - Imagem da rua chave. A análise à escala da rua surge no seguimento do estudo do quarteirão e permite estudar outras características, impossíveis de conhecer nessa escala, nomeadamente: a densidade do espaço urbano, pela construção dos perfis longitudinais, os quais permitem, com a silhueta urbana, verificar tratar-se, de espaços densamente ocupados por edificações, em função da existência ou não, de espaços vazios. Permite, igualmente, conhecer a extensão aproximada da rua chave, obtida pelo percurso de um extremo ao outro, representado pela linha central, bem como a largura média da rua, conseguida pela “superimposição” dos vários perfis transversais. A caracterização da imagem da rua, foi possível através da existência de um ou mais “layers”, nas frentes urbanas da rua chave, possíveis de visualizar nos perfis transversais.

Densidade do espaço urbano. Da análise e interpretação às ruas chave e às suas frentes urbanas, resultou que, se tratam de espaços densamente construídos. As frentes urbanas são contínuas, não havendo lugar para espaços vazios ou não construídos (fig. 379, 380, 381, 382, 383, 384, 393 e 394).

Morfologia da(s) rua(s) chave. As ruas chave da Covilhã e da Guarda, rua da Alegria e do Amparo, respectivamente, são as que mais se assemelham entre si, morfologicamente. Ambas são caracterizadas por um percurso bastante ondulado, com estreitamentos, alargamentos, mudanças de direcção e variação de cota, ao longo da sua extensão (fig. 385 e 389).

Os casos da rua chave de Castelo Branco (Rua do Muro) e de Trancoso (Rua da Alegria), não têm muito em comum com os casos anteriores, nem entre si. Pois, a sua relação com a topografia é bastante singular. No primeiro caso, trata-se de um percurso muito íngreme e o segundo é o menos acentuado de todos (fig. 386 e 390).

Extensão da rua chave. A rua chave de maior extensão é na Guarda, com 200m (aproximadamente), a de menor extensão é a Rua da Alegria em Trancoso (80m aproximadamente). Numa posição intermédia, situam-se as ruas chave da Covilhã (180m) e de Castelo Branco (150m), aproximadamente (fig. 385, 386, 389 e 390).

Largura da rua chave. A rua chave mais estreita, dos casos de estudo (fig. 387, 388, 391 e 392) é, em Trancoso (2,50m), seguida de Castelo Branco (3,90m), Guarda (5,30m) e por último a Covilhã (6,90m).

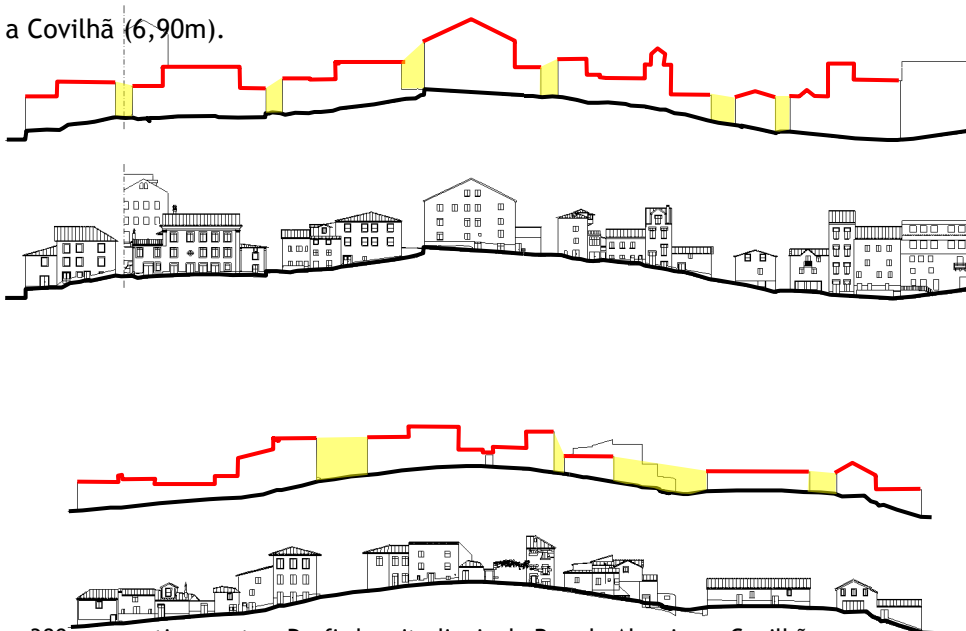


fig. 379 e 380, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua da Alegria na Covilhã.

Legenda: — "skyline" da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa.

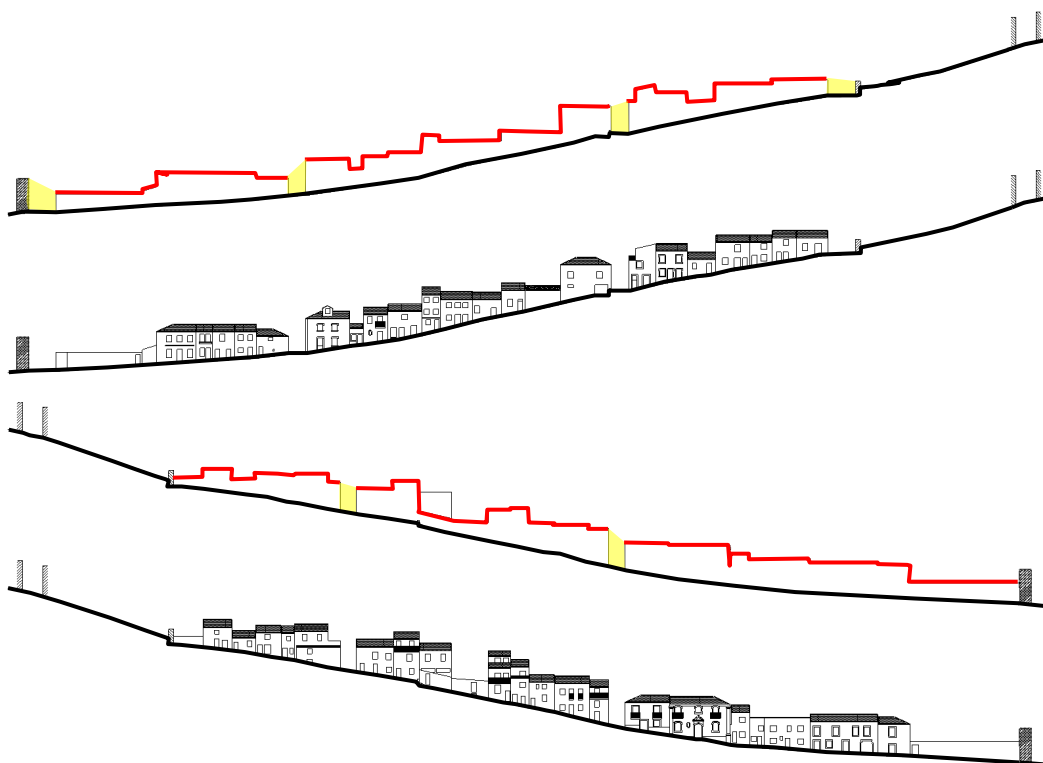


fig. 381 e 382, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua do Muro em Castelo Branco.

Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa.

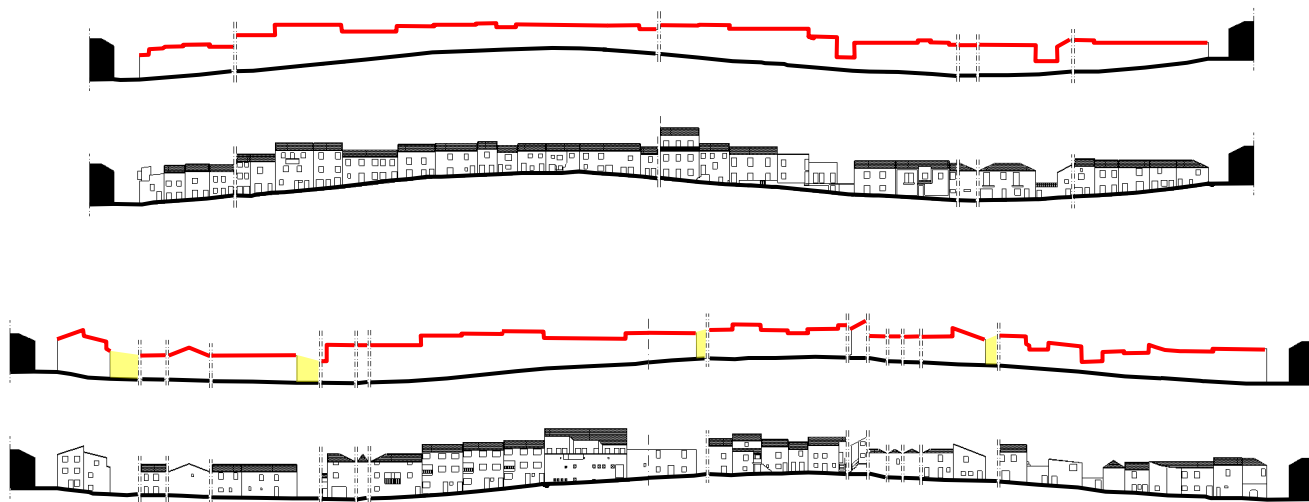
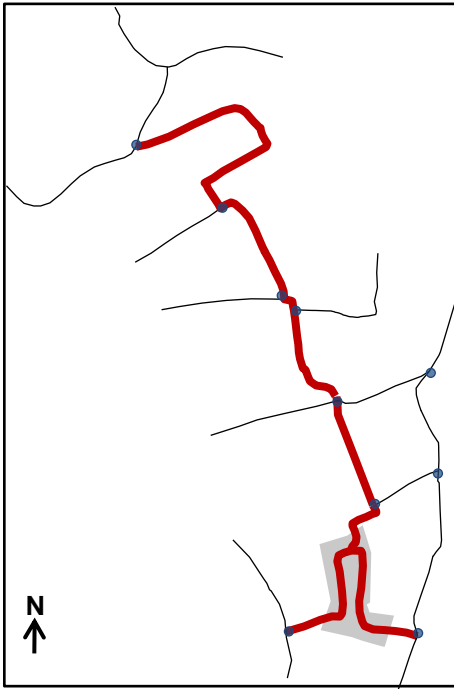


fig. 383 e 384, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua do Amparo na Guarda.

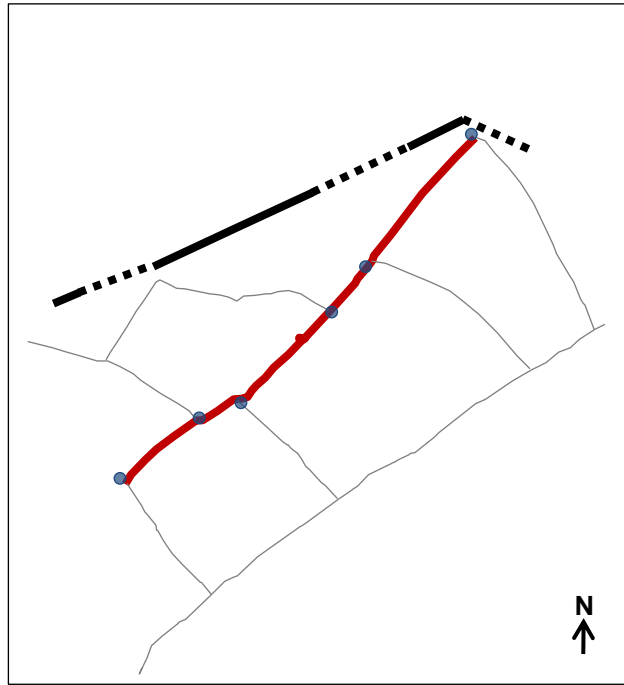
Legenda: — “skyline” da rua; ■ interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa.

COVILHÃ



Rua da Alegria: extensão aproximada - 180m;
largura média - 6,90m.

CASTELO BRANCO



Rua do Muro: extensão aproximada - 150m;
largura média - 3,90m.

fig. 385 e 386, respectivamente - Imagens esquemáticas das — ruas chave das antigas Judiarias da Covilhã e Castelo Branco.

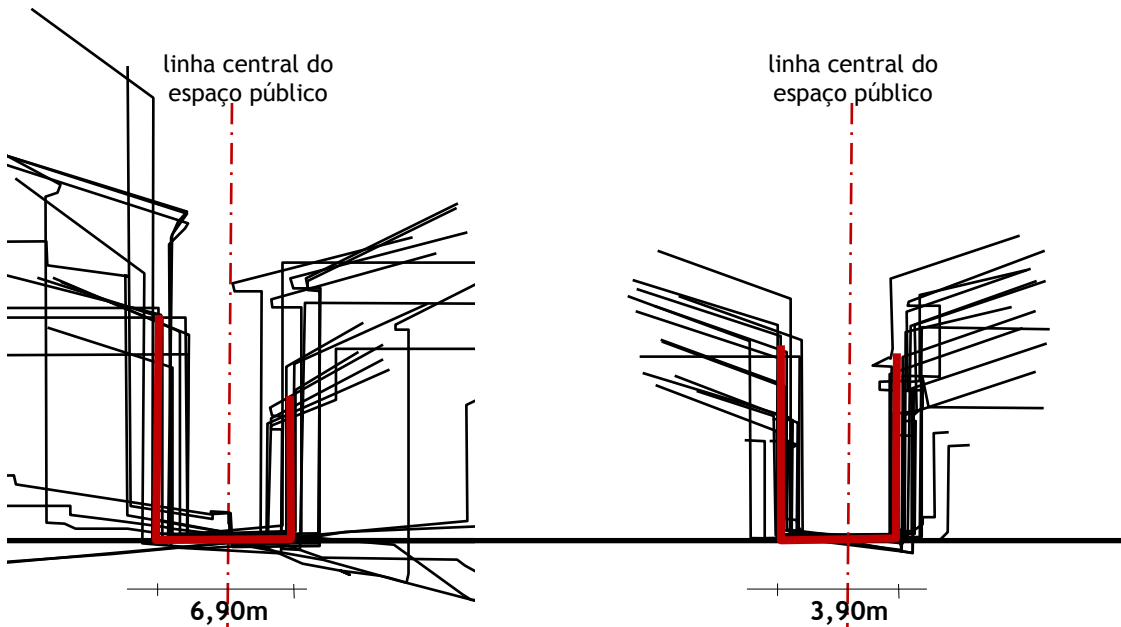


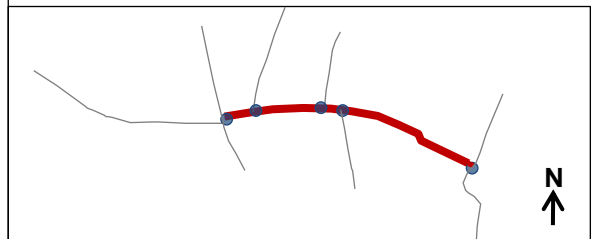
fig. 387 e 388, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua da Alegria na Covilhã e Rua do Muro em Castelo Branco.

GUARDA



Rua do Amparo: extensão aproximada - 200m;
largura média - 5,30m.

TRANCOSO



Rua da Alegria: extensão aproximada - 80m;
largura média - 2,50m.

fig. 389 e 390, respectivamente - Imagens esquemáticas das — ruas chave das antigas Judiarias da Guarda e Trancoso.

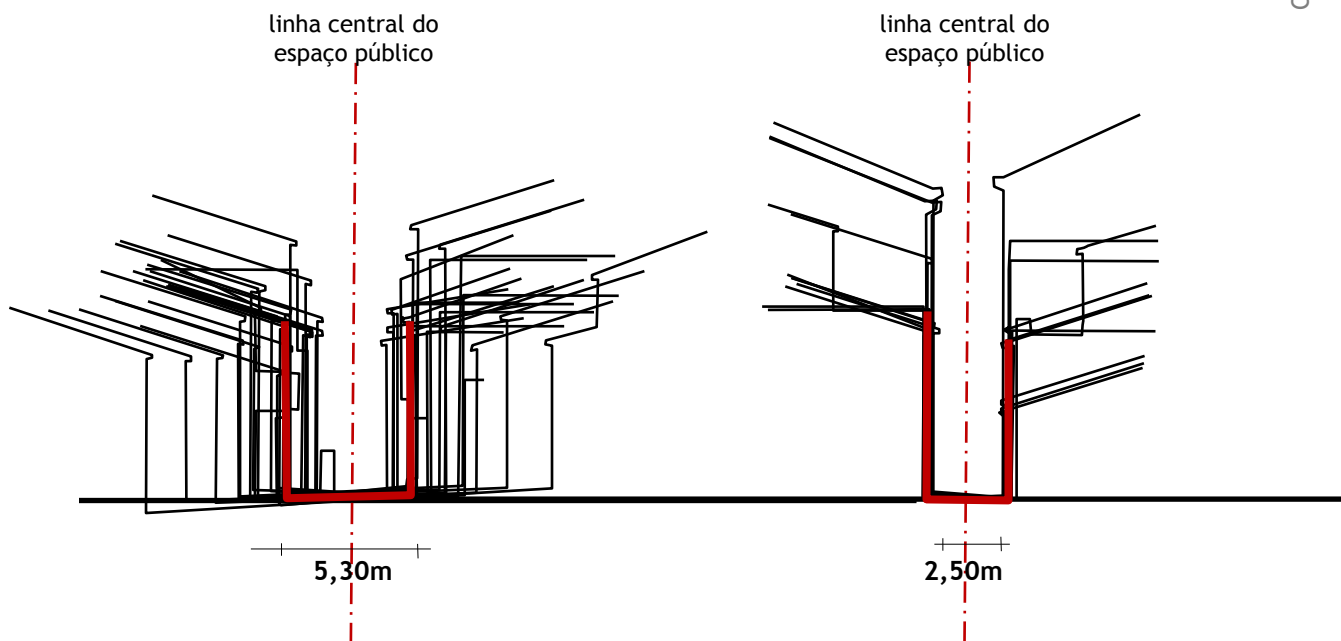


fig. 391 e 392, respectivamente - “Superimposição” dos perfis transversais da Rua do Amparo na Guarda e Rua da Alegria em Trancoso.

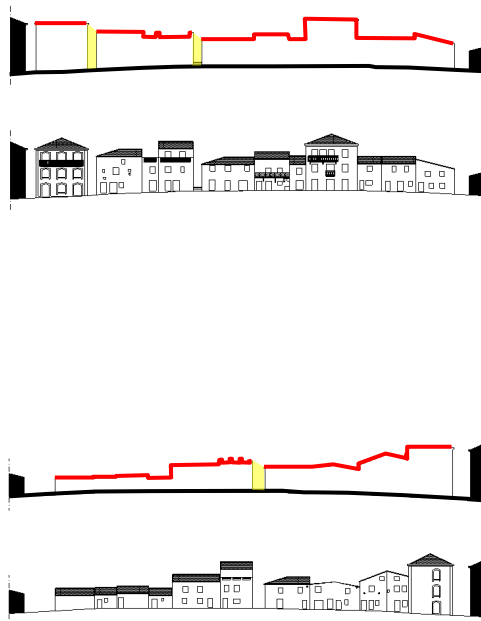
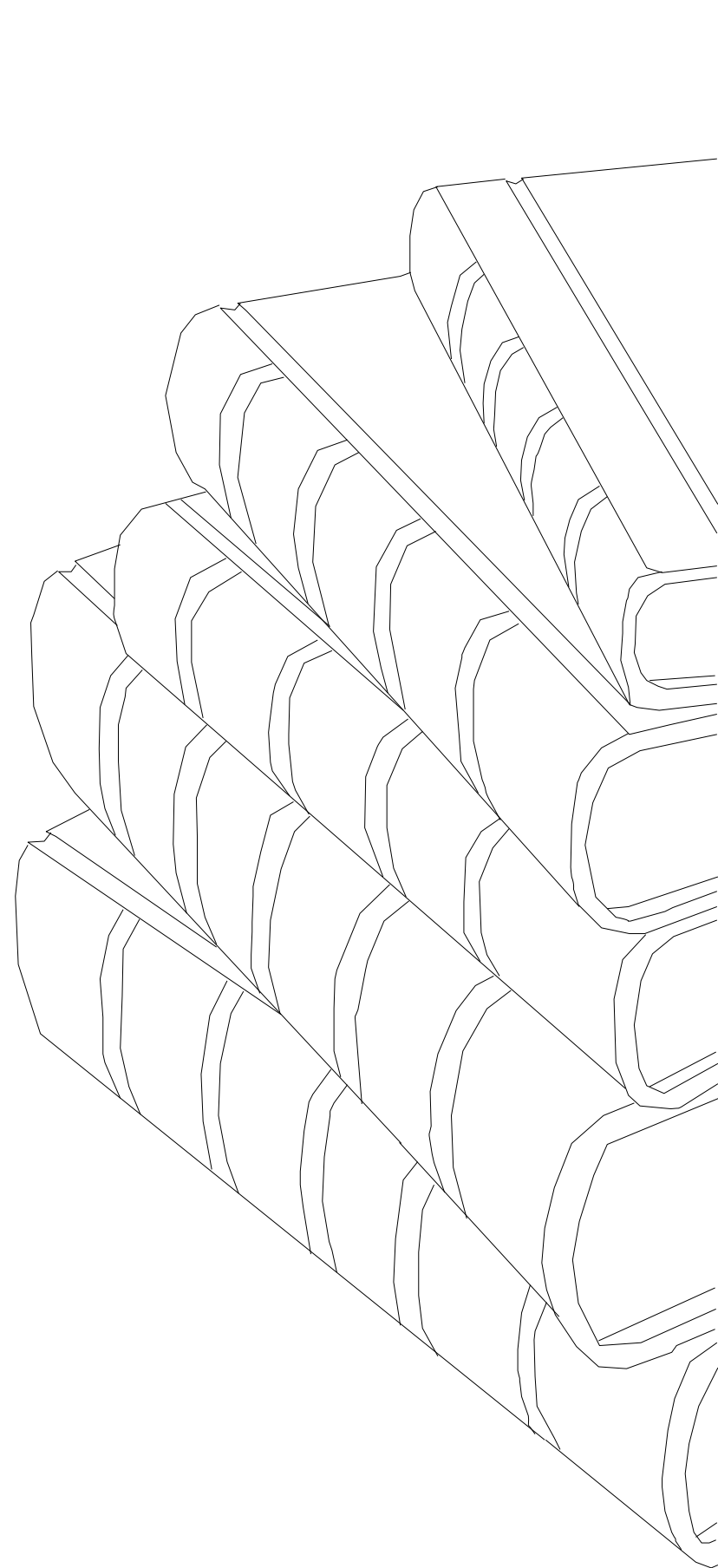


fig. 393 e 394, respectivamente - Perfis longitudinais da Rua da Alegria em Trancoso.

Legenda: — “skyline” da rua; interrupção da frente urbana por outra rua ou travessa.

O estudo sobre o espaço urbano da cidade e, de um modo particular sobre a antiga Judiaria, não está de modo algum completo, muito haverá, certamente, por analisar e interpretar. Outras formas de leitura, possíveis de concretizar estarão por realizar mas, no entanto, seria inviável no contexto do presente estudo científico abordar, pela sua extensão.

Diante de todos os factos que foram expostos, a realização dos estudos comparativos entre os quatro núcleos urbanos e sobre as quatro antigas Judiarias foram decisivos e determinantes para o esclarecimento das questões inicialmente colocadas e fornecem um conjunto de informações que pretendem ser instrumentos impulsionadores de forma a abrir e a alargar a discussão sobre a densidade do espaço urbano da zona antiga da cidade e particularmente sobre a antiga Judiaria, podendo inclusive alargar a investigação a outras antigas Judiarias em Portugal.



Bibliografia

01 De referência

- (1) ARNHEIM, Rudolf *“Art and Visual Perception - A psychology of the creative eye”*, 50th anniversary printing.
- (2) BENÉVOLO, Leonardo. *“Introdução à Arquitectura”*, Colecção Arte & Comunicação, Edições 70.
- (3) BENÉVOLO, Leonardo; MELOGRANI, Carlo; LORGO, Tommaso Giura. *“Projectar a Cidade Moderna”*, Colecção Dimensões, Editorial Presença.
- (4) BENÉVOLO, Leonardo. *“História da Cidade”*, São Paulo: Perspectiva, 1999.
- (5) BRAUNSTEIN, Jean-François; PEUZNER, Évelyne. *“História da Psicologia”*, Instituto Piaget, título original: *“Histoire de La Psychologie”*.
- (6) COELHO, António Baptista, PEDRO, João Branco. *“Do Bairro e da Vizinhança à Habitação - Tipologias e caracterização dos níveis físicos residenciais”*, Laboratório Nacional de engenharia Civil. Informação Técnica Arquitectura ITA 2, Lisboa.
- (7) COELHO, António Baptista, CABRITA, António Reis. *“Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais”*, Laboratório Nacional de engenharia Civil. Informação Técnica Arquitectura ITA 3, Lisboa, 1999.
- (8) CULLEN, Gordon. *“Paisagem Urbana”*, Colecção Arquitectura & Urbanismo, Edições 70, Lisboa, 2004.
- (9) DOMINICZAK, Jacek in *“Local Identity Code for Central Fremantle. Source and Design Code”* by Jacek Dominiczak and Monika Zawadzka in cooperation with Agnieszka Kiera, for The City of Fremantle. 2007-2008.
- (10) FERRO, Maria José Pimenta. *“Os Judeus em Portugal no século XIV”*, Colecção História e Ensaio, Guimarães & C.^a Editores, Lisboa, 1979.
- (11) FRAGA, Francisco Javier Monclús; BAÑALES, José Luis Oyón. *“Elementos de composición urbana”*, Aula D’Arquitectura/ETSAV. edicions UPC. 1998.
- (12) HALL, Peter. *“As cidades e a Civilização. Cultura, Inovação e Ordem Urbana”*, 1998.
- (13) LASEAU, Paul. *“La expresión gráfica para arquitectos y diseñadores”*, Ediciones G. Gili, S.A., México, D.F. 1982.

- (14) LYNCH, Kevin. *“A Imagem da Cidade”*, Coleção Arte & Comunicação, Edições 70.
- (15) MARQUES, A. H. de Oliveira. *“Cidades Medievais Portuguesas”*, Revista de História Económica e Social.
- (16) MOUTINHO, Mário. *“A Architectura Popular Portuguesa”*, Editorial Estampa, 3ª edição, 1995.
- (17) MULLER, F. L. *“História da psicologia. II Psicologia Contemporânea”*, Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América, 4ª edição, título original: *“Histoire de La Psychologie. II La Psychologie Contemporaine”*.
- (18) OLIVEIRA, Beatriz Santos de. *“A Construção de um Método para a Architectura - Procedimentos e Princípios em Vitruvius, Alberti e Durand”*, São Paulo, 2002.
- (19) PELLETIER, Jean; DELFANTE, Charles. *“Cidades e Urbanismo no Mundo”*, Instituto PIAGET.
- (20) *“Psicologia Moderna - Os 10 Grandes da Psicologia”*, Verbo, 2ª edição, Fevereiro de 1984.
- (21) RODRIGUES, Teresa. *“in José Mattoso, História de Portugal”*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.
- (22) ROSSI, Aldo. *“A Architectura da Cidade”*, Edições Cosmos, Lisboa, 2001.
- (23) RUBINSTEIN, S. L. *“Princípios da Psicologia Geral”*, Volume III, Editorial Estampa, 2ª edição, Lisboa 1973, título original: *“Osnovy Obschei Psijologu II”*.
- (24) SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *“A cidade como um jogo de cartas”*, Universidade Federal Fluminense, editora Universitária - Niterói, São Paulo, 1988.
- (25) TAVARES, Maria José Ferro. *“Os Judeus na Época dos Descobrimentos”*, Edições ELO.
- (26) TAVARES, Maria José Ferro. *“Linhas de Força da História dos Judeus em Portugal das origens à actualidade”*, Espacio, Tiempo Y Forma, Série III, História Medieval, t.6, 1993.
- (27) *“Teoria da Architectura - Do Renascimento até aos nossos dias. 117 tratados apresentados em 89 estudos”*, Taschen.
- (28) ZEVI, Bruno. *“Arquitectura e Judaísmo: Mendelsohn”*, Editora Perspectiva, São Paulo, 2002.

01.01. Arquivo Nacional da Torre do Tombo

(29) ARMAS, Duarte de. *“Livro das Fortalezas”*, Introdução de Manuel da Silva Castelo Branco, Arquivo Nacional da Torre do Tombo e Edições Inapa, sob o patrocínio da Academia Portuguesa da História, 1990.

01.02. Biblioteca da Direcção Regional da Cultura do Centro (anterior IPPAR)

(30) *“A Guarda Formosa na primeira metade do século XX”* - Coordenação de Jaime Ferreira. Comemoração do Oitavo Centenário (Guarda 800 anos). 2000.

01.03. Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

(31) DAVID, Maria de Lurdes Fonseca. *“Subsídios para a história das Relações entre a Covilhã e a Inquisição”*, Edição do Autor, Lisboa, 1953.

(32) FERRO, Maria José Pimenta. *“Subsídios para o estudo dos Judeus em Portugal (de d. Dinis a D. Fernando) - I volume”*, Lisboa, 1969.

(33) GARCIA, Maria Antonieta. *“Judaísmo no Feminino - Tradição Popular e Ortodoxia em Belmonte”*, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa.

(34) GOMES, Rita Costa. *“Castelos da Raia”*, Vol. I Beira, Colecção Arte e Património, Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), Lisboa, Dezembro de 1996.

(35) *“Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)”*, Actas do Simpósio Internacional sobre castelos, Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, Coordenação de Isabel Cristina Ferreira Fernandes.

(36) *“Rumos e Escrita da História”*, Estudos em homenagem a A.A. Marques de Almeida - coordenação de Maria de Fátima Reis, Edições Colibri, Lisboa, 15 de Janeiro de 2007.

(37) TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *“Os Judeus em Portugal no século XV - volume I”*, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Abril 1982.

(38) TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *“Os cristãos-novos em terras da Comarca da Beira (Subsídios para o estudo das primeiras gerações)”*, Rumos e escrita da história - Estudos em homenagem a A.A., Edições Colibri, 2006.

01.04. Biblioteca da Universidade da Beira Interior

(39) GARCIA, Maria Antonieta. *“Fios para um Roteiro Judaico da Covilhã”*, Universidade da Beira Interior, 2001.

(40) LYNCH, Kevin. *“A Imagem da Cidade”*, Edições 70, 1982.

(41) ZEVI, Bruno. *“Saber ver a Arquitectura”*, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

01.05. Biblioteca Municipal de Castelo Branco

(42) ALARCÃO, Jorge de. *“Coimbra. A montagem do Cenário Urbano”*, G.C. - Gráfica de Coimbra, L.da, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

(43) BENEVOLO, Leonardo. *“As origens da urbanística moderna”*, Coleção Dimensões, Editorial Presença, Portugal.

(44) LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *“Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”*, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 3ª edição, Junho 2004.

(45) PORTUGHESI, Paolo. *“Depois da Arquitectura Moderna”*, Coleção Arte & Comunicação, Edições 70, Outubro de 1985.

01.06. Biblioteca Municipal do Fundão

(46) ALVES, Fernando M. Brandão. *“Avaliação da qualidade do espaço público urbano. Proposta metodológica.”*, Edição: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, G.C.-Gráfica de Coimbra, L.da, Janeiro 2003.

(47) ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. *“Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924 - Volume I”*, Edição: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, G.C.-Gráfica de Coimbra, L.da.

- (48) ANACLETO, Maria Regina Dias Baptista Teixeira. “*Arquitectura Neomedieval Portuguesa 1780-1924 - Volume II*”, Edição: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, G.C.-Gráfica de Coimbra, L.da.
- (49) BENEVOLO, Leonardo. “*A Cidade e o Arquitecto*”, Colecção Arte & Comunicação, Edições 70.
- (50) “*Cidades e História*”, Fundação Calouste Gulbenkian. Ciclo de Conferências promovido pelo serviço de Belas Artes, Novembro de 1987.
- (51) CONSIGLIERI, Victor. “*A Morfologia da Arquitectura 1920-1970 - Volume I*”, Referência/editorial estampa, 3ª estampa, Lisboa, Janeiro de 1999.
- (52) CONSIGLIERI, Victor. “*A Morfologia da Arquitectura 1920-1970 - Volume II*”, Referência/editorial estampa, 3ª estampa, Lisboa, Janeiro de 1999.
- (53) DELFANTE, Charles. “*A Grande História da Cidade - Da Mesopotâmia aos Estados Unidos*”, Instituto Piaget.
- (54) FREITAS, Michel. “*Arquitectura e Sociedade*”, Publicações Dom Quixote, 1ª edição, Outubro de 1999.
- (55) GOITIA, Fernando Chueca. “*Breve História do Urbanismo*”, Editorial Presença, 5ª edição, 2003.
- (56) JORDAN, R. Furneaux. “*História da Arquitectura no Ocidente*”, Editorial Verbo, 1985.
- (57) LACAE, Jean-Paul. “*A cidade e o Urbanismo*”, Instituto Piaget.
- (58) MONNIER, Gérard. “*História da Arquitectura*”, Publicações Europa-América, Fevereiro de 2000.
- (59) PINSON, Daniel. “*Arquitectura e Modernidade*”, Instituto Piaget.
- (60) PIRIZ, Luis Alfonso Limpo. “*Evolución Urbana de Olivenza*”, Excmo. Ayuntamiento, Olivenza, 2005.
- (61) RELPH, Edward. “*A Paisagem Urbana Moderna*”, Colecção Arquitectura e Urbanismo, Edições 70.
- (62) SALGUEIRO, Teresa Barata. “*A cidade em Portugal - uma geografia urbana*”, Edições Afrontamento, 3ª edição, Junho de 1999.

(63) ZEVI, Bruno. “*A Linguagem Moderna da Arquitectura*”, Publicações Dom Quixote, 3ª edição, Maio de 2004.

01.07. Biblioteca Nacional de Portugal

(64) GOMES, Rita Costa. “*A Guarda medieval: posição, morfologia e sociedade (1200-1500)*”, «Caderno da revista de história económica e social 9-10». Livraria Sá da Costa editora. Edição patrocinada pela Câmara Municipal da Guarda.

02 Sobre a Covilhã

(65) DELGADO, Rui. “*IV Desenvolvimento e Urbanismo. Histórica Temática da Covilhã (1800 a 1926)*”, Edição do autor. Covilhã. 2006.

02.01. Biblioteca Municipal da Covilhã

(66) BORGES, António Garcia. “*História Urbana em Postais e Fotografias da Freguesia de Santa Maria da Covilhã (1890-2000)*”, Edição da Junta de Freguesia de Santa Maria, 2003.

(67) ISIDORO, Alcina; PINHEIRO, Elsa; SIMÕES, Maurício; PEREIRA, Joaquim; MAIA, Fernando. “*Do Foral à Covilhã do séc. XII*”, 1986.

(68) PAULO, Amílcar. “*Os judeus secretos em Portugal*”, Editorial Labirinto.

(69) QUINTELA, Arthur de Moura. “*Subsídios para a Monografia da Covilhan*”, Covilhã, 1899.

(70) SILVA, José Aires da. “*História da Covilhã*”, 1996.

(71) TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. “*Judaísmo e Inquisição - Estudos*”, Editorial Presença, Lisboa, 1987.

(72) “*Toponímia Covilhanense*”, Câmara Municipal da Covilhã, 1982.

03 Sobre Castelo Branco

(73) MOURA, Ana Luísa; MOURA, Carlos Machado e; CRUZ, Pedro Castro. “*Casas Quinhentistas de Castelo Branco*”, Edição: Câmara Municipal de Castelo Branco, 1ª edição, Março de 2009.

(74) ROXO, António. “*Monografia de Castelo Branco*”, Elvas Tipografia Progresso, Rua da Cadeia, 1890.

03.01. Biblioteca Municipal de Castelo Branco

(75) “*A Gloriosa História dos mais belos Castelos de Portugal*”, texto: professor Dr. Damião e ilustrações: do pintor Gouvêa Portuense, Portucalense Editora.

(76) BRANCO, Manuel da Silva Castelo. “*Subsídios para o estudo da Toponímia Albicastrense no século XVI*”, Edição: Câmara Municipal de Castelo Branco. 20 de Março de 1999.

(77) CARDOSO, J. Ribeiro. “*Castelo Branco e o seu Alfoz - Acheegas para uma Monografia Regional*”, Edição do Autor, Livrarias Semedo e Feijão - Depositárias, Castelo Branco, 1953.

(78) LUCENA, Armando de. “*Castelos de Portugal - Histórias e Lenas*”, Editorial Notícias E.N.P.

(79) MARTINS, Anacleto. “*Portados Quinhentistas da Cidade de Castelo Branco*”, Edição da Câmara Municipal de Castelo Branco, Comissão de Arte e Arqueologia.

(80) MATOS, José Vasco Mendes de. “*Esquema para uma biografia da cidade de Castelo Branco*”, Edição do Autor, Composto e impresso na Gráfica de S. José, Castelo Branco, Dezembro de 1972.

(81) NUNES, António Lopes Pires. “*Castelo Branco, uma cidade histórica. Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento.*”, Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa, 2002.

(82) ROXO, António. “*Monografia de Castelo Branco*”, Elvas Tipografia Progresso, Rua da Cadeia, 1890.

(83) SILVEIRA, António; AZEVEDO, Leonel; OLIVEIRA, Pedro Quintela de. “*O Programa Polis em Castelo Branco - Album Histórico*”, 2003.

04 Sobre a Guarda

(84) “*Guarda - História e Cultura Judaica* - Edição comemorativa do VIII Centenário da cidade da Guarda”, Edição do Museu da Guarda e Câmara Municipal da Guarda, 2ª edição, Outubro 2000.

(85) “*Marcas Mágico-Religiosas no Centro Histórico - Guarda*”. Agência para a Promoção da Guarda/Câmara Municipal da Guarda. Novembro 2007. 2ª edição.

(86) GARCIA, Maria Antonieta. *“Denúncias em nome da Fé - perseguição aos judeus no distrito da Guarda”*, «Caderno de culpas do Bispado da Guarda e seu distrito e das visitasões» - Patrocínio da Câmara Municipal da Guarda. Edição comemorativa dos 500 Anos do Édito da Expulsão dos Judeus de Portugal. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões. Universidade Nova de Lisboa.

(87) RODRIGUES, Adriano Vasco. *“Monografia Artística da Guarda”*, Edição da Câmara Municipal da Guarda. 3ª edição. Cisial - Anadia. 1984.

04.01. Biblioteca Municipal da Guarda

(88) AFONSO, Virgílio. *“Toponímia Histórica da Guarda”*, Edição da Câmara Municipal da Guarda. 1984.

05 Sobre Trancoso

(89) *“Actas das Primeiras Jornadas do Património Judaico da Beira Interior”*, Trancoso e Belmonte, 2008.

(90) *“Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional - Investigar e Valorizar o Património - Estudos Judaicos/Sítios Arqueológicos e Visitantes”* - volume 2, Edição: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, 1ª edição, Diário do Porto, Porto, 2008.

05.01. Biblioteca Municipal de Trancoso

(91) CAMELO, Amado. *“Monografia de Trancoso”*, Câmara Municipal de Trancoso, G.C.- Gráfica de Coimbra, L.da, 2002.

06 Periódicos

(92) *“Almanach”*, Anuário de Trancoso, editado em 1915.

(93) BALESTEROS, Carmem. *“Marcas de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã - para um levantamento prévio em povoações da raia Portuguesa e Espanhola (I)”*, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 6, 1996.

- (94) BALESTEROS, Carmem. *“Marcas de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã - para um levantamento prévio em povoações da raia Portuguesa e Espanhola (I)”*, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 6, 1996.
- (95) BALESTEROS, Carmem. *“Marcas de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã em ombreiras de Porta III - (novos elementos)”*, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 7, Dezembro de 1997.
- (96) BALESTEROS, Carmem; RIBEIRO, Margarida. *“Marcas de Cristianização nos núcleos Urbanos Antigos de Alpalhão e Valência de Alcântara (Cáceres)”*, Ibn Marúan - Revista Cultural do Concelho de Marvão, n.º 9/10, 1999-2000.
- (97) CORREIA, Lopes. *“Notícias de Trancoso”*, Câmara Municipal de Trancoso, 1986.
- (98) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 10 - O Castelo e as Muralhas”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1449, pág. 07, 07/04/1973.
- (99) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 11 - As Muralhas de Castelo Branco”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1450, pág. 09, 14/04/1973.
- (100) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 19 - Um templo Moçárabe”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1459, pág. 07, 16/06/1973.
- (101) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 40 - A Judiaria de Castelo Branco”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1485, pág. 09, 22/12/1973.
- (102) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 41 - Os Cristãos Novos”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1486, pág. 07, 29/12/1973.
- (103) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 51 - A Rua dos Ferreiros”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1497, pág. 07, 16/03/1974.
- (104) P. Tarcísio. *“Fragmentos da História da Cidade - 59 - A Rua dos Açougues e o Arrabalde”*, Reconquista - Semanário Regionalista de Castelo Branco, n.º 1506, pág. 07, 18/05/1974.

07 Artigos

(100) Agnieszka Kiera (Ma Arch AICOMOS). *“The Local Identity and Design Code as tool of urban conservation a core component of sustainable urban development - the case of Fremantle, Western Australia”*.

08 Electrónica

- (a) www.ubi.pt (Universidade da Beira Interior)
- (b) <http://isiwebofknowledge.com> (ISI Web of Knowledge)
- (c) www.catedra-alberto-benveniste.org (Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste”)
- (d) www.cm-castelobranco.pt (Câmara Municipal de Castelo Branco)
- (e) www.cm-covilha.pt (Câmara Municipal da Covilhã)
- (f) www.cm-trancoso.pt (Câmara Municipal de Trancoso)
- (g) www.dgarq.gov.pt (Direcção Geral de Arquivos)
- (h) www.frofocus.com/council/htm/index.cfm
- (i) www.igespar.pt (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico)
- (j) www.mun-guarda.pt (Câmara Municipal da Guarda)
- (k) www.sciencedirect.com (Science Direct)
- (l) www.scopus.com (Scopus)
- (m) <http://biblio.ubi.pt> (Universidade da Beira Interior)
- (k) www.sciencedirect.com (Science Direct)
- (l) www.scopus.com (Scopus)

